

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DE
SÃO PAULO

VOLUME XVI

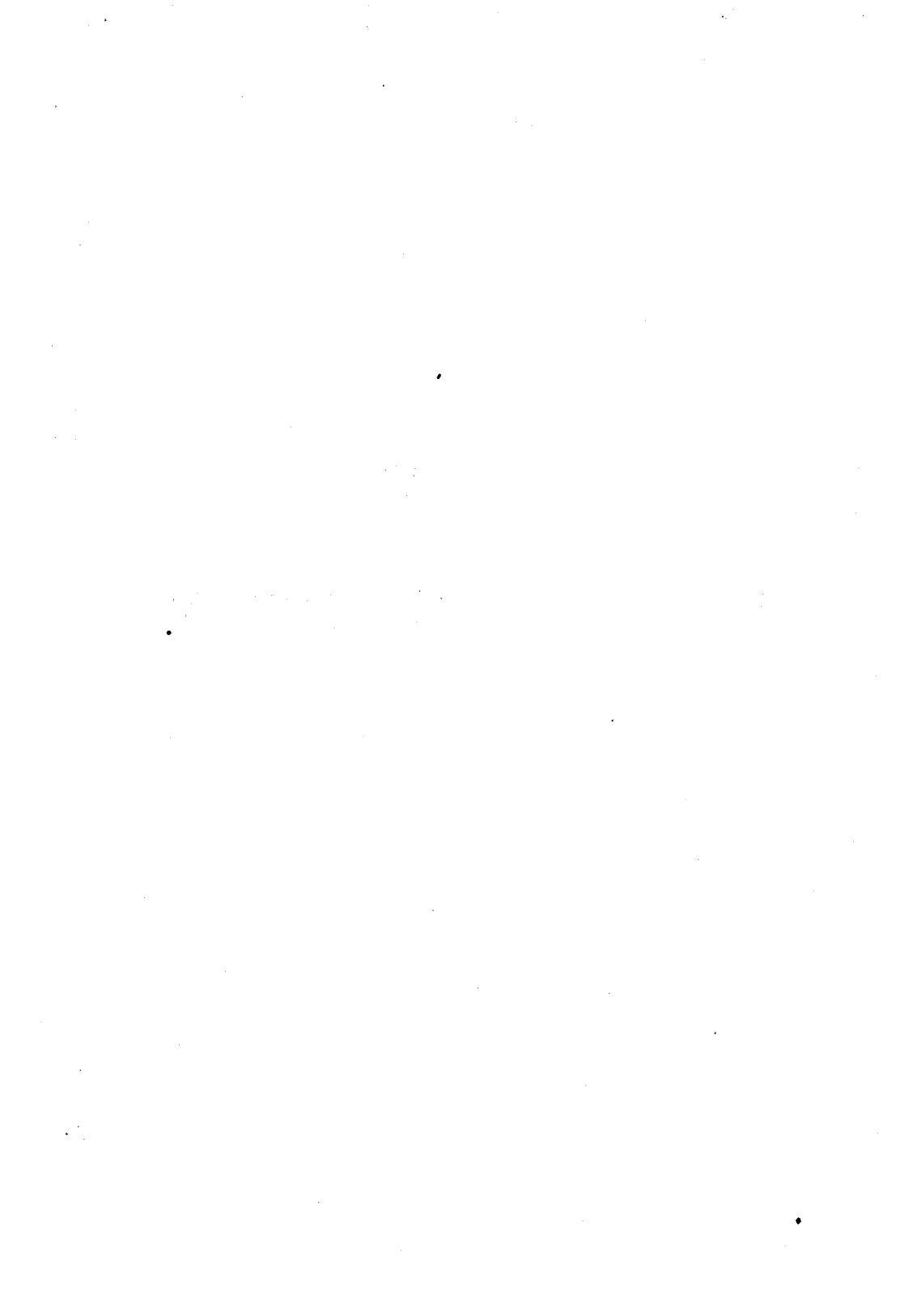
1911



TOURS
IMPRIMERIE E. ARRAULT ET C^{ie}
6, RUE DE LA PRÉFECTURE, 6
1914



REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DE
SÃO PAULO



LEXICO DE LACUNAS

ORGANISADO PELO

DR. AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Socio effectivo do Instituto.

SUBSÍDIOS PARA OS DICIONÁRIOS
DA LINGUA PORTUGUEZA

LEXICO

DE

*termos vulgares, correntes no Brazil, sobretudo no
Estado de São Paulo, e de accepções de numerosos
vocalulos, ainda não apontados nos grandes dicio-
narios da lingua portugueza e colleccionados por*

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY.



DUAS PALAVRAS

Não ha quem, manuseando seguidamente os melhores e mais completos dictionarios portuguezes deixe de notar a avultada copia de lacunas que os tornam deficientes sobretudo quanto á terminologia technica e scientifica e aos brazileirismos.

E, no emtanto, muito e muito se opulentou o patrimonio inventariado da lingua, desde que appareceu o *Diccionario da Lingua Portugueza* do Snr. Candido de Figueiredo e, sobretudo, a *Encyclopedia Portugueza Illustrada*, publicação dirigida pelo Dr. Maximiano de Lemos, pois seguramente averbaram estas duas obras, quarenta ou cinquenta mil vocabulos ineditos, desconhecidos dos lexicos de consulta corrente entre nós, como os velhos Vieira, Moraes, Constancio e os relativamente recentes Aulete, Francisco Adolpho Coelho, João de Deus, etc.

« Ainda assim, muito, muitissimo, ha que respigar na seara recolhida pelos grandes lexicographos, sobretudo no colossal repositorio de termos empregados pela sciencia e industria modernas, continuamente avolumado pelo extraordinario progresso de todas as sciencias, expansão e aperfeiçoamento das industrias, a serie ininterrupta das grandes invenções e descobertas e a consequente criação de novas e vastas technologies e a amplificação, em grandes proporções, das já existentes (1). »

Assim é que, com pequeno esforço e no decurso de limitado periodo de mezes foi-nos possivel apontar mais de

(1) Vd. nosso *Lexico de termos technicos e scientificos*, no *Anuario da Escola Polytechnica de São Paulo*, para 1909.

cinco mil lacunas no vocabulario tecnico e scientifico dos dous grandes lexicos acima mencionados, numa memoria que o *Anuario da Escola Polytechnica de São Paulo*, para o anno de 1909, inseriu. Sob o ponto de vista dos brazileirismos propriamente ditos, das modalidades da linguagem brazileira em relação á portugueza, das variantes de accepções de termos, no Brazil e em Portugal, ha ainda immenso que recolher.

O Snr. Candido de Figueiredo, incorporando ao seu dicionario os pequenos vocabularios de Rubim, Coruja, Macedo Soares e o dicionario de Beaurepaire Rohan, os apontamentos fornecidos pelas obras de alguns escriptores brazileiros, allega haver registrado nada menos de seis mil palavras da *linguagem brasilica*. A estas fontes additou a *Encyclopedia Portugueza* o copioso *Vocabulario Sul Rio Grandense* de Romaguera Correia, alem de numerosos termos provenientes de diversas origens. Não ha duvida que a maior parte dos brazileirismos de uso geral em todo o paiz já se acha contemplada nas paginas dos mais ricos vocabularios da lingua: ainda assim nestes não figuram milhares e milhares dos nossos regionalismos.

Quem percorrer as diversas zonas brazileiras de prompto verificará a existencia de innumeradas palavras autochtonas, se nos é permittida a expressão, cuja esphera de propagação se limita, muitas vezes, a um raio relativamente pequeno. Assim se dá, por exemplo com grande quantidade de termos do Norte de São Paulo que o Oeste do Estado por completo desconhece, e vice-versa. De estado a estado, embora limitrophes, a divergencia no sentido de numerosas palavras, abrange latitude, por vezes extraordinaria. Entre o Norte do Brazil e o Sul esta divergencia é, então, immensa, frequentemente. Correm na Amazonia centenas, milhares de vocabulos tão completamente extranhos aos bahianos, fluminenses e paulistas, quanto estes e aquelles ignoram totalmente, innumerados dos provincianismos familiares aos rio grandenses do sul. Haja vista o opulento vocabulario amazonense do illustre escriptor do *Inferno Verde*, tão extranho aos fluminenses quanto a enorme copia de *gaulchismos* das *Ruinadas* do Dr. Alcides Maya.

Procurou o autor do presente e muito modesto supplemento aos grandes dicionarios da lingua, averbar indis-

linclamente, todos os termos ainda não inventariados pelos lexicographos, de que teve conhecimento, sem preocupação alguma de ordem philologica.

Assim pois, notou extensa serie de nomes vulgares, de animaes e vegetaes, procurando, quanto possivel, additar-lhes a nomenclatura scientifica, grande numero de termos correntes no Estado de São Paulo e na zona fluminense, indicando, ao mesmo tempo, uma certa quantidade de outros obtidos por informação particular e usados em diferentes pontos do Brazil.

Trouxe lhe a leitura dos autores nacionaes regular contingente de palavras, assim com a dos periodicos ; emprega o jôrnalismo brasileiro innumeradas palavras que em Portugal não têm curso.

O mesmo se dá com avultada copia de vocabulos derivados de outros, entre nós muito communs e que os dictionarios de alem mar não registam, provavelmente por não serem usados em Portugal. Assim é que no Brazil ninguem ignora termos de emprego frequentissimo como *altista, biscatear, caçoista, desbriado, engraxate, filhotismo, gabolice, historiento, interessado (socio) jugular kiosqueiro, lambusaõ, marombar, nativismo, ogerisar, pirraçar, quatriennio, ribeirão, semvergonha, tilbureiro, uruguayo, varegista, warrantar, xadrezista, zabumbar, etc, etc*, se nos restringirmos a algumas palavras das centenas, em condições identicas, que o nosso modesto trabalho inculca. É de crer, no emtanto, que, a Portugal, sejam extranhos visto como os dictionarios não os inserem.

Para esta classe de termos achámos conveniente ajuntar exemplificação.

O receio de avolumar demais o nosso vocabulario nos levou a resumir as indicações relativas às fontes onde colligimos as lacunas apontadas, supprimindo, frequentemente, as particularisações correspondentes aos numeros de paginas de livros onde são encontrados os vocabulos em questão.

A continua leitura de livros brasileiros e o habito, desde algum tempo adoptado, da annotação das palavras avistadas pela primeira vez, deu nos o ensejo de reunir centenas, senão milhares, de brazileirismos e lacunas de toda a especie, quasi sem trabalho.

Os unicos meritos de que se reveste a nossa exigua relação de falhas provem da paciencia do colleccionador, outros não tem, de todo.

A facilidade com que, no espaço de quatro annos, conseguimos, quasi sem esforço notavel, ou pesquisas especiaes, nem grande dispendio de tempo, entre longas intermitencias, colleccionar mais de **dez mil** lacunas dos grandes lexicos portuguezes, constitue o mais seguro indicio de quanto é defficiente, ainda, o inventario da nossa lingua.

Oxalá possa o nosso insignificante trabalho excitar a curiosidade dos colleccionadores de brazileirismos das differentes zonas do paiz e incitalos á caçada dos provincianismos ao seu alcance, em resposta ao tão patriotico appello da Academia Brazileira, para que se opulente o patrimonio inventariado do idioma com as contribuições preciosas da *linguagem brasilica*.

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY.

BIBLIOGRAPHIA

As fontes que nos forneceram maior contingente de lacunas foram: *O Boletim mensal da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo*; *As madeiras do Estado de São Paulo*, pelo Dr. Huascar Pereira; *O Diccionario de Botanica*, de Arruda Camara; *Sertum Palmarum*, de Barbosa Rodrigues; *Ensaio de materia medica vegetal*, pelo Dr. Mello Oliveira; os catalogos das exposições parciaes dos diversos Estados, durante a Exposição Nacional de 1908, *Monographias Agricolas*, do Dr. Joaquim Carlos Travassos; *O Pará em 1900*; *O Maranhão em 1896*, publicações officiaes, *Innocencia*, *Scenas de Viagem*; *Historias Brasileiras*; *Viagem de regresso* do Visconde de Tannay; *A caça no Brazil Central*, pelo major Henrique Silva; *Lepidopteros do Brazil*, por Benedicto da Silva; *As aves do Brazil*, *Album de Aves Amazonicas*, *os Mammiferos do Brazil*, pelo Dr. Emilio A. Goeldi; *Diccionario da Provincia do Espirito Santo*, *Diccionario da Provincia do Maranhão*, do Dr. Cesar Augusto Marques; excerptos do *Diccionario de brazileirismos*, do Dr. Ermelino de Leão; *Pescas e peixes da Bahia*, pelo Almirante Alves Camara; *Apontamentos sobre a provincia de São Paulo*, de Azevedo Marques; *As Missões Orientaes do Dr. Hemeterio Velloso da Silveira*; *Diccionario de Marinha*, pelo Barão de Angra; *Inferno Verde* de Alberto Rangel; *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *A Chapada Diamantina*, de Theodoro Sampaio; *Memoria sobre a Provincia de Santa Catharina*, de Coelho e Galvão; *Terra de Sol*, de Gustavo Barroso; *Viagem ao Alto Tocantins*, pelo Dr. Ignacio de Moura; *Viagem ao Madeira*, pelo Conego Francisco Bernardino de Souza, *O Brazil*, publicação do Centro Industrial do Brazil, numerosas

memorias insertas nas colleções da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, da *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, da *Revista do Museu Paraense*, da *Revista do Museu Paulista*, dos *Archivos do Museu Nacional*, dos relatorios da *Commissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo*, da *Commissão demarcadora do novo Districto Federal*, das revistas dos Institutos Historico e Geographico da Parahyba do Norte, do Ceará, do *Archivo Mineiro*, alem de avultado numero de obras de escriptores brasileiros, vivos e já desaparecidos, como se poderá ver das referencias a ellas feitas.

Tivemos ainda preciosas informações de dedicados amigos, entre os quaes mencionaremos, sobretudo, o Snr. Dr. Eurico Teixeira Leite, de quem recebemos o mais valioso auxilio, e a quem somos summamente grato.

São Paulo, setembro de 1913.

A

Abacaterana, s. m. Arvore cujo lenho é aproveitavel para obras internas. Ap. Catalogo da Exposição Nacional de 1908 no Rio de Janeiro.

Abacaxi, s. m. (gíria). Alcinha depreciativa dada aos portuguezes no Rio de Janeiro.

Abafamento, s. m. (gir.). Subtracção de uma quantia. « O thesoureiro ao dar o balanço verificou o *abafamento* de dez contos de reis por parte de um fiel. »

Abafar, v. t. (gir.). Appropriar-se indebitamente de um objecto ou quantia. « O tutor *abafou* as apolices do infeliz pupillo arruinando-o. »

Abafar, v. t. Desfazer o bolso da vela produzido pelo vento. Ap. « Diccionario de Marinha » do Barão de Angra.

Abagualado, part. Tornado selvagem, *bagual*. Cf. *Dicc. de brazileirismos de Leão*.

Abagualar-se v. pr. Tornar-se selvagem. Termo corrente no E. do Paraná. *ib.*

Abaixador, s. m. Nome que os pescadores bahianos dão aos homens que mergulham para verificar se nas redes ha bastante peixe preso. Cf. Almirante Alves Camara, *Pescas e peixes da Bahia*, p. 20.

Abalador, adj. Que abala. « O desastre eleitoral *abalador* do prestigio politico do deputado X... »

Abalo, s. m. Nome de certa rede de pesca no littoral bahiano. Cf. Almirante Alves Camara, p. 16.

Abaraiba, s. f. Nome que em certas zonas brazileiras dão á aroeira. Ap. Caminhoá : Botanica.

Abelha de cachorro, s. f. Nome de certa trigonida sylvestre. Ap. Boletim de Agricultura do Estado de São Paulo.

Aberdeen, s. f. Raça bovina escosseza. Ap. Cornevin, « Zootechnia ».

Abiegna s. f. Resina produzida por uma cecropia da familia das artocarpeas. Ap. Diccionario de Botanica de Arruda Camara.

Abiscoitar, v. t. (gíria). Surripiar. « O padraсто *abiscoitou* todo o dinheiro dos enteados arruinando-os. »

Abiurana, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Alberto Rangel, « Inferno Verde (Lucuma spec).

Abobora d'agua, s. f. Planta cucurbitacea (*lagenaria*). (Dicc. de A. Camara).

Abocanhador, adj. Que abocanha. « Maldizente como poucos, é o *abocanhador* gratuito da reputação de inumeras pessoas. »

Aboiado, s. m. Canção dos boiadeiros do norte para chamar o gado disperso. Ap. « Sertões » de Euclides da Cunha.

Aboio, s. m. Grito dos boiadeiros para dirigir e chamar as boiadas. Ap. Lyr. Ferdinand, « O boi ».

Abourbonado, adj. qual. que em São Paulo se dá a certa especie de café proveniente da exertia do café Bourbon.

Abreu, s. f. Abelha silvestre (Ceará) (*Trigona Ziegleri*).

Abutinha, s. f. Planta menispermacea (*Cissampelos glaberriana*).

Acá, adv. Aqui (Malto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».

Acabandar, v. i. Ter orelhas cabanas. « F... *acabana* tanto que as orelhas quasi lhe ficam perpendiculares ás faces. »

Acaba novas, s. m. Termo cearense. Desordeiro, rixador. Cf. Gustavo Barroso, *Terra de Sol*, p. 148.

Acaé, s. m. Passarinho (*Ostinops cristatus*). Ap. Goeldi, *Aves do Brazil*.

Acafagestado, part. de *acafagestar*; que se acanalhou, que se rebaixou. « O *acafagestado* do X... não parece filho de quem é. »

Acafagestamento, s. m. Acção de se acafagestar. « A que grande *acafagestamento* chegou X...! »

Acafagestar-se, v. p. Tornar-se *cafageste*.

Açafrão do mato, s. m. Planta escrofularina (*Silisa currialis*).

Acaiaca, s. f. Variedade de cedro (*Cedrela brasiliensis*).

Acaiçarado, part. de *acaiçarar-se*. Diz-se d'aquelle que tem um todo de *caçara*. Vd. este palavra.

Acaiçarar-se, v. i. Adquirir habitos e feição de *caçara*.

Acajú-cica, s. f. Nome qui em diversos estados do Norte dão á resina do cajueiro.

Acajú-rana, s. f. Arvore da familia das leguminosas.

Acambeoa, s. f. Tartaruga da Amazonia. Ap. Conego Bernardino de Souza, « Viagem ao Madeira ».

Açaná, s. f. Ave pernalta (*Ortygometra albicollis*).

Acanalhamento, s. m. Acto de se acanalhar alguém. « Em tão má companhia o *acanalhamento* de X... é inevitavel. »

Acanatic, s. f. Ave da Amazonia (*Neomorphus Geoffroyi*).

Açanuira, s. f. Ave da Amazonia (*Dryocopus lineatus*).

Acará, s. f. Especie de garça (*Ardea leuce*).

Acará bandeira, s. m. Peixe da Amazonia (*Heros festivus*).

Acará chibante, s. m. Peixe da Amazonia (*Satanoperca jurupary*).

Acará pinachama, s. m. Peixe da Amazonia (*Mesonauta insiguís*).

- Acará punga**, s. m. Peixe da Amazonia (*Mesonauta...*).
- Acarassú**, s. m. Peixe da Amazonia (*Lobotes somnolentus*).
- Acaratinga**, s. m. Peixe da Amazonia (*Geophagus surinamus*).
- Acaratinga**, s. f. Garça da Amazonia (*Ardea egretta*).
- Acariçoba**, s. f. Madeira de lei da Amazonia. Ap. Con. Bern. de Souza, « Viagem ao Madeira ».
- Acariçoba**, s. f. Planta umbellifera (*Hydrocotyle umbellata*).
- Acary**, s. m. Peixe de rio (*Plecostomus bicirrhosus*).
- Acary**, s. m. Madeira de lei da Amazonia. Ap. Catalogos da Exposição Nacional de 1908.
- Acary-cacimba**, s. m. Peixe da Amazonia (*Loricaria cataphracta*).
- Acarijána**, s. f. Mad. de lei. Ap. Cat. Ex. Nac.
- Acariuba**, s. f. Madeira de lei. Ap. Cat. Exp. Nac.
- Accacianamente**, all. litt. adv. de modo *accaciano*, palavra oriunda do nome do personagem de Eça de Queiroz.
- Accacianismo**, s. m. All. litt. Feição sentenciosa e ridicula de caracter que lembra o *Conselheiro Accacio*. « Discurso de um *accacianismo* profundo foi o do ministro. »
- Accaciano**, adj. qual. applicado a um individuo gravibundo, sentencioso, fatuo e nullo. « O seu todo conselheiral e *accaciano*. »
- Acciolyismo**, s. m. Pittoresco neologismo da imprensa brasileira, que designa a monopolisação de cargos publicos por uma familia dominante na politica (De Accioly, *nome proprio*).
- Acende candeia**, s. f. Madeira resinosa propria para marcenaria.
- Acevandijado**, part. de *acevandijar-se*; tornar-se um *cevandija*. « O jogo fez de X... um typo *acevandijado*, um perdido. »
- Acevandijar-se**, v. p. Acanalhar-se; achávascar-se; aviltar-se. O Snr: Candido de Figueiredo cita o verbo « *cevandijar-se* »; entre nós a forma *acevandijar-se* é corrente.
- Achego**, s. m. Cargo, emprego, função cuja retribuição é considerada como um auxilio ou supplemento de receitas. « X é funcionario publico, mas tem diversos *achegos*: lecciona em cursos nocturnos, faz traducções para a imprensa, etc. » Em Portugal, segundo o Snr. C. de F., diz se *achega*.
- Achilles**, s. f. Borboleta diurna (*Papilio Achilles*).
- Achinelado**, part. de *achinelar-se*; deprimido, desmoralizado. « O infeliz é um *achinelado* tal, que nem reage ante as mais violentas aggressões. »
- Achinelar-se**, v. p. Rebaixar-se; humilhar-se; deprimir-se.
- Achuajú**, s. m. Diacono do rito dos malês, musulmanos brasileiros de procedencia africana. Ap. P. Et. Brazil na *Rev. do Instituto Brasileiro*, anno de 1910.
- Acidiosporos**, s. m. Parasitas de varias leguminosas. Ap. *Boletim de Agricultura* do Estado de São Paulo.
- Acobertamento**, s. m. Acção de acobertar, proteger, occultar. « Com o seu prestigio promoveu X... o *acobertamento* dos criminosos pela propria policia local. »

Acocado, part. de acocar. Amimado, « X... é insupportavel de *acocado* pelos paes. ».

Acocar, v. t. Amimar, acarinhar. « X... e F... são muito fracos com os filhos, muito os *acocam*. »

Acuação, s. m. Acção de acuar. Cf. Henrique Silva : Caça no *Brazil Central*, pg 68.

Açudador, adj. Que açuda, repreza. « A barragem *açudadora* das aguas do Ribeirão Bonito... »

Açudagem, s. f. Acção de açudar, reprezar. « X nega a Y o direito da *açudagem* destas aguas. »

Açudamento, s. m. ou açudagem. Ambas as palavras são frequentemente empregadas.

Açudar, v. t. Reprezar. « A barragem da *Light and Power açudou* o Ribeirão das Lages. »

Acui!-cui!, int. (pleb.). Sim! Ap. Taunay, « *Innocencia* ».

Acumatanga, s. p. Ave psittacidea (*Androglossa Dufresnii*).

Acurau, s. m. ou bacurau (?) Ave nocturna. Ap. Inf. Verde.

Acuraua, s. f. Ave caprimulgidea (*Hydropsalis climacocercus*).

Acuré, s. f. Nome que en certas regiões goyanas dão a uma variedade de anta chamada vulgarmente antaxufé (*Tapirus Roulinii*). Cf. Henr. Silva, ob. cit., 96.

Acusado, s. m. Jogo infantil semelhante ao de barra.

Acuuba, s. f. Planta oleaginosa do Pará Ap. Cat. Exp. Nac.

Adagiario, s. m. Collecção de adagios. « X confecciona um *adagiario* portuguez, completo quanto possível. »

Aderno, s. m. Arvore therebintacea (*Astronium commune*).

Adhesismo, s. m. Opportunismo politico que promove a adhesão immediata de individuos a regimens políticos triumphantes pela violencia. « O *adhesismo* geral, entre os funcionarios monarchistas, ao regimen republicano foi uma feição característica da revolução brasileira. »

Adhesista, s. m. Opportunista que adhire a um regimen a que era adverso. « F. não é republicano historico e sim um *adhesista*. »

✱ **Adiposidade**, s. f. Gordura; qualidade do que é adiposo. « A *adiposidade* de X. tendê para a obesidade. »

Adjuncto, s. m. Reunião de camponios para um trabalho em commum, de auxilio entre vizinhos, o que se chama no Sul *mutirão*. Cf. Gustavo Barroso, *Terra de Sol*, pg 67.

Adocicadamente, adv. De modo adocicado. « Já abrandado da passada colera respondeu-lhe X *adocicadamente*. »

Adomingamento, s. m. Acto de adomingar-se alguém. « Cheguei a X. no dia de Natal notando immediatamente o *adomingamento* da população. »

Adulão, adj. Adulador. « X. é um vil *adulão* de Z. »

Aerodromo, s. m. Espaço reservado aos exercicios aviatorios e aerostasticos.

Aeronave, s. f. Aerostato.

Afiambrado, s. m. Carne preparada á maneira dos pre-suntos. « Este *afiambrado* de vitella está delicioso. »

- Afiamento**, s. m. Acto de *afiambrar* uma carne.
- Afiambar**, v. t. Preparar uma carne como presunto.
- Afilar**, v. t. Afinar. Concertar a garganta. « A Senhorita F. ia cantar; *afilava* a garganta. »
- Africanisar**, v. p. Tomar habitos africanos. *Sertões*, 189.
- Afuleimação**, s. f. Briga, contenda, termo cearense. G. Barroso, ob. cit., p. 195.
- Agachado**, s. m. Galope de cavallo. « Em tres *agachados* a minha egua distanciou o seu competidor. »
- Agarradiabos**, s. m. Arbusto da familia das mimoseas.
- Agarramento**, s. m. Sovinice. « F. é de um *agarramento* que o leva a privar se de tudo. »
- Agaxadeira**, s. f. Pequeno pernalta (*Scolopax frenata*).
- Agerú**, s. m. Ave psittacidea (*Conurus pyrocephalus*).
- Aggregado**, s. m. Trabalhador que não tem serviço fixo numa fazenda. Capanga. « O fazendeiro seguido de vinte *agregados* obrigou o delegado da policia a retirar-se. »
- Agoniadina**, s. f. Alcaloide da *agoniada* (*Plumeria lancifolia*).
- Agrados**, s. m. Planta cœnotheracea (*Fuchsia integrifolia*).
- Agremiador**, adj. Que agremia. « O deputado F... foi o *agremiador* das diversas facções de seu partido. »
- Agrião do Pará**, s. m. Planta da familia das compostas (*Pyrethrum spilanthus*).
- Agro pecuaria**, s. f. Ramo da agronomia que se refere ás questões de criação e aproveitamento dos animaes domesticos.
- Agrupador**, adj. Que agrupa. « O movimento *agrupador* das opposições é de natureza a assustar o governo. »
- Aguada**, s. f. Arvore de elevado porte da flora fluminense.
- Aguaraquiya**, s. f. Planta solanacea. (*Solanum nigrum*).
- Aguaraiba**, s. f. Nome que em certas regiões dão á *Aroeira*.
- Agua vai!** Interj. empregada para exprimir um facto repentino que se passa sem previo aviso. « F. despeja todos os seus inquilinos sem lhes dizer *Agua vai!* »
- Aguçar** (gir.), v. i. Fugir. « T. *aguçou* apenas viu a policia e foi para longe. »
- Agulha**, s. m. Nome que nas lavras diamantinas do Brazil dão ao rutilo.
- Agulha**, s. m. Varied. de arroz (Ap. *Boletim de Agricultura*).
- Agulheta**, s. m. Peixe maritimo do Espirito Santo. Ap. Diccionario de Cesar Marques.
- Aiaya**, s. p. Ave pernalta (*Platalea ayaya*).
- Ai-ibiretê**, s. m. Preguiça da Amazonia (*Arctopithecus pal-lidus*).
- Ai-igapó**, s. m. Preguiça da Amazonia (*Bradypus torquatus*).
- Aió**, s. m. Bolsa de caça feita de fibras de caruá, usada pelos sertanejos bahianos. Ap. *Sertões*, 189.
- Airar**, v. i. Resfriar-se, encalmar-se (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
- Ajaja**, s. f. Ave pernalta (*Platalea ajaja*).
- Ajará**, s. m. Madeira de lei da Amazonia. Ap. Cat. Exp. Nac.

Ajuntador, s. m. O pescador que mantém a rede fechada ao ser tirada (Sul de Bahia). Cf. Alves Camara, ob. cit. p. 20.

Ajurú assú, s. m. Ave psittacidea (*Androglossa farinosa*).

Ajurú catinga, s. m. Psittacideo (*Sittace macauana*).

Ajurú curuca, s. m. ou :

Ajurú curujuba, s. m. Psittacideo (*Androglossa amazonica*).

Akapim, s. m. Passarinho (*Rhamphocelus jacapa*).

Alabama, s. m. gir. Brillhante grande e vistoso, de qualidade inferior.

Alabama, s. m. Caixeiro viajante. « F. é *alabama* de varias casas commerciaes. »

Alabama, s. m. *Pharol* de casa de jogo. Individuo que arrebanha jogadores para as tavolagens.

Alacranado, adj. vermelho, alacrado. A forma *alacranado* é muito usada no interior de São Paulo.

Aladeirado, s. m. Terreno montuoso. « Entre a fazenda e a villa ha um *aladeirado* comprido e penoso para os animaes. » Successão de ladeiras. Termo muito usado no interior de São Paulo.

Aladroadamente. Adv. de modo aladroadado. « S. se apossou de todos os bens de T..., *aladroadamente* já se vê. »

Aladramento, s. m. Acção de se aladroar. « O *aladramento* dos politicos se torna cada vez mais geral. »

Aladroe-se, v. p. Tornar-se ladrão. « Reccio que J. se *aladroe* tambem em companhia daquelles gatunos. »

Alarife, s. m. Cavallo ardego. Ia eu montado num *alarife* que, passarinhando, me fez cahir da sella. »

Alas, adv. Então (Minas). « S. começando á portar-se inconvenientemente *âlas* lhe disse que se calasse. »

Alastrim, s. m. Nome que no centro do Brazil dão á varicella ou *milkpox*.

Albara, s. f. Arvore da familia das anonaceas (*Canna angustifolia*).

Alcalinisador, adj. Que alcalinisa. « O hydrato de potassio é um *alcalinisador* poderoso. »

Alcaphora da Bahia, s. f. Planta euphorbiacea (*Croton perdicipes*).

Alce, s. m. Acto de alçar. « O *alce* da viga foi penoso pois que pesava muito. »

Alcorânico, adj. Relativo ao alcorão. « A doutrina *alcorânica* ganha terreno na Africa. »

Alecear, v. t. Corruptela de alçar. É frequentemente usado no interior de São Paulo.

Alecrim da praia, s. m. Planta cyperacea (*Schinus arenaria*).

Alecrim da serra, s. m. Planta da familia das acanthaceas (*Dichiptera aromatica*).

Alecrim de São Jose, s. m. Planta da familia das portulacaceas (*Portulata lanuginosa*).

Alegre, s. m. Ferramenta que serve para a raspagem do tronco das arvores que dão latex, e empregado sobretudo para a maniçoba.

Aleijada, s. f. Variedade de canna de assucar. Ap. *Boletim de Agricultura do Estado de São Paulo*.

Aletria, s. f. Nome vulgar de certo peixe no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 93.

Alevantado, adj. Animal montez alçado. Cf. Sertões, 117.

Alevante, s. f. Planta medicinal do Rio Grande do Sul. Ap. Velloso da Silveira, « As Missões Orientaes. »

Alfagal, s. m. Extensa plantação de alfafa.

Alfavaca de cheiro, s. f. Planta da familia das labiadas (*Occimum incanum fluminensis*).

Alfazema de caboclo, s. f. Arbusto da familia das labiadas (*Hyssopus cryspapsylla*).

Alho do campo, s. m. Planta herbacea venenosa. Ap. Bolet. de Agricult.

Alicante, s. m. Vinho hespanhol, proveniente de Alicante.

Alicerçador, adj. Que alicerça. « O Regente Feijó foi um dos grandes *alicerçadores* da unidade brasileira. »

Alikaly, s. m. Director espirital entre os malês, musulmanos negros existentes na Bahia e no Rio de Janeiro.

Alimentador, adj. Que alimenta. « O Rio do Ouro *alimentador* dos reservatorios do Pedregulho... »

Aljarrim. Peixe dos Açores. Ap. informação particular.

Alleluia, s. f. Arbusto da familia das compostas (*Mikania drastica*).

Almecegão, s. m. Resina da icicariba, planta medicinal. Dicc. de A. Camara.

Almexica, s. f. Arvore que fornece madeira de lei.

Almirante, s. m. Borboleta diurna (*Venessa atalanta*).

Almiscar, s. m. Arvore burseracea (*Prolium brasiliensis*).

Alojador, adj. Que aloja. « S.. encarregou-se de ser o alojador dos peregrinos nos diversos hoteis da Aparecida ». »

Aloucamento, s. m. Insania. « O *aloucamento* de X... levou-o a praticar uma serie de disparates. »

Alqueire, s. m. Medida agraria correspondente em Minas a 48.800 metros quadrados, em São Paulo a 24.400.

Altabrava, s. f. Arvore da flora maranhense que fornece madeira de lei.

Altisonantemente, adv. De modo altisonante. « A declaração leu-a elle *altisonantemente* ». »

Altista, s. m. Especulador que procura valorisar um titulo ou mercadoria. « Os *altistas* perderam rios de dinheiro com a baixa ultima do cacau. »

Aluadamente, adv. De modo aluado. Impensadamente, insensatamente. « S.. comprou a casa *aluadamente*, como tudo quanto faz sem olhar a preço ». »

Aluamento, s. m. Insensatez. Falta de criterio. « Não se pode confiar negocio algum a F... cujo *aluamento* é mais que visivel. »

Alufá, s. m. Interpretador de textos coranicos. Doutor entre os malês. Ap. João do Rio, « As religiões do Rio ». »

Aluidor; adj. Que alue. « A propaganda republicana *aluidora* do throno bragantino caminhava sempre. »

Alvacana, s. f. Planta herbacea.

Alvacó, s. m. Peixe do littoral cearense. Ap. uma memoria descriptiva do Ceará, inserta no Jornal do Commercio de 25 de dezembro de 1911.

Alvaregueiro, s. m. Tripolante ou proprietario de *alvarenga*.

Alvarinto, adj. Termo cearense. Alourado. Cf. *Luzia Homem de Domingos Olympio*, pg. 43.

Amabapaia, s. f. Arvore fructifera da familia das caricaceas. Mamoeiro (*Carica papaya*).

Amacacar, v. i. Contrafazer, amesquinhar. « F.. *amacaca* as cousas mais serias com a sua mania de ser espirituoso. »

Amamentador, adj. que amamenta. « Acabou-se a verba *amamentadora* de innumeradas sinecuras. »

Amaneiramento, s. m. Tendencia amaneirada. « O *amaneiramento* do estylo de S... se acentua diariamente. »

Amanhador, adj. Que amanha. « F... foi o primeiro *amanhador* deste solo arido. »

Amania, s. f. Arvore bombacea (*Bombax spec*).

Amaniú, s. m. Var. de algodão (*Gossypium barbadensis*).

Amansa senhor, s. m. Planta phytolaccacea (*Pilivera alliacea*).

Amanteigado, s. m. Bolo de farinha de trigo e óvos.

Amarante, s. f. Arvore leguminosa (*Peltogyne discolor*).

Amarellão, s. m. Grande arvore da flora cearense que parece ser uma *Terminalia*. Vd. Explorações Botánicas no Ceará de Adolpho Ducke.

Amarellão, s. m. Nome que no interior de São Paulo dão á ankylostomiase duodenal ou opilação.

Amarellecimento, s. m. Acção de amarellecer. « O *amarellecimento* das folhas, com o outomno, já é visivel. »

Amarellinho, s. m. Arvore symplocacea (*Symplocas speciosa*).

Amarelo, s. m. Grande arvore leguminosa (*Omphalobium lutosum*).

Amarfanhamento, s. m. Acto de amarfanhar. « O *amarfanhamento* deste collarinho torna-o... inaproveitavel. »

Amargurador, adj. Que amargura. « Nesses transes *amarguradores* do seu espirito tão sensivel muita coragem revelou F... ».

Amaro da Silva, s. m. Arvore euphorbiacea da Amazonia. Ap. Con. Bernard. Ob. cit.

Amarrador, s. m. Nome que no littoral bahiano dão aos mestres das jangadas grandes. Cf. Camara, ob. cit., p. 48.

Amarrotamento, s. m. Acto de amarrotar. « A alfandega nos deixou as roupas num deploravel estado de *amarrotamento*. »

Amasiamento, s. m. Acção de amasiar-se alguem. « O *amasiamento* de F. e S... era fatal. »

Amatronar-se, v. p. Tomar ares de matrona, avelhantar-se. Engordar. « Maria *amatrona-se* rapidamente. »

- Ambauva mansa**, s. f. Arvore (*Pouronia cecropiaefolia*).
- Ambecuna**, s. f. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.
- Ambellania**, s. f. Planta apocynae (*Willoughbeia*).
- Ambuia embo**, s. f. Planta aristolochiaceae (*Aristolochia labiosa*).
- Amejúá**, s. f. Pequeno saurio da Amazonia (*Ameiva surinamensis*).
- Amerca**, s. f. Cidade. Termo cearense. Cf. G. Barroso, *Terra de Sol*, p. 190.
- Americina**, s. f. Pequeno saurio da Amazonia (*Microblepharus Maximilianii*).
- Amesquinhador**, adj. Que amesquinha. « Esta proposta, *amesquinhadora* da minha posição nesta secretaria é inaceitavel. »
- Amesquinhamento**, s. m. Acção de amesquinhar. Diminuição. « E' visivel o *amesquinhamento* do municipio de F... com a perda de tão importante bairro. »
- Amestradamente**, adv. Com mestria. « O operario atacou o serviço *amestradamente* mostrando conhecelo bem. »
- Amestramento**, s. m. Acquisição de mestria, de pericia. « O *amestramento* destes operarios é questão de mezes. »
- Amime**, s. f. Arvore protaceae (*Heptophyllum cellenche*).
- Amocambamento**, s. m. Reunião em mocambos. « Dentro em breve se via o *amocambamento* de todos os quilombolas esparsos. »
- Amocambar-se**, v. pr. Termo cearense. Esconder-se. Cf. G. Barroso. *Terra de Sol*, p. 53.
- Amolação**, s. f. Importunação. « Que *amolação* conversar com este surdo. »
- Amolante**, adj. Enfadonho. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 58.
- Amongeaba**, s. f. Graminea (*Panicum spicatum*).
- Amor crescido**, s. m. Planta portulacaceae (*Portulaca pilosa*).
- Amor do campo**, s. m. Planta leguminosa (*Desmodium triflorum*).
- Amor dos homens**, s. m. Planta malvaceae (*Hibiscus mutabilis*).
- Amoré**, s. m. Peixe fluvial (*Amblyopus Broussonetii*).
- Amor perfeito do matto**, s. m. Orchidaceae (*Millonia Regnellii*).
- Amortecedor**, adj. Que amortece. « Os tapetes *amortecedores* do ruido dos passos sobre o soalho. »
- Amouzar**, v. t. Verbo universalmente conhecido no Estado de São Paulo, significando : guardar, enthesourar avidamente, retirar das vistas alheias.
- Ampurdana**, s. f. Raça bovina hespanhola.
- Amputador**, adj. Que amputa. « O tratado de paz de 1874, *amputador* da França. »
- Anambé-pitiú**, s. m. Rapineiro da Amazonia (*Gymnodermus foetidus*).
- Analogamente**, adv. De modo analogo. « *Analogamente* se

dirá que o lado do decagono regular inscripto é una funcção do raio do circulo que o circumscreve. »

Anamy, s. m. Arvore (*Symphonia globulifera*.)

Ananahy, s. m. Pequeno palmipede (*Querquedula brasiliensis*).

Anarchisação, s. f. Acção de anarchisar. « A *anarchisação* da infeliz provincia se fez rapida e intensamente. »

Anarchisador, adj. Que anarchisa. « O decreto *anarchisador* da secretaria será vivamente combatido no Senado. »

Anarchisar; v. t. e i. Ridicularisar (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».

Anastacio (giria), s. m. Palerma, pacovio. « O João é um verdadeiro *anastacio*, incapaz de apprehender as cousas mais simples. »

Anauerá, s. f. Madeira de lei da Amazonia. Cat. da Exp. Nac. de 1908.

Andar, s. m. Sobrado (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».

Andirassú, s. m. Vampiro (*Phyllostoma hastatum*).

Andirobarana, s. f. Madeira de lei da Amazonia. Cat. da Exp. Nac. de 1908.

Andó, s. m. Modo de usar a barba em ponta (Nome proprio do actor italiano Giovanni Andó. « Prefiro o *andó* ao cavaignac ou á pera. »

Andorinha do mar, s. m. Ave marinha (*Sterna magnirostris*).

Andorinhão, s. m. Passaro scansoroide (*Chaetura biscutata*).

Andory, s. m. Resina vegetal do Pará. Cat. da Exp. Nac.

Andú, s. f. Graminea forrageira. Ap. *Boletim de agricultura*.

Andurá, s. m. (Mythologia tupy). Arvore fantastica que á noute se inflamma subitamente.

Anduyá, s. m. Peixe fluviatil. Azevedo Marques, « Apontamentos sobre a Provincia de São Paulo. »

Angapanga, s. f. Jogo infantil, semelhante ao *Tempo será*.

Angaxixica, s. f. Madeira de lei da Amazonia. Ap. Conego Bernardino.

Angelica do matto, s. m. Planta gencianeia (*Gentiana rubra*).

Angolista, s. f. Gallinha de Angola (em certas regiões do Estado de São Paulo).

Angú, s. m. Passaro formicaroides (*Donacobius atricapillus*).

Angustura, s. f. Planta medecinal (*Cusparia trifoliata*).

Anhanga, s. f. Gallinaceo (*Crypturus variegatus*).

Anhaúva, s. f. Madeira de lei da flora paulista. Ap. Huascar Pereira. « Madeiras do Estado de São Paulo. »

Aniageiro, s. m. Fabricante de aniagens. « F... fez fortuna como *aniageiro*. Fabricava dez mil *saccos* por dia. »

Anibú, s. m. Planta alliacea (*Petivera alliacea*).

Anicauera, s. m. Peixe fluviatil (*Xyphorhamphus falcirostris*).

Aningassu, s. m. Planta aracea (*Montrichardea linifera*).

Anna Bolena (pleb.), s. f. e adj. Mulher intrigante, calumniadora; rameira. « A Maria, que é uma *annabolena* perigosa, fez com que o João abandonasse a mulher. »

Anna Pinta, s. f. Planta cucurbitacea (*Dermophylla elliptica*).

Annexim, s. m. (gíria de estudantes). Calouro do curso anexo da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Anniquim, s. m. Peixe marinho.

Aniversariante, s. m. Individuo que festeja o proprio anniversario natalicio « *O aniversariante* foi muito comprimentado pelo facto de haver completado meio-seculo. »

Anoirá, s. m. Madeira de lei. Cat. Exp. Nac.

Antagonicamente. Adv. De modo antagonico. « Collocando-se *antagonicamente* aos conservadores o prestigioso chefe dará ganho de causa aos liberaes. »

Antan, s. m. Pequeno periquito do Maranhão. Ap. Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão. (*Poranduba maranhense*).

Anta xuré, s. f. Especie de anta (Minas) (*Tapirus Roulinii*).

Anteiro, s. m. Cão educado para a caçada de antas. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 34.

Anti-alcoolico, adj. Relativo ao antialcoolismo. « As ligas *anti-alcoolicas* se multiplicam por toda a parte. »

Anticatholicismo, s. m. Doutrina contraria ao catholicismo.

Antifluctuador, adj. Apparelho que supprime as oscillações de pressão nos encanamentos de gaz, regulando automaticamente a alimentação dos motores.

Antinha, s. f. Coleoptero da familia das cantharidas.

Antimilitarismo, s. m. Doutrina de combate ao militarismo.

Antirepublicanismo, s. m. Opposição á forma de governo republicano.

Anuahy, s. m. Passaro (*Crotophaga ani*).

Anuguassú, s. f. Ave (*Crotophaga major*).

Anuhú, s. m. ou anuahy (*Crotophaga ani*).

Anuiá, s. m. Peixe de rio.

Anujado, s. m. Peixe de rio. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Aortismo, s. m. Conjuncto de phenomenos pathologicos que dependem da arterioesclerose da aorta.

Apá, s. f. Peneira sem furos.

Apachismo, s. m. O que lembra o modo de vida dos *apaches* parisienses. Empregado correntemente na imprensa.

Apadrinhado, s. m. Touro que se torna selvagem (Ceará). Ap. Lyrio Ferdinando, « O Boi ».

Apahy, s. m. Ave palmipede (*Dendrocygna viduata*).

Apaiary, s. m. Peixe fluviatil (*Hydrogonus ocellatus*).

Apaixonamento, s. m. Estado de paixão. « *O apaixonamento* dos espiritos toma proporções perigosas. »

Apalavramento, s. m. Combinação previa. Acto de apalavrar. « Entre nos para esse negocio não ha senão mero *apalavramento*. »

Apalpão, s. m. Apalpadella. Ap. Aluizio Azevedo, *O cortiço*.

Apanhar, v. i. Levár pancada. « João *apanhou* tanto que

ficou com os ossos quasi esfarelados pelo cacete do inimigo. »

Aparajú, s. m. Madeira de lei da Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Apatacado, adj. Diz-se d'aquelle que dispõe de fortuna regular. « O Souza é commerciante *apatacado*, tem seus seiscentos contos de reis. »

Apatacado, adj. Diz-se do cavallo em cujo pello ha manchas redondas.

Apatetamento (pop.), s. m. Apathia. « Com a morte da filha a mulher está num estado de *apatetamento* que faz dó. Parece uma somnambula. »

Apaulamento, s. m. Empantanamento. Submersão. « A falta de limpeza dos rios da baixada fluminense provocou o *apaulamento* de toda a região. »

Apeançar, v. i. (Termo frequentemente empregado no E. do Rio de Janeiro). Constringir, apertar; ficar offegante. « F... anda muito *apeançado* de dividas ». »

Apecuitaiúia, s. f. Arvore de Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Apendoamento, s. m. Acção de apendoar. « O *apendoamento* dos milharaes vai adiantado. »

Apeúba, s. f. Planta fibrosa do Maranhão (Cat. Exp. Nac.).

Apelintrado, adj. Ajanotado. Individuo com tendencias ao donjuanismo.

Aperta ruão, s. m. Arbusto piperaceo (*Piper aduncum*).

Aptosação, s. f. Termo de veterinaria que designa a propagação da febre aphtosa.

Apicuhy, s. f. Columbino silvestre (*Chamaepelia talpacoti*).

Apitan, s. m. Ave de rapina (*Cathartes fufens*).

Apoia, s. f. Arbusto (*Psychotria emetica*).

Ápollo, s. f. Borboleta diurna (*Doritis Apollo*).

Aprauá, s. f. Arvore sapotacea (*Mimosopus brasiliensis*).

Apragoamento, s. m. Acção de apragoar: E' insupportavel a mania que o João tem: o eterno *apragoamento* da sua fortuna. »

Aprofundador, adj. Que aprofunda. « J. é um *aprofundador* incansavel das questões cujo estudo lhe é commettido »

Aprofundamento, s. m. Acção de aprofundar. « O *aprofundamento* das camadas carboniferas é indispensavel para a obtenção de bom combustivel. »

Apromptação, s. m. Preparativo. Palavra muito corrente em todo o Estado de São Paulo. « F... está ultimando as *apromptações* de sua mudança para São Paulo. »

Aproveitador, adj. aquelle que abusa da condescendencia alheia. « João é um *aproveitador* de força. Explora em regra a madrinha. »

Aprovisionador, adj. Que aprovisiona. « Felizmente chegou comboio *aprovisionador* do corpo de exercito. »

Aprumação, s. f. Acto de aprumar. « A *aprumação* desta parede abalada pelo terremoto é indispensavel. »

Apupador, adj. Que apupa. « F... fugiu dos seus encarniçados *apupadores*. »

Apurada, adj. Qualificativo que em São Paulo dão a certas

terras roxas de grande fertilidade. « Tenho dez alqueires de *apurada* e o resto de massapé branco. »

Apurar, v. t. Proceder á lavagem do cascalho diamantífero.

Aquatico (gir.), s. m. Individuo que frequenta uma estação de aguas medicinaes. « Em Lambary este anno a estação está pouco animada. Os *aquaticos* são poucos. »

Aquiqui. Aguardente de milho preparada pelos indios do Paraná. Leão, ob. cit.

Aqui-qui-menéres. Interjeição burlesca. Ainda bem !

Ará, s. m. Peixe marinho do genero *lagocephalus*.

Arabú, s. m. Iguaria feita com ovos de tartaruga, farinha de trigo e assucar, e muito apreciada no rio Juruá (Ap. inform. particular).

Araçá, s. m. Nome de certa côr de pello dos bois que lembra a casca do fructo de igual nome.

Aracambé, s. m. Nome vulgar de um pequeno cão selvagem em Goyaz. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 45.

Aracanguira, s. m. Nome vulgar de certo peixe no littoral bahiano. cf. Camara, ob. cit., p. 94.

Araçarana, s. m. Arvore da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Aracaroba. Nome vulgar de certo peixe no littoral bahiano. cf. Camara, ob. cit., p. 94.

Aracassu, s. m. Planta herbacea medicinal.

Aracú antan, s. m. Peixe da Amazonia (*Leporinus Mülleri*).

Aracú pinima, s. m. Peixe da Amazonia (*Leporinus affinis*).

Aracú tinga, s. m. Peixe da Amazonia (*Leporinus Federicii*).

Araguahy, s. m. Ave psittacidea (*Conurus paina*).

Araguaya, s. f. Graminea forrageira. Bol. de Agricult.

Aramaré, s. m. Peixe fluvial.

Aramassá, s. f. Arraia fluvial da Amazonia. Ap. Relatorio da viagem do Dr. Oswaldo Cruz ao Madeira.

Arame, s. m. (gíria). Dinheiro.

Aramina, s. f. Planta malvacea (*Urena lobata*) de notaveis propriedades textis, descobertas pelo illustre cientista e professor da E. Polytechnica de S. Paulo Dr. Augusto C. da Silva Telles, que lhe impoz este nome.

Aramudo (gir.), adj. Rico, dinheiroso.

Arapaçá, s. m. Passaro da Amazonia (*Nasica longirostris*).

Arapaçá de bico torto, s. m. Passaro da Amazonia (*Lophorhynchus procurus*).

Arapaçá dos coqueiros, s. m. Passaro da Amazonia (*Berleps Chiarikeri*).

Arapary, s. m. Arvore da Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Arapeba, s. m. Peixe marinho (Sul da Bahia), inform. partic.

Arapoca jubá, s. f. Planta herbacea (*Rapulia magnifica*).

Arapú, s. f. Abelha silvestre (Ceará) (*Trigona ruficus*).

Arara (gíria), adj. Papalvo. Individuo credulo.

Ararapira, s. f. Peixe da Amazonia (*Chalceus macrolepidotus*).

Arara piranga, s. m. Ave psittacidea (*Sittace coccinea*).

Ararica, s. f. Ave psittacidea (*Sittace militaris*).

- Ararinha**, s. f. Ave psittacidea (*Sittace modesta*).
- Ararasipó**, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.
- Araraúba da varzea**, s. f. Planta da Amazonia. Ap. Con. Bernard.
- Ararixá**, s. m. Planta esterculiacea (*Sterculea chicha*).
- Araruva**, s. f. Arvore leguminosa. Ap. Huascar Pereira. ob. cit.
- Arary**, s. f. Ave psittacidea (*Sittace caerulea*).
- Arasiri**, s. m. Peixe da Amazonia (*Chalceus rotundatus*).
- Arassuaia**, s. m. Especie de sabiá (*Triclavia cyanogastra*).
- Aratubaia**, s. m. Nome vulgar de certo peixe no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 94.
- Arauaú**, s. m. Peixe da Amazonia. Ap. Con. Bernard.
- Arauiry**, s. m. Peixe da Amazonia (*Chalcinus auritus*).
- Arayá**, s. m. Peixe da Amazonia (*Trigon hystrix*).
- Araya garapa**, s. m. Peixe da Amazonia (*Trygon garapa*).
- Araya pintada**, s. m. Peixe da Amazonia (*Trigon strongylopterus*).
- Arataiassu**, s. m. Pernalta (*Cancroma cochlearia*).
- Arati**, s. m. Arvore fructifera da Amazonia. Ap. Annaes do Museu Paraense.
- Aratinga**, s. f. Nome geral dos papagaios de côr amarella na Amazonia.
- Araturé**, s. m. Pequeno crustaceo marinho.
- Arca de Noé**, s. f. Mollusco conchyfero.
- Arcuman**, s. m. Arbusto bignoniaceo (*Bignonia echinata*).
- Ardido**, s. m. fam. Pequena affecção ou irritação cutanea. « O *ardido* das coxas incommoda muito as creancinhas. »
- Ardorosamente**, adv., de modo ardoroso. « Os dous partidos disputaram a eleição *ardorosamente*. »
- Areia**, s. f. Crutaceo (*Neptunus cribarius*).
- Areiusco**, adj. Areiento. Cf. Leão, Dicionario de brazileirismos.
- Areiusca**, adj. qualif. da terra em que existe forte proporção de areia. « Este café plantado em terra *areiusca* parece-me bem viçoso. »
- Arejado**, ou *airado*, adj. qualif. do cavallo resfriado, encalmado.
- Arejar**, v. p. Resfriar-se (tratando do cavallo e em geral dos animaes de sella). « Desde que o meu animal *arejou* ficou incapaz de andar tres leguas. »
- Arenan**, adj. valentão; famanaz. « Este caboclo é *arenan*, mas breve ha de perder a valentia. »
- Arenga**, s. f. Peixe marinho.
- Arerê**, s. f. Pequeno palmipede (*Dendrocygna viduata*).
- Aretinismo**, s. m. Traficancia, mercenarismo da penna. « O *aretinismo* do Snr. A. levou-o a aceitar a defeza do governo mediante a retribuição de dous contos. »
- Aretino**, adj. Individuo que trafica com a pena; pamphletista mercenario.

Argentarismo, s. m. Sede de riquezas. Plutocracia. « O *argentarismo* é a preocupação exclusiva de muitos de nossos homens publicos. » Feição de character que tudo subordina ás questões financeiras.

Arimé, s. m. Arvore da flora maranhense. Cat. Exp. Nac.

Ariocó, Nome vulgar de certo peixe no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit. p. 94.

Ariramba grande, s. f. (*Ceryle torquatus*), ave amazonica.

Ariramba pequena, s. f. (*Ceryle americana*), ave amazonica.

Ariramba pintado, s. f. (*Ceryle inda*), ave amazonica.

Ariramba mindinho, s. f. (*Ceryle superciliosa*), ave amazonica.

Ariramba verde, s. f. (*Ceryle amazona*), ave amazonica.

Aritirana, s. f. Madeira de lei do Maranhão. Cat. Exp. Nac.

Aristocratisação, s. f. Acção de aristocratizar. « A *aristocratisação* gradual do governo do Chile é um phenomeno curioso. »

Aritú, s. m. Arvore da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Armação, s. f. (giria). Abastança.

Arma de serra, s. f. Arvore que dá madeira de lei. Coelho, Memoria historica sobre a provincia de Santa Catharina. »

Armado (giria), adj. Endinheirado. « Estou *armado*, tenho oito contos no bolso. »

Armar-se (giria), v. p. Ganhar dinheiro. Obter dinheiro « Com as ultimas especulações de bolsa o Souza *armou-se*; tem hoje boa fortuna. »

Armazenamento, s. m. Acção de armazenar. « O *armazenamento* de explosivos é prohibido no centro da cidade. »

Armiga, s. f. Planta fibrosa do Pará. Cat. Exp. Nac.

Aroeira, s. f. Arvore anacardiacea (*Lithraea molleoides*).

Aroeira do sertão, s. f. ou Urindiuva (*Myracrodon urundeuva*). Arvore therebintacea.

Aroeirinha, s. f. Arvore anacardiacea (*Lithraea molleoides*).

Aromas, s. f. Planta leguminosa (*Accacia farnesiana*).

Aromuniano, adj. Synonimo de macedo-rumaico.

Arrack, s. f. Aguardente de arroz fabricada na Malasia.

Arraia-miúda (giria), s. f. Gentalha, populacho. « Os manifestantes são *arraia-miúda* sómente, operarios, quasi todos. »

Arraieira, s. f. Rede para a pesca de araias.

Arraieiro, s. m. Pescador que se dedica á pesca da arraia. Ap. Xavier Marques, *Praieiros*.

Aranca milho, s. m. Passarinho (*Psarocolius unicolor*).

Arranca rabos, s. m. (giria). Discussão acalorada. « Os dous tiveram um *arranca rabos* que começou aos berros e quasi terminou por bofetadas. »

Arranchamento, s. m. Reunião de ranchos. Cf. Leão. *Dicc. de brazileirismos*.

Arranha gato, s. m. Nome vulgar da sensitiva.

Arrastador, s. m. Vereda. (Sertões bahianos). Ap. « Sertões »

Arrastadouro, s. m. Nome que nas explorações de madeira dão aos caminhos por onde são arrastados os toros que vão ás serras.

Arrasta-pé (chul.), s. m. Baile reles.

Arrebentação (gir.), s. m. Falta de dinheiro, *pindahyba*, *piaba*, *onça*.

Arrebitado, adj. (gíria). Indivíduo que não tem dinheiro, arruinado.

Arrebitamento, s. m. Petulância; affectação, arreganho. « O *arrebitamento* deste rapazola leva-o a dar-se ares de homem feito. »

Arreghanamento, s. m. (pleb.) Excitação erotica.

Arregimentação, s. f. Acção de arregar. « O chefe liberal procede á *arregimentação* partidaria. »

Arreiador, s. m. Espécie de cabresto que prende o focinho do bezerro a uma das patas trazeiras para impedilo que mame.

Arreiar, m. s. Ordenhar, fazer o leite descer ao ubre. « Esta vacca *escondeu* o leite; é preciso *arreiala* já. »

Arreitamento, (pleb.), s. m. Excitação erotica.

Arrevezamento, s. m. Qualidade do que é arrevezado, obscuro, difficil de enunciar « Certos dos nossos nomes indigenos são de um *arrevezamento* extraordinario para os estrangeiros. »

Arribada, s. f. Nome que nos sertões da Bahia dão ao rebanho disparado. Cf. Sertões, 130.

Arriero, s. m. Um dos tripolantes de baleeira (Sul da Bahia).

Arriki, s. m. Aguardente fabricada com leite pelos kalmukos.

Arriozes, s. m. Planta leguminosa (*Cesalpinia bonducella*).

Arrocho, s. m. Situação difficil. Compressão. « Com o estado de sitio vamos ter o *arrocho* da imprensa submettida á censura. »

Arrolhador, s. m. Hervateiro que desfolha o matto. Ap. Veloso da Silveira, « As Missões ».

Arrolhamento, s. m. Desfolhamento da herva matte. (Fonte citada).

Arrolhar, s. f. Acção de desfolhar a herva matte. (Fonte citada).

Arrovaná, s. m. Peixe da Amazonia (*Osteoglossum arrovaná*).

Arroda do matto, s. f. Arbusto leguminoso (*Indigofera similirula*).

Arruação, s. f. Traçado de ruas onde não ha construcções ainda. « Pedi á camara a *arruação* das vias publicas que resolvi abrir nos meus terrenos. »

Arrufamento, s. m. Angulo formado pelo gurupés com o plano das aguas. Ap. João Braz de Oliveira, « Apparelho e Manobra dos Navios. »

Aruahy, s. m. Pequeno periquito (*Conurus leucopthalmus*).

Arubatã, s. m. Nome que em certas regiões dão ao pau brazil (*Cesalpinia echinata*).

Arucurana, s. f. Arvore da Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Arumará, s. m. Passarinho (*Icterus unicolor*).

Arumassá, s. m. Peixe fluvial (*Solea maculipinnis*).

Arumbava, s. m. e adj. Parasita; o mesmo que *mumbava* (Vd. esta palavra) Vi empregar o termo no Sul de S. Paulo varias vezes.

- Arvore de preguiça**, s. f. Arvore moracea, genero *cecropia*.
Arvore de sebo, s. f. Arvore myristicacea (*Myristica sebifera*).
Arvore de Touro, s. f. Arvore da flora riograndense. Ap. Velloso, *Missões*.
Asexualisação, s. f. Privação do sexo. Castração.
Asexualisar, v. i. Obliterar o aparelho genital de modo a tornar alguém infecundo. Castrar.
Asneirento, adj. (famil.). Individuo que profere sandices a flux.
Assa-carne, s. m. Arbusto da flora cearense (*Casearia sp.*)
Assalariado, s. m. Individuo a soldo de um mandante; capanga. « X... seguido de *assalariados* praticou mil desatinos na villa.
Assalojar-se, v. p. Tomar os modos grosseiros dos saloios.
Assalto, s. m. (famil.). Baile intimo e improvisado (R.G. do Sul).
Assanhado, adj. mettidoço, irrequieto. « Esta *assanhada* da Rosa estava conversando com um desconhecido. »
Assapuma, s. f. Arvore que fornece madeira para obras internas.
Assapuva, s. f. Arvore leguminosa (*Dalbergia viciabilis*).
Asselvajamento, s. m. Tendencia para habitos selvagens. « Noto em X... progressivo *asselvajamento*. »
Assenhoreamento, s. m. Acção de se apoderar, de se assenhorear. « O *assenhoreamento* do espirito fraco que é X... pelo individuo energico que é Y se me afigura completo. »
Assento, s. m. Planura « Esta fazenda tem um *assento* de vinte alqueires, perfeitamente plano. »
Assessoriamto, s. m. Auxilio. Facto de ter como assessor. « Para tal delicto X teve o *assessoriamto* de Y... »
Assessoriar, v. i. Servir de assessor. « Para tal empreza X. se prestou a *assessoriar* a Y. »
Assoberbamento, s. m. Acção de asoberbar, dominação. « O *assoberbamento* do movimento muito custou ás autoridades. »
Assumy, s. m. Jejum dos *malês*.
Assustado, s. m. (fam.). Baile intimo e improvisado. « No nosso *assustado* dansou se até meia noite. »
Astralizado, adj. qualif. dos espiritos que vivem na região astral (occultismo).
Atadeira, s. f. Machina agricola destinada a enfeixar feragens.
Atamancamento, s. m. Acção de atamancar. « É visivel o *atamancamento* de todas estas obras, feitas sem as devidas cautelas. »
Atamby, s. m. Madeira de lei de Goyaz. Ap. Taunay, Goyaz em 1875.
Atangará, s. f. Passarinho (*Pipra leucocilla*).
Ataquiri, s. f. Abelha sylvestre da Amazonia.
Aterrado, s. m. Lugar alagado que foi enxuto graças a um movimento de terras. « O *aterrado* da cidade Nova. »
Aterrorisação, s. f. Acção de aterrorisar. « Com taes medidas o governo vai procedendo á *aterrorisação* da capital. »

Aterrorizador, adj. Que aterrorisa. « As noticias *aterrorizadoras* que ouvimos são exageradas. »

Athletismo, s. m. Pendor para os jogos athleticos. Conjuncto de exercicios athleticos. « O *athletismo* se desenvolve sempre e cada vez mais no Brazil. »

Atilho, s. m. Feixe de espigas. (Matto Grosso.) Ap. Taunay, « Innocencia ».

A'timo, s. m. Instante, momento. (Minas Geraes.) « Vou logo e volto n'um *átimo*. »

Atingahú, s. m. Passarinho (*Piaya cayana*).

Atirado, adj. Diz-se d'aquelle que recebeu um tiro. « Acaba de chegar á Delegacia um homem *atirado*. »

Atirado, adj. Audaz, reprehendedor. « X... é muito *atirado*. Acaba de plantar duzentos mil pés de café apesar da crise. »

Atirar-se (gir.), v. p. Namorar, pretender a mão de alguém. « O João *atira se* á Maria. »

Atiriba, s. f. Madeira de lei do Maranhão. Cap. Exp. Nac.

Atoba, s. m. Palmipede pelicanideo (*Sula fusca*).

Atoleimadamente, adv., de modo atoleimado. « O João *atoleimadamente* persiste em seu intento. »

Atorar, v. i. Partir. « F... *atorou*, apenas acabou de jantar. »

Atrabiliariamente, adv. de modo atrabiliario. « F... é pessimo magistrado, tudo julgando parcial e *atrabiliariamente*. »

Atravancador, adj. Que atravanca. « E' preciso remover este armario, *atravancador* do quarto. »

Atravessado, s. m. Nome vulgar dos cães de fila em Goyaz. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 52.

Atravincar, v. t. Segurar com força; ferrar os dentes, tratando de cães. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 73.

Atroado, adj. Desasizado. « F... é um *atroado*, amontôa asneiras sobre asneiras. »

Atroamento, s. m. Falta de criterio. « O *atroamento* de F. não lhe permite ver os perigos da aventura. »

Atropelador, adj. Que atropela. « A cavallaria *atropeladora* dos manifestantes, em breve se via na contingencia de bater em retirada. »

Atrophiador, adj. Que atrophia. « A falta absoluta de exercicio, *atrophiadora* dos musculos... »

Atenuador, adj. Que attenua « O segundo decreto *atenuador* dos rigores do primeiro. »

Attestador, adj. Que attesta. « Aqui está um certificado *attestador* da boa conducta do cocheiro. »

Attritar, v. t. Provocar attrito: « As peças de madeira *attritando* violentamente em breve se inflammaram. »

Atulhamento, s. m. Acção de atulhar. « O *atulhamento* dos paioes não nos permite guardar este milho. »

Aturiá, s. m. Planta medicinal.

Aturiá, s. m. Gallinaceo da Amazonia.

Aucury, s. f. Palmeira da Amazonia.

Augmentivador, adj. Tendencia ao abuso dos augmen-

tativos. « É curioso como F... tem a mania *augmentativadora* só nos fala em ladravazes e bestalhões ! »

Augmentativar, v. i. Abusar, dos augmentativos. « F... *augmentativa* a cada passo ; não ha substantivo que lhe escape. »

Augy, s. m. Variedade de preguiça (*Cholepus didactylus*).

Aulicismo, s. m. Palacianismo. Cf. Ruy Barbosa, no *Imparcial* de 25 de janeiro de 1913.

Auto infeccionador, adj. Que auto infecciona.

Auto infeccionar-se, v. p. Adquirir um morbo graças á apparição de um centro infeccionador no proprio organismo.

Automobilico, adj. Que se refere ao automobilismo. « Os *raids automobilicos* são perigosos. »

Avança, s. m. (giria). Papajantares, individuo que se apresenta a banquetes, a festas sem convite.

Avançador, adj. (giria). Depositario infiel; larapio. « Como syndicos de tão importante massa nomearam dous *avançadores* temiveis, dous ladrões. »

Avantocoração, s. m. (Veterinaria). Tumor que se localisa no peito dos bois (Bol. de Agric.).

Avaty, s. f. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).

Avayú, s. m. Peixe da Amazonia (*Arius oncina*).

Avermelhador, adj. Que avermelha. « A tinturaria da fabrica, *avermelhadora* das aguas do canal, mata innumerous peixes. »

Avermelhamento, s. m. Acção de avermelhar. « O *avermelhamento* destes pannos é feito por agentes chimicos. »

Aviador, s. m. Negociante que se occupa de commissões e consignações (Amazonia).

Aviador, s. m. Individuo que dirige apparatus aviatorios.

Avigoroamento, s. m. Acção de avigorar. « Os bons ares desta localidade provocaram o *avigoroamento* que se nota no enfermo. »

Avinhado, s. m. Passaro canoro.

Aviventação, s. f. Acção de aviventar. « A turma está fazendo a *aviventação* do rumo divisorio das duas fazendas. »

Avoante, s. f. Columbino selvagem (*Zenaida maculosa*).

Avoeirinha, s. f. Planta anacardiacea (*Schinus leucocarpus*).

Axixá, s. m. Madeira de lei do Maranhão (Cat. Exp. Nac.).

Axuá, s. f. Madeira de lei da Amazonia (Cat. Exp. Nac.).

Ayola, s. f. Barco de pesca portuguez (Ap. Cat. da Exp. Nac. de 1908).

Aza branca, s. f. Columbino (*Columba picazuro*).

Aza de morcego grande, s. f. Arbusto leguminoso (*Bossiaea unijugata*).

Azarento, adj. Aquelle a quem os fados são contrarios. O Juca é um zé caipora, *azarento* como poucos.

Azeite, s. m. (giria). Namoro. « A menina está de *azeite* com um latagão que bem pode seduzila e fugir. »

Azeite, s. m. Arvore leguminosa (*Moldenhaueria speciosa*).

Azeitona do matto, s. f. Planta myrsinacea (*Rapanea ovalifolia*).

Azougue dos pobres, s. m. Planta medicinal (*Nilbrandia speciosa*).

Azulão, s. m. Panno grosseiro de algodão cõr de anil. Cf. Sertões, 215.

Azulinho, s. m. Nome vulgar do klaprothito nas lavras diamantíferas de Bagagem.

Azul seda, s. f. Borboleta diurna (*Morpho Menelaus*).

B

Babassú, s. m. Palmeira do Maranhão.

Babelico, adj. (fig.). Confuso, lembrando a balburdia bíblica.

Bacacú, s. m. Passaro formicaróide (*Xypholena pompadora*).

Bacharelismo, s. m. Regimen em que preponderam os *bachareis*, do sophisma e da falta de senso pratico. É esta a accepção geralmente dada ao termo no Brazil.

Bacopa, s. f. Planta scrofulariacea (*Bacopa aqualica*).

Bacorá, s. m. Nome vulgar que os caipiras paulistas dão ás cobras coraes (*Elaps corallinus*).

Bacuae, s. m., Pequeno marisco do littoral paulista. Ap. Relatorio da Commissão Geographica sobre o valle da Ribeira.

Bacubixá, s. m. Arvore de elevado porte.

Bacucú, s. m. Mollusco (*Modiola brasiliensis*).

Bacurau, s. m. (giria). Uma das alcunhas dadas aos negros no Rio de Janeiro.

Bacurau branco da praia, s. m. Passaro caprimulgideo (*Chordeles rupestris*).

Badejete, s. m. Peixe muito commum no littoral fluminense.

Badó, adj. Toleirão, ingenuo. « F... é um badó. Acredita em quanto lhe contam. » De badaud?

Baforar. Deitar baforadas. Cf. Coelho Netto Sertão, p. 29.

Baforeira, s. f. Ricino (*Ricinus communis*).

Bagageiro, s. m. Passarinho (*Myopatus semifusca*).

Bagageiro, s. m. Nome que nas lavras diamantinas dão ao epidoto.

Bagarote, s. m. (giria). Mil reis. « Custou este chapeu vinte bagarotes. »

Bagirú, s. m. Arvore sylvestre da Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Bagralhão, s. m. Peixe fluviatil do Maranhão. Frei Prazeres, ob. cit.

Bagre sapo, s. m. Peixe fluviatil.

Baguá, s. m. Nome que em Goyaz dão a certos cães mestiços. Cf. Henr. Silva, ob. cit., 50.

Baguassú, s. m. Palmeira muito commum no E. de São Paulo.

Baguear, v. t. Segurar os testiculos de um animal para castralo.

Baileu, s. m. (gir. de marinheiros). Prisão. xadrez. « O sujeito passou a noite preso no *baileu* e a ferros. »

Bairary, s. f. Columbino (*Zenaida maculata*).

Bairrismo, s. m. Espirito regional acanhado, espirito de campanario, nativismo provincial ou districtal. « O pernambucano tem um *bairrismo* tão acentuado quanto o bahiano. »

Baitarra, s. m. Tratante, meliante. « Este *baitarra* é tão velhaco que até ao proprio pae logrou. » Termo corrente no Oeste de São Paulo.

Baiucurá, s. m. Planta herbacæa. Ap. Bol. Agric.

Baixeira, adj. A primeira colheita do algodão. Ap. Bol. Agric.

Baixista, s. m. Especulador que se esforça em depreciar um titulo ou mercaderia. « Apezar dos *baixistas* o café conserva-se a 60 francos. »

Bajesto, s. m. Cousa sem valor. Cf. *Dicc. de brazileirismos* de E. Leão.

Bal, s. m. Madeira de lei. Ap. Huascar Pereira, ob. cit.

Bala, adj. Qualificativo que os sertanejos bahianos dão aos individuos fortes e habeis. *Sertões*, 132.

Balaieiro. Ajudante do arpoador da baleia. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 65.

Balastraca. Patacão argentino ou oriental (Rio Grande do Sul).

Baldoso, adj. Manhoso, maniaco. Termo empregado sobretudo tratando se de cavallos.

Baleia, s. f. Objecto de avultados dimensões. Cf. *Dicc. de brazileirismos* de Leão.

Balgado, s. m. Especie de baleia (Sul da Bahia) (*Balenoptera rostrata*).

Balim, s. m. Bala de pequenas dimensões. Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 36.

Balsamo da Capitania, s. m. Nome que na Bahia dão ao oleo de cabureiba.

Balsino, s. m. Arvore da flora paulista. Ap. Huascar Pereira, ob. cit.

Bambo, adj. (famil.). Atrapalhado, aquelle que se vê em apuros. « Fiquei *bambo* com o homem ! Que importuno ! »

Bamboleio, s. m. Saracoteio. Meneio dos quadris. « O maxixeiro se agitava num *bamboleio* desenfreado. »

Bamburral, s. m. Planta labiada (Ceará) (*Hyptis suaveolens*).

Bambusal, s. m. Bambual, bosque de bambús.

Banana, adj. Diz-se da vez de chifres cahidos. Ap. Lyrio Ferdinand, *O Boi*.

Banana de macaco, s. m. Planta cactacea (*Philodendron arborescens*).

- Banana do matto**, s. f. Planta bromeliacea.
- Bandeirado**, s. m. Peixe da Amazonia (*Aleurichtys Gronovii*).
- Bandeiriar**, v. i. Organizar bandeiras, tomar parte em bandeiras. (Ap. Cunha Mattos, Chorogr. de Goyaz).
- Bapuana**, s. f. Arvore fructifera da Amazonia. Ap. Annaes do Museu Paraense.
- Baqueruvú**, s. m. Arvore leguminosa (*Schizolobium excelsum*).
- Baquiqui**, s. m. Mollusco (*azara labiata*).
- Baracutiara**, s. f. Madeira de lei do Maranhão.
- Baralhada**, s. f. Barafunda. « Encontrei a escripturação da casa numa *baralhada*, numa confusão incrível. »
- Baralhador**, adj. Termo cearense referente a certa qualidade da marcha dos cavallos. Cf. G. Barroso, ob. cit., p. 96.
- Baralhamento**, s. m. Acção de barallar. « O *baralhamento* da questão deve se ao advogado que metteu os pés pelas mãos. »
- Barandar**, s. m. Apparelho semelhante a um balanço e composto de uma taboa horizontal suspenso por cordas do mastro de certas e pequenas embarcações a vela, e onde um tripulante se installa para equilibrar a posição do barco quando ha mar grosso (Sul da Bahia).
- Barão**, s. m. Variedade de algodoeiros (Bol. de Agri.).
- Bararau**, s. m. Peixe da Amazonia (*Ileros amphiacanthoides*).
- Barba azul**, s. m. e adj. Individuo que se casou diversas vezes « O *barba azul* do Chico vai casar se pela quarta vez. »
- Barbacenas**, s. m. (gíria). Barbaças. « O *barbacenas* do C. tem um cavaignac interminavel. »
- Barba de baleia**, s. f. Pequena vela que se colloca sobre o gurupés (Ap. João Braz de Oliveira).
- Barba de boi**, s. f. Planta herbacea cyperacea (*Remirea maritima*).
- Barba de pau**, s. f. Planta epiphyta (*Tillandsia usneoides*).
- Barba de São Pedro**, s. f. Planta polygalacea (*Polygale brasiliensis*).
- Barbado**, s. m. Peixe fluvial (*Pimelodus pirinampus*).
- Barbado**, s. m. Grande simio (*Myceles belzebub*).
- Barbas de barata**, s. f. Planta herbacea medicinal.
- Barbeiro**, s. m. (gíria). Dentista.
- Barbeiro**, s. m. Insecto hemiptero heteroptero hematophago (*Conorrhinus megistus*).
- Barbeiro**, s. m. adj. (gíria). Cocheiro inexperiente. Individuo que não é habil em sua profissão. « Este ferreiro é *barbeiro*; ignora totalmente o officio. »
- Barbudo**, s. m. Peixe marinho. Cesar Marques. « Dictionario chorographico do Espirito Santo. »
- Barca**, s. f. (chul.). Marafona. Termo corrente no E. de S. Paulo.
- Baririssó**, s. m. Planta herbacea medicinal. Ap. Velloso, « Missões ».
- Baroneza**, s. f. Alga das lagunas de Alagoas.

- Barra fogo**, s. f. Abelha sylvestre do genero trigona.
- Barrar**, v. t. (gíria). Impedir. Oppor obstaculôs. « X. pretendia *barrar* a entrada de Z. para a secretaria, mas não o conseguiu pois este foi hoje nomeado. »
- Barreiro**, s. m. Lugar em que ha efflorescencias salinas. « Nos *barreiros* se ajunta muita caça avida de sal. »
- Barretear**, v. i. Fundir para fazer barra. Verbo usado nas antigas casas da moeda no Brazil. « O ouro não se ha de *barretear* e sim ir em pó. Off. de Rodrigo Cesar de Menezes, gov. de S. Paulo. »
- Barrigada** (pleb.), s. f. Visceras da cavidade abdominal das rezes abatidas.
- Barrigada** (pleb.), s. f. Ninhada. Gravidez dos animaes. « Desta *barrigada* a cadellinha dêu quatro crias. »
- Barriga verde**, s. p. Individuo apaixonado pela pesca, pi-rangueiro.
- Barrigudinho**, s. m. Minusculo peixe fluvial (*Lebiotes plevi-loides*).
- Barroar**, v. t. Termo de caça usado em Goyaz. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 67.
- Barrocada**, s. f. O mesmo que barrocal. Cf. *Dicc. de Brasileirismos* de Leão.
- Bataná**, s. m. Palmeira (*Oneocarpus bataná*).
- Batata**, s. m. Peixe marinho. Cesar Marques, « Diccionario chorographico do Espirito Santo. »
- Batata**, s. f. Asneira. Solecismo. « F. diz *batatas* a torto e a direito, num cassange vergonhoso. »
- Batata cenoura**, s. f. Tuberculo comestivel a que tambem dão o nome de mandioquinha.
- Batata de escamas**, s. f. Planta balanophoracea (*Lophophyllum Leandrii*).
- Bate bate**, s. f. Pancadaria, sova. Ap. Aluizio Azevedo, « O Cortiço. »
- Bateboca**, s. f. Discussão azeda. « As duas mulheres traram um *bateboca* que de longe se ouvia. »
- Batedeira**, s. f. Epizootia dos suinos.
- Batepé**, s. m. Sapateado; dansa rustica. « Toda a noute durou o *batepé*. »
- Baticum**, s. m. Fallatorio. Altercação. Termo cearense. Cf. *Luzia Homem*, p. 35.
- Batido**, s. m. Tecido para redes (Maranhão). Cat. da Exp. Nac.
- Batonota**, s. f. Coleoptero da familia dos chrysomelíneos (Expl. do Planalto Central, commissão Cruls).
- Batucador** (fam.), s. m. adj. Individuo que toca mal piano. « Qual pianista! F. não passa de um *batucador*. »
- Batucar** (fam.), v. i. Tocar mal piano. « F., quando muito, *batuca* umas polkas. »
- Batuira**, s. f. Narceja.
- Batuira do mar grosso**, s. f. Pequeno pernalta (*Hematopus palliatus*).

Batumado, adj. Carapinhado (cabello). « Este mulato tem o cabelo *batumado* como o de um negro. »

Batumen, s. m. Parede de barro ou cera com que as abelhas sylvestres separam os cortiços do objecto em que se apoiam.

Batuqueiro, s. m. Indivíduo que frequenta batuques, sambas. « O Evaristo é um *batuqueiro* que não perde uma festa. »

Becó, adj. (fam.). Papalvo, ingenuo.

Begoava, s. f. Mollusco (*Clonax rugosa*).

Beçar, v. i. (gíria). Fazer um *bluff* no jogo. « F. *beçou* fazendo crer que tinha uma quadra. »

Beço, s. m. (gir.). *Bluff* (em jogo). « O meu *beço* fez-me ganhar a mesa. »

Beçola, adj. Beçudo.

Beija, s. f. Cerimonia de se beijarem as estatuas ou imagens sagradas. Cf. Sertões, 208.

Beijo de moça, s. f. Planta herbacea composta (*Cosmos bipinatus*).

Beijo do matto, s. m. Planta leguminosa (*Phaseolus rubrus*).

Beijú, s. m. Nome vulgar dos *placers* nas lavras diamantíferas de Bagagem.

Beiradear, v. i. Caminhar pelas margens de um rio. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 40.

Beldroega da praia, s. f. Planta ficoidacea (*Sesurium portulacastrum*).

Bellarmino, s. m. (gíria). Sandeu, imbecil. « Nesta historia toda, te sahiste como um bobo, como um *bellarmino*. »

Belletrista, s. m. Homem de letras. « O conhecido *belletrista* acaba de publicar mais um romance. »

Bellicosidade, s. f. Tendencia bellicosa, combatividade. « A *bellicosidade* cada vez mais acentuada dos chilenos pode promover uma segunda guerra do Pacifico. »

Belota decotada, s. f. Planta herbacea composta (*Liatris incisa*).

Bendegó, s. m. Trambolho. Objecto volumoso. « Este ar mario é um *bendegó*, a atravancar o quarto. »

Benedicto, s. m. Passaro trepador (*Melanerpes flavifrons*).

Beque cheiroso, s. m. Planta piperacea (*Piper aromaticum*).

Bererê, s. m. Peixe da Amazonia (*Acara festivus*).

Bererê, s. m. Mosquito do genero *anopheles*.

Bernicida, s. f. Substancia exterminadora dos bernes. « O *sarnol* é um *bernicida* poderoso. »

Bernento, adj. Atacado de berne. « Os bois andam muito *bermentos*. » Qualificativo dos lugares onde os bernes abundam.

Berrar, v. i. Ter ascendencia africana. « F. *berra*. Veja-lhe os cabellos e a côr da pelle! Perfeito mulato! »

Bertholdice, s. f. Calinada, bernardice. « O que dizes é uma *bertholdice*. »

Bestar, v. i. Vagar despreocupadamente. Contemplar. Vegetar, vadiar.

Bestarel, s. m. (gir.). Adulteração depreciativa do titulo de *bacharel*.

Béstia, s. f. (gir.). Discurso sem nexo e burlesco. Chorriho de asneiras. « O brinde do B. foi um verdadeiro *bestia*. Uma serie de imbecilidades! »

Bestialogico, s. m. Discurso asnatico. « F. tem pretensões a orador e não passa de um fazedor de *bestialogicos*. »

Betis, s. f. Planta piperacea (*Piper eucalyptifolium*).

Bezerrão (fam.), s. m. Menino grande e gordo. « Vi F e os filhos, dous *bezerrões*! Não parecem ter a pouca idade que têm. »

Biboca, s. f. Casebre. « O pobre homem mora numa *biboca*, o mais sordido dos pardieiros que é possível imaginar. »

Biboqueira, s. f. Buraqueira. Serie de precipicios. « A estrada é uma *biboqueira* quasi intransitavel. »

Bica de jogo, s. f. Calha a que um *machinismo dá um movimento* de vae vem para transportar grãos de cereaes ás machinas de beneficiamento.

Bicame, s. f. Calha de conducção d'agua. Encanamento descoberto.

Biceps, s. m. gir. Força muscular. « D. tem *biceps* para carregar quatro arroubas. »

Bicha, s. f. (giria). Febre amarella. Nome que provem talvez da primeira designação dada ao morbo quando irrompeu no Brazil no seculo XVII.

Bichão, s. m. Homem corpulento. « F. é um *bichão*. Tem talvez nove palmos de alto. » Bicharoco.

Bichar, v. i. Ganhar dinheiro (M. Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia. »

Bicharada, s. f. Bicharia. « A casa de F. é um jardim zoológico, com a sua *bicharada*. »

Bicharia, s. f. Animal (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».

Bicharia, s. f. ou *Bicharada* (giria de estudantes). Collectivo que designa os estudantes de humanidades.

Bicheiro (gir.), s. m. Banqueiro que vende *jogo do bicho*.

Bicho, s. m. Cavalgadura (M. Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».

Bicho, s. m. Jogo de azar regulado pelos sorteios lotericos.

Bicho, s. m. Estudante de humanidades (giria).

Bicho claro, s. m. Bicho de seda affectado de certa molestia que lhe muda a côr.

Bicho de concha, s. m. Individuo mysterioso e retrahido. « J. é um *bicho de concha*, ninguem lhe conhece a vida. »

Bicho de chifre, s. m. Parasita do fumo (*Epithrix parvula*).

Bicho de maçã, s. m. Parasita que ataca e destroe os algodoaes (Bol. de Agric.).

Bicho de pé, s. m. Insecto parasitario do homem e dos animaes (*Culex penetrans*).

Bicho molle, s. m. Parasita do fumo (*Protoparce carolia*).

Bico! Interjeição; cale se! « *Bico!* nem mais uma palavra! »

Bico, s. m. (gir.). Mil reis. « Custa o chapéu dez *bicos*. »

Bico de arara, s. m. Arvore que fornece madeira de lei. Cat. Exp. Nac.

Bico de braza, s. m. Passaro da Amazonia. Cf. Moura, Viagem ao Tocantins.

Bico de furo, s. m. Passarinho (*Oryzoborus torridus*).

Bico de papagaio, s. m. Planta euphorbiacea (*Euphorbia incarnata*).

Bico de papagaio, s. m. Arvore leguminosa (*Machærium lenato*).

Bico de pato, s. m. Arvore da flora paulista. Ap. H. Pereira, ob. cit.

Bico grosso, s. m. Passarinho (*Oryzoborus crassirostris*).

Bicorapiá, s. m. Arvore fructifera da Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Bicota, s. f. (fam.). Beijoca. « Vou dar-te uma *bicota* em cada face. »

Bicotar, v. t. (fam.). Beijocar.

Bicudo, adj. Alcinha que nos tempos da Independencia davam aos portuguezes em Matto Grosso.

Biguatinga, s. m. Palmipede pelicanideo (*Plotus anhinga*).

Billionario, s. m. Individuo multimillionario. « Rockefeller, Carnegie e outros *billionarios* norte-americanos. »

Bilontragem, s. f. Maroteira, tratantice, quebra de contracto. « X. fez me a *bilontragem* de vender o café que eu lhe propuzera comprar. »

Bilontrar, v. i. Fazer *bilontragens*. Levam uma vida dissipada, ociosa. « F., que era tão serio, deu para *bilontrar* que pasma. »

Bilreira, s. f. Passarinho (*Chivo machærius manacus*).

Binga, s. f. Estojo onde se guarda o isqueiro.

Binocular, v. t. (fam.) Olhar com o binoculo. « F. em vez de assistir á comedia leva o tempo a *binocular* para os camarotes. »

Biqueiro, s. m. (giria). Baile reles. *Farra. Forrobodó*.

Biriguy, s. m. Mosquito do genero *anopheles*.

Biraia, s. f. Marafona. Ap. Al. Azevedo, « O Cortiço. »

Biriba, s. m. Nome vulgar do *guariba* (*Mycetes*) em certas zonas do Brazil central. Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 154.

Biribiri, s. m. Peixe da Amazonia (*Leporinus nigrotæniatus*).

Bironha, s. f. Mosca varejeira.

Birote, s. m. Nome dado a certo penteado feminino que consiste em reunir os cabellos no cocoruto da cabeça.

Birú, s. m. Mosca varejeira. Nome vulgar entre os caipiras paulistas.

Biry, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Biscaia, s. f. Termo cearense. Egua. Cf. Gustavo Barroso. *Terra de sol*, p. 98.

Biscateador, s. m. Individuo que vive a fazer biscates. « O João, na fazenda não tem emprego fixo, é um *biscateador*. »

Biscatear, v. i. Viver de biscates. « O José antigamente era ferreiro, hoje *biscateia* como tratador de animaes, trabalhador de enxada, etc., sempre irrequieto. »

Bisnagrada, s. f. Acto de molhar com o liquido de uma bisnaga. « F. recebeu no rosto uma *bisnagrada* de um liquido caustico que lhe queimou a pelle. »

Bispo, s. m. (giria). Antigo funcionario de repartição. « F. é *bispo* do thesouro assim como o S. o é da *contadoria*; ambos tem trinta annos de serviços. »

Bispo, s. m. (giria). (Entrar o). Locução empregada para exprimir que um alimento se queimou ao cozinhar.

Blefar, v. i. Illudir os parceiros do jogo, fazendo lhes crer que existe jogo forte quando tal não se dá. De modo geral esconder uma situação precaria por meio de demonstrações de abastança. « M... vive a *blefar* com os ultimos restos de fortuna quando todos sabem que está arruinado. » (Do inglez *bluff*).

Blefe, s. m. Acto ou acção de *blefar*.

Boa-noite, s. f. Planta balanophoracea. (*Lophophytum Leandrii*.)

Boasnoites, s. f. Planta convolvulacea (*Calomyctum speciosum*).

Boateiro, adj. e s. m. Individuo que inventa noticias de alcance politico e as espalha, espalhador de boatos. « F. é um *boateiro* incorrigivel. Já o chamaram á policia por esse motivo. »

Bocada, s. f. Mordidela : apprehensão de alimentos, hausto. « A primeira *bocada*, o caipira lançou-a fora achando o sorvete muito frio. »

Boca d'agua, s. m. Simio (*Callithrix brunea*).

Boca de barro, s. f. Abelha sylvestre.

Boca de juquiá, s. m. Peixe fluvial (*Acara nassa*).

Boca de sapo, s. f. Planta genciana (*Dejanira rubescens*).

Boca de sapo, s. f. Abelha sylvestre.

Boca de velha, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Boçalidade, s. f. Qualidade do que é boçal. « F. é de uma *boçalidade*, de uma estupidez! Que alarve! »

Boca preta, s. m. Simio (*Saimiris entomophaga*).

Boca torta, s. m. Vespideo do Ceará (*Polybia occidentalis*).

Boceta, s. f. Apparelho de pesca. Cf. Camara, ob. cit., p. 31.

Bocopary, s. m. Planta euphorbiacea (*Platoma insignis*).

Bodó, s. m. Peixe fluvial do Ceará (Inform. partic).

Bodocada, s. f. Arremesso do *bodoque*. « Com uma *bodocada* certa o menino matou o passarinho. »

Bodoque, s. m. Especie de besta, cujo projectil é uma pedrinha, uma bala de barro cozido, etc.

Bogó, s. m. Especie de balde de couro usado para o transporte d'agua nos sertões bahianos.

Boi, s. m. Gancho de que se servem os barqueiros do Tocantins nas corredeiras. Cf. Moura, *Tocantins*.

Boia, s. m. Grão de café chocho que sobrenada nos lavadores.

Boia, s. f. (giria). Refeição. « São horas do almoço, da *boia*. »

- Boiar**, v. t. (gíria). Comer. « Ja' boiei: almocei a valer. »
- Boiar**, v. i. Chamar o gado, voz a que se dá o nome de *boio* ou aboio.
- Boião**, s. m. Fogão in que os seringueiros improvisam para a primeira defumação do latex da seringueira.
- Boi de lote**, s. m. Nome que em certas regiões do Rio Grande do Sul dão ao touro (inf. partic.).
- Boio**, s. m. Grito pelo qual os boiadeiros procuram dirigir o gado. Ap. Lyrio Ferdinand, « O Boi ».
- Boiote**, s. m. Termo cearense. Bezerro castrado. Cf. Gustavo Barroso, *Terra de sol*, p. 102.
- Boiuna**, s. f. Enguia da Amazonia (*Lepidosiren paradoxa*).
- Boiuna**, s. f. Serpente venenosa do Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.
- Bolacha**, s. f. Lamina fina de borracha.
- Boleiro**, s. m. Fabricante de bolas.
- Boliche**, s. m. Jogo de quilhas de origem hespanhola.
- Bolina** s. m. (chul.). Indivíduo que persegue mulheres pelas ruas.
- Bolinar**, v. i. (chul.). Perseguir mulheres em publico.
- Bolo**, s. m. O peso que tende a rede de pesca. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 19.
- Bomba**, s. f. Tubo por onde se aspira a infusão de mate. Cf. *Dicc. de brazileirismos* de Leão.
- Bomba**, s. f. (gir.). Reprovação em exames.
- Bombaiona**, s. f. Planta herbacea similacea (*Herreria salsa-parrilha*).
- Bombardeador**, s. m. adj. Que bombardeia. « A 13 levantou ferro a esquadra *bombardeadora* da infeliz cidade. »
- Bombardino**, s. m. Instrumento musical metallico e de sopro.
- Bombeação**, s. f. (gir.). Reprovação em massa. « Os examinadores estiveram ferozes hoje. Houve uma *bombeação* tremenda. »
- Bombeado**, adj., s. m. Indivíduo reprovado em exame. « Os *bombeados* estão furiosos com a banca examinadora. »
- Bombeador**, adj., s. m. (gir.). Examinador que se compraz em reprovar. « F. é um *bombeador* terrivel, a custo lhe arranca alguém um simplesmente. »
- Bombear**, v. t. (gir.). Reprovar em exames.
- Bombeiro**, s. m. Espia, sentinella. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 156.
- Bom-é**, s. m. Passarinho do Ceará. Mem. cit.
- Bom nome**, s. m. Peixe marinho. Cesar Marques, *Dicc. do Espirito Santo*.
- Boneco**, s. m. Brochura ainda não cosida. « Já vi o *boneco* de meu livro, mas ainda não lhe escolhi a capa. »
- Borajuba**, s. f. Madeira de lei da Amazonia. Cat. Exp. Nac.
- Bordão de velha**, s. f. Planta piperacea (Ceará) (*Cusparia macrophylla*).
- Bordelengo**, adj. Freguentador de bordeis. « F. desman-dou-se; não sahe dos alcouces, é um *bordelengo* incorrigivel. »
- Bororó**, s. m. Pequeno cervideo (*Cervus ruftinus*).

Borregan, s. f. Qualidade de lã; a que é produzida por cordeiros.

Boruleo, s. m. Planta herbacea da familia das urticaceas.

Botafogo, s. f. Abelha sylvestre do genero *trigona*.

Botão, s. m. Nome vulgar das concreções de silica nas lavras diamantinas da Bagagem.

Boto, s. m. Cetaceo delphinideo (*Sotalia brasiliensis*).

Boto, s. m. (gir.). Cousa volumosa. « Como hei de carregar pelas ruas este enorme embrulho, este boto ? »

Botoado, s. m. Peixe fluvial (*Doras murica*).

Boto branco, s. m. Cetaceo de agua doce (*Inia amazonica*).

Botar-se, v. i. Fazer-se de viagem (Matto Grosso). Ap. Tournay, *Innocencia*.

Bourbon, s. m. Variedade de cafeeiro. (*Coffea bourbonica*).

Boxerismo, s. m. Xenophobia exaltada. Por analogia com os sentimentos dos xenophobos chinezes. « F. é de um boxerismo tão insupportavel quanto tolo. Asnatico nativismo ! »

Boxer, s. m. Xenophobo chinez.

Bracanjuba, s. f. Uma das formas da designação da *piracanjuba*, grande peixe dos rios de S. Paulo.

Bracayá, s. m. ou gato do matto. Felino selvagem.

Bracuhy, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Branquilha, s. m. Madeira de lei do Paraná. Cat. Exp. Nac.

Branquinha, s. f. (gir.). Aguardente.

Brecumbucú, s. m. Peixe fluvial (*Pimelodus bufonius*).

Bredo, s. m. Termo cearense. Matto. Cf. Gustavo Barroso, *Terra de sol*, p. 103.

Bredo de muro ou **lingua de sapo**, s. m. Planta herbacea urticacea (*Piper transparentis*).

Bredo de porco ou **herva tostão**, s. m. Planta herbacea nyctagacea (*Boerhavia hirsuta*).

Bredo vermelho, s. m. Planta herbacea phytolacea (*Phytolaca Caruvú*).

Bredo de veado, s. m. ou **Bucho de veado**. Planta rubiacea (*Amalona cryptocarpa*).

Bredo major gomes, s. m. Planta herbacea portulacacea (*Talinum crenatum*).

Brejal, s. m. Pantanal. « Este *brejal*, formado pelo rio Mogy é extensissimo. »

Brejauva, s. f. Planta herbacea. Boletim da Com. Geograph. de São Paulo.

Breu, s. m. Genero de saveiros muito empregado no Rio de Janeiro.

Breu branco, s. m. Madeira de lei da Amazonia (Museu Paraense).

Brevidade, s. f. Bolo de farinha de trigo e ovos. Ap. Tournay, *Innocencia*.

Bricabraquista, s. m. Negociante de bricabraque. Termo constantemente usado na imprensa.

- Brijaúba**, s. f. Palmeira (*Astrocarium ayri*).
- Brijaúba**, s. f. Lagrima. *Derrubar a brijaúba*, chorar, expressão muito popular no interior de São Paulo.
- Brinco**, s. m. Appendice gorduroso que certos porcos têm sobre o maxillar inferior.
- Brincos de saguirú**, s. m. Árvore (*Pithecolobium avaremo-temo*).
- Brincos de viuva ou Tangetange**, s. m. Arbusto leguminoso (*Lupinus unijugata*).
- Briquitar**. Lidar, occupar-se com. *Passei o dia briquitando neste torno*. Verbo corrente no sul de S. Paulo.
- Brivana**, s. f. Termo cearense. Egua. Cf. G. Barroso, *Terra de sol*, p. 98.
- Bró**, s. m. Pão feito com os estípites do coqueiro ouricury. Cf. Sertões, 138.
- Broca** (gir.), s. f. Mentira. Esta noticia não passa de formidavel *broca*, é falsissima. »
- Brocagem**, s. f. Corte previo de arbustose e pequenos arvores antes dos grandes madeiros, quando se fazem derrubadas.
- Brocar**, v. i. (gir.). Mentir.
- Broco**, adj. Qualificativo que em Goyaz dão aos veados quando lhes cahem as pontas. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 68.
- Brochar** (gir.), v. i. Mentir.
- Broinha**, s. f. Doce feito de polvilho e coco. Cf. *Dicc. de brazileirismos* de Leão.
- Bromador ou embromador**, adj. Trapaceiro, mentiroso. (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
- Brota**. Peixe dos Açores. Ap. informação particular.
- Brotação**, s. f. Phase de germinação das sementes.
- Bruaca**, s. f. Rameira (chul.).
- Brujarara**, s. f. Passaro formicarioide (*Thamnophilus Leachi*).
- Bruto**, s. m. Madeira de lei. H. Pereira, ob. cit.
- Bucú**, s. f. Insecto que vive nas madeiras podres. Cf. *Dicc. de brazileirismos* de Leão.
- Bucurubú**, s. m. Árvore leguminosa (*Schizolobium excelsum*).
- Bucuuva**, s. f. Coco de copaiba. Cf. *Dicc. de brazileirismos* de Leão.
- Bucúva**, adj. Imbecil; sandeu; pessoa muito rustica. « És tão tolo que pareces um *bucuva!* »
- Bucúva**, s. f. Árvore da flora paulista. Ap. H. Pereira, ob. cit.
- Bué** (fam.), s. m. Choradeira, berreiro; « com as palmadas o menino abriu pavoroso *bué* ».
- Bufador**. Nome que os pescadores bahianos dão as narinas da baleia. Cf. Camara, ob. cit., p. 53.
- Bufador**, adj. valentão ou gabarolas. « F. é *bufador* mas não sustenta o *repuxo* ».
- Bufar**, v. i. Enfurecer-se « F. *bufou*, ficou possesso com a pilheria. »

Bugi, s. m. Capinzal. Termo cearense. Cf. G. Barroso, ob. cit., p. 39.

Bugiado, adj. Diz-se do cavallo cuja côr lembra a do bugio.

Bugio, s. m. Engenhoca primitiva de moer canna.

Bugre, s. m. Arvore leguminosa (*Albizzia Lebbeck*).

Bugrismo, s. m. Ascendencia india. « Nesta familia não ha *bugrismo*. »

Buiry, s. f. Serpente, não venenosa (?).

Bulinete, s. m. Bicame onde se lança o cascalho diamantifero para o lavar.

Bulla, s. f. Indicação que acompanha um medicamento.

Bundá, s. m. Traste, objecto velho. Cacareu. « Os *bundás* do velho não valem cem mil reis. »

Buque, s. m. (gir.). Prisão. « F. esteve oito dias no *buque* por desordeiro. »

Buraqueira, s. f. Terreno muito alcantilado e cheio de depressões. Successão de *caldeirões*. « A estrada com as ultimas chuvas se transformou numa *buraqueira* perigosa. »

Buraqueira, s. f. Lugar afastado de cidades e selvagem (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».

Burbank, s. m. Arvore fructifera do Japão (Bol. de Agric.).

Burdigão, s. m. Polypo utilizado para a fabricação da cal no Espirito Santo, (Ap. Cesar Marques. « O Espirito Santo »).

Buré, s. m. Mingau feito com milho verde.

Buritirana, s. m. Palmeira parecida com o burity.

Burrego, adj. Aquelle que é falto de intelligencia. Individo estúpido. « O J... que é um *burrego* julga ser talentoso. »

Burrico, s. m. Jumento. « A mula é o producto do *burrico* e da egua. »

Burundum, s. m. Individo apaixonado pela caça.

Butúca, s. f. Espora. « Este cavallo pula quando sente a *butúca* na barriga. »

Butuca, s. f. Nome que em certas regiões paulistas dão á *motuca*.

Butucada, s. f. Esporada. « Com a *butucada* o *pingo* pulou ». »

Butucar, v. t. Esporear. « O burro, tanto o *butuquei* que afinal se decidiu a andar. »

Buxo de peixe, s. m. Materia prima da *ichthyocolla*.

C

Caá cambuhy, s. f. Planta euphorbiacea (*Euphorbia serpens*).

Caá cuís, s. f. Nome que no sul de Matto Grosso dão á folha do matte ainda na prefoliação.

Caá guará, s. f. Nome que no sul de Matto Grosso dão ás folhas do matte quando desenvolvidas.

Caá-ingá, s. f. Arvore da familia das leguminosas (*Pithecolobium sanguineum*).

Caámi, s. f. Planta aquifoliacea (*Ilex amara* Parodi).

Caá pomonga, s. f. Planta plumbaginea (*Plumbago scandens*).

Caá pucá, s. f. Planta myrtacea (*Martierea glomerata*).

Cabaceiro, s. m. Arvore da familia das compostas (*Stiffia parviflora*).

Cabacinha de cobra, s. f. Planta cucurbitacea.

Cabassú, s. f. Abelha sylvestre do Ceará. Mem. cit.

Cabeça de arroz, s. m. gir. Individuo futil. « F... só pensa em trivialidades, é um *cabeça de arroz*. »

Cabeça de camarão, s. m. gir. Individuo estúpido. Por analogia com o crustaceo que tem os intestinos na cabeça.

Cabeça de pedra, s. m. Grande pernalta (*Tantalus loculator*).

Cabeça de prego, s. m. (fam.). Pequeno furunculo.

Cabeça de rubim, s. m. Nome vulgar de um passarinho no Ceará. Mem. cit.

Cabeça dura, s. m. gir. Individuo estúpido. « Quanto me custou ensinar o serviço áquelles *cabeças duras*, quasi broncos. »

Cabeça dura, s. m. Peixe marinho. Cesar Marques, « Dicionario chorographico do Espirito Santo. »

Cabeça encarnada, s. m. Passarinho (*Chiroxia pureola*).

Cabeça encarnada, s. m. Ave formicaróide da Amazonia (*Picus albirostris*).

Cabeceira, s. f. Planta bignoniacea (*Crescentia cujele*).

Cabeçada, s. f. Tartaruga da Amazonia. Ap. Ignacio de Moura, Viagem ao Tocantins.

Cabeçudo, s. m. Peixe da Amazonia (*Pimelodus ornatus*).

Cabeçudo, s. m. Palmeira (*Coccoa capitata*).

Cabelleira, s. m. gir. Individuo que usa cabellos muito compridos. « Hoje vi aquelle *cabelleira* nosso vizinho. »

Cabellino de Jesus, s. m. Planta leguminosa (*Calliandra Tweedii*).

Cabello de negro, s. m. Arvore da familia das connaraceas (*Connarus suberosus*).

Cabello de negro, s. m. Arbusto erythroxyloce (*Erythroxyton campestre*).

Cabelloiro, s. m. Nuca dos animaes. Termo cearense. Cf. *Luzia Homem*, p. 53.

Cabelludo, s. m. Simio (*Pithecia leucocephale*).

Cabelludo (gir.), adj. Entrincado. « Eis ahí um caso *cabelludo* de difficilima solução. »

Cabina, s. f. Posto de signaes nos caminhos de ferro, á entrada de estações, entroncamentos, etc.

Cabineiro, s. m. Homem que dirige uma cabina.

Cabiuna, s. m. Nome dado aos negros desembarcados clandestinamente no littoral brasileiro, após a lei de repressão do trafico de africanos.

Cablar, v. t. e i. Telegraphar. Aportuguezamento do verbo francez *câbler* muito corrente nas rodas bolsistas.

Caboatan da capoeira, s. m. Arbusto sapindaceo (*Caponia vernalis*).

Caboatan de leite, s. m. Arvore terebinthacea (*Mauria lactifera*).

Cabocla, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 99.

Caboclo, s. m. Peixe da Bahia, ob. cit., p. 89.

Caboclo, s. m. Nome de um vespideo commum no Estado de São Paulo.

Caboclo vermelho, s. m. Nome que nas lavras diamantinas dão ao hematito.

Cabo de facão, s. m. Arvore tamaricinea (*Myricaria brasiliensis*).

Cabo de machado, s. m. Arvore da flora de Pernambuco.

Cabopochy, s. m. Planta malvacea (*Ipomea malvæoides*).

Caboré, s. m. Bolo de mandioca e trigo assado ao espeto. Cf. *Dicc. de brazileirismos* de Leão.

Caboré ou cabreuva, s. m. Arvore leguminosa (*Myrocarpus fastigiatus*).

Caborge, s. m. Mandinga; feitiço.

Caborgeiro, adj., s. m. Feiticeiro; mandingueiro. « O negro velho é um caborgeiro temido. »

Caborjá, s. f. Peixe fluvial.

Cabotinismo, s. m. Ancia de exhibição, desmarcada pre-
sumpção, amor ao reclamo. « O *cabolinismo* do Dr. F... muito mal lhe faz á clinica. Muito ganharia sendo mais modesto. »

Cabreiro (gir.), s. m. e adj. Individuo finorio. « Duvido que logrem. F... é um *cabreiro* passado por India e Mina. »

Cabreuva, s. f. Arvore leguminosa (*Myrocarpus fastigiatus*).

Cabrinete, s. m. Individuo que usa a barba á *cavaignac*.

Cabrinha, s. f. Baleote já alentado em dimensões (sul da Bahia). Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 99.

Cabrito, s. m. Madeira de lei. Ap. Taunay, « Goyaz na exp. de 1873).

Cabrué, s. f. Arvore da flora catharinense. Coelho, ob. cit.

Cabuhy, s. m. Arvore leguminosa (Bol. de Agric.).

Cabujá, s. m. *Coroatá de rede*. Bromelia (?).

Cabuloso, adj. qualificativo do individuo cuja companhia é desagradavel, importuna. « Queira Deus que F... parta quanto antes. Como é *cabuloso* ! ».

Caburaia s. f. Arvore leguminosa (*Myrocarpus fastigiatus*).

Caburé, s. m. Cesto de alça.

Caburé de orelha, s. m. Ave nocturna (*Scops brasiliiani*).

Caburé do sol, s. m. Pequena coruja (*Glaucidium punilum*).

Caça-foices, s. m. Individuo imprestavel, vagabundo. Expressão do oeste de São Paulo.

Caçambeiro (giria paulista), adj. Intrigante, mexeriqueiro.

Cação, s. m. Pirão de farinha e agua.

Cação do salgado, s. m. Peixe da Amazonia (*Carcharias porosus*).

Caça peixes, s. m. Arvore do Rio Grande do Sul (Velloso-Missões).

Caçaroba, s. f. Pombo selvagem (*Chlerenas ruftina*).

Caça-torpedeiros, s. m. Pequeno cruzador destinado a perseguir torpedeiros.

Cacaué, s. m. Pequeno periquito (*Conurus jendaya*).

Cacaurana, s. m. Arvore da Amazonia. Ap. *Inf. Verde*.

Cacau selvagem, s. m. Arvore da familia das bombaceas (*Pachira insignis Savigny*).

Cacetada, s. f. Cousa maçadora. Importunação. « Que cacetada ouvir o discurso do Dr. F... ! »

Cachabú, s. m. Planta cactacea.

Cacharana, s. f. Palmeira (*Bactris chloracantha*).

Cachatravessado, adj.; giria. Amulatado. « S... não é bem branco, acho-o *cachatravessado*. »

Cachoco, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Cachorreira, s. f. Madeira de lei do Maranhão. Cat. Exp. Nac.

Cachorreiro, s. m. Individuo que cria ou trata de cães de caça.

Cachorrinho do matto, s. m. Pequeno ursino (*Grisonia vittata*).

Cachorrismo, s. m. Indignidade. « Procedendo assim S... foi de um cachorrismo sem par. »

Cachorro, s. m. Haste da espora que sustem a roseta.

Cachorro rabeca, s. m. Peixe da Amazonia (*Auchenipterus striolatus*).

Cacifar, v. tr. Guardar em cacifo. Recolher (no jogo) as entradas dos jogadores.

Cacife, s. m. Cacifeiro. Individuo depositario das entradas no jogo.

Cacinho, adj. Diz-se do cão de caça, que corre diversas caças.

Caciquismo, s. m. Mandonismo. Prepotencia de chefe. « O coronel S... em Pedra Branca exerce verdadeiro *caciquismo* ».

Caco, s. m. Armação de madeira de certos sellins.

Caçoero, s. m. Rêde de pesca do Sul de Bahia (Inform. partic.).

Cacoethe, s. m. Sestro. « F. tem o desagradavel *cacoethe* de torcer o nariz. »

Caçoista, adj. Caçador. Individuo dado a caçadas.

Cacúlo, s. m. Covinha do queixo ? (Termo cearense). Cf. *Luzia Homem*, p. 13.

Cacunda, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 99.

Caçuto, s. m. Chefe politico, mandão. Cf. Dicc. de Leão.

Cadorna, s. m. Nome que em Goyaz se dá á codorniz. Cf. *Henr. Silva*, ob. cit., p. 117.

Caecae, s. m. Vehículo parecido com o *bond*, que serve

para o transporte de aves, hortaliças, etc., no Rio de Janeiro.

Cafagestice, s. f. Ou.

Cafagestismo, s. m. Acção de cafageste. « S... chegou a um grau de *cafagestismo* incrível.

Café bravo, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Café do matto, s. m. Planta apocynacea (*Tabernaemontana læta*).

Caftinagem, s. f. Lenocinio.

Caftinar, v. t. Exercer o lenocinio. « Este homem foi deportado por andar a *caftinar*; com elle seguiram mais dez caftens. »

Cafuleta, s. f. Cofre de madeira com tampa de couro usado nas jangadas. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 85.

Cafuleteiro, s. m. Um dos tripolantes da baleeira : o paioleiro. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 63.

Cafumango, s. m. (gir.), Preto cozinheiro.

Cagasebo, s. m. gir. Belchior. Individuo que negocia em livros velhos.

Cagotilho ou **cangotilho**, s. m. Nome commum de certo mal que ataca os mueres.

Caguira, s. m. Individuo imprestavel. *Cábula. Jettatore.*

Cahidor, s. m. Lugar proprio para o gado atravessar um rio. « Perto da fazenda ha um *cahidor* excellente sobre o Paranahyba que é quasi um vau. »

Cahuí-tahú, s. m. Ave gallinacea (?) (*Palamedea cornuta*).

Caí, s. m. Pequeno simio.

Caiaté, s. f. Palmeira (*Attalea Humboldtiana*).

Caïçara, s. f. Nome que em Goyaz dão a um recesso onde se embosca o caçador. Silva, ob. cit., 171.

Caïçara, s. m. Caipira asselvajado e de humilde origem. Termo injurioso no Oeste de São Paulo.

Caïçarada, s. m. Reunião de *caïçaras*, caipiras asselvajados. « Naquelle sertão só ha uma *caïçarada* bronca. »

Caicurá, s. f. Grande fogueira.

Caingá, s. f. Madeira de lei do Maranhão. Cat. Exp. Nac.

Cairana, s. f. Planta herbacea medicinal.

Cairussú, s. f. Planta umbellifera (*Hydrocotyle triflora*).

Caiuia-assú, s. f. Arbusto lobeliáceo (*Lobelia viscosa*).

Caiuia-mansa, s. f. Arbusto melastomaceo (*Centronia tinctoria*).

Caiuinha, s. f. Arbusto commelinaceo (*Dichorsandra elegans*).

Caixacobre, s. f. Planta cactacea da tribu das nopaleas.

Caixa d'agua (gir.), s. m. Ebrio habitual, alcoolico inveterado.

Caixão de defunto, s. f. Borboleta diurna (*Papilio thoas*).

Caixeiral, adj. relativo a caixeiro. « A classe *caixeiral*. »

Caixeta, s. f. Arvore da familia das bignoniaceas (*Tatebuia cassinoides*).

Cajahyba, s. f. Arvore (*Spondias brasiliensis*).

Cajamurú, s. m. Planta solanacea (*Solanum saponaceum*).

- Cajucica**, s. f. Resina do cajú.
- Cajuhy**, s. m. Arvore de elevado porte. Bol. Agric.
- Cajuvina**, s. f. Madeira de lei da Amazonia.
- Calabar**, s. m. Peixe da Bahia, chicharro. Cf. Camara, ob. cit., p. 103.
- Calaboca**, s. m. Cacete grosso e curto (Matto Grosso, Ap. Taunay, *Innocencia*).
- Calão**, s. m. Rede de pescar de malha larga (Sul da Bahia). Cf. Camara, ob. cit., p. 19.
- Calção de velha**, s. m. Planta loganiacea (*Buddleia brasiliensis*).
- Caldeirão**, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.
- Caldo de feijão**, s. m. Ave columbina (*Chamapelia talpacoti*).
- California**, s. f. (gir.). Fortuna; fonte de riqueza. « F. tem uma fazenda que é uma *california*; graças a ella enriqueceu. »
- Callo**, s. m. (gir.). Calote. « Pregou-me um *callo* de duzentos mil reis; promettera pagar-me logo. »
- Callo**, s. m. Cavallo. Curiosa, contracção da palavra, corrente no interior de Brazil. Cf. Gustavo Barroso, *Terra de Sol*, p. 57. Os caipiras paulistas dizem uns *caállo*, outros *caólo* e outros ainda muito nitida e simplesmente *callo*.
- Caloiar-se**, v. p. (gir.). Matricular-se no primeiro anno de uma escola superior.
- Calombento**, adj. Diz se de alguém cheio de calombos. Lugar onde ha calombos. « As formigas deixaram me o braço calombento. »
- Calumba**, s. f. Arvore rutacea (*Simaba calumba*).
- Calumbi**, s. m. Arbusto da familia das leguminosas, tribu das mimosas.
- Calendar**, adj. *Santos calendares*. Cf. Fradique Mendes, p. 20.
- Camarada**, s. m. Um dos cabos de baleeira. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 66.
- Camaradeiro**, adj. Serviçal, communicativo. Amigo de fazer relações. « F. é muito *camaradeiro* dá-se com todo o mundo. »
- Camaradinha**. Planta verbenacea (*Verbena Chamaedrifolia*).
- Camarão**, s. m. Bengala de junco muito flexivel.
- Camarinha**, s. f. Palmeira (*Pindarea fastuosa*).
- Camarinha**, s. f. Compartimento maior do curral de peixes.
- Camarú**, s. m. Madeira de lei. H. Pereira, ob. cit.
- Cambão**, adj. Tropego, coxo.
- Cambará**, s. m. Variedade de mandioca. (Bol. de Agric.)
- Cambará da meia legua**, s. m. Planta verbenacea (*Lantana brasiliensis*).
- Cambarasinho**, s. m. Planta verbenacea (*Lantana sellowiana* LK).
- Cambaraussú**, s. m. Arvore que fornece madeira de lei. Cat. Exp. Nac.
- Cambarba**, s. f. Planta cuja casca tem propriedades tannantes (*Curatella americana*).
- Cambauva**, s. f. Graminea (Bol. de Agric.).
- Cambira**, s. f. Planta bignoniac. Relat. da Com. Geogr.

Cambito, s. m. Perna fina. « Com a molestia as pernas desta creança passaram a ser uns *cambilos*, uns *canigos*. »

Cambito, s. m. Termo cearense, cabide. Cf. G. Barroso, Terra de Sol, p. 79.

Cambota, s. f. Cambalhota (fam.).

Cambuba, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 101.

Cambucú, s. m. Peixe marinho do littoral paulista. Ap. annuncio da Cia de Pesca Santos.

Cambuquira, s. f. Grelo de abobora.

Cameronianismo, s. m. Seita dissidente do presbyterianismo escossez no seculo XVII.

Caminaú, s. m. Lago formado pela enchente de um rio. Ap. Moura, ob. cit.

Caminhamento, s. m. Topographia. Distancia entre duas estações num levantamento topographico. Conjuncto de distancias entre estações.

Caminhão, s. m. Utensilio de carpinteiro parecido com o furador.

Caminheiro, s. m. Passarinho (*Paroaria cucullata*).

Camiranga, s. m. Nome vulgar de uma ave de rapina no Ceará. Mem. cit.

Camocica, s. m. Pequeno veado (*Cervus nanus*). (Bahia e Minas).

Camoropim, s. m. Peixe marinho do Ceará. Mem. cit.

Campainha grande, s. f. Planta convolvulacea (*Convolvulus crasripes*).

Campeão, s. m. Cavallo com o qual os vaqueiros reúnem o gado (Norte). Ap. Lyrio Ferdinand, « O Boi ».

Campeiro, s. m. Pequeno cervideo (*Cervus campestris*).

Campello, s. m. Apparelho de pesca. Cf. Camara, ob. cit., p. 101.

Camucá, s. m. Madeira de lei do Maranhão.

Camury, s. m. Pequeno fluctuador usado para a pesca na Amazonia. Ap. Con. Bernard.

Camutanga, s. f. Abelha sylvestre.

Canaá, s. m. Rapineiro do Amazonas (*Herpethothes cacinans*).

Canagra, s. f. Planta polygonacca (*Rumex hymenosepalum*).

Canalhocrata, s. m. Membro da canalha dominante no governo de um paiz. « O ministro F. é um *parvenu*, um *arrivista*, um canalhocrata. »

Canalhocratico, adj. O que se refere á canalhocracia. « O governo canalhocratico da Communa. »

Cananan, s. m. Peixe fluvial.

Canario da terra, s. m. Passarinho (*Sycalis flaveola*).

Canastra, s. m. Grande tatú, o gigante da especie.

Canastra, s. m. Raça de porcos brasileira. « No meu chiqueiro só tenho canastras. »

Canastrão, s. m. Barrão da raça canastra. « O pae desses leitões é um *canastrão* immenso. »

Cancheado, adj. qual. do matte picado em minusculos pedaços. « Aqui está um surrão de *cancheado* fino. »

Cancra, s. f. Batega violenta. « Fiquei molhado com a *cancra* d'agua que apanhei. » Varias vezes ouvi empregar-se este termo no oeste paulista.

Candeia, s. m. Crustaceo (*Achelous spinimanus*).

Candiar, v. f. Guiar um carro de bois como *candieiro*. « O João é quem *candeia* aquelle carro. »

Candelabro, s. m. Variedade de maniçoba (*Manihot glaziovii*).

Candieiro, s. m. Arvore da familia das compostas.

Candirú, s. m. Minusculo peixe fluvial (*Cetopsis speciosum*).

Candiruassú, s. m. Peixe da Amazonia (*Cetopsis caeculicus*).

Canellão, s. m. Arvore da flora paulista.

Canella ruiva, s. m. Suideo selvagem. Queixada (*Dicotyle torquatus*).

Cangá, s. m. Nome que no sul da Bahia dão a uma especie de alforge.

Cangalheta, s. f. Genero de sella rustica.

Cangambá, s. f. Planta escrophulariacea (*Brumfelsia hopeana*).

Cangapara, s. m. Pequeno chelonio, especie de jabuty.

Cangaty, s. m. Peixe marinho do Ceará. Mem. cit.

Cangica, s. f. Planta verbenacea (*Lantana trifolia*).

Cangiquinha, s. f. Pequeno tumefacção. « A sarna produz uma serie de *cangiquinhas*. »

Cangotinho, s. m. Nome que os baleeiros bahianos dão a certa região da baleia onde os lançãos são mortaes. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 77.

Cangotudo, adj. Pescocudo.

Canhão (gir.), s. m. Mulher muito feia.

Canharana, s. f. Arvore da flora catharinense. Coelho, ob. cit.

Canhenho, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Caninana, s. f. Pessoa de mau genio. « A Maria é uma *caninana*; qualquer cousa a enfurece. »

Caniquié ou **Cainito**, s. m. Arvore fructifera da Amazonia (*Chrysophyllum cainito*).

Canivete, s. m. Pequeno cavallo magro e feio. Ap. Taunay, « Innocencia ».

Caniveteação, s. m. Acto de canivetear.

Canivetear, v. tr. Golpear com canivete. « O malvado, á falta de faca, *caniveteou* a pobre mulher. »

Canjarana, s. f. Nome vulgar de certo felino em Goyaz (*Felix brasiliensis*). Cf. Henr. Silva, ob. cit., 141).

Canjurupim, s. m. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 100.

Canna brava, s. f. Graminea (*Anthrocantium gigans*).

Canna de jacaré, s. f. Planta herbacea (*Equisetum martii*).

Canna do matto, s. f. Planta gingiberacea (*Costus*).

Canna frista, s. f. Arvore leguminosa (*cassia ferruginosa*).
Corruptela de canafistula.

- Cantal**, s. m. Variedade de queijo francez.
- Canto chorado** (de). Locução. *Trazer de canto chorado*. Vigiar de perto. « Não deixar pisar em ramo verde ». Alormentar.
- Canudo**, s. m. Planta convolvulacea (*Ipomea fistulosa*).
- Canudo**, s. m. Arvore do valle do São Francisco. Ap. Theodoro Sampaio, « Chapada Diamantina. »
- Canudo**, s. m. (gir.) Diploma. « Em Dezembro defendo theses e afinal obtenho o meu *canudo* de medico. »
- Canudo**, s. m. Abelha sylvestre.
- Canudo amargoso**, s. m. Planta apocynacea (*Geissosperma vellosii*).
- Canudo de purga**, s. m. Planta apocynacea (*Rauvolfia canescens*).
- Canxeação**, s. f. Acto de *canxear* o matte.
- Canxeador**, s. m. Utensilio proprio para a canxeação do matte.
- Caopiá**, s. m. Arvore guttifera (*Vismia guyanensis Choisy*).
- Capação**, s. f. Castração dos animaes.
- Capação**, s. f. Suppressão dos botões floraes antes do seu desenvolvimento.
- Capadinho de brincos**, s. m. Individuo baixote e muito gordo (gir.)
- Caparary**, s. m. Peixe da Amazonia (*Platystoma coruscans*).
- Capáros**, s. m. Simio da Amazonia (*Myceles lagothrix*).
- Caparosa**, s. f. Arbusto onagriariaceo (*Jussiaea caparosa*).
- Caparosa**, s. f. Planta rica em tanino (*Ludwigia caparosa*).
- Caparosa do campo**, s. f. Planta nyctaginea (*Neeia theliferia Oersted*).
- Capatary**. Tartaruga do Araguaya e Tocantins. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 175.
- Capella**, s. coll. Bando de bugios.
- Capellão**, s. m. Simio adulto que parece exercer as funcções de chefe de bando. Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 154.
- Caperom**, s. m. Companheiro. Termo paranaense. Cf. Leão, *Dicc. de brazileirismos*.
- Capicurú**, s. m. Planta hippocratacea (*Salavra campestris*).
- Capijuba**, s. f. Nome vulgar de um genero de macacos no Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.
- Capim andacá**, s. m. Graminea (Dicc. de bot. de Arruda Camara).
- Capim bobó**, s. m. Graminea forrageira (*Andropogon saccharoides*).
- Capim de colonia**, s. m. Graminea (*Panicum maximum*).
- Capim de burro**, s. m. Graminea (Dicc. Arruda Camara).
- Capim de cidade**, s. m. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).
- Capim de fogo**, s. m. Graminea (*Cinna castanea*).
- Capim de Frei Luiz** ou **mellado**, s. m. Graminea (Dicc. de A. Camara).
- Capim do Pará**, s. m. Graminea (*Panicum numidii*).
- Capim esteira**, s. m. Planta cyperacea (*Scirpus riparius*).
- Capim lambe rosto**, s. m. Graminea (*Chusquea anelythroides*).

- Capim meladinho mineiro**, s. m. Gramínea (*Panicum maximum*).
- Capim morotó**, s. m. Gramínea (*Andropogon glaucescens*).
- Capim peba**, s. m. Gramínea (*Anatherum bicorne*).
- Capim rabo de burro**, s. m. Gramínea (*Periclytema brasilianum*).
- Capim rei**, s. ou **Maririçó**, s. m. Planta herbácea iridácea (*Sisyrinchium galaxioides*).
- Capim roseta**, s. m. Gramínea (*Cenchrus echinatus*).
- Capim tapaussú**, s. m. Gramínea forrageira. Bol. de Agric.
- Capim taquarisinho**, s. m. Gramínea (*Anatherum umbrale*).
- Capim voador**, s. m. Gramínea forrageira.
- Capininga**, s. m. Pequeno chelonio parecido com o jabuty.
- Capiroto**, s. m. (gíria cearense). O demonio. Cf. *Terra de sol*, p. 264.
- Capiongo**, adj. Termo cearense. Macambusio. Cf. *Luza Homem*, p. 242.
- Capiscação**, s. m. (gir.). Compreensão. Acto de *capiscar*.
- Capiscar** (gir.), v. tr. Compreender. Adaptação do verbo italiano. « Do allemão não *capisco* quasi nada. »
- Capitãenseiro**, s. m. Planta da Amazonia. « Ap. Inf. Verde. »
- Capitão**, s. m. Boia da rede de pescar. Cf. *Camara*, ob. cit., p. 42.
- Capitão de bigodes**, s. m. Nome generico dos passaros *bucconideos*.
- Capitão de corveta**, s. m. Posto na marinha brazileira (o quinto da escala).
- Capitão de sala**, s. m. Planta umbellifera (*Hydrocotyle umbellifera*).
- Capitão do matto**, s. m. Planta cucurbitácea (*Dermophyla elliptica*).
- Capitão do matto**, s. m. Borboleta diurna (*Morpho achillena*).
- Capitão tenente**, s. m. Posto na marinha de guerra brazileira (O quarto da escala).
- Capitary**, s. m. Pequeno chelonio terrestre.
- Capitiçova**, s. f. Planta polygonácea (*Polygonum acre*).
- Capitiú**, s. m. Planta gengiberácea (*Recalmia occidentalis*).
- Capixim**, s. m. Arvore monimiácea (*Mollinedia Schottiana*).
- Capixingui**, s. m. Planta euphorbiácea (croton).
- Capoava**, s. f. Nome que em certas regiões do Brazil central dão á anta (*Tapirus americanus*).
- Capoeira branca**, s. f. Planta solanácea (*Solanum cernuum*).
- Capoeiragem**, s. f. Cunjuncto de passes gymnasticos de que usam os capoeiras quando luctam. « O valor da *capoeiragem* reside sobretudo na agilidade. »
- Capoeiro**, s. m. Nome que no Ceará se dá a certo veado. Cf. *Terra de sol*, p. 53.
- Capororoca**, sf. Planta myrsinácea (*Rapania umbellata*).
- Capororoca**, s. m. Palmipede cigonideo (*Cygnus coscoroba*).
- Capote**, s. m. Parte superior ou tampo de um cortiço de abelhas.

Capoteira, s. f. Pasta que serve para guardar autos ou quaesquer papeis.

Captivo, s. m. Seixo que aos mineradores de diamantes serve de indice da existencia de pedras preciosas. Ap. Tournay, « Goyaz ».

Capuaba, s. m. Terreno lavradio. « Este sito é uma *capuaba* admiravel para milho. »

Caputuna, s. f. Arvore da flora paulista. « Relat. da Com. Geograph. »

Caqueira, s. f. Arvore leguminosa (*Cassia bicapsularis*).

Carabobo, s. m. Peixe fluvial (*Acara dorsiger*).

Caraca, s. f. Nome que no Ceará se dá ao suber de certas arvores.

Caraca, s. f. Nome que no Rio de Janeiro se dá á certo mollusco adherente ás estacas dos trapiches.

Caracarahy, s. m. Ave de rapina falconidea (*Mitvago ochrocephalus*).

Caracaxá, s. m. (gir.). Penderucalho; venera de condecoração.

Caradura, s. m. (gir.). *Tramway* mixto para cargas e passageiros.

Caraguá, s. m. Variedade de milho. Bol. de Agricult.

Caraguatassú, s. m. Planta amaryllidacea (*Fourcroya gigantea*).

Caraguantan, s. m. Arvore da flora paulista.

Caraia, ou :

Carajá, s. m. Grande simão do genero *myceles*.

Caramenguá, s. m. Mascotte. Objecto *porte bonheur*. « Este dente de cotia é um *caramenguá* que uso desde muito e com muita « sorte ».

Caramurú, s. m. Ichtioido da Amazonia (*Lepidosiren paradoxa*).

Caramurupy, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Caranan, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Carananahy, s. f. Palmeira (*Mauritia aculeata*).

Carancho, s. m. Individuo que em certos jogos espera o seu turno para jogar.

Carandahú, s. f. Palmeira (*Copernicia cerifera*).

Carandahysinha, s. f. Palmeira (*Mauritia Martiana*).

Carandá moroty, s. f. Palmeira (*Tithrinax brasiliensis*).

Carangola, s. f. Arvore fructifera do Espirito Santo. Ap. Chorogr. de Cesar Marques.

Carangueijola, s. f. gir. Carro desconjuntado, tipoia.

Caranha, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 102.

Carapá, s. m. Peixe marinho de Ceará. Mem. cit.

Carapanaúba, s. f. Planta herbacea. Relat. Comm. Geograph.

Carapé, adj. Manquitola, capenga.

Carapiassaba, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 102.

Carapinhé, s. m. Especie de gavião, semelhante ao *caracará*.

Carapirá, s. m. Especie de gavião do Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.

- Carapitanga**, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 102.
- Carapova**, s. f. Variedade de cará.
- Cararé**, s. m. Planta empregada na tinturaria. Bol. Agric.
- Cara suja**, s. f. Ave do Rio Grande do Sul. Velloso, ob. cit.
- Caratahy**, s. m. Peixe da Amazonia (*Doras wedelli*).
- Caratinga**, s. m. Peixe marinho. Cesar Marques, ob. cit.
- Carauassu**, s. m. Peixe fluvial (*Acara crassipinis*).
- Caraubeira**, s. f. Madeira de lei da Amazonia. Con. Bern., ob. cit.
- Caraunha**, s. m. Peixe das costas cearenses. Mem. cit.
- Caravonico**, s. m. Assucar de certo typo. Bol. Agric.
- Carcamano**, s. m. Alcinha depreciativa dos italianos.
- Carcassa**, s. f. Batracio (*Rana scutata*).
- Cardão**, adj. Diz-se do cavallo cujo pello é branco sujo (Ceará). Cf. *Terra de sol*, p. 97.
- Cardigueira**, s. f. Pomba sylvestre de Goyaz. Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 134.
- Cardio-pathologico**, adj. o que se refere ás molestias cardiacas.
- Cardio-pathologo**, s. m. Medico especialista em molestias cardiacas.
- Cardomelão**, s. m. Planta cactacea (*Echino cactus*).
- Carepé**, s. m. Arvore da Amazonia (*Licania floribunda*).
- Careta**, s. m. Coleoptero da familia dos gorgulhos (*Cyphus*).
- Careta**, s. m. Carta que nos baralhos destinados a diversos jogos, sobretudo ao do poker, corresponde ao *jolly joker* dos inglezes.
- Careteiro**, adj. Fazedor de visagens, de caretas. « F. tantos tregeitos faz como ainda não vi *careteiro* igual. »
- Caridagueres**, s. m. Simio (*Myceles logothrix*).
- Carijó**, s. m. Arvore leguminosa (*Centrolobium tomentosum*).
- Carijó**, s. m. Rapineiro falconideo (*Astur magnirostris*).
- Carijó**, s. f. Nome vulgar das gallinhas de pennas arrepiadas.
- Carijó**, s. f. Columbino silvestre (*Columbula squamosa*).
- Cariman**, s. m. Praga dos cannaviaes. Bol. de Agric.
- Carimatei**, s. m. Peixe da Amazonia (*Prochilodus rubrotæniatus*).
- Carioca**, adj. Raça de porcos domesticos brasileiros. Travassos : Monographias agricolas.
- Carioca**, s. m. Variedade de arroz. Bol. de Agric.
- Caripé**. Arvore rosacea (*Licania microcarpa*).
- Cariperana**, s. f. Madeira de lei da Amazonia.
- Carity**, s. m. Arvore silvestre do Maranhão.
- Carixo**, s. m. Passarinho (*Molobrus sericeus*).
- Carnaco**, s. m. Peixe da Amazonia (*Pimelodus notatus*).
- Carne secca**, s. f. Xarque.
- Carne secca** adj. (gir. fluminense). Individuo rico, sem instrucção nem educação.
- Carne de sol**, s. f. Carne de vacca secca ao sol.

- Carne de vacca**, s. f. Arvore protacea (*Rhopala elegans*).
- Carne de vento**, s. f. Carne salgada secca á sombra.
- Caroavel**, adj. Predisposto. Susceptivel. Ap. Taunay, « Inno-
cencia ». « O verão torna as pessoas *caroaveis* ás molestias. »
- Carobeira**, s. f. Arvore bignoniacea (*Cyristax antisiphili-
tica*).
- Caroboassú**, s. m. Arvore bignoniacea (*Jacarandá copaya*).
- Caroço**, s. m. (gir.). Pausa que occorre aos oradores pouco
fluentes. « O padre teve dois *caroços* no sermão ».
- Carombó**, adj. Diz-se do boi de chifres tortos (Ceará). *Terra
de sol*, p. 400.
- Carona**, s. f. (chul.). Calote. Preterição. « O F. contava ser
promovido a major agora mas levou tremenda *carona* ». « O
sujeito esteve tres mezes na *casa* e pregou *carona* ao proprie-
tario. »
- Carona**, s. f. Capa de couro com bolsos. Cf. *Terra de sol*,
p. 79.
- Carpideira**, s. f. Machina agricola destinada a carpir (capi-
nar).
- Carrapatar-se**, v. pr. Segurar-se com todas as forças. « F.
*carrapato*u-se em casa do S... que de lá não sahe mais. »
- Carrapaticida**, s. m. Substancia destinada a matar os carrapa-
tos que atacam o gado. « O sarnol é um optimo *carrapati-
cida*. »
- Carrapato**, s. m. Variedade de arroz. Bol. de agricult.
- Carrapato**, s. m. Peixe da Bahia. Cf. *Camara*, ob. cit.,
p. 402.
- Carrapeta**, s. f. Arvore meliacea (*Guarea trichilioides*).
- Carregão**, s. m. Puxão que o peixe dá ao anzol.
- Carreira**, s. f. Trabalho (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Inno-
cencia ».
- Carreiro**, s. m. Lugar por onde passa habitualmente a caça.
« Cevei certo ponto do *carreiro* das pacas. »
- Garretão**, s. m. Machina primitiva para o beneficiamento
do café.
- Garretela**, s. f. Carrocinha de certo typo muito usado no
Oeste de São Paulo.
- Carricho**, s. m. Passarinho (*Triglodytes furvus*).
- Carro na lama**, s. m., adj. Individuo moleirão e sem pres-
timos.
- Carrosol**, s. m. Arvore fructifera (*Anona muricata*).
- Cartulencia**, s. f. (gir.). Carta de jogar. « Desmanchei meu
jogo e peço tres *cartulencias*. »
- Caruara**, s. f. Epizootia das aves domesticas caracterisada
por uma asthenia geral. Ap. *Chacaras e Quintaes*, revista avicola,
vol. V, nº 5.
- Caruarú**, s. m. Nome vulgar de um lagarto no Maranhão.
Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.
- Carurú de sapo**, s. m. Planta oxalidacea (*Oxalis martiana*).
- Carvoeiro**, s. m. Arvore rubiacea (*Faramea campanularis*).
- Cary**, s. m. Peixe do rio de São Francisco.

Casacalmente, adv. de modo burl. (gíria). Vestido de casa. « Só podes ir ao theatro *casacalmente*, já se vê! »

Casaco de couro, s. m. Nome vulgar de um passarinho no Ceará. Mem. cit.

Casa de prego, s. f. Estabelecimento onde se fazem emprestimos sob penhor. Diz-se também simplesmente *prego* (fig.) estabelecimento que faz usura ou cobra taxas de juro muito elevadas. « O Banco Rural é uma *casa de prego* verdadeira. »

Casado, s. m. Pequeno ananaz sylvestre (Bol. de Agric.).

Casagrande, s. f. Designação da morada do fazendeiro nas propriedades agrícolas de São Paulo.

Casamenteação, s. m. Combinação matrimonial. « A *casamenteação* dos conhecidos é a única preocupação desta senhora. »

Casamenteador, adj. Individuo que se compraz em fazer ou propalar combinações matrimoniaes. « F. é tão *casamenteador* que vive a procurar noivos para meninas. »

Casamentear, v. t. Fazer hypotheses ou espalhar boatos acerca de enlaces matrimoniaes. « F. *casamentea* o João com a Maria. »

Casamenticio, adj. (linguagem familiar). Matrimonial. F. está com ideias *casamenticias*.

Cascabulho, s. m. (gir.). Estudante de humanidades. « Este *cascabulho* destina-se á Escola Polytechnica. »

Casca de jacaré, s. f. Arvore da flora catharinense. Coelho, ob. cit.

Casca de virgindade, s. f. Planta leguminosa, barbatimão (*Mimosa virginalis*).

Casca grossa, s. m. *Parvenu* sem educação. « F. tem muito dinheiro mas não passa de um *casca grossa* muito bruto. »

Cascara, s. f. Vestimenta usada por diversas tribus da Amazonia, Bolivia e Perú e feita com cascas de arvores.

Cascavel, s. f. Porteira fechada por uma serie de varas paralelas.

Cascavelar, v. intr. Imitar o ruido que faz a cascavel. Ap. Almachio Diniz, « O Diamante Verde ».

Cascuda. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 102.

Cascudinha, s. f. Coleoptero (*Epicauta atomaria*).

Cascudo de aranha, s. m. Coleoptero da familia dos tenebrionideos.

Cascudo de enfeite. Coleoptero da familia das chrysomelinas (*Eumolpus*).

Casqueiro, s. m. Ostreira, *sambaqui*.

Casquinha, s. m. Certo typo de café despoldado.

Casquinho, s. m. Planta herbacea. Bol. de Agric.

Cassaco, s. m. Nome que em Goyaz dão ao gambá (*Didelphys surita*).

Cassary, s. m. Nome de uma especie de bagre no sul da Bahia.

Casselha, s. f. App. de pesca usado na Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 26.

Cassia de empigens, s. f. Planta leguminosa (*Cassia mimosoides*).

Cassoeira, s. f. Rede dos pescadores bahianos. Cf. Camara, ob. cit., p. 21.

Cassoeirinha, s. f. Rede dos pescadores bahianos. Cf. Camara, ob. cit., p. 22.

Cassoroba, s. f. Ave columbina selvagem.

Cassote, s. m. Batrachio (*Cystygnatus pachipus*).

Cassununga, s. m. Indivíduo importuno, aggressivo pedinchão, aproveitador (giria do interior do Estado de S. Paulo). « Que *cassunungas!* F. e os filhos! Querem viver a nossa-custa. » Por analogia com os assaltos dos bandos do vespideo deste nome.

Cassununga, s. m. Vespideo cujos cortiços são muito aggressivos.

Castanha de bugre, s. f. Arvore (*Anisosperma passiflora*).

Castanha de macaco, s. f. Planta lecythinacea (*Coroupita-guianensis Aubl.*).

Castanheiro, adj. Errado (tratando de linguagem). Este homem fala uma lingua muito *castanheira* (Ceará. Ap. inform. particular.).

Castanhola, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 102.

Castello, s. m. Nuvem pesada (*Cumulus*).

Castiçal, s. m. Palmeira (*Iriartea exorrhiza*).

Castilloa, s. f. Nome que em certas praças commerciaes dão ao *caucho*.

Castro, s. m. Passaro alcedinidio, martim pescador; (*Alcedo americana*).

Catador, s. m. Machina beneficiadora de café destinada a separar os grãos defeituosos.

Cataguá, s. m. Planta meliacea (*Trichilia catiguá*).

Cataiguassú, s. m. Arvore rutacea, jaborandy (*Pilocarpus pinnatifolia*).

Catanduva, s. f. Terra pouco fertil. « O inexperiente fazendeiro plantou dez mil pés de café numa *catanduva* fraquissima. »

Catanduval, s. m. Pinheiral. Termo paranaense. Cf. Leão, Dicc. de brazileirismos.

Catatau, s. m. Indivíduo extremamente baixo. « Este menino, filho de paes altos, ficou um *catatau*. »

Cataúba, s. f. Planta erythroxyloacea (*Erythroxyton sp.*).

Catende, s. m. Pequeno lagarto do sul da Bahia.

Catharineta, adj. (fam.). Natural do Estado de S. Catharina.

Catiguá, Arbusto meliaceo (*Trichilia catiguá*).

Catimboia, s. f. Cobra venenosa do Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.

Catimbueira, s. f. Nome pelo qual, na Matta mineira são designadas as espigas de milho que não se desenvolveram inteiramente.

Catinga de negro, s. f. Planta capparidacea (*Cleone gigantea*).

Catinga de porco, s. f. Arvore leguminosa (*Caesalpinia porcina*).

Catinga branca, s. f. Arvore lauracea (*Linharea tinctoria*).

Catinga de tatú, s. f. Planta capparidacea (*Cleone gigantea*).

Catingueira, s. f. Arvore leguminosa (*Caesalpinia Gardneriana Benth.*).

Catingueiro, s. m. Graminea forrageira.

Catingal, s. m. Largo trato de terras maninhas. « O F... comprou um catingal que nada produz. »

Catingudo, adj. *Catingueiro*, *catinguento* : Forma do Brazil central. Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 68.

Catita, s. f. Nome vulgar de um mamifero selvagem da fauna cearense. Mem. cit.

Catorra, s. m. Genero de periquitos (*Conurus murinus*).

Catorrita, s. m. Ave psittacidea (*Myopsita monachus*).

Cattetão, s. m. Variedade de arroz. (Bol. de Agric.)

Cattete, s. m. Variedade de arroz. (Bol. de Agric.)

Catrumano, s. m. Caipira, rustico, tabareu (zona de Paracatú Minas). Talvez corruptela de quadrumano.

Catúá, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Catucanhem, s. m. Arvore protacea (*Roupala glabrata*).

Catuquim, s. m. Insecto da Amazonia. Ap. « Inf. Verde ».

Caturra, s. m. Variedade de mamoeiro. (Bol. de Agric.)

Cauá-an, s. f. Genero de garça (*Ardea cocoi*).

Caucaso, s. m. Graminea forrageira. (Bol. de Agricult.)

Caucheiro, s. m. Explorador de *caucho*, borracha de qualidade inferior.

Caudilhismo, s. m. Regimen anarchico de sedições e *pronunciamentos*. « Porfirio Diaz acabou com o *caudilhismo* mexicano, prendendo, deportando e fuzilando uma serie de cabeceiras ».

Cauí', s. m. Espertalhão, tratante. « Não compres o cavallo daquelle cauí' que levas *manta*. »

Cauila ou **Cauira**, adj. Sovino.

Cauiré-y, s. m. Ave de rapina falconidea (*Falco albicularis*).

Cautitan, s. m. Ave gallinacea (*Palamedea cornuta*).

Cautoá, s. m. Peixe marinho do Ceará. Mem. cit.

Cavação (gir.), s. f. Pesquisa. Procura. Arranjo. « F. esta numa *cavação* terrivel á busca de emprego. »

Cavacué, s. m. Genero de papagaios (*Androglossa diademata*).

Cavadeira, s. f. Nome generico de uma familia de passaros trepadores : os galbulideos.

Cavador, s. m. (gir.). Individuo pertinaz e ousado ; pescador de dotes. « F... é um *cavador* incansavel de freguezia para a sua casa de commercio. »

Cavallão, s. m. Marca de certos jogos em que o jogador só tem figuras.

Cavallo, s. m. Peixe da Amazonia (*Argyriosus vomer*).

Cavanhaque ou **Cavaignac**, s. m. Modo de trazer a barba só no queixo como o fazia o general Cavaignac.

Cavantan, s. m. Arvore bignoniacea (H. Pereira, ob. cit.).

Cavaquista, adj. Irritavel, susceptivel. « Não brinques com Z... que se zanga elle, pois é muito *cavaquista*. »

Cavouqueiro, adj. Mentiroso (Matto Grosso). Ap. Taunay, « *Innocencia* ».

Cavucador, adj. Trabalhador, pertinaz. » F... obtem o que queria, pois é um *cavucador* incansavel. »

Cavucar, v. i. Trabalhar pertinazmente, fazer pela vida.

Caxango, s. m. Boi de córte (Bahia).

Caxaporra do gentio, s. f. Arvore combretácea (*Terminalia argentea*).

Caxarreu, s. m. Macho da baleia quando adulto (Sul da Bahia).

Caxicaem, s. m. Arvore protacea (*Roupala glabrata*).

Caxinxá, s. m. Individuo a quem faltam um ou mais dentes; *banquêta*. Maria muda os dentes e está *caxinxá* na frente. »

Cayugá, s. m. Madeiro de lei do Paraná.

Cebola brava, s. f. Planta liliacea (*Griffinia hiacynthina*).

Cebola do campo, s. f. Planta liliacea (*Amaryllis vitata*).

Cebolão, s. m. Arvore *padrão* de terras muito fertes e proprias para a cultura do café.

Ceholeiro, s. m. Arvore nyctagacea do genero *bougainvillea*.

Cebolinha da varzea, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Conego Bernard.

Cedro batata, s. m. Arvore meliacea (*Cedrela fissilis*).

Cega-olho, s. m. Planta asclepiadacea (*Asclepias umbellata*).

Cejerana, s. f. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Centavo, s. m. Subdivisão centesimal do *peso*, moeda de diversas republicas hispano-americanas.

Cepa, s. f. Peixe da Bahia tambem chamado *biquara*. Cf. Camara, ob. cit., p. 103.

Cereja, s. m. Café inteiramente maduro, bem vermelho.

Cereja do Rio Grande, s. f. Arvore myrtacea (*Eugenia edulis*).

Ceri, s. m. Arbusto verbenaceo (*Avicennia sericia*).

Ceribá, s. m. Palmeira (*Guillielmia insignis*).

Cericiba, s. f. Madeira de lei da Amazonia.

Cerneia, s. f. Omoplata dos cavallos.

Cerradão, s. m. Extenso trato de terras estereis. « A estrada corta por leguas e leguas um cerradão quasi desertico. »

Cerroto, s. m. Pequeno *cerro*, monticulo.

Ceveiro, s. m. Lugar onde se põe comida com o fim de atrahir peixes e pescalos.

Chá, s. m. Habito inveterado. « S... vai todos os dias ao theatro. E o seu *chá*. »

Chacoalhar, v. tr. Verbo universalmente empregado no Estado de São Paulo no sentido de vascolear.

Chacrinha, s. m. (gir.). Individuo que se deixa depennar ao jogo. « S... esteve a jogar com profissionaes que o limpam como *chacrinha* que é. »

Cha' de frade, s. m. Planta verbenacea (*Lantana pseudothea*).

Cha' de pedestre, s. m. Planta verbenacea (*Lippia pseudothea*).

Cha' dos apalaches, s. m. Planta ilicinea (*Ilex vomitaria*).

Chagas, s. f. Planta leguminosa (*Cesalpineia pulcherrima* Sev).

Chagas de São Sebastião, s. f. Planta uracea (*Monstera perulosa*).

Chaleirar, v. t. (gir.). Bajular sordidamente. « O F... bajula, *chaleira* o ministro de um modo indecoroso. » Neologismo recente.

Chaleirismo, s. m. (gir.). Bajulação sordida.

Chaleirista, s. m. (gir.). Bajulador sordido.

Chama, s. f. Passaro que se põe numa gaiola, perto de um alcapão, para attrahir outras aves.

Chamada, s. f. Prestação de quantia para a integralisação parcial ou total de um titulo. « As acções do Banco Hypothecario só tem tres *chamadas* de dez por cento. »

Chambaré, s. m. Peixe fluvial.

Champar, v. t. Arremessar. Bater. « O negro *champou-the* com a pedra á cabeça. »

Chamurro, s. m. Norilho castrado (Ceará). *Terra de sol*, p. 102.

Chanascar, v. tr. Tirar *chanaseos*, cavacos, estilhas de madeira.

Chanasco, s. m. Cavaco, estilha de madeira; fasquia.

Chapeu, s. m. Peixe marinho.

Charaban, s. m. Vehiculo que tem uma serie de bancos paralelos. Aportuguezamento de *char à bancs*.

Charcoso, adj. Pantanoso. (Relatorio da commissão explorador do rio Aguapehy).

Chareia, s. f. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Charravascal, s. m. Nome que em Goyaz dão ás charnecas. Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 116.

Charrua pequena, s. f. Planta da familia das compostas. (*Baccharis tridentata*).

Chartreuse, s. f. Licor preparado pelos monges cartuxos.

Charuto, s. m. Nome que os pescadores de Bahia dão ás pequenas tainhas. Cf. Camara, ob. cit., p. 103.

Charuto, s. m. (gir.). Individuo de côr preta.

Chascar, v. t. Dar um *chasco*. Puxar violentamente.

Chasco, s. m. Puxão violento. « Dei um *chasco* fortissimo ao anzol mas a trahira escapou. »

Chateado, part. de chatear (gir. portuense). Enfadado, enfadado. « Ando muito *chateado*, meio *blasé*. »

Chatear, v. i. (gir. portuense). Enfadar. O orador *chateou* nos avaler com a sua insipidissima conferencia. »

Chatice, s. f. (gir. portuense). Semsaboria. « Este autor é de uma *chatice* ! soporifero ! »

Chauá, s. f. Arvore sapotacea (maçaranduba; *mimosopus brasiliensis*).

Chavascar, v. t. Enfunar; bater de rijo. « O vento chavascou de rijo a vela. » X. Marques, Praieiros.

Chavelhudo, adj. (chul.). Individuo cuja mulher lhe é infiel.

Checar, v. t. Dar *cheque* ao rei (ao jogo de Xadrez).

Chefão, s. m. Politição. Regulo de aldeia. « A nossa caipirada obedece cegamente ao *chefão*, o Coronel S... »

Chefe de trem, s. m. Funcionario que dirige a marcha de um comboio.

Chefete, s. m. Chefe sem prestigio.

Chefoide, s. m. Termo depreciativo applicado a chefes politicos de pouco prestigio.

Chegador, adj. (gir.) aquelle que é amigo de pugilatos. Rixador. F... é um valente, um *chegador* destemido. »

Cheirador, adj. (chul.). Adulador sordido. « S... é o maior dos *cheiradores* do Barão, vive a lambar-lhe as plantas. »

Chelpudo, adj. (giria.). Dinheiroso.

Chereta, s. f. Nome que na India portugueza dão ao endocarpo do coco. « J. M. Sá : O Coco. »

Cherimolia, s. f. Arvore fructifera (*Anona cherimolia*).

Cherne, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Chernote, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Chiada, s. f. (gir.). Elegancia. « F... sahiiu hoje num *chic!* numa *chiada!* »

Chibança, s. f. Planta umbellifera (*Hydrocotyle umbellifera*).

Chibé, s. m. Planta com que se defuma a borracha nos seringaes.

Chicanista, adj. Habil em chicanas.

Chicolate, s. m. Café com leite e ovos batidos (Matto Grosso). Ap. Taunay, Innocencia.

Chico Pires, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Chifrada, s. f. Cornada, marrada. « A vacca deu um terrivel *chifrada*. »

Chifradeira, s. f. Couro que liga os quatro chifres de uma junta de bois.

Chifrar, s. m. Marrar. « Este touro é perigoso pois *chifra*. »

Chifre de veado, s. m. Madeira de lei de Goyaz. Ap. Taunay « Goyaz em 1875 ». »

Chifrudo, adj. (chul.). Individuo cuja mulher lhe é infiel.

Chilea, s. f. Planta composta (*Eupatorium dendroides* Spc).

China, s. m. Nome vulgar de uma especie de tatús no Maranhão. Ap. F. Prazeres, ob. cit.

China, s. f. Planta medicinal do R. G. do Sul. Velloso, ob. cit.

Chinchador, s. m. Argola do sellim onde se prende uma das pontas de laço.

Chinchar, v. a. Arrastar um animal preso ao laço.

Chincoá, s. m. Passarinho (*Piaya cayana*).

Chiqueiro, s. m. Termo pelo qual são designados nas lavras diamantinas as enseccadeiras.

Choca, s. f. Passarinho (*Thamnochillus doliatus*).

Chop, s. m. Certa quantidade de cerveja recentemente preparada; cerca de meio litro.

Chopa, s. f. Ponta de lança dos pescadores de baleias. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 65. Corrupt. de *choupa*.

Choppista (gir.). s. m. Individuo que abusa da cerveja e em geral das bebidas alcoolicas.

Chora lua, s. m. Ave caprimulgidea (*Nyctibius grandis*).

Chorão, s. m. Passarinho.

Chorão, s. m. Simio (*Cebus apelles*).

Chôro, s. m. (gir.). Baile reles. Cantoria acompanhada de guitarra.

Chorona, s. f. Variedade de maniçoba (*Manihot Glaziowii*).

Choupar, s. m. Verbo usado no matadouro de Santa Cruz para designar a matança do gado.

Choupeiro, s. m. Magarefe que no matadouro de Santa Cruz abate o gado.

Chovedouro, s. m. Direcção de onde vem a chuva habitualmente. « O nosso *chovedouro* fica do lado de oeste. »

Chovisqueiro, s. m. Chovisco forte. « Este *chovisqueiro* acaba em chuvarada. »

Chrismador, adj. Que chrisma. Que muda o nome. « O *chrismador* deste lugar, antigamente chamado Taquaral, foi o coronel Y... »

Christianizador, adj. Que propaga o christianismo. « Anchieta é o mais notavel dos *christianisadores* dos nossos indios. »

Chubregas, s. m. Labrego (?). Bebedo (?). Ap. Aluizio Azevedo. « O Cortiço. »

Chumaço, s. m. Peça do carro de bois collocada sobre os cocões para impedir que o eixo se desloque sobre a cheda.

Chumbeira, s. f. Peso tensor das redes de pesca. Cf. Camara ob. cit., p. 15.

Chumbinho, s. m. Planta leguminosa (*Phaseolus ellipticus atrifusus*).

Chupador, s. m. Especie de gorgulho (*Carpophyllus falipennis*).

Chupança, s. f. Denominação dada a certo insecto hematophago, commum no oeste de São Paulo.

Chupeta, s. f. Pequeno objecto de borracha que se dá as creanças de peito para que se entretendam a chupalo.

Chupitador, adj. O parceiro que em certos jogos de cartas é obrigado a guardar o descarte dos companheiros.

Chupitar, v. tr. Variante brazileira de chupistar. Beberriçar. Embriagar-se.

Chay, s. f. Genero de avestruzes (*Rhea americana*). R. Grande do Sul.

Cidade nova, s. m. (gíria flum). Individuo sem distincção, vulgar. « F... veste-se como um legitimo *cidade nova*, de um modo *cafageste* quanto possivel. »

Cidrilla, s. f. Arbusto verbenacco (*Verbera triphylla*).

- Cigana**, s. f. Formiga (*Prænoleps fulva*).
- Cincada**, s. f. Acto de cinciar. « Não se pode dizer que F... tenha errado; apenas commetteu uma *cincada*. »
- Cinco chagas**, s. f. Planta apocynacea (*Tabernæ montana læta*).
- Cincoentão**, s. m. Individuo maior de cincoenta annos. « Juca já é maduro, pelo menos *cincoentão*. »
- Cincoentona**, s. sf. Mulher que já attingiu cincoenta annos. « A Maria é mais que solteirona, mais que *cincoentona*. »
- Cinco Folhas**, s. f. Planta herbacea a que tambem se dá o nome de taruman. Dicc de Arruda Camara.
- Cincol**, s. m. Oleo extrahido do *Eucalyptus globulus*. H. Pereira ob. cit.
- Cindy-capote**, s. m. Planta herbacea apocynacea (*Valesia tinctorialis*).
- Cinta**, s. f. Parte media do cafeeiro. « Este pé está muito deguarnecido na *cinta*. »
- Cinta amarella**, s. f. Coleoptero longicornio (*Trachideres succinctus*).
- Cinzador**, adj. Individuo que occulta a sua posição precaria sob as apparencias de uma situação prospera.
- Cinzar**, v. tr. Deitar cinzas aos olhos. Lograr, apparentar uma situação falsa. « Os F... *cinzavam*, com o seu estadão, o tolo do genro que casou certo de que fazia casamento rico. »
- Cioba**, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 104.
- Cioba**, s. m. Individuo cuja amabilidade é excessiva e incommodativa. Expressão usada nos estados do Norte segundo informação particular. « F... é um *cioba* insupportavel com a sua insinceridade polida. »
- Cipó amargo**, s. m. Planta menispermacea (*Coccolos dichroa*).
- Cipó amarra de gigante**, s. m. Arbusto leguminoso (*Dolichos odoriferus*).
- Cipó amarra de giqui**, s. m. Arbusto verbenaceo (*Ægyphylla corymbosa*).
- Cipó branco d'arco**, s. m. Arbusto rhamnaceo (*Colletia sarmentosa*).
- Cipó branco de caboclo**, s. m. Arbusto bignoniaceo (*Bignonia prolixa*).
- Cipó branco de rego**, s. m. Arbusto bignoniaceo (*Bignonia vulgaris*).
- Cipó caboclo**, s. m. Arbusto tillenaceo (*Tetracera volubilis*).
- Cipó canella de jacú**, s. m. Arbusto hippocrataceo (*Salacia corymbosa*).
- Cipó caravuhy**, s. m. Arbusto apocynaceo (*Eschites alexicaceae*).
- Cipó carneiro**, s. m. Planta apocynacea (*Echites suberosa*).
- Cipó catinga de paca**, s. m. Planta elaginea (*Eleagnus trispermum*).
- Cipó chumbo**, s. m. Planta convolvulacea (*Cuscuta americana*).
- Cipó correlha**, ou *Flor de veado* s. m. Planta apocynacea (*Crytolepis eduliflora*).
- Cipó cruapé**, s. m. Arbusto sapindaceo (*Paulinia cururú*).

- Cipó cruz**, s. m. Planta rubiacea (*Chiococca anguicida*).
Cipó cruz, s. m. Planta ranunculacea (*Clematis dioica*).
Cipó curura, s. m. Planta apocynacea (*Echites Martii*).
Cipó d'alho, s. m. Arbusto bignoniaceo (*Bignonia alliacea*).
Cipó d'arco, s. m. Arbusto malpighiaceo (*Galpimia officinalis*).
Cipó de agulha, s. m. Planta da flora paulista. Rel. Expl. Rio Tietê.
Cipó de caboclo, s. m. Planta da flora paulista. Explor. Rio Aguapehy.
Cipó de carijo, s. m. Planta dilleniacea (*Davila rugosa*).
Cipó de cesto, s. m. Planta bignoniacea (*Argyria pulchra*).
Cipó de cesto grande, s. m. Planta rosacea (*Poterium sarmetosum*).
Cipó de cumanan, s. m. Planta euphorbiacea (*Euphorbia phosphorea*).
Cipó de empigem, s. m. Arbusto sapindaceo (*Stadinamia depressa*).
Cipó de escada, s. m. Arbusto leguminoso (*Bauhinia radiata*).
Cipó de gota, s. m. Planta ampelidea (*Cissus pulcherrimus*).
Cipó de jabotá, s. m. Planta cucurbitacea (*Feuillea trilobata*).
Cipó de junta, s. m. Planta sapindacea.
Cipó de leite, s. m. Planta apocynacea (*Mesechites sulphurea* Muel Ag.).
Cipó de mainibú, s. m. Planta bignoniacea.
Cipó de morcego, s. m. Planta bignoniacea (*Bignonia unguiscati* L.).
Cipó de paina, s. m. Planta trigoniacea (*Trigonia paniculata*).
Cipó de poita, s. f. Planta bignoniacea (*Adenocalymma foveolatum*).
Cipó de rego, s. m. Planta sapindacea (*Bignonia rego*).
Cipó de sapo, s. m. Planta asclepiadacea (*Araujia sericifera*).
Cipó de timbó, s. m. Planta sapindacea do genero *serjanus*.
Cipó do reino, s. m. Planta ranunculacea (*Clematis dioica* L.).
Cipó em, s. m. Planta smilacea (*Smilax papyracea*).
Cipó fraco, s. m. Planta dilleniacea (*Candollia fragilis*).
Cipó guira, s. m. Planta bignoniacea (*Bignonia guira*).
Cipó icica, s. m. Planta composta (*Cacalia quadrifolia*).
Cipó Manuel Alves, s. m. Planta rubiacea (*Azantes fasciculata*).
Cipó mão de sapo, s. m. Arbusto ampelidaceo (*Cissus coralinus*).
Cipó mulatinho, s. m. Arbusto dilleniaceo (*Tetracera asperosa*).
Cipó pau, s. m. Arbusto da familia das sapindaceas.
Cipó poca, s. m. Planta de Amazonia. Ap. Con. Bernard.
Cipó rabo de timbú, s. m. Planta sapindacea (*Cardiospermum fragile*).
Cipó sangue, s. m. Planta sapindacea (*Paulinia sanguinea*).
Cipó sumá, s. m. Planta juncacea (*Anchietea salutaris*).
Cipotaiá, s. m. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.
Cipó tinga, s. m. Arbusto polygonaceo (*Coccoloba littoralis*).
Cipó titora, s. m. Planta da flora maranhense. Cat. Exp. Nac.
Cipó tripa de gallinha, s. m. Planta urticacea.

Cirigado, adj. Diz-se de certa côr de pelle dos bois (Ceará) Cf. *Terra de sol*, 100.

Cisirão, s. m. Graminea forrageira (*Latturus cicera*).

Ciumento, adj. Invejoso. « S... soffre muito com o ser ciumento. Não ha quem não inveje. » Acepção vulgar em S. Paulo.

Clangorosamente, adv. De modo clangoroso. « Os clarins estrugiam clangorosamente. »

Clangorosidade, s. f. Qualidade do que é clangoroso. « A clangorosidade das trombetas egypcias no segundo acto da Aida é magnifica. »

Claquista, s. m. Membro de uma *claque*. « Os claquistas, durante algum tempo fizeram frente aos pateadores. »

Claraiba, s. f. Planta cordiacea (*Cordia insignis Cham*).

Clasimetro, s. m. Instrumento usado em operações topographicas.

Clavinotaço, s. m. Tiro de clavinote. « Um dos soldados tomou em pleno peito o clavinotaço do bandido. »

Clavinote, s. m. Pequena clavina; typo de espingarda muito usado nos sertões do Brazil central.

Cleps, s. m. Theodolito de fabricação americana de determinado typo.

Coacto, s. m. (Xadrez.) Posição em que o rei não se pode mover; não dispondo o partido a que pertence de pedra alguma que possa ser jogada. « A partida acabou empalada por um *coacto* ».

Coara, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Coari bravo. Planta composta (*Fageles minuta L.*).

Coariuba, s. f. Arvore vochysiacea (*Vochysia grandis*).

Coatá branco, s. m. Simio (*Ateles variegatus*).

Coatiguá, s. m. Arvore da flora paulista. Expl. Rio Agua-pehy.

Coatiara ou urutú, s. m. Serpente venenosa (*Lachesis alternatus*).

Coati mondeu, s. m. Roedor (*Nasua solitaria*).

Cobra de duas cabeças, s. f. Nome vulgar dos reptis amphis benideos.

Cobra tapete, s. f. Serpente venenosa (*Lachesis jararacussii*).

Cobreira, s. f. (gir) Quantia avullada. « A herança é grande, cobreira grossa, talvez uns seis centos contos. »

Cobió, s. m. Planta solanacea (*Solanum sessileflorum*).

Coça-coça brava, s. f. Arbusto solanaceo (*Solanum urens*).

Cocada, s. f. (gir.) Cabeçada. « O capoeira arrumou-lhe uma cocada em cheio no peito, uma cabeçada terrivel. »

Coçar, v. intr. Ter algum ascendencia africana. « O G... coça fatalmente. Veja-lhe os labios, a tez de mulato. »

Cocegas, s. f. Manhas do cavallo. » E 'um animal brioso este, mas tem *cocegas* que precisamos tirar-lhe. »

Coceira, s. f. Epizootia dos suinos.

Cócha, s. f. Empenho, recommendação valiosa. « Conto obter o emprego graças ás *cochas* que arranjei para o ministro. »

Cochilo, s. m. Somno leve. Descuido, distração. » Um *cochilo* do revisor fez sahir no jornal uma obscenidade. »

Cocó, s. m. Penteado feminino que consiste em ajuntar os cabellos no cocoruto da cabeça.

Coco, s. m. (gir.). Cabeça.

Coco da serra, s. m. Palmeira (*Coccos campestris*).

Coco de bacahyba, s. m. Palmeira (*Acrocomia glaucescens*).

Coco de cachorro, ou cheriteá. s. m. Palmeira (*Coccos romanzoffiana*).

Coco de cigano, s. m. Palmeira (*Desmoncus orthocampus*).

Coco de dendê, s. m. Palmeira (*Elacia guineensis*).

Coco de guaresima, s. m. Palmeira (*Coccos flexuosa*).

Coco de guriry, s. m. Palmeira (*Diplothemium maritimum*).

Coco de La Cordillera, s. m. Palmeira (*Attalea guaranitica*).

Coco de quaresma, s. m. Palmeira (*Coccos picrophylla*).

Coco de sapo, s. m. Palmeira (*Coccos Romanzoffiana*).

Coco de vassoura, s. m. Palmeira (*Coccos Barbosii*).

Coco de veado, s. m. Palmeira (*Desmoncus inermis*).

Coco de vinagre, s. m. Palmeira (*Bactris infesta*).

Cocoricar, v. intr. Cantar (falando do galo). Cf. Sertão de Coelho Netto, p. 924.

Cocoroca, s. m. Peixe do littoral de São Paulo. Ap. annuncias da C^{ia} de Pesca, « Santos ».

Coco verde, s. m. Palmeira (*Barbosa pseudococcos*).

Coemim cabarú, s. m. Passarinho (*Cissopis major*).

Coiaçú, s. m. Arvore que fornece madeira de lei.

Coio (gir.). adj. Toleirão, sandeu. « O João foi mais uma vez logrado; é uma eterno *coio*. »

Coio-coio, s. m. Minusculo periquito (*Psittacula passerina*).

Coioiar, v. intr. (gir.). Proceder como *coio*. « Nesse negocio todo F... foi logrado porque *coioiou*. »

Coioica, s. f. Acção de *coio*. « J. é de uma *coioice* vizinha da imbecilidade. » (Gir.)

Coirinho, s. m. Nome que nos estados comprehendidos entre a Bahia e o Ceará dão á pelle de cabra.

Coité, s. m. Arbusto bignoniaceo (*Crescentia cujete*).

Coité da matta, s. m. Planta apocynacea (*Guolobus macrocarpus*).

Colchão, s. m. Graminea forrageira. Bol. de Agric.

Colchoaria, s. f. Estabelecimento onde se fabricam e vendem colchões.

Collança, s. f. (gir.). Acto de *collar*, utilização em exames de notas e apontamentos prohibidos. « O lente consentiu que na prova escripta houvesse escandalosa *collança*. »

Colleção, s. f. Nome que no centro de Minas dão á quadrilha franceza. « Vou dansar a proxima *colleção* com F... »

Collectoria, s. f. Repartição fiscal arrecadadora de impostos.

Colleirinho, s. m. Pequeno passaro canóro.

Colleiro de banda, s. m. Passarinho (*Callistes flavinertes*).

Colleiro do brejo, s. m. Passarinho (*Spermophila ornata*).

Collendo, adj. Respeitavel. Adjectivo attribuido geralmente

ás corporações judicarias: « O accordão do collendo tribunal fluminense. »

Colmeiforme, adj. Que lembra a forma da colmeia Ap. João. Ribeiro « Hist do Brazil. »

Columnar, s. f. Nome que em Matto Grosso se dá a uma velha moeda de prata hespanhola cunhada ainda em tempos coloniaes, no Paraguay.

Colonião, s. m. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).

Comandatuba, s. f. Planta rosacea (*Hirtella bracteata* M.).

Combucó, adj. Diz-se do boi que tem os chifres voltados para baixo (Ceará). *T. de Sol*, p. 100.

Comedeira, s. f. (gir.). Defraudação, peculato. « O desfalque na collectoria é naturalissimo : desde muito se sabia que lá havia grande comedeira. »

Comeiba, s. f. Arvore (*Schinus aroeira*).

Comidela, s. f. Comezaina, defraudação. « E incrível a comidela que tem havido na alfandega. »

Commodismo, s. m. Egoismo. Feição de character que leva os individuos a não querer de todo abandonar os seus habitos, sequer transitoriamente.

Communheiro, s. m. Condomino. « A... e B... são communheiros nesta fazenda. » Expressão muito usada em S. Paulo.

Comporta, s. f. Barco de pesca portuguez. Cat. Exp. Nac.

Conchamblancia, s. f. (gir.). Elegancia no trajar. « Com esta roupa nova estás de uma conchamblancia ! »

Concreto, s. m. Nome que no Brazil se dá ao formigão, ou *béton* francez. « O caes é todo de concreto. »

Condoreiro, s. m. Poeta da escola condoreira.

Condoreira, adj. Escola poetica romantica brazileira que predominou no terceiro quartel do seculo XIX.

Condorico, s. m. Nome vulgar de certo papagaio em Goyaz. Cf. *Henr. Silva* ob. cit., p. 180.

Condorismo, s. m. Movimento condoreiro. Feição relembra-dora do estylo dos condoreiros.

Conferencista, s. m. Orador que faz conferencias. « F... é um conferencista muito agradável pela dicção. »

Coniconiô, s. m. Passaro caprimulgideo (*Lepangus cinereus*).

Connaxial, adj. Que tem o mesmo eixo. « Estas tres rodas são connaxiaes. »

Conselheiral, adj. O que lembra a gravidade que os conselheiros devem ter. « F... apesar de moço é muito conselheiral, sentencioso e gravibundo. »

Conselheirismo, s. m. Modo de ser dos conselheiros. « A gravidade de X. attinge as raias do conselheirismo. »

Consequencial, adj. O que é consequente. Ap. Affonso Celso, *Minha Filha*.

Consolida s. f. ou consolidado. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).

Contista, s. m. Individuo *passador do conto do vigario*.

Conto ou **conto do vigario**, s. m. Patranha inventada para engazopar individuos rusticos e geralmente de má fé.

Contorsionista, s. m. Acrobata que se distingue pelos exercicios de contorsão exaggerada.

Contra-canto, s. m. Peça da rede do xareu. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 44.

Contra-canto, s. m. Melodia que serve de acompanhamento a outra melodia dominante.

Contra cobra, s. f. Planta verbenacea (*Egiphila salutaris*).

Contracto, s. m. Armação para a pesca da baleia (Sul da Bahia).

Contramarcação, s. f. Acto de contramarcar gado, mudar-lhe a primitiva marca.

Contra-a-mão, s. f. vulg. Desobediencia ás determinações policiaes quanto ao sentido do movimento dos vehiculos em certas ruas. « Este cocheiro vae ser multado por causa de uma *contra a mão*. »

Contravigia, s. f. Pequena jangada de pesca. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 46.

Controversial, adj. Cheio de controversias. Cf. Eça, *Notas contemporaneas*, p. 239.

Conversa, s. f. (gir.). Gabarolas. « Este homem é um mentiroso, um prosa, um *conversa*. »

Coordenador, s. m. O que coordena. « F... foi o *coordenador* das notas esparsas deixadas pelo illustre escriptor. »

Copagem, s. m. Frondosidade das arvores. Ap. A Azevedo, « O Cortiço ».

Copão, s. aug. Copazio. « O sujeito bebeu um *copão* de aguadente. »

Copaúva, s. f. Arvore leguminosa (*Copaiba Langsdorffii*).

Copico, s. f. Peça da rede de pesca Cf. Canara, ob. cit., p. 42.

Copo d'agua, s. m. Planta gencianacea (*Dejanira erubescens Cham*).

Copuassú, s. m. Planta esterculiacea (*Theobroma grandi-flora*).

Coquilho, s. m. Planta cannacea (*Canna glauca Rose*).

Coquinho, s. m. Planta euphorbiacea (*Phyllanthus pendulus*).

Coquinho babá, s. m. Palmeira (*Desmoncus radicans*).

Coqueirinho do campo, s. m. Palmeira (*Coccois leiospatha*).

Coqueiro amargoso, s. m. Palmeira (*Coccois oleracea*).

Coqueiro azedo, s. m. Palmeira (*Coccois capitata*).

Coqueiro cabeçudo, s. m. Palmeira (*Coccois coronata*).

Coqueiro do campo, s. m. Palmeira (*Coccois leiospatha*).

Coracana, s. f. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).

Coração da India, s. m. Planta anonacea da Amazonia.

Coração de negro, s. m. Arvore leguminosa.

Coração de negro, s. m. Arvore celastracea (*Maytenus gonocladus*).

Coração de negro, s. m. Planta rosacea (*Prunus sphaerocarpa*).

Coraes, s. m. Pequeno arbusto da flora pernambucana.

Coral, s. m. Arvore euphorbiacea (*Jatropha multifida*).

Corana, s. f. Planta solanacea (*Cestrum auriculatum*).

Corcoroca, s. f. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

- Corcovado**, s. m. Borboleta diurna (*Morpho menelaus*).
- Corcão de São Benedicto**, s. m. Planta herbacea da familia das compostas.
- Cordoaria**, s. f. Nome de certa rede de pescadores bahianos. Cf. Camara, ob. cit., p. 85.
- Corimbatá**, s. m. Peixe fluvial (*Prochilodus reticulatus*).
- Corimbó**, s. m. Arvore da Amazonia. Ap. Conego Bernardino.
- Corindiuba**, s. f. Arvore rhamnacea.
- Corumbatá**, s. m. O mesmo que corimbatá.
- Corneta**, s. f. Bandeirola triangular usada para signaes na marinha.
- Corneta**, s. f. Entrada principal de um formigueiro.
- Cornuta**, s. f. Lagarta que ataca o fumo (*Protoparce carolia*).
- Coroado**, s. m. Passarinho (*Arremon silens*).
- Coroatá**, s. m. Planta bromeliacea (*Neoglaziovia variegata*).
- Coróca**, s. f. Velha decrepita. « Esta *coroca* desde muito é caduca. »
- Coro-Coró**, s. m. Pernalta cigonideo (*Gerontius infuscata*).
- Corocoteu**, s. m. Passaro formicaroide (*Ampelii cucullatus*).
- Coroeba**, s. m. Passarinho (*Coereba cyanea*).
- Coronachris**, s. f. Arbusto leguminoso (*Mimosa farnesiana*).
- Coronelato**, s. m. Patente de coronel. « O capitão X... suspira por um *coronelato* da guarda nacional que até hoje lhe tem escapado. »
- Coronilha**, s. f. Arvore rhamnacea (*Scutia buxifolia* Reiss).
- Cororoá**, s. m. Laço ou *piato* feito de couro vermelho.
- Corosito**, s. m. Palmeira (*Coccothrinax orinocensis*).
- Corote**, s. m. Barrilete para transportar agua. « Este *corote* está vasando. »
- Corre-corre**, s. m. Debandada. Lufa-lufa. « A molestia da menina trouxe-nos durante uma semana num *corre-corre* continuo. »
- Corredor**, s. m. Nome que no Ceará dão ao tibia dos bois. Cf. *Terra de sol*, p. 227.
- Correio da tarde**, s. m. Planta convolvulacea (*Ipomea*).
- Correligionarismo**, s. m. Solidariedade com os correligionarios. « E dever de *correligionarismo* com os nossos amigos de Pernambuco demittir este empregado. »
- Correligiosismo**, s. m. O mesmo que *correligionarismo*.
- Corrente**, s. f. Planta amarantthacea (*Achyranthes*).
- Correntino**, s. m. Individuo habitante ou natural da provincia de Corrientes na Rep. Argentina. « Urquiza e o seu exercito de entrerianos e *correntinos*... »
- Corretar**, v. t. Fazer officio de *corretor*. « F... foi quem *corretou* neste negocio para a casa Silva e C^{ia}. »
- Corrida**, s. f. Nome que no sul de Bahia dão aos trechos encachoeirados dos rios navegaveis. Corredeira. Cf. Revista do Instituto Historico e Geographico da Bahia, t. 9, p. 125.
- Corriqueiro**, adj. Irrequieto, expressão bahiana. Ap. Xavier Marques, Praieiros, p. 78.

Corriqueira, s. f. Formiga do Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.

Corrobo, s. m. Graminea (*Chloris districhophylla*).

Corrupié. Corruptela de *croupier*. Individuo empregado em tavolagens para distribuir fichas. « F... tem hoje o bello officio de *corrupié* em Campinas ».

Curso, adj. Nome que no sul da Bahia dão aos peixes que vivem a pouca profundidade da superficie das aguas. « A tainha é um peixe *curso*. » Inform. partic.

Corta asthma, s. f. Planta rutacea (*Psychotria toxica*).

Cortador, s. m. Pescador que verifica a existencia do peixe nas redes. Cf. Camara, ob. cit., p. 46.

Cortador, s. m. Graminea da flora paulista (Bol. de Agric.).

Corça mar, s. m. Pequeno palmipede (*Rhyncops nigra*).

Cortar, v. i. « Seccar no estio (diz-se dos rios no Norte » O Camocim *corta* facilmente apenas escasseiam as chuvas.

Côrte, s. f. Syn. de *ponchirão* ou *muchirão*. « Mandamos chamar a vizinhança toda para uma *côrte*. »

Corticeira, s. f. Planta medicinal da flora riograndense. Veloso, « Missões ».

Corticeira, s. f. Arvore leguminosa papilionacea (*Corallodendron cristagalli*).

Corticeira do campo, s. f. Arvore leguminosa papilionacea (*Eschynomene sensitiva*).

Coruja, s. f. Borboleta nocturna (*Caligo aurilochus*).

Corujinha, s. f. Borboleta nocturna (*Opsiphanes xanthus*).

Corujinha de buraco. Ave de rapina strigide (*Noctua cunicularia*).

Corupιά, s. f. Planta ulmacea (*Celtis glydicarpa*).

Coscorão, s. m. Cicatrização de feridas. « A chaga creou um *coscorão* grosso. »

Cosquento, adj. Cocequento. Forma popular do adj.

Costabranca, s. f. Planta da familia das compostas (*Chaptalia mutans*).

Costão, s. m. Costa desabrigada e sem enseadas. « O mar é muito agitado no *costão* de Santa Cruz. »

Costeleta, s. f. (gir.). Modo de usar a barba sobre o maxillar inferior.

Costuradeira, s. f. Apparelho de que se servem os encadernadores para costurar as brochuras.

Costuragem, s. f. Termo usado pelos encadernadores para designar a acção de costurar as brochuras.

Coti, s. f. Madeira de lei do Rio Grande do Sul. Ap. Veloso, « Missões ».

Coteira, s. f. Arvore euphorbiacea (*Johannesia princeps*).

Coteleiro, s. m. Boi manso que procura o curral (Norte). Ap. Ferdinand, « o Boi ».

Cotonificio, s. m. Neol. inventado para designar uma manufactura de algodões.

Cotriba, s. m. Valentão (giria paulista).

Couce, s. m. Junta de bois que supporte o limão do carro.

« *O couce deste carro era constituído por dous lindos bois.* »

Couve cravinho, s. f. Planta composta (*Carophyllum ruderales* Cass).

Couvetinga, s. f. Planta solanacea da flora paulista.

Covear, v. t. Abrir covas. Verbo muito usado na estado de São Paulo. « *O cafezal está todo coveado para o plantio das mudas de café.* »

Coximpim, s. m. Nome que em São Paulo se dá á gangorra ou *zangaburrinha*.

Covão, s. m. Poço profundo dos rios. Ap. Inf. Verde.

Covoada, s. f. Depressão, encharcada de terreno. « *Ha muita caça de penna nas covoadas que o Mogy alaga quando enche.* »

Crack, s. m. Cavallo de dous annos sobre cuja velocidade se fundam esperanças. « *Semiramis é um dos cracks mais em evidencia da turma de 1913. Dizem na veloz como o pae.* »

Crauí, s. m. Nome de uma bromelia commum no norte do Brazil.

Cravo da roça, s. m. Planta da familia das compostas (*Ambrosia maritima*).

Cravo mulambo, s. m. Planta herbacea da familia das compostas.

Cravorana, s. m. Graminea (Bol. de Agric.).

Creanção, s. m. Individuo de espirito infantil. « *Apezar dos 30 annos, José é um creanção.* »

Creoula, s. f. Variedade de canna de assucar.

Creoly, s. m. Madeira de lei do Maranhão (Ap. Cat. Exp. Nac.).

Crejica, s. f. Passaro formicaroiide (*Cotinga cerulea*).

Crelinisação, s. f. Embrutecimento progressivo. « *O horror aos livros promoveu a crelinisação deste homem.* »

Criadeira, s. f. Chocadeira. Apparelho incubador de ovos.

Criangú, s. m. Ave nocturna (*coriango*).

Cricaré, s. m. Arbusto (*Rhindepsis aspera*).

Cricrió, s. f. Ave nocturna caprimulgidea (*lipangus cinereus*).

Criminalista, adj. Curioso adjectivo que no interior de São Paulo é attribuido aos jurados severos em seus julgamentos! « *O João está perdido. Cahiu num jury de criminalistas conhecidos.* »

Crila, s. f. Menino, creança. « *Este crila já tem fumaças de homem.* »

Crilada, s. f. Creançada. « *Como faz barulho esta crilada!* »

Crindúva, s. f. Arvore da flora paulista. « *Expl. do rio Agua-pehy.* »

Crista de Gallinha, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 104.

Cristado, adj. Ornado de crista. O. Bilac, Panoplias, 31.

Crubixá, s. m. Coral de côr negra que se encontra em diferentes pontos da costa brazileira.

Crueiro, s. m. Planta forrageira (Bol. de Agric.).

Crumirim, s. m. Arvore da flora paulista que fornece madeira de lei (Huascar Pereira, ob. cit.).

Cruzeiro, s. m. Nome do *urutú* no R. Grande do Sul (*Lache-
sis alternatus*).

Cuá-cuá, s. f. Palmeira (*Desmoncus speciosa*).

Cuara, s. m. Peixe marinho.

Cuataquisana, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bernard.

Cuaxinguba, s. f. Planta artocarpacea.

Cuaxinguba, s. f. Arvore moracea (*Urastigma pertusum* Miq.).

Cucosido, s. m. Pequeno periquito (*Psittacula passerina*).

Cudrico, s. m. Nome vulgar de um pequeno psittacideo em Goyaz. Cf. Henriq. Silva, ob. cit., p. 180.

Cuem, s. m. Nome dado a um mamifero selvagem da fauna cearense. Memoria citada.

Cugará, s. m. Mamifero desdentado; gen. dos tamanduás (*Myrmecophaga tetradactyla*).

Cuia, s. f. Medida de capacidade equivalente a cinco litros, nos sertões bahianos.

Cuio-cuio, s. m. Peixe fluvial (*Doras niger*).

Cuipeúna, s. f. Planta melastomacea (*Tibouchina mutabilis*).

Cuiteleiro, s. m. Arvore da flora paulista de elevado porte.

Cuitelo, s. m. Nome generico dos beija-flores entre os cai-piras paulistas.

Cuiuba, s. m. Minusculo periquito do sul da Bahia.

Cuiumary, s. m. Arvore lauracea (*Ay dendron Cujumari*).

Cujo, s. m. Individuo, sujeito. Ap. Taunay, « Innocencia ». « Este cujo tem-me cara de mofino. »

Cumanan, s. f. Planta euphorbiacea (*Euphorbia phosphorea* M.).

Cumandauassú, s. m. Arvore da flora paulista.

Cumaricica, s. f. Resina de certa essencia da flora maranhense.

Camariviba, s. f. Arvore da Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Cumarurana, s. f. Arvore da Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Cumary, s. f. Palmeira (*Astrocarium vulgare*).

Cumaté, s. m. Arvore da Amazonia.

Cumba, adj. gir. Individuo valentão e provocador. « Este caboclo é *cumba*. É bom evital-o. »

Cumbary, s. m. Planta leguminosa (*Dipterix odorata*).

Cumbeira, s. f. Arvore da Amazonia.

Cumbira, s. f. Arbusto da fam. das myrtaceas.

Cumbuca, s. f. Rifa. Vi usar frequentemente este termo nos municipios fluminenses ribeirinhos do Parahyba. « F... tirou este cavallo numa *cumbuca*. »

Cumilação, s. f. Nome que na ilha de S. Sebastião dão aos cardumes, provavelmente corruptela de accumulção. « Esta *cumilação* vai dar peixe a valer. »

Cunamby, s. m. Graminea da Amazonia (*Baillera aspera*) Moura, ob. cit.

Cunhanhem, s. m. Palmeira (*Coccos syagrus*).

- Cupim**, s. m. Nome que no Norte se dá á giba de certas raças bovinas. Ap. L. Ferdinand, « O Boi ».
- Cupuahy**, s. m. Arvore sterculiacea (*Theobroma subincanum*).
- Curá**, s. m. Nome vulgar de una especie de papagaios do Maranhão. Fr. Prazeres, ob. cit.
- Curado**, adj. Nome que se da aos queijos de Minas, velhos.
- Curapay**, s. m. Arvore leguminosa (*Accacia angico*).
- Curapiá**, s. m. Graminea da flora paulista.
- Curara**, s. f. Abelha sylvestre.
- Curau**, s. m. Podim de milho verde.
- Curica**, s. f. Genero de papagaios (*Androglossa amazonica*).
- Curica**, s. f. Ave da Amazonia (*Amazona amazonica*).
- Curina**, s. f. Alcaloide que entra na composição do curare.
- Curitiba**, s. f. Planta sapotacea (*Lacuna visicoa*).
- Curraleira**, s. f. Raça bovina de Matto Grosso.
- Curro**, s. m. Nome que nas fazendas de São Paulo se dava á reunião das senzalas, o que tambem se chamava *quadrado*.
- Curta mão**, s. m. Esquadro de grandes dimensões usado pelos pedreiros.
- Curú**, s. m. Tecido grosso feito com fibras de ortiga (?) e fabricado pelos coroados do Paraná.
- Cururá**, s. m. Passaro formicaroides (*Ampelio cincta*).
- Curuá**, s. f. Abelha sylvestre.
- Curuá**, s. f. Arvore da Amazonia.
- Curuá-juquira**, s. f. Palmeira (*Maximiliana attaleoides*).
- Curuarana**, s. f. Palmeira (*Coccoa inajai*).
- Curucurú**. Nome vulgar de uma certa especie de jacarés no Maranhão. Ap. Prazeres.
- Curulina**, s. f. Pomba sylvestre do Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.
- Curupireira**, s. f. Abelha sylvestre de Pernambuco cujo mel produz phenomenos de intoxicacão.
- Curupireiro**, s. m. Fauno da mythologia amazonica. Ap. Moura, ob. cit.
- Curupita**, s. f. Arvore euphorbiacea.
- Curuqueré**, s. m. Pequena borboleta (*Aletia argillacea*) devoradora dos algodoaes.
- Cururú**, s. m. Roedor semelhante ao arganzaz (*Cricetus frumentarius*).
- Cururucica**, s. f. Resina medicinal do Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.
- Cururupaba**, s. m. Batracio (*Ilypsiboas boans?*).
- Cururúxoré**, s. m. Roedor sylvestre (*Loncheris armatus*).
- Cury**, s. m. Arvore conifera (*Araucaria brasiliensis*).
- Cutapado**, s. m. Minusculo periquito (*Psittacula passerina*).
- Cutipuruhy**, s. m. Passarinho (*Triglydyles musculds*).
- Cutiuba**, s. f. Arvore da flora maranhense.
- Cuyabana**, s. f. Pequena formiga que faz guerra de exterminio ás saúvas e outros termitas.
- Cuyáca**, s. f. Um dos utensilios do minerador de diamantes. Ap. Taunay, « Goyaz em 1875 ».

Cyclístico, adj. O que se refere ao ciclismo. « O concurso cyclístico de Nictherohy poz em evidencia a excepcional resistencia do Silva. »

Cynepsida, s. f. Parasita fructivoro (*Hexamerocera brasiliensis*).

Cynico, adj. Desvirtuamento do sentido do termo muito usual no interior de São Paulo para significar enfadonho, semsaborão. « Esta festa está muito *cynica*, sem animação alguma. »

D

Dada, s. f. Nome que no sul de São Paulo dão ás correrias e batidas organisadas contra os selvicolas. « Na ultima *dada* forão mortos quatro *coroados*. »

Dahabieh, s. f. Embarcação peculiar do Nilo. Cf. D. Pedro II, Viagem ao Alto Nilo.

Dakerro, s. m. Peixe fluvial (*Doras cataphractus*).

Dama, s. f. Prostituta (Bahia, Norte de Minas, Goyaz). A Maricas é hoje *dama* em Uberaba. »

Damiana, s. f. Planta turneracea (*Turnera opifera*, M).

Damninhador, adj. Damnificador. « O tatú é um dos maiores *damninhadores* das roças de milho. »

Damninhar, v. t. Damnificar. « A chuva de pedras *damninhou* muito o cafezal. » Termo corrente em todo S. Paulo.

Dandynoso, adj. Casquilho, elegante. Cf. Abel Botelho, *Prospero Fortuna*, p. 39.

Dardo, s. m. Peixe marinho.

Debochador, adj. Ridiculisador. « F. tem um ar *debochador* muito impertinente. »

Debochar, v. t. Ridiculisar. « Tanto *debocharam* o moço que afinal o puzeram fóra do serio. »

Debochativo, adj. Acintoso ; desprezador. « o João com o seu todo *debochativo* é insupportavelmente impicante. »

Deboche, s. m. Acção de *debochar*, ridiculisar. « *Deboches* desta ordem merecem bofetadas. »

Debruado, adj. Diz-se do cavallo cujo pello tem listas brancas.

Deceptivo, adj. Desconsolador. Cf. Abel Botelho, ob. cit., p. 128.

Deceptivamente, adv. de modo a trazer decepções. Cf. Abel Botelho, ob. cit., p. 161.

Decomer, s. m. Farnel (Termo cearense). Cf. *Luzia Homem*, p. 58.

Decomponibilidade, s. f. Possibilidade, acto de decompor. « A *decomponibilidade* deste polynomio em factores simples é realisavel. »

- Dedal**, s. m. Arvore lythriarica (*Laffoensia dentiflora*).
- Dedaleiro**, s. m. Arvore lythriarica (*Laffoensia replicata*).
- Dedo de moça**, s. m. Variedade de pimenta (Bol. Agric.).
- Defluxionario**, adj. relativo a defluxo. Ap. *Viagem pastoral* de Dom Fr. João de São José Queiroz, bispo do Pará.
- Defronte**, adj. Differente (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia » « O caso é inteiramente *defronte*, muito diverso. »
- Defuntar**, v. i. (fam.). Fallecer. « O João *defuntará* de indigestão. »
- Deixa**, s. f. Espaços alagados que os rios formam quando voltam ao primitivo leito, após a enchente. « A' margem do Juquiá as *deixas* são pequenas, o terreno é em geral muito enxuto. »
- Delgados**, s. m. As partes reintrantes e cerceadas a ré e avante nas obras vivas formando o fundo do navio. Ap. Diction. de Marinha do Barão de Angra.
- Delimitar**, v. t. Delimitar, pôr em evidencia. Cf. João Ribeiro, « Hist. do Brazil ».
- Demonopatha**, s. f. Individuo affectado de demonopathia. Cf. *Sertões*, 305.
- Dengue**, s. m. Prostibulo (Rio Grande do Sul). Inform. particular.
- Dente de cavallo**, s. m. Variedade de milho (Bol. Agricult.).
- Dente de leão**, s. m. Arbusto da familia das dioscoreas.
- Dentista**, s. m. Coleoptero longicornio (*Malodon spinibarbi*).
- Dentuça**, s. m. Peixe marinho.
- Derrama**, s. f. Lombada dos morros, declividade. « A *derrama* desta serra se faz por meio de muito suave declive. »
- Derrube**, s. m. Acção de desrubar. Derrubamento. Ap. « Bol. de Agric. »
- Desabado**, s. m. Declivio de terrenos. « A fazenda ainda tem vinte mil pés de café num grande *desabado* muito ingreme. »
- Desabotinado**, adj. Insensato, adoudado. « O João é um *desabotinado*, quasi maluco. »
- Desaclimação**, s. f. Facto de alguém se desaclimar. « Ha muito que F... não morava no Rio e essa *desaclimação* foi-tal vez o que lhe deu a febre amarella. »
- Desacorrentamento**, s. m. Acção de desacorrentar. « Notei o *desacorrentamento* da canôa, factó que podia tela feito desaparecer rio abaixo. »
- Desaferrolhamento**, s. m. Acção de desaferrolhar. « O *desaferrolhamento* da porta foi longo e penoso devido ao enferujamento dos troncos. »
- Desafivelamento**, s. m. Acção de desafivelar. « Foi na sessão de 15 de Outubro que o despota procedeu ao *desafivelamento* da mascara e deu o golpe de estado. »
- Desafreguezamento**, s. m. Acto de desafreguezar-se alguém. « Servindo mal como serve a casa Coelho breve verá o *desafreguezamento* de varias fazendas entre as quaes a nossa. »

Desamalgamação, s. f. Acção de desamalgamar. « Procedi pelo fogo á desamalgamação deste annel. »

Desamigo, adj. Hostil; nada amigo. Cf. Eça, Casa de Ramires, p. 406.

Desancamento, s. m. Acção de desancar. « Breve o jornal encetará o *desancamento* em regra do senador P... »

Desandamento, s. m. Acção de desandar. « O *desandamento* dos negocios de F... é tal que breve o veremos arruinado. »

Desanojamento, s. m. Acção de desanojar. « O general F... ordenou o *desanojamento* do coronel S... que acaba de perder um irmão. »

Desaparafusamento, s. m. Acção de desparafusar. « O *desaparafusamento* da taboa foi muito difficil, devido á ferrugem dos parafusos. »

Desapiedamento, s. m. Falta, ausencia de compaixão. « O *desapiedamento* dos assassinos levou-os a não poupar um fi-lhinho de tres annos da victima. »

Desapropriador, adj. O que desapropriar. « A lei *desapropriadora* desta casa ainda não foi votada. »

Desaquinhoamento, s. m. Acção de desaquinhoar. « O inventario injustissimo fez o *desaquinhoamento* relativo dos orphãos em proveito de dous homens ricos. »

Desarborisação, s. f. Acção de desarborisar. « A *desarborisação* de grandes areas florestaes traz a irregularidade das estações. »

Desarborisador, adj. O que desarborisa. « A sanha *desarborisadora* dos nossos caipiras precisa ser refreada. »

Desarrolhamento, s. m. Acção de desenvolver. « O *desarrolhamento* do frasco espalhou suave perfume pelo quarto. »

Desatravancamento, s. m. Acção de desatravancar. « É preciso retirar d'aqui esta mesa para *desatravancamento* do quarto. »

Desbarrancado, sm. Despenhadeiro, erosaõfeita pelas aguas. Queda de terras. « Este desbarrancado foi feito pela grande chuva de Janeiro. »

Desbocamento, s. m. Descommedimento de linguagem. « S... é de um *desbocamento* incrível. Profere palavradas a todo o instante. »

Desbragamento, s. m. Despejo. Descommedimento de linguagem ou de proceder. « O *desbragamento* do ministro peculatio chegou ao auge. »

Desbriado. Sem vergonha. Individuo sem brio, sem caracter. « F... é um *desbriado*, capaz das maiores baizezas. »

Desbriamento, s. m. Desbrio. « O *desbriamento* do Manuel leva-o ás mais aviltantes posturas. »

Desbriar-se, v. p. Perder o brio, o caracter. « Com o contacto do amigo, F..., que era pundonoroso, *desbriou-se*. »

Descabellamento, s. m. Acção de se descabellar, de trazer os cabellos revoltos. « A noticia da morte do filho provocou o *descabellamento* da pobre mulher. » Affligir-se excessivamente.

Descadeiramento, s. m. Facto de se sentir alguém descadei-

rado. « A queda deu-lhe um *descadeiramento* que me parece de mau agouro. »

Descaroçamento, s. m. Acção de descaroçar. « O descaroçamento do algodão é feito por machinas aperfeiçoadas. »

Descaroçar, v. t. (fam.). Rezar o rosario. « A Maria hoje já *descaroçou* tres ou quatro terços. »

Descarreto, s. m. Acção de descarregar. « A corredeira obriga ao *descarreto* das canoas. » Ap. Taunay « Goyaz em 1875 ». »

Descascar, v. i. (gir.). Falar mal de alguém. « F... *descascou* o João ferozmente: só não lhe chamou assassino. »

Descatholisação, s. f. Acção de descatholisar. « O ministerio Combes pretendeu effectuar a *descatholisação* da França. »

Descatholisador, adj. O que descatholisa. « O governo *descatholisador* de Waldeck Rousseau foi excedido, quanto á intollerancia, pelo de Combes. »

Deschapelar-se, v. p. Tirar o chapeu; descobrir-se. « O moço *deschapelou-se* humildemente ante o ministro. »

Descimento, s. m. Nome que antigamente se dava ás expedições que pretendiam trazer indios escravizados do Interior do Brazil. « Os *descimentos* de infelizes selvicolas foram rareando em meados do seculo XVII em diante. »

Desconsiderador, adj. O que desconsidera. « O voto das camaras altamente *desconsiderador* para o gabinete, ha de fazelo demittir-se. »

Descoroçoador, adj. O que descoroçoá. « O que é muito *descoroçoador* para os fazendeiros é a perspectiva da inalterabilidade dos preços do café. »

Desdentamento, s. m. Facto de ser alguém desdentado. Acção de desdentar. « O choque provocou o *desdentamento* da engrenagem. »

Desembestada, s. f. Galopada, disparada. « Corri esta legua numa *desembestada* ». »

Desembestamento, s. m. Acção de desembestar. « O susto foi a causa do *desembestamento* da parelha. »

Desembramar, v. t. Desenroscar; desenovellar; embramar e desembramar são dous verbos muito usados no interior de São Paulo. « Vamos *desembramar* o peixe enroscado na rede. »

Desempapelamento, s. m. Acção de desempapelar. « Mandei proceder ao *desempapelamento* da casa para pintar-lhe as paredes a oleo. »

Desemparceiramento, s. m. Acção de desemparceirar. Se deres de presente o cavallo baio terás o *desemparceiramento* da parelha. »

Desempatador, adj. O que desempata. « O perito *desempatador* ainda não deu o seu laudo. »

Desengate, s. m. Acção de desengatar. « O infeliz manobrista ia proceder ao *desengate* dos carros quando a machina o apanhou. »

Desensarado, s. m. Individuo que ainda não se restabeleceu

de uma molestia grave, convalescente. « João está ainda *desensarado* de uma pneumonia. »

Desflorestador, adj. O que *desfloresta*.

Desflorestamento, s. m. Acção de *desflorestar*.

Desflorestar, adj. Neologismo muito usado geralmente para exprimir a derrubada de mattas em larga escala.

Desfructavel, adj. Indivíduo que se presta ao ridiculo. « O Silva, gamenho e maneiroso, não passa de um grandíssimo *desfructavel*. »

Desfructe, s. m. Ridiculo. « O G... é de um *desfructe* com a sua mania de ser elegante e distincto ! Lembra o Damaso dos *Maias*. »

Desgraceira, s. f. Desgraça, successão de desgraças. « Este anno trouxe-nos uma *desgraceira* que parecia intermina. »

Deshypothecar, v. t. Levantar uma hypotheca. « Com a colheita deste anno *deshypotheco* a fazenda. »

Desinvoluir, v. i. Deixar de evoluir. Cf. Sertões, 46.

Deslabiado, adj. Que não tem labio. Cf. Al. Azevedo, Casa de pensão, 69.

Deslocador, adj. O que desloca. O nome de F... *deslocador* do de S... na chapa de deputados... »

Desmagnetisador, adj. O que desmagnetisa. « Vou empregar os passes desmagnetisadores que hão de acordar o paciente do seu somno hypnotico. »

Desmancha sambas, s. m. Desordeiro ; valentão (Ceará). Cf. *Terra de Sol*, p. 148.

Desmarcialisar, v. t. Tirar o character marcial. Cf. Eça Fradique, 237.

Desmattamento, s. m. Palavra corrente no estado de S. Paulo para significar o corte das florestas.

Desmattar, v. t. Desflorestar. Destruir mattas.

Desmortificar, s. f. Cessar de mortificar. Cf. Braz Cubas, p. 120.

Desofficialisação, s. f. Retirada do cunho official, da tutela do Estado. « A desofficialisação do ensino no Brazil data de 1911 ». »

Desofficialisador, adj. O que *desofficialisa*. A reforma *desofficialisadora* do ensino.

Desofficialisar, v. t. Fazer cessar a acção do Estado sobre uma instituição. « A lei de 1911 *desofficialisou* o ensino. »

Desorientador, adj. O que desorienta. « Essa attitude *desorientadora* do partido alliado pode levar nos a um fracasso completo. »

Despachadão, adj. Indivíduo franco no falar. « F... *despachadão* como é, disse lhe bem boas verdades. »

Despalha, s. f. Acto de limpar a haste da canna das palhas que a acompanham. « A *despalha* das cannas é penosa. »

Despotismo, s. m. Grande quantidade, concurso de povo. « Havia um *despotismo* de convidados na festa. » Ap. Taunay, *Innocencia*.

Despresilhar, v. t. Soltar das presilhas. Cf. Ab. Botelho, ob. cit., 86.

Desproporcionalidade, s. f. Desigualdade. Falta de proporcionalidade. « *A desproporcionalidade das forças dos contendores é evidente. F... é muito mais fraco.* »

Desremediado, adj. Desvalido. « *A pobre desremediada já foi rica, nasceu na opoluença.* »

Desremediar, v. i. Dificultar. Atrapalhar. Complicar. « *A açudagem do ribeirão desremedia a situação pois vem alagar grande área do pasto.* »

Destorcido, adj. Individuo valente, habil, trabalhador, cheio de aptidão para um serviço qualquer. « *F... é um lavrador destorcido que moureja de sol a sol.* »

Destripar, v. t. (chul.) Vomitar. « *O sujeito empanturrou se e depois, embriagado como estava, destripou o mico* » (locução muito popular no E. de S. Paulo).

Desunhar, v. i. (gíria). Fugir. « *O ladrão desunhou com uma velocidade tal que em breve desapareceu.* »

Desvairamento, s. m. Desvario. « *O desvairamento do pobre levou-o ao assassinato, praticado em condições de perfeita irresponsabilidade.* »

Desvalorizador, adj. O que desvalorisa.

Desviscerado, adj. Privado das vísceras. Cf. *Touro Negro*, Al. Azevedo.

Devotamento, s. m. Dedicção. « *F... tem o maior devotamento pelo Asylo de que é Provedor.* »

Desaza, s. f. Muda das aves. Ap. Goeldi, *Aves do Brazil*.

Dezoito grande. Instrumento de pesca usado na Bahia. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 31.

Dezoito pequeno. Instrumento de pesca usado na Bahia. Cf. Camara, ob. cit. p. 31.

Diabada, s. f. Collectivo de diabo Cambada, recua. « *Estes meus colonos são uma diabada ruim como cobra.* »

Diabolismo, s. m. Malvadez ; culto de Satanaz. « *O diabolismo daquelles sectarios era tal que exterminavam populações inteiras.* »

Diabo marinho, s. m. Peixe marinho (*Lophius piscatorum*).

Diamante, s. m. Pequeno utensilio de que se serviam antigamente os artilheiros.

Dicury, s. m. Palmeira.

Direiteiro, s. m. (pejorar). Bacharel em direito.

Discursorio, s. m. Verborrhagia ; successão de discursos. « *Houve muito foguete, discursorio, musica, á chegada do coronel X...* »

Disga, s. f. (gir) Penuria, falta de dinheiro. « *O pobre X... vive numa eterna disga com o seu emprego de cento e cinquenta mil reis.* »

Dizque-dizque, s. m. Falatorio, mexerico. « *Quanto dizque-dizque acerca do escandalo da rua Direita ! A seu respeito correm mil versões.* »

Doba, s. f. Peixe fluvial (*Acara tetramerus*).

Dobrado, s. m. Marcha militar. « *As tropas marchavam ao som de um dobrado de um rythmo acentuado.* »

Dobrar, v. i. Por se (o sol). Ap. Taunay, « Innocência ».

Doctiloquente, adj. Qualidade do individuo cuja palavra é douta e autorizada. « O *doctiloquente* conferencista encheu-nos as medidas com a sua erudição. »

Doctiloquentemente, adv. de modo doctiloquente. « O sabio professor *doctiloquentemente* discorreu sobre o assumpto a que deve a celebridade. »

Doiradão, s. m. Jogo muito usado no interior de São Paulo e parecido com o *truque*.

Domestico, s. m. Typo de fazenda economico creado nos estados do Norte. « A casa Paiva recebeu grande sortimento de brins e *domesticos*. »

Dominguinha, s. f. Planta solanacea (*Cestrum laevigatum* Schl).

Dona branca, s. f. (gir.). Geada. « Estas terras estão livres da *dona branca*. »

Don juan, s. m. Seductor de mulheres. All. litter. « O *don juan* levou tremenda sova do marido da sua dulcinéa. »

Don juanismo, s. m. Tendencia a perseguir mulheres, sobre tudo casadas, com propostas de seducção. « O *don juanismo* barato de F... se exerce no mundo ancillar. »

Dor d'olhos, s. m. Nome vulgar do trachoma em são Paulo.

Dormião, s. m. Passaro bucconideo (*Bucco jacurú*).

Dorminhoca, s. f. Serpente viperidea (*Leptognathus turgida*).

Dormitoreiro, s. m. Individuo que se occupa do arranjo de um dormitorio. « Em geral os *sleepings* da Central tem dois *dormitoreiros*. »

Dourina, s. f. Nome que na Bahia dão a uma epizootia dos bovideos. Relat. Minist. Agric. 1911.

Dragona, s. f. Planta marcgraviacea (*Marcgravia polyantha*).

Dragona, s. f. Passarinho (*Hyphantes pyrrhopterus*).

Ducatão, s. m. Borboleta diurna (*Polyommatus hippothos*).

Duchar, v. t. Arremessar um jorro d'agua, uma ducha sobre alguem. « Os bombeiros dispersaram os turbulentos *duchando-os* valentemente com os seus esguichos. »

Duchista, s. m. Pessoa que administra uma ducha. « Os *duchistas* do estabelecimento tambem fazem massagens. »

Ducucú, s. m. Ave nocturna da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Duellar, v. i. Bater-se em duello. « F... e S... duellaram por questões de nonada. »

Duma, s. f. Parlamento russo.

Dundú, s. m. Peixe de rio (*Pimelodus gracilis*).

Duques, s. m. Repetição do numero dous em ambos os dados, ao gamão.

Durukuly, s. m. Minusculo simio da Amazonia (*Nyctipithecus trivirgatus*).

Dynamogenese, s. f. Desenvolvimento de forças.

Dyspneico, adj. Assaltado de dyspnea. Cf. *Sertão* de Coelho Netto, p. 27.

E

Eia, s. f. Pequeno simio da Amazonia (*Nyctipithecus trivirgatus*).

Electrometallurgico, adj. O que se refere á electrometallurgia. « Os fornos *electrometallurgicos* ainda não podem fazer concorrência economica aos fornos altos. »

Elegantismo, s. m. Dandysmo. Cf. Aluizio Azevedo, *Casa de Pensão*, 284.

Eleuth, s. m. Synon. de Kalmuko.

Elzeviriano, adj. Que recorda o typo do impressão em elzevir.

Embambecer, v. t. Tornar bambo. « E' preciso *embambecer* a corda pois senão o carrinho não correrá. »

Embaracajá, s. m. Nome vulgar de um telino em Goyaz (*Felic macrura*). Cf. Henr. Silva, ob.cit., 142.

Embaratecer, v. t. Tornar mais barato. Cf. Eça, *Fradique*, 169.

Embarcar, v. i. (gir.) Adherir. « *Embarquei* com os que compraram a companhia. »

Embarcar, v. i. (gir.) Cahir em esparrela. « F... *embarcou* no plano como um patinho e perdeu a ultima camisa. »

Embarricamento, s. m. Acção de embarricar. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 170.

Embarroada, s. f. Encontrão violento. « Com a *embarroada* do bonde, a carroça virou. »

Embastilhar, v. i. Acastellar-se, entrincheirar-se. Ap. Al. Azevedo, « O Cortiço ».

Embestar, v. i. Obstinar-se. « F... *embestou* em comprar fazenda e nada o dissuadirá ».

Embezerramento, s. m. Estado de quem está embezerrado. « Desde o dia da sua *taboa* o pobre João anda num *embezeramento* absoluto. »

Embirrancia, s. f. Impertinencia, implicancia. « A *embirrancia* do commandante com este official é injusta. »

Embuú, s. m. Arvore anonacea (*Guataria alba Sald*).

Embramada, s. f. Ennovellamento. Que *embramada* a destes peixes na rede! »

Embramar, v. i. Enroscar, ennovellar. « Este novello de lãs está inteiramente *embramado*. Vou desembramarlo. »

Empafiado, adj. Individuo soberbaço cheio de vaidade da posição que tem. « Este *empafiado* já lhe quebro a castanha. »

Empanada, s. f. Passe da antiga esgrima portugueza. Cf. Mendes Leal, *Os mosqueteiros da Africa*.

Empatador (gir.) Atravessador de negocios. « Teriamos comprado a casa se não fosse o *empatador* do D... que fez a mulher desfazer o negocio. »

Empipocado, adj. Cheio de borbulhas. « Este *empipocado* está com cara de quem tem cataporas. »

Empipocar, v. i. Diz-se de um tecido qualquer cuja superficie está cheio de borbulhas. « F... queimou a perna que *empipocou*. »

Empratileiramento, s. m. Acção de.

Empratileirar, v. a. Dispor em pratileiras. « As garrafas de vinho nesta adega estão sendo *empratileiradas*. »

Empulhação, s. f. Agir como pulha. Cf. Machado de Assis, *Braz Cubas*.

Empurrador, s. m. Musculo da coxa do cavallo Triceps (?).

Empurro, s. m. Acção de empurrar. « O *empurro* das canoas era muito penoso devido á correnteza do rio. »

Enaltecimento, s. m. Acção de enaltecer. « No seu discurso F... fez o enaltecimento dos serviços presta dos á patria pelo Dr. Silva. »

Encabulação, s. f. gir. Vexação ; constrangimento.

Encabulado, adj. constrangido acanhado. « F... de *encabulado* não conversa com as moças. »

Encabulador, adj. O que encabula, acanha, agasta. « Como é *encabulador* ouvir aquella sujeito dizer tanta asneira ! »

Encabulante, adj. Que encabula. « É muito *encabulante* para S... a presença da namorada. »

Encabular, v. i. Acanhar, envergonhar. Dar má sorte. « Não interpeles o moço que o *encabulas*. » « Anda este *mirone* a encabular-me o jogo desde que aqui chegou. »

Encachaçamento, s. m. chul. Acção de

Encachaçar-se, v. p. chul. Embriagar-se com cachaça. « Este homem está muito *encachaçado*. »

Encacia, s. Arvore de grande porte.

Encaibramento, s. m. Acção de encaibrar. Termo frequente mente usado em construcção.

Encaixotador, s. m. Operario que encaixota. « A casa precisa de um bom *encaixotador*. »

Encalacrador, adj. O que encalacra. « A administração passada, *encalacradora* das finanças municipaes. »

Encalhe (Mal de), s. m. Nome que em Matto Grosso dão a uma affecção de fundo palustre. Ap. Taunay, *Innocencia*.

Encalombado, s. m. Tecido, membro, em que ha calombos. « Na perna noto-lhe um *encalombado* de mau aspecto. »

Encalombamento, s. m. Acção de encalombar. As formigas. fizeram-lhe o *encalombamento* de todo o corpo.

Encalombar, v. i. Crear *calombo*. « A testa encalombou-lhe com a pancada ». »

Encambitação, s. Acto do cavallo andar com a cauda erguida. « A *encambitação* constante é um defeito deste animal. »

Encambitar, v. i. Levantar a cauda durante a marcha (o cavallo).

Encapado, s. m. Mercadoria expedida dentro de aniagem « Os *encapados* gozam de tarifa especial nesta estrada. »

Encaroçada, s. f. Nome que se dá a certa qualidade de terra roxa abundante em pequenos *conglomeratos*.

Encaroçar, v. i. Faltar a fluência num discurso pronunciado. « P. encarçou tres vezes no sermão, e uma dellas muito seriamente. »

Encarangação, s. f. Estado em que os movimentos estão tolhidos. « O rheumatismo deixou o pobre homem numa *encarangação* terrivel. »

Encardimento, s. m. Acção de encardir. « Estas rendas estão de um *encardimento* que requer uma lavagem demorada. »

Encarquilhamento, s. m. Estado de enrugamento da pelle, de diminuição da estatura, de avelhantamento. « O pobre João está de um *encarquilhamento* que nos faz crer que é septuagenario. »

Encarrilhador, s. m. Apparelho que serve para collocar sobre os trilhos os carros descarrilhados.

Encarrilhamento, s. m. Acção de repor sobre os trilhos um carro. « O *encarrilhamento* dos vagões tombados se fará hoje. »

Encartolar-se, s. m. Por, usar cartola. « Encartolei-me hoje para ir á opera. »

Encastellar, v. i. Accumular-se (nuvens); adensar-se. « Teremos chuva breve, os nuvens estão *encastellando-se*. »

Encatharroamento, s. m. Estado de constipação catarrhal. « O mau tempo deixou-me num *encatharroamento* que difficilmente passará nestes cinco dias. »

Encavacamento, s. m. Acto de cavaquear, de agastar-se. « A brincadeira de mau gosto que com elle fizeram, o deixaram num *encavacamento* absoluto. »

Encerado, adj. Diz-se do cavallo cujo pello é baio escuro.

Encervejado, s. m. chul. Ebrio de cerveja. « Ponha estes *encervejados* no xadrez. »

Encervejar-se, v. pr. chul. Embriagar -se com cerveja.

Enchampanhado, adj. chul. Ebrio de *champagne*. « F... é um *enchampanhado* chronico. »

Enchampanhar-se, v. p. chul. Embriagar-se com *champagne*.

Encher, v. i. (gir.). Espancar. « O mulato *encheu-o* a valer, aos murros e pontapés. »

Encilhado, adj. Logrado, roubado. « F... é o eterno *encilhado* de S... de quem não consegue libertar-se. »

Encilhador, adj. Tratante: individuo que abusa da boa fé das pessoas com quem tem negocios. « O C... é um *encilhador* perigoso, autor de innumeradas velhacadas. »

Encilhar, v. t. e i. Lograr, *passar a perna* (gir.).

Enconchado, adj. chul. Ebrio de *cognac*. « O alegre *enconchado* promovia grande desordem. »

Enconhar-se, v. pr. chul. Embriagar-se com *cognac*.

Encontro, s. m. Passarinho (*Icterus tibialis*).

Encontro, s. m. Passarinho (*Pendulinus chrysopterus*).

Encontroada, s. f. Encontro. « Machuquei o pé numa *encontroada*. »

Encorajamento, s. m. Acção de encorajar. « O *encorajamento* dos quasi desmoralisados soldados deve-se ao capitão Silva. »

Encurralamento, s. m. Acção de encurralar.

Endemoninhamento, s. m. Estado endemoninhado em que alguém se acha. « O *endemoninhamento* deste homem seria patente em tempos idos. »

Endeosador, adj. O que endeosa. « S. Ex^{cia} acompanhado de grande numero de admiradores, dizemos mal de *endeosadores*... »

Endinheiramento, s. m. Abundancia de dinheiro. « Suba o café e os fazendeiros vollarão ao antigo *endinheiramento*. »

Endomingar-se, v. p. Vestir trajos domingueiros. « O Dr. F... endomingava-se com um terno côr de batata roxa. »

Enfarruscamento, s. m. Estado de perturbação da atmosphaera ou da serenidade de alguém. « Este vento vai trazer o *enfarruscamento* do tempo. »

Enfestação, s. f. Acto de marcar mais pontos no jogo do que aquelles que legitimamente se tem.

Enfestador, adj. Individuo habituado a *enfestar* no jogo.

Enfestar, v. i. Furtar no jogo, marcando maior numero de pontos do que o devido.

Enfezamento, s. m. Rachitismo, atrophiamiento. « Pasma o *enfezamento* d'esta creança que parece ter dous annos quando já orça pelos cinco. »

Enforcamento, s. m. Acção de enforcar. « O *enforcamento* do assassino está marcado para sabbado. »

Enfrentamento, s. m. Acto de enfrentar. « O *enfrentamento* da questão das *grèves* será o primeiro cuidado do ministro »

Enfumaçado, adj. Baço. « Um ceu *enfumaçado* e sombrio espalhava a tristeza na paizagem. »

Enfumaçar, s. Encher de fumaça, enfumarar.

Enfunação, s. Presumpção. Prosapia. « O Souza anda de uma *enfunação* pasmosa, por causa do dinheiro que tem ganho ultimamente. Está ridiculamente orgulhoso. »

Enfusar, v. i. Encalhar; termo corrente na Bahia. Ap. informação part.

Engaiolamento, s. m. Acção de engaiolar. « O Delegado procedeu ao *engaiolamento* immediato dos gatunos. »

Engala, s. f. Costura das peças da rede no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., pag. 15.

Engasgue, s. m. (Mal de). Affecção de origem palustre common em Matto-Grosso. Ap. Taunay, « Innocencia ». »

Engastamento, s. m. Acção de engastar. « O *engastamento* deste brilhante na pulseira vai ser um pouco difficil. »

Englobamento, s. m. Acção de englobar. « O *englobamento* das dividas da firma na conta do socio F. representa o capital que elle tem como *commanditario*. »

Engorduramento, s. m. Acção de engordurar. « O *engorduramento* do soalho é a consequencia da derrama desta panella. »

Engradado, s. m. Armação de sarrafos destinada a proteger

um objecto qualquer durante o seu transporte de um ponto a outro. « Mandei do Rio a São Paulo a minha mobília dentro de *engradados*. »

Engranzamento, s. m. Acto de engranzar. « O *engranzamento* destes duas rodas dentadas é defeituoso. »

Engraxate, s. m. Individuo que nas ruas se occupa em engraxar botas « Em geral os *engraxates* lustram de mais o couro dos botinas. »

Enguisalhado, adj. Munido de guisos. Cf. Eça, *Illustre casa* 388.

Enlambusamento, s. m. Acção de enlambusar-se. « O *enlambusamento* dos que « comem melado pela primeira vez. »

Enlatamento, s. m. Acção de enlatar. « A secção de enlatamento dos biscoutos é das mais interessantes da fabrica. »

Enluarado, adj. Illuminado pelo luar. « A paizagem *enluarado* do lago era encantadora. »

Enluvar-se, v. p. Calçar luvas. Cf. Aluizio Azevedo, *Casa de pensão*, p. 99.

Enqueixar, v. i. Virar o queixo para uma certa direcção. Dirigir-se (fallando de animaes). As bestas *enqueixaram* para a direita e dispararam.

Enquisiliado, s. m. Individuo cheio de prevenções, suspeitas, desconfianças. « O Francisco é um *enquisiliado* eterno, a desconfiar, a implicar com todo o mundo. »

Enquitar, v. i. Verbo muito usado em certa zona de São Paulo (Itú e adjacencias) como synonymo de obstar, impedir. « A molestia de F... não *enquita* a familia de mudar de casa. »

Enrabichamento, s. m. (Chul.). Acção de enrabichar-se (apaixonar-se). « O pobre Chico anda num *enrabichamento* terrível pela rameira. »

Enrascada, s. f. Rascada ; situação difficil. « Não sei como o S. se sahirá da perigosa *enrascada* em que se metteu. »

Enripamento, s. m. Accção ou acto de *enripar*.

Enripar, v. t. Collocar as ripas de um telhado. O termo é muito usado em todo o Brazil.

Eriquecimento, s. m. Facto de enriquecer-se alguém. « O *enriquecimento* de tão laborioso lavrador é questão de tempo. »

Enrodilhamento, s. m. Acção de enrodilhar-se. « A sucury completara o seu *enrodilhamento* e esperava. »

Enrola cabellos, s. f. Abelha sylvestre trigona.

Enrosco, s. m. Lugar, objecto em que se enrosca outro ; geralmente se usa o termo em relação aos objectos que se prendem á linha de pescar. « Este lugar não é bom porque ha muito *enrosco* para os anzoés. »

Enroupamento, s. m. Acção de enroupar-se alguém. « Completei o meu *enroupamento* de inverno com este sobretudo. »

Enrubescimento, s. m. Acção de enrubescer, ruborisação. « A pilheria provocou o *enrubescimento* das faces da moça. »

Ensaccador, s. m. Certa categoria de negociantes de café propria da praça do Rio. « Firma *ensaccadora* e exportadora. »

Ensalsichar, v. i. Fazer salsicha de. Cf. Aluizio Azevedo, *O touro-negro*.

Ensarilhamento, s. m. Acção de ensarilhar (armas). « O tenente ordenou o *ensarilhamento* das carabinas. »

Ensombramento, s. m. Acção de ensombrar. « Com as novas arvores completa-se o *ensombramento* da avenida. »

Entancar, v. t. Represar agua. O açude *entanca* as aguas do Guarapiranga.

Entenebrecimento, s. m. Acção de entenebrecer. « O orador usando da eloquencia para o *entenebrecimento* do já tão sombrio quadro provocou verdadeiro terror entre os assistentes. »

Enterro dos ossos, s. m. Torna boda. « O *enterro dos ossos* esteve tão animado como o baile do casamento. »

Entijolamento, s. m. Acção de entijolar. O *entijolamento* do pateo é indispensavel para acabar com o lamaçal.

Entojar, v. i. Enjoar; aborrecer. Cf. *Luiza Homem*, p. 142.

Entrelinhamento, s. m. Acção de entrelinhar. « O *entrelinhamento* do artigo de fundo torna-se indispensavel senão muita gente lhe não ligará importancia. »

Enterriano, adj. e s. m. Natural da provincia de Entre Rios (Rep. Argentina). « O caudilho *enterriano* Cespedes. »

Entroixo, s. m. Chumaço. Enchimento exacto. « O *entroixo* deste manequim é de algodão. »

Entuchamento, s. m. Acção de *entuchar*. « Que remedio senão aceitar o *entuchamento* da questão? »

Entuchar, v. t. Engulir. Supportar calado uma affronta. Calar-se. « F. devia demittir-se mas como sustentar a familia? Teve de *entuchar* quanto lhe fez o insolente patrão. »

Enverdecimento, s. m. Accção de enverdecer. « O *enverdecimento* que a primavera traz. »

Envira, s. f. Arbusto trepador (*Gualeria spec.*).

Enviratai, s. f. Planta anonacea (*Duguetia riparia* Hub.).

Enxofre, s. m. Planta leguminosa (Bol. de Agric.).

Enxú, s. m. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).

Eoratesên, s. m. Planta herbacea medicinal. Dicc. Arruda Camara.

Equiparado, s. m. Instituto de instrucção secundaria que goza das regalias dos estabelecimentos officiaes. « Na immensa maioria dos *equiparados* os exames são verdadeiras farças. »

Erostratismo, s. m. Mania que leva os individuos a commetter desatinos no intuito de celebrar-se, á semelhança de Erostrato. Tambem se diz *erostratomania*.

Erostratomaniaco, s. m. adj. Individuo affectado de *erostratomania*.

Ervaca, s. f. Arbusto da familia das leguminosas.

Estarro, s. m. Acto de relezar a redea aos cavallos ardegos para lhes fazer sentir o freio. « Com dous ou tres *estarras* este burro amansa. »

Esbornha, s. f. Italianismo muito usual em S. Paulo. Orgia (*sborgnia*).

Esbornhador, s. m. (chul.). Orgiaco. Italianismo corrente em São Paulo.

Esbornhar, v. i. (chul.). Tomar parte, viver em orgias. « Flevou a semana a *esbornhar* e a beber. »

Escada. Nome que os baleiros de Bahia dão ao ventre da balea. Cf. Camara, ob. cit., p. 84.

Escada de jaboty, s. f. Planta medicinal.

Escalda mão, s. f. Planta gingeracea (*Hedychium coronarium*).

Escalda mar, s. m. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 405.

Escampavita, s. f. Termo da antiga tecnologia da esgrima portugueza. Cf. Mendes Leal, *Os mosqueiros da Africa*.

Escangotar, v. t. Pleb. Segurar, sacudir pelo *cangote*, pelo pescoço.

Escantilhado, adj. es. m. O que não está em angulo recto. « Não sei como construir cousa que preste naquelle *escantilhado* da rua de São João. »

Escantilhar, v. t. Termo de carpintaria. Cortar uma peça de modo que os angulos não sejam rectos.

Escaphandrista, s. m. Mergulhador revestido de escaphandro. « *Os escaphandristas* não sentem o enorme peso do capacete. »

Escarlatiniforme, adj. relativo ás molestia eruptivas cujos symptomas se assemelham aos da escarlatina.

Eschyleano, adj. O que lembra o estylo, o estro de Eschylo. « Esta scena tem algo de eschyleana; é a melhor da tragedia. »

Eslarecedor, s. m. Nome de um certo typo de navios de guerra (*scout* da marinha ingleza).

Escolha, s. f. Café de inferior qualidade. « Vendi toda a minha *escolha* á razão de oito mil reis a arrouba. »

Escopeiro, s. m. Instrumento usado na calafetagem dos barcos (Sul da Bahia).

Escorraçado, adj. Arisco, arredio (Matto Grosso). Ap. Taunay, *Innocencia*.

Escorregador, adj. s. m. (gir.). Mentiroso. « Não acredites muito em F... que é *escorregador*. »

Escorregar, v. i. (gir.). Mentir.

Escorrimento, s. m. Operação destinada a fazer a separação do leite e da manteiga.

Escorropichamento, s. m. Acção de escorropichar.

Escorropichar, v. t. e i. (gir.). Pagar contra a vontade. « O sujeitoinho apesar do berreiro que fez *escorropichou* o cobre que devia. »

Escossia, s. f. Variedade de canna de assucar (Bol. Agric.).

Escoteiro, s. m. Tripolante da baleeira encarregado de sua manobra (Sul da Bahia).

Escovado, adj. (gir.). Individuo esperto, « passado por India e Mina ». « Ninguém logra S... é um typo *escovado!* ».

Escudo, s. m. Disposição caracteristica do ubre das vaccas.

Ecurão, s. m. Noute fechada (Matto Grosso). Ap. Taunay, « *Innocencia* ».

Esfachear, v. t. Esphacelar, abrir de meio a meio. « Com o machado o negro esfachou a cabeça do rival. »

Esfalfado, s. m. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 105.

Esfogueado, adj. Soffrego. « Este homem prejudica muito todos os serviços que faz por ser *esfogueado*. »

Esfoguear, v. i. Apressar. Atarantar-se. Afoguear. « O homem *esfoguea-se* por qualquer cousa e perde logo as estribeiras. »

Esfogueteado, adj. Estrabulegas. « Não tenhas confiança neste sujeito que é um *esfogueteado*. »

Esfoguetear, v. i. e t. Soltar foguetes. Afugentar. « *Esfoguetearam* o traste daqui com duas ou tres sovas que lhe pregaram. »

Esfoladouro, s. m. Lugar dos matadouros onde as rezes são esfoladas.

Esfomeação, s. f. Estado em que o individuo se acha esfaimado. « A falha das colheitas de trigo causou a *esfomeação* de toda a provincia. »

Esguicho, s. m. Lavatorio fixo em que ha agua canalizada. « Em geral colloca-se o *esguicho* na sala de jantar. »

Esguicho, s. m. (gir.). Certa combinação em jogos de azar, sobretudo na roleta.

Esipra, s. f. Erysipela (Ceara). Cf. G. Barroso, *Terra de sol*, p. 161.

Esmeril, s. m. Nome que nas lavras de diamantes dão a um minerio de ferro.

Esmeril, s. m. No oeste de São Paulo dá-se o nome de esmeril ao oxydo de ferro proveniente da decomposição das terras roxas e que tem a apparencia de uma areia negra. « O *esmeril* em abundancia é um optimo signal de fertilidade. »

Esmolambação (chul.), s. f. Acção de *esmolambar* Achincalhamento.

Esmolambador, adj. (chul.), Individuo que nada respeita, que tudo achincalha.

Esmolambar, v. i. (chul). Achincalhar. Acanalhar do modo mais sordido. « F... *esmolambou* o baile com as incriveis diabruras que fez. »

Espadada, s. f. Golpe applicado com uma espada. « Com uma *espadada* o soldado abriu a cabeça do bandido. »

Espadeira, s. f. Arvore leguminosa cesalpinacea (*Eperua falcata*, Aubl).

Espaldeirada, s. f. Golpe de espada ou de sabre applicado com o chato da lamina. « Valentes *espaldeiradas* applicaram os policiaes ao pobre preso. »

Espalha brazas, s. m. Individuo irrequieto, desordeiro. « Já chegou aquelle *espalhabrazas*; breve temos conflicto. »

Espandongado, s. m. adj. Individuo lambuzão; sem ordem nem methodo na vida. « Esta moça é uma *espondongada* como dona de casa. »

Espandongamento, s. m. Desordem; relaxação. Desalinho do vestuario. « Sahi ás pressas num *espondongamento* completo. »

Espandongar, v. i. Pôr em desordem. Estragar, avariar. « A costureira *espondongou-me* todo este vestido. »

Espanejador, s. m. Espanador. Cf. Eça, *Illustre casa*, 520.

Espantadão, adj. Simplório. « *O espantadão do José acredita em quanto lhe contam.* »

Espanta porco, s. m. Passaro formicaróide (*Chamaesiza*).

Esparolação, s. f. Leviandade. Arrebatamento. Falta de criterio. « *A esparolação de V... é tão notoria que ninguem o toma mais a serio.* »

Esparolado, adj. s. m. Individuo arrebatado e sem criterio. « *O esparolado do B... é muito homem para repetir o segredo.* »

Esparrachar, v. t. Escachar. Escarrapachar-se. « *O burro fez com que o cavalleiro se esparrachasse no chão.* »

Esparramar, v. i. Cabir do cavallo. « *Em toda a minha vida esparramei tres vezes das quaes uma de um burro velhaco.* » Por vezes tenho visto pessoas do povo empregar o verbo como se unicamente designasse a queda do alto de uma cavalgadura.

Espeloteamento, s. m. Falta absoluta de criterio. « *O espeloteamento do Joaquin ainda ha de sahir-lhe caro. E' quasi um irresponsavel.* »

Espera, s. f. Correia da sella onde se abotoam as cilhas.

Espera marido, s. m. Doce de ovos e assucar queimado.

Espera pelas outras, s. f. Planta herbacea da familia das compostas (*Aster*).

Espera primeiro, s. f. Planta medicinal.

Esphingetico, adj. Misterioso, sybillino; o que guarda a impenetrabilidade da esphyngé. « *Os jurados mostram-se esphyngeticos quanto á decisão que tomaram; nada transparece dos seus modos.* »

Espia maré, s. m. Pequeno carangueijo.

Espicha (gir.), s. m. Fazer má figura em publico; ficar em má postura. « *Que espicha o exame deste moço! Nada respondeu e teve de ser reprovado!* »

Espichar-se, v. m. Enganar-se, ser mal succedido. « *Julgava o F... que lhe seria facil a empreza e espichou-se redondamente. Ficou arruinado.* »

Espicharetur, s. m. (gir.). Exame, em que o candidato foi *espichado* pelos examinadores, em que se *espichou*. « *A prova oral deste moço foi um espicharetur com que ninguem contava pois passava por preparado.* »

Espigaitado, adj. gir. Excitado; ligeiramente embriagado. « *O J... espigaitado graças a dous calices de cognac...* »

Espinhoiro de Santo Antonio, s. m. Arbusto da familia das leguminosas.

Espinho de carneiro, s. m. Planta composta (*Xanthium macrocarpum*).

Espinho de judeu, s. m. Arvore flacourtiacea (*Myroxylon salzmanni*, Warb).

Espinho de vintem, s. m. Arvore rutacea (*Xanthoxylum rhoifolium*, Lam).

Espinho roxo, s. m. Arvore leguminosa mimosacea (*Piptadenia polyptera*, Bent).

Espinoteado, s. m. adj. Individuo sem criterio, *espeloteado*; impulsivo.

Espinoteamento, s. m. (gir.). Adoudamento. Falta de sizo, o mesmo que *espeloteamento*.

Espirillose, s. f. Molestia contagiosa, provocada por espirillos, que dizima as aves.

Esporre, s. m. (chul.). Desordem: rixa. « Se o João vier ao baile fará um *esporre* como prometeu, um *rolo* serio. »

Espravonado, adj. (gir.). Syn. de *espeloteado* e de *espinoteado*.

Espravonamento, s. m. Synonymo de *espeloteamento* e de *espinoteamento*.

Espuma, s. m. Sal de inferior qualidade.

Estabanadamente, adv. de modo estabanado. « A noticia soube-a o João que lha contou *estabanadamente* o moço. »

Estabanamento, s. m. Qualidade de quem é *estabanado* Estouvamento. « O *estabanamento* do Silva leva-o frequentemente á indiscreção. »

Estaca cavallo, s. f. Planta herbacea escrofulariacea (*Gratiola*).

Estampilhagem, s. f. Acção de estampilhar. « A *estampilhagem* dos cadernos de cheques é muito pratica. »

Estapafurdamente, adv. De modo estapafurdio. « Apareceu a mulher *estapafurdamente* vestida. »

Estapafurdice, s. f. Absurdo. « Este plano é uma verdadeira *estapafurdice*, um contrasenso. »

Estapeamento, s. m. Esbofetamento. Acto de estapear. « F... impediu o estapeamento reciproco dos dous contendores. »

Estapear, v. t. e i. Dar tapas. Esbofetear. « X... e Y... liquidaram contas hoje *estapeando-se* vigorosamente. »

Estaqueamento, s. m. Operação topographica consistente na fixação da posição de um certo numero de *estacas*.

Estaquear, v. t. e i. (topogr.) Estabelecer uma serie de estacas ou pontos de referencia. « Os dois rumos já estão *estaqueados*. »

Esteira, s. f. Planta cyperacea (*Scirpus riparius*),

Estica, s. f. (gir.). Elegancia no trajar. « F... sahiiu hoje numa *estica!* de roupa nova, flor ao peito e cartola. »

Estillingue, s. m. Arma de arremesso destinada a matar passarinhos.

Estopeira, s. f. Planta cujas fibras são textis.

Estoraque do campo, s. m. Planta styracacea (*Styrax camporum Pohl*).

Estourado, s. m. e adj. Individuo adoudado, turbulento. « Este moço é *estourado* de uma vez. Conta mil e uma aventuras e façanhas. »

Estourar, v. i. Dispersar-se (falando de uma boiada tomada de panico). « Os zebús *estouram* mais facilmente do que o gado brasileiro. »

Estouro, s. m. Dispersão para todas as direcções dos bois

de um rebanho em marcha, tomado de subito e inexplicavel panico. « O maior perigo que ameaça o boiadeiro é o *estouro*. »

Estrabulegas, s. m. Doudarraz, escaldafavaes. Prodigio. « O *estrabulegas* do S... já liquidou a herança paterna. »

Estrada de ferro, s. f. Jogo de cartas parecido com o bacarat.

Estradeirão, adj. Qualidade determinada da marcha do cavallo (Ceará). Cf. *Terra de sol*, p. 96.

Estranja, s. f. (pleb.). Exterior. « Este homem veio da *estranja*, creio que de Portugal ». Ap. Taunay, « Innocencia ».

Estrella, s. m. Nome de um carrapato commum no oeste de São Paulo. Ap. Explor. do Tietê pela Comm. Geogr.

Estrella, s. m. Cavallo preto com uma mancha branca na testa. Cf. *Terra de sol*, p. 27.

Estrepolieiro, s. m. Fazedor de estrepolias. Traquinas. « Este menino é um *estrepolieiro* perigoso. »

Exú, s. m. Abelha sylvestre de Pernambuco.

F

Fabrica, s. m. Auxiliar do campeiro (Piauhy).

Facada, s. f. (gir) Pedido de dinheiro. « F... deu me uma *facada* de dez mil reis mas não *sangrei*. »

Facadista, adj. e s. m. Individuo que leva a pedir dinheiro emprestado que nunca paga. « O S... é *facadista* até de quinhentos reis. »

Facão, s. m. Pescador que retalha o cadaver da baleia (Sul da Bahia).

Facão, s. m. Serpente venenosa do norte do Brazil.

Facheador, s. m. : Carregador (?), moço de fretes (?). Ap. Xavier Marques, *Praieiros*.

Facheiro, s. m. Genero de cardos do norte do Brazil.

Facho, s. m. (gir) Milreis Empresta-me dez *fachos*.

Facinorosamente, adv. de modo facinoroso. « Agindo *facinorosamente* o delegado fez-se cúmplice do sicario neste crime.

Faia, s. f. Nome que nas lavras diamantinas se dá a certo mineral.

Fakirismo, s. m. Conjuncto das praticas e peloticas effectuadas pelos *fakirs*.

Falaciosamente, adv. de modo falacioso. « As promessas apontadas *falaciosamente* naturalmente não se cumpriram.

Falcatruero, adj. e s. m. Individuo que pratica falcatruas. « F... concussionario conhecido e *falcatruero-mor*... »

Falhidão, s. m. Lugar do cafesal em que morreram diversas arvores.

Fallupa, s. f. Casulo do bicho de seda em que o insecto morreu.

Falsacainca, s. f. Planta rutacea (*Chiococa racemosa*).

Falsa membrana, s. f. Membrana que apparece no croup e cujo crescimento pode provocar a asphyxia.

Falso croup, s. m. Angina cujos symptomas lembram os do croup.

Famanan, adj. Famanaz, valentão. « O Elias é o *famanan* aqui da redondeza, temido de muitos. »

Familiarisação, s. f. Acção de se familiarisar. « A familiarisação dos operarios com as novas machinas foi rapida. »

Fanatisação, s. f. Acção de fanatisar. « Dentro em poucos o energumeno conseguia a *fanatisação* dos seus sequazes. »

Fandanguassú, s. m. (gir.). Baile carnavalesco. « O *fandanguassú* durou até tarde; ás seis da manhã ainda se dançava. »

Fanfan, s. f. Planta malvacea (*Hibiscus bifurcatus Cav.*).

Faquinha, s. m. Pescador encarregado de picar em pequenos pedaços o cadaver da baleia, retalhado em grandes pedaços pelos facões (Sul da Bahia).

Faquista ou facadista, s. m. (gir.). Individuo que leva a pedir dinheiro que nunca restitue. « F... é um *faquista* que já desceu ao ponto de pedir dez tostões. »

Farinha d'agua, s. f. Farinha grossa de inferior qualidade.

Farinha secca, s. f. Arvore ochracea (*Ouratea castaneaefolia Engl.*).

Farra, s. f. (chul.). Bordel de infima especie. « As *farras* da rua Bonita são habitadas por meretrizes sordidas. »

Fatejar, v. t. Concertar roupa; arrumar roupa? « *Poz-se a fatejar* na rouparia commum. » Ap. Xavier Marques, *Praieiros*, p. 19.

Fava bico de papagaio, s. f. Planta herbacea leguminosa (*Phaseolus...*).

Fava boca de moça, s. f. Planta leguminosa (*Phaseolus saponaceus*).

Fava cabrocuço, s. f. Planta leguminosa (*Cajanas*).

Fava de Angola, s. f. Arbusto leguminoso.

Fava de cobra, s. f. Arbusto bignoniacea (*Bignonia ophidiana*).

Fava de sete semanas, s. f. Arbusto leguminoso.

Fava figado de gallinha, s. f. Arbusto leguminoso.

Fava olho de peixe, s. f. Arbusto leguminoso.

Fava rim de paca, s. f. Arbusto leguminoso.

Fava sangue de boi, s. f. Arbusto leguminoso.

Faveiro, s. m. Arvore leguminosa mimosacea (*Pterodon pubescens Benth.*).

Faveiro do campo, s. m. Arvore (*Pithecolobium multiforme*).

Favella, s. f. Planta das cantigas bahianas. Ap. Euclides da Cunha, « Os Sertões ».

Favorita, s. m. Graminea (*Tricholema a rosea*).

Fazendão, s. m. (chul.). Mulher alta e corpulenta. « Esta rapariga é um *fazendão*. »

Fazendeirada, s. m. (fam.). A classe dos fazendeiros, a lavoura. « A *fazendeirada* está entusiasmada com os preços do café. »

Fazque-fazque, s. m. Ameaça. « O caboclo continua como seu *fazque-fazque* a assustar o pessoal. »

Feiarrão, adj. Indivíduo muito feio; feanchão. « O *feiarrão* do A... pensa que é um adonis. »

Febrento, s. m. Indivíduo atacado de febres. « No hospital ha quatro *febrentos*. A epidemia declina. »

Febrento, adj. Lugar assolado por febres. « As margens do Rio Grande em geral são *febrentas*. »

Fecha bodegas, s. m. Desordeiro, valentão (Ceará). Cf. *Terra de Sol*, p. 148.

Fecha-fecha, s, m. Panico. « A bernarda do dia occasionou um *fecha-fecha* geral em toda a cidade, apavorando o povo sobre maneira.

Fedido, adj. Fedorento; forma usualissima em São Paulo. « Esta agua está podre e muito *fedida*. »

Feijão, s. m. Nome vulgar das *turmalinas* em diversas zonas do Brazil.

Feijão, s. m. Nome que os mineradores de diamantes dão a um certo mineral ou ao seixo miudo do cascalho.

Feijão da India, s. m. Planta leguminosa (*Dolichos Sinensis*).

Feijão de leite, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 103.

Feijão macassar, s. m. Planta leguminosa (*Cajanus*).

Feitiço, s. m. Variedade de banana (*Musa religiosa*).

Fel da terra, s. m. Planta balanophoracea (*Scybalum fungi-forme*).

Fem-fem, s. m. Passarinho (*Diplopterus navius*).

Feria, s. f. Receita de um dia. « A feria do botequim foi hoje de trinta e e sete mil reis. »

Feridento, adj. Coberto deferidas. « Este boi os morcegos o puzeram *feridento*. »

Ferragem, s. f. Nome que nas lavras de diamantes dão ao ferro oligisto.

Ferragem, s. f. Armas que um individuo costuma trazer comsigo. « A minha *ferragem* é sempre a faca ou o revolver. »

Ferro, s. m. Varied. de milho (Bol. de Agric.).

Fertez, s. m. Queijo de fabricação franceza.

Fervedouro, s. m. Lugar onde o cascalho diamantifero deve ser lavado.

Festar, v. i. Fazer festa. Bailar. Ap. A. Azevedo, « O cortiço ». »

Ficha, s. f. (gir.). Dinheiro de contado. « Recebeu da herança cem contos em *ficha*. »

Ficheiro, s. m. Empregado de tavolagem que conta ou distribue fichas. « Antes de bancar o baccarat este sujeito foi *ficheiro*. »

Fidalgo, s. m. Planta leguminosa (Bol. de Agricult.).

Figo do inferno, s. m. Planta euphorbiacea (*Ricinus communis*).

Figueira, s. f. Nome vulgar de uma epizootia dos muares. Ap. Bol. de Agric.

Figueira, s. f. (Plantar uma). Levar uma queda (loc. fam.).

Figueira branca, s. f. Arvore da flora paulista (*Urostigma dolianum*).

Figuração, s. f. (gir.). Representação, luxo. « F...gasta imenso e tem pouca *figuração*. »

Filança, s. f. Parasitismo. « V. vive ás costas de S... numa *filança indecorosa*. »

Filança ou melhor **Fila**, s. f. (gir.). Mania que certos jogadores inveterados têm de ver o jogo que recebem, carta por carta. « A tua *filança* faz nos perder um tempo infinito. »

Filar, v. i. Aproveitar-se, parasitar. « F... *fila* ao amigo a cama e a mesa. »

Filar, v. t. (gir.). Examinar as cartas que se vão recebendo, uma por uma.

Filho, s. m. Pequeno tambor usado em sambas e batuques.

Filhotão, s. m. Nome que em Goyaz se dá aos filhotes de grandes pernaltas como o jaburú. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 471.

Filhotismo, s. m. Nepotismo. « O *filhotismo* do senador A... leva-o a empregar nos melhores lugares todos os seus incontáveis parentes. »

Finar, v. i. Desmaiar, perder os sentidos. Esta accepção do verbo é muito usada no Rio Grande do Sul. « A creança tanto chorou que *finou* ; custou a recobrar o folego. »

Fincão, s. m. Insecto hematophago. Ap. Velloso, « Missões ».

Finfim, s. m. Passaro da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Fintador, s. m. Caloteiro. « Não alugues a tua casa áquelle *fintador* de alugueis. »

Firme, adj. e s. m. Cão de caça adestrado a seguir um unico animal. « O *Lord* é um typo de *firme* e não de *cacineiro*. »

Fisgo, s. m. Parte do anzol ou do arpão que fiska o peixe.

Fita, s. f. (giria.), *Bluff*, *pose*, armação a effeito (analogia com as fitas cinematographicas), charlatanismo.

Fiteiro, adj. (gir.). Fazedor de fitas. *Bluffista*. *Poseur*. Charlatão.

Flagellomania, s. f. Mania erotica, perversão que leva os que della são atacados a receber ou a applicar açoutes.

Flauta (gir.), s. f. Vadição ; indolencia. Disposição de espirito que nada faz tomar a serio. « Vive Juca na *flauta*, des-
preccupado do futuro. »

Flechilha, s. f. Graminea. (Bol. de Agric.)

Flor cheirosa, s. f. Planta cactacea (*Cereus grandiflora*).

Flor de babado, s. f. Planta apocynacea (*Macrosiphonia longiflora*).

Flor de São João, s. f. Planta bignoniacea (*Pyrostigija venusta*).

Flor de quaresma, s. f. Arvore melastomacea (*Tibouchina mutabilis*, Cogn).

Flor de veado s. f. Arbusto apocynaceo (*Cryptolepis eduliflora*).

Flor de viúva, s. f. Planta verbenacea (*Petrea subserrata*).

Flor do baile, s. f. Planta cactacea.

Flor do cardeal, s. f. Planta convolvulacea (*Convolvulus pennatifidus*).

Focinhante, adj. Bajulador, subserviente. Cf. Ruy Barbosa, *Imparcial* de 25 de janeiro de 1913.

Focinho de porco, s. m. Peixe fluvial (*Oxydoras niger*).

Fogão, s. m. Nome que na *Matta* mineira serve para designar tratos de terra fértil. N'esto *fogão* o café dá admiravelmente.

Fogo apagou, s. m. ou

Fogo pegou, s. m. Columbino sylvestre (*Columbula squamosa*).

Fogo selvagem, s. m. Erupção cutanea frequente no oeste a que os caipiras paulistas dão esse nome.

Foguete, adj. e. s. m. Individuo irrequieto. « Este homem é um *foguete*, anda a viajar sem necessidade alguma e constantemente ».

Folha de cravo do matto, s. f. Arvore caryophyllacea (*Pseudocaryophyllus*).

Folha da costa, s. f. Planta crassulacea (*Bryophyllum calycinum*).

Folha de fortuna, s. f. Planta crassulacea (*Brajophyllum calycinum*).

Folha de figado, s. f. Planta acanthacea (*Belchum semperflorum*).

Folha de frente, s. f. Planta aracea (Arum...)

Folha de lança, s. f. Planta musacea (*Heliconia lanceolitifolia*).

Folha de urubú, s. f. Planta aracea (*Polthos quadrangularis*).

Folha grande, s. f. Planta urticacea (*Urera armigera*).

Folha larga, s. f. Arvore euphorbiacea (*Elacoccea macrophylla*).

Folha livre, s. f. Planta verbenacea (*Lippia urticoides*).

Folha santa, s. f. Planta aracea (*Arum maculatum*).

Folha santa, s. f. Planta apocynacea (*Echites macrocalyx*).

Folhas de louco, s. f. Planta plumbaginacea (*Plumbago scandens*).

Folião, adj. s. m. Folgazão. Geralmente se dá este qualificativo aos membros de clubs carnavalescos. « Os *foliões* dos Fenianos erão os mais ardentes dos carnavalescos de 1904. »

Fonçonata, s. f. Baile, serenata (Matto Grosso). Ap. Taunay, « *Innocencia* ».

Foçudo, adj. Robusto. Ap. Taunay, « *Innocencia*. »

Forgão. Grande vagão. Gallicismo de Eça, « *Cidades e serras* », 199.

Forja, s. f. Fossa, armadilha para apanhar caça grossa.

· **Formigueira**, s. f. Planta polygonacea (*Triplaris noli metan- gere Wedd*).

· **Forquilha**, s. f. Verme nematoide que ataca os gallinaceos (*Synganus trachealis*).

Forquilha, s. f. Nome vulgar da cauda da baleia no littoral bahiano. Camara, ob. cit.

· **Forquilha**, s. f. Coleoptero escarabideo do genero megalosoma (*Hector*).

· **Forreca**, s. f. Larva dos cannaviaes (*Lyginus rugiceps*).

· **Forriell**, s. m. Passarinho (*Pitylus cayanensis*).

· **Fortuna**, s. f. Planta crassulacea (*Bogophillum callicinum*).

· **Fragmento**, s. m. Nome que os pescadores de baleia do Sul da Bahia dão aos restos do cadaver do cetaceo não utilisavel.

Fragueiro, s. m. Nome que na região da Ribeira de Iguape dão aos praticos da navegação fluvial. « Este *fragueiro* não deixará que o vaporsinho encalhe. »

Frango de botica, s. m. Individuo joven e esgalgado com pretensões donjuanescas. « Este *frango de botica*, que nem bigode tem ainda, mostra pretensões a casar-se com a S... »

· **Franqueira**, s. f. Facão. « O malvado metteu-lhe a *franqueira* até o cabo, matando-o logo. »

Franqueiro, s. f. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).

Franqueiro, adj. (chul.). Individuo cuja mulher é infiel. « Por allusão aos bois *frankeiros* que tem chifres colossaes. »

Frasco, s. m. Determinada medida do latex da seringueira. Ap. Alberto Rangel, « Inferno Verde ».

Friquití, s. m. Faniquito. « O *friquití* da Maria parece-me fingido, voltou a si quando fallaram em despila. »

Frontão, s. m. Recinto onde se joga a *pelota*.

Fructa de Arvore, s. f. ou

Fructa de cotia, s. f. Arvore euphorbiacea (*Johannesia princeps*).

Fructa de gentio, s. f. Arbusto trepador.

· **Fructa de jacaré**, s. f. Planta rubiacea (*Basanacontha spinosa*).

Fructa de jacú, s. f. Arbusto chenopodiaceo (*Spinalia jacumina*).

Fructa de macaco, s. f. Arvore de elevado porte.

· **Fructa de pavão**, s. f. Arvore sapindacea (*Schmidelia edulis*).

Fructa de papagaio, s. f. Planta rubiacea (*Manettia luteorubra*).

Fructa de Pharaó, s. f. Arvore sapindacea (*Erythroxylum pel- leterianum St Hill*).

Fructa de pombo, s. f. Planta erythroxyllacea (*Erythroxylon myrsinetes*).

Fructa de tucano, s. f. Arvore erythroxyllacea (*Erythroxyl- lum campestre St Hill*).

Fructeira de burro, s. f. Planta herbacea solanacea (*Solanum lycocarpum*).

Fruita, s. f. Nome com que os caipiras designam a jabolicaba como se esta fosse a fructa por excellencia. « Ha *fruta* em outubro. »

Fruxú, s. m. Passaro formicaroiide (*Enxarthmus aurifrons*).

Fuá, adj. s. m. Valentão, provocador. « E' bom afastar do samba o Justino que é muito *fuá* e capaz de armar algum *sarilho*. »

Fubá, adj. Diz-se do boi de pello branco (Ceará.) Cf. *Terra de sol*, p. 100.

Fubecar, v. t. e i. (gir.). Dar pancada. « O João *fubecou*, o filho de tal modo que o poz de cama. »

Fumeiro, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 100.

Funil, s. m. Turbilhão de aguas correntes. Remoinho. « O rio alli forma um *funil* perigoso. »

Furão, s. m. Parasita dos algodoaes (Bol. de agricultura).

Furo, s. m. (gir. de imprensa). Novidade dada em primeira mão « O *Correio* deu um *furo* na questão do contrabando. »

Furtacor. s. f. Serpente do genero *lachesis* (*Lachesis itape-tingæ*).

Furú-furú, s. m. Espuma do meloaço a ferver.

Fusa (chul.), s. f. Marafona.

Fuso s. m. (chul.). Baile reles; orgia. « Ao *fuso* concorreu um *peçoal* de gatunos e rameiras. »

G

Gabolice, s. f. Acção de se gabar. Basofia. « A *gabolice* de S... é tal que o leva a mentir. »

Gachipaes, s. f. Palmeira (*Gulielma speciosa*).

Gafanhoto, s. m. e adj. Individuo esquipatico. « F... que era um *gafanhoto*, engordou e hoje é elegante até certo ponto. »

Gainambé, s. m. Passaro formicaroiide (*Chasmorrynchus niveus*). Araponga.

Gaiola, s. f. Embarcação de calado diminuto que navega nos rios da Amazonia.

Gaiola, s. f. Vagão aberto de estrada de ferro para o transporte de madeiras.

Gaivota, s. m. (gir.). Papalvo.

Gaivota preta s. f. Pequeno pernalta (*Vanellus cayanensis*).

Galante, s. m. Raça bovina de Matto Grosso. Ap. Paulo Ehrenreich, « Raças bov. de Matto Grosso. »

Galeão, s. m. Nome que em Goyaz dão a um pernalta. Ap. Taunay, « Goyaz em 1875 ». »

Galgo, s. m. (gir. de estudantes). Estudante que pretende

abreviar o tempo de estudos prestando exames simultaneos de diversas series. « F... formou-se mais depressa do que o irmão por ter sido *galgo*. »

Galla, s. f. Fecundação dos ovos das áves. « Estes ovos não tiveram *galla* e por isso não devem ser chocados. »

Gallego, s. m. Alcinha depreciativa dos portuguezes no Brazil.

Gallinheiro, s. m. (gíria). Torrinhãs; as localidades mais baratas de um theatro. « Plateia, camarotes, *gallinheiro*, tudo estava repleto. »

Gallo bandeira, s. m. Nome dado a certo peixe no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., 105.

Gallo do matto, s. m. Ave trepadora (*Momotus leuillantii*).

Gallo do matto, s. m. Passarinho (*Coryphospingus pileatus*).

Gallo lingua preta, s. m. Nome dado a certo peixe no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 108.

Galopão, s. m. Galope folgado. « Era tal a superioridade de Blitz que venceu o pareo de *galopão*. »

Gama, s. f. Uma das pedras da rede do xareu. Cf. Camara, ob. cit., p. 44.

Gamela, s. m. Individuo que faz vezes de engenheiro sem ser diplomado. A turma conta um engenheiro e dous *game-las*, antigos niveladores. »

Gancheiro, s. m. Canoeiro que põe a embarcação a mover-se por meio de ganchos que vai prendendo em arvores, pedras, etc. das margens ». Tornando-se o rio muito largo os *gancheiros* passaram a trabalhar de varejão. »

Ganga, s. f. Serie de sete partidas em diversos jogos sobretudo no gamão. « Ganhei duas *gangas*, uma das quaes com quatro gamões *cantados*. »

Ganglionar-se, v. p. Subdividir-se em gangliões. Cf. E. da Cunha, *Sertões*, p. 20.

Ganhador, adj. Individuo seme scrupulos para quem todos os lucros são bons. « F... é um *ganhador* que ha de devorar os socios. »

Ganha saia, s. f. Planta lobeliacea (*Lubelia edulis*).

Ganiçar, v. i. Ganir (Goyaz). Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 54.

Gansão, s. n. Pernalta; flamengo (*Phanicopterus ruber*).

Ganso, s. m. (gir.). Bebedeira, broega. « O F... está meio no *ganso* com o *paraty* que bebeu ». »

Ganso-cor-de-rosa, s. m. Pernalta (*Phanicopterus roseus*).

Ganso-cysne, s. m. (gir.). Seringa composta de uma pera e de duas tubuladuras.

Gapó, s. m. Trecho de matta alagadiço devido a enchentes de rios. *Igapó* diz-se no norte, frequentemente, porém, ouvi dos caipiras paulistas a forma acima transcripta. « Pescar nos *gapós* do Mogy dá muito peixe. »

Gaponga, s. f. Anzol feito de osso. Ap. Conego Bernard, « Viagem ao Madeira ».

Garacheta, s. f. Peixe marinho.

Garacuhy, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Garagem, s. f. Adaptação do francez *garage*. Deposito de automoveis. « Esta *garagem* tem automoveis capazes de vencer a serra da Tijuca. »

Garapacapunta, s. f. Arvore myrcinacea (*Conomorpha peruviana*. D. c.).

Gararoba, s. f. Arvore da flora paulista.

Garapau. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 103.

Garateia, s. f. Nome que no sul da Bahia dão a uma pequena ancora de roça usada em embarcações de pesca.

Garça azul, s. f. Pernalta (*Ardea cerulea*).

Garça de cabeça preta, s. f. Pernalta (*Nycticorax pileatus*).

Garça de Guyana, s. f. Pernalta (*Ardea agami*).

Garça morena, s. f. Pernalta (*Ardea cerulea*).

Gargantear, v. t. Segurar pela garganta. « O faccinora *garganteou* o pobre homem com tal força que quasi o estrangulou. »

Garganteice, s. f. Avidez de lucros destituídos de escrupulos. Cf. Ruy Barbosa, *Imparcial* de 25 de janeiro de 1913.

Gargantudo, adj. e s. m. Individuo ganancioso e sem escrupulos. « A pobre Companhia cahiu ás mãos de ferozes *gargantudos* que hão de devorala. »

Gariroba, s. f. Palmeira (*Coccothraustes oleracea*).

Garnizé, s. m. Raça de minusculos gallinaceos. « Os gallos *garnizés* em geral são bellicosos. »

Garnizé, s. m. Homem de pequena estatura e rusguento. « Este *garnizé* é muito provocador. »

Garôa, adj. e s. m. Individuo brigador. « Este *garôa* já foi bem castigado uma vez do seu prurido combativo. »

Garoupinha, s. f. Nome vulgar de certo peixe no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 106.

Garrafada, s. f. Golpe desfechado com uma garrafa. « A *noute das garrafadas* ainda mais excitou os brazileiros contra Dom Pedro I. »

Garrafeiro, s. m. Comprador ambulante de garrafas. « Este *garrafeiro* paga as garrafas de litro a tostão. »

Garrancheira, s. f. Má calligraphia. Serie de *garranchos*. « Esta escriptura foi redigida numa *garrancheira* quasi illegivel. »

Garranchento, adj. Adj. relativo ás arvores tortuosas : cheias de *garranchos*. Cf. E. da Cunha, *Sertões*, p. 117.

Garrancho, s. m. Insecto orthoptero (Bol. de Agric.).

Garranchos, s. m. Letra manuscrita de feio aspecto. Caracteres mal formados e pouco legiveis. « Esta carta de F... está escripta em *garranchos* incompreensiveis. »

Garriame, s. m. Nome vulgar de certo peixe no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 106.

Garrião, s. m. Nome vulgar de certo peixe no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 106.

Garriça, s. t. Passarinho (*Troglodytes fulvus*).

Garrucha, adj. e s. m. Individuo que no jogo não tenta grandes lances e procura acautelar o ganho. « F... é muito

garrucha, quando apanha uns vinte ou cincoenta mil reis põe-se *atrás do loco*. »

Garruchar, v. i. Jogar com grande cautela para não arriscar os lucros dos primeiros lances. « *Que jogo garruchado o daquelles quatro garruchas ! E delles quem mais garrucha é o S...* »

Garruchismo, s. m. (gir.). Sovinaria ; agarramento.

Gary, s. m. Nome que no Rio de Janeiro dão aos empregados da limpeza publica superintendida, por muito tempo, por um contractante chamado Gary. « Os *garys* não varreram a rua hoje. »

Gasquito, adj. Espevitado. Esta moça é muito *gasqnita*; fala muito affectadamente. »

Gata, s. f. (giriá). Broega. « O F... *amarrou* uma *gata* com tanto vinho que bebeu. »

Gataparida, s. f. Brinquedo de meninos em que todos se sentam num banco e começam a comprimir-se uns aos outros imitando os miados de um gato enfurecido.

Gateado, adj. attribuido a certa côr de olhos esverdeados. « *Tú pretendes ter os olhos azues quando elles são gateados.* »

Gatinha, s. f. Nome que no littoral bahiano dão aos filhotes do tubarão *litureira*. Cf. Camara, ob. cit., p. 107.

Gato, s. m. Descuido, erro typographico, pastel. « O livro está muito mal revisto; cheio de *gatos*. »

Gato mourisco, s. m. Pequeno felino do sul do Brazil (*Felis eyrá*).

Gauchismo, s. m. Caudilhismo. « O *gauchismo* está definitivamente extincto na Republica Argentina. »

Gaicho, s. m. Alcunha dos rios grandenses do sul. « Este *gaicho* é filho de Uruguayana. »

Gauderio, s. m. Passarinho (*Molobrus sericeus*).

Gavião azul, s. m. Ave de rapina (*Urubutinga schistacea*).

Gavião bello, s. m. Ave de rapina (*Busarellus nigricollis*).

Gavião caipira, s. m. Ave de rapina (*Urubutinga urubutinga*).

Gavião de pennacho, s. m. Ave de rapina (*Spizætus ornatus*).

Gavião de uruá, s. m. Ave de rapina (*Rosthamus sociabilis*).

Gavião pega macaco, s. m. Grande ave de rapina (*Spizætus tyrannus*).

Gavião pomba, s. m. Ave de rapina (*Leucopternis*).

Gavião tesoura, s. m. Ave de rapina (*Nauclerus furcatus*).

Gavião tinga, s. m. Ave de rapina (*Urubutinga meridionalis*).

Gavião vaqueiro, s. m. Ave de rapina (*Leucopternis Kaupi*).

Gaz, s. m. (gir.) Bebida alcoolica; broega; petulancia. « O *gaz* deixou este homem proximo ao *delirium tremens*. »

Geento, adj. Sujeito a geadas. « Não plantes café aqui que esta baixada é muito *geenta*. »

Geitão, s. m. Feição característica e original de character ou de physico. « Este moço é muito bonacheirão; vejam-lhe o *geitão*. »

Gelar, v. t. e i. (gir.). Embaçar. « O F... *gelou* o S... neste negocio roubandolhe uns tres contos. »

Gembeseiro, s. m. Cozinheiro habil em temperar gembês.

Gemeo, s. m. Distancia que vai da extremidade do pollegar á do indicador estando ambos distendidos e em opposição de sentidos. « A bala entrou na madeira de um *gemeo*. »

Generalicio, adj. Referente a um general. « A candidatura *generalicia* do partido radical está sendo combatida acrememente.

Generalá, s. f. (fam). Mulher ou viúva de general. « Visitou nos a *generalá* S... »

Geniparana, s. f. Arvore lecythracea (*Gustavia augusta*, L).

Genreador, adj. (gir.). Individuo que vive á custa do sogro. « Que faz F...? Nada... passa a vida farta de *genreador* de uma sogra rica. »

Genrear, v. i. (gir). Viver á custa dos sogros. « F... casouse rico e não trabalha mais : *genreia*. »

Gentarada, s. f. (pop.). Multidão. « Que *gentarada* havia na procissão ! »

Gepió, s. m. Arvore da flora maranhense.

Gerapoca, s. f. Peixe de rio (*Platystoma platyrrynchus*).

Geraqui, s. m. Peixe de rio (*Prochilodus insignis*).

Gerardino, s. m. Minusculo peixe fluvial das Antilhas (*Girardinus paeciloides*).

Gerê, s. m. Ave de rapina da Amazonia. Ap. Conego Bernardino.

Gereba, s. f. Ave de rapina (*Cathartes aura*).

Gereba, s. m. e adj. Individuo lambusão. « Este *gereba* estraga a roupa em poucos dias. »

Gereba, s. f. Grande arraia (sul da Bahia).

Gererê, s. m. (fam.). Pereba. « As pernas desta creança estão cheias de *gererês*. »

Gericó, s. m. Planta que habita alagadiços.

Gerirana, s. f. Arvore da flora maranhense.

Germanisação, s. f. Assimilação de populações não allemãs sujeitas ao imperio allemão. « A *germanisação* da Polonia pouco progride. »

Gerotacá, s. f. Planta escrophulariacea (*Brumfelsia hopeana*).

Gerra, s. f. Banquete campestre. Piquenique (Rio Grande do Sul). Ap. inform. part.

Gibatão, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Gibi, s. m. (gir.). Negrinho, molequê. « Este *gibi* parece um carvão. »

Gibimba, **gebimba**, s. f. (giria). Tapolagem de infima ordem. (De gebo?).

Gibisada, s. m. (gir.). Molecada, negrada.

Giboiar, v. i. (fam.). Digerir uma refeição copiosa em repouso. « F... empanturrou-se e foi para a cama *giboiar*. »

Gigoga, s. f. Planta aquatica da familia das nympheaceas

Gia, s. f. Pequeno batraceo ranideo do Norte do Brazil.

Ginja, s. m. e adj. Sovino. « O F... é tão *ginja* que não gasta talvez a quinta parte das rendas. »

Gira, s. m. e adj. Maluco, adoidado. « O coitado ficou *gira* com a morte da filha e vai ser internado no hospicio. »

Girar, v. i. Endoidecer. « O homem *girou*, com a perda da fortuna e não recuperará a razão. »

Girice, s. f. Maluquice. « Isto não é mais asneira e sim *girice*. »

Girolas, s. m. Doidivasas. « O F... é meio pancada um *girolas*. »

Girubá, s. m. Palmeira (*Coccoz Romanzoffiana*).

Gitahy amarello, s. m. Arvore bytneriacea (*Thomazia pseudo-lutea*).

Gizar, v. t. Marcar o gado vaccum como signal da fazenda, a que pertence.

Gneissico, adj. relativo ao gneiss. Cf. Euclides da Cunha, « Sertões », p. 17.

Goarabá, s. m. Mammifero amphibio ; peixe-boi (*Manatus americanus*).

Gobinista, s. m. Partidario do gobinismo ou systema sociologico do Conde de Gobineau.

Gogó, s. m. Nome vulgar do pomo de Adão.

Goguento, adj. Ave affectada de *gogo*. « Estes frangos estão *goguentos*. »

Goiaba de macaco, s. f. Arvore da familia das guttiferas.

Goiabinha, s. f. Arvore myrtacea.

Goiapá, Arbusto da flora paulista.

Goiaguica, s. f. ou

Goiquica, s. f. Mammifero marsupial (*Didelphys metachirus quica*).

Goituturubá, s. f. Arvore de elevado porte.

Golfo, s. m. Planta aquatica gencianacea (*Menyanthes brasiliensis*).

Golfo maior, s. m. Planta nympheacea (*Nymphaea alba*).

Gomma, s. f. ou

Gommose, s. f. Molestia que flagella as laranjeiras e de origem fungosa.

Goraná timbó, s. m. Arvore leguminosa (*Camptosema pinnatum Benth*).

Gordura, s. f. Graminea forrageira (Capim gordura).

Gorgonzola, s. m. Queijo italiano feito com leite de cabras.

Gorgorejo, s. m. Som guttural. Cf. Coelho Netto, Sertão, p. 85.

Gororoba, s. f. Arvore da flora maranhense.

Goso, s. m. adj. Caçador inexperiente (Goyaz). Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 16.

Gostosura, s. f. (chul.). Prazer intenso. « Este vinho dá-nos uma *gostosura* ! »

Goteira, s. f. (gir.). Falha na integridade mental. *Telha*. « Este homem não é bem normal. Tem *goteiras*. »

Governo, s. m. Variedade de algodão (Bol. de Agric.).

Governo, s. m. Variedade de canna de assucar (Bol. de Agric.).

Gozador, adj. O que goza. « Intenso *gozador* da vida é o que é aquelle egoista. »

Gracahy, s. m. Arvore leguminosa (*Moldenhauera floribunda*).

Graçainha, s. f. Peixe marinho. Ap. Cesar Marques, ob. cit.

Graciú, s. m. Arvore do valle do Parahyba. Ap. Azevedo Marques, « Apontamentos ».

Gracuby, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Gradil, s. m. Gradaria. « Circumda o jardim publico artistico *gradil*. »

Graduando, s. m. Individuo que está prestes a tomar o grau de bacharel ou doutor. « O quadro dos *graduandos* de medicina está muito bem feito. »

Gramma lanceta, s. f. Graminea forrageira.

Grampa, s. f. Nome que nos Açores dão a certo cetaceo. Ap. informação particular.

Grão capitão, s. m. Individuo que dispõe das attribuições de um cargo a seu talante. « O presidente do estado governa como *grão capitão*, a ninguem quer prestar contas. »

Grão copta, s. m. Pontifice que os antigos autores attribuiam á religião copta.

Grão de gallo, s. m. Planta malpighiacea (*Dicella holosericea*).

Grão de ouriço, s. m. Helmintho que vive sobre certos mamíferos (*Echinococcus*).

Grão sacerdote, s. m. Pontifice supremo; summo sacerdote. « O hierophante proclama-se o *grão sacerdote* do occultismo brasileiro. »

Grão senhor, s. m. Sultão ottomano.

Grão turco, s. m. Sultão ottomano. « O *grão turco* já não é mais imperador absoluto. »

Graphista, adj. e s. m. (gíria de estudantes). Individuo que desenha plantas e projectos sem comprehendelos.

Grapirá, s. m. Ave pelicanidea (*Tachypetes aquila*).

Graúna, s. f. Pequeno passaro preto canoro (*Caphidurus ater*).

Gravancear, v. i. (gir.). Comer. « Estou com fome. Não serão horas de *gravancear*? »

Gravanzo, s. m. (gir.). Comida. Refeição.

Gravata de couro, s. m. (gir.). Soldado; praça de pret. « Este general começou como *gravata de couro* e recruta. »

Gravata lavada, s. (Homem de). Homem de posição. Pessoa de respeitabilidade conhecida. « Muita gente de *gravata lavada* joga roleta aqui, de envolta com uns *pés rapados* e vagabundos. »

Gravata vermelha, s. f. (gir. de bandidos do R. G. do Sul. Passar a *gravata vermelha*, *degotar*.

Gravelle (gallie.), s. f. Sedimento de oxalato e urato de calcio que certas urinas abandonam por decantação.

Graviola, s. f. Peça de madeira em que repousa a quilha dos navios nos estaleiros.

Graxeira, s. f. Lugar dos matadouros onde se accumulam as visceras não aproveitadas das rezes.

Graximim. *Garaxaim*, *aguara.caim*, s. m. Pequeno canideo selvagem do Sul do Brazil.

Grego (Estar). Locução que significa ignorar completamente um assumpto. « Estou completamente *grego* em historia e temo ser reprovado. »

Grelador, adj. (gir.). Individuo que olha insistentemente; namorador. « A menina dá corda a todos os *greladores* que a perseguem com os seus olhares amorosos. »

Grelação, s. f. (gir.). Olhadela. Namoro. « Notei entre os moços insistente *grelação*. »

Grelar, v. i. (gir.). Olhar insistente ou indiscretamente. Namorar.

Grenhudo, adj. Individuo que possui abundante porem ma tratada cabelleira. Grande grenha. « Este preto é *grenhudo*. Tem uma carapinha densissima. »

Grippado, adj. e s. m. (gallic.). Individuo atacado de *grippe*. « Na minha clinica tenho agora quatro ou cinco *grippados*. »

Grito, s. m. Acto da partida dos cavallos que correm um pareo: « O *grito* foi muito bem dado neste pareo; nenhum dos animaes perdeu a sahida. »

Grogotó. Interj. burl. Acabou-se! é tarde! « Chegasses mais cedo meu caro. *Grogotó!* a fazenda foi vendida. »

Grogotori, s. m. Ave de rapina (*Ibycter ater*).

Groló, s. m. Passarinho (*Crotophaga major*).

Gronga, s. f. Geringonça. Cousa mal feita. « Precisamos derrubar esta *gronga* para reconstruilla direito. »

Grosseira, s. f. Erupção cutanea passageira, urticaria (?). « Esta creança está com a pelle do corpo tomado de una *grosseira*. »

Grotão, s. m. Depressão profunda entre montanhas de lombadas muito alcantiladas. »

Groseira, s. f. Nome de certa rêde de pesca no littoral bahiano. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 24.

Grude, s. m. (gir.). Refeição. « Vamosao *grude* que estou com fome. »

Grude de peixe, s. m. *Ichtyocolla*.

Grugulhar, v. i. Piar (aves nocturnas). Cf. Coelho Netto, *Sertão*, p. 162.

Grumará, s. m. Passarinho. C. Marques, ob. cit.

Grumatan, s. m. Peixe fluvial. C. Marques, ob. cit.

Gruna, s. f. Nome que nas lavras diamantinas da Bahia dão ás escavações produzidas pelas aguas nas ribanceiras de certos rios. Ap. Theodoro Sampaio. « A chapada diamantina. »

Grunde, s. f. Pomba sylvestre maranhense. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.

Guabijú, s. m. Arvore myrtacea, (*Campomanesia reticulata*, Berg).

Guabiruyú, s. m. Roedor parecido com o arganaz (*Loncheria armatus*).

Guacamaio, s. m. Arara azul (*Sittace glauca*).

Guacho, s. m. Nome que os hervateiros dão ás mudas da hervamate. Ap. Velloso, ob. cit.

Guahibica, s. f. Peixe marinho. Ap. Cesar Marques, ob. cit.

Guahyssama, s. f. App. de pesca no littoral bahiano. Cf. Alves Camara, p. 26.

Guaiá, s. m. Crustaceo (*Neoripe rumphii*).

Guaiamum, s. m. Gen. de carangueijos (*Cardisonia guanhumi*).

Guaiapós, s. m. Arvore de elevado porte.

Guaiquiquira, s. f. Abelha silvestre.

Guaitica, s. f. Mammifero marsupial. Velloso da Silveira, ob. cit.

Guajissara, s. f. Arvore leguminosa (*Albizzia Lebbeck*).

Guajuvira, s. f. Arvore borraginea (*Patagonula americana L.*).

Guambixim, s. m. Arvore rutacea (*Almeida longifolia*).

Guamirim, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Guamixinga, s. f. Arvore rutacea (*Galipea jasminiflora*).

Guamixira, s. f. Arvore rutacea (*Almeida longifolia*).

Guampudo, adj. (chul.). Marido cuja mulher lhe é infiel.

Guanamim, s. m. Arvore da flora maranhense.

Guandira, s. m. Vampiro (*Phyllostoma spectrum*).

Guapary, s. m. Arvore da flora catharinense. Coelho, ob. cit.

Guaperuvú ou *baquerubú*, s. m., etc. Arvore leguminosa (*Scizolobium excelsum*).

Guapeva, adj. Diz se dos cães de pernas curtas. « Este perdigueiro é cruzado fatalmente pois é meio *guapeva*. » Dizem em Goyaz *Guapeba*.

Guapirá, s. m. Planta herbacea (*Avicennia nitida*).

Guaraipo, s. m. Abelha silvestre. Velloso da Silveira, ob. cit.

Guaraiuba, s. f. Nome vulgar de certo peixe no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 106.

Guaraiuva, s. f. Arvore da flora paulista.

Guarajuba, s. f. Ave psittacidea (*Conurus luteus*).

Guaranaseiro, adj. e s. m. Individuo que extrahе guaraná. Ap. Con. Bernadino, ob. cit.

Guaranisinga, s. m. Passarinho (*Pitylus fuliginosus*).

Guarapuava, s. m. Nome pelo qual são designados no oeste paulista certos cavallos ardegos, espantadiços, pouco resistentes. « Dei cem mil reis por este *guarapuavinha* e arrendo-me. »

Guarapuviras, s. f. Arvore de elevado porte (*Patagonula americana*).

Guarariba, s. f. Arvore bombacea (*Guararibea guyanensis Aubl*).

Guarassahy, s. m. Arvore leguminosa (*Moldenhauera speciosa*).

Guaratan, s. m. Passarinho (*Certiola chloropya*).

Guarauna, s. f. Pernalta (*Notherodius guarauna*).

Guaraundi, s. m. Passarinho (*Stephanophorus caeruleus*).

Guarda cancella, s. m. Individuo preposto á guarda de uma barreira nas passagens de nivel das vias ferreas.

Guarda chuvada, s. f. Pancada com um guarda chuva. « Afugentei o cão com guarda chuvadas. »

Guarda comida, s. m. Movel em que se conservam comidas preparadas.

Guarda do cinturão, s. m. Coleoptero longicornio (*Trachideres succintus*).

Guarda-terra, s. m. Nome que se dá as peças que limitam o estrado das pontes rusticas de madeira.

Garda-moria, s. f. Repartição aduaneira dirigida pelo guarda mor.

Guarda-pés, s. m. Espécie de botas usadas pelos vaqueiros bahianos. Cf. E. da Cunha, « Sertões », p. 120.

Guarema, s. f. Planta phytolacacea (*Sequiaria alliacea*).

Guariba, s. f. Raça caprina brasileira dos sertões do centro.

Guaribeira, s. f. Arvore da flora maranhense.

Guaricema, s. f. Peixe marinho do sul da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 107.

Guaritá, s. m. Arvore sapotacea (*Chrysophyllum ramiflorum*).

Guaruba, s. f. Madeira de lei da Amazonia. Moura, ob. cit.

Guarucaia, s. f. Lepra; morphéa. « O coitado pensava ter um eczema mas está com o mal, a guarucaia. »

Guarú-guarú, s. m. Minusculo peixe fluvial (*Lebites pœcilloides*).

Guarundi, s. m. Passarinho (*Tachyphonus coronatus*).

Guarupé, s. f. Abelha sylvestre. Dicc. de Moreira Pinto. Art. *Italiba*.

Guarupirity, s. m. Arvore de grande porte.

Guarupú, s. f. Abelha sylvestre.

Guasqueiro, adj. (*vasqueiro*) raro. « Os cobres andamguasqueiros, não ha serviço quasi nas fazendas. »

Guassatunga, s. f. Arvore de elevado porte, flacourtiacea (*Casearia sylvestris* Lev).

Guassini', s. m. Nome vulgar de um pequeno ursino da fauna brasileira (*Procyon cancrivorus*).

Guassú xororem, s. m. Gallinaceo selvagem tinamideo.

Guatapará, s. m. Veado da fauna paulista.

Guatingueiro, s. m. App. da pesca; do littoral bahiano. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 31.

Guatinhuma ou *Tei-Tei*, s. m. Passarinho (*Euphonia violacea*).

Guatinapoca, s. f. Arvore sylvestre (*Raputia alba*).

Guaxé ou *guache*, s. m. Passarinho chamado tambem Japim ou Japy.

Guaxupé, s. m. Vespideo selvagem. Ap. Taunay, « Innocencia ».

Guayacá, s. f. Arvore lauracea (*Ocotea arechavaletæ*).

Guayarauva, s. f. Arvore euphorbiacea (*Cecropia concolor*).

Guaynamby, s. m. Nome que os indigenas e em geral todos

os habitantes do sul do Matto Grosso dão ao beijaflor. Ap. Taunay, « Ceus e Terras do Brazil ».

Guayuva, s. f. Peixe marinho do Sul da Bahia.

Guayuvira, s. f. Arvore thymeliacea.

Guazuhy, s. m. Pequeno cervideo (*Cervus capreolus*).

Guazupitá, s. m. Pequeno cervideo (*Cervus rufus*).

Gueba, s. f. Peixe marinho. Ap. Cesar Marques, ob. cit.

Guela, adj. Individuo ganancioso e sem escrupulos. « Para obter a concessão a Companhia teve de dar muito dinheiro a diversos *guelas*, advogados administrativos. »

Guela de pato, s. f. Massa alimenticia semelhante á aletria.

Gueludo, adj. O mesmo que *guêla*. « F. é um *gueludo* insaciavel. »

Guensa branca, s. f. Peixe fluvial (*Crenicichla dispersa*).

Guensa verde, s. f. Peixe fluvial (*Crenicichla lepidota*).

Guerê-guerê, s. m. Falatorio, intriga. « F... é muito credulo: engole quanto *guerê-guerê* lhe chega aos ouvidos.

Guia, s. f. Renque de pedras que limitam e indicam a direcção de uma calçada.

Guiada, s. f. Aguilhão para conduzir bois. Cf. E. de Cunha, *Sertões*, p. 126.

Guigó, s. m. Simio (*Callithrix melanochir*).

Guimbê, s. m. Planta aracea do genero *philodendron*.

Guimbira, s. f. Arvore da flora maranhense.

Guimirim, s. f. Abelha sylvestre. Ap. Dicc. de Moreira Pinto, art. *Itatiba*.

Guinea, s. f. Graminea forrageira (*Panicies auriculatum*).

Guira, s. m. ou Anú branco. Passaro trepador (*Octopteria guira*).

Guira mombucú, s. m. Passaro formicaroide (*Cephalopterus ornatus*).

Guiranhem catú, s. m. Passarinho (*Lycalis flaveola*).

Guiratangeima, s. m. Passarinho (*Ostinops bifasciatus*).

Guira-tirica, s. m. Passarinho (*Paroaria cucullata*).

Guisalhante, adj. Ruidoso como *guisos*. Cf. Coelho Netto, *Sertão*, p. 112.

Gulosa, s. f. Areia pouco consistente (região do Tocantins). Moura, ob. cit.

Gunam, s. m. Peixe marinho.

Gungamuquixe, s. m. Tuchaua, regulo, chefe de aldeia. « O coronel X... quer arvorar-se em *gungamuquixe* do nosso municipio. »

Gungunhana, adj. e s. m. (gir.). Negro. « No samba só ha *gungunhanas* e mulatos. » Por allusão á côr do famoso regulo aprisionado por Mousinho de Albuquerque.

Gurataiasey, s. m. Ave. Ap. Francisco Barbosa, « Noticia da capitania de S. Paulo. »

Guriatan, s. m. Nome que em Goyaz dão ao gaturamo (*Euphone violacea*).

Gurijuba, s. f. Peixe fluvial (*Arius luniscutis*).

Guropé, s. m. Embarcação usada na Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Guruçá, s. m. Abelha sylvestre.

Gurupy, s. m. (gíria carioca). Individuo que em leilões faz grandes lances ficticios de combinação com o leiloeiro.

Gurupíá, s. m. Arvore ulmacea (*Celtis glydicarpa*).

Gurupú, s. m. Abelha sylvestre. Dicc. de Moreira Pinto. Art. *Itatiba*.

Gymnasial, adj. O que se refere aos gymnasios. « O prazo dos estudos gymnasiaes é de seis annos. »

Gymnasiasta, s. m. Estudante que frequenta o gymnasio. « Daqui a dous annos o João não será mais gymnasiasta. »

H

Harpágão, s. m. (All. litt.). Individuo avarento. « F... é um *harpágão* que dispendo de grande fortuna vive miseravelmente. »

Hercules, s. m. Genero de coleopteros.

Hervacandeia, s. f. Planta da familia das compostas (*Lichenorhphos radicefolii*).

Herva d'anta, s. f. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).

Herva de fogo, s. f. Planta solanacea (*Solanum pruriens*).

Herva de esteira, s. f. Planta cyperacea (*Scirpus riparius*).

Herva de goiabeira, s. f. Planta orchidacea (*Inopsis paniculata*).

Herva de lagarto, s. f. Planta composita (*Calea pinnitifida*).

Herva de pantano, s. f. Planta herbacea (*Abisma floribundum*).

Herva de sapo, s. f. Planta begoniacea (*Begonia elata*).

Herva de saracura, s. f. Planta begoniacea (*Begonia hirtella*).

Herva de vintem, s. f. Planta herbacea.

Hervado, adj. Animal que ingeriu uma herva venenosa. « Dos dois *hervados* de hontem já morreu um. »

Herva do cardeal, s. f. Planta herbacea (*Symphitum asperinum*).

Herva do diabo, s. f. Planta plumbaginacea (*Plumbago scandens*).

Herva Paina, s. f. Planta asclepiadacea (*Asclepias candida*).

Herva soldado, s. f. Planta piperacea (*Arthante cearensis*).

Hespanholar, v. i. Jactar-se excessivamente, de proezas pouco verosimeis. « Estás *hespanholando* tanto, que breve creremos que conversamos com o Barão de Munchausen. »

Hia, s. f. Papagaio da Amazonia (*Deroptius accipitrinus*).

Hippomovel, s. m. Neologismo pittoresco destinado a designar os carros de tracção animada.

Hippopotamico, adj. Obeso. « Esta mulher está *hippopotamica* e deve pesar seus cento e trinta kilos. »

Hirundiforme, adj. O que se assemelha á andorinha. Cauda *hirundiforme*. Ap. Goeldi, *Aves do Brazil*.

Historieiro, adj. Diz-se do cavallo indocil. « Este cavallinho é *historieiro* mas hei de sabelo dominar. »

Historiento, adj. Impertinente, impicante, exigente. « O F... é um freguez insupportavel, *historiento* a proposito de tudo. »

Huapim-uassú, s. m. Arvore da Amazonia. Con. Bernard, ob. cit.

Hudú, s. m. Passarinho (*Momotus momota*).

Huiruhú cotim, s. m. Ave de rapina da Amazonia (*Spizæetus tyrannus*).

Huiruhú etê, s. m. Ave de rapina (*Thrasaltus harpya*).

Huja, s. f. Peixe marinho. Ap. Cesar Marques, ob. cit.

Humanisar, v. t. Amansar (tratando-se de animaes). Termo cearense. Cf. *Terra de Sol*, p. 55.

Humbaré, s. m. Peixe fluvial. Ap. Azev. Marques, « Apontamentos ».

Hurmaua, s. f. Corredeira (Amazonia). Ap. Euclides da Cunha.

I

Iabá, s. m. Nome pelo qual os sergipanos e bahianos designam o xarque. Ap. Lyrio Ferdinand, ob. cit.

Iara, s. f. Palmeira da Amazonia.

Iaxitava, s. f. Palmeira da Amazonia.

Ibacaba, s. f. Palmeira da Amazonia.

Ibijara, s. m. Reptil lacertilio (*Amphisbeana alba*).

Ibijau, s. m. Ave caprimulgidea (*Nyctidromus guyanensis*).

Ibiratay ou Jaborandi, s. m. Arvore rutacea (*Pilocarpus pinnatifolia*).

Icanga, s. f. Peixe da Amazonia (*Cynodon vulpinum*).

Içaranduba, s. f. Planta euphorbiacea (*Sebastiania schottiana*).

Icefield, s. m. Planicie gelada fluctuante nos mares glaciaes. Palavra ingleza geralmente adoptada em todos os compendios de geographia.

Icles, s. m. Nome que na India portugueze se dá á haste das folhas das palmeiras.

Icoseiro, s. m. Arbusto da catinga bahiara. Cf. Sertões, p. 29.

Icú, s. m. Planta loganiacea (*Anamospermum grandiflorum*)

Iká, s. m. Palmeira (*Coccos Wedelliana*).

Ikassú, s. m. Palmeira (*Coccos insignis*).

Ilhava, s. f. Barco de pesca portuguez. Ap. Cat. Exp. Nac.

Imbaúba, s. f. Arvore artocarpacea (*Cecropia adenopeltis*)

Imbuiba puruma, s. f. Arvore artocarpacea (*Pouruma acuminata*, etc.).

Imbicioneiro, adj. pop. *Ambicioso*, ganancioso. « F...vai ficar rico pois é muito *imbicioneiro* e economico. »

Imbocayá, s. m. Palmeira (*Acrocoma totai*).

Imbrauba, s. f. ou

Imbrauhya, s. f. Arvore da flora paulista. Rel. da Comm. Geogr.

Imbuia, s. f. Preciosa essencia muito empregada em obras de marcenaria (*Nectandra speciosa*).

Imbury de cachorro, s. m. ou girubá. Palmeira (*Coccos Romanoffiana*).

Imene, s. f. Arvore memispermacca (*Coccolos imene*).

Immediatar, v. i. Servir num navio como immediato. « Commanda o *Tymbira* o F... *immediatando* o S... »

Immensurabilidade, adj. Qualidade do que é *immensuravel*. Incommensurabilidade. « A *immensurabilidade* do espaço. »

Immiscuir-se, v. p. Intrometter-se. Verbo correntemente empregado na linguagem vulgar e na imprensa, que os grandes dictionarios não registram. « A Inglaterra não se *immiscuirá* nos negocios internos da republica portugueza. »

Immundicie, s. f. Grande quantidade. « *Immundicie* de povo. » Matto Grosso. Ap. Taunay, *Innocencia*.

Impenhorabilidade, s. f. Termo juridico corrente. Qualidade do que não é penhoravel.

Inabalabilidade, s. f. Qualidade do que é inabalavel. « Confio inteiramente na *inabalabilidade* da palavra de honra do amigo. »

Inaceitabilidade, s. f. Qualidade do que é inaceitavel. « Ninguem contesta a *inaceitabilidade* de tão humilhante proposta. »

Inadequabilidade, s. f. Qualidade do que é inadequavel. « Os engenheiros estão convictos da *inadequabilidade* do edificio para servir de quartel. »

Inajá, s. m. Especie de gavião. Ap. Taunay, *Innocencia*.

Inalienador, adj. O que torna inalienavel. « Ha uma escriptura *inalienadora* destas apolices. »

Inalienar, v. t. Tornar inalienavel « O velho prudentemente *inalienou* para cada filho cem apolices da divida publica. »

Inambu-quissaba, s. f. Arvore ternstroemiacea (*Caruipa insidiosa Barb. Rodr.*).

Inamúpenay, s. m. Gallinaceo (*Crypturus strigulosus*).

Inapacapim, s. m. Ave de rapina (*Spizaetus armatus*).

Inassimilabilidade, s. f. Qualidade do que é inassimilavel. « O longo dominio ottomano na Servia provou a inassimilabilidade da raça servia. »

Inatacabilidade, s. f. Qualidade do que é inatacavel. « Pelo lado de leste está demonstrada a *inatacabilidade* da praça. »

Inattingibilidade, s. f. Qualidade do que é inattingivel. « Está demonstrada a *inattingibilidade* desta posição pelos projectis dos navios. »

Inaveriguabilidade, s. f. Qualidade do que é inaveriguavel. « A conspiração do silencio reinante no arraial produziu a *inaveriguabilidade* das denuncias. »

Inayá, s. m. Palmeira (*Pindarea fastuosa*).

Inayahy, s. m. Palmeira (*Orbignia sabulosa*).

Incalogia, s. f. Ramo da archeologia que estuda a civilisação incaica.

Incalogico, adj. O que se refere á *incalogia*.

Incalogo, s. m. Archeologo que se dedica ao estudo da *incalogia*.

Incansabilidade, s. f. Qualidade do que é incansavel. « Esta campanha eleitoral demonstrou a *incansabilidade* do candidato. »

Incaracteristico, adj. O que não é caracteristico. Cf. Eça, *Fradiques Mendes*.

Incessancia, s. f. Qualidade do que é incessante. Cf. Eça, *Cid. e Serras*, 365.

Incongelabilidade, s. f. Qualidade do que é incongelavel. « Ha bem pouco acreditava-se na *incongelabilidade* de certos liquidos. »

Incontrastabilidade, s. f. Qualidade do que é incontrastavel. « O estudo da historia nos permite avançar que ha perfeita *incontrastabilidade* entre as duas revoluções. »

Incultivabilidade, s. f. Qualidade do que é incultivavel. « Os pessimos resultados até hoje colhidos fazem crer na incultivabilidade daquelle solo. »

Indaguassú, s. m. Arvore euphorbiacea (*Joahnesia princeps*).

Indayá poan, s. m. Palmeira (*Orbignia campestris*).

Indaié, s. m. Ave de rapina (*Astur magnirostris*).

Indesconfiavel, adj. (gíria). Individuo que não percebe ou finge não perceber as cousas. « Fizemos o possivel para que F... comprehendesse quanto desejavamos velo pelas costas. Qual! O homem é *indesconfiavel*. »

Indirecta, s. f. Allusão perfida, mais ou menos transparente. « O deputado crivou de ferinas *indirectas* o seu adversario. »

Indomesticabilidade, s. f. Qualidade do que é indomesticavel. « Até hoje é corrente a *indomesticabilidade* do elephante africano. »

Inesgotabilidade, s. f. Qualidade do que é inesgotavel. « F... tem um repertorio de historias obscenas de pasmosa *inesgotabilidade*. »

Infancia, s. f. (gir.). Ingenuidade. « Este homem é de uma *infancia!* crê em tudo quanto lhe contam! »

Infirme, adj. Sem firmeza. Cf. *Sertões*, p. 585.

Informações, s. f. Signaes da existencia de diamantes. « Este ribeirão tem excellentes *informações* » : *olhos de boi*, *captivos*, etc.

Infuca, s. f. Tentativa (Ceara). Cf. *Terra de Sol*, p. 104.

Ingapiranga, s. f. Arvore da Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Inglez, s. m. Arvore clusiacea (*colophyllum*).

Inhabitabilidade, s. f. Qualidade do que é inhabitavel.

« Este pardieiro cuja *inhabitabilidade* ninguem pode contestar... »

Inhambuhy, s. m. Gallinaceo da Amazonia (*Nothura maculosa*).

Inhanduvay, s. m. Arvore da flora rio grandense. Velloso, ob. cit.

Inhatium, s. m. Minusculo mosquito commum em certas regiões do Rio Grande do Sul e tambem chamado

Inhaty, s. m.

Inhiúba, s. f. Arvore do Espirito Santo. C. Marques, ob. cit.

Injustificabilidade, s. f. Qualidade do que é injustificavel. « Mais uma vez se demonstra a *injustificabilidade* de taes medidas. »

Innocentador, adj. O que innocenta. « O inquerito *innocentador* do pobre homem já foi publicado. »

Inoffensibilidade, s. f. Qualidade do que é inoffensivo. Cf. Eça, *Fradique*, 194.

Inquietabilidade, s. f. Qualidade do que é inquietavel. « A permanencia da força é um motivo constante para a *inquietabilidade* da população. »

Insaturabilidade, s. f. Qualidade do que é insaturavel. « A *insaturabilidade* de certos liquidos era affirmada pelos alchimistas. »

Inscriptibilidade, s. f. Qualidade do que é inscriptivel. « De modo identico se demonstra a *inscriptibilidade* dos demais polygonos regulares a uma circunferencia. »

Insensibilisação, s. f. Acção de insensibilisar. « A *insensibilisação* do paciente obtida com o ether. »

Insensibilizador, adj. O que insensibilisa. O *chloroformio* é o mais empregado dos insensibilizadores.

Insensibilisar, v. t. Tornar insensivel. « O anestesico *insensibilizou* o paciente. »

Inspiradamente, adv. de modo inspirado. « F... agindo *inspiradamente* salvou a situação. »

Instantaneo, s. m. Photographia tomada instantaneamente. « A minha machina permittiu-me tomar muitos *instantaneos*. »

Insubmersibilidade, s. f. Qualidade do que é insubmersivel. « Esta boia é de uma *insubmersibilidade* perfeita. »

Insulamento, s. m. Acção de insular. Cf. *Sertões*, p. 100.

Insuperabilidade, s. f. Qualidade do que é insuperavel. « A *insuperabilidade* das difficuldades da mineração naquelle zona sem agua é hoje reconhecida. »

Insustentabilidade, s. f. Qualidade do que é insustentavel. « A insustentabilidade da situação obrigou o general a render-se. »

Integrabilidade, s. f. Qualidade do que é integravel. « A *integrabilidade* desta funcção é um problema a resolver. »

Interessado, s. m. Empregado coparticipante dos lucros de uma firma. « O S... é *interessado* da casa P... com dez por cento. »

Intermundial, adj. Que esta entre dous mundos, dous ou mais continentes. « O commercio *intermundial* cada vez mais

intenso é a causa do augmento constante das esquadras mercantes. »

Intimante, adj. O que intima. « O meirinho *intimante* aqui esteve. » Adj. Basofio. « F... é muito *intimante* e pretende offuscar-nos com as suas grandezas. »

Intimar, v. i. Basofiar. « Esta mulher leva a *intimar* com as suas *toilettes* e os seus carros e automoveis. »

Intiotar, v. t. Fazer *tuyautè*, encanudar. Ap. Aluizio Azevedo, « O cortiço ».

Intourejavel, adj. Que não se pode tourear. Cf. Aluizio Azevedo, « O touro Negro ».

Intransitabilidade, s. f. Qualidade do que é intransitavel « Com a enchente do Parahyba a *intransitabilidade* da estrada de rodagem é absoluta ».

Invernação, s. f. Acção de invernar (o gado). « Com a *invernação* o gado *engordou*. »

Iossá, s. m. Substancia vegetal caustica a que se dá tambem o nome vulgar de *pó de mico*.

Ipadú, s. m. Certo typo de farinha fabricado na Amazonia.

Ipecahá, s. m. Ave pernalta (*Ortygometra creciscus*).

Ipecú, s. m. Passaro trepador (*Dryocopus lineatus*).

Ipecúmirim, s. m. Passarinho (*Melanipes cruentatus*).

Ipecúpinima, s. m. Passarinho (*Celeus multifasciatus*).

Ipecútaúá, s. m. Passarinho (*Crocomorphus flavus*).

Ipequi, s. m. Pernalta (*Podoa surinamensis*).

Iracarurú, s. m. Planta da flora espirito-santense. C. Marques, ob. cit.

Iracuhy, s. m. Planta da flora espirito-santense. C. Marques, ob. cit.

Iraiaira, s. f. ou *irara* (mais commumente). Pequeno carnívoro (*Galactaria barbara*).

Iranxim, s. m. Abelha sylvestre trigona (ou *iraxim*).

Irapurú, s. m. Ave do Tocantins. Moura, ob. cit.

Irassú, s. m. Abelha sylvestre.

Iraúna, s. f. Passarinho (*Cassiculus solitarius*).

Irataúá, s. m. Passarinho (*xanthosomus icterocephalus*).

Iri, s. m. Palmeira (*Astrocarium airy*).

Iriburubixá, s. m. Grande ave de rapina; *urubúrei* (*Sacrorhampus papa*).

Iriceca, s. f. Peixe fluvial (*Arius nucealis*).

Irimirim, s. m. Palmeira (*Bactris vulgaris*).

Iritataca, s. f. Nome que em certas regiões dão á *maritataca*, *jaguaritataca*, *maritafede*, *jaguaracaca*, *zorrilho*, *jacarecaguá* (*Mephitis suffocans*).

Iritinga, s. f. Peixe fluvial (*Arius proops*).

Irré, s. m. Passaro formicaróide (*Myiarchus ferox*).

Irrefragabilidade, s. f. Qualidade do que é irrefragavel. « Destes autos resalta a *irrefragabilidade* do depoimento do meu constituinte. »

Irremediabilidade, s. f. Qualidade do que é irremediavel.

« A *irremediabilidade* deste desastre parece evidente. Os pobres mineiros soterrados não poderão ser soccorridos. »

Irremovibilidade, s. f. Qualidade do que é irremovível. « A *irremovibilidade* dos magistrados é garantida pela constituição do Estado. »

Irrestringibilidade, s. f. Qualidade do que é irrestringível. « A opposição sustenta a *irrestringibilidade* da proposta e não lhe admittirá corte algum. »

Isca de formiga, s. f. Planta fibrosa do Maranhão. Cat. Exp. Nac.

Isca de rato, s. f. Fuligem que se forma no cone vegetativo do coqueiro (India portugueza).

Itajuba, s. f. Arvore da flora paranaense.

Italianisação, s. f. Acção de italianisar. « Não ha perigo de italianisação do Estado de São Paulo. »

Itapema, s. f. Ave de rapina (*Nauclerus fuscatus*).

Itapexinguy ou **Capexinguy**, s. m. Arvore da flora paulista.

Itapinina, s. f. Arvore vochysiacea (*Cælistene major*. M).

Itapoca, s. f. Arvore da flora maranhense.

Itoby, s. m. Nome que no oeste de S. Paulo se dá a certo mosquito.

Itaubarana. Arvore leguminosa (*Sweetia nitens* Benth).

Ituhy, s. m. Peixe da Amazonia (*Carapus fasciatus*).

Ituhy cavallo, s. m. Peixe fluvial (*Sternachus albifrons*).

Ituhy-terçado, s. m. Peixe fluvial (*Sternopygus carapo*).

Iumirim, s. m. Abelha silvestre. Ap. Dicc. de Moreira Pinto, art. *Itatiba*.

Iviró, s. m. Arbusto (*Prunus sphaerocarpus*).

J

Jába ou **Japú**, s. f. e s. f. Passarinho (*Ostinops cristatus*).

Jabiráca, s. f. Mulher feia, megera. « A *jabiraca* da Maricota faz tremer o marido. »

Jabota, s. f. Femea do jaboty.

Jabotia, s. m. Variedade de ipê (*Tecoma...*)

Jabotiba, s. f. Arvore da flora paulista.

Jabú, s. m. Nome de uma garoupa pequena na Bahia. Cf. Camara, ob. cit., 107.

Jaca, s. f. (gir.). Cartola. « No carnaval os encartolados não ousavam defender as *jacas*. »

Jaca, s. f. (gir. de estud.) Exames em que os examinadores mostram excessiva condescendencia. « Este anno os preparatorios forão uma *jaca*, uma *bica*. »

Jacama, s. f. Arvore fructifera do Maranhão.

Jacamim capetinga, s. m. Gallinacco da Amazonia (*Psophias leucoptera*).

- Jacaratiá**, s. m. Planta da flora paulista (Com. géogr.).
- Jacaré**, s. m. Arvore leguminosa (*Entolobium monjolo*).
- Jacaré**, s. m. Arvore leguminosa (*Piptadenia communis*).
- Jacaré**, s. m. Pequeno aparelho que serve para dar maior elasticidade ás rolhas velhas.
- Jacaré**, s. m. (gir.). Indivíduo que ás portas das igrejas fica á espera da passagem da namorada.
- Jacaré**, s. m. Grande facão dos sertanejos bahianos. Cf. *Sertões*, p. 189.
- Jacarecaguá**, s. m. Pequeno mamífero (*Mephitis suffocans*) mais conhecido por *maritacaca*.
- Jacareatinga**, s. m. Arvore da flora maranhense.
- Jacaré do matto**, s. m. Arvore myrsinacea (*Cybianthus detergens M.*).
- Jacarequara**, s. m. Arvore de elevado porte.
- Jacaré-rana**, s. m. Nome vulgar de certo jacaré do Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.
- Jacassú**, s. m. Pomba sylvestre (*Crossophtalmus gymnophtalmus*).
- Jacé**, s. m. Planta cucurbitacea.
- Jaceguay**, s. m. Planta cucurbitacea.
- Jacobino**, adj. e s. m. (gir.). Indivíduo affectado de lusitanophobía. « Em geral o mulato *jacobino* é filho de portuguez. »
- Jacobitismo**, s. m. Credo politico dos partidarios dos Stuartos, depositos dos throno de Inglaterra pela revolução de 1688.
- Jacuarú**, s. m. Saurio da Amazonia (*Tupinambus teguicúiu*).
- Jacuanga**, s. f. Planta gingiberacea (*Costus spiralis*).
- Jacundá coroa**, s. m. Peixe da Amazonia (*Crenicichla sarratilis*).
- Jacundá piranga**, s. m. Peixe da Amazonia (*Crenicichla johanna*).
- Jacundassú**, s. m. Peixe da Amazonia (*Crenicichla...*)
- Jacuné**, s. m. Nome vulgar de um jacú (*Penelope...*)
- Jacurarú**, s. m. Arvore da Amazonia. Ap. Inf. Verde.
- Jacurú**, s. m. Passaro trepador (*Bucco jacurú*).
- Jacuruxy**, s. m. Saurio (*Dracena guayanensis*).
- Jacutupé**, s. m. Planta leguminosa (*Pacchyrrhizus angulatus*).
- Jagodes**, s. m. e adj. Grande boneco de louça ou de porcelana representando um *poussah* chinez, ventripotente, e cuja bocca é o orificio de uma caixa de cartas, etc.
- Jaguacampeba**, [s. m. Pequeno ursino do littoral (*Procyon cancrivorus*).
- Jaguapé** ou **Irara**, s. m. Pequeno carnívoro (*Galactis barbara*).
- Jaguaperi**, **jaguara guassú** ou **guará**, s. m. Lobo do Brazil (*Chrysocyon jubatus*).
- Jaguapeva**, adj. De pernas curtas. Diz se dos animaes e dos individuos desbriados e subservientes. « O F... é um sem vergonha, um *jaguapeva*. »
- Jaguapitanga**, s. f. Raposa brasileira (*Lycalopex vetulus*).

Jagua-poca, adj. Diz-se de um cão de raça commum. « Julguei que este cachorro fosse de raça mas não passa de um *jagua-poca*. »

Jaguaraçá, s. m. Nome vulgar de uma peixe marinho na Bahia. Cf. Camara, ob. cit., 107.

Jaguaracumbê, s. m. Felino do Brazil (*Felix jagurandi*).

Jaguarajumbé, s. m. Nome vulgar do *Felix eyra*, em Goyaz. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 142.

Jaguarandy ou **jaborandi**, s. m. Arvore rutacea (*Pilocarpus pinnatifolia*).

Jaguaramurú, s. m. Arvore cordiacea (*Cordia grandifolia* D. C.).

Jaguara pinima, s. m. Grande felino; *onça pintada*.

Jaguaré, s. m. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).

Jaguetê pixuna, s. m. Nome que na Amazonia dão á grande onça negra.

Jaguaritaca, s. f. Nome que no Rio de Janeiro dão á Marita caca (*mephitis suffocans*).

Jaguetirica, s. f. Pequeno felino que habita o sul do Brazil.

Jagunçada, s. f. Reunião de jagunços. « O coronel Elesbão apoia-se em numerosa *jagunçada*. »

Jaleco, s. m. Nome vulgar de um pequeno tamanduá no Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Jamaquino, s. m. adj. Nome que no estado de São Paulo se dá frequentemente aos gallinaceos de raça *garnizé*.

Jamegão, s. m. (fam.) Firma, assignatura. « A escriptura está lavrada só falta que escrevamos os nossos *jamegões*. »

Jananahyra, s. m. Espirito da mythologia amazonica. Ap. Inf. Verde.

Janauhy, s. m. Mytho da Amazonia. Moura, ob. cit.

Janauhy, s. m. Cão selvagem da Amazonia.

Jan-de-la-foice, s. m. Nome que em Sergipe dão ao fogo fatuo. Cf. *Terra de Sol*, p. 266.

Jandiá, s. m. Peixe da Amazonia (*Pimelodus cristatus*).

Jandiá, s. m. Passarinho. C. Marques, ob. cit.

Jangada brava, s. f. Arvore de certo porte (*Heliocarpus americanus*).

Janisarismo, s. m. Anarchia militar *ad instar* o regimen turco de dominação dos janisaros. Cf. Ruy Barbosa, *Imparcial*, 25 de janeiro de 1913.

Jantar, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Jantarão, s. m. Jantar opiparo, banquete. « Hoje em casa do major G. — ha *jantarão*. »

Japatiima, s. m. Mammifero marsupial (*Chironectes pal-matus*).

Japiçoaia, s. f. Pomba sylvestre do Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Japicurú, s. m. Arvore hippocratacea (*Salacia campestris*).

Japiy, s. m. Ave da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Japira, s. f. Passarinho (*Cassicus haemorrhous*).

Japonesice, s. f. Modos affectados de japonez. « Esta rapariga tem todas as *japonesices* de uma geisha. »

- Japuarana**, s. f. Peixe fluvial (*Hemiodus microcephalus*). .
- Japuhy**, s. m. Passarinho (*Cassicus persicus*).
- Japujuba**, s. m. Passarinho (*Cassicus icteronotus*).
- Japurá**, s. m. Pequeno ursino brasileiro (*Cercoleptes caudivolvulus*).
- Jaqueta**, adj. e s. m. Indivíduo emperrado em antigos hábitos e modos de vida. **Jarreta** « Este *jaqueta* parece viver em 1820. »
- Jaracambeba**, s. m. Pequeno cão selvagem de Goyaz (*Iction venaticus*). Cf. H. Silva, ob. cit., p. 127.
- Jaraguara**, s. f. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.
- Jarandeva**, s. f. Arvore leguminosa (*Pithecolobium latifolium* Banth).
- Jaraqui**, s. m. Bebida feito do succo da mandioca. Ap. Moura, ob. cit.
- Jararaca**, s. f. Mulher colerica. « Esta mulher é uma *jara-raca*, chega a espancar o marido. »
- Jararaca tajá**, s. f. Planta aracea (*Dracontium asperum*).
- Jaratacaca**, s. f. Marita caca (*Mephitis suffocans*).
- Jardineira**, s. f. Grande carro destinado ao transporte de muitas pessoas, em bancos parallellos e dispostos em niveis diversos.
- Jardineiro dos mattos**, s. m. Insecto coleoptero (*Hylesinus pinipidus*).
- Jarra**, s. f. Nome vulgar das grandes botelhas de Leyde.
- Jarrão**, s. m. Vaso de porcelana fina de grandes dimensões.
- Jasmim lacre**, s. m. Arbusto da familia das labiadas.
- Jasmim manga falso**, s. m. Planta apocynacea (*Plumeria-phagedenica*).
- Jasmim vapor**, s. m. Arbusto apocynaceo (*Plumeria rubra*).
- Jassará**, s. f. Palmeira (*Enterpe edulis*).
- Jatuarana**, s. f. Peixe fluvial (*Chalceus tenuatus*).
- Jatuatuba**, s. f. Arvore da Amazonia. Con. Bernard, ob. cit.
- Jatuaúba**, s. f. Arvore meliacea (*Guarea costulata*).
- Jaty**, s. f. Abelha sylvestre. Ap. Taunay, « Innocencia ».
- Jauá**, s. m. Esp. de papagaio (*Androglossa Dufresnii*).
- Java**. Variedade de café. « Tenho nos cafezaes cem mil pés de *bourbon* e uns cincoenta de *java*. »
- Jazida**, s. f. Deposito natural de minerios, filão, mina. « As *jazidas* de mercurio, no Brazil até hoje descobertas quasi valor algum possuem. »
- Jebebrajú**, s. m. Arvore da flora catharinense. Coelho, ob. cit.
- Jejú**, s. m. Peixe fluvial (*Erythrinus uniteniatus*).
- Jenipapinho**, s. m. Arbusto rubiaceo (*Genipa verticulantis*).
- Jequitá**, s. m. Planta palmacea (*Desmoncus rudentum*).
- Jequitiranaboia**, **jaquiranaboia**, s. f. Insecto que a credence popular aponta como muito venenoso.
- Jarataca**, s. f. Arbusto da familia das escrophuliareaceas (*Francisca uniflora*).
- Jeratataca**, s. f. Nome attribuido ao *manacá* em diversas zonas do Brazil.

- Jeripoca**, s. f. Peixe fluvial.
Jeriquiti, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.
Jerupary, s. m. Nome vulgar de certo macaco do Maranhão.
Ap. Frei Prazeres, ob. cit.
Jeruva, s. f. Passaro trepador (*Monotus Levaillantii*).
Jetucú, s. m., Planta herbacea (*Ipomoea hederacea*).
Jiriba, s. m. Passaro trepador (*Monotus Levaillantii*).
Joanna guensa, s. f. Peixe fluvial (*Crenicichla vitala*).
João bobo, s. m. Passaro formicaróide (*Furnarius badius*).
João de Barros.
João Conguinho, s. m. Nome que em Goyaz dão ao xexeu, passarinho (*Cassicus icteronotus*).
João Correia, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.
João corta pau, s. m. Ave nocturna (*Hydropsalis forcipata*).
João doído, s. m. Passaro buconideo (*Monasa torquata*).
João gुरुcá, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.
João molle, s. m. Arvore nyctaginea (*Pisonia tomentosa*).
João Pinto, s. m. Passarinho (*Icterus jamaicaii*).
João quinimim, s. m. Passarinho.
João tenené, s. m. Passaro formicaróide (*Synallax mentalis*).
Joça, s. f. (chul.). Choldra. « Esta joça precisa ser esbodegada. »
Joçal, s. m. Designação da felpa da canna de assucar no oeste paulista.
Joelhudo, s. m. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).
Jogão, s. m. Arvore de grande porte.
Jogo, s. m. Nome de um carrapato pequeno do oeste de São Paulo. Rel. da Com. geogr.
Joaia, s. f. Plano perpendicular ao eixo do canhão que limita a bocca. « Estas duas peças tocam-se pelas joias. »
Joio venenoso, s. m. Planta caryophyllacea (*Agrostemma githago*).
Jó mirim, s. m. Planta solanacea (*Solanum capsicoides*).
Jongueiro, s. m. Individuo que frequenta *jongos*, bailes de negros.
Jorge grande, s. m. Variedade de fumo (Bol. de Agric.).
Jorge pequeno, s. m. Variedade de fumo (Bol. de Agric.).
Jubacanga, s. f. Genero de papagaios (*Conurus pyrocephalus*).
Judeu, s. m. Especie de *virado* ou *tutú* de feijão.
Judas, s. m. e adj. Individuo mal vestido, trajado inelegantemente. « Estás um *judas* com este paletó colossalmente largo. »
Jugulador, adj. Dominador, o que jugula. « O general Grant foi o *jugulador* dos Confederados a quem desarmou. »
Jugular, v. t. Dominar, suffocar. « O exercito *jugulará* a sedição do batalhão de policia, esmagando-o pelo numero. »
Juiponga, s. f. Pequeno batracio (*Hypsiboas boans*).
Juiz do matto, s. m. Passaro buconideo (*Monasa leucops*).
Jujú, s. m. Peixe da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.
Junça, s. f. Planta cyperacea (*Cyperus esculentus*).

- Juncção**, s. f. Variedade de canna de assucar.
- Jundiá** ou **Jiqui**, s. m. Nassa empregada pelos pescadores bahianos. Ap. Alves Camara, ob. cit.
- Jundiiba**, s. f. Arvore de grande porte do Sul da Bahia.
- Jundú**, s. m. Nome que no littoral paulista se dá á vegetação rasteira da costa, propria aos areiaes das praias.
- Junqueiro**, adj. Typo bovino devido á selecção feita pelo creador Junqueira no gado caracú.
- Juntada**, s. f. Termo juridico.
- Junta de calangro**, s. f. Arbusto acanthaceo (*Blechnum articulatum*).
- Junta molle**, s. f. Planta amarantacea (*Amaranthus sarmmentosus*).
- Jupará**, s. m. Pequeno ursino brasileiro (*Cercoleptes caudivolvulus*).
- Juparaba**, s. f. Ave psittacidea da Amazonia (*Brologerys xanthoptera*).
- Jupicanga**, s. f. Planta solanacea da flora paulista. Rel. Com. geogr.
- Jupuira**, s. f. Nome de certo passarinho de Goyaz. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 167.
- Jupurá**, **jupará** ou **japurá**, s. m. Pequeno ursino (*Cercoleptes caudivolvulus*).
- Juquirirana**, s. f. Planta leguminosa (*Cæsalpinia bonducella*).
- Jurarassú**, s. m. Chelonio da Amazonia (*Emys amazonica*).
- Juriçuára**, s. f. Planta medicinal.
- Juripeba** ou **jurubeba**, s. f. Planta solanacea (*Solanum paniculatum*).
- Jurisconsulte**, s. m. Individuo que faz uma consulta juridica. « O notavel advogado diariamente recebe numerosos jurisconsultes que lhe solicitam os pareceres. »
- Jurisdiccioneado**, s. m. Pessoa que se acha sob a jurisdicção de um magistrado ou funcionario. « Os *jurisdiccioneados* do Dr. F... fizeram-lhe uma manifestação de desagrado. Consta que elle abandona a comarca de que é juiz de direito. »
- Jurisdiccionear**, v. int. Estender a jurisdicção. « *Jurisdiccioneo* o juiz de Campos Novos um territorio de mais de dez mil kilometros quadrados. »
- Jurueba** ou **jurueca**, s. f. Gen. de papagaios (*Androglossa vinacea*).
- Jurupary-pambé**, s. m. Peixe de rio (*Geographus dracmon*).
- Jurupensem**, s. m. Peixe fluvial. Ap. *Viagem Pastoral* de D. Eduardo Duarte *Rev. Inst. Hist.*, t. 73.
- Jurupiranga** s. f. Peixe de rio (*Arius lunisticus*).
- Jurutauhy**, s. m. Ave nocturna (*Nyctibius grandis*).
- Juruty piranga**, s. f. Columbino sylvestre (*Oreopelia montana*).
- Jruviara**, s. f. Passarinho (*Vireo chivi*).
- Jutahyrana**, s. m. Arvore leguminosa (*Crudya parivova* D. C.).

Jutaicica, s. f. Arvore cuja resina é empregada em medicina. Cesar Marques, ob. cit.

Juvevé, s. m. Arvore da flora paranaense.

K

Kaki, s. m. Fructo do Kakiseiro.

Kakiseiro, s. m. Arvore fructifera do Japão aclimada no Brazil.

Kananga, s. f. Flor japoneza aproveitada na perfumaria.

Kapok, s. m. Nome que o commercio europeu dá á fibra da paineira e de outras bombaceas.

Kartito, s. m. Cera mineral.

Kerosenagem, s. f. Tratamento pelo kerosene. « A *kerosenagem* como methodo de extincção dos gafanhotos tem graves inconvenientes. »

Kerosenar, v. t. Derramar kerosene. E preciso kerosenar o pasto para acabar com os gafanhotos.

Kerú Kerú, s. m. Peixe fluvial (*Doras castaneiventris*).

Ketch, s. m. Typo de embarcação á vela usada nos mares da Inglaterra.

Khazaros, s. m. Povo tartaro da Asia russa.

Kineku, s. m. Variedade de arroz (Bol. de Agric.).

Kinikinaus, s. m. Indios do Sul de Matto Grosso.

Kiosqueiro, s. m. Proprietario de Kiosque. « O portuguez enriquecera como *Kiosqueiro* á rua de S. Joaquim. »

Kirahy, s. m. Planta bignoniacea (*Tecoma carahyba*).

Kiri-Kiri, s. m. Peixe de rio (*Doras costatus*).

Kola, s. f. Nome que os Malês, musulmanos brazileiros, dão á circuncisão.

Konnairú, s. m. Peixe de rio (*Pimelochus insignis*).

Knutar, v. f. Fustigar com o *knut*. « Os infelizes presos foram *knutados* de modo barbarissimo. »

Krumiss, s. m. Bebida feita com leite fermentado.

Kyrial, s. m. Ladainha. Successões de Kyries. Ap. Alph. de Guimarães; nome dado pelo poeta a uma serie de sonetos deprecatorios e mysticos.

L

Laba-Laba, s. f. Arvore vochysiacea (*Qualea rosea* Aubl).

Labutador, adj. O que labuta. « O F... é um *labutador* incansavel. Moureja de 1º de Janeiro a 31 de Dezembro. »

Lacerador, adj. O que lacera. « Ha dias vigiam os empregados da Bibliotheca o mysterioso lacerador de paginas de livros. »

Laço, s. m. Nome que se dá aos postes de chegada nas raias rectas para corridas de cavallos.

Lacraia, s. f. ou lacrau. Nome vulgar do escorpião.

Lacre vermelho, s. m. Arvore da Amazonia (*Vismia guyanensis*).

Lacrymal, s. m. Olho d'agua. « Purissima lympha nos dá este *lacrymal*. »

Lactario, s. m. Instituição tambem chamada *Gotta de leite*, e destinada á fornecer á pobreza leite puro.

Lactiphobia, s. f. Repugnancia absoluta pelo leite, idiosyncrasia que não permite supportar o leite. « Este enfermo soffre de verdadeira *lactiphobia* e no emtanto precisa sujeitar se a severo regimen lacteo. »

Lactiphobo, s. m. Individuo affectado do *lactiphobia*.

Ladeiroso, adj. Accidentado; terreno em que ha ladeiras. « A estrada é muito *ladeirosa* até Pinheiros. »

Laertes, s. m. Borboleta branca da classe das diurnas, phalange das heliconias.

Lagarta de fogo, s. f. Borboleta nocturna (*Artace punctistriga*).

Lagarto, s. m. Termo pelo qual os açougueiros designam uma certa parte da carne dos rezes.

Lagem, s. f. Trecho de rio obstruido por grande quantidade de pedras. Termo usado nos estados do norte.

Lagosta, s. m. (gir.). Individuo de tez muito vermelha « Aquelle *lagosta* do A... é muito grosseiro. »

Lagrima de moça, s. f. Planta gingiberacea (*Hedychium coronarum*).

Laicado, s. m. O conjuncto dos leigos. « O *laicado*, pelas irmandades pretendia supprimir e nullificar a acção episcopal. »

Lajão, s. m. Lage de grandes dimensões. « O pateo é calçado de *lajões* asperos e mal cortados. »

Lambary, s. Serrote de lamina muito estreito; lamina de serra de poucos centimetros de largura.

Lambeção, s. f. (chul.). Adulação. « L... vive numa *lambeção* indecente com o ministro, a *engrossalo* de todos os modos. »

Lambedor, adj. (gir.). Adulador. « L... é um *lambedor* sordido de todos quantos sabe possuirem fortuna. »

Lambe olhos, s. m. Minusculo mosquito de Matto Grosso.

Lambrequinado, adj. Ornado de lambrequins. « Estes pavilhões estão artisticamente *lambrequinados*. »

Lambrimento, s. m. Acção da lambrisar.

Lambrisar, v. t. Aportuguezamento do verbo francez *lambriser*. Revestir de *lambris*. « Esta sala vai ser *lambrisada* com finos estuques. »

Lambusão, s. m. adj. Individuo cujo vestuario é pouco aceiado, desleixado. « F. é um *lambusão* incorrigivel não ha roupa nova que em poucos dias não enxovalhe. »

Lampeão, s. m. (gir.). Pescação. « Com o *lampeão* o sujeito veio ao chão. »

Lance, s. m. Jogada no jogo de xadrez. « Dou-lhe mate em tres *lances*. »

Lanço, s. m. Vomito. « O *lanço* do enfermo é muito bilioso. Com este vomitou tres vezes. »

Lancha, s. f. (fam.). Calçado deformado pelo uso. « Preciso comprar outros sapatos que estes estão umas *lanchas*. »

Lanho, s. m. Nome que na India portugueza se dá á polpa do coco verde.

Lanternaria, s. f. Insecto. Ap. Velloso d'Oliveira, *Missões*.

Lapiana, s. f. Facção. « O faccinora mettuou-lhe a *lapiana* de veras, esfaqueou-o em regra. »

Larafi, s. m. Purgatorio dos *Malês*, musulmanos brasileiros.

Laranjarana, s. f. Arvore rhizophoracea (*Cassipourea guyanensis Aubl*).

Largado, adj. Desfallecido. « O ferido está *largado*, quasi comatoso. »

Larva Mineira, s. f. Praga dos cafesaes (*Hemileia*).

Lascadinho, s. m. Arvore de elevado porte.

Lastramento, s. m. Acção de lastrar. « Vai se proceder ao *lastramento* do leito da estrada de ferro com pedra britada. »

Lastro, s. m. Planta leguminosa (Bol. de Agric.).

Latidor, adj. O que late. Este cachorro é insupportavelmente *latidor*.

Laulau, s. m. Peixe da Amazonia (*Hipopthalmus danalla*).

Lavagem, s. f. Clyster. « Tratei-lhe o typho com banhos e *lavagens*. »

Lavapés, s. f. Nome que no Estado de Rio de Janeiro dão a uma pequena formiga.

Lavarinho, s. m. Cabo empregado na pesca da baleia (Sul da Bahia).

Lavra, s. f. Nome com que, no norte do Rio Grande do Sul, se designam as lavouras de algodão. Velloso da Silveira, « *Missões* ».

Lavra, s. f. Terreno de mineração. « Esta *lavra* já deu muito ouro. »

Lavrado, s. m. Joia de ouro massiço (Matto Grosso). Ap. Taunay, « *Innocencia* ».

Lazaria, s. f. Epizootia dos suinos.

Lecre, s. m. Passaro formicaróide (*Muscivora Swainsonia*).

Leiteira, s. f. Planta apocynacea (*Tabernae montana læta*).

Leiteiro, s. f. Arvore da flora paulista. Ap. H. Pereira, obra citada.

Leiteria, s. f. Establecimento que vende lacticinios. « A *leiteiria* Silva vende optimo leite pasteurizado. »

Lerdeador, adj. Descansado, pachorrento. Pessoa que *lerdeia* no serviço. « Fizeste mal de chamalo pois nunca vi operario mais *lerdeador*; perde ás vezes dias e dias. »

Lerdear, v. i. Perder tempo, descuidar-se. « J. *lerdeou* e perdeu aquella magnifica occasião. »

Lereia, s. f. Marafona. « Esta rapariga é uma *lereia* desvergonhadíssima. »

Lesar patriotismo, s. m. Falta, crime contra o patriotismo. « F... diffamando o paiz é reu de *lesar patriotismo*. »

Leva e traz, s. m. Intrigante. « Este *leva e traz* pouco proveito hade tirar querendo intrigar me com F... »

Levante, s. m. Acção de descobrir a çaça e fazela partir. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 76.

Leviano, adj. Leve. « Esta mala parece pesada mas está bem *leviana*. »

Liberdoso, adj. Diz se de um individuo que diz *liberdades* ao proximo. « S... é *liberdoso* mas tambem ouve cada desaforo! »

Liberia, s. m. Variedade de café.

Licorana, s. f. Arvore de elevado porte.

Liadeira, s. f. Planta herbacea medicinal.

Liga-liga, s. f. Planta urticacea (*Dorstenia aculeata*).

Ligeireza, s. f. (gir.). Tratantice. « Os orphãos foram prejudicados pela *ligeireza* do tio. »

Ligeiro, adj. (gir.). Tratante. « Em negocios desconfia de F... que elle é *ligeiro*. »

Ligura, s. f. Nome que nos estados do Norte dão a uma corda que prende o chifre de um boi ao fueiro de um carro com o fim de amansar o animal.

Limaão, s. m. Abelha sylvestre trigona.

Limaão do campo, s. m. Planta apocynacea (*Plumeria warmingo*).

Limaão bravo, s. m. Arvore mopimiacea (*Mollinedia speciosa*).

Limaão do matto, s. m. Arvore rubiacea (*Basanacantha spinosa*, Schum).

Limpa matto, s. f. Serpente. Ap. Cesar Marques, Espirito Santo. Nome dado ao *Rachidelus Brazili* no Estado do Rio de Janeiro.

Limpapés, s. m. Grade de ferro horizontal destinada á tirar a terra adherente ao calçado.

Limpar, v. p. e i. (gir. de ladrões). Assassinar.

Limpeza, s. f. (id.). Assassinato.

Limpo, adj. Bem vestido (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».

Lingua de vacca, s. f. Planta composta (*Chaptalia nutans*).

Linhada, s. f. Anzolada. Cf. Xavier Marques, *Praieiros*, 184.

Lyrio do brejo, s. m. Planta gingiberacea (*Hedychium coronarium*).

Lisol, s. m. Planta textil do Maranhão. Cat. da Exp. Nac.

Livra! (chul.). Interj. Safa! « Que perigo, *livra!* »

Livre pensador, s. m. Pessoa que se diz emancipada de crencas religiosas. « J..., antigo catholico, pretende ser hoje livre-pensador. »

Livre pensamento, s. m. Negação absoluta de crencas religiosas. « O congresso do *livre pensamento* decretou um movimento de hostilidade contra o catholicismo. »

- Lixia**, s. f. Arvore fructifera (*Nephelium litchi*).
- Lixeiro**, s. m. Carregador de lixo. « O *lixeiro* ainda não veio buscar o lixo hoje. »
- Lobo**, s. m. Insecto coleoptero (*Trichode apiarius*).
- Lobo do campo**, s. m. ou *guará*. Mammifero plantigrado do Brazil (*Canis brasiliensis, pseudalopex Azaræ*).
- Locar**, v. t. e i. Operação da construcção de uma estrada de ferro em que se fixa a posição definitiva da linha ferrea.
- Lombo azul**, s. m. Peixe marinho.
- Londrear**, v. i. (gir.). Luxar, passar boa vida. « Este fazendeiro *londreia* tanto que não tarda a se arruinar. » (De Londres) (?).
- Lopes** (Passar vida de). Passar vida regalada. « F... tem fortuna e passa vida de Lopes a viajar constantemente. » Provavelmente allusão ao tyranno paraguayo. »
- Lordar**, v. i. (gir.). Viver fastosamente. « O portuguez enriqueceu e hoje *lorda* em Portugal. » (De *lord*.)
- Loterico**, adj. Referente a loterias.
- Louro**, s. m. (fam.). Papagaio. « Este *louro* è muito ensinado. Fala uma serie de cousas. »
- Louro**, s. m. Arvore cordiacea (*Cordia hypoleuca*, D. C.).
- Louro abacate**. Arvore lauracea (*Pleurothyrium Macranthura*).
- Louro pardo**, s. m. Arvore cordiacea (*Cordia excelsa* B. C.).
- Louvação**, s. f. Typo de poesia popular do Ceará. Cf. *Terra de Sol*, p. 221.
- Louveira**, s. f. Arvore, leguminosa (*Cyclolobium speciosum*).
- Lua cheia**, s. m. Individuo bochechudo, de cara redonda. « Este *lua cheia* tem uma caraça muito antipathica. »
- Lucanary**, s. m. Peixe fluvial (*Cichla argus*).
- Lucarana**, s. f. Arvore da flora catharinense. Coelho, ob. cit.
- Lucuma**, s. f. Arvore lauracea (*Lucuma macrocarpa*. Hub).
- Luiz Teixeira**, s. m. Arvore symplocacea (*Symplocas spec.*).
- Lunatismo**, s. m. Mania. Alienação transitoria ou por accessos conforme as phases lunares. « O *lunatismo* de F... nesta ultima semana augmentou. Tem feito asneiras a valer. »
- Lururú**, s. m. Mollusco (*Mytilus perna*).
- Lustrina**, s. f. Nome vulgar de um peixe na Bahia. Cf. *Camara*, ob. cit., p. 107.
- Luxaria**, s. f. Fausto (Matto Grosso.) Ap. Taunay, « Innocencia ».
- Luxo**, s. m. Dengos. « Deixe-se de *luxos* e accite o que, tanto e tanto, você deseja. »
- Lynchador**, adj. O que applica a lei de Lynch. « A custo escapou o segundo faccinora á furia dos *lynchadores* de seu cumplice. »

M

- Maçã**, s. f. Varied. de canna de assucar (Bol. de Agricult.).
- Macacão**, adj. Individuo feio e grutesco. « O F... é um *macacão*, quasi um *quasimodo*. »
- Mácaco**, s. m. Vespideo (?) do Estado de São Paulo cuja ferroadá é muito dolorosa.
- Macaco**, s. m. Bloco de pedra não trabalhado (?). Ap. Aluizio Azevedo, « O Cortiço ».
- Macaco**, s. m. Galho secco de arvore. « E' preciso desbastar esta laranjeira dos *macacos*. »
- Macaco da noute**, s. m. Simio (*Nyctipithecus azaræ*).
- Macaco de cheiro**, s. m. Simio (*Chrysothrix sciurea*).
- Macacuguassu**, s. m. Arvore de elevado porte.
- Macaibú**, s. m. Arvore da familia das leguminosas.
- Macaio**, adj. Termo do oeste de São Paulo. Ruim, impres-tavel, gasto.
- Macambusice**, s. f. ou
- Macambusismo**, s. m. Tristeza. Hypochondria. « F... anda de um *macambusismo* que me faz crer esteja doente. »
- Maçan do matto**, s. f. Arvore rosacea (*Sorbus brasiliensis*).
- Maçaneta**, s. f. Punho do trinco das portas por onde se pode fazelos funcionar.
- Macambira**, s. f. Planta cactacea.
- Macaqueana**, s. f. Panta fibrosa do Maranhãõ. Cat. Exp. Nac.
- Macaqueiro**, s. m. Canteiro que faz *macacos*. Ap. Al. Azevedo, « O Cortiço ».
- Macaqueiro**, s. m. Arvore meliacea (*Gueneca speciosa*).
- Macaquito**, s. m. Alcinha deprecialiva que os hispano-americanos e sobretudo os argentinos e orientaes dão aos brasileiros.
- Maçaroca**, s. f. Nome que no Ceará dão a certo felino selvagem. Cf. *Terra de Sol*, p. 83.
- Maçatahyba**, s. f. Arvore leguminosa (*Zollernia nigra*).
- Macau**, s. m. e adj. Raça porcina domestica brasileira. « Este meu cachago é *macau*. »
- Macavana**, s. f. Grande psittacideo da Amazonia (*Sittace modesta*). »
- Macetação**, s. f. Operação em que o linho é batido para se lhe obter o desfibramento.
- Machachali**, s. m. Nome que os *malês* dão ás suas casas de oração.
- Machado**, s. m. Tartaruga do Tocantins. Moura, ob. cit.
- Machina**, s. f. Grande quantidade (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».
- Macho de João Gomes**, s. m. Passarinho (*Tachyphonus niger-rimus*).
- Machorra**, s. f. Tambem se dá essa denominação geralmente

empregada para designar uma femea esteril, á vacca cujo feto morreu.

Machucheiro, s. m. Planta convolvulacea tambem muito conhecida sob a denominação de *xuxuseiro*.

Machucho, s. m. Xuxú.

Maciota, s. f. *Macieza*. Descanço. Na *maciota*: sorrateiramente. « Muito na *maciota* o F... arranjou um casamentão. »

Maço, s. m. (gir.). Baralho preparado para dar ganho a algum dos parceiros. « Creio que estes sujeitos prepararam *maços*. Certo é que perdi sempre no *baccarat*. »

Macota, s. f. A este termo emprestam se diversas significações; alem das que os dictionarios já registraram, tenho visto empregado com synonymo de má sorte, azar e informam-me do que no norte de Minas significa lepra, *morphéa*.

Macruarú. Planta (região do Tocantins). Moura, ob. cit.

Macucagua, s. f. ou

Macucava, s. f. Ave gallinacea. *Macuco* (*Tinamus solitarius*).

Macuchy, s. m. Planta melastomacea.

Macucú do Rio Negro, s. m. Arvore rosacea (*Licania heteromorphia Benth.*)

Macumá, s. f. Palmeira (*Coccois leiospatha*).

Macurú, s. m. Passarinho (*Bucco hyperrhynchus*).

Macutena, s. f. Lepra, *morphéa*. Ao mal de S. Lazaro dão no Norte de Minas esta denominação entre outras.

Madama, s. f. (chul.). Marafona. « Esta rua só tem *madamas*. »

Madama (fam.). s. f. Em Minas chama-se *madama* ás costureiras. « Vou á casa da *madama* experimentar o meu vestido novo. Tambem chamam *madama* ás parteiras.

Madamismo, s. m. (chul.). *Demi-monde*. « Aos espetaculos do Casino concorre todo o *madamismo* do Rio de Janeiro. »

Mãe d'agua, s. f. Nome vulgar da libelula.

Mãe da lua, s. f. Ave caprimulgidea (*Nyctibius grandis*).

Mãe da saúva, s. f. Nome vulgar dos reptis lacertilios amphisbenideos.

Mãe da taoca, s. f. Passaro formicaroides (*Phlogopsis*).

Mão de porco, s. f. Passarinho (*Neomorphus varices*).

Mão do tronco, s. f. Nome vulgar dada á larva que prolifera.

Mafabé, adj. Individuo sem prestimo algum (Oeste de São Paulo).

Magrem, s. f. Nome que os sertanejos bahianos dão á estação da secca. Cf. *Sertões*, p. 48.

Magruço, adj. Magrizela. « Precisas engordar rapaz! estás *magruço*. »

Mahdismo, s. m. Seita musulmana fanatisada por um propheta : o Mahdi, que dominou no Sudão egypcio no ultimo quartel do seculo XIX.

Mahdista, s. m. Sectario do mahdismo. « Lord Kitchener esmagou os mahdistas em Ondurmann. »

Maipuré, p. m. Passarinho (*Pionites melanocephalus*).

Mair, s. m. Nome que os indigenas brasileiros davam aos francezes.

Mainira, s. f. Peixe fluvial (*Amblyopus Broussonetii*).

Maja, s. m. Palmeira da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Major, s. m. (*Progne apera*). Passarinho.

Mal, s. m. Morphéa; mal de São Lazaro. Vd Taunay, « Inocencia ».

Mala, s. f. Golpe dado em falso no jogo da pelota.

Malabarescamento. Adv. de modo de *malabaresco*. Cf. Coelho Netto, *Sertão*, p. 102.

Malabaresco, adj. O que recorda a feição dos jogos malabares.

Malaquez, s. m. Moeda de prata também chamada real branco e mandada cunhar em Malaca por Affonso de Albuquerque em 1511.

Malabarismo, s. m. Conjuncto de peloticas dos jogos malabares.

Malacabado, adj. Diz de pessoa esquipatico, malfeito de corpo. « Este rapaz é um *malacabado*, que pernas desgraciosas, que mãos enormes! »

Malacacheta, s. f. Arvore euphorbiacea (*Croton spec.*).

Malacacheta, s. f. Nome vulgar attribuido á mica.

Malajambrado, adj. Diz-se de pessoa de apparencia desagradavel; desengonçado, esquipatico. « Como este homem é malajambrado com as suas immensas pernas e braços! »

Malar, v. i. Errar no jogo da pelota. « Este pelotari retirou-se porque *malou*. »

Maldadoso, adj. Malefico. « Este homem tem más entranhas; é *maldadoso*, por prazer. »

Maldar, v. i. Maldizer. Fazer juizos temerarios. Cf. *Luzia Homem*, p. 129.

Mal das ancas, s. m. Trypanosomiase dos equideos. « Perdi cem cavalhos de *mal das ancas*. »

Mal de anno, s. m. Epizootia dos bovideos (Carbunculo symptomatico). « O *mal de anno* matou me quarenta rezes. »

Mal de Bright, s. m. Nome vulgar da nephrite, da albuminuria. « F. julgava não sofrer dos rins mas acaba de verificar que tem *mal de Bright*. »

Mal de cadeiras, s. m. Trypanosomiase dos equideos.

Mal dos cascos, s. m. Nome vulgar da febra aphtosa (epizootia dos bovideos).

Mal de engasgue, s. m. Nome vulgar em Matto Grosso de uma affecção paludosa que provoca grandes desarranjos gastricos. Ap. Taunay « Inocencia ».

Mal de Garapa, s. m. Trypanosomiase dos equideos.

Mal de Java, s. m. Praga que assola os cafesaes (*Hemileia*).

Mal de seccar, s. m. Nome que na Bahia dão á tuberculose dos bovideos. Ap. Relat. do Minist. da Agric. 1911.

Mal dos quartos, s. m. Trypanosomiase dos equideos.

Malempregado, interj. Esforço, acção mal aproveitada. « *Mal empregado!* o que o governo gastou com a colonia. »

Malempregar, v. i. Lastimar. Dissentir. « Malemprego o casamento de um moço tão bom como o. P... com uma megera como a M... »

Malês, s. m. Musulmanos brasileiros de origem africana e de que ha pequenos nucleos no Rio de Janeiro e na Bahia.

Malicia, s. f. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Maliciadcr, adj. Malicioso. Que malicia. « Cuidado com o que disseres perto de F... é muito *maliciador* e tudo envenena. »

Malha, s. f. Jogo popular que consiste em tentar derribar pequenos postes por meio do arremesso de chapas de ferro.

Maloca, s. f. Pequena boiada (Ceará, Pianhy). Ap. Lyrio Ferdinando, *O Boi*.

Malocado, adj. Indio que vive aldeiado. « Os Guatós e outros *malocados* civilisam-se rapidamente. »

Malocar, v. t. Aldeiar um certo numero de selvicolas. « Os dominicanos conseguiram *malocar* um certo numero de tribus do Alto Araguaya. »

Malucagem, s. f. Syn. de maluquice. « A *malucagem* do João começou ha cerca de um mez. Está quasi doido ». »

Malva do campo, s. f. Arvore guttifera (*Kielmeyera speciosa*, St. Hill).

Mamaiacú, s. m. Peixe fluvial (*Petrodon psittacus*).

Maman, s. f. Ama de leite. « A minha *maman* era uma preta dedicadissima que já creara meu irmão João. »

Mama-na-egua, s. f. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Mamangava, s. f. Grande maribondo (?), commum no Estado do São Paulo e que vive em pequenas colonias.

Mamão macho, s. m. adj. Diz se das pessoas de rosto longo ou *chupado*. « Este *mamão macho* julga ser um *adonis*. »

Mamãosinho, s. m. Planta caricacea (*Carica quercifolia*).

Mameira, s. f. Arvore verbenacea (*Vitex flavens* Kunth).

Mamica de cadella, s. f. Arvore rutacea (*Xanthoxylum subser-rata*, Engl.)

Mamillo, s. m. Variz anal consequente ao apparecimento de hemorrhoidas.

Maminha, s. f. Nome que se dá vulgarmente ao seios das mulheres. « O menino estranhou a *maminha* da nova ama. »

Maminha de cachorro, s. f. Planta myrtacea (*Eugenia mami-flora*).

Maminha de porca, s. f. Planta rutacea (*Xanthoxylum rhei-folium*).

Mamoeirinho ou jaracatiá, s. m. Planta caricacea (*Carica dodecaphylla*).

Mamoeiro de espinho, s. m. Planta papayacea (*Papaya cau-diflora*).

Mamorana, s. f. Arvore bombacea (*Pachira aquatica*, Aubl.).

Mamparração, s. f. Acção de *mamparrear*. Mangação. « Ainda não estás vestido? Que *mamparração!* »

Mamparreador, adj. Que *mamparreja*. « F. *mamparreador* como é ainda não escreveu ao amigo. »

Mamparrear, v. i. Perder tempo; *mangar*, *lerdear*. « Se você continua a *mamparrear* perde o trem. »

Manajá, s. m. Planta escrophulariaceea (*Brumfelsia hopeana*).

Mana preta, s. m. Planta da flora paulista. Rel. Com. geogr.

Mancho, adj. Falho, defeituoso. Applica-se sobretudo á andadura dos cavallos. « Este cavallo tem boa estampa mas a sua andadura é *mancha*. »

Mancha de ferro, s. f. Fungo devastador dos cafesacs (*Sphaerella coffeicola*).

Mancha gorda, s. f. Praza que assola varias leguminosas e produzida pelos esporos de um cryptogamo o *ceromyces phaseolorum*.

Mancha negra. Epizootia dos bovideos (Matto Grosso).

Manchear, vi. Provocar a fermentação do cacau. Ign. de Moura, ob. cit.

Manchilha, s. f. Nome que em Matto Grosso se dá a uma epizootia dos bovideos.

Mandaçainha, s. f. Abelha sylvestre. Dicc. de Moreira Pinto, art. *Itatiba*.

Mandada, s. f. Acção de distribuir as cartas entre os parceiros do jogo. « Esta *mandada* está defeituosa; tenho quatro cartas em vez de cinco. »

Mandaguahy, s. f. Abelha sylvestre Ap. Dicc. de Moreira Pinto, art. *Itatiba*.

Mandaguary, s. f. Abelha sylvestre (*fonte anterior*).

Mandaguira, s. f. Abelha sylvestre.

Manda lua, s. f. Ave nocturno caprimulgidea. Bacurau (Ceará).

Mandaravé, s. m. Planta leguminosa (*Calliandra Tweedii*).

Mandibarú, s. m. Var. de mandioca. Bol. Agric.

Mandichorão, s. m. Peixe de rio (*Pimelodus sebæ*).

Mandiguassú, s. m. Peixe de rio. Dicc. de Moreira Pinto, art. *Itatiba*.

Mandihú, s. m. Peixe de rio.

Mandijuba, s. f. Peixe de rio.

Mandioca puba, s. f. Amido de mandioca fermentado.

Mandiocussú, s. f. Variedade de mandioca (Bol. de Agricult.).

Mandioqueira, s. f. Arvore araliacea (*Didymo paria*).

Mandioquinha, s. f. Tuberculo tambem chamado *batata cenoura*.

Mandi palha, s. m. Variedade de mandioca (Bol. de Agricult.).

Mandipinima, s. m. Peixe de rio (*Pimelodus ornatus*).

Manditinga, s. m. Peixe de rio (*Pimelodus altipinnis*).

Mandobiguassú, s. m. Planta euphorbiacea (*Curcas purgans*).

Mandonismo, s. m. Tendencia para a arbitrariedade. « O coronel pretende exercer aqui-verdadeiro *mandonismo* mas não o conseguirá ».

Mandraqueiro, adj. Feiticeiro. « Este negro é meio *mandraqueiro*.

Mandraquice, s. f. Feitiçaria. « Dizem que o homem morreu victima de *mandraquices* e beberragens. »

Mandubé, s. m. Peixe fluvial (*Ageniosus brevifilis*).

Mandury, s. f. Abelha sylvestre (Matto Grosso). Ap. Taunay, *Innocencia*.

- Mandurria**, s. f. Pernalta cygonideo (*Gerontius theresticus*).
- Manduviva**, s. f. Planta leguminosa (*Manduvira crotallaria*).
- Mandy-cambaia**, s. f. Varied. de mandioca (Bol. de Agric.).
- Mandy-irajá**, s. f. Varied. de mandioca (Bol. de Agric.).
- Maneidor**, adj. Que maueia. « O couro maneidor do animal fazia-o dar pulos de desespero por andar. »
- Maneiar**, v. t. Prender um cavallo com o maneio. « Maneiame este burro para que não fuja. »
- Manema**, s. f. Farinha grossa de mandioca.
- Manequim**, s. m. Passaro conirostro (*Pipia strigilata*).
- Maneta**, s. f. Cabo da rede do xareu. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 49.
- Manga**, s. f. Nome de uma certa especie da malha. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 49.
- Manga**, s. f. Tubo de vidro que se colloca nos lampeões para proteger a chamma das correntes de ar.
- Mangabarana**, s. f. Arvore apocynacea (*Hancornia pubescens*, M).
- Mangação**, s. f. Pouco caso, debique. Demora. « Este homem está com mangações commigo mas ainda o ensino a fazer pouco nos outros! » « Que mangação a tua! ainda não te levantaste, ás onze de manha. »
- Manga da praia**, s. f. Arvore guttifera (*Clusia fluminensis* Fr. e Pl.).
- Manga de velludo**, s. f. Ave marinha.
- Mangador**, adj. Pessoa tarda nos movimentos. Individuo que abusa de outrem. « O F. é mangador conhecido mas que não abuse de J... que pode sahir-se mal. »
- Manga larga**, s. f. Typo determinado de cavallo de sella. « Este zaino é um bello manga larga. »
- Mangar**, v. i. Demorar. Abusar. « F. mangou muito para chegar. Devia estar a 12 e só veio a 26. » « O administrador do Palmilal mangou tanto que o puzeram na rua. »
- Mangarataua**, s. m. Planta iridea (*Crocus sativa*).
- Mangaroeira**, s. f. Nome vulgar de certo peixe na Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 107.
- Mangavy**, s. m. Planta tambem chamada *Comandatiá*.
- Mangue do pendão**, s. m. Arbusto rhizophoraceo (*Rhizophora mangle*).
- Manguesal**, s. m. Lugar onde crescem mangues em abundancia.
- Mangueiro**, s. m. Cylindro de madeira de que se servem as engommadeiras para passar a ferro as mangas dos vestidos.
- Manheiro**, adj. Manhoso. (Diz-se do cavallo). « Este animal é muito manheiro mas já lhe tiro as manhas. »
- Manibatatú**, s. f. Varied. de mandioca (Bol. de Agric.).
- Maniçobal**, s. m. Plantação de maniçobas. « Na Bahia foram plantados maniçobaes de quinhentos mil pés. »
- Maniçobeiro**, s. m. Individuo que extrahê o latex da maniçoba. « Os maniçobeiros já exploraram as mattas do rio Feio. »

Manicula, s. f. Manivella que põe em marcha o motor do automovel.

Maniganciar, v. i. Fazer manigancias, bruxedos. « O feiteiro tanto *maniganciou* que foi parar na cadeia. » Gallicismo frequentemente usado na imprensa.

Maniocaba, s. f. Varied. de mandioca da Amazonia. Ap. Moura, ob. cit.

Manjirioba, s. f. Planta medicinal (*Cassia occidentalis*).

Manjúba chereia, s. f. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Manjuba perna de moça, s. f. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Manqueira, s. f. Epizootia dos bovideos (Carbunculo symptomatico).

Manso, s. m. Trecho de rio em que as aguas parecem paradas. « Ha no Tietê un grande *manso*, a montante do salto de Itapura.

Manso, adj. (chul.). Diz-se do marido complacente para com as infidelidades da mulher. « F. é um desbriado, um *manso*. »

Manta, s. f. Logro, tratantada. « F. passou a *manta* no irmão em cinco contos, que a tanto avalio o prejuizo. »

Mantear, v. t. Trapacear, enganar dolosamente. « F. manteou o amigo na compra deste café que vale muito mais. »

Manteiga, s. f. (gir.). Lambugem, vantagem. « F. deu cem metros de *manteiga* aos competidores e creio que assim mesmo ganhará o pareo. »

Manto branco, s. m. Mosquito da Amazonia. Ap. Euclides da Cunha.

Manto do diabo, s. m. Lyrio sylvestre. Ap. Taunay, « Reminiscencias ».

Manto imperial, s. m. Borboleta diurna (*Argyus paphia*).

Mantopac, s. m. Peixe de rio (*Pimelodus pyrinampus*).

Mão curta, s. m. Cervideo do Brazil (*Cervus rufinus*).

Mãosada, s. f. Mancheia. Ap. Taunay *Innocencia*.

Maparajuba, s. f. Euphorbiacea da Amazonia (Varied. da *Hevea*).

Maparajuba, s. f. Arvore sapotacea (*Mimosops maparajuba* Hub).

Mapiador, adj. Tagarella, conversador. Ap. Taunay, « *Innocencia* ».

Mapiagem, s. f. Tagarellagem; falatorio (Matto Grosso). Ap. Taunay, « *Innocencia* ».

Maquiçapa, s. m. Simio (*Ateles variegatus*).

Maracanan guassú, s. f. Pequena arare (*Sittace severa*).

Maraçapeba, s. f. Peixe marinho. Cesar Marques, ob. cit.

Maracatiara, adj. s. m. Nome que em certas regiões da Amazonia dão aos commandantes de navio. Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Maracatiara, s. f. Madeira de lei da Amazonia. Moura, ob. cit.

Maracujá de cobras, s. m. Planta fibrosa do Maranhão. Cat. Exp. Nac.

- Maragogipe**, s. m. Variedade de cafeeiro.
- Marajá da matta**, s. m. Palmeira (*Bactris acanthocarpa*).
- Marajá piranga**, s. m. Palmeira (*Bactris piranga*).
- Marajoara**, adj. Habitante da ilha de Marajó. « Os marajoaras dedicam-se sobretudo á creação do gado. »
- Marambaia**, s. m. (gir. marit.) Marítimo que não tem grande amor á profissão e prefere viver em terra a estar embarcado. « O F... é um *marambaia* que tem horror ao mar. »
- Marandová**, s. f. Nome vulgar da largarta de certa borboleta cujo contacto é extraordinariamente doloroso (Fig.). Indivíduo de mau genio.
- Marangongo**, s. f. Insecto da Amazonia. Ap. Inferno Verde.
- Maranha**, s. f. Planta a que se dá tambem o nome de maracujá guassú.
- Maranhão**, s. m. Grande penalta (*Phœnicopterus roseus*).
- Maranhoto**, s. m. Arvore da flora maranhense.
- Mararaia**, s. f. Graminea tambem chamada capim coco.
- Marayá assú**, s. m. Palmeira (*Bactris marayá*).
- Marayá da vargem**, s. m. Palmeira (*Bactris rivularis*).
- Marayáry**, s. m. Palmeira (*Amylocarpus flocosus*).
- Marchadeira**, adj. e. s. f. Cavalgadura de agradável andadura. « Esta bestinha é uma *marchadeira* incomparavel. Tem um passo macio agradabilissimo. »
- Marchador**, adj. ou s. m. Diz-se do cavallo de passo largo e compassado.
- Marchador**, adj. (gir.). Generoso, bom pagador. « F... é hoje um *marchador* que não olha a despesas. »
- Marchante**, adj. (gir.). Indivíduo que sustenta uma amasia. « F... é hoje o *marchante* da Estella. »
- Marchar**, v. i. (gir.). Supportar as despesas. « O Pedro é quem *marcha* para todas as despesas da casa. »
- Marcina**, s. f. Planta herbacea medicinal.
- Marechalicio**, adj. Termo inventado na intensa campanha presidencial de 1909 para adjectivar a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca.
- Maré me leva-maré me traz**, s. m. Pessoa fraca sem convicções, irresoluta, moleirona. « Este homem ora liberal, ora conservador, mas sempre tão nullo e inoffensivo é um *maré me leva-maré me traz*. » (Locução bahiana).
- Margarataia**, s. f. Planta anonacea.
- Margarida**, s. m. Nome vulgar de certo peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 107.
- Maria branca**, s. f. Passaro formicaroide (*Tænioptera neugeta*).
- Maria carahyba**, s. f. Passaro trepador (*Piaya macrura*).
- Maria cavalleira**, s. f. Passaro (*Myarchus ferox*).
- Maria com a vovó**, s. f. Passarinho (*Synallaxis rutilus*).
- Maria é dia**, s. f. Passarinho (*Tryothurus Galbraithii*).
- Maria molle**, s. f. Arvore araliacea (*Gilbertia cuneata*, March).
- Maria molle**, s. f. Pernatta (*Ardea scapularis*).

Maria molle, s. f. Peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 108.

Maria mulata, s. f. Passarinho (*Tachyphonus nigerrimus*).

Marianeiro, s. m. Planta solonacea (*Solanum fasciculatum*).

Marianninha, s. f. Pequeno psittacideo (*Pionites leucogaster*).

Maria Pereira, s. f. Arvore rubiacea (*Posoquera macrocarpus*).

Maria Pires, s. f. Planta tambem chamada *rabo de timbú*.

Maria Preta, s. f. Planta verbenacea (*Vitex polygama cham.*)

Maria Preta, s. f. Nome vulgar de certo peixe da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 108.

Maria vae com as outras, s. m. Individuo destituído de vontade, carneiro de Panurgo.

Maricá, s. m. Arbusto espinhento empregado como sebe viva.

Marimba, s. f. Pianno velho e desafinado. « Quem dirá que esta *marimba* já foi um piano de concerto? »

Marinheiro, adj. e. s. m. Alcunha depreciativa dos portugueses no Norte. « *Marinheiro pé de chumbo*. »

Marinheiro, s. m. Arvore meliacea (*Guarea sp.*).

Marinheiro, s. m. Grão de cereal que não foi beneficiado ao passar pelas machinas. « Este arroz tem muito *marinheiro*. »

Mariposar, v. i. Adejar como uma mariposa. Ap. Affonso Celso, « Minha Filha ».

Mariquita, s. f. Passarinho.

Mariroba, s. f. Palmeira (*Cocco macrocarpa*).

Maritafede, s. f. Nome que no Ceará dão á maritacaca (*Mephitis suffocans*).

Maritinga, s. f. Var. de mandioca (Bol. de Agricult.).

Marmellada, s. f. Arbusto da flora paulista.

Marmellada, s. f. Graminea forrageira (Bol. de Agricult.).

Marmellada brava, s. f. Arvore rubiacea (*Amaiona guianensis* Aubl).

Marmellada de cachorro, s. f. Arvore fructifera (*Odoxa lanceolata*).

Marmellada de cavallo, s. f. Planta leguminosa (*Desmodium levocarpum*).

Marmelleiro do campo, s. m. Arvore celastracea (*Plenckia populnea* Reiss).

Marmelleiro do matto, s. m. Arbusto samydaceo (*Casearia ulmifolia*).

Marmelleiro do sertão, s. m. Arbusto euphorbiaceo (*Elaco coca aromatica*).

Marmello bravo, s. m. Arvore rosacea (*Prunus sphaerocarpa*).

Marobá, s. m. Peixe fluvial. Cesar Marques, ob. cit.

Marolo, s. m. Arvore fructifera (Bol. de Agric.).

Maromba, s. f. Estrado que os habitantes das margens de certos rios da Amazonia constroem para nelle se refugiarem durante as inundações.

Marombar, v. i. Tentear, procurar equilibrar-se, fugir a um compromisso. « F... está *marombando* para não pagar o que deve a J... »

Marombista, adj. Indivíduo que *maromba*, useiro e vezeiro emfurtar-se a compromissos; oportunista. « *Marombista* velho, o deputado F... ainda não tomou posição em facção alguma da camara. »

Maroto, adj. e s. m. Alcinha depreciativa dos portugueses nos Estados do Norte.

Marqueza, s. f. Cama larga para solteiro. « A minha *marqueza* tem colchão de clina e estrado de palhinha. »

Marreca peva, s. f. Palmipede (*Dendrocygna fulva*).

Marreca toucinho, s. f. Palmipede (*Dafila bahamensis*).

Marrequito, s. m. Passaro formicaróide (*Synallaxis mentalis*).

Marroeiro, adj. e s. m. Indivíduo pratico em domar touros (Ceará). Cf. *Terra de sol*, p. 58.

Martello, s. m. Medida de capacidade usada para os líquidos. » Um *martello* de cachaça dá para embriagar muita gente. »

Martim cachaça, s. m. Passaro parecido com o martim pescador (*Ceryle torquata*).

Maruaruna, s. f. Arbusto malvacea também chamado *alгодoeiro bravo*.

Mary, s. m. Arvore fructifera das catingas bahianas. Cf. *Sertões*, p. 252.

Mascotte, s. f. Objecto que serve de *porte-bonheur* para o seu possuidor. Termo francez. « Tenho esta corujinha suspenza da corrente do relógio como *mascotte*. »

Masorca, s. f. Anarchia (Termo platino). « Reina a *masorca* naquella região, cujos habitantes não tem garantias de vida e de propriedade. »

Masorqueiro, s. m. e adj. Anarchista, sedicioso. « Os *masorqueiros* desesperados com a repressão da sedição tantaram incendiar a cidade. »

Massaembira, s. f. Planta bromeliacea (*Bromelia lacinosa*).

Massambará, s. m. Palmeira (*Desmoncus cuyabensis*).

Massambé, s. f. Nome de uma sardinha dolittoral bahiano. Cf. *Camara*, ob. cit., p. 119.

Massaricão, s. m. Pernalta (*Ilimantopus nigricollis*).

Massarico de espinho, s. m. ou

Massarico de esporão, s. m. Pernalta (*Hoplopterus cayanus*).

Massoca, s. f. Producto farinaceo, fabricado no Maranhão. *Cat. Exp. Nac.*

Mata cobra, s. m. Grande maribondo.

Matado, adj. Malfeito, malacabado. « O empreiteiro entregou o serviço por signal que todo elle muito *matado*, quasi exigindo reconstrucção. »

Matafome, s. m. (*Cordia sellowiana Cham*) Arvore cordiacea.

Matagado, s. m. Planta liliacea (*Veratrum viride*).

Matagato, s. m. Peixe de rio (*Brycon falcatus*).

Mata larva, s. m. Insecto hymenoptero (*Pteromatus larvarum*).

Mata olho, s. m. Arvore sapotacea (*Pachystroma illicifolia Muell*).

Mata olho, s. m. Planta euphorbiacea (*Ophthalmoblypton macrophyllum*).

Mata mineiro, s. m. Variedade de algodoeiro (Bol. de Agric.).

Matan, s. m. Planta da flora amazonica.

Mata pau, s. m. Arvore guttífera (*Clusia alba Choisy*).

Matteiro, s. m. Cervideo do Brazil (*Cervus rufus*).

Matteiro, s. m. Hervateiro, individuo explorador de herva matte. Velloso da Silv., ob. cit.

Matirão, Pernalta cigonideo (*Nycticorax violaceus*).

Matruco, s. m. Nome que no matadouro de S. Cruz dão aos quartos das rezas abatidas.

Matto, s. m. Multidão. « Gente alli é matto (Matto Grosso). Taunay, « Innocencia ».

Maiupiry, s. m. Peixe de rio (*Tetragonopterus maculatus*).

Matupiry assú, s. m. Peixe de rio (*Tetragonopterus speciosus*).

Maturaque, s. m. Peixe de rio (*Eugranlis tricolor*).

Manary, s. m. Pernalta (*Ardea egretta*).

Mau vizinho, s. m. Arbusto leguminoso (*Mimosa maloasina*).

Maxixar, v. i. (chul.). Dansar o *maxixe*. Nos bailes carnavalescos *maxixa-se* a valer.

Maxixeiro, s. m. (chul.). Individuo que gosta de dansar o *maxixe*. « O Juca é um *maxixeiro* frenetico. »

Maxixenho, s. m. Arvore da flora paulista.

Mbatará. Passarinho (*Thamnophitus doliatus*).

Mecanisação, s. f. Acção de tornar mecânico. « A *mecanisação* do estudo não pode provocar o desenvolvimento intellectual das creanças. »

Meeira, adj. Colheita de algodão, logo após a *baixeira* que é a primeira. Ap. Velloso da Silveira, ob. cit.

Mede leguas, s. m. Ave caprimulgídea (*Nyctidromus guyanensis*).

Medideira. s. f. Borboleta nocturna da familia das geometridas.

Meia cara (de), loc. adv. Gratis (loc. popular). « Não gastas um vintem, tudo é dado de *meia cara* ». Objecto de meia cara, cousa sem valor.

Meia fôrma, s. m. Pequeno carrapato do extremo oeste de São Paulo.

Meia jota (de), loc. adv. O mesmo que *meia cara*. Gratis.

Meia jorna, loc. Avelhantado. « Este cavallo não é muito moço e sim de *meia jorna*. » De meia jornada? provavelmente ou *mezzo giorno*? Ouvi por vezes em diversos pontos de São Paulo esta locução pittoresca.

Meia laranja, s. m. Collina cujo aspecto lembra o de uma calote espherica.

Meia pataca ou

Meia tigela (cousa de), s. f. Nonada. Cousa de infimo valor. Individuo sem prestimo. « Tens um gerente de *meia tigela* que te dá com os burros n'agua. »

Meio chumbo. s. m. Nome que no oeste de São Paulo se dá a um carrapato minuscuro.

Meiocica, s. f. Subproducto da fabricação da farinha (Maranhão). Ap. Cat. Exp. Nac.

Meio fio, s. m. Guia que separa o passeio da parte central do calçamento de uma rua. « Na rua Formosa já collocaram os meios fios ; breve acabam de calçala. »

Meio peixe, s. m. Nome que na Bahia dão dos baleotes desenvolvidos.

Meio vão, s. m. Nome que os hervateiros do Rio Grande do Sul dão a uma especie de girau em que sapecam o *matto*. Ap. Velloso, ob. cit.

Meiticanga, subm. Producto de fabricação da farinha (Maranhão) Cat. Exp. Nac.

Mela, s. f. Nome que no Maranhão dão aos oasis dos campos talados pela secca.

Melado s. m. (gir.). Sangue. « A paulada abriu-lhe a cabeça e logo lhe fez correr o *melado*. »

Melado, adj. Individuo louro (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia ».

Melado, s. m. Graminea forrageira (Bol. de Agricult.).

Melança, s. f. Colheita do mel. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 153.

Melão de caboclo, s. m. Planta tambem chamada Croá.

Melão de São Caetano, s. m. Planta cucurbitacea (*Momordi cacharancia*).

Melão de soldado, s. m. Planta chenopodacea (*Bazella saponaria*).

Mela pinto, s. m. Planta caryophyllacea (*Stellaria fornisata*).

Mel de cachorro, s. m. Abelha fructivora.

Melosa, s. f. Praga que ataca as larangeiras.

Membeca, s. f. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Mena, s. f. Peixe de rio (sorubim) (*Platystoma sturio*).

Mendaco, s. m. Arvore da flora espirito-santense.

Mentorear, v. i. e t. Servir de mentor a alguém. « O nosso juiz, dizem-no, é *mentoreado* pelo Dr. S. a quem obedece cegamente. »

Meoá, s. m. Palmipede selvagem do Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Mephistophelismo, s. m. Diabolismo. « A diabolica trama levada á cabo com um *mephistophelismo* sem igual. »

Mercurio do campo. s. m. Arvore erythroxylocea (*Erythroxyton suberosum* St. Hill).

Mercurio vegetal, s. m. Planta urticacea (*Bichetea officinalis*).

Merendiba-bagre (*Terminalia januarensis* D. C). Arvore com-bretacea.

Mergulhante, adj. Que mergulha. Cf. *Sertões*, p. 445).

Merúá, s. f. Arbusto rubiaceo (*Spermacon longifolia*).

Merunhana, s. f. Insecto hematophago do Ceará. Cf. *Terra de Sol*, 26.

Merurana, s. f. Arbusto vitifero (*Phretebum suaveolens*).

Meruçoca, s. f. Nome vulgar de um mosquito no Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit. Talvez o mesmo que muricoça ?

- Mesa de rendas**, s. f. Repartição fiscal destinada geralmente á cobrança dos direitos de exportação.
- Meum preto**, s. m. Arbusto da familia das anonaceas (*Rolinia nigra*).
- Mexe-que-mexe**, s. m. Lufa-lufa, confusão. « Houve um *mexe-que mexe* terrível em toda a repartição para se achar o maldito papel. »
- Mexeriqueira**, s. f. Varied. de laranja (*Citrus aurantia*).
- Micageiró**, adj. Individuo que faz *micagens*, *careteiro*. « Esta creança é tão *micageira* que pode deformar a physionomia. »
- Micagem**, s. f. Careta, visagem. « Tantas *micagens* faz este rapaz que parece ter vocação para palhaço. »
- Michol**, s. m. Peixe marinho.
- Mico leão**, s. m. Simio minusculo (*Midas rosalia*).
- Micum**, s. m. Minusculo carrapato.
- Mijação**, s. f. Nome vulgar dos cogumelos.
- Mija fogo**, s. f. Abelha sylvestre.
- Mijá-mijá**, s. m. Mollusco (*Cardium muricatum*).
- Mijuba**, s. f. Arvore da flora maranhense.
- Milho cozido**, s. m. Planta chrysobalanacea (*Licania incana*).
- Milho cozido preto**, s. m. Arvore rosacea (*Licania incana* Aubl.).
- Mimetico**, adj. O que se refere ao mimetismo.
- Mimoso**, s. m. Graminea. Cf. *Sertões*, p. 231.
- Mimoso**, adj. Designação dada as farinhas muito finamente moidas, *Fubá mimoso*, *Farinha mimosa*.
- Minguitão**, s. m. Varied. de arroz (Bol. de Agricult.).
- Minguituba**, s. m. Varied. de arroz (Bol. de Agricult.).
- Minhanha**, s. f. Peixe do littoral Bahiano. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 108.
- Minjoada**, s. f. Gen. de grande rede de pescar usada no littoral paulista.
- Miolo de capim**, s. m. Planta textil da flora maranhense. Cat. Exp. Nac.
- Miqueado** (gir.), adj. s. m. Diz-se de uma pessoa sem dinheiro. « F. é um *miqueado*, não dispõe de dous mil reis. »
- Miquear** (gir.), v. i. Arruinar. « A crise do café *miqueou* muito gente. »
- Miraceem**, s. m. Planta herbacea solanacea.
- Miracello**, s. m. Peixe marinho.
- Mirandeira**, s. f. Raça bovina de Matto Grosso.
- Mirapiranga**, s. f. Arvore da flora do Maranhão.
- Mirinduva**, s. f. Arvore lythracea (*Laffoensia glyptocarpa*).
- Mirroró**, s. m. Planta leguminosa (*Bauhinia aculeata*).
- Mirroró**, s. m. Enguia (Sul da Bahia. Cf. Camara, ob. cit., p. 109).
- Miruum**, s. m. Mosquito da Amazonia. « Ap. O Pará em 1900 ». »
- Mitra**, adj. e s. m. Individuo forreta. « Aquelle *mitra*, rico como é, negou-se a dar mil reis! para as obras da Santa Casa! »

Mitração, s. f. Esperteza, tratantice. « D. F.. não fechou o negocio por *mitração*, quer ganhar tempo. »

Miuçalha, s. f. Creançada, bando de creanças. « Esta *miuçalha* toda é filha de um casal casado ha cinco annos ! »

Miudinho, s. m. Dansa popular no oeste de São Paulo.

Midão, s. m. Nome que em Goyaz dão a um periquito (*Psittacula passerina*).

Mium, s. m. Graminea. Ap. Inf. Verde.

Miuça, s. f. Creação de ovinos (Ceará). Cf. *Terra de sol*, p. 52.

Mocajá, s. f. Palmeira (*Acrocomia sclerocarpa*).

Mocajahyba, s. f. ou

Mocajá mirim, s. m. Palmeira (*Acrocomia eriocantha*).

Mocambo, s. m. Arvore de grande porte.

Moçame, s. m. (fam.). Reunião de moças. « Havia no baile um *moçame* supimpa, una serie de lindas meninas.

Mocó, s. m. Varied. de algodão (Bol. de Agric.).

Mocosal, s. m. Nome que no Ceará dão ao conjuncto das tocas dos mocós (préas) que vivem sempre em colonias. Cf. *Terra de Sol*, p. 40.

Mocotó, s. m. (fam.) Perna. « Esta creança já anda com os seus *mocotós*. »

Mocuda, s. f. Peixe marinho.

Mocuhy, s. m. Arvore de grande porte.

Mofineiro, s. m. Individuo que escreve *mofinas*. « F. é um *mofineiro* perigoso, perfido como poucos e constantemente a escrever por todas as secções livres. »

Mofino, adj. Doente. Ap. Taunay, « Innocencia ». Matto Grosso.

Mofu, s. m. Nome vulgar dos cogumellos. « Este tronco cahido está cheio de *mofu*. »

Molambento, adj. ou

Molambudo, adj. Maltrapido. « Dei a este pobre umas roupas pois estava muito *molambudo*. »

Moleiro, s. m. Insecto coleoptero (*Tenebrio molitor*).

Molleta, s. f. Barco de pesca portuguez. Cat. da Exp. Nac.

Molho, s. m. Planta anacardiacea (*Schinus dependens*, Ortega).

Molho, s. m. Planta medicinal do Rio Grande do Sul. Veloso da Silv., ob. cit.

Molledo, s. m. Nome vulgar com que nos trabalhos de estradas de ferro se designa uma certa especie de pigarra.

Moliceira, s. m. Barco de pesca portuguez. Cat. Exp. Nac.

Molinete, s. m. Apparelho destinado a medir a velocidade de uma corrente. O *molinete* de woltmann deu-nos uma velocidade de 0 m. 20 para este rio. »

Mollengue, adj. Inerte, molcirão. « O *mollengue* do F., com a sua inepcia, ha de perder o ultimo vintem. »

Molongo. Arvore de grande porte.

Mondego, s. m. Tainha pequena. Littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 109.

Mongubeira, s. f. Arvore bombacea da Amazonia (*Bombax monguba*, M).

- Monjoleiro**, s. m. Arvore leguminosa (*Piptademia communis*).
- Monte de socorro**, s. m. Instituição official para pequenos empréstimos, sob penhor de objectos, e com juros modicos.
- Morbificar**, v. i. (des). Verbo que os antigos tratados de medicina empregam muito por adoecer.
- Morcegar**, v. i. Sugar sangue como os morcegos (?), Cf. *Serlões*, p. 392.
- Morcego do mar**, s. m. Peixe marinho (*Ogocephalus vesper-tillis*).
- Morcegueira**, s. f. Arvore leguminosa (*Andira inermis*).
- Mordedor**, adj. e s. m. (gir). Individuo que pede pequenas quantias. « Ha *mordedores* até de um tostão. »
- Morder**, v. t. e i. (gir). Pedir emprestada uma quantia que não será paga. « *Mordeu-te* em cinco mil reis o sujeito ? »
- Morena**, s. f. Garça da Amazonia Ap. Inf. Verde.
- Morerê**, s. m. Peixe fluvial (*Symphysodon discus*).
- Morgar**, v. i. Vergar, dobrar (Provavelmente corruptela de amolgar). « O pranchão *morgou* com o peso da carroça. »
- Morindiba**, s. f. Arvore lythracea (*Laffoensia glyptocarpa*).
- Moringa**, s. f. Planta apocynacea (*Guilandina moringa*).
- Moririçó**, s. m. Planta medicinal (*Sisyrinchium galaxoides*).
- Mororó**, s. m. Arvore leguminosa (*Bauhinia fortificata* Link).
- Mororó do sertão**, s. m. Arbusto leguminoso (*Bauhinia*).
- Morotó**, s. m. Graminea (*Andropogon glaucescens*).
- Morphetico**, adj. Leproso, lazaro. « Este *morphetico* tem a lepra ha quinze annos. »
- Morredouro**, s. m. Compartimento do curral de peixes em que estes ficam definitivamente presos.
- Mosaico**, s. m. Molestia parasitaria que ataca o fumo (Bol. de Agric.).
- Mosca brava**, s. f. Grande mosca das mattas (*Stemoxys calcitrans*).
- Mossotahyba**, s. f. Arvore leguminosa (*Zollernia nigra*).
- Motacú**, s. m. Palmeira (*Scheelea princeps*).
- Motocyclista**, s. m. Velocipedista que monta uma motocycleta.
- Moxubiá**, s. m. Planta anacardiacea (*Spondia myrabolanus*).
- Mucamba do sertão**, s. f. Arbusto da familia das compostas (*Verbesina glauca*).
- Mucataia** s. f. Arvore lauracea (*Laurus mucataia*).
- Muchira**, s. f. Certo typo de rede usada em determinadas regiões da Amazonia. Ap. uma memoria do P^o João David na Rev. do Inst. Historico.
- Mucubú**, s. m. Anca (do boi) (Ceará). Cf. *Terra de Sol*.
- Mucudo**, adj. s. m. (gir). Individuo musculoso, que tem *muque*. « O João é muito *mucudo*, quasi um athleta. »
- Mucufó**, s. m. Traste velho e imprestavel. « Vendi hoje os meus *mucufos* : duas camas e um armario *bichados*. »
- Mucufó**, adj. e s. m. Individuo tratante. « Alerta para que o I... não te passe a perna. E' um *mucufó* de força. »
- Mucuma**, s. f. Planta leguminosa (*Mucuma utilis*).

- Muierê**, s. m. Planta urticacea (*Bichetea officinalis*).
- Muiraçacaca**, s. f. Arvore da flora amazonica. Ap. Con. Bernard, ob. cit.
- Muiraçacaca-anga**, s. f. Arvore da flora amazonica. Ap. Con. Bernard, ob. cit.
- Muirajussara**, s. f. Arvore apocynacea (*Aspidosperma Duckei*, Hub).
- Muirapuama**, s. f. Arbusto putaceo.
- Muirarema da varzea**, s. f. Planta da flora amazonica. Ap. Con. Bernard, ob. cit.
- Muiratinga**, s. f. Arvore (*Perebea Lecointei*, Hub).
- Muiratinga verdadeira**, s. f. Arvore moracea (*Olmedia caloneura*, Hub).
- Muirauába**, s. f. Arvore da flora amazonica. Ap. Con. Bernard, ob. cit.
- Muiraximbé**, s. m. Madeira de lei da Amazonia. Moura, ob. cit.
- Muladeiro**, s. m. Arrieiro, almocreve. « Este muladeiro tange uma tropa de trezentas mulas soberbas. »
- Mulata da cá**, s. m. Nome vulgar de um passaro canoro no Maranhão. Ap. Fr. Prazeres.
- Mulateira**, s. f. Planta da flora amazonica.
- Mulundú**, s. m. Dansa de negros.
- Mumbacucú**, s. m. Palmeira (*Astrocarium Rodriguesii*).
- Mumbava**, adj. Cortezão; parasita. « O coronel F... muito accessivel á adulação sordida, sustenta varios mumbavas. »
- Mumpiquera**, s. f. Arvore euphorbiacea da Amazonia. Ap. Con. Bern., ob. cit.
- Munduh guassú**, s. m. Planta tambem chamada *pinhão de purga*.
- Mundeu**, s. m. Nome que em certas zonas de Goyaz dão ao queixada. Cf. Silva, ob. cit., 110.
- Munguba**, s. f. Planta fibrosa da flora maranhense. Cat. Exp. Nac.
- Munjoleiro**, s. m. Individuo que toma conto de um munjolo.
- Muque**, s. m. (gir.). Força muscular. « F... tem um muque de hercules. »
- Muracutaca**, s. f. Arvore leguminosa (*Swartzia acuminata*, Widd.).
- Murajica**, s. f. Arvore da flora maranhense. Cap. Exp. Nac.
- Muriki**, s. m. Simio (*Eriodes hypoxanthus*).
- Murrué**, s. m. Planta urticacea (*Bichetea officinalis*).
- Murta**, s. m. Varied. de café. « Tenho cinco mil pés de murta e tres de bourbon neste cafezal. »
- Murucky**, s. m. Euphorbiacea da Amazonia (*Hevea amazonica*).
- Murucutuca**, s. f. Peixe marinho. C. Marques ob., cit.
- Muruhy**, s. m. Varied. de arroz (Bol. de Agricult).
- Murupita**, s. f. Borracha de uma certa qualidade inferior.
- Mury**, s. m. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.
- Musicista**, adj. e s. m. Individuo versado em assumptos

musicais « F... é um *musicista* que conhece a fundo a biographia dos compositores. »

Mussurana, s. f. Serpente (*Rachidelus brazilii*).

Musulmis, s. m. Nome pelo qual os malês, musulmanos brasileiros, cognominam os correligionarios.

Mutá, s. m. Andaime construido para recolher a borracha dos incisões feitas na arvore a alguns metros do solo.

Mutamba, s. f. Arvore esterculiacea (*Guazuma ulmifolia* Lam.).

Mutapa, s. f. Ilha que a correnteza arrasta (Amazonas). Cf. Henrique Silva, ob. cit., 145.

Mutucão, s. m. Insecto diptero hematophago. Relat. da Comm. geogr.

Mutuca, s. m. Auxiliares remadores das baleieiras. Cf. Alves Camara, ob. cit.

Mutuca, s. f. Peixe do littoral bahiano. Cf. Alves Camara, ob. cit., 109.

Mutum cavallo, s. m. Gallinaceo da Amazonia (*Mitua mitu*).

Mutum pinima, s. m. Gallinaceo da Amazonia (*Crax fasciolata*).

Mutunatá, s. m. Arvore lecythidacea (*Lecythis idatimon*, Aubl.).

Mututirana, s. f. Arvore da Amazonia.

Muxibento, adj. Cheio de muxibas. Este bife é uma carne *muxibenta*. »

Muxurundar, v. t. e i. (gir) Espancar. « O malvado *muxurundou-o* deveras, quebrando-lhe a cabeça. »

Mythomania, s. f. Nome que os criminalistas dão aos individuos affectados da mania incoercivel de mentir.

Mythomaniaco, adj. O que se refere á mythomania. « Essa balda *mythomaniaca* do moço... »

Mythomano, s. m. Individuo possuido de mythomania. « Este homem é um Munchausen, um *mythomano*. »

N

Nababesco, adj. O que lembra a opulencia dos nababos. « Um luxo *nababesco*. » Ap. C. de Laet. Artigo no *Jornal do Brazil* (jan. de 1911).

Nabo selvagem, s. m. Planta aroidea (*Arisalma triphylla*).

Nadadeira, s. f. Nome que vulgarmente se dá aos membros populores dos peixes.

Naipada, s. f. Serie de cartas do mesmo naipes. « Dei-lhe uma *naipada* em ouros que não lhe deixou fazer um só ponto mais. »

Naipar, v. i. Jogar as cartas de um só naipes. « Vou *naipar* em copas para lhe tirar todos os trunfos. »

Nambucoalá, s. m. Gallinaceo sylvestre tinamideo (*Crypturus cinereus*).

Nambyuvú, s. m. Febre aguda que ataca os cães.

Namoim, s. m. Arvore lauracea.

Nanan, s. m. (fam.). Somno. Fazer *nanan* (phraseologia infantil em São Paulo). Dormir.

Naniquismo, s. m. Nanismo. « Este menino é de um *naniquismo*. Parece ter menos tres annos do que tem. »

Não me toques, s. m. Planta solanacea (*Solanum noli me tangere*).

Náques, s. m. Jogo infantil, parecido com o jogo de esconder.

Nara, s. m. Inferno dos malês.

Naraz, s. m. Gesto de escarneo feito com a mão espalmada e o pollegar applicado á ponta dô nariz.

Narcotizador, adj. Que narcotisa. « A quadrilha de ladrões narcotizadores tem dado que falar de si. »

Natal, s. m. Nome que em certas regiões dão ao *manacá*.

Nativismo, s. m. Patriotismo exclusivista e xenophobo. « Em geral o nativismo extremado é de um acanhamento de vistas tal que o leva a querer impedir a immigração europea para o Brazil. »

Navalha de Macaco, s. f. Planta cyperacea (*Scleria silvestris*).

Navalha de mico, s. f. Planta herbacea da familia das cyperaceas.

Navalhão, s. m. Planta graminea (*Grammea tilito*).

Naya, s. f. Palmeira (*Pindarea fastuesa*).

Negaça, s. f. Passainho (*Calliste punctata*).

Negra mina, s. f. Planta do genero dos crotons (*Trigonia crotonoides*).

Negra velha, s. f. Nome vulgar de um bagre dos rios maranhenses. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Negror, s. m. Agitação que a baleia perseguida provoca nas aguas. Cf. A. Camara, ob. cit., p. 74.

Nei-nei, s. m. Passaro formicaróide (*Megarrhynchus pitangua*).

Nenhum, loc. prepos. (gir.). Falta absoluta de dinheiro. « Dizem que o thesouro, graças aos ultimos pagamentos, está a *nenhum*. »

Nhacundá, s. m. Peixe fluvial.

Nhambihoroca, s. m. Cervideo de Matto Grosso (*Nanelaphus nambi*).

Nhambuhy, s. m. Planta rosacea (*Rubus urticæfolius*).

Nhandi, s. m. Planta herbacea medicinal.

Nhandiró, s. m. Planta herbacea.

Nhati, s. f. Abelha silvestre.

Nhato, adj. Termo goyano. Prognatha. Cf. Henrique Silva, ob. cit., pg. 74.

Nhor-sim, loc. adv. Sim, senhor. Locução mattogrossense. Ap. Taunay, « Innocencia ».

Nhor-não, loc. adv. Não, senhor. Locução mattogrossense. Ap. Taunay, « Innocencia ».

Nhundú, s. m. Nome que no Ceará dão á vegetação rasteira do littoral.

Nicurioba, s. f. Palmeira (*Aricuryoba capanemæ*).

Nicury, s. m. Palmeira (*Coccoos schyzophylla*).

Nietzscheano, adj. O que se refere á philosophia de Frederico Nietzsche. « A philosophia *nietzcheana* a muitos escandalisa. »

Nietzchista, s. m. Sectario da pholosophia de Nietzsche. « F... é um nietzchista que nunca leu Nietzsche. »

Nimboy, s. m. Planta leguminosa (*Casalpinia Bonducellii*).

Ninga, s. f. Planta herbacea.

Ninhal, s. m. Revoadá de passaros. Ap. Gœldi, « Aves do Brazil ».

Niquim, s. m. Nome que no littoral bahiano dão a um peixe de escamas venenosas (?). Cf. Marques Praieiros.

Niró, s. m. Nome que na India portugueza dão a uma bebida extrahida do coco.

Nó de porco, s. m. Arvore burseracea (*Burssera gummifera*).

Noiva, s. f. Borboleta nocturna (*Noctua sponsa*).

Nomadismo, s. m. Estado de quem é nomade. Cf. Sertões, pg. 225.

Nombrada, s. f. Rasgo. « O moço obedecendo aos sentimentos generosos, numa *nombrada* generosa, resgatou a infeliz escrava. » Termo rio grandense.

Norteador, adj. Que norteia. « A honra, *norteadora* de sua conducta. » Guia, orientador.

Nortear. Guiar-se. Tomar como norte. Orientar-se. « F... *norteia* a sua sida pelo respeito absoluto ao dever. »

Noruega, s. m. Vento frio e aspero. « Nestes campos sopra ás vezes um *noruega* glacial. » (E. do Rio de Janeiro).

Noruegal, s. m. Vastos terrenos de *noruega*. « Esta fazenda é um *noruegal*. » (E. do Rio de Janeiro).

Novata, s. f. Nome que em Matto Grosso dão a uma formiga cuja ferroadá é muito dolorosa. Ap. Taunay, « Innocencia ».

Nove horas, s. f. Planta herbacea tambem chamada *chana*.

Novilhota, s. f. Novilha de anno e meio. « Esta novilhota, breve é vacca feita. »

Nozmoscada do Brazil. Arvore lauracea. (*Cryptocarya moscata*, M.)

Nuquear, s. f. Designação vulgar da operação pela qual nos matadouros se abate o gado por meio da punção bulbar. « *Nuquearam* este boisinho que cahiu fulminado. »

Nutria, s. f. Nome que no Norte do Rio Grande do Sul dão á grande lontra chamada geralmente *ariranha*. Ap. Velloso da Silveira, ob. cit.

O

Oacaná, s. f. Ave de rapina falconidea (*Herpetitheres cachimans*).

Oajurú, s. m. Planta a que tambem se dá o nome de grajurú.

Obrigaçào, s. f. (Sertões do Centro). Mulher, esposa. « A minha obrigaçào era viuva quando nos casámos. »

Obrigaçào, s. f. Familia (Sertões do norte da Bahia). Ap. Euclýdes, « Os Sertões ».

Obstrucçào, s. f. Manobra parlamentar em que um partido procura impedir a votaçào de projectos aos quaes é infenso. « A minoria está fazendo obstrucçào para guerrear o projecto do orçamento. »

Obstrucçionismo, s. m. Obstrucçào systematica. « O obstrucçionismo da minoria é irreductível. »

Oci'o. Adjectivo referente ao estado do cio nos animaes domesticos.

Ocuba, s. f. Planta herbacea.

Oeirana, s. f. Arvore salicacea (*Salix martiana*, Seyb.).

Oeral repoty, s. m. Planta epiphyta (*Struthanthus citricola*).

Officialisaçào, s. f. Acçào de *officialisar*. « O projecto é contrario á *officialisaçào* do ensino. »

Officialisador, adj. Que *officialisa*. « O decreto *desofficialisador* do ensino no Brazil é de 1911. »

Officialisar, v. i. Imprimir o cunho official.

Officialismo, s. m. As rodas officiaes, governamentaes. « A cerimonia concorreu todo o *officialismo*. »

Ogerisar, v. tr. Aborrecer, antipathisar. « Ogeriso muito aquelle antipathico do Juca. »

Oi-apoti'ra, s. m. Peixe da Amazonia (*Hemiodus longiceps*).

Oi-araná, s. m. Peixe da Amazonia (*Bryconops lucidus*).

Oitenta e oito, s. f. Borboleta (*Catagramma astarte*).

Oitixi, s. m. Arvore myricinacea (*Myrcia oitchi*).

Oiti dourado, s. m. Borboleta diurna (*Coleas hyale*).

Oitucuró, s. m. Arvore chrysobalacea.

Ola, s. f. Nome que na India portugueza dão a um tecido feito com as fibras do coqueiro.

Oleiro ou João de Barros, s. m. Passarinho (*Furnarius badius*).

Oleo de mocó, s. m. Arvore de Amazonia. Con. Bernard, ob. cit.

Olheiro, s. m. Nome vulgar da galeria de entrada da toca da paca. « O cachorro de espera no olheiro apanhou a paca apenas sahiu. »

Olho, s. m. Nome vulgar dado ao meristema da palmeira ou *palmilo*. « Esta palmeira está com um *olho* enorme. »

Olho de boi, s. m. Coleoptero (*Euchromia gigante*).

Olho de boi, s. m. Sellos brasileiros de correio do primeira emissão (1843). « O *olho de boi* de noventa reis custa hoje trinta mil reis. »

Olho de boi piranga, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Olho de cabra, s. m. Planta herbacea (*Aesculus pavia*).

Olho de cabra, s. m. Arvore leguminosa (*Ormosia coccinea*, *Jacks*).

Olho de cabra, s. m. Sellos brasileiros da 2ª emissão (1845). « Os *olhos de cabra* de 180, 300 e 600 rs. valem hoje quinhentos mil reis. »

Olho de cão, s. m. Peixe marinho. Cesar Marques, ob. cit.

Olho de céu, s. m. Peixe do littoral cearense. Mem. cit.

Olho de pato, s. m. Planta leguminosa (*Abius precatorius*).

Olho de sol, s. m. Coleoptero da familia dos buprestideos (*Euchromia gigante*).

Olho de tigre, s. m. Nome que os mineradores de diamantes dão ás agathas.

Olho de vidro, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 140.

Oltuy-tuy, s. m. Pernalta (*Charadrius azara*).

Olympiano, adj. e. s. m. Habitante do Olympo. « Marte, Venus e outros *olympianos*. »

Ombra, s. m. Especie de cofo usado por diversas tribus de indios da Amazonia.

Omnomania, s. f. Nome attribuido por Clovis Bevilacqua á prodigalidade.

Omnomaniaco, adj. O que é relativo á omnomania. « O pendor omnomaniaco desde homem levalo-á á ruina. »

Omnomano, s. m. Prodigio: individuo affectado de omnomania.

Onça, s. f. (gir.). Falta de dinheiro, penuria « F... que já foi tão rico está numa *onça* terrível. »

Onceiro, s. m. Cão adestrado para a caçada da onça. Ap. Taunay, « Innocencia ».

Oncinha das folhas, s. m. Coleoptero chrysomelino (*Calligrapha polypila*).

Onianga pixirica, s. f. Planta herbacea melastomacea.

Onze letras, s. m. chul Aleoviteiro, casten. « Este *onze letras* está sendo processado por crime de lenocinio. »

Opa, s. m. gir. Pandega; troça. « Estes estudantes foram approvados hontem e passaram a noute numa *opa* turbulenta e alegre. »

Opilação, s. f. Nome vulgar da *ankylostomiase duodenal* tambem chamada amarellão.

Opilado, adj. e. s. m. Individuo affectado de *ankylostomiase duodenal*. « No hospital, estão quatro variolosos e um *opilado*. »

Ora tibi! Interj. burl. Boas! Não me importune!

Ora voti! Interj. burl. Passe muito bem!

Orchestrador, adj. s. m. Individuo que escreve a instrumen-

tação de uma melodia. « Berlioz é o *orchestrador* do *Convite para a valsa* de Weber. »

Orchestral, adj. Relativo á orchestra. « O concerto tem uma parte de piano e outra *orchestral*. »

Ordinario, adj. Reles. Individuo ruim. « Este homem é tão *ordinario* que chegou a furtar o irmão. »

Ordinarismo, s. m. Falta de brio, de caracter. « Tenho asco de N... cujo *ordinarismo* attinge ás raias do inacreditavel. »

Orelha de burro, s. f. Planta borraginea (*Symphitum asperrium*).

Orelha de gato, s. f. Planta melastomacea (*Tibouchina holoserica*).

Orelha de macaco, s. f. Arvore leguminosa (*Echiospermum balthazarii*).

Orelha de morcego, s. f. Planta orchidacea (*Pleurothallis blumenavii*).

Orelha de negro, s. f. Arvore leguminosa (*Euterolobium timbauva*).

Orelha de onça, s. f. Planta melastomacea (*Tibouchina holoserica*).

Orelha de onça, s. f. Muda de café ainda muito tenra. « Neste canteiro tenho cinco mil *orelhas de onça* para o serviço de replanta. »

Orelha redonda, s. f. Animal que não tem marca alguma nas orelhas.

Orica, s. f. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 110.

Ororoba, s. f. Arvore tambem conhecida sob a designação de *pequiá banana*.

Orpington, s. m. Raça gallinacea ingleza.

Ortigaõ, s. m. Planta urticacea (*Ureia armigera*).

Ortiguinha, s. f. Planta urticacea (*Ureia subpellata*).

Oruá, s. m. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Ouragy, s. m. Arvore de elevado porte.

Ouricury, s. m. ou

Ouricuryseiro, Palmeira (*Coccos coronata*).

Ovacionar, v. t. (gir.). Fazer uma ovação. « Todo este povo vai *ovacionar* o coronel X... que acaba de chegar. »

Ovadella, s. f. (chul.). Ovação. « Os partidarios do deputado F... fizeram-lhe uma *ovadella* qui foi um fiasco. »

Oveva, s. f. Peixe do littoral paulista. Ap. Annuncios da Companhia de pesca « Santos ».

Ovo de pombo, s. m. Nome que nas lavras diamantinas dão ao quartzo.

Ozenoso, adj. Individuo que soffre de ozena. « F... é *ozenoso* desde alguns annos. »

P

- Pacamat**, s. m. Peixe da Amazonia (*Batrachius spec.*).
- Pacapeua**, s. f. Arvore leguminosa (*Swartzia racemosa*, Benth.).
- Paari**, s. m. Arvore lythracea (*Laffoensia sessilifolia*).
- Pacau** (gir.). adj. e. s. m. Individuo que tem falta de um dedo numa das mãos. « O F... ficou *pacau*, tendo perdido o pollegar numa serra. »
- Pacay**, Arvore leguminosa (*Inga macrophylla*, H. B.).
- Pachá**, adj. e. s. m. (gir.). Individuo mulhengo. « Os antigos fazendeiros eram os *pachás* das escravas. »
- Pachecal**, adj. (Allus. litt.). Que se assemelha a Pacheco, personagem das *Cartas de Fradique Mendes*.
- Pachequismo**, s. m. All. litt. O que lembra a feição de Pacheco.
- Pachola**, s. m. Varied. de arroz (Bol. de Agric.).
- Pacholar**, v. i. Viver como pachola, enfeitar-se, divertir-se. « O G... ganhou uns cobres e vive agora a *pacholar* pelos bailes. »
- Pachyrrhino**, adj. Individuo de nariz grosso; neologismo creado pelos anthropologos.
- Paco**, s. m. (gir.). Logro impingido a ingenuos e incautos. « O *paco* preparado pelos meliantes era um pacote de jornaes velhos que devia fazer vezes de notas falsas. »
- Pacoca**, s. f. Lugar agitado de um rio. « Abaixo da cachoeira ha uma *pacoca*, de correnteza tão forte que não ha nadador que alli se aventure. »
- Pacoperá da varzea**, s. m. Planta da Amazonia. Con. Bernard, ob. cit.
- Pacoré**, s. f. Varied. de mandioca (Bol. de Agricult.).
- Pacote**, s. m. (gir.). Conto de reis. « Esta fazenda está á venda por duzentos e cincoenta *pacotes*. »
- Pacotilha**, s. f. Quadrilha de bandidos. Termo empregado no Rio Grande do Sul.
- Pacova de macaco**, s. m. Arvore leguminosa (*Swartzia Langsdorfii Raddi*).
- Pacoval**, s. m. Bananal.
- Pacoveira**, s. f. Bananeira. Ap. Moura, ob. cit.
- Pactolo**, s. m. (All. mythol.). Grande riqueza a explorar. « Os pinhaes do Paraná são um *pactolo* de onde sahirão muitos milhares de contos. »
- Pacuéra e não pacueza**, s. f. como diz o Snr. Candido de Figueiredo. Fressura do boi.
- Pacu oerudá**, s. m. Peixe fluvial (*Myletes torquatus*).
- Pacutuhy**, s. m. Peixe fluvial (*Myletes discoideus*).
- Pacupeba da correnteza**, s. f. Peixe fluvial (*Myletes asterias*).
- Pacupeba do Saran**, s. f. Peixe fluvial (*Myletes setiger*).

Pá de cavallo, s. m. Machina agricola para transporte de terras.

Padioleiro, s. m. Individuo que carrega uma padiola. « A maca carregada por quatro robustos *padioleiros*... »

Padrão, s. m. Planta que caracteriza o grau de fertilidade de um solo. « A jangada brava e outros *padrões* attestam que estas terras devem produzir muito café. »

Pae Pedro, s. m. Passarinho (*Arremon silens*).

Paginador, s. m. Operario que nas typographias organisa a disposição das partes já compostas e a distribuir-se pelas diversas paginas. »

Pai de familia, s. m. Nome de certa rede de pequenas malhas no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 31.

Pae de chiqueiro, s. m. (Plebeismo cearense). Bode reproductor. Cf. Terra de sol, p. 43.

Pai de mel, s. m. Abelha sylvestre. Ap. Relat. da Com. Geogr.

Pai Gonçalo, s. m. e. adj. Individuo fraco; marido dominado pela mulher. « O João é um *pai Gonçalo*; obedece cegamente á mulher. »

Paio, adj. e s. m. Toleirão; individuo credulo ao ultimo ponto. « Como abusam da ingenuidade deste *paio* ! »

Paixa, s. f. (pleb.). Paixão; inclinação amorosa. « Elle tem uma *paixa* pela Maricota ! »

Paixonite, s. f. (pleb.). Inclinação amorosa. « O Silva está affectado de *paixonite* aguda pela Carlota. »

Pajurá, s. m. Planta rosacea (*Parinarium montanum* Aun.).

Palestra, s. f. Individuo de conversa agradável; *causeur*. « O F... é uma *palestra* de primeira ordem; sabe aneddotas aos milhares. »

Palestrador, s. m. adj. Aquelle que palestra. Tagarella « O nosso juiz de direito é um *palestrador* incansavel. Fala torrencialmente. »

Paleta, s. f. Nome que no Rio Grando de Sul dão ao jogo de malha.

Palha, s. f. Diametro de um mastro. Ap. João Braz de Oliveira, « Apparelho dos navios á vela. »

Palha de arroz, s. f. Nome que os mineradores de diamante dão a uma rocha branco amarellada do cascalho.

Palhetada, s. f. Instante; apice. « Em duas *palhetadas* fica este serviço prompto, cousa de cinco a dez minutos. »

Palleio, s. m. (Plebeismo cearense). Desafio. Cf. Terra de Sol, 57.

Palma branca, s. f. Palmeira (*Polyandrococcos caudescens*).

Palma mesteça, s. f. Palmeira (*Coccos Romanzoffiana pulposa*).

Palma petiza, s. f. Palmeira (*Coccos odorata*).

Palma real, s. f. Palmeira (*Gulielmia insignis*).

Palmatoria do mundo, s. m. e. adj. Individuo que se arvora em censor de tudo e de todos. « Este sujeito, mettido a *palmatoria do mundo* é um tratante tão refinado quanto cauteloso e no emtanto profliga os vicios de todo o mundo. »

Palmeador, adj. Viajante, explorador. « O Lopes, um dos mais ousados *palmeadores* dos sertões do sul de Matto-Grosso, foi quem descobriu as nascentes do Rio Verde. »

Palmear, v. t. Trilhar; percorrer detidamente. « O Lopes passou dez annos a palmear os sertões do sul de Matto Grosso que ficou conhecendo a fundo. »

Palmeira imperial, s. f. Palmeira (*Areca oleracea*).

Palmeirim, s. m. Palmeira (*Altalea humilia*).

Palmito amargoso, s. m. Palmeira (*Barbosa pseudococos*).

Palmito de ferrão, s. m. Peixe de rio (*Ageneiosus militaris*).

Palmito do campo, s. m. Palmeira (*Cocos flexuosa*).

Palmito do chão, s. m. Palmeira (*Pindarea fastuosa*).

Palmito molle, s. m. Palmeira (*Euterpe precatória*).

Paluxio, s. m. (Plebeismo cearense). Cf. *Terra de Sol*, p. 135.

Panaca, s. m. e adj. Individuo simplorio. « Este homem é um *panaca*, qualquer sujeito logra-o com a maior facilidade. »

Panazio, s. m. Tirazio, copazio. « Com este *panazio* de aguardente ficas bebedo durante tres dias. »

Pança, adj. Ridículo. « O *pança* do G..., eterno desfructavel, está cada vez mais desmoralisado. »

Pancada, s. f. Nome que em diversas zonas do Norte dão ás cachoeiras. « O curso do Contas é interrompido por grandes *pancadas*. »

Pancadão, s. m. (chul.). Bella mulher, vistosa e corpulenta. « A Rita é um *pancadão*, um *peição*. »

Pançudo, s. m. e adj. Parasita. Diz-se do individuo que vive a custa de outros. « O F... gastou muito dinheiro como sustentar *pançudos*. »

Pandarecos, s. m. Estilhas. « A granada estourando na sala reduziu a mobilia toda a *pandarecos*. »

Pandulho, s. m. Pança, barriga; forma constantemente usada em lugar de *bandulho*.

Panella, s. f. Peça de ferro enterrada no solo, que serve de dormentes dos trilhos das estradas de ferro.

Pannos quentes, s. m. Medidas contemporisadoras. « Em vez de estarmos com *pannos quentes* que nada adiantam façamos já a intervenção cirurgica. »

Panoré, s. m. Peixe de rio (*Mylesinus Schomburgii*.)

Pantaneira, s. f. Raça bovina mattogrossense. « O boi *pantaneiro* é en geral pequeno. »

Panú, s. m. Planta urticacea (*Urera pan.*)

Pão grande, s. m. Vadiacão, indolencia. « F... outr'ora trabalhador vive hoje de *papo para o ar* a fazer *pão grande*. »

Papa assahy, s. m. Passarinho (*Phenicocercus carnifex*).

Pão de Loth, s. m. Bolo feito de farinha de trigo e ovos. « Está delicioso este *pião de Loth* embora não assasse bem de-vido ao forno. » Tambem escrevem *pião d'iló*.

Papa cacau, s. m. Ave psittacidea (*Androglossa festiva*).

Papa capim, s. m. Passarinho (*Spermophila ornata*).

Papaconha, s. m. Nome que em certas regiões dão á ipeca-cuanha ou poaia.

Papa defuntos, s. m. Nome que em Goyaz dão a um tatu o *Dasytus setosus*.

Papagaiado, adj., Diz-se do animal de sella que ao andar inclina as patas dianteiras como que uma de encontro a outra. « Este cavallo vendi-o por ser *papagaiado*. »

Papagaiair, v. i. Falar irreflectida e copiosamente. « Esta creança *papagaiou* uma serie de cousas que a obrigaram a decorar. »

Papagainho-roxo, s. m. Ave psittacidea (*Piones violaceus*).

Papagaio, s. m. (gir.). Pequeno aviso reservado que acompanham instrucções dadas a funcionarios pelos chefes de serviço. « O director geral da Instrucção Publica expediu um *papagaio* ao fiscal do gymnasio X... que muito oassustou. »

Papagaio, s. m. Nome vulgar de uma serpente do genero *bothrops* (*Bothrops bilineatus*).

Papagaio da serra, s. m. Ave psittacidea (*Androglossa petrii*).

Papagueador, adj. Decorador; individuo que não comprehende o que aprende. « Este rapazinho é um *papagueador* de cousas que elle decorou sem comprehender. »

Papa lagartas, s. m. Passarinho (*Coccyzus melanocoryphus*).

Papa ovos, s. m. Passaro formicaroiide (*Batara cineria*).

Papa ovos, s. f. Nome vulgar de uma serpente colubridea do Ceará. Mem. cit.

Papa peixe, s. m. Passarinho do genero do martim pescador (*Ceryle amazona*).

Paparajuba, s. f. Nome que no Maranhão se dá á *caroba*.

Papa sebo, s. m. Passaro formicaroiide (*Todirostrum maculatum*).

Papata, s. f. Negociata. « Na *papata* das obras do abastecimento d'agua a firma a que pertence. S... *comeu cem contos*. »

Papaterra, s. f. Arvore rubiacea (*Posoqueria latifolia Roem*).

Papa vento, s. m. Genero de lagartos iguanideos (*Iguana tuberculata*).

Papeata, s. f. Scena ridicula, demonstração de sentimentos falsos. A viuva fez mil *papeatas* quando todos sabiam que desejava ardentemente a morte do pobre marido. »

Papeateiro, adj. Pessoa que faz *papeatas*. « O João é um *papeateiro* incorrigivel, embora saiba que ninguem mais o toma a serio. »

Papelorio, s. m. Fiasco, estenderete. « Que *papelorio* fez o coronel... adherindo ao partido que tanto o combateu! »

Papo branco, s. m. Genero de beijaflores (*Leucochloris albicollis*).

Papo de fogo, s. m. Genero de beijaflores (*Chylotania rubinia*).

Papo de gallo s. m. Planta aristolochiacea (*Aristolochia brasiliensis*).

Papoila, s. f. Tech. do navio a vela. Peça do poleame semelhante a um moutão. J. Braz. d'Oliveira, ob. cit.

Papoila de São Francisco, s. f. †Planta textil da familia das malvaceas.

Papouco, s. m. Estampido; ruído de detonação. Ap. Inf. Verde.

Papudinho, s. m. Peixe fluvial (*Gasteropelecus stellatus*).

Parado, adj. Individuo sem animação. « Este moço não pode ser esperto, é tão *parado*, tão sem vida ! »

Paradoxar, v. i. Dizer, sustentar um paradoxo. « Estás a *paradoxar* sustentando que os paes devem escravisar-se aos filhos. »

Paraguahy, s. m. Minusculo periquito (*Psittacula passerina*).

Paraguaya, s. f. Pequena formiga (*Prenolepis fulva*).

Paraguay, adj. (gir.). Fraco, imprestavel; denominação tão injuriosa quanto injusta, que provavelmente data da guerra de 1865 a 1870. « O. F. é um *paraguay*, não aguenta o mais leve dos serviços que seja. »

Parahyba, s. f. Arvore simarubacea (*Simaruba versicolor*, St. Hill).

Paramirim, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 111.

Parapará, s. m. Arvore cordiacea (*Cordia tetrandra* Hubb).

Paraparay, s. m. Arvore bignoniacea (*Jacaranda cuspidifolia*, M.).

Paraná, s. m. Canal que separa uma ilha fluvial da margem do rio. « O *paraná* de São Joaquim, limita a ilha do lado do norte. »

Parasita, s. m. Passarinho (*Molobrus sericeus*).

Parasitar, v. t. Viver como parasita de outrem « Ha annos que o Pedro vive a *parasitar* o barão. »

Paratucano, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 111.

Parauaboia, s. f. Serpente da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Parauahy, s. m. Ave psittacidea (*Pionus fuscus*).

Parceirada, s. f. Conjuncto dos parceiros. « Tenho ganho hoje a valer no poker. Sovei deveras a *parceirada*. »

Paredista, s. m. Operario em parede, grevista. « Os carpirteiros *paredistas* pedem augmento de salarios. »

Paredro, s. m. Neologismo introduzido por Coelho Netto. Prócer.

Parelho, s. m. Terno de roupa. « Mandei fazer um *parelho* de fraque e outro de sobrecasaca. »

Pariatán, s. f. Nome que no Amazonas dão ás ilhas que a correnteza dos rios arrasta e formada sobretudo de plantas aquaticas. Cf. H. Silva, ob. cit., 143.

Pariação, s. f. (pleb.). Parto. A *pariação* desta vacca será em Janeiro. »

Paricarana, s. f. Planta leguminosa mimosacea (*Accacia scandens*).

Pariri, s. m. Columbino selvagem (*Oreopelia montana*).

Parlapatorio, s. m. Falatorio, verborrhagia. « O conferencista como seu *parlapatorio* interminavel maçou-nos a valer. »

Parlapassada, s. f. Ajuste, combinação previa. « Não acre-

dites na sinceridade das declarações de S...; aquillo é *parlapassada* com o irmão de quem se pretende desligado sem o estar. » Termo rio grandense do sul.

Paroara, s. m. Agenciador de trabalhadores para os seringaes da Amazonia. Denominação dada em alguns dos estados do Norte.

Parol, s. m. Mangedoura, cocho. (Bol. de Agric.).

Parruda, s. f. (chul.). Mulher virgem.

Partilhas, s. f. Nome que se dá nos estados de nordeste ao acto de ferrar o gado.

Paruaruina, s. f. Peixe de rio (*Phractocephalus hemiliopterus*).

Paruhy, s. m. Arvore fructifera da Amazonia.

Parumbeba, s. f. Peixe marinho Ap. Cesar Marques.

Parurú, s. m. Arvore da flora maranhense.

Pashaco, s. m. Arvore leguminosa (*Stryphnodendron guayanaensis*, Banth.).

Pasmado, s. m. Mourão de porteira. « Este *pasmado* está podre e breve deixa calir a porteira. »

Passadiço, s. m. Ponte na parte superior do navio em que se mantem o commandante, o official de quarto e o homem do leme.

Passa-moleque, s. m. Perfidia; *rasteira*. Logro. « O homem contava como certo fechar o negocio mas o vendedor pregou-lhe um *passamoleque* e vendeu a casa a outra pessoa. »

Passarão, s. m. Grande pernalta (*tantalus loculator*).

Passarinhada, s. f. Corcovo de montaria devido a um susto. « O burro deu uma passarinhada e cuspiu-o da sella. »

Passarola, s. f. Machina voadora. « O Padre Batholomeu de Gusmão e a sua *passarola*... »

Passaro preto, s. m. Passarinho icterideo (*Icterus unicolor*).

Passuaré, s. m. Arvore da flora paulista. Ap. II. Pereira, ob. cit.

Pastelão, adj. e s. m. Moleirão. « Que *pastelão* este meu secretario ! Leva duas horas a escrever vinte linhas. »

Pastinha, s. f. Penteado em que os cabellos são empastados sobre a testa.

Pata, s. f. Peixe marinho.

Patachoca, s. f. Crustaceo, grande carangueijo.

Patacudo, adj. Dinheiroso. « F. é *patacudo*, tem suas trezentas apolices ». »

Patajuba, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Conego. Bernard, ob. cit.

Patajuba rana, s. f. Arvore de Amazonia. Ap. Conego Bernard, ob. cit.

Patapiririca, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Conego Bernard, ob. cit.

Pataqueiro, adj. e s. m. Actor reles. « Este *pataqueiro* tem pretensões a representar o papel de Kean como o grande Novelli. »

Pate, s. m. (jogo de xadrez). Gallicismo geralmente adopta-

do para designar a situação especial em que um dos reis fica impossibilitado de mover-se não dispondo o seu partido de pedra alguma mais que também possa mover-se, empatando-se a partida.

Pateiro, s. m. Gramínea da flora paulista. Rel. da Com. Geogr.

Pateiro, s. m. Cão de caça ensinado a ir buscar as aves caídas n'água. « Este cãesinho é um *pateiro* incansavel, nada meia hora para trazer-me uma caça qualquer, se for preciso ».

Patesco, adj. (gir.). Marinheiro pouco experimentado.

Patinação, s. f. Lugar onde se patina. « Na *patinação* ha hoje uma grande festa. »

Patinha, s. f. Articulação da coxa do cavallo junto á virilha.

Patinho d'água, s. f. Pernalta (*Podoa surinamensis*).

Patioha, s. f. Palmeira (*Coccothryphora*).

Patioha, s. f. Serpente do gen. *bothrops* (*Lachesis bilineatus*).

Pato castelhano, s. m. Palmípede (*Sarcidiornis carunculata*).

Pato de Gayena, s. m. Palmípede selvagem da Amazonia.

Pato do matto, s. m. Grande palmípede (*Sarcidiornis carunculata*).

Patola, s. f. (Tech. nav.). Larga peça de ferro destinada a reter um dos fuzis da amarra.

Patorá, s. m. Gramínea forrageira (Bol. de Agric.).

Pato-rouco, adj. e s. m. (gir.) Indivíduo de voz roufenha. « Este *patorouco* cansa, com a sua voz quasi inintelligivel. »

Patory, s. m. Palmípede selvagem do Ceará. Mem. cit.

Patotada, s. f. Grande patota. Serie de patotas. « Os actos deste ministro... são uma *patotada* gigantesca. »

Patuarana, s. f. Gramínea (*Canna indica*).

Paty, s. m. Peixe fluvial do Rio Grande de Sul. Velloso da Silveira, ob. cit.

Pau, s. m. (gir. de estudantes), Reprovação. O pobre S... já levou dous *paus* este anno.

Pau branco, s. m. Arvore cordiacea (*Auxemma oncocalyx* Fr. All.).

Pau cachorro, s. m. Arvore cordiacea (*Cordia chamissoniana*, Stend.).

Pau caixeta, s. m. Arvore bignoniacea.

Pau canudo, s. m. Arvore de grande porte.

Pau cruz, s. m. Arvore de grande porte.

Pau de abobora, s. m. Arvore de certo porte

Pau de colher, s. m. Arvore composta (*Lienophora salicifolia*, M.).

Pau de candieiro, s. m. Arvore celastracea (*Maytenus rigida*, M.).

Pau de cortume, s. m. Arvore malpighiacea (*Byrsonima spicata*).

Pau de cotia, s. m. Arvore rutacea (*Esenbeckia*).

Pau de herva, s. m. ou *herva matte* (ilex). Ap. Velloso da Silveira, ob. cit.

Pau de jangada, s. m. Arvore tiliacea (*Apeiba tibourboa* Aubl).

Pau de lacre, s. m. Arvore guttífera (*Vismia brasiliensis* Choisy).

Pau de maria, s. m. Arvore que tambem tem o nome de lantim.

Pau de malho, s. m. Arvore leguminosa (*Macchaerium stipu lata*).

Pau de mocó, s. m. Arvore de elevado porte.

Pau de orvalho, s. m. Arvore de elevado porte.

Pau de rainha, s. m. Arvore leguminosa (*Centrolobium pa-raense*, Tal).

Pau de rato, s. m. Planta herbacea (*Cesalpinia glandulosa*).

Pau de remo, s. m. Arvore styracacea (*Styrax acuminatus* Pohl).

Pau de santo, s. m. Arvore meliacea (*Cabralia cangerana*).

Pau de viola, s. m. Arvore verbenacea (*Citharexylon cinereum* L.).

Pau de vinho, s. m. Arvore leguminosa (*Echiospermum bal-thazarii*).

Pau em ser, s. m. Arvore de matte ainde não podada V. da Silveira, ob. cit.

Pau facho, s. m. Arvore sylvestre.

Pau homem, s. m. Arvore tambem chamada Marapuama.

Pau jantar, s. m. Arvore da flora paulista.

Pau laranja, s. m. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Paula Souza, s. m. Chumbo grosso para caça. (Do nome do creador do typo.) « Com dous grãos de *Paula Souza* o veado cahiu. »

Paulificação, s. f. (gíria) Secca ; maçada.

Paulificar (gir.) Seccar, maçar, enfadar.

Pau liso, s. m. Arvore combretacea.

Pau lixa, s. m. Arvore verbenacea (*Lippia urticoides* Stend).

Pau manteiga, s. m. Arvore sylvestre.

Pau molle, s. m. Arvore tambem chamada *quabipocaiba*.

Pau mirim, s. m. Arvore colossal da flora amazonica.

Pau mondé, s. m. Arvore sylvestre.

Pau osso, s. m. Arvore sylvestre.

Pau pobre, s. m. Arvore euphorbiacea.

Pau precioso, s. m. Arvore tambem chamada *casca preciosa*.

Pau quente, s. m. Grande arvore.

Pau rei, s. m. Planta esterculiacea (*Sterculia striata*).

Pau rosa, s. m. Arvore lauracea (*Aniba parviflora* Mes.).

Pau santo macaco, s. m. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Pau terra, s. m. Arvore vochysiacea (*Qualea cordata* Spreng).

Pau trombeta, s. m. Arvore tambem chamado *ambaiba*.

Pau velho, s. m. Arvore tambem chamada *quabipocaiba*.

- Pauxi de pedra**, s. m. Ave gallinacea (*Pauxis galeata*).
- Pavão do Pará**, s. m. Ave pernalta (*Eurypigas solaris*).
- Pavôa**, s. f. Borboleta diurna (*Caligo Beltrão*).
- Pavuna**, s. f. Valle fundo e escarpado. « Os bandidos atiraram o cadaver peleo barranco abaixo naquella *pavuna* tão funda da estrada real. »
- Paxiúba barriguda**, s. f. Palmeira (*Iriartea ventricosa*).
- Paxiúba mangerona**, s. f. Palmeira (*Martinesia carystæfolia*).
- Paxiúba rana**, s. f. Arvore guttífera (*Toromita trostora*, Hub).
- Paxiúbarana miuda**, s. f. Arvore guttífera (*Toromita brasiliensis*, Walp).
- Paxiubinha**, s. f. Palmeira (*Iriartella preuriens*).
- Peão**, s. m. Individuo que tem por officio amansar animaes de sella. « O Raymundo é um *peão* que não ha burro chucro que consiga cuspilo da sella. »
- Pecaparra**, s. f. Palmipede selvagem do Ceará. Mem. cit.
- Pecegada**, s. f. Doce de pecegos solido. « Esta *pecegada* está muito assucarada, muito dura demais. »
- Pechotear**, v. i. Jogar como pechote. « Perdi esta partida porque no fim me distrahi e *pechoteei*. »
- Pechotemente**, adv. de modo *pechote*. « Se não houvesse *pechotemente* deslocado o meu rei não tomaria este xeque a descoberto. »
- Pecoapá**, s. f. Pomba sylvestre do Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.
- Pé de chumbo**, s. m. Alcinha depreciativa dos portuguezes no norte do Brazil.
- Pé de macaco**, s. m. Planta herbacea tambem chamada lycopodio indigena.
- Pé de macuco**, s. m. (gir.). Porcalhão. « Este *pé de macuco* nunca toma banho. »
- Pé de pato**, s. m. Arvore de elevado porte.
- Pé de pau**, s. m. Abelha sylvestre.
- Pedincheira**, s. f. Pedinchice. Acto de pedinchar. « Nesta cidade ha uma *pedincheira* continua para mil uma subscripções. »
- Pedra de anil**, s. f. Nome vulgar que nas lavras diamantinas dão ao klaprothito.
- Pedra de ferro**, s. f. Arvore da flora paulista *padrão* de boas terras. Ap. Azevedo Marques, ob. cit.
- Pedrinha**, s. f. Nome de certa pedra que tende a rede do xareu. Cf. Camara ob. cit., p. 44.
- Pega mão**, s. m. Mala portatil. « No meu *pega mão* levo apenas roupa branca, umas duas ou tres camisas. »
- Pega pinto**, s. m. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.
- Pegador**, s. m. Jogo de creanças chamado tambem *tempo será*.
- Pegativo**, adj. Contagioso. « Não entres no quarto da creança que o *croup* é muito *pegativo*. »
- Peitada**, s. f. Empurrão com o peito. « Preguei-lhe uma *peitada* em cheio que o derrubou. »

- Peito de pomba**, s. m. Arvore leguminosa.
- Peito de pomba**, s. m. Arvore meliacea (*Guarea silva Everest*).
- Peito roxo**, s. m. Ave psittacidea (*Androglossa vinacea*).
- Peitudo**, adj. Valentão. « Dizem que L... é *peitudo*, quero ver se *escora* este caboclinho. »
- Peixada**, s. f. Fritada de peixes. « Esta *peixada* de sardinhas está deliciosa. »
- Peixe armado**, s. m. Peixe fluvial.
- Peixe fila**, s. m. Peixe marinho.
- Peixe folha**, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit. p. 413.
- Peixe frade**, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 413.
- Peixe frito**, s. m. Passaro trepador. (*Dromococcyx fasianellus*).
- Peixe gato**, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 413.
- Peixe lenha**, s. m. Peixe fluvial (*Platystomatichthys sturio*).
- Peixe pedra**, s. m. Peixe de rio (*Diagramma Geldii*).
- Peixe podre**, s. m. Arvore.
- Peixe pombo**, s. m. Nome que no littoral bahiano dão a certa baleia. Cf. Alves Camara ob. cit., p. 34.
- Peixe soldado**, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 413.
- Pelar**, v. i. Queimar. Estar fervendo. « Não pegues nestas batatas que te *pelam*. Deixa-as esfriar. »
- Pelle de lixa**, s. f. Nome vulgar da variola hemorrhagica. « Morreu o pobre de *beixigas pelle de lixa*. »
- Pellego de velha**, s. m. Planta leguminosa (*Calliandra Tweedii*).
- Pelludo**, adj. Diz-se do cavallo que não tem *sangue*. « Neste pareo correm uma eguinha *pelluda* e dois cavallos de um quarto de sangue. »
- Pelota**, s. f. Variante basca do jogo da pella.
- Pelotari**, s. m. Jogador profissional de pelota.
- Penalógia**, s. f. Parte do direito criminal que se occupa do estabelecimento das penas.
- Penalógico**, adj. Que diz respeito á penalógia. « A parte *penalógica* deste tratado deixa a desejar. »
- Penamby**, s. f. Pequena mariposa fructivora (*Tortix dolearana*).
- Penalogo**, s. m. Jurisconsulto que se especializou no estudo da *penalógia*.
- Penima**, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Xavier Marques, *Praieiros*.
- Penna**, s. f. Peixe marinho.
- Pensabundo**, adj. Pensativo. Cf. Eça, *Fradique*, 473.
- Pensylvanico**, adj. Diz-se do systema penitenciario que preconiza o isolamento completo dos detentos.
- Peoa**, s. f. Planta ranunculacea.
- Pepino do matto**, s. m. Arvore apocynacea (*Ambellania acida* Aubl.).

Pé queimado, s. m. Nome vulgar de certa baleia macho na Bahia Cf. Camara, ob. cit., p. 73.

Pequenitade, adj. (fam.). Muito pequeno. « Este menino é um *pequenitade*; não crescerá muito.

Pequetito, adj. Pequenino. (Matto Grosso). Ap. Taunay, *Innocencia*.

Pequi, s. m. Pernalta (*Podoa surinamensis*).

Pequiá, s. m. Nome que no Est. do Rio de Janeiro se dá ua pequeno cesto de taquara.

Pequiá café, s. m. Arbusto samydaceo (*Casearia fetida*).

Pequito, adj. (fam.). Pequenino. « Os *pequitos* estão crescidos para a idade. »

Peraltear, v. i. Peraltar. A primeira forma é mais usada entre nós do que a que o dicionario de Maximiano de Lemos indica.

Perambulação, s. f. Acto de perambular. « Este vagabundo vive numa eterna *perambulação* nocturna. »

Perambulatorio, adj. Que perambula. « Encontrámos F... a duas leguas daqui satisfazendo á sua constante paixão *perambulatoria* de *nomade*. »

Pé rapado, s. m. (pleb.). Proletario. Individuo sem posição. « Este *pé rapado*, este mendigo, já teve alguma fortuna. »

Perciorá, s. m. Planta tambem denominada Casca preciosa.

Perdicum brasileiro, s. m. Planta herbacea composta (*Trixis aspera*).

Perdigoteiro, adj. (pleb.). Individuo que lança saliva á cara dos interlocutores, que *perdigota*. »

Perdigoto, s. m. Certo typo de chumbo de caça (Goyaz). Cf. Henrique Silva, ob. cit.; p. 36.

Pererema, s. f. Palmeira (*Coccox syagrus*).

Perinho, s. m. Arvore fructifera.

Periquitar, v. i. (fam.). Audar com os pés para dentro. « Esta creança *periquita* um pouco, é preciso obrigala a por os pés para fora. »

Periquito d'anta, s. m. Ave psittacidea (*Pionetes leucogaster*).

Periquito d'anta, s. m. Ave de rapina (*Gypsopsittacus vulturinus*).

Periquito da campina, s. m. Ave psittacidea (*Brotogerys virescens*).

Periquito da varzea, s. m. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Periquito de São João, s. m. Ave psittacidea (*Psittacula gyanensis*).

Periquito do Espirito Santo, s. m. Ave psittacidea (*Psittacula guianensis*).

Peririguiá, s. m. Passaro trepador (*Octopteryx guira*).

Peritoró, s. m. Peixe de rio.

Perlustrador, adj. Que perlustra. « O sabio *perlustrador* dos manuscriptos daquelle seculo barbaro... »

Permanente, s. m. Soldado de linha. « As ruas estão vigia-

das pela policia e *permanentes*; a tropa do exercito commando-a um coronel. »

Pernada, s. f. Longa caminhada. « Daqui á fazenda de São João ha uma *pernada* boa pelo menos oito leguas. »

Perna de pau, s. m. Pernalta (*Himantopus brasiliensis*).

Perna de xis, s. m. (pleb.). Zambro. « Este cambaio, este *perna de xis*... »

Perna lavrada, s. f. Ave formicaróide (*Grallaria imperator*).

Pername, s. f. (chul.). Perna grossa. « Que *pername* tem esta mulher ! »

Perné, s. m. Nome de certo barco de pesca no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 89.

Perneta, adj. Individuo a quem falta uma perna. « Este *perneta* perdeu a perna direita num desastre de estrada de ferro. »

Pernoite, s. m. Acção de pernoitar. « Este trem tem *pernoite* em Campos partindo na madrugada seguinte para o Espírito Santo. »

Peroba, s. m. (gir.). Individuo importuno, *cacete*. « O J... é um *peroba* tremendo capaz de fazer um christão dormir empé. » Individuo de grande estatura. « Este *peroba* tem um metro e noventa ! »

Perobeação, s. f. (gir.). Importunação, *caceteação*. « Supportei uma *perobeação* terrivel do J... que me maçou a valer. »

Perobear, v. i. (gir.). *Cacetear*, maçar, « O P... *perobeou* me de modo a me dar dôr de cabeça. »

Peromirim, s. m. Arvore de certo porte.

Perovaúna, s. f. Arvore leguminosa (*Melanoxylum brauna*).

Perpendicular, s. m. Minusculo mosquito de Matto Grosso do genero anopheles. Ap. P. Malan. *Missões salesianas*.

Perquiridor, adj. Aquelle que perquire. « O juiz implacavel *perquiridor* deixou evidente a culpabilidade do reu. »

Perrenguear, v. i. Viver adoentado, emfraquecer-se. « Desde que este homem teve maleitas entrou a *perrenguear*. »

Perú, s. m. (gir.). Individuo que assiste a um jogo sem nelle tomar parte. « F... é um *perú* desagradavel pelos apartes que se põe a dar interpellando os jogadores. »

Perúa, s. f. (chul.). Marafona.

Peruar, v. i. (gir.). Fazer o papel de *perú*. « Admiro a pachorra de F... que *peruou* o nosso jogo durante mais de seis horas. »

Perú do matto, s. m. Nome vulgar da jacutinga em certas zonas mineiras. Cf. H. Silva, 133.

Perusinho do campo, s. m. Passarinho (*Anthuschii*).

Pervagante, adj. O que pervaga. Cf. *Sertões*, 137.

Persevejo hexiguento, s. m. Insecto que devasta as plantações de fumo (*Euschistus variolarius*).

Persevejo fedorento, s. m. Insecto devastador das plantações de fumo (*Edessa meditabunda*).

Pescadinha, s. f. Peixe marinho.

- Pesca-em-pé**, s. m. Pernalta (*Totanus flavipes*).
- Pescotapa**, s. m. (gir.). Pescoção. « Com um *pescotapa* na nuca o capoeira derribou o adversario. »
- Pessoal**, s. m. (pleb.). A gente, os collegas, os amigos, etc. « Não vais ao baile? Todo o *pessoal* a elle concorre. »
- Pesteado**, adj. Empestado. Affectado de peste. « Perdeste muitos bois? Dos *pesteados* de febre aphtosa apenas tres. »
- Pestear**, v. i. Ser affectado por uma peste. « Minha gadaria estava muito bonita mas infelizmente *pesteou* perdendo eucentenas de cabeças. »
- Petecada**, s. f. Golpe com a peteca. « Esta *petecada* foi a mais alta das que jamais vi. »
- Petecado**, adj. Individuo ou objecto enfeitado com exageros de mau gosto. « Em casa de F... por toda a parte só vejo *petecados* sobretudo os moveis, de um mau gosto incrível. »
- Petecar**, v. t. Ornar exageradamente e de modo inesthetico. « O marceneiro *petecou* demais esta vitrina. »
- Petiscador**, adj. Individuo que gosta de petiscar, lambiscador. « F... é um *petiscador* insupportavel e por isso não tem appetite ao almoço e ao jantar. »
- Petiú**, s. m. Pernalta da fauna avicola céarense. Mem. cit.
- Petreco**, adj. s. m. Individuo sem profissão. « Este *petreco* sem eira nem beira, que jamais ganhou um vintem, pretende casar-se. »
- Petropolis**, s. m. (gir.). Bengala grossa, varapau. « Armado de solido *petropolis* o homem desancou valentemente o adversario ». »
- Peúna**, s. f. Peixe marinho.
- Pharol**, s. m. (gir) Anel de brilhante: « O homem ganhou uns cobres e logo comprou um *pharol*. »
- Pharol**, s. m. (gir.). Individuo que arrebanha gente para tavolagens. « O S... é hoje *pharol* do roleteiro B... passa os dias a cercar gente para levala ao club. »
- Pharolação ou pharolagem**, s. f. Profissão de pharol. « A *pharolagem* dá a ganhar ao S... »
- Pharolar**, v. i. (gir.). Fazer officio de pharol. « O. S... desde que começou a *pharolar* dispõe de dinheiro. »
- Phisiolostría**, s. f. (gir.). Physionomia. « A *phisiolostría* deste sujeito não me é desconhecida, jávi essa *lata* algures. »
- Photo-perspectographia**, s. f. Operação de levantamento topographico feito como o perspectographo.
- Photo-perspectographico**, adj. Referente á photo.perspectographia.
- Photo-perspectographo**, s. m. Apparelho de levantamento topographico mediante a obtenção de photographias.
- Piabar**, v. i. (gir.). Jogar com extrema cautela, com receio de arriscar os lucros. « F. ganhou cem milreis e poz-se a *piabar* para garantilos. »
- Piabonú**, s. m. Peixe do Parahyba do Sul Azev. Marques ob.cit.
- Piachar**, v. t. Por diversas vezes vi empregar se este verbo em vez de *pialar*, laçar.

Piacho, s. m. Pialo (forma que diferentes vezes vi empregada).

Piapara, s. f. Peixe fluvial commum no Parahyba do Sul e que tambem é chamado *tiapara*.

Pia sol, s. m. Pernalta (*Parra jacanan*).

Piauassú, s. m. Peixe de rio, grande piau.

Piavuna, s. f. Peixe commum no Parahyba do Sul.

Picaço, s. m. Grande carrapato commum no E. de S. Paulo.

Picadão, s. m. Picada larga. « De Campos Novos em diante não ha estrada e sim um simples *picadão*. »

Picadinho, s. m. Guisado de carne picada. « Este *picadinho* de porco com hervas está delicioso. »

Picador, s. m. Individuo retalhador das baleias pescadas. Cf. Camara, ob. cit., p. 83.

Picafumo, s. m. (gir.). Canivete. « A unica arma que trago é este *picafumo* de duas laminas. »

Picafumo, s. m. Cavallo de andadura irregular e desagradavel.

Picarro, adj. (*Gir. cearense*). Famoso. Cf. *Terra do Sol*, p. 57.

Piçarurú, s. m. Peixe do Tieté. Ap. Francisco Barbosa, Rev. do Inst. Hist.

Pichainho, adj. Diz-ze do cabelo que é carapinhado. « Este sujeito com o seu cabelo *pichainho* tem me ares de mulato. »

Picotagem, s. f. Acto de picotar. « A *picotagem* é o que distingue uma da outra os duas primeiras emissões de sellos brazileiros com a effigie de D. Pedro II. »

Picotar, v. t. adapt. do verbo frances *picoter*. Rendilhar (Falando de papel. « Os sellos todos, hoje, são *picotados*. »

Picotê, s. m. (fam.). Peteleco. « Carlos deu-lhe um *picotê* no nariz e um peteleco de tal ordem que fez inchar o appendice. »

Picuetta ou **Picuetada**, s. f. Picuinha, remoque, pirraça.

Picuhypeba, s. f. Columbino selvagem (*Peristera cinerea*).

Pidão, adj. (pleb.). Pedinchão. » Maria é uma *pidona*; pede tudo quanto vê. »

Piddó, s. m. Termo que na India portugueza serve para designar a haste das folhas do coqueiro.

Pidonho, adj. (pleb.) o mesmo que *pidão*.

Pikahú, s. m. Columbino da Amazonia (*Columba speciosa*).

Pikahuro, s. m. Columbino da Amazonia (*Columba plumbea*).

Pilheriar, v. i. Dizer ou fazer pilherias « Não te zangues que estou a *pilheriar* contigo. »

Pilherico, adj. Dizedor ou fazedor de pilherias, faceto. « O nosso amigo é muito *pilherico*, muito facecioso. »

Piló, s. m. Nome que em Goyaz se dá ao anú branco (*Guirá piririgua*).

Piloto, adj. (pleb.). Zarolho. « O F... ficou *piloto* de um tiro que levou no olho direito. »

Pimenta, adj. Individuo colerico. « Esta mulher é uma *pimenta*, briga, esbraveja a todo o momento. »

Pimenta, s. m. Pequeno carrapato do oeste de São Paulo.

Pimenta da terra, s. m. Arvore anonacea. (*Xylopia langsdorffiana* St Hill.).

Pimenta de buta, s. f. Arvore da Amazonia, Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Pimenta de gallinha, s. f. Arbusto solanaceo (*Solanum nigrum*).

Pimenta do diabo, s. f. Planta solanacea (*Capsicum luteum*).

Pimentão doce, s. f. Arbusto solanaceo (*Capsicum tetragonum*).

Pimenteiros, s. m. Contrabandistas que no seculo XVII faziam nos mares do Oriente o contrabando de especiarias.

Pinaca, s. f. Nome que na India portugueza dão ao bagaço das amendoas do coco.

Pinama, s. f. Peixe do littoral bahiano. Cf. Xavier Marques, *Praieiros*.

Pinchiricotó, s. m. Arvore cordiacea (*Cordia nodosa*, Lam.).

Pindá, s. m. Mollusco (*Echinometra subangularis*).

Pinda, s. f. (gíria). Falta de dinheiro.

Pindahyba, s. f. Arvore anonacea (*Rollinia emarginata* Schl.).

Pindacuema, s. f. Anzol cuja linha fica fixa numa estaca á beira d'agua ou *anzol de espera*.

Pindapoia, s. f. Anzol de espera no littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 26.

Pindaúva, s. f. Arvore anonacea (*Xylopia frutescens*).

Pingafogo, s. m. Individuo *avalentado*. « O F... é um *pingafogo* mas delle não tenho medo. »

Pingafogo, s. m. Grande maribondo. Ap. Rel. Com. Geogr.

Pingente, s. m. (gíria). Passageiro que viaja no estribode um bonde. « Os bondes passam repletos; os estribos estão cheios de *pingentes*. »

Pingo d'agua, s. m. Nome que nas lavras diamantinas dão ao quartzo, Ap. Taunay, « Goyaz em 1875. »

Pingueiro, adj. Alcoolico inveterado. « Este negro, *pingueiro* velho, já está com um começo de *delirium tremens*. »

Pinguel, s. m. Peça por onde se desarma uma armadilha. Ap. Moura, ob. cit.

Pinguelear, v. i. Pular de um lado para outro, como fazem os simios nas arvores. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 152.

Pinheim, s. m. Nome vulgar de certo rapineiro em Goyaz, Cf. H. Silva, ob. cit., p. 124.

Pinheirinha, s. m. Arvore conifera (*Podocarpus Lambertii*).

Pinheiro do brejo, s. m. Arvore magnoliacea (*Talaunia ovata*, St. Hill.)

Pinica-pau, s. m. Ave da Amazonia, provavelmente picapau. Ap. Inf. Verde.

Pinicão, s. m. (fam.). Beliscão. « O pinicão deixou-me o braço esfolado. »

Pinicar, v. t. (fam.). Beliscar. « A professora *pinicou-me* no braço com tanta força que a unha deixou signaes. »

Pinoia, adj. Individuo fraco e sem prestimo (Matto Grosso).

Pinoia, s. f. Logro; mau negocio. « Level *pinoia* com prando este cavallo ordinarissimo. »

Pinta, s. f. Amostra de jazida aurifera. Ap. uma memoria de Miguel Per. da Costa na Rev. do Instit. Historico.

Pintado, s. m. Peixe de rio da familia dos bagres.

Pintado, adj. Individuo capaz. « Qual será o *pintado* que conseguirá descobrir o paradeiro do cavallo roubado? » Matto Grosso. Ap. Taunay « Innocencia ».

Pinta-no-rabo, s. m. Peixe marinho. Ap. Cesar Marques, ob. cit.

Pintar o sete, o *padre*, o *caramujo*, a *saracura*, o *diabo a quatro*, etc. Locuções que significam : fazer mil extravagancias. » « Como juiz, aqui, o Dr. X... *pintou o sete*, anarchisou o fóro. »

Pintar, v. i. Dar mostras de riqueza aurifera. « Este cascalho *pintou* cousa bem animadora, aqui ha *bem* ouro. »

Pinto calçado, s. m. (fam.). Menino cujas calças adherem ás pernas. Menino que deixou as calças curtas pelas compridas.

Pioca, s. m. Caipira, tabareu. « Este *pioca* é um *caboclo* da extrema do sertão. »

Piocada, s. f. Caipirada, reunião de piocas. « Esta *piocada* é quasi selvagem. »

Piolho de cobra, s. m. Nome vulgar attribuida á centopeia e a outros myriapodos congeneres.

Pipirioca, s. f. Perfume extrahido de uma planta da flora amazonica. Ap. Inf. Verde.

Pipoca, s. f. Borbulha, pequena tumefacção. « Isto não são cataporas e sim simples *pípcas*. »

Pique, s. m. Travessa que se põe nas cercas de arame fardado para trançar fios longitudinaes, tensos pelos mourões.

Pique, s. m. Brinquedo de meninos a que tambem se chama *tempo servá*.

Piquiarana, s. m. Arvore da Amazonia, Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Piraboca, s. f. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara ob. cit. p. 415.

Piracambucú, s. m. Peixe do Tietê. Ap. Oliveira Barbosa, Mem. na Rev. do Inst. Hist.

Piracoaxiara, s. f. Peixe do Tietê. Ap. Oliveira Barbosa, na Rev. do Inst. Hist.

Piragiá, s. f. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 415.

Piraiuuuara, s. f. Arvore da Amazonia da familia das putaceas.

Pirajú, s. m. Peixe fluvial.

Pirambeira, Nom que no Centro de Minas dão aos desbarancados, ás sangas e depressões de terrenos.

Pirambú, s. m. Peixe do littoral cearense. Mem. cit.

Piramutaba, s. f. Peixe da Amazonia (*Piramutaba piramuta*).

Pirandira, s. m. Peixe fluvial (*Cynodion scombroides*).

Piranema, s. f. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 110.

Piranga, s. f. Nome de uma ave canora tambem chamada *sabiá larangeira* (*Turdus rufigentris*).

Pirangueiro, adj. Individuo apaixonado pela pesca. « F... é um *pirangueiro* incontentavel. Vive de anzol á beira do rio. »

Piranheiro, adj. Talvez o mesmo que pirangueiro... Ap. Inf. Verde.

Pirapema, s. f. Peixe dos rios do Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Piratinga, s. f. Peixe da Amazonia (*Pirapilinga Goliath*).

Piri-piry, s. m. Ave de rapina da Amazonia (*Gypopsittacus vulturinus*).

Piririca, s. f. Peixe de rio.

Piririca, s. f. Nome que no oeste de São Paulo designa as pequenas corredeiras. « Neste trecho do rio Feio ha umas tres *piriricas* e um saltinho. »

Piriricar, v. i. Tornar se aspero. « De repente o homem *piriricou* com o camarada e comecou a gritar, passando depois á descompolo. »

Pirisal, s. m. Lugar onde abundam piris.

Pirinambú, s. m. Peixe fluvial (*Pimelodus pirinambú*).

Piritindiba, s. f. Arvore da flora maranhense.

Pirituma, s. f. Peixe marinho. Cesar Marques, ob. cit.

Pirraçar, v. t. Fazer pirraça, apoquentar. « F... vive a *pirraçar* o primo com o repetir o *lapsus lingue* do rapaz. »

Pirracentamente, adv. de modo *pirracento*. « O tal funcionario do registro civil *pirracentamente* retém o documento. »

Pirracento, adj. Aquelle que *pirraça*. « Este homem é *pirracento* como poucos, vive a contrariar todo o mundo. »

Pirralhada, s. f. Miugalha, creangada. « Esta *pirralhada* de rapazitos de doze annos já quer dar-se ares de moços feitos. »

Pirtiga, s. m. Pulverizador empregado em agricultura contra certas molestias parasitarias das vinhas, etc. (Bol. de Agricult.).

Pirú-pirú, s. m. Pernalta da Amazonia (*Hæmatopus palliatus*).

Pisca-pisca, adj. Individuo que tem o cacoethe de mover amiudadamente as palpebras. « Este *pisca-pisca* parece estar a cochilar toda a vida. »

Pistory, s. m. Nome que na India portugueza dão ao tecido que envolve os verticillos das folhas do coqueiro.

Pistatira, s. m. (gir.). Creança. Termo de origem riograndense do sul (?).

Pitanga guassú, s. m. Passarinho (*Myorrhynchus pitanga*).

Pitangueira de cachorro, s. m. Arvore myrtacea (*Calyptanthus obscura* D. C.).

Pitauan, s. m. Passarinho (*Pitangus sulfuratus*).

Pitaicaica, s. f. Arvore da Amazonia. Con. Bernard, ob. cit.

Piteira, s. f. Pequeno objecto que serve para afastar do contacto immediato com os labios a ponta do cigarro oucharuto. « Não posso fumar com *piteira*. »

Piticó, s. m. Palmeira.

Pitiú, s. m. Tartaruga do Tocantins. Ap. Moura, ob. cit.

Pitiú assú, s. m. Nome vulgar de um pequeno crustaceo no Ceará. Mem. cit.

Pito, s. m. Tenaz que serve para apertar os labios de um animal chucro que se deseja domar.

Pituim, s. m. Mau cheiro, *bodum*, *morrincha*. Este cão está com um *pituim* muito forte; é preciso dar-lhe um banho. »

Piúna, s. f. Arvore hignoniacea (*Teroma araliacea*).

Piúva, s. m. e adj. Maçador. « O J... é um cacete, um *piúva* insupportavel. »

Pixar, v. t. Brochar com pixe. « Mandei *pixar* os terreiros para que sequeem melhor o café. »

Pixear, v. i. ou

Pixerar, v. i. Queimar (a comida). « Este arroz *pixerou*, nelle entrou *bispo*. »

Pixuna, s. m. Nome vulgar de um rato selvagem do Ceará. Cf. *Terra de Sol*, p. 4.

Pixuna, s. f. Arvore myrtacea (*Eugenia glomerata Spreng.*)

Planaria, s. f. Nome vulgar de un annelideo no Ceará. Mem. cit.

Plenificar, v. t. Attribuir a um examinando a nota plenamente. « Hoje *plenifiquei* toda a turma com os graos 7, 8 e 9. »

Poaia, adj. Individuo desenxabido e cuja companhia é semsaborona. « Esta *poaia*, quando dança, mal responde ás perguntas. »

Poaia comprida, s. f. Planta rutacea (*Boreisia emetica*.)

Poaieiro, s. m. Individuo que se occupa na industria extractiva da poaia. « F... é *poaieiro* no Alto Paraguay por conta da casa Silva. »

Pobila, s. f. Nome vulgar de uma abelha sylvestre do Ceará. Mem. cit.

Pocassú, s. f. Pomba sylvestre maranhense. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Poçauna, s. f. Planta leguminosa da flora paulista. Ap. Bol. de Agric.

Pocomon, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 116.

Podometragem, s. f. Avaliação de uma distancia por meio do podometro. Ap. Rel. Com. Geogr.

Podometrar, v. t. Avaliar uma distancia approximadamente por meio do *podometro*. « *Podometrei* este trecho tendo como resultado cento e cincoenta metros. »

Pôdre, s. m. Ouro nativo de côrescuro. Ap. Taunay, « Goyaz em 1875 ». »

Podridão negra, s. f. Molestia dos vinhos (*Black root*).

Podriqueira s. f. Podridão. « Quanta *podriqueira* vai na nossa politica actual! »

Põe mesa, s. m. Insecto orthoptero parecido com o *louva-deus*.

Poiá, s. m. Fogão rustico constituido por pedras sobre os quaes assentam as panellas. « Não temos fogão de ferro e sim um *poiá*. »

Pojaurú, s. m. Arvore myrtacea.

Pola, s. f. Termo que designa certo ornato do vestuario feminino.

Policramento, s. m. Acção de policar. « O policramento da cidade está sendo feito hoje pela tropa de linha. »

Polo, s. m. Jogo de origem hindú, especie de *foot ball* em que os parceiros jogam a cavallo.

Polvilheiro, s. m. Fabricante de polvilho. « S... é farinheiro e polvilheiro, o seu amido é de primeira ordem. »

Pomadear, v. i. (gir.). Fazer *pomada*. « E' inutil que S... *pomadeie*, leve a gabar-se a fazer reclamo de seus actos, feitos e gestos, ninguem o toma a serio. »

Pomaré, s. m. Nome vulgar de certo rato sylvestre tambem chamado *Punaré*. Mem. cit. sobre o Ceará

Pomba de Santa Cruz, s. f. Columbino sylvestre (*Columba plumbea*).

Pomba gallega, s. f. Columbino sylvestre (*Columba rufina*).

Pombeiro, s. m. Arvore verbenacea (*Cytherexylon guepicas*).

Pombo, adj. Diz-se do cavallo branco de couro branco. « E' raro ter-se um cavallo perfeitamente pombo. »

Ponan, s. m. Arvore (*Odoxa lanceolata*).

Ponchirão, s. m. O mesmo que *muxirão*, *putirom*, *córte*, forma usual no Oeste de São Paulo.

Ponhar, v. t. Pôr. Adulteração do verbo, corrente entre os capiras do oeste de São Paulo que dizem eu ponhava; nós ponhâmos; etc.

Ponhema, s. f. Nome vulgar attribuido no interior de São Paulo, a certa variedade de jaboticabeira.

Ponga ou **sabiá lorangeira**, s. m. (*Turdus rufigiventris*).

Ponteira. A ultima colheita do algodão. Ap. Velloso da Silveira, « Missões. »

Pontificar, v. i. Celebrar uma missa pontifical. « O bispo pontificará na festa de São Paulo. »

Ponto, s. m. Consistencia mais ou menos xaroposa da calda de um doce. « Este doce requer *ponto de voar*. »

Ponto prateado, s. m. Borboleta diurna (*Colear edusa*).

Popery, s. m. Barraca provisoria em que os seringueiros da Amazonia defumam o latex logo após a extracção.

Popuca, adj. Podre, o mesmo que *piuca*. « Dei-lhe uma bengalada com este galho *popuca* que se partiu em quatro pedacos. »

Populacidade, s. f. Termo creado por Alencar para exprimir a popularidade entre a populaça.

Pororoco, s. m. Ave palmipede de Santa Catharina. Ap. Galvão, « Notas sobre a Laguna. »

Porrinho, s. m. Epizootia dos equideos.

Porrista, adj. (chul.). Ebrio habitual. « Este homem é um *porrista*, proximo do *delirium tremens*. »

Porrete, s. m. (fam.). Medicamento de effeito prompto e decisivo. « Dei-lhe calomelanos que para o caso é *porrete*. Ficou logo bom. »

Portacruz, s. m. Arachnideo.

Portão, s. m. Paredão a prumo, na barranca do rio. Termo da zona do S. Francisco. Ap. Theodoro Sampaio, « A Chada diamantina ».

Posar, v. i. (gallic.). Fazer-se notado, assumir atitudes de quem está sendo muito observado. « F... mesmo na intimidade está sempre *posando*, como se se achasse em pleno parlamento. »

Positivar, Tornar positivo; afirmar, esclarecer, precisar.

Positivo, s. m. Mensageiro, proprio. Cf. *Sertões*.

Posse, s. f. Area correspondente a uma legua quadrada (Matto Grosso).

Possear, v. t. Occupar terras devolutas. Desbravar. « O avô deste fazendeiro foi quem *posseou* a antiga fazenda da Independencia. »

Posseiro, adj. e s. m. Individuo que pretende ter a posse legitima de uma certa extensão de terras que desbravou. « O banco obteve a concessão de alguns milhares de alqueires habitados por posseiros. »

Possuido, adj. (gir.). Enfatuado. « Desde que F... se casou rico está *possuido*, soberbo mesmo. »

Posta, adj. Individuo moleirão. « Esta creada é uma *posta*; não trabalha quasi. »

Poteriassú, s. m. Palmipede selvagem da Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Poteripeba, s. f. Palmipede selvagem do Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Potroso, adj. Doentio. « Este homem desde a sua operação no estomago anda sempre *potroso*. » T. do Rio Grande do Sul.

Potrudo, adj. Feliz; favorecido da sorte, cheio de *potra*. « Neste *pocker* ando muito *potrudo*; tenho ganho a valer. » Termo do Rio Grande do Sul.

Poule, s. f. Aposta sobre o resultado de um pareo de corrida de cavallos. « Tenho fé nesta eguinha. Comprei duas *poules* nella. »

Pova, s. f. (gir.). Mulher. Usa-se na phrase burlesca. « Povos e *povas*. »

Povão, s. m. Povileo. « Ha um povão na festa! Algum milhares de pessoas. »

Pracachy, s. m. Arvore leguminosa. (*Pentachletra flamentosa*, *Benth.*).

Praguejado, adj. Doentio. Enfezado, atacado por uma praga. « Este feijoal está muito feio: *praguejado*. »

Praguejar, v. i. Ser assaltado por uma praga. « As minhas roças iam muito bem mas de repente *praguejaram*. »

Praiano, adj. Habitante do littoral.

Praieiro, adj. e s. m. Habitante do littoral. « Os *praieiros* aqui vivem só do que lhes dá mar. »

Praieiro, s. m. Partidario da revolução separatista de Pernambuco em 1848.

Prancha, s. f. (gir.). Pé grande e espalmado. « Não ha sapatos que sirvam para as tuas immensas *pranchas*. »

Prancha, s. f. Certa quantidade de caucho ainda não vulcanizado formando uma superficie plana e prompto para a exportação.

Prateamento, s. m. Acto de pratear um objecto pela galvanoplastia. « O *prateamento* desta corrente pouco durou. Já está de novo negra. »

Pratibú, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 115.

Praticante, adj. Catholico que frequenta os sacramentos. « F... é *praticante* fervoroso, communga semanalmente. »

Pratipema, s. m. Peixe marinho. Cesar Marques, ob. cit.

Prato, s. m. Medida de capacidade para cereaes no interior da Bahia. Ap. Th. Sampaio. « Chapada diamantina. »

Pratucano, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Precabralino, adj. Periodo antecedente á expedição de Alvares Cabral. « Estes artefactos remontam a epocas *precabralinas*. »

Precariedade, s. f. Termo empregado pelo Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira para exprimir a qualidade do que é precario. « Direito das cousas. »

Pregador, adj. (gir.). Mentiroso. « F... é muito *pregador*, não lhe dêes credito. »

Pregar, v. i. (gir.). Mentir. « Não estejas *pregando*. Isto é uma invenção calumniosa. »

Prego, s. m. (gir.). Mentira.

Prego-cachorro, s. m. Prego destinado a prender os trilhos ao dormente (*Estr. de Ferro*).

Preguicosa, s. f. Serpente do genero *bothrops* (*Bothrops jararaca*).

Preincaico, adj. Diz se do periodo anterior á civilização incaica. « Este craneo é de uma epoca *preincaica* muito remota. »

Preleccionador, adj. O que prelecciona. « Tomando ares de *preleccionador* official o pretencioso discorreu sobre o que não sabia. »

Preliminarista, s. m. Alumno matriculado num curso preliminar. « Os *preliminaristas* da Escola Polytechnica recordam as mathematicas elementares. »

Premeditadamente, adv. de modo premeditado. « Não ha duvida que os bandidos agiram *premeditadamente*. »

Preparatoriano, s. m. Estudante de humanidades. « Este rapaz é *preparatoriano*, mas dentro de seis mezes será academico. »

Pretor, s. m. Um dos cargos de magistratura federal no Brazil, proprio do Districto Federal.

Pretoria, s. f. Repartição judiciaria a cargo de um pretor.

Preenseiro, s. m. Individuo que na fabricação da farinha maneja a prensa (Ceará). Cf. *Terra de Sol*, p. 70.

Prensibilidade, s. f. (Direito penal). Previsão potencial dos proprios actos.

Priaca, s. f. Bolsa de caça. Termo empregado na Parahyba do Norte.

Priapico, adj. Satyrico, faunesco, erotico. « Tomado de furor *priapico* o bruto violentou a rapariga. »

Princez, s. m. Mascarado vestido com roupas de fidalgo, de principe. « Alli vão dous *diabinhos*, um *dominó*, e um *princez*, que devem conhecer-nos. »

Professorando, s. m. Indivíduo que está a concluir os seus estudos e receber o seu diploma de professor. « F... é *professorando* deste anno e tem a promessa de ir reger a escola primaria do bairro de S. Antonio. »

Professional, s. m. adj. Indivíduo que vive da profissão que exerce. « F... é artista amador e não *professionnal*. »

Prolificidade, s. f. Qualidade do que é prolifico. « Espan-tosa fecundidade dos chins! Que *prolificidade* a daquella raça. »

Prompto, adj. (chul.). Arruinado. « F... já teve fortuna e hoje é um *prompto*. »

Pronatorio, adj. O que é relativo ao movimento de pronação « O accidente que soffreu na mão veio impedir-lhe o movimento *pronatorio*. »

Propheta, s. m. (gir.). Acêndedor de lampeões da illuminação publica. « Este *propheta* acende toda a rua. »

Proseador, adj. Conversador. « Que *proseador* incansavel este homem. Fala horas inteiras. »

Prosear, v. i. Conversar. « Estamos *proseando* ha duas horas sem falar na questão momentosa que nos preoccupa. »

Provincianisar-se, v. pr. Adquirir habitos provincianos. « J.. *provincianisou-se* completamente, não é mais *carioca*. »

Provisorio, s. m. Graminea forrageira (*Bol. de Agricult.*).

Psychê, s. m. Movel de *toilette* com grandes espelhos e uma serie de gavetas.

Puan, s. m. Crustaceo (*Callinectes sapidus*).

Puba, s. m. Boi de corte, gordo. (Est do Norte).

Puço, s. m. Instrumento de pesca usado na Amazonia.

Pucú, s. m. Arvore fructifera da Amazonia (*Cissus spec.*)

Puffista, adj. Charlatão. Indivíduo que faz grande preconceio de quanto obra. « X... é um *puffista* que a força de se elogiar chegou a convencer ao publico de que vale alguma cousa. »

Pulga d'agua, s. f. Crustaceo cladocero do Norte do Brazil.

Punaré, s. m. Nome que no Ceará dão á certo rato sylvestre. Mem. cit. Tambem dizem pomaré.

Puraquæcaá, s. f. Planta herbacea da Amazonia. Ap. Con. Bernard ob. cit.

Puruhy, s. m. Arvore fructifera da Amazonia.

Purupurú, s. m. Affecção cutanea frequente na Amazonia (*Syphispyloria telodermica*).

Pustula, adj. Indivíduo infame, de caracter miseravel. « Esta *pustula* do X... é capaz de inverter totalmente os factos, como já outr'ora furtou carteiras e exerceu o lenocinio. »

- Putrião**, s. m. Palmipede selvagem do Ceará. Mem. cit.
- Puty**, s. m. Pequena palmeira.
- Puxa!** interj. Irra! «Custa cem mil reis esta bengala? *Puxa!* Que despropósito!»
- Puxada**, s. f. Acto de levantar a rede. Cf. Camara, ob. cit., p. 43.
- Puxadeira**, s. f. Grosso cabo de rede do xareu por onde se faz a *puxada*. Cf. Camara ob. cit., p. 41.
- Puxa feira**, s. m. Individuo que gosta de dar o exemplo aos outros. «Para uma festa P... é precioso. E'um *puxa feira* incansavel para dansar, arrasta a todos!»
- Puxa-saccos**, s. m. (chul.). Adulador sordido. «O Dr... tem o defeito de ouvir muito a cortezãos, a *puxasaccos*.»
- Puxavante**, s. m. Barra de conexão das locomotivas. «Partiu-se um dos *puxavantes* de nossa machina e por isso perdemos umas tres horas.»
- Puxaveraõ**, s. m. Passarinho (*Leistes guyanensis*).
- Pyramidolosamente**, adv. De modo pyramidoloso.
- Pyramidoloso**, adj. (bur.). Formidavel, colossal, sesquipedal. «A *pyramidolosa* accusação do promotor tomou nada menos de sete horas a fio.»

Q

- Quadrado**, s. m. Conjuncto das habitações dos escravos nas antigas fazendas. «Este quadrado consta de miseraveis senzalas.»
- Quarar**, v. i. Resignar-se? vagar? Cf. *Sertões*, 542.
- Quandú**, s. m. Nome que no Ceará se dá as palmeiras carnas úbas pouco desenvolvidas. Cf. *Terra de Sol*, p. 39.
- Quartzoso**, adj. Rocha em que ha quartzo. Cf. *Sertões*, p. 13.
- Quasimodal**, adj. o que lembra a fealdade de Quasimodo. «Que typo *quasimodal* o deste aleijado.»
- Quasimodo**, s. m. (all. litt). Individuo cuja fealdade é comparavel á do famoso sineiro de *Notre Dame*. «Què *Quasimodo* o teu futuro cunhado. E' uma figura de desmamar creanças!»
- Quateté**, s. m. Nome que no Ceará, Maranhão e outros estados do Norte dão á sapucaia.
- Quatriennal**, adj. Relativo a um quatriennio. «O periodo dos nossos vereadores é quatriennal.»
- Quatriennialmente**, adv. De modo quatriennial. «As camaras municipaes se renovam quatriennialmente.»
- Quatriennio**, s. m. Periodo de quatro annos. «o Presidente Penna morreu antes de completar o seu quatriennio.»
- Quatro-olhos**, s. m. Nome vulgar de um pequeno cervideo o *cervus nanus* em Goyaz. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 74.

Quaxinduba, s. f. Synonymo de *gamelleira* em diversas regiões brasileiras.

Quebra, s. f. Excesso, bonificação, vantagem. « Como lhe fiz uma compra de muitos mil francos deu-me de *quebra* este objecto. »

Quebra bunda, s. f. Epizootia dos equideos (*Trypanosomiasse*).

Quebracho, s. m. Arvore anacardiacea (*Loxopterigium lorentzii Griseb*).

Quebradados, s. f. Cerca de ripas entrançadas (Ceará). Cf. *Terra de sol*, p. 65.

Quebradeira, s. f. (gir.). Falta de dinheiro « O thesouro está em tal estado de quebradeira que anda pedindo dinheiro a 1 p. 100 ao mez. »

Quebradinho, s. m. Var. de algodão (*Bol. de Agric.*).

Quebradouro, s. m. Zona de uma praia onde se dá a arrendação das vagas.

Quebra fouces, s. f. Planta leguminosa (*Calliandra Tweedii*).

Quebrakilos, s. m. Partidario de um levante havido na Parahyba do Norte em 1874 e originado pela adopção obri-gatoria do systemo metrico decimal.

Quebra lanças, s. m. Individuo que se esforça para servir alguém ou uma causa. « Este homem foi um *quebra lanças* infatigavel em favor da candidatura civilista. »

Quebra louças, s. m. Espalha brazas ; individuo barulhento. « Este *quebra louças* do Antonio muito ameaça e nada faz. »

Quebra panella, s. f. Graminea do Ceará. Cf. *Terra de Sol*, p. 39.

Quebra-quebra, s. f. Serpente colubridea não venenosa.

Quebraqueixo, s. m. (gir.). Charuto de inferior qualidade. « Este teu *quebra-queixo* deixa-me nauseado, não quero fumarlo mais. »

Quedaço, s. m. Queda violenta (Ceará). Cf. *Terra de Sol*, p. 54.

Queima, s. f. Venda desastrosa ; liquidação prejudicial. « A cessão da fazenda de Bella Vista foi uma *queima*. Cem mil pés por vinte contos !

Queixo branco, s. m. Suideo selvagem (*Dicotyles labiatus*).

Queixo ruivo, s. m. Nome que em certos districtos goyanos dão ao *queixada*. Cf. Henrique Silva, ob. cit., p. 108.

Queixumeiro, adj. Individuo que passa a vida a lastimar-se. « Que *queixumeira* esta mulher ! Lastima-se a proposito de tudo. »

Quem-quem, s. m. Passarinho (*Cyanocorax cyanopogon*).

Quem-quem, s. f. Nome que no E. do Rio de Janeiro attribuem a uma pequena formiga.

Quentão, s. m. Bebida quente. « Quero um *quentão*, um grog bem forte. »

Quequé, s. m. Arvore fructifera da Amazonia.

Queraiba, s. f. Planta tambem chamada *carrapichinho*.

Querúa, s. f. Columbino sylvestre.

Quessi-quessi, s. m. Ave psittacidea (*Conurus lateus*).

Quetúa, s. f. Ave psittacidea (*Pyrrhura roseifrons*).

Quiabinho do campo, s. m. Planta tinneracea (*Piriqueta curvea*).

Quiabo de cayenna, s. m. Planta herbacea cucurbitacea.

Quico, s. m. Cigano. Aqui passou um bando de *quicos* com dous ursos amestrados. Termo do centro de Minas e do centro de S. Paulo.

Quiçassa, s. f. Terra maninha de vegetação enfezada. « Este campo é uma *quiçassa* esterilissima. »

Quilhas, s. f. Jogo que consiste em derribar um certo numero de postes com uma grande bola.

Quina, s. f. Planta solanacea (*Solanum pseudo quina St Hill*).

Quina branca, s. f. Arbusto rutaceo (*Ticovea febrifuga*).

Quina do campo, s. f. Arvore rhamnacea (*Discoria febrifuga*, M.).

Quina do matto, s. f. Arvore rutacea (*Esenbeckia febrifuga*, M.).

Quina do Rio, s. f. Arvore cactacea rubiacea (*Ladenbergia hexandra*, Klotz, etc.).

Quipé, s. m. Planta dos sertões bahianos. Cf. *Sertões*, 44.

Quipan, s. f. Coceira. « Estou com uma *quipan* por todo o corpo! creio que apanhei carrapatos. »

Quiripiranga, s. f. Arvore leguminosa cesalpinia (*Cesalpinia ferrca*).

Quirirú, s. m. Passarinho (*Guira-guira*).

Quissama, s. m. Pequeno jacá. (E. do Rio de Janeiro).

Quissaman, s. f. Varied. de canna de assucar.

Quissaman, s. m. Mingau feito com polvilho de mandioca.

Quissameiro; s. m. Fabricante de *quissamas*.

Quixabeira, s. f. Arvore fructifera. Cf. *Sertões*, 29.

R

Rabacué, adj. (gir.). Reles. « Este baile está muito *rabacué*, parece um *forrobodó*. »

Rabada, s. f. Sopa parecida com o *caldo d'unto*; o *ox tail* dos inglezes.

Rabeca, s. f. Peixe da Amazonia (*Aspredo cotylophorus*).

Rabecão, s. m. (gíria de estud.). Symbolo do integração (f) de uma funcção.

Rabelaisianismo, s. m. Feição litteraria que recorda a de Rabelais. « Armand Silvestre gabava-se do *rabelaisianismo* dos seus contos. »

Rabicó, adj. Suro. « Este gallo ficon *rabicó* depois da ultima briga que sustentou. »

Rabilonga, s. m. Passaro trepador (*Piaya macrura*).

Rabisco-finisco, interj. burlesca. Exorcismo popular equi-

valente a abrenuntio. « *Rabisco-flinisco!* não venha esta vacca atacar nos! »

Rabo aberto, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 116.

Rabo de arraia, s. m. (gir.). Passo de capoeiragem destinado a lançar os pés ao rosto do adversario « O capoeira pregou-lhe um *rabo de arraia* em plena *lata*. »

Rabo de burro, s. m. Graminea forrageira (Bol. de Agric.).

Rabo de escrivão, s. m. Passaro trepador (*Piaya macrura*).

Rabo de lagarto, s. m. Planta bromeliacea (*Bielbergia Leopoldi*).

Rabo de palha, s. m. Palmipede pelicanideo (*Phaeton æthereus*).

Rabo de palha, s. m. Passaro trepador (*Piaya macrura*).

Rabo de tatú, s. m. Planta orchidacea do gen. *cyrtopodium*.

Rabo de tucano, s. m. Arvore vochysiacea (*Vochysia oppugnata*, Warm).

Rabona, s. f. (gir. militar). Mulher de soldado.

Rabuja, adj. (fam.) Rabugento. « F... anda muito *rabuja*, a ralhar com os filhos dia e noite. »

Rabulejar, v. i. Syn. de rabular. « Este rapaz *rabuleja* com vantagem no nosso foro e ganha mais do que muitos advogados. »

Raça, s. f. (ter.). Ter ascendencia africana. « S... não é bem branco, tem sua *raça!* não está muito longe da Costa. »

Raiz amargosa, s. f. Planta gencianacea (*Contulbea spicata*).

Raiz de Antuerpia, s. f., ou *caferana*. Planta gencianacea (*Taccha guyanensis*).

Raiz de brandão, s. f. Planta herbacea.

Raiz de cedro, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Raiz de frade, s. f., ou *cipó cruz*.

Raiz de jacaré assú, s. f. Planta gencianacea (*Taccha guyanensis*).

Raiz de tuparubo, s. f. Ou *raiz de antuerpia*, *raiz de jacareari*, *caferana*, etc.

Raiz queimosa, s. f. Planta anonacea.

Rapaz, s. m. Grande pernalta (*scolopax gigantea*).

Rapazinho dos velhos, s. m. Passarinho (*Bucco maculatus*).

Rapesista, s. m. e adj. Tabaquista. Tomador habitual de rapé. « Este *rapesista* com o seu lenço de alcobaça é uma figura exquesita. »

Rapineiro, adj. Nome que Goeldi nas « Aves do Brazil » dá ás aves de rapina.

Raposa, s. f. Borboleta diurna (*Vanessa polythoros*).

Rascador, s. m. Utensilio que serve para tirar a ferrugem de alma das boccas de fogo.

Rascar, v. i. Verbo que no sul da Bahia é empregado como synonymo de tagarellar.

Rasgado, s. m. Parte do punho do sabre baioueta que se adapta ao cano da carabina.

Rasga mortalha, s. m. Ave nocturna da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Rasophoro, s. m. Categoria de noviços nas ordens monasticas da Igreja Grega Schismatica.

Rastacuera, adj. Adaptação muito frequentemente usada do termo de giria franceza *rastagouère* ou simplesmente *rasta*. *Parvenu* espalhafatoso, que a todo o transe quer chamar a atenção sobre si pelo luxo, pelos gastos que faz e graças aos quaes se cobre de ridiculo.

Rastacueramente, adv. De modo *rastacuera*. « O nosso caro G. apenas chegou a Pariz muito *rastacueramente* cobriu-se de brilhantes. »

Rastacuerar, v. i. Viver como *rastacuera*. « A familia F. julga que deslumbrou os *habitués* de Vichy onde a valer esteve *rastacuerando*. »

Rastacuerismo, s. m. Acção de *rastacuera*. « Não uses este brilhantão que é de um *rastacuerismo* perfeito. »

Rasteira, s. f. Movimento rapido e brusco effectuado com uma das pernas e destinado a atirar ao chão um contendor graças a um choque forte nas pernas. No sentido figurado significa levar vantagem sobre um competidor, praticar uma deslealdade.

Rata, s. f. (gir.). Fiasco. « Que *rata* deste meu velho! Nunca terás peor estenderete nem que vivas cem annos. »

Rata, s. f. (chul.). Mulher extremamente fecunda. « Pobre homem! casou-se com uma *rata* que em tres annos teve quatro filhos! »

Ratainha da terra, s. f. Planta polygalacea (*Kramerea argentea*).

Ratão, adj. Exquisitão. Individuo vestido de modo estrambotico. « Que *ratão* este velho! E' um original, um maniac! »

Ratão do banhado, s. m. Roedor (*Myopotamus coypus*).

Ratazana, adj. (gir.). Ladrão. « O relatorio do Inspector de Alfandega aponta os nomes dos *ratazanas* que alli defraudavam o fisco. »

Rato, s. m. Pedaco de morrão que se colloca junto ás es-corvas das minas.

Rato, adj. (gir.). Tratante. « Este procurador é um *rato*, velhaco como poucos. »

Rato de bambú, s. m. Roedor sylvestre (*Dactylomys amblyonyx*).

Rato de sacristia, s. m. Individuo chegado á Igreja e de moralidade duvidosa. Tartufo. « Os *ratos de sacristia* pretendem devorar o patrimonio da Irmandade. »

Realizador, adj. Que realisa. « Essa administração, *realisadora* das promessas do partido, o nosso municipio vai tela. »

Realito, s. m. Peixe marinho. Cesar Marques, ob. cit.

Rebaçã, s. f. Pomba selvagem de que apparecem enormes bandos nos estados do Nordeste quando assolados pela secca (*Zenaida maculosa*).

Rebatimento, s. m. Processo empregado em Geometria Descriptiva que consiste em adoptar novos planos de projecção.

Rebimbar, v. i. Retrucar. Expressão usada no norte de Minas como synonymo de *repicar* no jogo de *poker*. « Jogo dez mil reis. *Rebimbo*, jogando quioze. »

Rebimbo, s. m. Acção de rebimbar, *repique*. « Este *rebimbo* foi o mais violento de todo o jogo. »

Rebitamento, s. m. Acção de rebitar, de fixar os *rebites*. « O *rebitamento* desta viga será feito hoje. »

Rebitar, v. t. Acção de bater os *rebites*. « E' precisar rebitar estas duas peças de ferro. »

Rebojar, v. i. Remoinhar. « As aguas *rebojam* violentamente abaixo do salto do Urubupungá. »

Reboleiro, adj. Velhaco (tratando-se de bois). Termo cearense. Cf. *Terra de Sol*, p. 45.

Reboleiro, s. m. Pequeno carrapato commum no oeste de São Paulo.

Rebolo, s. m. Lugar para onde são levados os gallos cuja lucta promette demorar muito e se tornou sem interesse. « Os dous primeiros gallos eternizando a sua briga, foram para o *rebolo* e ainda não acabaram de luctar. »

Rebombeação, s. f. (gir.). Fraqueza. Mau estado. « Este meu estomago anda de uma *rebombeação* deplorável. »

Rebombeiro, adj. (gir.). Fraco, reles, objecto de má qualidade. « Este alfaiate não faz obra que preste, é um *rebombeiro*. »

Rebordosa, s. f. Serie de acontecimentos desagradaveis, de momentos difficeis, recrudescencia. « Tivemos em casa um *rebordosa* de molestias que pareciam não querer acabar. »

Recemchegar, v. i. Chegar de fresco. Por diversas vezes tenho visto empregar-se o verbo transitivamente. « Quem *recemchegou* aqui? — Depois que te escrevi o Dr. F... e o coronel S... »

Reclamo, s. m. (Tech. nav.). Cadernal de certo typo.

Recolonisação, s. f. Acção de recolonisar. « Parece que o governo pensa na *recolonisação* do nucleo abandonado de Itapura. »

Recolonizador, adj. Que recolonisa. « Já partiu a primeira leva de agricultores recolonizadores dos campos de Palmas. »

Recolonisar, v. t. Tornar a colonisar. « Os portuguezes *recolonisaram* a Trindade abandonada pelos inglezes. »

Reconstituição, s. f. Acção de reconstituir. « A *reconstituição* do nosso patrimonio se fará pela economia. »

Reconstituidor, adj. Que reconstitue. « Os bons ares desta serra *reconstituidores* de muitos enfermos. »

Reconvalescente, adj. Que reconvalesce. « O nosso reconvalescente nem parece ter tido a gravissima recahida que quasi o levou. »

Recurva, s. f. Contorsão. Cf. Coellho Netto, *Sertão*, pg. 32.

Redactoriar, v. t. Redigir um jornal, dirigilo. « Por longos annos o Dr. S... *redactoriou* o *Correio*. »

Redondo, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 116.

Reduplicadamente, adv. De modo reduplicado. « O homem não desanimou; atirou-se ao trabalho *reduplicadamente*. »

Reduplicador, adj. Que reduplica. « Este incentivo será o *reduplicador* dos nossos esforços. »

Reflada, s. f. Golpe desferido com o *refle*. « Os policiaes feriram o preso a *refladas*. »

Reflar, v. t. Ferir com o *refle*. « O delegado mandou *reflar* o pobre homem. »

Refle, s. m. Pequeno sabre usado pela policia municipal do Rio de Janeiro. « O *refle* lembra o sabre da baioneta. »

Reflorestador, adj. Que *refloresta*.

Reflorestamento, s. m. Acção de *reflorestar*.

Reflorestar, v. t. Neologismo creado para exprimir o replantio das mattas em grande escala.

Rei das formigas, s. m. Nome vulgar dos reptis amphisbeni-deos.

Rei dos ratos, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit. p. 116.

Rei dos tuinins, s. m. Grande pernalta (*Mycteria americana*).

Reimpressor, adj. Que reimprime. « Recebi um exemplar do teu romance que a casa *reimpressora* do livro me mandou. »

Reinador, adj. Individuo desordeiro, ou que abusa da paciencia alheia, travesso. « Este menino é um *reinador* terrivel, um pedro malasartes. »

Reincarnador, adj. Que reincarna. « Para muitos o presidente foi o *reincarnador* do principio de autoridade neste paiz. »

Reincorporador, adj. Que reincorpora. « Bismark foi o *reincorporador* da Alsacia ás terras germanicas. »

Reintegrador, adj. Que reintegra. « A portaria reintegradora do funcionario demittido do seu cargo, já foi assignada. »

Reisado, s. m. Bailado popular destinado a commemorar a visita dos Santos Reis Magos a Jesus.

Reixa, s. f. (corrupt. de rixa). Briga, disputa. « Tivemos uma *reixa* em que lhe disse boas verdades. »

Reixador, adj. Brigão. Este homem é um *reixador* com quem ninguem pode conviver. »

Reixar, v. i. Disputar; rixar. « Os dous vizinhos *reixam* muito por causa de terras. »

Rela, s. f. Acto de relar; termo de jogo. Encontro das duas cartas principaes em opposição. « Tudo sacrifiquei para a *rela* desta bisca. »

Relancear, v. i. Reluctar. « Muito *relanceou* o nosso amigo em dar a sua assignatura; esteve irresoluto durante tres dias. »

Relar, v. i. Obrigar em certos jogos a segunda carta em valor a concorrer com a primeira. « O teu az não me apanha, não me *rela* a bisca. »

Relegador, adj. Que relega. « O decreto *relegador* dos proscriptos para as inhospitas terras da fronteira traz a data de 11 de abril. »

Relembrador, adj. Que relembra. « A attitudo do governo, *relembadora* dos actos de energia de Feijó... »

Relhar, v. t. e i. Fustigar com o relho. « O feitor *relhou* o pobre escravo. »

Relogio, s. m. Ave gallinacea (*Crypturus strigulosus*).

Relogio, s. m. Arbusto da familia das malvaceas (*Sida horologia*).

Remeleixo, s. m. Dansa obscena; movimento lascivo dos quadris, bamboleio. « Homens e mulheres maxixavam num *remeleixo* volupico. »

Remigia, s. f. Planta herbacea rubiaceea.

Reminado, adj. Ardego (tratando-se de cavallos). Corrupt. de *arreminado*.

Remodelador, adj. Que remodela. « Breve teremos o novo regulamento *remodelador* da organisação do ensino. »

Remoido, s. m. Subproducto da moagem do trigo.

Remontador, adj. Diz se da caça que se subtrahе aos seus perseguidores. Cf. H. Silva, ob. cit.

Remuneradamente, adv. De modo remunerado. « O serviço deste homem é feito não *graciosa* mas *remuneradamente*. »

Remuneradoramente, adv. De modo remunerador. « A colheita foi vendida *remuneradoramente*. »

Rendengue, s. m. Pequeno sino; sineta. Cf. *Luzia Homem* p. 197.

Rendidura, s. f. Nome vulgar attribuido ás hernias. « O Joaquim tem uma *rendidura* antiga que pode estrangular-se. »

Rengo, s. m. Nome que no Ceara se dá a certa epizootia. Cf. *Terra de Sol*, p. 51.

Reoccupador, adj. Que reoccupa. « Os cem dias trouxeram á França os exercitos da Colligação, *reoccupadores* do paiz. »

Repassador, s. m. Individuo que amansa cavallos já meio domados. « Mandei buscar um *repassador* para acabar com as manhas deste burrinho. »

Repatriador, adj. Que repatria. « Cyro foio *repatriador* dos judeus escravizados pelos babylonios. »

Repinicado, s. m. *Pizzicato* de viola ou violão. « Este teu *repinicado* é muito dansante. »

Repiquete, s. m. Recahida de molestia. « O nosso doente teve um *repiquete*; appareceu-lhe novamente a febre. »

Repiquete, s. m. Enchente transitoria que se succede a um grande cheia. « No ultimo *repiquete* as aguas subiram meio metro. »

Replanta, s. m. Arvore plantada para substituir uma outra. « Estou collocando *replantas* nas vinte mil falhas deste cafesal. »

Repolego, adj. Arrebitado. « Venta *repolega* » (Ceará). Cf. *Terra de Sol*, p. 113.

Report, s. m. Operação de credito a prazo curto e juros

elevados. Dei 20 contos em *report* á casa dos Snrs. Silva e C^{ta}. »

Reportar, v. i. Fazer o officio de *reporter*. « F. já *reportou* para o *Correio*, hoje trabalha para o *Jornal*. »

Republicanisação, sf. Acção de republicanisar. « A *republicanisação* do povo portuguez será lenta. »

Republicanisador, adj. Que republicanisa. « Os processos *republicanisadores* do governo nada fizeram. »

Repugnantemente, adv. De modo repugnante. « Este avarento, *repugnantemente* sordido... »

Repurificador, adj. Que repurifica. « O agente repurificador deste oleo não é mais o mesmo. »

Reputadamente, adv. De modo reputado. « A este homem *reputadamente* velhaco, entregam a tutela do menino. »

Requeima, s. f. Acto de requeimar. « A *requeima* deste campos ha de convertelos em sapestal. »

Reque-reque, s. m. Nome onomatopaico de uma especie de cegarega de que usam os pretos nos sambas.

Requestador, adj. Que requesta. « O tal moço *requestador* de nossa creada é um formidavel biltre. »

Requifife, s. m. Dengos, formalidades. « Deixa-te de *requififes* e fala-nos com simplicidade. »

Requintista, s. m. Tocador de requinta. « O Brandão é um *requintista* exímio, verdadeiro artista. »

Resarcidor, adj. Que resarce. « As economias destes dez annos, *resarcidoras* das perdas da familia... »

Resfriado, s. m. Nome que nos sertões do norte de Minas e da Bahia se dá á camada de terra existente sobre lagedos. « Estes *resfriados* são inteiramente estereis. »

Resplendentemente, adv. De modo resplendente. « A rainha resplendentemente ornada de pedrarias... »

Restillada, s. f. Liquido residual da distillação da aguardente.

Restillo, s. m. Aguardente (Matto Grosso). Ap. Taunay, *Innocencia*.

Restolho, s. m. Espiga de milho desbrugada e munida das bracteas que a envolvem.

Restolho, s. m. (pleb.). Residuo. Restos. « Para os que chegam atrasados o *restolho* « *Tarde venientibus*... »

Resvalamento, s. m. Acto de resvalar. Ap. A. Azevedo, « O cortiço. »

Retacado, adj., ou retaco. Individuo atarracado. « F... não é gordo e sim bem *retacado*. »

Retalhadamente, adv. Repartidamente. « Não em bloco mas *retalhadamente* é que vão vender esta fazenda. »

Retalhista, s. m. Negociante que vende a retalho, varegista. « Tanto os *retalhistas* como os *atacadistas*, todo o commercio protesta contra os novos impostos. »

Retelhamento, s. m. Acção de retelhar. « A ultima chuva de pedras obrigou-me ao *retelhamento* quasi completo da casa. »

Retemperador, adj. Que retempera. « Este clima é o *retemperador* dos anemicos que a elle recorrem. »

Retesador, adj. Que retesa. « Este bloco *retesador* do cabo é um contrapeso... »

Retirante, s. m. Nome que nos Estados do Norte flagellados pela secca se dá aos individuos que fogem das zonas assoladas.

Retombo, s. m. Verificação ou reconstituição dos limites de uma propriedade agricola.

Retoadado, s. m. Diz se do veado cujos chifres chiaram. « Perseguiamos um *retoadinho* mais de duas horas sem conseguir mata-lo. »

Retovado, adj. velho. « F... é *perigoso*, *retovado* ás direitas, useiro o *vezeiro* em trapações. »

Retranca, s. f. Retrahimento, economia. « O S... vive numa *retranca* absoluta, a contar vintens. »

Retreta, s. f. Concerto musical de bandas militares. « Hoje na *retreta* do corpo de Policia vão tocar a *Carmen*. »

Retretista, s. m. Musico que concorre a uma *retreta*. « As diversas bandas *retretistas* receberam premios no concurso. »

Retumbado, adj. Diz se de um burro de lombo curto; este animal é feio; muito *retumbado* demais, muito curto de corpo. »

Revaccinador, adj. Que revaccina. « O movimento *revaccinador* se operou então em todo o Estado de S. Paulo. »

Revalidador, adj. Que revalida. « A assignatura do chefe do trafego é a unica *revalidadora* do seu bilhete. »

Reverberador, adj. Que reverbera. « Este asphalto *reverberador* do calor *senegalesco* do verão *fluminense*... »

Reverdecimento, s. m. Acção de reverdecer. « A primavera traz o *reverdecimento* dos campos. »

Revestidor, adj. Que reveste. Uma chapa de metal *revestidora* da couraça torna-se precisa. »

Revira-vira, s. m. (gir.). Desordem, busca, lufa-lufa. « A policia fez um *revira-vira* completa na casa dos suppostos moedeiros falos.s »

Revistador, adj. Que revista. « O soldado *revistador* dos presos não viu que um delles *escondera* a paca na botina. »

Revoltantemente, adv. De modo revoltante. « Este homem *revoltantemente* ingrato para com o bemfeitor... »

Revolucionador, adj. Que revoluciona. « O *revolucionador* do bairro da Saúde fôl o famoso Prata Preta. »

Renxeição, s. m. Passarinho (*Caphidurus ater*).

Ribeirão, s. m. Ribeiro volumoso. « Este *ribeirão* quando enche fica invadeavel. »

Ridicularisador, adj., ou

Ridiculisador, adj. Que ridiculisa. « Esta balda *ridiculisadora* do Dr S... torna-o muito implicante. »

Riksdag, s. m. Parlamento dinamarquez.

Rinchador, adj. Que rincha. « Estas botinas *rinchadoras* são muito incommodas. »

Ringidor, adj. Que ringe. « Este eixo é tão ringidor que ás vezes parece estalar. »

Rink, s. m. Pista em que se patina. « Vão substituir este *rink* de cimento por outro de madeira. Vai a patinação lucrar com isso. » De *skating rink*.

Ripina, s. f. Ave da Amazonia (*Harpagus bidentatus*).

Riqueza, s. m. Var. de algodão (Bolet. de Agricult.).

Robustecimento, s. m. Acção de robustecer. « O *robustecimento* desta creança é questão de dieta e regimen. »

Rocamble, adj. Individuo desasizado e amante de aventuras (all. litt.). « Este *rocamble* do J... já correu as cinco partes do mundo e fez innumeradas façanhas. »

Rocambolismo, s. m. Feição de character ou de modo de viver que lembra *rocamble*. « A tua existencia tem sido de um *rocambolismo* descabellado. »

Roça, s. f. Acto de abusar de alguém prestando-lhe serviços desnecessarios, e por vezes prejudiciaes, com o fim de fazer avultar uma conta.

« Este medico faz muito *roça*. Exagera a gravidade das molestias para fazer duas e mais visitas diarias. »

Roçador, adj. Profissional que costuma *fazer roça*. « O teu dentista parece um *roçador*. Vive á descobrir serviço novo todos os dias. »

Rocega, s. f. Baile popular na Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Roceiramente, adv. De modo roceiro. « Encontrei a familia S... muito roceiramente vestida. »

Róço, s. m. Orgulho (Ceará). Cf. *Terra de Sol*, p. 55.

Rodada, s. f. Desastre. Prejuizo. « Desde 1891, aqui em casa tivemos *rodada* sobre *rodada*, prejuizos sobre prejuizos. »

Roda de fogo, s. f. Serie de partidas que os parceiros de um jogo convencionam ser as ultimas. « Já nos vamos embora, mais uma partido teremos acabado a *roda de fogo*. »

Rodar, v. i. Ser infeliz numa pretensão. « Esperava ser nomeado mas *rodei*; já F... occupa o lugar. »

Rodela, s. f. (gir.). Mentira. « Não acredites em F... que não passa de um contador de *rodelas*. »

Rodela, s. f. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 417.

Rodeleiro, adj. (gir.). Mentiroso. « F... mente como raros é um *rodeleiro* descarado. »

Rodinha, s. f. Peça pyrotechnica que gira quando acceso o rastilho de polvora que envolve um disco de papelão.

Rodizio, s. m. (gir.). Cambalacho. Combinação para frustrar as disposições de uma lei ou regulamento. « Contra a lei da representação das minorias foi inventado um *rodizio* que annulla as aspirações dos legisladores. »

Rolista, s. m. e adj. (gir.). Individuo desordeiro. « F... preso novamente hontem, é um *rolista* consummado, desordeiro perigoso. »

Rolo, s. m. (gir.). Rixa, conflict. « Travou-se entre a policia e o povo formidavel *rolo*, em que houve muita gente ferida. »

Romanismo, s. m. Jermo depreciatiuo com que os protestantes de algumas seitas designam o catholicismo. « O *romanismo*, pela voz de Pio X... »

Romano, adj. Catholico; termo usado pelos protestantes de algumas seitas num tom depreciativo.

Romantisador, adj. Que romantisa. « F... é o incorrigivel romantizador de tudo quanto narra. »

Romão, adj. Testa de ferro; allusão a um foliculario que sob o segundo imperio se prestava a assumir alheias responsabilidades. « Esta mofina... é de um *romão* qualquer, se acaso exigirmos exhibição de originaes. »

Rompegibão, s. m. Arvore sapotacea (*Bumelia sartorum* M.).

Rompe-rasga, s. f. Safarrascada, desordem; *turumbamba*. « Houve um *rompe-rasga* terrivel no baile; pancadaria grossa. »

Ronca, s. f. (gir.). Maledicencia. « Que lingua este S...! é terrivel na *ronca*, destroe com uma reputação. »

Roncador, s. m. Cachoeira (Maranhão). « No tempo das cheias este *roncador* do Rio Grande passa a ser uma corredeira. »

Ronqueira, s. f. Bateria de bombas ou foguetões. « Esta *ronqueira* é de vinte e cinco bombas de dynamite. »

Roqueira, s. f. O mesmo que *rouqueira*. Cf. *Sertões*, 264.

Rorocoré, s. m. Passaro formicaróide (*Ampellio cucullatus*).

Rosa cruzista, s. m. Sectario da *rosa cruz*. « Pelladan é o chefe *rosa cruzista*. »

Rosa de ouro, s. f. Condecoração que a Santa Sé distribue a pessoas que praticaram grandes actos de philantropia. « A lei de 13 de Maio fez com que Leão XIII conferisse á Princesa D. Isabel a Rosa de Ouro. »

Rosca, s. f. Arvore sterculiacea (*Helicteres ornata*).

Rostear, v. t. Enfrentar. Usa-se o verbo sobretudo no sentido de derribar uma arvore de modo a que caia para o lado em que os derribadores trabalham. « Acho perigoso *rostearem* este *jequitibá* que pode apanhar os lenhadores. »

Rotulagem, s. f. Acção de rotular. « A *rotulagem* das garrafas é feita mecanicamente. »

Rouquejante, adj. Que rouqueja. « O moribundo *rouquejante* pedia agua constantemente. »

Rouxinol, s. m. Passarinho (*Pendulinus chrysocephalus*).

Roxura, s. f. (gir.). Aperto, situação difficil. « O misero vê-se numa *roxura* para pagar aquella divida. »

Ruador, adj; diz se de um individuo que passa grande parte do dia fora de casa. « Este meu creado é um *ruador* insupportavel. Não me para em casa. »

Ruar, v. i. Sahir frequentemente á rua. « Não vejo quasi o meu hospede, que *rua* o dia inteiro. »

Rubafo, s. m. Nome que na zona do Guaporé dão á trahira. Ap. João Severiano da Fonseca. Viagem ao redor do Brazil. »

Rubim, s. m. Planta labiada (*Leonurus sibiricus*).

Rubixá, s. m. Passarinho (*Ostinops cristatus*).

Ruborisador, adj. Que provoca a ruborisação. « O pejo *ruborisador* das faces da rapariguita... »

Ruço (gir.). Difficuldade; situação difficil. « A pobre moça viu o *ruço* com a sogra que tudo fez para que o filho aborrecesse a mulher. »

Rudimentarmente, adv. De modo rudimentar. « A officina está *rudimentarmente* aparelhada. »

Rueiro, adj. e s. m. (gir). Individuo que passa grande parte do dia na rua. « Que *rueiro* este meu sobrinho ! Sahiu de casa ás 7 da manhã e voltou á meia noute. »

Rufião, s. m. Namorador, *don juan*; (Matto Grosso). Ap. Taunay, « Innocencia. »

Ruflante, adj. Que ruffa. « As azas ruflantes das *pombas de cascavel* iumitam o sinistro chocalhar do terrivel ophidio. »

Rugidoramente, adv. De modo rugidor. « As aguas *rugidoramente* galgavam a planicie tendo derrubado a repreza. »

Ruiniforme, adj. Que tem forma de ruina. Cf. *Sertões*, p. 18.

Ruivinho, s. m. Nome que no Ceará se dá commumente ao *caetitú* pequeno suideo selvagem.

Rupequeiro, s. m. Ave psittacidea (*Pyrrhura roseifrons*).

Rupichel, s.m. Apparelho de pesca usado no littoral bahiano. Cf. Alves Camara, ob. cit.

Rusgador, adj. Que rusga. Rusguento. F... é um eterno *rusgador*. Briga com Deus e todo o mundo. »

Rusguento, adj. O mesmo que rusgador.

Russianisação, s. f. Acção de russianisar. « A *russianisação* da Asia Central será breve completa. »

Russianisador, adj. s. m. Agente de russianisação. « O illustre Makharoff foi um dos grandes russianisadores da Asia. »

Russianisar, v. t. Submetter á influencia, ao dominio moscovita, assimilar uma população de modo a amalgamala com o povo russo. « Duvido que os polacos algum dia se deixem *russianisar*. »

S

Saá, s. m. Pequeno simio (*Callithrix nigrifrons*.)

Sabão, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 117.

Sabiá poca, s. m. Gen. de sabiás que geralmente não são canoros.

Sabraço, s. m. Golpe de sabre. « Com um *sabraço* o cavalleiro decepou-lhe a mão. »

Sabuarana, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Conego Bernard, ob. cit.

Sabujá, s. m. Nome vulgar de um rato sylvestre do Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.

Sachicanga, s. f. Peixe fluvial (*Serrasalmo humeralis*).

Saciador, adj. Que sacia. « A eucharistia *saciadora* das almas... »

Sacoca, s. f. Pequena rede de pescar que affecta mais ou menos a forma de um sacco.

Sacrificavel, adj. Que pode ser sacrificado. « Vou ver qual dos meus bispos é *sacrificavel* para a execução do plano de rapido xequemate ao teu rei. »

Sacuritá, s. m. Mollusco (*Purpura haemastoma*).

Saeta, s. f. Bebida fermentada feita com a polpa do côco burity (Goyaz, Matto Grosso).

Safadagem ou **safadismo** (chul.). s. f. Acção digna de um *safado*.

Safreiro. s. m. Operario que só trabalha durante a safra.

Sagoragy, s. m. Nome que tambem se dá ao *sobragy*, grande arvore que fornece madeira de lei.

Sagrador, adj. e s. m. Prelado que confere a um novo bispo o episcopado. « Monsenhor Silva o nosso novo bispo terá como *sagrades* os bispos de Curytiba e Nictherohy. » Tambem se diz *sagrantes*.

Sahido, adj. Individuo desrespeitoso que procura tomar liberdades com todo o mundo. « F... é muito *sahido*, toma confianças e por isto tem ouvido boas. »

Sahidouro, s. m. Lugar á margem de um rio que offerece boa sahida ao gado que atravessa a corrente a nado. « Não toques a boiada para a agua aqui, porque na outra margem só ha um *sahidouro* soffrível meia legua abaixo. »

Sahimento, s. m. Descommedimento de maneiras. Falta de educação, petulancia. « Que *sahimento* o de M... é nosso hospede e leva a queixar-se da hospedagem. »

Sahyassú ou **sanhassú**, s. m. Passarinho (*Janagra ornata*).

Sahycanga. s. f. Peixe fluvial.

Saia, s. f. Conjuncto dos ramos inferiores do cafeeiro cuja existencia debilita a arvore. « Nesta parte do cafezal não ha arvores sem *saia*. »

Saiarará, s. m. Pequeno simio (*Cebus gracilis*).

Saiarará da serra, s. m. Pequeno simio (*Cebus nigrivittatus*).

Saican, s. m. Peixe fluvial.

Saiguira, s. m. Peixe fluvial.

Sainé, s. m. Peixe marinho do littoral cearense. Mem. cit.

Salah, s. f. Oração em commun entre os malês.

Salamandra, s. f. Nome que em certas zonas se dá ao *urutú* (*Lachesis lanceolatus*).

Salangor, s. m. Variedade de canna de assucar (Bol. de Agric.)

Saldador, adj. Que salda. « Envio-te este conto de reis *saldador* do meu debito. »

Saleiro, adj. e. s. m. Nome que na região missioneira do Rio Grande do Sul dão aos campos em cujo solo ha abundancia de principios salinos. Ap. V. da Silveira, ob. cit.

Saleiro, adj. attribuido ao gado a que se dá sol. « O pello luzidio destes bois mostra quanto são *saleiros*. » Ap. Velloso da Silva, ob. cit.

Salema, s. f. Canção rythmada que as chusmas entoavam no tempo damarinha a remos para se estimular ao trabalho.

Salgador, adj. s. m. O que salga; quem salga. « Todas as linhas já estão *limpas*; é tempo de levalas aos *salgadores*. »

Salgar, v. t. Dar sal ao gado. « Amanhã mando *salgar* todo o meu gado. »

Salgueiro do matto, s. m. Arvore cunoniacea (*Belangera glabra*).

Salientador, adj. Que salienta. « O seu discurso *salientador* das virtudes do nosso finado consocio. »

Salientemente, adj. De modo saliente. « Ficou *salientemente* demonstrado que F... prevaricou. »

Salitreira, s. m. Jazida de nitratos. « O Chile possui riquissimas *salitreiras* em Antofagasta ». »

Salmourão, s. m. Nome que no oeste de São Paulo se dá a certa qualidade de terras em que abundam pedregulhos.

Salomão, s. m. (gir.). Indivíduo que se tem a conta de muito criterioso e a todo o momento dá conselhos. « O *Salomão* do S... que não semetta a me aconselhar que lhe narrarei varias alicantinas suas. »

Salpica lamas, s. m. (gir.)⁴ Moço de recados de um cartorio. « Vou promover este *salpica lamas* a categoria de escripturario do cartorio. »

Salpintar, v. t. Salpicar. Cf. *Sertões*, 21.

Salsagorda, s. f. Um dos nomes vulgares da salsaparrilha (*Herreria salsaparrilha*).

Salseiro, s. m. (gíria). Desordem; rolo. « Houve alli um *salseiro* tremendo; pancadaria grossa e muita cabeça quebrada. »

Salso, s. m. Planta medicinal da flora das Missões. Velloso da Silveira, ob. cit.

Salta cavallo, s. m. Arvore liliacea (*Luhea grandiflora*).

Saltar, v. t. Padrear (falando do touro).

Salto, s. m. Padreação (falando do touro).

Salvavidas, s. f. Planta piperacea (*Piperonia ramularifolia*).

Samba, s. m. Mollusco (?), crustaceo (?) do littoral (X. Marques, *Praieiros*).

Sambamba, s. f. Nome vulgar do xarque em alguns estados do Nordeste. Ap. Lyrio Ferdinand, ob. cit.

Sambango, adj. applicado aos indiv: sem forças; fracalhão. « Este *sambango* não consegue levantar um peso de uma arrouba. »

Sambaqueiro, s. m. Nome que no valle da Ribeira de Iguape se dá ao individuo que explora um sambaqui.

Sambaré, s. m. Cofa de certo typo usado em diversas regiões da Amazonia.

Sambeiro, s. m. eadj. Indivíduo que gosta de sambar; frequentador de sambas. « Sebastião é um *sambeiro* incansavel, dansa uma noite inteira. »

Sambetara, s. f. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Sambiquira, s. f. Nome que em Matto Grosso se dá ao uropy-

gio das aves domesticas. Ap. Chacaras e Quintaes. Revista avicola.

Sambuio, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 418.

Samilhado, ou **salmilhado**, adj. Tenho ouvido frequentemente a primeira forma e nunca a segunda. Pintalgado (fallando-se do pello de animaes).

Saminduara, s. f. Peixe marinho. Cesar Marques, ob. cit.

Samuenda, s. f. Peixe do littoral cearense. Mem. cit.

Sauá, s. m. Ave pernaltá (*Ortygometra albicollis*).

Sanador, adj. Que sana. « Vamos abrir um canal *sanador* de todos os males futuros, não teremos mais inundações. »

Sandaba, s. f. Peça de certa rede de pesca usada na Bahia. Cf. Alves Camara, ob. cit.

Sandiva, s. f. Arvore chrysobalanacea (*Licania incana*).

Saneador, adj. Que saneia. « A drenagem *saneadora* deste bairro... não sahiu muito cara. »

Santona, s. f. (gir.). Apontamentos clandestinos levados para exame em pequenas tiras estreitas de papel.

Sanga, s. f. Productos secundarios de beneficiamento do arroz; o que vulgarmente se chama *quirera*.

Sangrar, v. i. (gir.). Acceder a um pedido de dinheiro. « O sujeito pregou-me uma facada de vinte mil reis que não *sangrou*. »

Sangue de boi, s. m. Passarinho (*Rhamphocelus brasilia*).

Sangue de Christo, ou

Sangue de Nosso Senhor, s. m. Planta rubiacea (*Sabicea Cana*).

Sangue de tatú, s. f. Nome vulgar de certas terras roxas cuja coloração é intensamente rubra. « Tenho dez alqueires de *sangue de tatú*, o que ha de bom para café... »

Sangue do baço, s. m. Epizootia dos suinos (Carbunculo bacteridiano).

Sanguinosamente, adv. De modo sanguinoso. « Os brancos *sanguinosamente* desalojaram os indios daquellas terras. »

Sanharão, s. m. Grande abelha silvestre.

Sanibá, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Sanificador, adj. Que sanifica. « O Dr. Oswaldo Cruz foi o grande *sanificador* do Rio de Janeiro. »

Sans culotismo, s. m. Republicanismo exaltado. Ap. Oliveira Lima no jornal « Estado de São Paulo. »

Santa Luzia, s. f. (gir.). Palmatoria. « Tomando enorme *santa luzia* deu-lhe o feitor duas duzias de bolos. »

Santo Antonio, s. m. (gir.). Arção dasella. « Para não cahir do cavallo disparado segurei me firmemente ao *Santo Antonio*. »

Saparia, s. f. Corja, cambada (palavra empregada affectuosamente). « Vamos passeiar, *saparia* ! »

Sapateador, s. f. Dansarino de *sapateado*. « Os *sapateadores* hoje não estão muito influidos na dansa. »

Sapatear, v. i. (fam.). Enfurecer-se. « Não lhe digas isso que elle *sapateia* e mette-te o pau. »

Sapateiro, adj. Official que não sabe o officio. « Este ourives é *sapateiro*, estragou me o anel. »

Sapeação, s. f. Acção de *sapear*. « Vou ao club só para a *sapeação* do baccarat. »

Sapear, v. t. Acto de assistir a um jogo em que não se toma parte. Estou *sapeando* este poker e não quero jogar hoje. »

Sapeca, (fam.). adj. Namoradeira; loureira. « A Julia é uma *sapeca*, namora tres rapazes ao mesmo tempo. »

Sapecação, s. f. Acção de sapear, chamuscadura. Operação pela qual se tosta ligeiramente as folhas de matte. Ap. Vell. da Silveira, ob. cit.

Sapecado, adj. Diz-se do cavallo cujo pello é vermelho tostado. « Este *sapecado* é um cavallinho forte. »

Sapecadouro, s. m. Lugar em que se faz a sapecação do matte. Ap. Velloso da Silveira, ob. cit.

Sapecar, v. t. Bater, tocar de leve. « F... pretende que o surraram quando apenas o *sapecaram*. »

Sapé macho, s. m. Graminea (*Arundo*).

Sapequismo, s. m. (fam.). Modos de moça loureira. « O *sapequismo* desta moça leva-a a quasi se offerecer ao João que não a quer de todo. »

Sapiranguy, s. m. Graminea (*Tabernæ montana*).

Sapo, s. m. (gir.). Individuo que assiste a um jogo sem nelle tomar parte.

Saponificador, adj. Que saponifica. « O *saponificador* destas materias graxas foi hydrato de potássio. »

Sapo peixe, s. m. Peixe de Matto Grosso (*Batrachtyx*).

Sapopema, s. f. Peixe de rio (*Gasteropelecus sternicla*).

Sapopemba, s. f. Arvore apocynacea (*Aspidosperma excelsum Schomb*).

Sapopemba s. f. Arvore cleocarpea (*Solanea alvifolia*, M.).

Sapopera, s. f. Arvore de porte medio.

Sapucainha, s. f. Arvore bixacea (*Carpotroche brasil*).

Sapuva, s. f. Arvore de elevado porte.

Saquarema, s. m. Nome de certo typo de chumbo de caça em Goyaz. Cf. H. Silva O. c., 36.

Saquarema, s. m. Alcinha dos membros do antigo partido conservador. « F..., *saquarema* energumeno, perseguiu os liberaes... »

Sarabiana, s. f. Peixe fluvial (*Cichla temensis*).

Saracotinga, s. f. Serpente não venenosa.

Saracuirá, s. f. Ave gallinacea (*Crypturus variegatus*).

Saracura, s. f. Varied. de mandioca (Bol. de agricult.).

Saracura assú, s. f. Pernalta (*Aramides gigas*).

Sarado, adj. esperto, velhaco. « O F... que é *sarado* não se deixará embaçar. »

Sarahyba, s. f. Arbusto (*Avicennia tomentosa*).

Saramanta, s. f. Nome vulgar de uma serpente no Ceará. Mem. cit.

Sarambé, adj. Toleirão, inepto. « O eterno *sarambé* do D... acaba mais uma vez de ser logrado do modo mais estúpido. »

Sarambelada, s. f. Asneira. « Que *sarambelada* venderes o teu relógio por preço tão baixo! »

Sarambelão, adj. aug. de *sarambé*. Indivíduo extremamente inepto. « Este *sarambelão* deixou que lhe roubassem o último vintem dos mil contos herdados do pae e do sogro. »

Sarampento, s. m. Indivíduo atacado de sarampo. « Na minha clínica tenho tres *sarampentos*, um dos quaes bem gravemente enfermo. »

Sarandy, s. m. Terra maninha. Este campo todo é um *sarandy* que nada pode produzir. »

Sarandy, s. m. Arvore euphorbiacea (*Sebastiania angustifolia*, Muettl).

Saranha, s. f. Peixe de rio (*Cynodon vulpinus*).

Saranha de rabo amarello, s. f. Peixe de rio (*Cynodon scombroides*).

Sarapieira ou **sarapueira**, s. f. Accumulo de detrictos vegetaes que ata petam o solo nas florestas. « Esta matta quasi não tem sarapieira. »

Sarará, adj. Pacovio, imbecil. « O *sarará* do S... vende por cem mil reis o que vale trezentos. »

Sarasará, s. m. Peixe de rio (*Eelurichthys gronovii*).

Sarasará, adj. Irrequieto. « Este *sarasará* vive de um lado para o outro. »

Sardinha, s. f. (gir.). Navalha. « Metteu-lhe a *sardinha* no rosto, retalhando-lhe as faces. »

Sardinha de gato, s. f. Peixe de rio (*Piabuca argentina*).

Sardinio, s. m. Peixe de rio (*Chalceus labrosus*).

Sardosa, s. f. Planta cucurbitacea (*Cucurbita verrucosa*).

Sargo de beijo, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Sarilho, s. m. (gir.). Desordem, rixa, doudadoura. « Houve um *sarilho* terrível, pancadaria grossa. »

Sarjão, s. m. Sarja encorpada. « Este meu fraque é de um *sarjão* excellente. »

Sarna, adj. (gir.). Indivíduo insupportavelmente maçador. « Que *sarna*, que importuno este P...! »

Saroba, s. f. Columbino selvagem (*Chloerenas rufina*).

Sarohé, s. f. Nome vulgar do gambá em Goyaz. Cf. Henr. Silva, ob. cit. p. 427.

Sarrafascada, s. m. (gir.). Rixa, moxinifada. Provavelmente alliteração de *serrafascada*.

Sassú, s. m. Gen. de beija flores.

Sassupema, s. m. Peixe marinho (Littoral sul bahiano).

Satanismo, s. m. Luciferianismo, adoração de Satanaz. O que ha de peor no *satanismo* é a horrível missa negra. »

Satanista, s. m. Adepto do satanismo. « Em Pariz ha centros *satanistas*. »

Saturnismo, s. m. fig. Systema politico em que a situação dominante exclue do poder o partido a que deveu a sua elevação.

Sauá, s. m. Peixe fluvial (*Tetragonopterus argenteus*).

Sauí caratinga, s. m. Pequeno simio (*Harpale leucocephale*).

Saui de bigode branco, s. m. Pequeno simio (*Midas labiatus*).
Saui de duas cores, s. m. Pequeno simio (*Midas bicolor*).
Saui de mão ruiva, s. m. Pequeno simio (*Midas midas*).
Saui guassú, s. m. Simio (*Callithrix personatus*).
Saui-mirim, s. m. Pequeno simio (*Hapale penicillata*).
Saui-piranga, s. m. Pequeno simio (*Midas rosalia*).
Saui preto de bigode branco, s. m. Pequeno simio (*Midas mystax*).

Saui-una, s. m. Pequeno simio. (*Hapale chrysomelas*).

Saúna, s. f. Pequena tainha (littoral bahiano). Cf. Camara, ob. cit., p. 119.

Sauny, s. m. Passarinho (*Monasa nigra*).

Saurá, s. m. Passaro formicaróide (*Phænicocercus carnifex*).

Saveirista, s. m. Tripolante de saveiros. Cf. Xavier Marques, *Prateiros*.

Saymiri, s. m. Simio (*Callithrix sciura*).

Schwytz, s. m. Raça bovina suíssa. « Este touro é legitimo Schwytz. »

Scienciocracia, s. f. Neologismo do eriminalista Romain Flaque para designar o predomínio das classes intellectuaes no governo de uma nação. »

Sciencioocrata, s. m. Membro de uma sciencioeracia.

Scientificador, adj. Que scientifica. — « Levaram-lhe uma mensagem scientificadora da sua deposição. »

Sêbado! Interjeição burlesca e chula. Irra! « *Sebado!* Cinco mil reis por meia duzia de pecegos. »

Sebastianismo, s. m. Nome que por derisão foi attribuido no Brazil aos que se conservaram fieis á ideia monarchica. « O *sebastianismo* entre nós conta poucos adeptos. »

Sebastianista, adj. e s. m. Adepto do sebastianismo. Imperialista. « A revolta de 1893 teria sido *sebastianista*? »

Sebastião, s. m. Passaro formicaróide (*Lipangus plumbeus*).

Sebite, s. m. Passaro (?) do Ceará. Cf. *Terra de Sol*, p. 39.

Sebinbú, s. f. Planta apocynacea (*Plumeria phagedenica*).

Sebiubu, s. m. Planta apocynacea (*Plumeria phagedenica*).

Sebo, s. m. (gir.). Livraria que compra livros usados. « Este dicionario no *sebo* dá dez mil reis. »

Sebo, s. m. (chul.). Namoro.

Secgador, s. m. Machina destinada a seccar os grãos de café. « O *seccador* Taunay-Telles dá um café admiravelmente homogeneo. »

Seccionador, adj. Que secciona. « Na guerra de 1861 o partido *seccionador* da União Federal quasi triumphou nos Estados Unidos. »

Secretario, s. m. Ave pernalta (*Gypoggeranus serpentarius*).

Sectarismo, s. m. Espirito estreito de seita. « O *sectarismo* de F... leva-o a perseguir os adversarios politicos. »

Secularisador, adj. Que secularisa. « Foi D. Pedro IV o *secularisador* das ordens monasticas portuguezas. »

Secundar, v. i. Responder. Ap. Taunay, *Innocencia* (Matto Grosso).

Segmentador, adj. Que segmenta.. « A crise *segmentadora* do partido dominante. »

Segregador, adj. Que segrega. « O movimento *segregador* da antiga facção dominante está victorioso. »

Segura, adj. (pleb.). Prenhe (fallando-se dos animaes). « Esta vacca está *segura* do tourinho. »

Segurar, v. i. (pleb.). Conceber. « A egua não *segurou* do garanhão do posto zootechnico. »

Sellagote, s. m. Sella rustica muito usada no interior do Brazil.

Seleccionadamente. Adv. de modo seleccionado Por meio da selecção. « Estes novillos, oblive-os *seleccionadamente*. »

Seleccionador, adj. Que pratica a selecção. « O Mario é um grande *seleccionador* do gado caracú. »

Seleccionar, v. i. e t. Praticar a selecção. « Este meu gado melhorará a medida que eu o *seleccionar*. »

Selectamente, adv. de modo selecto. Escolhidamente. « Os convidados *selectamente* designados... »

Selector, adj. Que pratica a selecção. « Os creadores inglezes *selectores* da raça Durham... »

Semestralidade, s. f. Pagamento semestral. « A *semestralidade* do seguro attingia quinhentos milreis. »

Semfim, s. m. Nome onomatopaico de um passarinho.

Semipaganismo, s. m. Estado proximo ao paganismo. « Apezar dos esforços dos missionarios estes indios ainda vivem num semi-paganismo. »

Semiramis, s. f. Insecto lepidoptero, borboleta diurna (*Copisterix semiramis*).

Se-mostração, s. f. pittorescamente derivado de *mostrar-se* (pôr-se em evidencia) ou *se mostrar* como incorrecta e geralmente se diz no Brazil. O termo é muito corrente em certos municipios do oeste paulista assim como os dous seguintes.

Semostradeira, adj. Mulher amiga de exhibicionismo. « A *semostradeira* da J... não perderá esta occasião de exhibir os dotes de *diseuse*. »

Semostrador, adj. Individuo affectado da mania exhibicionista. « O C... é um *semostrador* insupportavel; não perde vasa de deitar o verbo. »

Semvergonha, adj. Desbriado, despudorado. « Que *semvergonha* este homem! Enxotam no e elle continúa a bajular. »

Semvergonhice, s. f., ou

Semvergonhismo, s. m. Falta de pudor. « A que ponto chegará o *semvergonhismo* deste sujeito? Que descarado! »

Senatoria, s. f. Dignidade senatorial. « F... é candidato á *senatoria* pelo estado do Paraná. »

Senégalesco, adj. Palavra empregada para adjectivar um calor intenso. « Que temperatura *senégalesca*! Estamos seguramente com 37 graus. »

Senhor de engenho, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Sensualisação, s. f. Acto de sensualisar. « A sensualisação da humanidade é o escopo desta philosophia. »

Sereibatinga, s. f. Planta verbenacea (*Avicennia nitida*).

Serenar, v. i. Cahir sereno, orvalhar. « Já está *serenando* abundantemente. »

Seriadamente, adv. de modo seriado. « As conferencias da *Universidade Popular* serão feitas *seriadamente*. »

Seriba, s. f. Planta verbenacea.

Seringador, adj. (gir.). Importuno, maçador. Que *seringador* este G...! que cacete! »

Seringarana, s. f. Arvore euphorbiacea (*Exaccaria biglandulosa*).

Serioba, s. f. Peixe do littoral cearense. Mem. cit.

Sernambybocú, s. m. Mollusco (*Mesiderma mactroides*).

Serodidamente, adj. De modo serodio, « Apareceu a florada *serodidamente*, de modo inesperado. » Cf. *Sertões*, p. 241.

Serpentario, s. m. Nome pelo qual no Instituto Serumtherapico de Butantan se designa o viveiro de cobras destinadas a experiencias.

Serrador, s. m. Insecto coleoptero xylophago que vive no tronco das arvores fructiferas geralmente.

Serrano, s. m. Arvore (*Macrocercus illigeri*).

Serraboca, s. m. Nome que no littoral bahiano dão a certo cabo de reboque. Cf. Alves Camara, ob. cit., p. 81.

Serrapau, s. m. Coleoptero que ataca as arvores, fazendo-lhes cahir os galhos.

Serra-serra, s. m. Passarinho (*Volatinia jacarina*).

Serreta, s. f. Peça da baleeira (littoral bahiano). Cf. Camara, ob. cit., p. 66.

Serrotado, adj. Rendilhado como os dentes de um serrote. « Esta moldura de madeira é *serrotada* muito delicadamente. »

Sertân, s. f. Variedade de mandioca (Bol. de Agric.).

Serviçalismo, s. m. Qualidade de quem é serviçal. « Louvo em X... o *serviçalismo*; é capaz de sacrificios parra servir a um amigo. »

Sesamo, s. m. (All. litt.) o santo e a senha; o passaporte. « A carta de bacharel em direito é o *sesamo* para a diplomacia. »

Sete capotes, s. m. Arvore da flora paulista. Ap. H. Pereira, ob. cit.

Sete cores, s. m. Passarinho (*Callista tricolor*).

Sete postas, s. f. Abelha sylvestre.

Sete sangrias, s. f. Arvore symplocacea (*Symplocos parsiflora Benth.*).

Severianismo, s. m. Heresia dos primeiros tempos da Igreja.

Seviciador, adj. Que sevicia. « O instrumento *seviciador* do misero, a policia *aprehendeu-o*. »

Shuntar, v. t. Estabelecer um *shunt*, uma derivação numa corrente electrica. « Vou *shuntar* esta corrente. »

Shurta, s. t. Palma do coco a despontar (Termo goense).

Shut, s. m. Aportuguezamento do termo inglez *shoot*, que a propagação do *foot ball* tornou corrente.

Shutador, adj. Individuo que dá *shuts* ou golpes. « Dos *shutadores* deste *team* ninguem tem tão boa pontaria quanto o P... »

Shutar, v. t. Atirar (termo de *foot ball*). « O *forward shutout* a bola que vasou o *goal*. »

Sibyllismo, s. m. Qualidade do que é enigmatico. « S... é de um *sibyllismo* absoluto nesta questão, *mysteriosissimo*. »

Sibyllinamente, adv. De modo sibyllino; mysteriosamente. « Responder incomprehensivel, *sibyllinamente*. »

Signalção, s. f. Corruptela de assignalção. Marca do gado no quadril ou nas orelhas. « Este boi tem a *signalção* da fazenda do Tabajara. »

Silenciador, adj. Que silencia. « O relatorio *parcialissimo* de F. *silenciador* de tantos factos graves... »

Silvina, s. f. Uma das designações do *cipó carneiro*.

Simiescamente, adv. de modo simiesco. Estás *simiescamente* vestido. »

Simplão, s. m. (gir.). O mesmo que

Simplesmente, s. m. A mais baixa das notas de approvação em exames. « J... obteve dous *simplesmentes*. »

Simplificação, s. f. Attribuição da nota *simplesmente* a um examinando. « Proponho a *simplificação* de F... cujo exame foi bem fraco. »

Simplificar, v. t. Attribuir a nota *simplesmente* a um examinando. « *Simplifiquei* F... e *plenifiquei* os mais. »

Simploismo, s. m. Simplicidade; ingenuidade. « O *simploismo* de F... já toca ás raias da imbecilidade. »

Sinanduba, s. f. Arvore de elevado porte.

Sinhanninha, a. s. (giria cearense). Aguardente. Cf. *Terra de sol*, p. 185.

Siporoba, s. f. Planta herbacea.

Sirgy, s. m. Arvore de elevado porte.

Siri-boceta, s. m. Crustaceo do littoral sul brasileiro.

Siri-candeia, s. m. Crustaceo (*Cronius ruber*).

Siricoria, s. f. Ave do Maranhão. Cat. Exp. Nac.

Sirigaitar, v. i. Ter modos de sirigaita. « Encontrei F... a *sirigaitar* pela cidade. »

Sirioba, s. f. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.

Siririca, s. f. Esp. de anzol empregado na Amazonia. Ap. Moura, ob. cit.

Siriricar, v. i. Pescar com *siririca*. Ap. Moura, ob. cit.

Siriry, s. m. Individuo reproductor de certas especies de termitas.

Siriry, s. m. Passarinho (*Myodinaster nobilis*).

Siriruia, s. f. Insecto orthoptero da familia dos ephemerideos.

Sirirujá, s. m. Insecto orthoptero da familia dos ephemerideos.

Siriúba, s. f. (*Avicennia nitida*), planta verbenacea.

Siriúva, s. f. Passarinho (*Momotus momota*).

Sisal, s. m. Planta liliacea textil (*Agave rigida*).

Sisudamente, adv. de modo sisudo. Sensatamente. « Acho que T... procedeu *sisudamente*. »

Situacionismo, s. m. Situação politica dominante. « A prepotencia é o caracteristico do nosso *situacionismo* actual. »

Situacionista, s. m. Partidario da situação dominante, governista. « Os *situacionistas* vão ter uma scisão brevemente. »

Soboró, adj. chocho. Applica-se aos grãos. Ap. Taunay, *Innocencia*.

Sobrasil, s. m. Arvore rubiacea (*Rustia formosa*).

Sobrecasalmente, adv. (locução burl.). Vestido desobrecasaca. « Vais ao concerto *sobrecasalmente* ou de fraque? »

Sobredictadura, s. f. Dictadura enxertada noutra. Cf. Ruy Barbosa no *Imparcial* de 25 de Janeiro de 1913.

Sobredictatorial, adj. O que se refere á *sobredictadura*.

Sobroço, s. m. Termo obsoleto cuja significação verdadeira o Snr. Candido de Figueirado não sabe como fixar julgando-o synonymo, talvez, de acanhamento, timidez, e a cujo respeito reproduz uma citação do Padre Manuel Bernardes, *Luz e calor*, p. 65. No Ceará o povo emprega o como synonymo de susto, receio. Cf. *Terra de Sol*, p. 85. « Com licença do doutor pode comer sem *sobroço*. »

Soca, s. f. Nome que os hervateiros do Rio Grande do Sul dão ás arvores de matte quando podadas.

Soca, s. f. Designação vulgar das touceiras de capim.

Soca, s. f. Designação do fumo de inferior qualidade no sul de Minas.

Socador, adj. Diz-se de um animal trotão. « Este cavallo é um *socador*, insupportavel. »

Socar, v. i. Trotar. « Como *soca* este burro ! »

Sociavel, s. f. Antigo typo de sege nos tempos coloniaes. Cf. Visconde de Taunay, *O Padre José Mauricio*.

Socorós, s. m. Ave da Amazonia. Ap. « Inferno Verde ».

Soffreador, adj. Que soffrea. « O estadista, unico *soffreador* das ambições desmarcadas do partido. »

Sogabamo, s. m. Sacerdote malê.

Sógra, s. f. Corrêa que liga os quatro chifres dos bois de uma junta.

Sograr, v. i. (gir.). Viver a custa do sogro. « Este rapaz casou-se para não trabalhar, vive *sogrando*. »

Soita cavallos, s. m. Corruptela de agoita cavallos. Arvore liliacea (*Iuhea grandiflora*).

Solaes, adj. Inclinado, desaprumado. « Este terreno é muito *solaes* para o lado do rio. » Ouvi esta palavra frequentemente empregada no interior de São Paulo.

Solante, adj. Parceiro de uma roda de solo a quem compete *solar*.

Solão, s. m. Soalheira. « Que calor, que *solão* teremos de aguentar hoje ! »

Solapador, adj. Que solapa. « A propaganda republicana *solapadora* do throno bragantino... »

Solapão, s. m. Cavidade feita por erosão nas ribanceiras dos rios.

Soldado pago, s. m. Passarinho (*Hyphantes pyrrhopterus*).

Soldanella d'agua, s. f. Planta apocynacea (*Menianthes brasiliica*).

Soleira, s. f. Soalheira. « Faz uma *soleira* de rachar, hoje. »

Soletradamente adv. de modo soletrado. Syllaba por syllaba. « O camponio lia *soletradamente*. »

Solidificador, adj. Que solidifica. « Breve virá o inverno *solidificador* das mares polares. »

Soliloquista, s. m. Monologador. « F. tem habitos de *soliloquista*. Fala horas inteiras, reflectindo alto o que pensa. »

Solta, s. f. Invernada (Norte do Rio Grande do Sul ; Velloso da Silveira, ob. cit.).

Soltada, s. f. Acção de estumar os cães ou lançalos a alguma pista. Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 58.

Solteira, s. f. Prostituta. Cf. *Sertões*, 204.

Solteira, s. f. Peixe (*Caranx piquelus*).

Solteirismo, s. m. Celibato. Cf. V. de Taunay, *Amelia Smith*.

Soluçante, s. m. Que soluça. « A pobre creança *soluçante*, ugia ao barbaro pae. »

Sombra de boi, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bernard.

Sombra de touro, s. f. Arvore santalacea (*Iodina rombifolia*, Hk).

Sombra de touro, s. f. Arvore celastracea (*Maytenus ilicifolia*, M.).

Sombreiro, adj. Que dá sombra. « Que bello *sombreiro* é o *chapeu de sol*. Que bella arvore ! »

Somiticar, v. i. (fam.) Mostrar parcimonia, senão avareza, *cainhar*. « F... tão rico como é, somitica na mesa que é uma vergonha. » De somitico.

Somitiquice, s. f. Sovinaria. « Dá dos cinco mil reis ; deixa-te de *somitiquice*. »

Somnolentemente, adv. De modo somnolento. « O homem caminhava pesada e *somnolentemente*. »

Sonda, s. f. Corda para pescar em grandes profundidades, tendo na extremidade um anzol.

Sonhim, s. m. Designação vulgar de um pequeno simio do Ceará.

Sonsamente, adv. De modo sonso. « Quando deixarás de proceder *sonsamente*, n'este negocio de casamento ? »

Sopesador, adj. Que sopesa, avaliador. « Procedamos ao balanço *sopesador* das forças dos dous partidos. »

Sophismador, adj. Que sophisma. « Este regulamente *sophismador* da disposição expressa da lei. »

Sophisticador, adj. Que sophistica. « Eterno *sophisticador* da lei o governo inconstitucionalmente... »

Sororoca, s. f. Peixe fluvial (*Cybium regale*).

Sororoca, s. f. Estertor. « O enfermo está moribundo. Já lhe appareceu a *sororoca*. »

Sororoca, s. f. (bichenta de escama, gallega, pinima, verdadeira, Nome de diversos peixes do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 120.

Sororocar, v. i. Estertorar. « Este pobre homem está a *sororocar* desde meio dia numa agonia horrivel. »

Sorratamente, adv. De modo sorrateiro. « O gatuno esquivou-se *sorratamente*, sem que a policia lhe presentisse a fuga. »

Sorumbatismo, s. m. Qualidade de quem é sorumbatico. Com os ultimos desastres S... cahiu em profundo *sorumbatismo*. Está quasi hypocondriaco. »

Sorveteiro, s. m. Fabricante ou vendedor de sorvetes. « Os sorveteiros ambulantes pagam cinco mil reis de imposto. »

Sossobrador, adj. Que faz sossobrar. « O navio *sossobrador* do infeliz *São Luiz* desapareceu na cerração. »

Soterrador, adj. Que soterra. « Cahiu uma grande barreira *soterradora* de cinco infelizes operarios. »

Soturnamente, adv. De modo soturno. « O preso respondia *soturnamente* ás questões do delegado. »

Sova, s. f. (fam.). Uso diario. Puz este meu terno na *sova* ha um annó e ainda está muito decente. »

Sovador, adj. Que sova; flagellador. « Parece que vai cessar a crise *sovadora* do nosso Estado ha tantos annos. »

Sovela, s. f. Peixe fluvial.

Sovinamente adv. De modo sovino. Avarentamente. « O ricaço *sovinamente* se negou a assignar o jornal. »

Sovy, s. m. Ave falconidea (*Ictia plumbea*).

Stud book, s. m. Registro de filiação de cavallos de raça. « Registrei dous potrinhos de meio sangue no nosso *stud book*. »

Suaina, s. f. Nome que no littoral bahiano dão a certa tartaruga marinha. Cf. Camara, ob. cit., p. 121.

Suassú aia, s. f. Planta herbacea tambem chamada *fumo do matto*.

Suassú-apára, s. m. Cervideo (*Cervus campestris*).

Suassú-assú, s. m. Planta herbacea tambem chamada *herva grossa*.

Suassú-birá, s. m. Pequeno cervideo (*Cervus subulus*).

Suassú etê, s. m. Cervideo (*Cervus rufus*).

Suassú-pitá, s. m. Cervideo (*Cervus coassus*).

Suassú pussú, s. m. Cervideo (*Cervus paludosus*).

Suassú tunga, s. m. Cervideo (*Cervus campestris*).

Suavisador, adj. Que suavisa. « Afinal chegou a carta *suavisadora* de tantas apprehensões. »

Subdelegacia, s. f. Repartição policial dependente de uma delegacia. « A minha delegacia tem tres *subdelegacias*. »

Subdirectoria, s. f. Repartição administrativa dependente de uma directoria. « A secretaria do interior conta quatro *subdirectorias*. »

Subfretador, adj. Que subfreta. « A firma Silva e C^{ia} é *subfretadora* do vapor Iris que pertence ao Snr S... e está fretado a X... »

Sublimador, adj. Que sublima. « Vamos proceder á operação *sublimadora* deste enxofre. »

Sublinhador, adj. Que sublinha. « Com os seus esgares *sublinhadores* das phrases apimentadas do papel o actor S. estava simplesmente obsceno. »

Sublocador, adj. Que subloca. « A senhora *sublocadora* deste predio reside na Europa. »

Sublocatario, s. m. Que subloca. « F... é o *sublocatario* do theatro que está alugado a S... »

Submensor, adj. Que submerge. « O navio *submensor* do infeliz transatlantico é um *cargo boat*. »

Submissor, adj. Que submette. « Grant foi o *submissor* dos Estados confederados. »

Subservientemente, adj. De modo subserviente. « Procedeu o deputado muito *subservientemente* em relação ao governo. »

Subsidente, adj. Neologismo proposto pelo Barão de S. Felix na *Carmelina* como synonymo poetico de *acocorado*.

Substanciadamente, adv. De modo substanciado. « O mensageiro explicou *substanciadamente* a sua missão. »

Substancializador, adj. Que substancialisa. « O accordão *substancializador* da doutrina do Tribunal traz o numero.... »

Subterraneamente, adv. De modo subterraneo. Por baixo da terra. « A communicação entre os fortes se faz *subterraneamente*. »

Subtraquismo, s. m. Heresia catholica que admite a communhão sob as duas especies.

Subvassalagem, s. f. Vassalagem de vassalagem.

Subvencionador, adj. Que subvenciona. « O Estado é *subvencionador* de varias emprezas maritimas. »

Subversivamente, adv. De modo subversivo. « Foram presos varios individuos que agiam *subversivamente* em relação á ordem publica. »

Sucaré, s. m. Arvore de grande porte.

Sucuaría, s. f. Planta composta (*Elephantopus tomentosus*).

Sucuhyba, s. f. Planta euphorbiacea (*Plameria phagedenica*)

Sucunduy, s. m. Arvore de grande porte.

Sucupy, s. m. Condimento muito usado na Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob., cit.

Sucuruba, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bern., ob. cit.

Suffragante, loc. adv. Adulteração de flagrante muito commum em Minas. « A prisão deste homem foi feita em *suffragante*. »

Suggestivamente, adv. De modo suggestivo. « A mulher sorria-lhe *suggestivamente*. »

Suíá, s. f. Nome que no sul da Bahia dão a uma pequena ave psittacidea.

Suíca, s. f. Nome que no sul de Bahia dão a uma pequena ave psittacidea.

Suinan, s. f. Arvore de elevado porte.

Suiriry, s. m. Passaro formicaróide (*Tyrannus melancholicus*).

Sulcador, adj. Que sulca. «As primeiras caravellas *sulcadoras* daquelles mares foram as de Portugal. »

Sumbaré, s. m. Planta orchidacea do genero *cyrtopodium*

Sumidamente, adv. de modo. « *Sumidamente*, com um fio de voz respondeu o interpellado. »

Summariante, adj. Juiz que preside ao summario de culpa. « O *summariante* consentiu em varios vicios de processo. »

Superador, adj. Que supera. « O unico *superador* de tão extraordinarias difficuldades foi o infeliz aviador Chavez. »

Superexaltação, s. f. Exaltação lavada ao auge. « A *superexaltação* dos animos me faz temer grave conflicto. »

Superexaltador, adj. Que superexalta. « A causa *superexaltadora* dos animos foi a noticia da affronta feita pelo chefe conservador ao tenente X... »

Superexaltar, v. t. Exaltar sobremaneira. « O orador *superexaltou* os meritos do fallecido. »

Superficialismo, s. m. Qualidade do que é superficial; *superficialidade*. « A instrucção de X... é dum *superficialismo* absoluto. »

Superlativador, adj. Pessoa que abusa dos superlativos. « F... é um *superlativador* incorrigivel. Só nos fala em *issimos* e *errimos*. »

Supimpa, adj. (gir.) Optimo, excellente. « A nossa festa está *supimpa*, um verdadeiro triumpho. »

Suppliciadamente, adj. De modo suppliciado. « As noites passadas passei-as *suppliciadamente* com este panaricio. »

Suppliciaador, adj. Que supplicia. « Chegou a hora de se retirar o caustico *suppliciaador* da infeliz creança. »

Suppostamente, adv. De modo supposto. « O individuo *suppostamente* tido como Lord Portland confessou a impostura. »

Supressor, adj. Que suprime. « A emenda *supressora* da nossa commissão foi votada hoje. »

Supputador, adj. Que supputa. « No calculo *supputador* das nossas forças esqueceste os eleitores de tres municipios. »

Surdo, s. m. (Techn. naval). Polcame empregado nos cabos fixos. João Braz de Oliveira, ob. cit.

Surgida, s. f. Nome que os pescadores, bahianos dão á apparição da baleia após o mergulho. Cf. Alves Camara, ob. cit.

Surra, s. f. Epizootia dos bovideos endemica na India.

Suruba, s. f. (chul.). Namoro. « O João anda numa *suruba* indecente com a Rosinha. »

Surucuatatá, s. m. Passarinho (*Trogon melanurus*).

Surucucurana, s. f. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Surucutinga, s. f. Serpente (*Lachesis mutus*).

Surucuvaco, s. m. Aye (Ap. Francisco Barbosa, Memoria na Rev. do Inst. Hist. »

Surunganga, ad. Valentão. « Este sujeito quer ser um *surunganga* mas no fundo é covarde. »

Sururucar, v. t. Peneirar. « E' preciso *sururucar* esta farinha de milho naquella peneira grossa. »

Susceptibilisação, s. f. Acto de provocar a susceptibilidade álguem. « Tal procedimento poderá trazer a *susceptibilisação* do nosso amigo. »

Sussuaya, s. f. Planta medicinal do Rio Grande do Sul (Velloso da Silveira, ob. cit.)

Sustador, adj. Que susta. « O aviso *sustador* das disposições do decreto. »

Sycophantico, adj. O que lembra a feição de espirito dos *sycophantas*. « O procedimento *sycophantico* do X.. »

Symphonico, adj. O que se refere a uma *symphonia*, a um conjuncto de sons. « O concerto de X... não será simplesmente vocal, tendo também uma parte *symphonica*. »

Synagoga, s. f. (gir.). Reunião tumultuosa. « Esta *synagoga* já acaba em pancadaria. »

Synagoga, s. f. (gir.). Cabeça. « O homem tomou no alto de *synagoga* uma cacetada que lhe quebrou o craneo. »

Syncopadamente, adv. De modo *syncopado*. « No acompanhamento as vozes de côro surgem *syncopadamente*. »

Syncretisar, v. t. Amalgamar concepções heterogeneas. « A escola deste philosopho *syncretisa* diversos systemas. »

Syndical, adj. O que se refere a um *syndico* ou commissario de *syndicos*. O conselho *syndical* da massa fallida determinou...

Syndicalismo, s. m. Movimento operario que tende a congregar todas as associações de proletarios sob uma direcção unica.

Syndicalista, s. m. Adepto do *syndicalismo*. « Os nossos operarios não são *syndicalistas*. »

Syndicatado, adj. s. m. Operario filiado a um *syndicato*. « Entre os *syndicatados* alguns se affiliaram com muita repugnancia. »

Syndicar v. t. e, i. Reunir em *syndicatos* os agrupamentos operarios. « O demagogo acaba de syndicar os tecelões de Lyon. »

Synoptisar, v. i. Fazer a *synopse*. « O autor *synoptisou* o assumpto em quadros muito bem feitos. »

Systematisador, adj. Que *systematisa*. « O que falta a esta creança é uma direcção *systematisadora* dos estudos. »

T

Tabaco bom, s. m. Ave caprimulgeida (*Podager nacunda*).

Tabarana, s. f. Peixe fluvial muito commun no oeste de São Paulo.

- Tabarana**, s. f. Facção (allusão ao peixe que é muito chato). « Esta *tabarana* é de aço puro. »
- Tabardilho**, s. m. Epizootia dos equideos.
- Taboca**, s. f. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.
- Taboca**, s. f. (fam.). Recusa de casamento. « O pae da Marquinhas acaba de dar uma *taboca* ao Julio. »
- Tableiro**, s. m. Designação dada aos ninhos das tartarugas na Amazonia.
- Taboqueador**, adj. Que *taboquee*. « Esta moça é uma *taboqueadora* de bons partidos que ainda acaba aceitando algum imbecil. »
- Taboquear**, v. t. Recusar um pedido de casamento. « A Elisa *taboqueou* o Dr. F... »
- Tabiyayá**, s. m. Nome vulgar de certo pernalta em Goyaz. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 163.
- Tabuá**, s. f. Planta medicinal (*Typha latifolia*).
- Tacada**, s. f. Somma avultada ganha de chofre; bolada. « Com este negocio deu F... uma *tacada*. Nada menos de duzentos contos! »
- Tacanhoba**, s. f. Especie de tanga usada pelos jangadeiros e canoeiros maranhenses. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.
- Taçarema**, s. f. Formiga commum no Espirito Santo. Ap. Diccion. de Cesar Marques.
- Tacho**, s. m. (gir.). Piano velho o desafinado. « Esta valsa no nosso pobre *tacho* não sobresahe. »
- Tachyphagia**, s. f. Ingestão dos alimentos mal mastigados.
- Tachyphagico**, adj. relativo á tachyphagia.
- Tachyphago**, adj. applicado aos individuos que comem muito depressa sem mastigar convenientemente.
- Tachyzeiro**, s. m. Arvore leguminosa papilionacea (*Pterocarpus ancylocalyx Benth*).
- Tacibura**, s. f. Esp. de formiga amazonica, Ap. Forel, « Formigas do Brazil. »
- Tacipitanga**, s. f. Esp. de formiga amazonica. Ap. o mesmo autor.
- Taco**, adj. e s. m. Individuo capaz. « O João é *taco* para negocios. Em tres annos ganhou cem contos. »
- Tacoaré**, s. m. Designação que tambem tem o castanheiro do Maranhão.
- Tacomaré**, s. m. Variedade de canna do assucar (Bol. de Agricult.).
- Tacteador**, adj. Que tacteia, apalpador. « A moção do deputado governista, *tacteadora* da opinião da camara. »
- Tacuité**, s. m. Nome que no Maranhão se dá a certo suideo selvagem (queixada). Ap. Frei Prazeres.
- Tacurú**, s. m. Termita mattogrossense que constitue grandes monticulos para a sua morada. Esp. de cupim.
- Tafulão**, adj. Seductor de mulheres. Ap. Taunay, *Innocencia*.
- Taguá**, s. m. Designação vulgar de uma oca amarella.
- Taguantú**, s. m. Arvore que fornece madeira de lei.

Taguicati, s. m. Nome que em certas regiões amazonicas dão ao queixada, suideo selvagem (*Dicotyles*).

Taiabucú, s. m. Peixe fluvial.

Taiassú, s. m. Nome que em certas regiões do Brazil dão ao queixada ou canella ruiva, suideo selvagem (*Dicotyles torquatus*).

Taiassú-uirá, s. m. Passaro trepador (*Neomorphus rufipennis*).

Tainheira, s. f. Rede usada no Sul da Bahia para a pesca da tainha.

Tainheira, s. f. Cardume de tainhas. Ahi vem uma *tainheira* enorme, vamos armar as redes. »

Taioba, s. f. Arvore da flora paulista (Rel. da Com. geogr.).

Taiobal, s. m. Plantação de taioba (*Arum esculentum*).

Tajaçú, s. m. Pernalta (*Nycticorax Gardenii*).

Tajá-giboia, s. f. Arvore da flora maranhense.

Tajiba, s. f. Arvore artocarpacea (*Broussonetia tinctoria*).

Tajassú-caiaguira, s. m. Porco montez da Amazonia (*Dicotyles torquatus*).

Tajassú-tirágua, s. m. Porco montez da Amazonia (*Dicotyles albirostris*).

Talhado, s. m. Nome que na região do São Francisco se dá aos desfiladeiros semelhantes aos cañons dos Estados Unidos.

Talhão, s. m. Nome que no littoral bahiano dão aos pedaços da baleia esquarterjada. Cf. Camara, ob. cit., p. 82.

Taludamento, s. m. Acção de taludar. Ordenei « o taludamento deste barranco onde se ha de plantar gramma. »

Tamacuary, s. m. Arvore que fornece madeira de lei.

Tamanca, s. f. Parte do freio dos vehiculos que adhire ás rodas travando-as.

Tamanduá, s. m. e adj. Esquipatico ; brutalhado. « Vejam como corre aquelle *tamanduá* do Zeca ; fica grutesco. »

Tamanduahy, s. m. Pequeno desdentado do Brazil (*Tamanduá bivitata*).

Tamanduasinho, s. m. Pequeno desdentado do Brazil (*Ciclothurus didactylus*).

Tamarutaca, s. f. Crustaceo (*squilla*).

Tamatá, s. m. Peixe fluvial.

Tamatião, s. m. Nome vulgar de um pernalta no Ceará. Mem. cit.

Tambá, s. m. Concha bivalva. Relat. da Comm. geogr. Valle da Ribeira.

Tambihú, s. m. Peixe de rio, grande lambary de rabo vermelho.

Tambo, s. m. Palhoça da região do Purús. Ap. Euclides da Cunha.

Tambory, s. m. Arvore leguminosa (*Enterolobium timbauva*).

Tambú, s. m. Tambor usado em *sambas* de negros e caboclos.

Tambuby, s. m. Peixe fluvial.

- Tamburupará**, s. m. Ave da Amazonia. Ap. Inf. Verde.
- Taminguá**, s. m. Insecto que devasta os algodoaes (Bol. de Agric.).
- Taminguá**, s. m. Insecto que devora os mandiocaes (Cesar Marques, ob. cit.)
- Tamuco**, s. m. Peixe fluvial (*Cynodon vulpinus*).
- Tanagra**, s. f. Planta polygonacea (*Rumax hymenosepalus*).
- Tanajuba**, s. f. Ave psittacidea (*Conurus guarouba*).
- Tanaúba**, s. f. Planta herbacea meliacea.
- Tangara guassú**, s. m. Arvore polygonacea (*Cooloba crescentiaefolia*).
- Tangara purá**, s. f. Passarinho (*Monasa orpheus*).
- Tanguru pará**, s. m. Passarinho da Amazonia. Moura, ob. cit.
- Tangenciar**, v. i. Seguir a tangente. « A estrada *tangencia* a curua da praia. »
- Tangerino**, s. m. Individuo que se occupa em *tanger* gado (Ceará). Cf. *Terra de sol*, p. 114.
- Taniça**, s. f. Nome que no Maranhão se dá ao fumo em rolo. Ap. Cat. Exp. Nac.
- Tansagem**, s. f. Planta medicinal (Bol. de Agricult.).
- Tantan**, adj. Toleirão. « Este homem é um simplorio, verdadeiro *tantan*. »
- Taoca**, s. f. Esp. de formiga (*Eciton*).
- Taoista**, s. m. Sectario do *taoismo*.
- Tapa**, s. f. Nome vulgar de certe arraia pequena na Bahia. Cf. Camara, ob. cit.
- Tapacum**, s. m. Nome dada no Ceará a um pequeno periquito.
- Tapaguassú**, s. m. Arvore que fornece madeira de lei.
- Tapaguela**, s. m. Nome vulgar de um vespideo cuja ferroadá é dolorosissima.
- Tapanhuma**, s. f. Arvore leguminosa (*Cassia marçanahyba*).
- Tapanuca**, s. f. Capa que se adapta ao boné para resguardar do sol o pescoço. Ap. General Dionysio Cerqueira, *Reminiscencias*.
- Tapear**, v. t. (fam.). Dar um tapa, um sopapo. « *Tapeci-o* nas duas bochechas com dous valentes sopapos. »
- Tapema**, s. m. Rapineiro falconideo (*Nauclerus furcatus*).
- Taperabaseira**, s. f. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.
- Taperabé**, s. m. Arvore fructifera da Maranhão.
- Taperabahy**, s. m. Arvore que fornece madeira de lei.
- Taperussú**, s. m. Passarinho (*Chætura biscutata*).
- Tapetinga**, s. f. Graminea (?). Coelho, *Memoria Historica de Santa Catharina*, pg. 188.
- Tapiáca**, s. f. Peixe fluvial.
- Tapioca**, s. f. Nome vulgar dado no Maranhão a certo peixe marinho parecido com a sardinha. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.
- Tapiguassú**, s. m. Planta euphorbiacea (*Acalypha macros-tachya*).
- Tapicuem**, s. m. Nome que em certos estados do Norte se dá á meda de capim. Ap. Cat. Exp. Nac.

- Tapicurú**, s. m. Palmeira. Rel. Com. Geogr.
Tapicury, s. m. Pernalta cigonideo (*Gerontius cayanensis*).
Tapieira, s. f. Abelha silvestre (*Melipona titania*).
Tapinha, s. f. (pleb.). Fralda de creança. « Esta creança ainda usa *tapinhas* em vez de calças. »
Tapinhoacanga, s. f. Nome vulgar de uma oca roxa.
Tapiranga, s. m. Passarinho canoro do Sul da Bahia.
Tapira yauara, s. m. Mytho da região amazonica. Ap. Moura, ob. cit.
Tapissuá, s. f. Abelha sylvestre trigona.
Tapiú, s. m. Planta da flora amazonica. Ap. Inf. Verde.
Tapiuá, s. f. Nome vulgar de uma formiga no Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.
Tapixinguy, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.
Tapixuá ou **Tapissuá**, s. f. Abelha sylvestre. Ap. Dicc. de Moreira Pinto, Art. *Hatiba*.
Tapororó, s. m. Nome dado no Rio Grande do Sul a um pequeno veado.
Tapucá, s. m. Peixe do littoral cearense. Mem. cit.
Tapucaja, s. m. Pernalta cigonideo (*ciconia maguari*).
Tapucú, s. m. Peixe marinho. C. Marques, ob. cit.
Tapuia, s. f. Ave psittacidea (*Pyrrhura vitata*).
Tapurú, s. m. Arvore euphorbiacea (*Sapium aucuparium*).
Taquará, s. m. Graminea (*Arundinaria verticillata*).
Taquara poca, s. f. Graminea da flora paulista (Bol. de Agricult.).
Taquaratinga, s. f. Grande bambú da flora paulista.
Taquary, s. f. Espingarda de pequeno calibre. « Comprei esta *taquary* de calibre reduzidissimo. »
Taquary, s. m. Graminea (*Arundinaria verticillata*).
Taquary, s. m. Nome vulgar de um cachimbo rustico feito de bambú.
Taquarussú, s. m. Bambú de grande diametro.
Taquiry, s. m. Pernalta (*Nycticorax Gardenii*).
Tara, s. f. Peso de um vagão de estrada de ferro. « A *tara* deste wagão é de tres mil kilos. »
Taraguira, s. m. Reptil saurideo (*Tropidurus torquatus*).
Taraguira, s. f. Peixe fluvial. Cesar Marques, ob. cit.
Tarahão, adj. Implicante, mettidoço. Forma brasileira de *tralhão*.
Taran, s. f. Pernalta (*Gerontius oxycercus*).
Taratufu, s. m. Tuberculo comestível (Bol. de Agricult.).
Tareco, s. m. Biscouto feito de farinha de trigo e ovos.
Tarahira, s. f. Peixe fluvial (*Erythrinus macrodon*). Diz-se indistinctamente tarahira e trahira.
Tarihramboia, s. f. Amphibio da Amazonia (*Lepidosiren paradoxa*). Moura, ob. cit.
Tarrafa, s. f. Barco de pesca portuguez. Ap. Cat. Exp. Nac.
Tarrafeiar, v. i. Verbo empregado pelos vaqueiros cearenses

para designar certo modo de prender os touros no campo. Cf. *Terra de Sol*, p. 53.

Tartaruguinha, s. f. Insecto coleoptero da familia dos gyridios, genero *enhydrus*.

Tartuficamente, adv. De modo tartufico. « O X... procedeu *tartuficamente*, negando a sua amizade com o T... »

Tarumahy, s. m. Arvore rhamnacea (*Rhammidium cleocarpum* Reiss).

Taruman de espinho, s. m. Arvore verbenacea (*Citharexylon barbinerve* Cham.).

Taruman do alagado, s. m. Arvore verbenacea (*Vitex cymosa* Benth.).

Tassuira, s. f. Formiga da Amazonia.

Tatacajuba, s. f. Madeiro de lei.

Tataira, s. f. Abelha silvestre trigona.

Tataparica, s. f. Arvore da flora maranhense.

Tatebuia, s. f. Arvore da flora maranhense.

Tatera, s. f. Passaro trepador (*Chelidoptera tenebrosa*).

Tatú, s. m. Abelha silvestre trigona (*Tatua moris*).

Tatú, s. m. Raça porcina brasileira. « No meu chiqueiro tenho *tatús*, *cariocas*, *canastras* ».

Tatuai, s. m. Gen. de *tatús* (*Xenurus gymnurus*).

Tatú apara, s. m. Gen. de *tatús* (*Dasytus conurus*).

Tatú bola, s. m. Gen. de *tatús* (*Tolypeutes tricinctus*).

Tatú de folha, s. m. Gen. de *tatús* (*Tatusia novemcincta*).

Tatú de rabo molle, s. m. Gen. de *tatús* (*Dasytus cinctus*).

Tatueté, s. m. Gen. de *tatús* (*Tatusia novemcincta*).

Tatú gallinha, s. m. Idem (*São Paulo*).

Tatuhú, s. m. Idem (*Rio Grande do Sul*).

Tatuira, s. f. Pequeno *tatú* (*Dasytus hybridus*).

Tatupeba, s. m. Gen. de *tatús* (*Euphractus setosus*).

Tatupuiú, s. m. Gen. de *tatús* (*Dasytus sexcinctus*).

Taturana, adj. e s. m. Individuo ruivo e albino. « A familia V... é quasi toda *taturana*. Que cabellos vermelhos, que pelle de aços! »

Tatusinho, s. m. Coleoptero da familia dos chrysomelinos (*Pocilaspis*).

Tatuxima, s. m. Pequeno *tatú* (*Xenurus loricatus*).

Tatuyá, s. m. Planta medicinal (*Wilbrandia speciosa*).

Tauató, s. m. Rapineiro falconideo (*Astur pectoralis*).

Tavúa, s. f. Ave psittacideo (*Androglossa festiva*).

Taxy, s. f. Formiga da Amazonia.

Taxy, s. m. Arvore da flora maranhense.

Tayura, s. f. Planta da familia das aroideas.

Tayazú, s. m. Pernalta (*Nycticorax tayaguira*).

Tchá, s. m. Passarinho (*Tachyphonus nigerrimus*).

Tchunia, s. f. Pernalta (*Dicolophus Burmesteirii*).

Téfe-téfe, s. m. (gir.). Designação onomatopáica do automovel. « O *tefe-tefe* cobra-nos dez mil reis por hora. »

Teitei, s. m. Passarinho (*Euphonia violacea*).

Tejubú, s. m. Lagarto do Ceará. Cf. *Terra do Sol*, p. 77.

Tejubina, s. f. Nome dado no Ceará a um pequeno lagarto. Cf. *Terra do Sol*, p. 77.

Tejunhana, s. f. Reptil saurideo (*Teius teyú*).

Tejupim, s. m. Nome vulgar de um lacertílio da fauna cearense. Mem. cit.

Telentosporos, s. m. Parasita das leguminosas.

Telephonema, s. m. Recado transmittido pelo telephone. « Chamei o nosso amigo por meio de um *telephonema*. »

Telescopia, s. f. Pratica do telescopio. « O campo da *telescopia* cresce annualmente. »

Telhado de vidro, s. m. Má reputação ; passado pouco honroso. « F... não teme os calumniadores pois não tem *telhado de vidro*. »

Temapara, s. f. Reptil saurideo (*Polychrus marmoratus*).

Tembé, s. m. Despenhadeiro. « Cavallo e cavalleiro rolarão neste *tembé* indo parar no abysmo. »

Tembetá, s. m. Batoque com que diversos tribus brazileiras perfuram os labios. »

Tembetarú, s. m. Arvore rutacea (*Metrodorea nigra*, St. Hill.).

Tempo quente, s. m. (gir.). Rixa, motim. « Armou-se alli um *tempo quente* de que resultou muita cabeça quebrada. »

Temporalizador, adj. Que temporalisa. « D. Pedro IV foi o temporalizador dos bens monasticos em Portugal. »

Tenedura, s. f. Excremento de animaes selvagens. Cf. Henr. Silva, ob. cit., p. 462.

Tenencia, s. f. Teimosia ; termo cearense. Cf. *Luzia Homem*, p. 430.

Tentadoramente, adv. De modo tentador. « A burra cheia de ouro ficava-lhe a disposição, *tentadoramente*. »

Tentem, s. m. Passarinho (*Tachyphonus surinamus*).

Tentem de estrella, s. m. Passarinho (*Euphonia violacea*).

Tentem do Espirito Santo, s. m. Passarinho (*Leistes guianensis*).

Tentem pium, s. m. Ave caprimulgidea (*Lepangus cinereus*).

Tenteré, s. m. Nome vulgar de uma especie de jacarés do Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Tentos, s. m. Arvore leguminosa (*Abrus precatorius*).

Terahira, s. f. Pequeno lacertílio maranhense. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Terça, s. f. Bebida alcoolica cearense. Cf. *Luzia Homem*, p. 430.

Terço, s. m. Nome que na zona das missões no Rio Grande do Sul se da a um surrão de couro.

Terens, s. m. Cargas, moveis. « Nesta carroça trago todos os meus *terens*. »

Teren-teren, s. m. Pernalta (*Vanellus cristatus*).

Terereca, adj. Taralhão. Individuo que muito se agita e pouco faz. « A actividade do B... é a do *terereca*, inteiramente improductiva. »

Teringoá, s. f. Abelha silvestre.

Terroada (Maranhão) s. f. Caminho através de um pantanal. Ap. A. Bernardino do Lago, « Itinerario ». Revista do Instituto Historico.

Tesoira, s. f. Conjunto de peças de madeira ou metallicas destinado a supportar uma cobertura de edificio.

Tessuda, s. f. Rosario usado pelos malês.

Testa de lâ, s. f. Coleoptero longicornio (*Drocacerus barbatus*).

Tetanicamente, ad. De modo tetanico. « O enfermo contrahia as pernas *tetanicamente*. »

Tetricamente, adv. De modo tetrico. « O bandido me encavava *tetricamente*. »

Teutonismo, s. m. Systema politico que pretende a homogeneidade absoluta das raças germanicas.

Thanatoscopia, s. f. Conjunto de processos destinados á verificar se se deu ou não a morte de um individuo. Ap. Afranio Peixoto, *Medicina legal*.

Thanatoscopico, adj. O que diz respeito á thanatoscopia.

Theatralismo, s. m. Conjunto de effeitos theatraes. « Esta peça é de um *theatralismo* realmente notavel. »

Tiá, s. m. Amuleto dos malês.

Tiambo, s. m. Varied. de canna de assucar (Bol. de Agricult.).

Tiapara, s. f. Peixe fluvial do Parahyba. Ap. Azev. Marques, ob. cit.

Tição, adj. (gir.). Negro. « Aquelle velho *tição* é africano. »

Tico-tico do matto, s. m. Passarinho (*Arremon silens*).

Tico-tico rei, s. m. Passarinho (*Coryphospingus pileatus*).

Tié-gallo, s. m. Passarinho (*Tachyphonus cristatus*).

Tieguassú paroara, s. m. Passarinho (*Paroaria cucullata*).

Tié piranga, s. m. Passarinho (*Rhamphocelus piranga*).

Tié-sangue, s. m. Passarinho (*Ramphocellus brasilia*).

Tié tinga, s. m. Passarinho (*Cessopis major*).

Tigre, s. m. Primeiro annista de curso de medicina (giria de estudantes).

Tijuqueiro, s. m. Pernalta (*Limosa hudsonica*).

Tilbureiro, s. m. Cocheiro ou proprietario de tilburys. « Este *tilbureiro* tem tres tilburys na praça. »

Timbé, s. m. Arvore leguminosa (*Ateleia glazioviana*).

Timboina, s. f. Alcaloide extrahida do timbó.

Timborana, s. f. Arvore (*Machærium macrophyllum*).

Timboril, s. m. Arvore leguminosa (*Enterolobium timbaúva*).

Timbouva, s. f. Arvore rutacea (*Quillaja brasiliensis*, M.).

Timburé, s. m. Peixe fluvial (*Leporinus fasciatus*).

Timutú, s. m. Planta polygalacea (*Polygala ciliginosa*).

Tinchereiro, s. m. Peixe marinho.

Tinguassú, s. m. Passaro trepador (*Piaya macrura*).

Tinhanha, s. f. Nome que no Est. do Rio de Janeiro dão à *barganha*. « Vamos fazer uma *tinhanha* : tu me dás este burro e eu te dou duas vaccas. »

- Tinta do gentio**, s. f. Planta trepadora (*Vites sieyoides*).
- Tintiolim**, s. m. Termo de açougue). Utero de vitella.
- Tinteira**, s. f. Arvore da Amazonia. Con. Bernard. ob. cit.
- Tiom-Tiom**, s. m. Ave caprimulgidea (*Podager nacunda*).
- Tiotê**, s. m. Aportuguezamento de *tuyauté*, tufo. « Esta saia é de *tiotê*. »
- Tipé**, s. m. Planta herbacea solanacea.
- Tipuana**, s. f. Arvore leguminosa papilionacea (*Tipuana spec. Benth.*).
- Tirador**, s. m. operario que nas plantações de cacau na Bahia espreme o fructo do cacaeiro para livrar-lhe a semente. »
- Tirazio**, s. m. Tiro estrepitoso. « O tirazio do bacamarte crivou-o de chumbo dos pés á cabeça. »
- Tiribahy**, s. m. Pequeno periquito (*Pyrrhura leucotis*).
- Tiriry**, s. m. Passaro formicaroidé (*Tyrannus melancholicus*).
- Tiririca**, s. f. Pequeno suideo selvagem da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.
- Tiririca**, s. f. Peixe fluvial (*Leporinus striatus*).
- Tiroteiar**, v. i. Travar tiroteio. « As nossas sentinellas *tiro-teiaram* com as do inimigo. »
- Tisnador**, adj. Que tisna. « Este acto, indelevel *tisnador* de uma reputação impolluta. »
- Titanicamente**, adv. De modo titanico. « Luctou o pobre *titanicamente* mas foi vencido. »
- Tizi'u**, s. m. Nome onomatopaico de um passarinho tambem chamado serra-serra.
- Tiúba**, s. f. Pequena abelha silvestre.
- Toalha de Nossa Senhora**, s. f. Planta orchidacea (*Epistephium sclerophyllum*).
- Tobarana**, s. f. Peixe de rio (*Salminus cuvierii*).
- Toicinho**, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit.
- Toldador**, adj. Que tolda. « Esta nuvem *toldadora* de placidos horizontes. »
- Tomar**, v. intransit. Perder dinheiro. Neste transacção F... tomou a valer. Perde duzentos contos. ». Gir. de bolsa.
- Tomate vermelho**, s. m. Planta solanacea (*Solanum racenigenum*).
- Tombada**, s. f. Quebrada de montanha. Vertente. « As *tombadas* daquella serra são muito ingremes. »
- Tomé**, s. m. Cessação do jogo. *Dar o tomé*; retirar-se do jogo. « G. ganhou duzentos mil reis e logo *deu o tomé* temendo perdilos. »
- Tomelista**, adj. Individuo que apenas realisa algum lucro abandona a roda em que está jogando. « F... é um *tomelista* que com o ganhar cincoenta mil reis pôe se ao fresco. »
- Tomoatá**, s. m. Peixe fluvial (*Callichtys longifilis*).
- Tóna**, s. f. Columbino silvestre do Maranhão. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.
- Tonitruantemente**, adv. De modo tonitruante. « O contendor ameaçava-o *tonitruantemente*. »

Toque-toque, s. m. Marcha acelerada. « O batalhão caminhava num terrível *toque-toque*. Quasi a correr. »

Torce cabelo, s. f. Pequena e inofensiva abelha silvestre trigona.

Tormentosamente, adv. De modo tormentoso. « Aquelles annos passara-os *tormentosamente*. »

Toró, s. m. Designação que nos municipios situados na serra do Mar no Estado de Rio de Janeiro se dá á chuva miuda, á *garóa*.

Toró, s. m. Pequena busina usada pelos aborigenes brasileiros.

Torpedagem, s. f. Acção de torpedar. « Foi a *Gustavo Sampaio* que começou a *torpedagem* do *Aquidaban*. »

Torpedar, v. t. Lançar torpedos. « A *Marcílio Dias* *torpedou* por tres vezes o navio inimigo. »

Torquez, s. f. Coleoptero escarabideo do genero *gymnetis* (*Enema infundibulus*).

Torra, s. f. Designação que nas lavras diamantíferas da Bahia dão aos *carbonatos* de qualidade inferior.

Torresmo, adj. s. m. (fam.). Creança gorda. « Que creanças viçosas estes teus *torresmos*. »

Torrinheiro, s. m. e adj. (gir.). Frequentador de *torrinhas*. « F...é um *torrinheiro* que não perde espetaculo lyrico. »

Torturador, adj. Que tortura. « A custo salvou-se o misero das mãos dos seus algozes, dos seus *torturadores*. »

Torvelinhante, adj. referente a torvelinho. Cf. Coelho Netto, *Sertão*, p. 172.

Tosse de cachorro, s. f. Nome vulgar do espasmo da glotte.

Tourismo, s. m. Amor ás viagens. « O *tourismo* tem-se desenvolvido muito no Brazil. »

Tournesol, s. m. Substancia cuja tintura apresenta uma coloração azul quando alcalina e vermelha quando acida, e muito empregada na analyse chimica.

Tovaca, s. f. Ave formicaróide (*Chamæzosa*).

Tovacussú, s. f. Ave formicaróide (*Grallaria imperator*).

Trabalhador, s. m. Nome que na região das Missões no Rio Grande do Sul se dá ao jumento padreador de eguas. Ap. Velloso, ob. cit.

Traboeiraba, s. f. Planta commelinacea, genero *commelineas*.

Traça, s. f. Borboleta que ataca as colmeias (Bol. de Agric.).

Tracuá, s. m. Planta medicinal.

Tracuá, s. f. Nome que no Maranhão se dá a certa formiga.

Trafegador, adj. Que trafega. « Os trens *trafegadores* desterramal são quatro. »

Tralha, s. f. (fam.). Bagagem, moveis. « A minha *tralha* despachei-a por mar, apenas trouxe duas malas. »

Tralhoto, s. m. Peixe de rio (*Anableps anableps*).

Trambecar, v. i. Tropear (Ceará). Cf. Terra de Sol, p. 35.

Tramoieiro, adj. Individuo que faz tramoias. « Este sujeito, insigne *tramoieiro* eleitoral... »

Tranca, adj. e s. m. Individuo sem caracter. « *O tranca do H...é muito capaz de tal deslealdade.* »

Tranquilizador, adj. Que tranquilisa. « *As noticias tranquilizadoras acerca do enfermo...* »

Transacção, s. m. e adj. (gir.). Meliante. « *O S...é um transacção de quem devemos fugir.* »

Transformista, s. m. Actor que se disfarça rapidamente com numerosos e variados trajos que enverga successivamente. « *Dos transformistas o melhor é o Fregoli.* »

Transitador, adj. Que transita. « *As tropas transitadoras daquelles pantanaes perdem muitos animaes atolados.* »

Transmigratorio, adj. Que transmigra. « *O movimento transmigratorio de slavos para a America do Norte é immenso.* »

Transtornador, adj. Que transtorna. « *Os ultimos successos transtornadores das nossas combinações.* »

Trapincola, adj. (gir.). Caloteiro. « *Este trapincola nunca me pagará estes vinte mil reis.* »

Trapizonga, s. f. Choldra, mixordia. « *Não entendo nada nessa trapizonga, cada vez mais complicada.* »

Traquinagem, s. f. Traquinice. « *A traquinagem deste menino é assustadora.* »

Traquitanda, s. f. Almanjarra. Forma adulterada e geralmente muito usada de *traquitana*.

Trasbordador, adj. Que trasheda. « *No caes os grandes guinchos trasbordadores levavam as saccas de café dos wagões para o porão dos navios.* »

Trastejão, adj. Tratante, grande *traste*. « *Este trastejão deu me um prejuizo de contos e contos.* »

Travejador, adj. Que traveja. « *Acabamos de por as ullimas vigas travejadoras da cobertura.* »

Travessão, s. m. Cerca destinada a proteger as lavouras da invasão dos animaes. »

Trefegamente, adv. De modo trefego. « *O deputado trefegamente se adiantou ao leader do partido.* »

Tregeiteiro, adj. Careteiro. Pessoa que faz tregeitos frequentemente.

Trelente, adj. Implicante, mettediço. « *Que genio insupportavel o de M..., importuno, implicante, trelente!* »

Treler, v. i. Apoquentar, ser mettediço. « *Não estejas a treler commigo que não supporto as tuas observações.* »

Treloso adj. ou trelente. Importuno ; implicante.

Tremedeira, s. f. (fam.). Tremolo. « *Esta senhora cantou a Ave Maria numa tremedeira insupportavel.* »

Treme-treme, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit.

Trepação, s. f. (gir.). Maledicencia, critica malevola. « *As trepações do B...saõ ferinas, perversas.* »

Trepadeira gamelleira, s. f. Planta trepadora da Amazonia.

Trepador, adj. e s. m. (gir.). Individuo maldizente. « *O L...é um trepador que calumnia a todos indistinctamente.* »

Trepa moleque, s. m. Pernalta (*Mycteria americana*).

Trepar, v. i. (gir.). Criticar malevolmente. « F... *trepa* mas não calumnia como S... »

Trenador, adj. Que exercita. « A condelaria Brazil tem como trenador o habil jockey L... » (*Entraîneur*).

Trenagem, s. f. Acto de treinar. « A *trenagem* deste parelhinho é incompleta. »

Trenar, v. i. Exercitar. « Estes *footballers* estão muito mal *trenados*. » Anglicismo corrente no E. de S. Paulo.

Tres marias, s. f. Planta nyctagacea do genero *bougainvillea*.

Tresvariadamente, adv. De modo tresvariado. « F... agiu *tresvariadamente* comprando tão má fazenda. »

Treteiro, adj. Tratante, individuo que faz tretas. « O S... é um *treteiro* capaz de roubos ao proprio pae. »

Trevo d'agua, s. m. Planta herbacea oxalidea (*Oxalis repens*).

Trevosamente, adv. De modo trevoso. « Os horizontes se encobrem *trevosamente* de grandes nuvens prehes de chuva. »

Triangulador, s. m. e adj. Individuo que pratica a operação geodesica da triangulação. « Os *trianguladores* ainda estão a medir a base. »

Triaqueira, s. f. Peixe fluvial (*Carcharias porosus*).

Tribofar, v. i. Fazer combinações deshonestas em relação aos pares de corridas de cavallos. « A egua perdeu porque o jockey *tribofou*. »

Tribofe, s. m. Batota praticada em relação a corridas de cavallos « Na corrida passada houve escandalosos *tribofes* vencendo todos os *bacamartes* aos favoritos. »

Tribofeiro, adj. m. Individuo que faz *tribofes*. O C... é um *tribofeiro* terrivel, subornador de jockeys e de *entraîneurs*. »

Trilheira, s. f. Trilho muito acentuado na matta. Cf. H. Silva, ob. cit., p. 160.

Trimestralidade, s. f. Prestação trimestral. « A *trimestralidade* do seguro de vida é de cem mil reis. »

Trincadura, s. f. Rachadura. « Neste bello vaso ha uma *trincadura* que o fende de alto a baixo. »

Trincaferro, s. m. Passarinho (*Saltator magnus*).

Trincal, s. m. Forma vulgar do *lineal*, nome commum do borato do sodio.

Trincafiador, adj. Que trincafia. « O delegado *trincafiador* dos vagabundos por excellencia é o Dr. X... »

Trinitarista, s. m. Adepto do *trinitarismo*, doutrina heterodoxa do catholicismo.

Trintão, adj. Individuo que já passou dos trinta annos. « O moivo de S... é *trintão* ha muitos annos. »

Trinta reis, s. m. Pequeno palmipede (*Sterna Wilsonii*).

Trintona, adj. Mulher que já attingiu trinta annos. « Tendo nascido em 1880 L... é mais que *trintona*. »

Tripa de gallinha, s. f. Arvore leguminosa (*Dalbergia graciles Benth*).

Triste pia, s. f. Passarinho (*Dolychonyx oryzivorus*).

Triste vida, s. f. Passarinho (*Pitangus sulfuratus*).

Tristeza, s. f. Epizootia dos bovidos também chamada *febre do Texas*.

Tristonhamente, adv. De modo tristonho. « O dia caminhava *tristonhamente*, numa atmosphera baça. »

Troca pernas, s. m. Vagabundo, valdevinos. « O *troca pernas* do S... não quer, de todo, trabalhar. »

Troia, s. f. Grande rede de pescar usada no littoral paulista e sobretudo na ilha de São Sebastião.

Troiar, v. i. Pescar com a *troia*. « Os homens estão *troiando* num cardume de tainhas. »

Troira, s. f. Pequeno lacertilio maranhense. Ap. Frei Prazeres, ob. cit.

Troixa, adj. s. m. (gir). Fraco, molle, que não sabe aproveitar as occasiões. « Perdeste o negocio por teres sido *troixa*. »

Tromba, s. f. Desfiladeiro aberto pelas aguas ; grande erosão.

Trombeiro, s. m. Nome vulgar de certo papagaio em Goyaz. Cf. H. Silva, ob. cit., 180.

Trombeta cheirosa, s. f. Planta solanacea (*Datura arborea*).

Trombetear, v. t. e i. Apregoar *urbi et orbi*. « F... *trombeteia* a tua fama constantemente. »

Trombeteira, s. f. Pernalla (*Gerontius oxycercus*).

Trompista, s. m. Musico que toca trompa.

Troncudo, adj. Individuo attarracado, *grosso*. « F... é *troncudo* e não barrigudo. »

Tropegamente, adv. De modo tropego. « Caminha *tropegamente* o velhinho. »

Tropeiro, s. m. Passaro formicaroiide (*Lipangus cinerarius*).

Trote, s. m. Vaia, caçoada de estudantes veteranos com os calouros.

Troteada, s. f. Caminhada. Ap. Velloso da Silveira, ob. cit.

Troteador, adj. Estudante que *trotêa*. « Dos *troteadores* F... era implacavel. »

Trotear, v. t. Vaia. « De todos os calouros F... foi o mais *troteado*. »

Trubufú, adj. Farroupilha, individuo lapuz. « Com esta roupa velha e desbotada estou verdadeiramente *trubufú*. »

Trucidação, s. f. Acto de trucidar. « Herodes ordenou a *trucidção* geral dos innocentes. »

Truculentamente, adv. De modo truculento. « O bandido *procedeu truculentamente* com os prisioneiros. »

Trunfada, s. f. Almofada de descanso dos remos da jangada. Littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit.

Trypetida, s. f. Mosca fructivora (Bol. de Agricult.).

Tuadeira, adj. Nome dado pelos pescadores bahianos ás baleias que não *bufam* quando perseguidas. Cf. Alves Camara, ob. cit.

Tubixaba, s. m. Cacique ; tyrannete. « O coronel F... é o *tubixaba* da nossa villa. »

Tuajé, s. m. Arvore protacea (*Rhopala brasiliensis*).

Tucanassú, s. m. O maior dos tucanos do Brazil (*Rhamphastus toco*).

Tucanguirá, s. f. Nome vulgar de uma formiga no Maranhão. Ap. Fr. Prazeres, ob. cit.

Tucunahy, s. m. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.

Tucunaré, s. m. Embarcação usada na Amazonia.

Tucujá, s. m. Planta da flora maranhense. Cat. Exp. Nac.

Tucuman, s. m. Kagado da região do Tocantins. Moura, ob. cit.

Tucura, s. f. Nome vulgar de um insecto orthoptero.

Tucuxy, s. m. Cetaceo da Amazonia. Boto (*Delphinus rostratus*).

Tuide-areia, s. m. Ave psittacidea (*Brotoperys chrysosema*).

Tui-etê, s. m. Ave psittacidea (*Psittacula passerina*).

Tuijuba-beraba, s. f. Ave psittacidea (*Brotoperys xanthoptera*).

Tuinim, s. m. Grande pernalta, jaburú (*Mycteria americana*).

Tuipara, s. f. Ave psittacideo (*Brotoperys notata*).

Tui-tirica, s. f. Ave psittacidea (*Psittacula passerina*).

Tuiúva, s. f. Abelha silvestre trigona.

Tuncum, s. m. Giria do oeste de S. Paulo. Dinheiro.

Tungador, adj. Porfiador. « O meu adversario-é um *tungador* incansavel. »

Tungar, v. i. Porfiar. « Estamos a qui numa partida *tungada*, disputada palmo a palmo. »

Tupaipi, s. m. Planta a que tambem se dá o nome de *arucutú*.

Tuparubo, s. m. Planta gencianacea (*Tachia guyanensis*).

Tupy bravo, s. f. Abelha silvestre trigona.

Turanja, s. f. Variedade de laranja (*Citrus decumanus*).

Turahey, s. m. Ave columbina selvagem (*Chamaefolia passerina*).

Turbilhonar, v. i. Remoinhar, Rodar vertiginosamente. Galicismo muito frequentemente empregado. « Os valsistas *turbilhonavam* na sala. »

Turbinação, s. f., ou

Turbinagem, s. f. Operação industrial em que uma substancia é submettida á acção da força centrifuga emapparelhos que fazem milhares de rotações por minuto, chamados *turbinas*.

Turbinar, v. t. Executar a *turbinagem* de uma substancia. « Este assucar agora vai ser *turbinado*. »

Turfista, s. m. Individuo que tem cavallos de corrida ou que se interessa por cousas do *turf*.

Turfman, s. m. Proprietario de cavallos de corrida. « A coudelaria S... pertence a diversos *turfmen*. »

Turi, s. m. Arvore de grande porte (*Licania*).

Turiry, s. m. Gallinaceo tinamideo (*Crypturus pileatus*).

Turra, adj. Teimoso, turrão. « O H... é muito *turra*, de uma teimosia inacreditavel. »

Turucué, s. m. Ave formicaroido (*Synallaxis inornata*).

Turuna, s. m. e adj. Individuo valente, capaz. « O S... é

um *turuna* para o serviço ; trabalha de sol a sol. » Provavelmente adulteração de *toiruno*.

Turusá, s. m. Formiga da Amazonia.

Tururué, s. m. Passaro formicaróide (*Synallaxis ruficapilla*).

Turury, s. m. Gallinaceo (*Crypturus soni*).

Tuvuna, s. f. Abelha silvestre. Dicc de Moreira Pinto ; art. *Hatiba*.

Tuvuninha, s. f. Abelha silvestre (Fonte identica).

Tuyu-mirim, s. f. Abelha silvestre (Fonte identica).

Tzá ou Tié, s. m. Passarinho (*Ramphocelus brasilia*).

Typographo, s. m. Insecto coleoptero (*Bostrichus typographicus*).

U

Uacá, s. m. Arvore sapotacea (*Chrysophyllum ramiflorum*).

Uacára, s. m. Peixe da Amazonia.

Uacarú, s. m. Peixe do Parahyba do Sul. Ap. Azevedo Marques, ob. cit.

Uacataca, s. f. Arvore leguminosa da Amazonia, Ap. C. Bern., ob. cit.

Uaiandi, s. m. Arvore guttifera (*Calophyllum brasiliensis*).

Uaissima ou **guaxima**, s. f. Planta malvacea (*Urena lobata*).

Uambê, s. m. Arvore da Amazonia. Cat. Exp. Nac.

Uapé, s. m. Planta calombacea.

Uapé jaçanan, s. m. Planta nympheacea (*Victoria regia*).

Uaperassú, s. f. Nome que em certas regiões amazonicas dão á *Victoria regia*.

Uapuim guassú, s. m. Arvore da Amazonia.

Uapussá, s. m. Simio (*Callithrix calligata*).

Uaracú, s. m. Peixe da Amazonia.

Uaré-rui, s. m. Passarinho (*Pitangus bellicosus*).

Uacuará, s. m. Peixe fluvial (*Hyostomus plecostomus*).

Uauá, s. m. Designação vulgar do pyrilampo em certas zonas da Bahia.

Uhá, s. f. Graminea (*Gynerium sacchariferum*).

Ubaibeira, s. f. Arvore fructifera. Cesar Marques. Dicc. do Esp. Santo.

Ubarana, s. f. Peixe do littoral cearense. Mem. cit.

Ubarý, s. m. Peixe de rio (*Hemiodus nolatus*).

Ubatim, s. m. Planta herbacea tambem conhecida por milho grosso.

Ubatinga, s. f. Arvore myrtacea (*Eugenia durissima*).

Uberana, s. f. Peixe marinho. Ap. Cesar Marques, ob. cit.

Ubojara, s. m. Reptil lacertilio (*Amphisbeana alba*).

Uchão, s. m. Creado da ucharia. Cf. Eça, *Illustre casa*, 10.

- Ué!** Interjeição de espanto. « *Ué!* já estão cedo de volta! »
- Uerana**, s. f. Planta da Amazonia. Ap. Inf. Verde.
- Uena**, s. f. Peixe fluvial (*Xyphorhamphus falcatus*).
- Uirá-mombucú**, s. m. Passarinho (*Cephalopterus ornatus*).
- Uirá-piana**, s. m. Passaro trepador (*Urogalba paradisea*).
- Uirá-purú**, s. m. Passarinho (*Pipra rubricapilla*).
- Uirá-taimi**, s. m. Passarinho (*Tanagra episcopus*).
- Uirá-tatá**, s. m. Passarinho (*Phœnicocercus carnifex*).
- Uirá-tauá**, s. m. Passarinho (*Gymnomystax melanicterus*).
- Uirá-una**, s. m. Passarinho (*Asphobus chopi*).
- Uiriry**, s. m. Passarinho (*Pipra aureola*).
- Uivada**, s. m. Uivo prolongado e agudo. Sertões, 438.
- Ulcerador**, adj. Que ulcera. « Estas palavras *ulceradoras* do coração... »
- Ultimador**, adj. Que ultima. « A campanha das cordilheiras *ultimadora* da grande guerra do Paraguay. »
- Ultrapassador**, adj. Que ultrapassa. « Taes modos *ultrapassadores* da educação vulgar... »
- Umarirana**, s. f. Arvore rosacea (*Conepia subcordata Benth*).
- Umbê**, s. m. Arbusto trepador.
- Umbirussú**, s. m. Arvore que fornece madeira de lei.
- Umboá**, s. m. Nome vulgar de um annelideo no Ceará. Mem. cit.
- Umburapuama**, s. f. Arbusto tambem conhecido por *manacá do sul*.
- Umiryrana**, s. f. Arvore vochysiacea (*Qualea retusa Spruce*).
- Unanimador**, adj. Que unanima. « O discurso eloquente de X, *unanimador* das diversas opiniões do congresso fez com que o projecto de lei não tivesse um unico oponente. »
- Unany**, s. m. Arvore da Amazonia (*Symphonia globulifera*).
- Unha de gato da praia**, s. f. Arbusto solanaceo (*Solanum ruplor*).
- Unha de gato do sertão**, s. f. Planta leguminosa (*Mimosa unguiscatis*).
- Unha de veado**, s. f. Planta solanacea (*Solanum speciosum*).
- Unhador**, adj. Que unha, arranha. « Não brinques com este gato que é *unhador*. »
- Unicorne**, s. f. Ave gallinacea (*Palamedea cornuta*).
- Uniformizador**, adj. Que uniformisa. « A nova lei *uniformisadora* do ensino secundario em todo o paiz. »
- Untuosamente**, adv. De modo untuoso. « Respondeu-me ella doce e *untuosamente*. »
- Uorassú**, s. f. Palmeira (*Manicaria saccharifera*).
- Upema**, s. f. Arbusto.
- Uracassú**, s. m. Rapineiro falconideo (*Ibycter formosus*).
- Urania**, s. f. Planta musacea (*Ranevala madagascarensis*).
- Urarema**, s. f. Arvore leguminosa (*Andira stipulacea*).
- Urariqueua**, s. f. Planta solanacea (*Capsicum luteum*).
- Urarirana**, s. m. Ave ribeirinha (*Ceryle torquata*).
- Urassú**, s. m. Grande rapineira (*Morphnus harpya*).
- Uray**, s. m. Arvore de cuja casca se extrahе tambem o curare.

Urgidor, adj. Que urge. « As *urgidoras* circunstancias da situação em que se acha obrigam-no a vender a casa. »

Uricury, s. m. Palmeira (*Attalea excelsa*).

Urrar, v. i. (gir.). Ser constrangido a um pagamento. « F... tem de *urrar* com duzentos mil reis. »

Urtiga vermelha, s. f. Urticacea textil (*Urtica baccifera*).

Uruá, s. m. Arvore da flora maranhense.

Urubucuba, s. m. Planta herbacea.

Urubugereo, s. m. Planta herbacea.

Urubugoem, s. m. Planta herbacea.

Urubú paraguá, s. m. Ave psittacidea (*Encinetus vullurinus*).

Urubúperú, s. m. Rapineiro (*Cathartes aura*).

Urubusinho, s. m. Passarinho (*Chelidoptera brasiliensis*).

Urubutinga, s. m. Rapineiro (*Cathartes urubutinga*).

Urucaca, s. f. adj. Mulher feia. « Não sei como pôde E... casarse com tal *urucaca*, que alem de horrenda era pobrissima. »

Urucuba, s. m. Arvore da familia dos myristicaceas.

Urucurana, s. m. Arbusto malvaceo (*Urena sinuata*).

Urucurana, s. m. Planta euphorbiacea (*Hieronyma alchomides*).

Urucurêa, s. f. Pequena coruja (*Noctua cunicularia*).

Uruá, s. m. Mollusco do Tocantins. Ap. Moura, ob. cit.

Uruguayo, adj. e s. m. Natural ou cidadão da republica do Uruguay. « Esta familia é *uruguayo*, de Montevideo. »

Urundeuva, s. f. Arvore anacardiacea (*Myracroanon urundeuva* Fr. All.).

Urupuca, s. f. Designação que no Estado de São Paulo dão á armadilha para passaros chamada no Rio de Janeiro *arapuca*.

Urupuca, s. f. Armação de achas de lenha com que são resguardados as mudas de café em quanto muito tenras.

Uruurú, s. m. Planta bixacea (*Bixa orellana*).

Urutagua, s. f. Ave da fauna paulista. Rel. da Com. geogr.

Urutahy, s. m. Passaro formicaroido (*Gymnocephalus calvus*).

Urutaurana, s. m. Grande rapineiro (*Spizaetus ornatus*).

Urutueira, s. f. Abelha silvestre.

Urutum, s. m. Peixe fluvial.

Ussá, s. m. Crustaceo (*Callinectes Danaï*).

Ussaúna, s. m. Crustaceo (*Edipleura cordata*).

Ussy, s. m. Planta rhamnacea.

Ustulador, adj. Que ustula. « A temperatura *ustuladora* deste precipitado não deve ultrapassar duzentos graus. »

Usufruidor, adj. Que usufrue. « F... é hoje o usufruidor da grande fortuna do primo. »

Usurpadamente, adv. De modo usurpado. Com usurpação. « F... goza *usurpadamente* da casa dos infelizes orphãos. »

Utraquista, s. m. Sectario do utraquismo, heresia dos hus-sitas.

Utuambé, s. m. Arvore meliacea (*Guarea purgans*).

Uva do campo, s. f. Planta herbacea.

Uxi-rana, s. m. Arvore humiriacea (*Sacchoglottys americana*).

Uxú, s. m. Vespideo cuja ferroadada é dolorosissima. Relat. da Com. Geogr. rio Tietê.

V

Vacary, s. m. Peixe fluvial (*Ilypostoma plecostoma*).

Vacca (chul.), s. f. Rameira.

Vaccal, adj. (chul.). Reles, indigno. « Este procedimento é infame, *vaccal!* »

Vacillantemente, adv. De modo vacillante. « Nessa emergência o nosso amigo procedeu vacillantemente. »

Vacú, s. m. Peixe fluvial (*Doras lithogaster*).

Vagagem, s. f. (gir.). Vadiação. « F. ha dous annos que nada faz, numa *vagagem* completa. » Tambem se diz *vagancia*.

Vagem, s. f. Designação de certo mineral de côr amarello pardacenta nas lavras diamantiferas da Bahia. Ap. Almachio Diniz, « Diamante Verde ».

Valete de copas, s. m. (gir.). Individuo presumpçoso e amigo de tratar os mais de alto.

Validador, adj. Que valida. « O voto do Congresso, *validador* das eleições. »

Valsista, s. m. e f. Pessoa que valsa. « Este sala pode conter vinte pares de *valsistas*. »

Vanaquíá, s. m. Ave psittacidea da Amazonia (*Deroptyus accipitrinus*).

Vão, s. m. (Goyaz). Valle. « O *vão* do Paranan é muito fertil e pouco salubre. »

Vapor, s. m. Nome vulgar attribuido no oeste de São Paulo aos motores a vapor. « Minha *machina* é posta em movimento por um *vapor* de dez cavallos. »

Vaporaiti, s. m. Arvore fructifera do Rio Grande do Sul Ap. Velloso, ob. cit.

Vapores, s. m. Planta herbacea a que tambem se dá o nome de vapores de São José.

Vaquejo, s. m. Accão de vaquejar, *costear* o gado.

Vaqueta, s. f. (chul.). Rameira.

Vaqueta, s. f. Arvore da flora maranhense,

Vaquinha, s. f. Coleoptero (*Epicanta atomaria*).

Vara-apiá, s. f. Planta herbacea á que tambem se dá o nome de *grão do gallo de Pará*.

Varação, s. f. Transporte de embarcações por terra. « A *varação* das canoas, do Rio Feio para o Rio Verde é feita por esta estrada. »

Varacú, s. m. Peixe de rio (*Chalceus fasciatus*).

Varador, adj. Atravessador, furador. « Este boi é um terrível *varador* de cercas e vallos. »

Varadouro, s. m. Caminho por onde são arrastadas ou trans-

portadas as embarcações ao longo de trechos innavegáveis de rios ou em caminhos abertos entre dous rios.

Vareiro, s. m. Individuo que impelleo uma canoa á vara. o *zingador* dos mattogrossenses.

Varejista, s. m. Negociante retalhista. Este *varejista* só negocia em vinhos. »

Varejo, s. m. Venda a retalho. « Este vinho só o vendo por *atacado* ; não o ponho no *varejo*. »

Vargedo, s. m. Extensa varzea. « Este *vargedo* tem alqueires e alqueires de superficie. »

Varrição, s. f. Acto de varrer. « Vou ordenar a *varrição* dos cafezaes. »

Vasiudo, adj. Termo pelo qual no interior de São Paulo designam-se os cavalhos magros cujas virilhas estão muito salientes.

Vasquear, s. f. Rarear. Ultimamente tem *vasqueado* por aqui as notas grandes de duzentos e quinhentos mil reis. »

Vasqueiro, adj. Raro (Matto Grosso) Ap. Taunay, « Innocencia. »

Vassatunga, s. f. Arvore da flora paulista (Rel. da Com. Ceogr.)

Vassoura, s. f. Nome que em Goyaz dão a um periquito vulgarmente chamado tuim em São Paulo (*Psittaculi passerina*).

Vassoura, s. m. (chul.). Individuo mulherengo, devasso.

Vassoura vermelha, s. f. Arvore sapindacea (*Dodonea viscosa* L.).

Vassourinha, s. f. Arvore sapindacea (*Dodonia viscosa*).

Vaticanista, s. m. Catholico que obedece fielmente ás inspirações politicas da Santa Sé. Termo depreciativo muito empregado pelos protestantes.

Vavao, s. m. Borborinho, tumulto (?) Ap. Aluzio Azevedo, « O cortiço. »

Vedeta da praia, s. f. Pernalta (*Tringa melanotis*).

Vehiculador, adj. Que vehicula. « Ha aqui um *Decauville vehiculador* de todo o café para a casa de machinas. »

Vela da pureza, s. m. Planta liliacea textil (*Yucca filamentosa*).

Velame do matto, s. m. Planta solanacea (*Solanum cernuum*).

Velame trepador, s. m. Planta convolvulacea (*Ipomea tomentosa*).

Veleiro, adj. Vasio. « Algibeiras *veleiras*. » (Matto Grosso) Ap. Taunay, « Innocencia. »

Velhaqueadoiro, s. m. (pleb.). Virilha. « Tua cinta está arrebentada ; tens a calça cahida sobre o *velhaqueadoiro*. »

Velheira, s. f. Velharia. « Nesta casa tudo é *velheira*. »

Velludinha, s. f. Arvore rubiacea (*Guettarda uruguensis* Cham).

Vemvem, s. m. Passarinho (*Euphonia violacea*).

Vencedoramente, adv. De modo vencedor. « Esta doutrina domina no congresso *vencedoramente*. »

Vento leste, s. m. Peixe marinho.

Ventona da varzea, s. f. Arvore da flora amazonica. Ap. Conego Bernard, ob. cit.

Veranista, s. m. Pessoa que está a veranear. « Petropolis tem actualmente dez mil *veranistas*. »

Verborrheico, adj. Affectado de verborrhéa. « F... é um orador *verborrheico*. »

Verborrhagia, s. f. Verborrheira. « A *verborrhagia* de F... não encerra uma unica ideia. »

Verborrhagicamente, adv. De modo verborrhagico.

Verborrhagico, adj. Affectado de verborrhagia. « Realmente não comprehendendo a tua mania verborrhagica. »

Verde Guignet, s. m. Oxydo de chromo hydratado empregado na pintura tambem com o nome de verde-esmeralda.

Verde Pariz, s. m. Nome vulgar e commercial do acetato de cobre.

Verde de Scheele, s. m. Denominação vulgar de um arsenito de cobre utilizado em pintura.

Verde de Schweinfurth, s. m. Combinação de acetato neutro e de arsenito de cobre muito empregado na industria.

Verdete, s. m. Praga dos milharaes (*Sporisorium maydis*).

Verdureiro, s. m. Vendedor de hortaliças, de *verdura*.

Verga de jaboty, s. f. Arvore *vochysiacea* (*Erysm calcaratam*).

Vergador, adj. Que verga ou faz vergar. « O vento *vergador* de robustos madeiros tomava a violencia de um cyclone. »

Versatilmente, adv. De modo versatil. « Procedo o deputado *versatilmente* defendendo ideias que já combateu. »

Vesgueira, s. f. Designação vulgar de estrabismo. « A *vesgueira* desta creança é curavel. »

Vestea, s. f. Nome que os vaqueiros do Ceará dão á roupa de couro. Cf. *Terra de Sol*, p. 53.

Vestimenta, s. f. Vegetação florestal. « A *vestimenta* opulentissima desta terra mostra quanto é fertil. »

Vexatoriamente, adv. De modo vexatorio. « A cobrança deste imposto é executada *vexatoriamente* para o publico. »

Viageiar, v. i. Corruptela de *viajar*, que tenho visto empregar frequentemente num sentido determinado: o de viajar como caixeiro viajante ou *cometa*. « Que faz o Juca? — *Viageia*. — Por conta de que firma? »

Viajado, adj. Individuo que fez longas viagens. « X. é muito *viajado*, já deu duas vezes a volta ao mundo. »

Vibora, s. f. Reptil saurideo (*Anolis punctatum*).

Viçar, v. i. Conceber (Estados do Norte, ap. Bol. de Agricult.). « Esta vacca *viçou* do touro hollandez. »

Vice-directoria, s. f. Sub-repartição administrativa dependente de uma directoria. « O ministerio do Interior conta diversas *vice-directorias*. »

Victimador, adj. Que victima. « Cessara o cholera *victimador* de milhares de soldados. »

Vida longa, s. f. Arvore myrtacea (*Graphyria*).

Vidro do ar, s. m. Borboleta diurna (*Papilio protesilaus*).

Vigario, s. m. Peixe do littoral bahiano. Cf. Camara, ob. cit., p. 111.

Vigarista, adj. Individuo que illude pessaas incautas por meio do *conto do vigario*. « Não acredites em F... que é um *vigarista*. »

Vigencia, s. f. Estando a viger. « Na *vigencia* das leis actuaes o imposto de transito é de cinco mil reis. »

Vigia, s. f. Nome que no littoral bahiano se dá a um typo de pequena jangada de pesca. Cf. Camara, ob. cit., p. 46.

Villegiaturista, s. m. Individuo que desfructa uma villegiatura. « As praias de banho estão repletas de *villegiaturistas*. »

Vinagre, s. m. Planta hibisceae.

Vinagre, s. m. Variedade de canna de assucar (Ap. Bol. de Agricult.).

Vinagreiro, s. m. Planta herbacea (*Hibiscus sobdariffa*).

Vinagreza, s. f. Sovinice. « S... com sua *vinagreza* vive como um pobretão. »

Vindouramente, adv. De modo vindouro. Em tempos futuros. « Ha de se fazer a obra *vindouramente*. »

Vingadoramente, adv. De modo vingador. « A ideia caminha *vingadoramente*. »

Vinheiro do Campo, s. m. Planta vocchysiacea (*Vocchysia thyrsoidea*).

Vinhoneira, s. f. Determinado cabo empregado para a manobra da baleeira (Sul da Bahia). Cf. Camara, ob. cit.

Vinte e um pintado, s. m. Passarinho (*Coryphospingus cristatus*).

Viola, s. f. Passarinho (*Mimus brasiliensis*).

Viperinamente, adv. De modo viperino. « O nosso inimigo calumniou-nos *viperinamente*. »

Virabosta de chifre, s. m. Coleoptero coprophagideo (*Phanæus minas*).

Virabostão, s. m. Passarinho (*Caphidurus ater*).

Virabosta preto, s. m. Coleoptero coprophagideo (*Canthon prasinus*).

Viração, s. f. Operação que consiste em collocar as tartarugas prisioneiras de pernas para o ar (Amazonia).

Vira-casaca, s. m. Individuo que muda frequentemente de credo politico ; ventoinha. « F... é um *vira-casaca* inveterado. Já por duas ou tres vezes foi e deixou de ser republicano. »

Virador, s. m. Lugar de onde partem os cavallos que disputam um páreo.

Virador, s. m. Apparelho que serve para mudar o sentido da posição das locomotivas.

Vira folhas, s. m. Passaro formicaroides (*Feerurus caudatus*).

Vira mundo, s. m. Apparelho automatico de fustigação outrora applicado contra os escravos.

Vira pedras, s. m. Ave pernaltas (*Strepsilas interpres*).

Virar, v. t. Desviar um rio de seu curso para explorar-lhe o leito que se suppõe diamantifero. Ap. Taunay, « Goyaz em 1875. »

Virarú, s. m. Arvore polygonacea (*Ruprechtia virarú* Griseb).

Vira-tem-mão, s. m. Desordem, reboleço. Ap. Affonso Arianos, « Pelo Sertão ».

Vira-vira, s. m. Passaro canoro tambem chamado graúna, virabosta.

Vira-voltar, v. i. Fazer vira-voltas. « F... cahiu do cavallo e *vira-voltou* duas vezes. »

Virementemente, adv. De modo virente. Florescentemente. « As plantas sob o influxo da primavera florescia*m virementemente*. »

Virgem, s. f. Alavanca do monjolo. « A *virgem* deste monjolo é um toro de cabreuva. »

Virgula, s. f. Borboleta diurna (*Hesperica comma*).

Virussú, s. m. Passaro formicaroiide (*Lipangus virusseii*).

Visada, s. f. Acto de *visar* (*topographia*). « Esta *visada* está incorrecta. »

Visador, adj. Que visa. « Este decreto *visador* dos abusos commettidos naquella repartição. »

Visionariamente, adv. De modo visionario. « O exito deste empreza é encarado *visionariamente* pelo seu fundador. »

Vispora, s. m. Jogo de loto. A forma *vispora* é muito mais usada do que *vispera* indicada pelos dictionarios.

Visporar, v. i. Fazer vispora ou quino. Forma muito mais usada do que o visperar dos dictionarios.

Vista-gorda, s. f. Connivencia tacita. « O inspector da alfandega faz *vistas-gordas* sobre os abusos da repartição e tudo deixa correr á revelia. »

Vistoriador, adj. Que vistoria. « A commissão *vistoriadora* do predio deu hoje parecer. »

Vitularia, adj. s. f. Febre que ataca as vaccas logo após haverem dado cria (*febre de leite*, vulgarmente chamada).

Viuvinha, s. f. Passaro formicaroiide (*Arundinicola leucocephala*).

Vivazmente, adv. De modo vivaz. « Naquelle solo uberrimo o café floresce *vivazmente*. »

Vivificantemente, adv. De modo vivificante. « Entrava no quarto o ar marinho, *vivificantemente*. »

Voapés, s. m. Passe de capoeiragem. Ap. A. Azevedo, « O cortiço. »

Voga, s. f. Peixe marinho.

Voluvelmente, adv. De modo voluvel. « Procede X... *voluvelmente* nesta questão. »

Vomitorio, s. m. (gir.). Interrogatorio longo e minucioso. « O delegado deu aos presos um *vomitorio* interminavel. »

Vorá, s. m. Arvore da flora paulista. H. Pereira, ob. cit.

Voragica, s. f. Modo de descarregar o algodão (Maranhão). Cat. Exp. Nac.

Voraginosamente, adv. De modo voraginoso. « A grande fortuna da familia desapareceu *voraginosamente* no abysmo do crack de 1900. »

Vossoroça, s. f. Desbarrancado produzido por erosão de aguas pluviaes. « As ultimas chuvas encheram a estrada de *vossoroças*. »

Vovô, s. m. Passarinho (*Thryothorus genibarbis*).

Vozão, s. m. (fam.). Voz extensa e bem timbrada. « Esta moça tem um *vozão*, será uma boa cantora. »

Vozeirar, v. i. Vozear. Cf. Coelho Netto, *Sertão*, p. 15.

Vulcanina, s. f. Substancia com base de borracha usada na industria.

Vulgocrata, s. m. Termo depreciativo attribuido aos democratas. « No governo do Chile já se introduziram alguns *vulgocratas*. »

Vulnerador, adj. Que vulnera. « Este documento, vulnerador da dignidade de nosso amigo. »

Vum-vum, s. f. Abelha da Amazonia (*Centris lanipes*).

W

Warrantagem, s. f. Acto de *warrantar*.

Warrantar, v. f. Levantar *warrants* sobre deposito de mercadorias. « *Warrantei* o meu café e vou caucionar os titulos. »

Warrantista, s. m. Portador de *warrants*. « Este *warrantista* tem vinte mil saccas de café que quer negociar. »

Wyandotte, s. f. Raça gallinacea norte americana.

X

Xadrezista, s. m. Jogador de xadrez. « Entre os grandes *xadrezistas* contemporaneos Capa Blanca e Lasker occupam a primeira plana. »

Xenxan, s. m. Nome vulgar de um passaro formicaroide do genero dos *picos*.

Xequear ou **Xecar**, v. t. Dar *xeque* ao rei (Xadrez).

Xereletão, s. m. Peixe marinho do littoral paulista.

Xerelete, s. m. Peixe marinho do littoral paulista.

Xerem, s. m. Dansa popular do Ceará. Cf. *Terra de Sol*, p. 210.

Xergão, s. m. Manta de lá ou algodão que se põe sobre a sella.

Xexeu de bananeira, s. m. Passarinho (*Icterus tibialis*).

Ximango, s. m. Rapineiro falconideo (*Milvago ochrocephalus*).

Ximbica, s. f. Jogo de cartas muito popular em São Paulo.

Ximbó, s. m. Arvore leguminosa (*enterolobium timbaúva*).

Xingatorio, adj. (pleb.). Insultuoso. « Este artigo *xingatorio* do presidente amanhã terá resposta. »

Xisboia, s. m. e adj. (gir.). Individuo voraz, bulfímico. « O R... é um *xisboia* capaz de engulir cinco jantares, » Curioso termo da giria da Escola Militar do Rio de Janeiro.

Xivor, s. m. Cacho de *coccos* desembaraçado do envoltorio (Termo goense).

Xororó, s. m. Ave ribeirinha.

X. P. T. O. London! (Interj. burl.). Optimo! Excelente!
« Esta fazenda é finissima, *X. P. T. O. London!* »

Xurú, s. m. Arvore da Amazonia. Ap. Con. Bernard, ob. cit.

Xury, s. f. Nome que no Rio Grande do Sul dão a uma ave-truz de tamanho medio.

Y

Yachting, s. m. Sport nautico, corridas de yachts. « *O yachting* está para nascer no Brazil. »

Yahoy, s. m. Planta polygalacea (*Monninia polystachya*).

Yandybacaba, s. f. Palmeira (*Ænocarpus distichus*).

Yarauira, s. m. Peixe fluvial (*Doras costatus*).

Yarivá, s. f. Palmeira (*Coccos inajai*).

Yatay guassú, s. m. Palmeira (*Coccos paraguayensis*).

Yatay mirim, s. m. Palmeira (*Coccos campilospatha*).

Yataymy, s. m. Palmeira (*Coccos campilospatha*).

Yatay pindó, s. m. Palmeira (*Coccos Sapida*).

Yatay pony, s. m. Palmeira (*Diplothemum Anisitsii*).

Yauara-tassuhy, s. f. Herva odorifera da Amazonia. Ap. Moura, ob. cit.

Yauira, s. m. Peixe fluvial (*Hypostomus plecostomus*).

Ybirapaye, s. f. Planta herbacea tambem chamada *aguay*.

Ygoga, s. f. Planta nympheacea (*Nymphaea ampla*).

Yicay, s. f. Palmeira (*Diplothemium Anisitsii*).

Yoyoca, s. f. Arvore combretacea (*Caconcia coccinea*).

Yrutahy, s. m., ou mãe da lua. Ave nocturna da Amazonia.

Ytó, s. m. Pequena palmeira.

Yupaty, s. m. Palmeira (*Triartella spruceana*).

Yurumi, s. m. Nome que em certas regiões de Goyaz e Matto Grosso dão ao tamanduá bandeira (*Myrmecophaga jubata*).

Yuruparyhyúa, s. m. Palmeira (*Bactris acanthocarpoides*).

Yulan, s. m. Essencia perfumosa extrahida das flores da magnolia.

Z

Zabucajo, s. m. Arvore (*Licytis grandiflora*).

Zabumar, v. i. Apregar novidades. « O S. vive a *zabumar urbi et orbi* que será nomeado. »

Zabumbeiro, adj. Bisbilhoteiro, indiscreto, apegoador de novidades. « F. é um *zabumbeiro* insupportavel, avido de espalhar toda a sorte de falatorios. »

Zamacueca, s. f. Dança nacional chilena. Tambem se diz *cueca*.

Zambeiro, adj. (gir.). Vagabundo, valdevinos. « O V... é um *zambeiro*, um troca-pernas. »

Zangar, v. i. e t. Desarranjar, estragar. « Foste *zangar* o meu relógio, preciso agora concertalo. »

Zangonagem, s. f. Officio de zangão (agente de negocios). « Na *zangonagem*, ganhou F... cinco contos. »

Zangonar, v. i. Fazer officio de zangão. « S... agora está *zangonando* na praça de Santos. »

Zanzador, adj. Que vive a *zanzar*. « O G... é um *zanzador* que vive a pensar em mil frioleiras. »

Zarabatanada, s. f. Disparo de zarabatana. « Com uma *zarabatanada* o indio matou o papagaio. »

Zarro, adj. Avido, sequioso. « Estou *zarro* por um cigar-rinho; ha seis horas que não fumo. »

Zarzuelista, s. m. Autor de *zarzuelas*. « V... é um *zarzuelista* inspirado. »

Zebedeu, s. m. João ninguem. « O Pai do D... é um *zebedeu*, um illustre desconhecido. »

Zebra, adj. Imbecil. « Esta *zebra* do X... é quasi cretino. »

Zebroide, adj. Imbecil. « Que *zebroide* o C. ! nada comprehendendo do que se lhe diz. »

Zé-caipora, adj. e s. m. Desastrado. « O *zécaipora* do H... acaba mais uma vez de perder uns vinte contos. »

Zeladoria, s. f. Repartição administrativa que tem funcções de fiscalisação.

Ze Pereira, s. m. Prestito carnavalesco aggrupado em tom de um tambor que executa um rufo especial.

Zé prequeté, s. m. Bisborrias, pobre diabo. « Este velho é um *zé prequeté*, um coitado. »

Zoilismo, s. m. Feição de critica que leva a depreciar systematicamente todos os autores. « O *zoilismo* do J... é pura inveja. »

Zolismo, s. m. Escola litteraria naturalista que se molda nos processos de Zola. « O *zolismo* está decadente em França. »

Zolista, s. m. Litterato, naturalista que se filia á escola de Zola. « Em Portugal Eça é o mais notavel dos *zolistas*. »

Zombeteiramente, adv. De modo zombeteiro. « Respondeu-lhe o rapazito *zombeteiramente*. »

Zonzear, v. i. Entontecer. « Com a cacetada o homem *zonzeou* e cahiu. »

Zuraco, adj. Usurario. « Este *zuraco* empresta dinheiro a vinte por cento ao anno. »

Zureta, adj. Imbecil. « E' um *zureta*, um pacovio este rapaz. »

Zurzidor, adj. Que zurze. « Nos seus sermões *zurzidores* dos vicios da epoca o padre X... esteve tremendo. »

O IDOLO ANTHROPOMORPHO DE IGUAPE
SUA RELAÇÃO COM OS
SAMBAQUIS E A PREHISTORIA BRAZILEIRA

PELO

Snr. RICARDO KRONE
Socio correspondente do Instituto

O IDOLO ANTHROPOMORPHO DE IGUAPE ⁽¹⁾

A singular figura de pedra, descoberta no Sul do Estado de São Paulo e reconhecida como idolo anthropomorpho, tem uma alta importancia para a archeologia brasileira e parece destinada a muito auxiliar a desvendar o grande mysterio da origem dos primitivos habitantes das nossas paragens.

Já dei noticia do precioso achado e sua reproducção graphica nas minhas « Informações Ethnographicas do Valle do Rio Ribeira » (2), apresentadas em tempo ao Primeiro Congresso Geographico Brasileiro, onde prometti voltar ao assumpto, depois de inspecionar pessoalmente o logar de onde foi tirado. Cumprindo agora com esta promessa devo declarar, que das investigações ha pouco effectuadas, unicamente resultou saber-se, que em direcção SW e a um kilometro distante do respectivo logar, que é no vargado entre o Rio das Pedras e o Rio Comprido, se acha o Sambaqui do Morro Grande; e, pesquisas realisadas neste casqueiro provam ser elle relativamente moderno, o que, aliás, já se podia prever pela sua posição topographica.

Quanto á procedencia deste idolo, deve ser ella a mesma dos artefactos zoomorphos e ornithomorphos, aos quaes se assemelha, não só pelo feito artistico e o alto cuidado do acabamento, como pela natureza do material empregado. Cabe-lhe tambem, ao meu ver, o que eu já disse no alludido trabalho anterior (p. 29) a respeito dos zoolithos :

« Em differentes casqueiros tenho observado a occurrencia frequentissima de estilhaços, lascas de pedra e de pontas de flecha e machados, principiados e rejeitados por qualquer defeito; evidentemente são estes os logares onde os aborigenes fabricavam as suas armas. Como explicar que nunca

(1) Communicação ao 2º Congresso Brasileiro de Geographia reunido em São Paulo em 1910.

(2) Exploração do Rio Ribeira de Iguape Comissão Geographica e Geologica de São Paulo, 1908.

tenha encontrado nesses logares de fabrico um artefacto zoomorpho principiado ou arruinado? — E' porque os sambaquieiros não os fazião! — Como estes objectos de verdadeira arte vieram então parar nas mãos d'elles? E' porque os herdaram dos seus antepassados, que tinham maior habilitade e possuíam uma cultura, que os sambaquieiros, em viagens de duração de seculos, perderam. Creio serem objectos do culto. »

Para elucidar esta questão, procedendo a estudos comparativos deante de objectos de fórmias semelhantes em collecções ethnographico-archeologicas, feitas em outros paizes, escreve o erudito Prof. Dr. H. von Ihering (1): « em Buenos Aires, em varias collecções publicas, vi almofarizes em forma de aves voando, isto é ornithomorphos, bem semelhantes aos dos sambaquis. Eis pela primeira vez achados archeologicos, que admittem, ou antes provocam uma comparação da cultura dos sambaquis com outra, que é a dos Calchaquis. »

Tambem o illustrado Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, na sua « Historia de São Paulo » presta a devida attenção a este assumpto e relata que no Perú, de onde procedia, em parte, a cultura calchaqui, foram encontradas estatuetas e cabeças de homem de pedra, bem semelhantes ao idolo de Iguape. No mesmo estudo se acham tambem historiadadas as particularidades da descoberta do idolo e sua descripção geral.

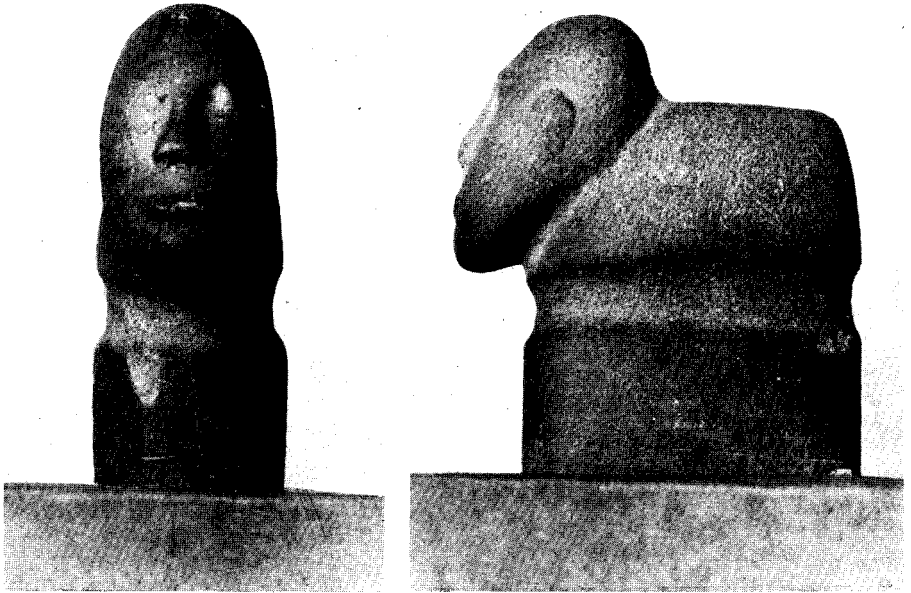
Uma vez reconhecida a possibilidade de uma comparação dos zoolithos dos sambaquis com artefactos de origem calchaquiana, impõe-se-nos, immediatamente, a supposição de uma emigração d'aquelle povo andino para as nossas plagas; e, indagaremos, qual terá sido a causa que levou todo um povo a abandonar a sua patria, qual a mola secreta que lheguiou os passos, e em que epoca do immensuravel espaço da nossa prehistoria pode ter tido logar uma migração tão importante.

Conhecemos ser os Calchaquis do tempo da conquista um povo guerreiro por excellencia, que porem estava, ha seculos, em dependencia da poderosa nação dos Incas e devemos, julgar que a reconhecida tolerancia, usada pelas Incas em suas façanhas bellicosas, para com os povos submettidos ao seu jugo, tinha talvez o fim especial de evitar uma emigração, porque assim cobrariam com facilidade os seus tributos, enquanto de nada lhes serviriam terras longinquas despovoadas. Por isto, certamente, não foi o choque que os Calchaquis em tempo remoto tiveram com os Incas, que causou a sua emigração.

Informa-nos o Dr. von Ihering (2) que pelas observações do « Fr. P. Moreno » deve suppor-se ter existido já antes dos Calchaquis uma cultura superior, que presumivelmente pertencia a outro povo expulso pelos Calchaquis. — Abi temos

(1) *Revista do Museu Paulista*, v. VII, pag. 246 (1904).

(2) *Revista do Museu Paulista*, vol. I, pag. 139 (1895).



IDOLO ANTHROPOMORPHO

talvez uma pista valiosa e futuras pesquisas argentinas podem muito bem trazer mais luz a este respeito. As conchas do Oceano Pacifico, encontradas em urnas funerarias calchaquis, indicam, quiçá, a procedencia dos Calchaquis de hoje, representando o povo rechaçado os avoengos dos Sambaquieiros.

Ainda em favor desta indicação acresce a circumstancia do povo dos sambaquis não ter sabido fazer louça de barro. habilidade que um povo não perde, visto ainda hoje ser uso de muitos aborígenes do Brazil abandonar a sua louça em occasião de mudanças e substituil-a depois por nova.

Sabemos que o principal culto dos povos da região andina da Argentina tinha por objecto o Sol e por isso não nos deve surprehender, que foi contra o nascente, que, em qualquer tempo remotissimo, se dirigiram lotes d'aquelles indios, expulsos do seu paiz, em procura de terras onde estivessem socegados.

Provavelmente seguiram-se muitas gerações durante esta migração e quando, depois de numerosos seculos, o Oceano Atlantico impoz um paradeiro a este movimento, após um percurso de mais de 1500 kilometros, já se tinha modificado a indole e provavelmente tambem o aspecto geral d'estes aborígenes, que de sessis que eram, se tornaram nomadas.

Certamente passaram de pae para filho os preceitos da sua primitiva religião; e, cautelosamente, procuraram guardar os idolos e outros objectos cultuaes, trazidos da sua patria. As armas, sendo objectos de uso diario, foram gastas e finalmente inutilisadas, mas substituidas por outras feitas de novo, mais ou menos pelos antigos modelos, porém cada vez menos bem acabadas, até que, para uma ponta de flecha se serviram de uma simples lasca de pedra, ou mal acabaram um corte de machado, contentando-se em dar-lhe um gume, sem tratar de alisar o resto. São estas as armas encontradas nos primitivos sambaquis (Est. nº 4), distantes dezenas de kilometros da costa actual, e no fundo de um destes sambaquis tive a fortuna de achar um ornitholito (Est. nº 3) de feitio primoroso.

Aquelle grande espaço de tempo que abrange a « migração » dos indios errantes, expulsos do paiz da sua origem, até sua chegada á costa oriental do continente, deve ser considerado um dos periodos prehistoricos, em referencia aos indios do littoral do Brazil meridional, e futuras descobertas archeologicas no interior do nosso paiz, acharão assim uma satisfactoria explicação.

Para evitar deducções erroneas, torna-se necessario tomar em conta a grande antiquidade dos primeiros sambaquis.

Já nas minhas « Informações Ethnographicas » affirmo que o inicio da formação dos casqueiros deve ter tido logar na epoca pleistocena, porque a posição dos primitivos samba-

quis indica uma antiga linha da costa marinha (1) e todo o espaço comprehendido dentro da grande curva por elles demarcada, era uma larga bahia, cuja superficie passava de mil e duzentos kilometros quadrados (Est. n.º 3).

Esta bahia encheu-se depois, durante o tempo quaternario, por detritos trazidos pelo Rio Ribeira e, á medida que a linha da costa avançava, em seguimento á lenta consolidação do terreno, eram os indios forçados a abandonar os seus sambaquis, por falta de viveres na vizinhança e estabelecer-se successivamente de novo, ate a costa adquirir mais ou menos a sua forma actual. O facto de augmentar os casqueiros na proximidade da costa, tanto em numero como em volume, se acha detalhadamente explicado nas « Informações. »

Observando a differença que existe entre os objectos encontrados nos antigos e nos modernos sambaquis, notamos uma sensivel modificação de aperfeiçoamento, mostrando armas e utensilios de procedencia mais recente, crescido gosto de formas e maior dedicação no seu acabamento. Resulta d'ahi a conclusão que os aborigenes andinos, embrutecidos durante a longa migração, se tornaram novamente um povo sessil nos sambaquis.

O vastissimo espaço de tempo, que abrange a solidificação da bahia da Ribeira e com ella a construcção dos *sambaquis*, representa um segundo periodo prehistorico local.

Procurando reconstruir o seguimento chronologico dos acontecimentos prehistoricos na região do littoral, devemos prestar attenção ao achado dos primeiros estilhaços de louça grosseira, descobertos na camada superior de alguns dos modernos sambaquis, assim como no encontro de dois esqueletos entrelaçados, achados no cume do « Casqueiro Grande » do Boguassú.

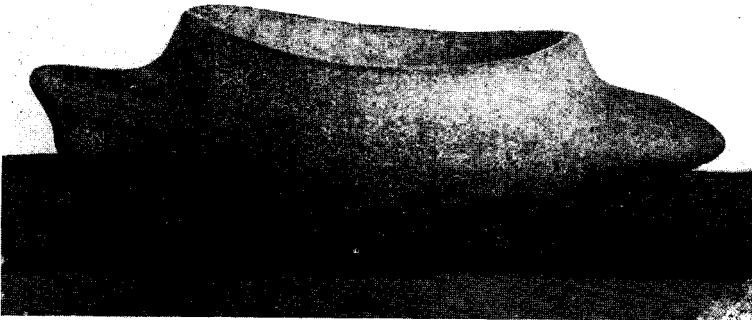
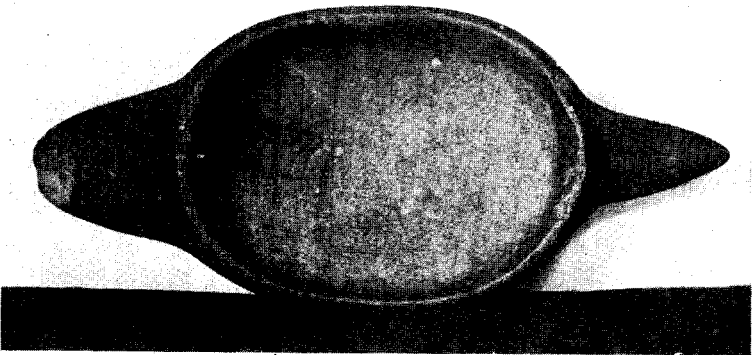
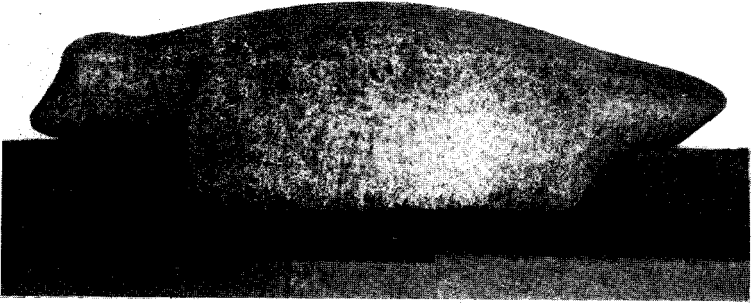
Se, como parece, o povo que supplantou na costa a raça sambaquicira, sabia fazer louça de barro, não era elle conchyliophago, visto não existir um casqueiro, que tivesse cacos de louça promiscuamente no seu conteúdo.

Quem eram estes indios, de onde vinham; ainda não sabemos. Só conhecemos d'elles urnas funerarias, feitas por enroscamento e munidas de tampa grande.

Fóra destas urnas, de feitio o mais rustico possivel, encontramos mais dois typos distinctos, que revelam, da parte dos seus fabricantes, maior pericia na arte ceramica, mas a exiguidade das ossadas n'ellas encontradas, ainda não autorisa a formar uma opinião decisiva; — se cada typo representa a passagem de um outro povo, ou se os primitivos oleiros da costa, com o tempo, por iniciativa propria ou por espirito de imitação de costumes alheios, progrediram n'esta arte, a ponto de produzir vasilhas de formas um pouco mais esthe-

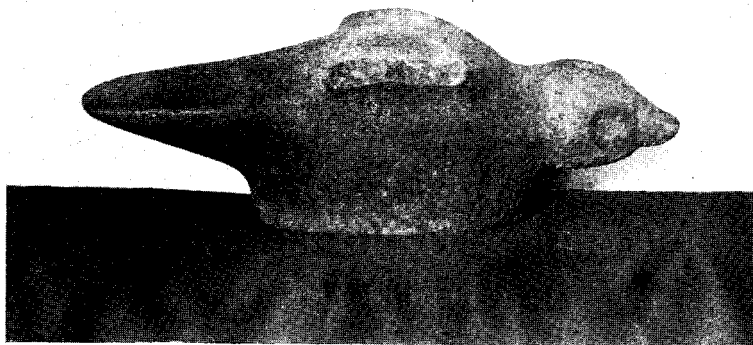
(1) « Contribuições para a Ethnologia Paulista » (*mhi*). *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, vol. VII, 1902.

Estampa n. II



ARTEFACTOS ORNITHOMORPHOS

DOS SAMBAQUIS DE SÃO PAULO



ARTEFACTOS ORNITHOMORPHOS

DOS SAMBAQUIS DE SÃO PAULO

licas, para não dizer artisticas, porque as encontradas ainda não mostram a menor ornamentação. Mas seja como fôr, para taes substituições ou mesmo para um desenvolvimento material desta ordem, era necessaria a passagem de um lapso de tempo grande e só depois de mais este terceiro periodo, que se caracteriza pela occupação de urnas *funerarius* é que apparecem os Carijós na costa de São Paulo.

O erudito Dr Gomes Ribeiro disse: « Os Carijós, Guaranys de origem, habitantes da zona na epoca da conquista procederam em tempos remotos, dos territorios do Paraguay e da Argentina actual, e é provavel, senão certo, que d'ahi trouxessem artefactos calchaquis, como machados de cobre, chapas de ouro e o singular idolo de pedra de que nos occupamos. »

O mesmo presume tambem, que podia ser divulgadora da cultura peruana, ou calchaqui, a expedição de Aleixo Garcia ao Perú, authenticada pelo testemunho de Cabeza de Vacca e de Ruy Dias de Gusman.

Não ponho duvida n'isto em quanto aos machados de cobre, porque o unico, descoberto na nossa região, foi achado em um barranco do Rio Ribeira no lugar denominado « Primeira Ilha », isto é, perto da cidade de Xiririca, e fora da zona dos sambaquis; porem para os zoolithos, até agora encontrados em São Paulo, as seguintes informações induzirão á convicção, que existe entre elles e os sambaquis uma relação reciproca:

O 1º morteiro por mim encontrado, tem a forma de uma canôa e foi achado no « Sambaqui do Cambicho » no Rio de Una da Aldeia. Existe actualmente no Museu de Dresden na Saxonia.

O 2º, em fôrma de tartaruga, achei-o proximo ao « Sambaqui do Rocio », perto de Iguape e está no Museu de Vienna d'Austria.

O 3º, em fôrma de passaro de azas abertas, é o N° 3 das estampas, foi encontrado por mim nas camadas inferiores do « Sambaqui do Pinheiro » do Rio Cordeiro.

O 4º, em forma de passaro de azas fechadas, é o N° 2 das estampas, foi encontrado poucos metros distante do « Sambaqui do Saripóca », no Rio Pariquera-mirim, na occasião de fazer-se uma excavação para fincar um dos esteios de uma casa.

Finalmente, o nosso idolo *anthropomorpha*, foi achado distante um kilometro do « Sambaqui do Morro Grande » e em uma região riquissima em casqueiros de todos os tamanhos.

Facilmente podia ter-se extraviado um machado de cobre que a equipagem de algum bandeirante trouxesse das regiões andinas, porém, o caso do ornitholitho N° 3, em combinação com as conclusões que resultam de um estudo cuidadoso dos sambaquis, permite fixar uma opinião certa e segura sobre a procedencia dos zoolithos e sua origem ultra remota.

Reconhecida a contemporaneidade dos zoolithos com o idolo, somos induzidos a formar por elle uma idéa da forma cephalica dos seus autores, isto é, do povo andino-os antepassados dos iniciadores dos nossos sambaquis. Debaixo deste ponto de vista notamos na nossa figura uma microcephalia excessiva, que nem de uma deformação artificial poderia resultar e, por conseguinte, não podemos aceitar o « totum » como expressão fiel de um ser humano.

Alguem dirá que os craneos dos sambaquis não se assemelham de fórma alguma ás feições do idolo; a isto opponho o facto de não conhecermos ainda um só craneo proveniente dos primitivos sambaquis. Ha entretanto um entre os craneos colleccionados por mim nos sambaquis mais modernos, designado pelo Nº 8, cujo prognatismo facial excessivo corresponde approximadamente á forma alongada do rosto do idolo.

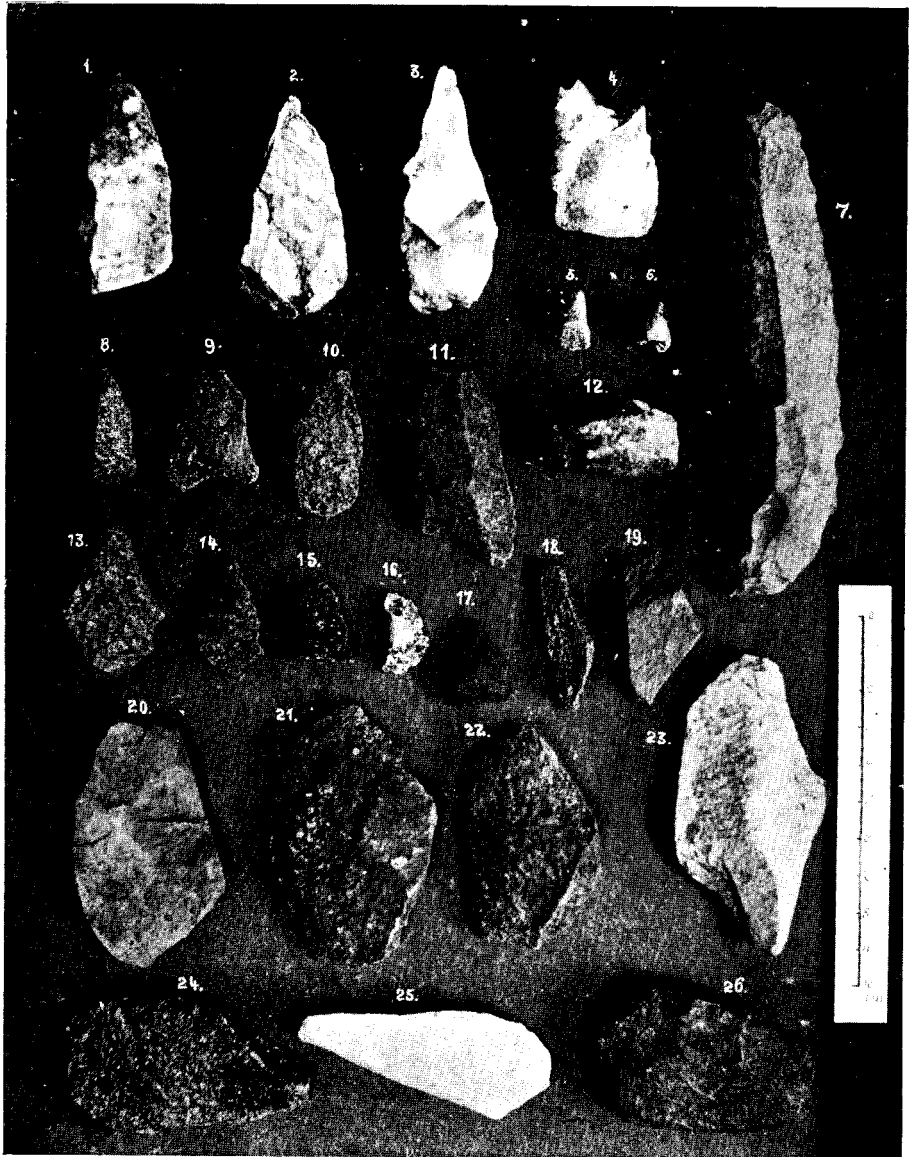
Vi series de craneos trazidos pelo Dr. Affonso Stübel dos cemiterios de Ancon, no Perú, e que, tendo soffrido deformação artificial, dão um aspecto que se approxima ao da nossa figura, mas sou de opinião que, assim como os indios errantes, chegados á costa do Atlantico, embrutecidos a ponto de relaxar o feitio das suas armas e de nem mais cogitar em construir edificações duradouras, como usavam os seus avoengos, tambem podiam perfeitamente ter abandonado um primitivo costume de deformar as cabeças da sua prole.

Quão grande deve ter sido a modificação que durante a sua migração soffreu o physico d'este povo, devemos tambem conhecer na circumstancia seguinte: Tive oportunidade de examinar grande numero de craneos de sambaquis e achei que a forma facial d'elles surprehende por sua pronunciada differença individual. Indubitavelmente não podia effectuar-se esta mescla de formas durante o periodo do desenvolvimento dos sambaquis, representando elle um estado de relativa sensibilidade dos respectivos aborigenes, mas certamente teve ella sua origem durante o periodo da migração. Frequentemente, os indios errantes se viram na obrigação de pelejar, prendendo mulheres e filhos dos vencidos, como era costume dos povos primitivos, e assim passaram elementos *estranhos* para a sua raça original.

Das investigações effectuadas na vasta zona da foz do Rio Ribeira e nos numerosos sambaquis por ella espalhados, resulta uma base segura para julgarmos a idade do homem nessa região e ainda mais a sua origem. Ao homem pleistoceno da Lagoa Santa em Minas ajunta-se o da mesma epoca da Ribeira em São Paulo.

Ainda não podemos julgar tão francamente sobre o physico deste ultimo, como o podemos fazer a respeito do primeiro, do qual conhecemos um limitado numero de craneos; porem, para recompensar esta falta, conhecemos do nosso conchylitho particularidades culturaes, que nos revelaram sua

Estampa n. IV

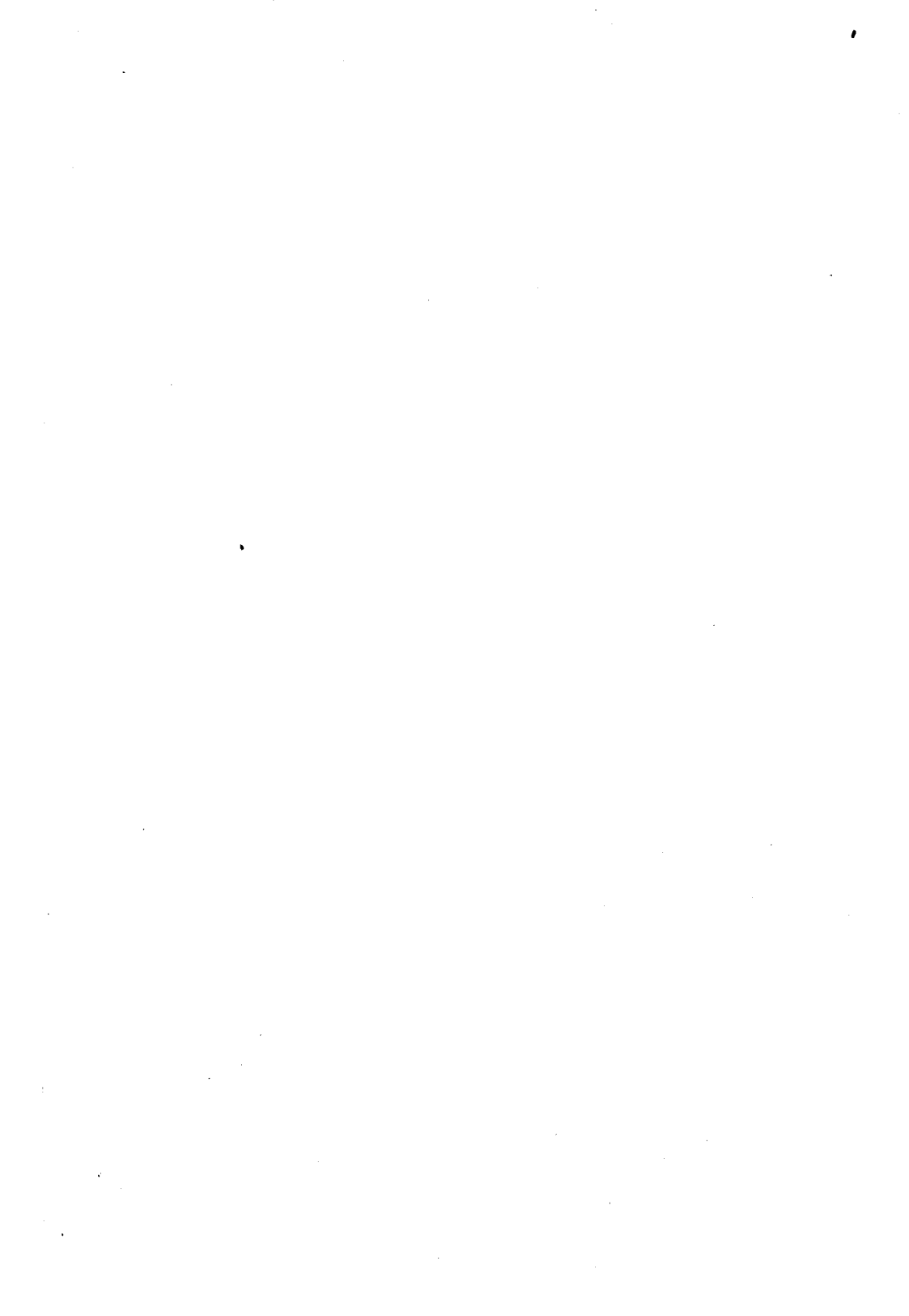


Artefactos de Sambaquis antigos. Ribeira de Iguape

procedencia, a qual dos outros é ignorada. Podemos tambem concluir pela já assignalada mescla de formas faciaes dos craneos dos sambaqueiros mais recentes, que as terras atravessadas pelos seus avoengos na migração, que precedia ao inicio dos sambaquis, se achavam povoadas e não faltará, que futuras pesquisas nas cavernas-calcareas de Iporanga nos façam conhecer ainda o homem plioceno, talvez autochtono destas paragens.

Iguape, Agosto de 1910.

RICARDO KRONE.



UM DEPOIMENTO SOBRE

o

SETE DE ABRIL

PELO

DR. JERONYMO DE A. FIGUEIRA DE MELLO

Socio correspondente do Instituto

Muito interessante se me afigura o documento que traduzi e tenho a honra de offerecer ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo. E' uma carta do ministro austriaco no Rio de Janeiro Barão de Daiser ao Barão de Neumann, em Londres, que encontrei no archivo do Ministerio dos Estrangeiros em Vienna, datada de 26 de abril 1831, e do Rio de Janeiro.

Dá-nos este depoimento do diplomata austriaco novas impressões, muito ineditas, curiosas e, francamente, muito deprimentes, sobre o estado do espirito do imperadore abdicante. Quero crer que a minha pequena contribuição offereça valioso subsidio para o estudo do 7 de Abril e nesta ordem de ideias apresento-o á digna commissão de redacção da *Revista* muito embora do documento resalte verdadeira paixão, a forte antipathia do ministro ao monarcha provavelmente nascida do conhecimento dos dissabores e infelicidade conjugaes, que tanto amarguraram os ultimos annos da Imperatriz Dona Leopoldina, e a que com prazer allude, enxergando na deposição de D. Pedro I o castigo da infidelidade e brutalidade para com a esposa.

Jeronymo de A. Figueira de Mello,
Vienna d'Austria, fevereiro de 1913.

UM DEPOIMENTO SOBRE

O

SETE DE ABRIL

« Meu caro Barão. — Succedeu, o que eu lhe tinha dito antes de aqui chegar. Não podia acabar de outro modo ; as cousas se encaminhavam para este fim, ha dez annos, e nada se fez em todo este intervallo para dar-lhes outra direcção. Não foram os bons conselhos que faltaram ; deram-lh'os de todas as côres ; elle não soube distinguir o bom do máo ; algumas vezes amalgamou-os e pôde dizer-se que elle, e unicamente elle, é a causa da sua desgraça, da de sua familia e a do paiz, cujos destinos lhe foram confiados.

Que papel teria podido representar, com um pouco de prudencia, sagacidade, boa fé e força character ? De que maneira miseravel deixou, abandonou o theatro no qual só mostrou ao publico sua incapacidade de nelle continuar a apparecer ! E' dever amar, respeitar, adorar um soberano bom, ajuizado e justo como o nosso ; é o maior beneficio da Providencia para um povo ; foi Ella singularmente generosa para nós, concedendo-nos uma dynastia destas, a qual nos fez resvalar tão felizmente através dos perigos do passado, que nos preserva da gangrena do momento e nos prepara um futuro de que espero os meus compatriotas serão dignos pela obediencia, fidelidade e profundo reconhecimento.

Mas, quando se trata de um homem como D. Pedro, é-me impossivel conter-me em certos limites, que tanto quizera observar para com uma cabeça coroada.

Os defensores, se os ha, dirão que a culpa não é delle ; é em parte falta de educação, são os maus conselhos, foi trahido. Ha, sem duvida, algo de verdade em tudo isto, mas não deixa por isso de ser o proprio promotor de seu infortunio ; a educação pôde melhorar o individuo ; a falta de educação deixa-o tal qual é ; não ha soberano que não precise de conselhos, porque não pôde tudo ver, tudo ouvir por si ; a arte consiste no discernimento entre os bons e os máos conselhos e na boa vontade de seguir os que se julgam melhores. D. Pedro tinha

uma singular predilecção pelos máos e gostava de zombar dos bons ; se por acaso acreditava um, podia-se ficar certo de que meditava já o meio de paralyzar-lhe a execução, — nossa correspondencia ahí está ; atesta a cada passo o que eu digo.

Foi trahido, eis a grande palavra com que procura explicar os ultimos oitos dias ou o ultimo mez do seu reinado. Mas seu reinado compõe-se de annos e o ultimo mez é apenas o consecrario dos precedentes. Foi abandonado antes que trahido ; ha alguns annos já a maioria da nação fôra induzida a separar-se d'elle ; declararam-n-o abertamente ; o Governo não tomou nem uma medida para refrear estes conspiradores de portas abertas ; se um ou outro magistrado tomava a si reprimir o excesso de um jornalista ou alguma desordem patriótica, só conseguia attrahir a vingança dos revolucionarios ; muitas vezes houve sacrificados á liberal mania de D. Pedro, o qual abandonava seus fieis para correr atraz de uma popularidade enganosa.

No fim havia muito mais medo d'elle, da versatilidade do seu character, de sua falta total de principios e energia constante, que dos revolucionarios, que diziam francamente o que queriam e marchavam para o seu fim com systema e consequencia ; todas estas idéas de liberalismo, de independencia brasileira, de americanismo e soberania do povo, de odio contra os Portuguezes, de systema recolonizador, foi elle que lançou o germen em todas as suas proclamações, decretos e seus discursos ; fiquei amedrontado, percorrendo uma obra publicada ha alguns mezes, com a collecção das leis, decretos, proclamações desde 1821, e nella achando estabelecidos pelo ex-imperador os mesmos principios, os mesmos pensamentos e até as mesmas explosões que tanto me enojaram nos jornaes mais desenfreados, os quaes, tomando como base os principios pelo proprio monarcha proclamados em tempo, accusavam-n-o em altos brados de tel-os enganado e de os trahir.

Quanto a isto, sem razão : D. Pedro nunca teve bastante força moral para conceber um golpe de Estado, para assumir toda a responsabilidade do Governo, como dever sagrado de soberano, que toma por guia sua consciencia, de que responde só diante de Deus.

Mais, entrincheirado por traz de sua inviolabilidade, decretada por sua Constituição, comprazia-se em fazer intrigas, em pôr travas á marcha do Governo, em mudar de Ministerios como de camisas, em associar-se por vezes ás suas malversações, em abandonal-os algumas vezes a seus inimigos, no intuito de se lavar e tornar-se popular, conhecido de que em um Estado constitucional nada no fundo é inviolavel e todo juramento é condicional. E' assim que, pouco a pouco, vio-se abandonado e nos ultimos momentos fugiram de sua casa, indo uns, em direitura todos, juntar-se ao povo, retirando-se os mais timidos para o interior de suas residencias,

para poder provar a tempo e a hora o *alibi* de S. Christovão. Nunca vi, numa crise em que se tratava de uma corôa, repartir-se tão igualmente o medo como na que precedeu a abdicação de D. Pedro : enquanto tremiam em S. Christovão, na cidade os fautores da bernarda arrumavam suas malas ; a covardia prevaleceu na Quinta e a corôa perdeu-se.

E' verdade que perdida estaria em qualquer caso, porque D. Pedro, continuando sempre o mesmo, teria sido deposto em todo o caso, um pouco mais tarde, é verdade, mas infalivelmente. Comtudo houvera mais honra em perder a partida do que dal-a por perdida.

Desde sua chegada, a bordo do *Warspite*, perdeu ainda o pouco prestigio que até então o rodeara ; não ha official subalterno da equipagem que não se tenha indignado com o seu proceder. Unicamente occupado com os interesses particulares, que não são talvez tão brilhantes como se poderia crelo, mas de certo infinitamente melhores do que elle diz, prestou menos attenção a seus papeis : asseguram-me que deixou muitos em S. Christovão que podiam comprometter bastantes pessoas.

Quando Rio Pardo, antigo Ministro da Guerra e seu ajudante de campo general, que se mantivera fiel até o ultimo momento, e teve de fugir porque sua vida corria perigo, chegou a bordo, D. Pedro soltou grandes gargalhadas zombando do fugitivo.

Paranaguá, antigo Ministro da Marinha, tendo de se esconder pelo mesmo motivo, apresentou-se a bordo e poz-se ehe á disposição. D. Pedro disse-lhe que delle se não podia encarregar, que já trazia muita gente ás costas. Respondeu-lhe o outro que neste caso só lhe restava tornar a Portugal, onde tinha direito a uma pequena aposentadoria como professor. Disse-lhe o ex-imperador : « Espero que não irá para Portugal antes de minha filha estar estabelecida no throno ; prohibo-lho. » « Mas, meu senhor, que quer que eu faça ? Não tenho fortuna, só tinha meu subsidio. » « Faça o que quizer, não é de minha conta ; porque não roubou como o Barbacena ? Estaria bem agora. »

A Imperatriz, jantando a bordo da fragata franceza, tinha pedido a D. Pedro algum auxilio para alguém dos seus. Disse elle bastante alto para os assistentes poderem ouvil-o : « Não ! é impossivel ! não posso fazer nada ; em geral nosso casamento só me tem custado muito dinheiro ; e é tudo quanto delle tenho lido até agora. »

Enfim parto e só sinto que seja para a Europa ; já tendes ahi muitos embaraços e não será elle quem vá diminuil-os. Deus sabe que projectos formará durante a longa travessia. A Imperatriz está grávida ; elle proprio annunciou-o aos almirantes e a varios officiaes ; fazendo o calculo pelos dedos achou que a gravidez devia ser de seis semanas. Lastimo esta pobre Princeza. Terá que soffrer muito de quejando caracter e mais de uma desfeita a aguentar. Foi bem boa,

bem meiga em todas estas circumstancias, e creio que teria preferido ver um pouco mais de coragem e firmeza.

Previno-lhe que D. Pedro tomou comsigo, na qualidade de secretario particular, um Portuguez, redactor do jornal *O Moderador*, especie de *Quotidiennes*. O ex-Imperador leva a idéa de escrever as memorias ou, para melhor dizer, a historia do seu reinado e os motivos da sua abdicção. Será um bonito gallimathias, como tudo o que sabe da sua penna; haverá algumas verdades, muitas mentiras e fanfarrices, em summa, só servira para comprometter muita gente. Fôra para desejar que elle se pudesse cohibir, mas será difficil, porque tem a mania de escrever. Há já algumas obras annunciadas aqui sobre este assumpto, vão sahir dentro em pouco; se ao menos elle quizesse limitar-se a mandar refutar o que contivessem de falso e exagerado! Em todo caso, peço-lhe que me mande o que apparecer em França ou Inglaterra sobre este assumpto.

Sabe o que dizem na cidade, a respeito do ex-Imperador? Eis o castigo dos mãos tratos que fez soffrer á Imperatriz defunta; era uma santa aquella Princeza; se vivesse ainda, tudo isto não teria succedido, ou teriamos pelo menos uma regente a quem obedeceriamos com gosto. São os pontapés que elle lhe deu antes de partir, em 1826, que apressaram a morte da soberana e que o enxotam agora para fóra da barra; é a vingança ceeste. E' assim que se falla em todas as classes da população. Creio que não seria difficil insinuar indirectamente a idéa de um monumento a esta Princeza, primeira Imperatriz do Brasil, actualmente Imperatriz mãe.

Pouco se occupam, aliás, com D. Pedro; andam neste momento numa especie de entusiasmo quanto ao ponto de honra, á moderação, ao sentimento nacional e a melhoramentos a fazer para lograr melhor futuro. Todas as autoridades sem excepção, a quasi totalidade dos habitantes e, sobretudo, o que é talvez mais espantoso, todas as gazetas, mesmo as que eram mais furibundas, apregôam os mais bellos principios e dão os conselhos mais sizudos e mais moderados. Durará isto? E' outra questão, e duvido, parece-me quasi impossivel; a civilisação está ainda por demais atrasada, as paixões são demasiado fortes neste paiz, para que seja razoavelmente permitido esperar uma continuidade prolongada da calma e da tranquillidade actualmente estabelecidas. Indico em meu relatorio os pontos em que um attricto entre os dous partidos, republicano e monarchico, se poderá dar; o monarchico é o mais forte agora, porque quasi todos receiam a anarchia e porque uma minoridade de dez annos, com uma regencia nacional responsavel, é uma especie de republica.

Seja como fôr, cumpre estar preparado a tudo; se nossa velha Europa virou casa de loucos, não é de admirar que a meninada do Novo Mundo siga este bello exemplo. Julguei chamar a attenção para o perigo a que podia estar exposta

a augusta joven familia, abandonada aqui e cuja presença me parece o unico motivo para continuarmos com uma missão diplomatica neste paiz. Interesse politico nem um temos com este Estado; os interesses do commercio mantêm-se por si, pela necessidade reciproca; só se trataria, pois, de velar pela segurança dos netos do Imperador nosso amo, que nos pertencem muito mais de perto que o caro genro; é o sangue da Casa d'Austria que lhes corre nas veias; seu pai abandonou-os, sacrificou-os á sua filha querida, sua Carta; parece-me quasi que não tem mais direito sobre elles.

E' sobre este ponto que desejo ter instrucções precisas e é por este motivo que peço uma fragata austriaca, a qual poderia, em caso de perigo, desembarcar 150 a 200 homens com duas peças de artilharia.

Não sei se é uma attenção da Regencia ou effeito do acaso, mas estes ultimos dias a familia imperial passou varias vezes diante de minha casa, para dar um passeio de carro; parece que as damas que a acompanhavam disseram quem morava naquella casa; olham-me com uma affabilidade e uma graça toda particular, parecem dizer-me: nós te pertencemos; protege-nos.

Não posso dizer-lhe a que ponto fico commovido ao ver estas crianças deliciosas, cujas feições tão bem pintam sua origem augusta; sobretudo o Imperador e D. Paula assemelham-se de modo frisante ao sangue da Casa d'Austria.

Se, portanto, a Córte achar necessario ter para este nobre fim uma missão aqui, cumpre que possua um apoio sobre a força material, pois a força moral é cousa incognita para esta gente, ao passo que com duzentos homens determina dos, sustentados talvez por outros tantos que se poderia tirar das esquadras ingleza e franceza, faço tremer a toda a provincia do Rio de Janeiro. E' perigoso viver no meio desta gente; é um brinquedo tomar a cidade com todos os seus duzentos mil habitantes: isto não é fanfarronada, é literalmente verdade; quem quer que tenha estado no paiz pode dizelo.

Ha, aliás, ainda outro caso possivel, o de um dia para o outro acharem mais natural não haver mais dynastia reinante e, sem mais violencia, fazerem partir a familia imperial. Ter-se-hia então de ficar espectador tranquillo como D. Pedro? conviria em tal caso pedir a sua extradição para levala a seu avô?

Os acontecimentos marcham ás vezes mais depressa do que se pensa; supplico que me sejam dadas, o mais depressa possivel, instrucções precisas e pormenorizadas.

Entretanto, já tomei a resolução para o caso dos factos precederem as direcções. Em caso de perigo, farei o impossivel para poder, com a cooperação dos dous almirantes, salvar as augustas crianças. Se não m'as derem por bem, não hesitarei em tomal-as e, considerando então minha missão como terminada aqui, tratarei de conduzi-las a Livorno. Ah!

não estão precisamente em territorio austriaco, á Côrte assiste a liberdade de fazer o que quizer, concertar-se até com o pai, se julgal-o a proposito e ao menos as crianças estarão salvas.

Lá para 10 ou 15 de Maio terei provavelmente ensejo de fazer partir meu proximo relatorio, no qual poderei já dar conta da attitude que tiver assumido a Assembléa.

Eis uma carta muito longa; não é inteiramente particular; contém varias cousas que é difficil pôr num relatorio, e que é bom, entretanto, que o Ministro saiba para poder julgar bem da peça e dos actores. Autoriso-o, pois, a communical-a no que lhe parecer util e conveniente. »

DOCUMENTOS

DO

ARCHIVO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO

EM SÃO PAULO

NOTA DA REDACÇÃO

A extrema gentileza do illustre Prelado que actualmente rege o Mosteiro de S. Bento em S. Paulo, o Ex^{mo} Snr. Dom Abbade D. Miguel Kruse, devemos a communicacão destes dous documentos, um dos quaes reputamos valiosissimo pelas particularidades que de Santos antigo nos refere. Outro valor não tivesse elle, além de proceder do nosso grande historiador setecentista, o digno emulo de Pedro Taques!

Assignalou nos a existencia do inedito de Frei Gaspar da Madre de Deus o Rev. Dom João Evangelista Peters, D^{mo} Cellereiro da Abbadia de São Paulo, que, ao tomar conta do archivo do seu mosteiro, deu-se pressa em salvar de completa e imminente destruição o que de mais precioso nelle havia, começando pela restauração da *Dissertação*, que a *Revista* insere e por elle levada a effeito com um zelo e sagacidade verdadeiramente benedictinos. auxiliando-o nesta tarefa paciente o escripturario da secretaria do Mosteiro, Snr. Eurico Mendes. Gostosamente franqueou-nos o seu Archivo e concedeu nos permissão para que publicassemos ambas as memorias o Rev^{mo} Snr Dom Amaro van Emelen, D^{mo} Prior da Abbadia.

Foram ellas escripturadas com os respecti vos originaes pelo Rev. P^e Dom Dionysio Verdin, fatigantissimo trabalho, dado o mau estado da memoria de Frei Gaspar, muito deteriorada pelas traças. Exprime a redacção da *Revista* os seus agradecimentos aos illustres monges benedictinos que tanto comprehendem e praticam as grandes virtudes da sua Ordem milliar e tanto lhe acatam as tradições.

UM INEDITO DE FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS

DISSERTAÇÃO E EXPLICAÇÕES

SOBRE

TERRAS DE CONTENDA

ENTRE

O MOSTEIRO DE S. BENTO E O CONVENTO DO CARMO

EM

SANTOS

POR FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS

Monge da Ordem de S. Bento.

—

1756



DISSERTAÇÃO E ESPLICAÇÕES SOBRE AS TERRAS QUE LITIGARÃO OS

PES DO CARMO E OS PES. BENEDICTINOS ⁽¹⁾

1. Intento manifestar nesta dissertação a grande justiça dos monges de São Bento e pouco fundamento com que os M. R^{os}. Pes. de N. Sra. do Carmo lhes disputão as terras sobre que corre litigio. Antes de expender as rasoens das partes litigantes faltam algumas advertencias necessarias para se entender os meus fundamentos e soluções dos argumentos contrarios.

2. Ha-se pois de advertir 1º que antes de N. Sra. da Graça para a parte de St. Catherina está hum ribeiro que se chama de S. Jeronymo e depois da dita Capella para a banda de S. Vicente corre outro, a que os antigos chamarão — Ribeiro do Desterro. O Ribeiro de S. Jeronymo nasce na quebrada que fazem dous outeiros a saber, o do Monserrate e o do Mestre Bartholomeu (*faltam tres linhas*). Retiro — São Jeronymo — De sorte que o nome de — São Jeronymo — não só compete ao terreno occidental do tal Ribeiro mas tambem, e muito mais, á terra oriental que fica para a parte de St. Catherina junto ao mesmo Ribeiro.

3. Ha-se de advertir 2º que o caminho de São Vicente atravessa a dita varge, e Ribeiro, porque vae correndo de Oeste para o Leste, e deixa bastante terra para o lado do mar, e muito mais para a banda dos oiteiros que ficam para o Sul. oppostos ao dito mar a que os antigos chamarão Rio da Villa.

Ha-se de advertir 3º que desde o outeiro de Monserrate, inclusive, até o mar são os Padres do Carmo senhores da terra oriental, que fica na varge, junto ao Ribeiro de São Jeronymo, para a banda de St. Catherina; não milita porém o mesmo na marge opposta ou occidental, porque desta

(1) Está o manuscripto de Frei Gaspar cheio de abreviaturas extremamente cansativas para o leitor moderno que resolvemos substituir pelas palavras in extenso (N. da R.).

parte só possuem os Padres do Carmo a terra, que fica entre o caminho de São Vicente, e o mar ; mas não a que vai do dito caminho para os oiteiros, porque essa hé a de contenda, e possuem-na os. Padres Benedictinos.

Daqui se collige, que os Padres do Carmo no Retiro, e São Jeronymo, sem controversia de pessoa alguma são e forão sempre senhores de terras de uma e outra parte do Ribeiro com a differença porém que da banda oriental possuem toda a terra ; mas da banda occidental não lhes pertence toda, e só lhes compete a que fica do caminho de São Vicente para o mar. Deve-se ter muito sentido nesta advertencia.

4. Ha-se de advertir tudo que os antigos chamarão oiteiro de São Jeronymo ao Monte que hoje se chama Monserrate e principiou a ter este nome depois que n'elle se fez uma capella d'esta invocação. Prove-se isto com o *discurso* seguinte... estemunhas que jurarão na justificação (App.) fallaram em tuma fonte que nascia na quebrada que faziam os oiteiros de S. Jeronymo e do M^o Bartholomeu fs. 18 item p. 18 v. p. 19 v.

Destes depoimentos segue-se que o oiteiro de São Jeronymo estava junto ao do Mestre Bartholomeu sem entre um e outro haver mais distancia que a quebrada por onde corria a fonte ; e assim, em nós assentando qual foi o oiteiro do mestre Bartholomeu, ficaremos sabendo qual era o de São Jeronymo. E quem nos dirá qual foi o oiteiro do Mestre Bartholomeu ? O auto da demarcação que vem no App. E. fol. 1 vers. Este falla em certo corrego, que vem pela quebrada que fazem os oiteiros de Monserrate e M. Bartholomeu. Destes dous documentos infere-se por legitima e innegavel consequencia, que o oiteiro de São Jeronymo é o de Monserrate ; porque conforme a justificação do Cubas o oiteiro de São Jeronymo ficava junto ao oiteiro do M. Bartholomeu : o que fazia quebrada com elle era o de Monserrate como lemos no auto da demarcação feita em presença e com beneplacito do R^o Pe. Prior do Carmo : Logo o oiteiro de São Jeronymo é aquelle oiteiro que depois se chamou de Monserrate e ainda hoje conserva este nome.

5. Nos autos fol. 107 vers in principio querem os padres do Carmo, que o oiteiro de São Jeronymo fosse differente do Outeiro do Monserrate e provão a sua presunção com o depoimento das test^{as} que jurarão na justificação do App. L. A. fol. principalmente com o dito das test^{as} 2^a. 4^a. 8^a. e 12^a. porque ellas (dizem os Padres) *disseram que Pedro Cubas possuuiu o oiteiro do sitio de S. Jeronymo e assim tambem o oiteiro de Monserrate*. Respondo que, jurando naquella justificação 16 testemunhas, nem uma só disse directamente que o oiteiro de Monserrate era distincto do oiteiro de São Jeronymo. Respondo 2^o que, se estas fallarão por estilo que do fundamento para se presumir que o oiteiro de São Jeronymo é diverso do oiteiro de Monserrate, doze (ás quaes devemos

dar mais credito por excederem em numero) explicarão-se e, dão motivo para julgarmos que o outeiro de São Jeronymo é o mesmo de Monserrate porque todas se explicão assim — Sitio de São Jeronymo e Outeiro de Monserrate — e nunca fallarão em outeiro de São Jeronymo. A razão de se explicarem desta forma, foi porque então ainda existia no pé do outeiro de Monserrate um silio que se chamava São Jeronymo, como depoem a test. 16, e não havia outeiro que conservasse o nome deste santo pela razão de que se chamava já outeiro de Monserrate aquelle mesmo que antes se appellidava de São Jeronymo. Respondo que as test. depoem que Pedro Cubas possuio até sua morte o outeiro de São Jeronymo ; Pedro Cubas até sua morte possuio o outeiro de Monserrate, e não possuio o outro, que está junto : Logo, ou as test. jurarão falso, ou fallarão do mesmo outeiro de Monserrate, dando-lhe dous nomes que o de São Jeronymo o teve primeiro e o de Monserrate que ainda conservava. Com o depoimento da test. 16 confirma-se que o outeiro de Monserrate, se chamou primeiro de São Jeronymo, porque esta test. jurou que o sitio de São Jeronymo estava ao pé do outeiro de Monserrate, e assim naturalmente se infere que o monte de São Jeronymo foi o de Monserrate e não o outro, porque a denominação de São Jeronymo proveio ao monte do sitio que tinha o nome deste Santo, e assim, estando o tal sitio no outeiro de Monserrate é mais natural que se chamasse de São Jeronymo o mesmo o outeiro onde estava o sitio e não outro.

PRIMEIRO FUNDAMENTO DE SÃO BENTO

DOAÇÃO

6. Isto supposto, digo, que as terras da contenda pertencem ao Mosteiro de São Bento, por doação, que João Baruel fez dessas ao dito Mosteiro como consta da escriptura, que vem no App. L. B. fol. 16 pela qual doa a São Bento as terras que ficão entre o outeiro de N. Sra. de Monserrate e uma pedreira, que está perto de São Bento e era já do Mosteiro. E' verdade, que João Baruel (ainda que era senhor do outeiro e varges) só falla em outeiro mas nem por isso deixou de dar tambem as suas varges, porque deu todas as escripturas, *por onde lhe pertencia as terras, e nella sempre se falla das varges como adjacentes aos outeiros donde se segue, que na doação dos outeiros se incluíão tambem as varges ; por ser bem sabido, que o accessorio segue ao principal.* Para melhor se saber quaes são as terras, que João Baruel dou a São Bento darei noticias dos sujeitos que foram senhores dellas, *excepto aquelles que primeiro as possuirão ; porque me não constão.*

7. Domingos de Souza, como procurador de sua sogra Maria de Souza, em nome de sua constituinte fez certa composição com João Nogueira da Costa, e Antonio Fernandes

Bento aos quaes cedeu no sitio de São Jeronymo umas terras, que principiavão, onde os Padres do Carmo acabavão, e dali ião correndo para o Rio do Desterro. Antonio Fernandes Bento largou a João Nogueira da Costa a parte, que lhe tocava, e conseguintemente só João Nogueira da Costa ficou sendo senhor de toda a terra cedida pelo procurador de Maria de Souza. Tudo consta da escriptura de composição, que vêm no App. L. B. fol. 10, vers.

8. João Nogueira da Costa por uma escriptura, que se pode ver no dito appenso fls. 13, doou a Amaro Rodrigues Sepulveda a metade desta terra, e declarou, que a tal metade era, a que ficava para a banda dos Padres do Carmo fol. 13, vers.

Ibi :

« De toda esta terra dava a metade das ditas terras,
« que se começava a correr das terras, que forão de
« Braz Cubas, para a banda das terras, que forão do
« Mestre Bartholomeu. »

Deixemos de parte a metade reservada por João Nogueira que confina com o Mestre Bartholomeu (porque essa não joga com os Padres do Carmo) e vamos seguindo os senhores da metade, que entesta com elles.

9. Esta metade, que pertencia a Amaro Rodrigues Sepulveda, herdarão Raphael da Silva, e sua mulher Izabel Pereira os quaes por seu procurador o R. P. Fr. Gonçallo de St. Izabel, Religioso do Carmo, venderão-na a Assenço Francisco; App. L. B. fol. 19.

10. Assenço Francisco vendeu-a ao Juiz ordinario Manuel Alvares Vieira. App. L. B. fol. 7 vers.

11. Manuel Alvares Vieira vendeu-a ao Capitão João Baruel, por uma escriptura, como consta de uma declaração feita pelo mesmo Manuel Alvares a qual vem no mesmo appenso fol. 17, vers. Nota. Esta declaração foi feita por Letra, e sinal do dito Manuel Alvares, e não pelo Padre prezidente Fr. Manuel do Desterro, como dizem os padres do Carmo, fundados nas palavras seguintes da mesma declaração.

« Fiz este de minha letra e signal o Rdo. Pe. Prezidente. »

12. Bem se está vendo que antes do — O — falta um — A — e o sentido é : Fiz este de minha letra, e signal ao Rdo. Pe. Prezidente. — porque si o Presidente fizesse, havia dizer-se — Fez — e não — Fiz. Alem de que o Prezidente não podia fazer de letra, e signal de Manuel Alvares que se assignou. Isto é pegar em palhinhas que nada valem. Vamos adiante.

13. O Capitão João Baruel e sua mulher Izabel Correa doarão a mesma terra, que tinham comprado, ao Mosteiro de São Bento como consta de escriptura já citada, que vêm no App. L. B. fols. 6.

14. Estas terras de João Baruel, segundo consta dos ditos antecedentes, principião, onde os Padres do Carmo acabão;

e quem quizer ver, onde elles acabão, leia a declaração e animação de Marços, que se fez no anno de 1663. Da qual consta, que as terras do Carmo não passão do Ribeiro de São Jeronymo, antes pelo contrº o Baruel tinha alguma couza do Ribeiro para a parte de St. Catherina. Veja-se o app. L. E. fol. 1, item fol. 2 vers. Come este documento diante dos olhos examinarão os louvados a terra da contenda e governando-se pela dita demarcação, resolveu o Capitão-mór Bento de Crasto Carneiro que a terra da contenda pertencia a São Bento e com seu parecer conformou-se depois o Capitão Mathias de Couto, terceiro louvado, fols. 74 vers, e fols. 80.

15. Do que ficou dito segue-se que João Baruel foi senhor de toda a terra que fica do Rio de São Jeronymo para a parte de São Bento e consequentemente pertence a este Mosteiro a terra que lhe disputão os Padres do Carmo.

Advertencia necessaria aos senhores.

Ministros, que julgarem esta cauza.

16. Os Padres de São Bento mal aconselhados, acostarão aos autos alguns documentos desnecessarios, que só servem de cauzar confusoes, por tratarem de terras que não confinão com os Padres do Carmo ; assim não é necessario le-los, Os titulos, que dizem respeito a este litigio são somente as escripturas que vem no appenso L. B. fol. 10, 13, 9, 7, 6, a declaração no mesmo appenso fol. 17 e todo o appenso, L. E. Quem lêr com attenção as sobreditas escripturas das fol. 10, 13, 9, 7, 6, a declaração fol. 17, e a demarcação do appenso L. E. e o parecer dos louvados a fol. 74 e 80 ficará na certeza de que as terras da contenda pertencem a São Bento. Porque as escripturas dão-lhe a terra, que principia, onde os Carmelitas acabão : a demarcação consigna os limites, de onde os ditos. Padres não podem passar : e os louvados resolvem, que as terras disputadas ficão adiante dos marcos, onde os Padres do Carmo acabão.

« Responde-se os argumentos que os Religiosos

« de N. Sra. do Carmo fazem contra o primeiro fun-

« damento dos Monges Benedictinos. »

17. Pertendem os Carmelitas desfazer este fundamento tão forte, como laxo, com duas razoens, uma injuriosa a seos Maiores, e outra muito pouco solida. Dizem que os louvados julgaram mal, e affirmão, que os Rdos. Piores derão ao Sepulveda a terra da Religião Carmelitana. Para se entenderem os seus argumentos é necessario referir algumas palavras do auto de demarcação. Diz elle assim :

« Se assentou, que de uma Lagoa, que corre de

« um correjo de uma quebrada, que faz o oiteiro de

« Monserrate, e oiteiro do Me. Bartholomeu, e da

« dita agua viria correndo até uma pedra defronte

« ao tujupar do dito Amaro Rodrigues Sepulveda,

« onde se pôs um titulo que diz Carmo ; e dahi iria

« correndo em direitura para o mar : e toda terra,

« que ficava dentro desta confrontação era do dito

« Amaro Rodrigues Sepulveda, a cuja declaração se
« achou presente o Rdo. Pe. Prior Fr. Antonio dos
« Santos para que foi *citado* para a dita declaração:
« e tudo o mais que ficava de fora de uma banda, e
« de outra era do convento de N. Snra. do Carmo.
« E desta maneira foi feita a dita *animação*, e *decla-*
« *ração* das terras que, se assignão, de que ficou de
« posse o dito Amaro Rodrigues Sepulveda.

Vamos agora ao argumento dos Padres do Carmo.

Como a demarcação dizia que tudo o mais, que ficava de fora de uma banda, e de outra de N. Snra. do Carmo, discorrem os Padres da maneira seguinte. Tudo quanto ficava de fora de uma, e outra banda do Ribeiro é nosso : Logo tudo é nosso de uma, e de outra banda, e consequentemente fizeram nos injustiça os louvados, por resolverem, que na margem occidental nada tinhamos do caminho de S. Vicente para os oiteiros.

18. Há consequencia. A medição não lhes concede tudo absolutam^{te} mas sim tudo, o q. ficava de fora da ultima pedra, a qual estava junto ao caminho de São Vicente. Sim tem terras de ambas as partes ; mas só as terras, q. ficam fora das balizas. Eq. terra é esta ? Da parte de S. Catherina hé toda a que fica para lá da fonte, onde se lançou a corda ; mas p^a a banda de São B^{to} hé só a q. fica do caminho de São Vic^{te} p^a o mar ; porq a ultima pedra estava junto ao d^o cam^o na margem oriental do Rib^o. De sorte q. os Padres do Carmo vão cercando ao Sepulveda por duas partes : pela parte de S. Catherina e pela parte do mar. Cercão-no pela parte de S. Catherina porq. desta banda são senhores de toda a terra desdo oit^o de Monserrate até o mar, e cercão-no pela parte do mar ; porq as terras dos mesmos Padres vão acompanhando a praya até a ponte de São Franc^{co}, porem este pedaço de terra não passa da caminho de São Vicente ; porque ahi acabão os seus fundos.

19. Está conhecida a pouca razão com que os Padrem se queixam dos louvados : ouçamos agora o que dizem nos autos fol. 110 vers. Dizem isto :

« O prior que então era do convento do Carmo ou
« por não querer demandas, ou por amizade que
« fez foi *ir de convite* á paragem ; disse de convite ;
« porque não vemos petição ou despacho, e ex vi do
« qual fosse citado o dito Prior : e ahi mesmo o dito
« Prior repartio, e deu, o que lhe pareceu ao Sepul-
« veda ; pois não consta, que se apresentassem es-
« cripturas, nem por ellas se seguissem o que tudo
« é nullo. »

Se tambem os defunctos clamão das sepulturas, como Abel, parece-me que as cinzas frias, mas veneraveis, daquelles zelosos Prelados lá dos tumulos, onde descansão, levantarão a voz sentidos desta calunia, e justamente magoa-

dos se queixarão dizendo : Como vos atreveis a afirmar, que tomos de convite, e sem sermos citados, se nos mesmos autos da demarcação estais lendo as palavras seguintes ?

« Se achou presente o R. P. Prior Fr. Antonio
« dos Santos para o que foi citado. »

Ha maior falsidade do que dizer o auto que o Prior foi citado, e vós affirmades que dos autos não consta que houvesse citação ? Não pode dar-se contradição maior nem mais clara, do que a vossa ; pois agora nos accusais negando a mesma verdade que confessastes no 3º artigo do vosso Libello dizendo.

« Amaro Rodrigues Sepulveda fes citar ao Rdo.
« Prior, que então era. »

Para que haviamos de apresentar escripturas, se sabiamos de cór o testamento de Pedro Cubas, o qual em uma verba affirma, que as suas terras não passavão do Marco da Graça que estava junto ao Ribeiro de São Jeronymo ? Nós não demos as terras da Religião : o que fizemos foi somente animar os marcos antigos e declara-llos melhor como deveis colligir daquellas palavras do auto :

« Desta maneira foi feita a dita animação, e de-
« claração das terras. »

Não uzurpamos ao Sepulveda o que era seu, por nos ensinarem os Sagrados Canones com Agostinho que sem restituir o alheio não se entra nesta corte celestial onde esperamos que nos façais companhia. Depois que a ella chegardes, e pozerdes os olhos naquelle divino espelho, onde conforme a doutrina do Apostolo vem-se as cousas como na realidade são acabareis de conhecer que as terras do dito Sepulveda não ficam atraz das casas do Pe. Novilher como allegastes no acto de vistoria, fl. esquecidos talvez de que tinheis confessado no artigo 2. 3. e 4. do libello, que estavam em um recanto do outeiro de São Jeronymo.

20. Em quanto os Piores antigos se queixam examinemos os fundamentos com que os modernos transferiram as terras do sitio de São Jeronymo para traz das casas do Pe. Novilher. Suppoem 1º que Felippa Pereira foi mãe de Maria de Souza e que primeiro foram daquellas as terras que esta em São Jeronymo e esta cedeo aos doadores de Sepulveda. (Seja em boa hora assim e ainda que dos documentos que os mesmos Padres apresentão no appen. L. D/ fol. 22. vers. in fine consta que Fillippa Pereira era filha de Maria de Souza) Suppoem 2º que a dita Felippa Pereira tinha em São Francisco uma data de terras que chegava até a ponte. (Passe). Suppoem 3º que a mesma data de terras ia correndo até o oiteiro. De maneira que da Ponte de São Francisco lanção para o oiteiro uma linha mais imaginaria que a do Papa Alexandre 6º, e logo passam a affirmar que as terras que Maria de Souza deo aos doadores de Sepulveda, ficavão desta linha para a parte de São Bento e por isso atraz das casas do Pe. Novilher.

21. Isto supposto argumentão assim. As terras do Sepulveda primeiro forão de Felippa Pereira, as terras de Felippa Pereira não passão das casas do Pe. Novilher para St. Catharina: Logo tambem as do Sepulveda não estavão adiante destas cazas. Tarde e sem razão fazem os Padres este requerimento. Tarde porque são passados 93 annos depois da demarcação e já não é tempode a reclamarem: sem razão como mostrareis. Mas antes disso quero que me contem, em que se fundarão, quando affirmarão que a extremidade oriental das terras de Felippa Pereira corria por linha recta até o oiteiro inclusive? Dizem que se fundam em duas escripturas. Uma de São Francisco onde lemos que as ditas terras para a parte do mar chegavão até a ponte e outra de São Bento da qual consta que as terras doadas no oiteiro aos Padres Bentos confinão com terras da dita Felippa Pereira. Bella consequencia! Antes por isso mesmo devião dizer que a linha, em chegando ao caminho de São Vicente, se incurvava para a parte de St. Catharina porque as terras de São Bento que confinavam com Felippa Pereira, acabavam defronte da ponte de S. Francisco e assim era preciso que nessa altura principiassem as de Felippa Pereira, d'ahi fossem correndo para St. Catharina. Para se perceber o que acabo dedizer é necessario que se leião os autos.

22. Com a mesma escriptura em que os Padres do Carmo se fundão para affirmarem que as terras que Felippa Pereira tinha em São Francisco corrião por rumo direito até os oiteiros prova-se que isto é falso e que as doadas ao Sepulveda não ficavão atraz das casas do Pe. Novilher. Eu o mostro. Felippa Pereira afirma que as suas terras de São Francisco que chegavão até a ponte partião, por detraz ou pela parte do Sul, com terras de Bartholomeu Fernandes: Logo estas ião acompanhando a aquellas pela parte dos fundos até a ponte, e conseguintemente a data que Felippa Pereira tinha em São Francisco não podia chegar até os oiteiros porque *Bartholomeu Fernandes tinha terras na varge que fica entre o oiteiro e Felippa Pereira*. Rogo aos Padres do Carmo que me decifrem este enigma e digão, como é possivel que as terras de Felippa Pereira em São Francisco corraõ rumo direito até os oiteiros; partindo pela parte dos mesmos oiteiros com outro dono? Ora o certo é que estas terras de Felippa Pereira não chegavão aos oiteiros e conseguintemente desapareceu o terreno que os Padres do Carmo, fingirão atraz do Pe. Novilher, pertencente a dita Felippa Pereira para nella arrumarem ao Sepulveda.

23. Mais. A data de terra que Maria de Souza tinha entre São Francisco e a ponte, não passava do Pellame e só tinha de fundo 84 braças, como consta do inventario que se fez por morte da dita Maria de Souza, como se pode ver no apenso L. D. fols. 23. vers. Logo o sitio de São Jeronymo que ella cedeo aos doadores de Sepulveda não pertencia a esta data e era cousa muito differente, alias o tal sitio do Sepul-

veda ficaria entre São Francisco e o Pellame. Bem previrão os Padres do Carmo esta difficuldade e para se livrarem della, adiantarão-se a responder que no inventario de Maria de Souza se lançaram as terras que chegavão até o Pellame; porque ella em sua vida tinha dado aos doadores do Sepulveda, toda a mais terra, que herdava de sua Mãi e estava do dito Pellame para o oiteiro.

24. Esta resposta só é boa para enganar a meninos; porque Maria de Sousa so doou a terra de São Jeronymo que ficava do Ribeiro do Desterro para o Leste; de onde se segue que ficaria possuindo toda quanta estivesse desdo mar até a ponte da Lavagem, que passa, quem vai para São Bento, porque toda esta terra fica para o oeste do Ribeiro que corre por detraz das cazas do Pe. Novilher. Maria de Souza não deu esta terra, que fica entre o Pellame e a ponte de São Bento e contudo não era sua a tal terra: Logo a razão que houve para lançarem no seu inventario somente as terras que vão do mar até ao Pellame não é, a que dão os Padres do Carmo mas sim, porque o fundo da data que herdou de sua Mãi junto a São Francisco não passava das 84 braças, que findavão no Pellame.

25. Prova-se mais que as terras do Sepulveda não ficavão atraz do Pe. Novilher. Atraz do Novilher está a pedreira de São Bento que nunca pertenceu ao Sepulveda; porque as suas terras ficavão mais adiante para a parte de St. Catherina: Logo sem fundamento algum fingem os Padres do Carmo que ficava atraz do Pe. Novilher a terra que lhe derão os herdeiros de Maria de Souza. Que a pedreira de São Bento nunca pertenceu ao Sepulveda, collige-se da doação de João Baruel; porque este qdº deu as terras que tinhão sido do Sepulveda, disse que ellas principiavão junto a Monserrate e acabavão em chegando a pedreira de São Bento App. L. B. fols. 16. ibi

DE N. S^{ra}. DE MONSERRATE ATÉ ENTESTAR COM A PEDREIRA
DOS R^{los} P^{es} DE S. BENTO

Ainda mais. As terras, que ficavão atraz do Pe. Novilher erão de Ignacio Duarte; porque este diz que era senhor de um pedaço de terra, que estava entré os P^{es}. de S. Bento e Izabel Pereira (App. cit. fol. 47).

« Tenho um pedaço de terra entre as que hoje
« possuem Izabel Pereira e os Monges de São Bento. »

Logo o Sepulveda ficava adiante de Ignacio Duarte para a banda dos de St. Catherina, e não atraz do Pe. Novilher. Para se entender esta prova é necessario advertir que Izabel Pereira no tempo em que Ignacio Duarte fez esta doação, era Senhora da terra do Sepulveda, que depois vendeo por seu procurador o Pe. Fr. Goncallo. He mais necessario advertir que as terras de São Bento com que confinava Ignacio Duarte, incluíão todo o espaço que fica atraz do Pe. Novilher,

porque Izabel Barboza primeiro doou a terra em que está o Mosteiro por uma escriptura que vem no Appenso L. B. fol. 1 vers. e esta chega até o caminho : depois deu mais adiante o resto que lhe tinha ficado, como consta da doação no mesmo App. fols. 18. e em virtude destas duas doações possuem os Padres Benedictinos todo o terreno que comprehende a pedreira e ahí é que principiava o pedaço de terra de Ignacio Duarte. A vista disto como podia o Sepulveda ficar atraz do Pe. Novilher, e servir-lhe de balisa oriental o rumo que vinha correndo direito da ponte de São Francisco para o oiteiro, se as terras de Ignacio Duarte, que ficavão antes do Sepulveda, passavão adiante deste rumo?

26. Mas para que me canso a mostrar que o Sepulveda não ficava atraz do Pe. Novilher se os Religiosos do Carmo nos seus artigos confessão o mesmo que eu digo? Nos taes artigos disserão, que elle só tinha uma pequena chacara em certo recanto que fazia o oiteiro de São Jeronymo : depois até dessa pequena chacara o privarão e em paga della deram-lhe varges, e oiteiro atraz do Pe. Novilher. Esta mesma variedade é prova de que não sabem o que é seo o ignoram o que foi do Sepulveda.

2º FUNDAMENTO DE SÃO BENTO

PRESCRIÇÃO

27. Suponhamos porém, embora, que as terras foram de Braz Cubas, ou seu filho Pedro Cubas : que destes passarão aos Padres do Carmo : e que o Sepulveda injustamente se introduzio nellas. Que illação se infere daqui? Que não são de São Bento? Por nenhum modo se deve tirar tal consequencia ; porque os monges Benedictinos pelo titulo de Prescrição tem já dominio nellas e consequentemente perderão os Padres do Carmo todo o direito se é que algum tinhão. Para os Padres de São Bento ficarem sendo senhores das terras disputadas, bastava que as possuissem por mais de quarenta annos com justo titulo, e boa fé, ainda que ellas antes disso não fossem suas como sabem todos, os ditos Padres possuirão-nas mais tempo, do que este, sempre com titulo e boa fé : Logo tem prescripto ; e isto basta para deverem chamar-se Senhores das ditas terras.

28. Que elles tem titulo é innegavel porque além das escripturas que apresentam, fundão-se na demarcação judicial que vem no App. L. E. fols. 1. e na outra amigavel fol. 2. vers. feitas ambas em presença, e com beneplacito de dous Prelados do Carmo. Com semelhantes titulos é incompativel a má fé ; porque sem fundamento presumirão os Padres Benedictinos que não era do Sepulveda a terra que lhe foi contestada por authorityade dos Ministros, e convenção amigavel da parte intereçada. Que elles tem posse não é necessario mostrar porque isto já se suppoem provado na

demanda, que correo a respeito da posse, cujos autos usurparam os Padres do Carmo : razão porque o ministro mandou pôr perpetuo silencio na causa como consta da sentença fol. do Appens. L. C. e consequentemente não podem já disputar a posse de São Bento.

29. Comtudo esta fica provada nos autos com os ditos contestes de todas as testemunhas de São Bento com algumas do Carmo : e tambem com a confissão dos contrarios que em muitos lugares dos ditos autos confessam a mesma posse. Que esta é antiquissima, collige-se das escripturas ; porque a primeira que os Padres Benedictinos apresentão, foi feita a 96 annos, no de 1660, app. L. B. fols. 10 vers. e antes disso já Felippa Pereira possuia estas mesmas terras, como dizem os contrarios nos autos fols... A demarcação primeira fez-se a 93 annos, e então o Sepulveda tomou posse judicial das mesmas terras como se pode ver no app. L. E. fols. 1. Finalmente o Mosteiro por si mesmo está de posse a 62 annos depois que o Capitão João Baruel fez doação das ditas terras no anno de 1694. App. L. B. fols. 6. De sorte que a posse de São Bento considerada nelle só passa de secenta annos ; e considerada nelle mais em seos antecessores, excede o dilatadissimo tempo de cem annos : Logo tem São Bento titolo, boa fé e posse de sobejo. Nestes termos transferio-se para elle o Dominio das terras pelo titolo da prescripção ; e os Padres do Carmo perderão o tal dominio, se é que alguma vez o tiveram.

30. Vejamos o que respondemos contrarios a este fundamento verdadeiramente inconcusso. Dizem 1º que os Padres Benedictinos não prescreverão por falta de titolo, e que o não tem por ser falha a escriptura em que João Nogueira da Costa doou as terras de São Jeronymo a Amaro Rodrigues Sepulveda. Porque (dizem as razoens do Carmo) João Nogueira da Costa doou as terras ao Sepulveda em 22 de Agosto de 1663, neste anno ainda João Nogueira da Costa não era senhor da dita terra que lhe foi cedida em 1679, como consta da escriptura de composiçãõ que vem no App. L. B. fols. 10. vers. Logo João Nogueira deu as terras que não erãõ suas, e consequentemente foi nulla a doação, e todas as mais que seguirão depois desta.

31 Se o procurador do Carmo tivesse estudado a materia de Prescripção, envergonhar-se-hia de fazer tal argumento porque então saberia que para a prescripção basta titolo falso, e não se requer verdadeiro quando se concorem a boa fé e posse, sufficiente. Quando o titolo da doação ou compra, é verdadeiro da-se dominio antes da prescripção e ninguem prescreve aquillo que é seu. Daqui se inferem duas consas : 1º que para São Bento prescrever as terras disputadas não era necessario que João Nogueira desse o que era seu. 2º que nesse caso não teria lugar a prescripção ; e que para esta proceder é necessario suppor (como falsamente vou suppondo) que o dito João Nogueira deu as terras que ainda não

lhe pertencião. Com esta doutrina certa e admittida por todos se desfaz toda a machina, que se funda na nullidade dos titulos de São Bento muitas vezes repetida ; mas eu não passarey adiante sem examinar primeiro se as terras erão, ou não do Nogueira.

32 Os Padres do Carmo não ignoram o que houve na materia porque tem examinado as Notas de Vicente Pires da Motta, e do logar, em que nas ditas notas vem a escriptura composição, se collige que foi feita no anno de 1660, e não de 1670 como diz o transumto por engano do escrivão, que poz um *T* onde devia por *C*. Isto prova-se mais com o auto de demarcação, que foi feito em 22 de Setembro de 1663 Neste anno já o Sepulveda era senhor das terras de São Jeronymo e já estas tinham passado de Maria de Souza a João Nogueira da Costa, e deste a Amaro Rodrigues Sepulveda. Alem do que aos Padres do Carmo só pertence examinar se se fez ou não, a demarcação, e nada lhes importa que o Sepulveda fosse, ou não, senhor da terra demarcada porque, supposta a tal demarcação não podem passar adiante dos limites que nellas se consignam, quer a terra confinante fosse do Sepulveda quer não. Em fim o erro do escrivão que poz « setenta » onde devia escrever « secenta » não anulla a escriptura ; e, ainda que a annullasse, sempre a tal escriptura seria titulo sufficiente para a prescripção.

33. Tambem dizem e desdizem que São Bento não tem posse. Predizem ; porque em muitas partes dos autos confissão esta posse, e dizem porque affirmão que o Carmo possuio a terra disputada ; e para provar esta falsidade derão testemunhas e exhibirão alguns documentos confusos. Eescuso fallar mais na posse de São Bento porque já fica provada, e assim passo a examinar a prova dos contrarios.

34. Só duas testemunhas fallarão em posse a saber : Margarida Mulata e Ursula da Luz Cabral. Margarida jurou que João de Souza pagou aos padres do Carmo foro de um sitio, que estes lhe tinham arrendado no Retiro. Boa prova ! O Retiro divide-se em duas partes : uma do riacho para St. Catharina ; e outra do mesmo riacho para São Bento e assim nada faz para o caso presente o depoimento da Sra. Margarida ; porque não explicou se o tal sitio ficava do riacho para a parte da contenda. Se os Padres do Carmo interpretarem o depoimento dizendo, que João de Souza lavrava para cá, responderão os de São Bento que morava para lá ; e podem estes accrescentar, que a velha jurou falso ; porque o lugar onde João de Souza lavrava costumava pagar foro aos ditos Padres de São Bento como juraram algumas testemunhas de São Bento que desfazem o depoimento de Margarida.

35. O depoimento de Ursula da Luz, ou é incompetente, ou notoriamente falso. Ella jura que seu cunhado Ascenso Francisco pagava foro ao Carmo pelo sitio, que foi do Patrusca ; mas não explica onde estava o tal sitio. Se ficava fora da demarcação, quid quid sit ; porem se ficava do riacho

para São Bento é falso o depoimento porque Ascenso Francisco comprou e vendeu o sitio que foi do Sepulveda. Pergunto: Quando pagou foro das terras que estavam junto ao Ribeiro de São Jeronymo para a parte de São Bento? Antes ou depois de comprar estas terras? Se pagasse o foro antes não as compraria aos herdeiros de Sepulveda, pois saberia que erão do Carmo: depois de compralas, muito menos pagaria; pois nos não consta que fosse louco, para acreditar que pagava foro de suas proprias terras. Da mesma sorte o Juiz Ordinario Manuel Alvares não era fatuo para comprar como proprias a Ascenso Francisco as terras, de que este pagava fóro aos Padres do Carmo. Jestemunhas de semelhante jaez mais dignas são de desprezo que de attenção. Passemos aos documentos.

36 O ACHILES dos Padres do Carmo é o documento que vem no app. L. A. fols.... onde se diz, que tomaram posse judicial do Rocio da Villa e oiteiro de Monserrate, sitio de São Jeronymo com as varges dos ditos montes. Esta posse não vale cousa alguma: 1º porque não consta que os vizinhos fossem citados: 2º porque tomavão posse de algumas cousas que os Padres nunca possuiram nem erão suas. Provo. Todos sabemos, que no tempo, em que se fez este auto, a maior parte do rocio da Villa estava do Carmo para St. Catherina; porque então quasi toda a povoação era lá. Tambem sabemos todos, que a terra onde lavra o Seyxas e o valle que fica atraz de Monserrate, são varges do dito Mouserrate; e que da mesma sorte é varge de São Jeronymo toda a varge que fica atraz deste oiteiro para a banda da praya a que os P^{es}. do Carmo nas suas razoens chamão « Marepe ». Isto advertido vejamos o que dizem os P^{es}. do Carmo nos autos fols. 10.

« Não ha duvida que Pedro Cubas vendeu partes
« das ditas terras, de que faz menção o seu testemunho
« como tambem é certo que os ditos religiosos do
« Carmo-não possuem m^{ta} parte dellas com a varge,
« que está por detraz de Monserrate, e por de traz
do sitio de São Jeronymo que vae conquistar com
a praya de Marepe... como tambem não possuem
a varge em que lavra Antonio de Seyxas principiando de uma cruz que está atraz dos muros dos ditos religiosos do Carmo no caminho que vae da travessa do Carmo para a fonte com todo o rocio e terras, que correm da dita cruz para a banda de St. Catherina.

Todas as palavras deste paragrapho provão que o auto da posse foi fantastico e composto de falsidades. Os padres confessão, que nunca foi seu nem possuiram parte do rocio e as varges, que ficão atraz de São Jeronymo e Monserrate; e as varges do mesmo Monserrate que lavra o Seyxas. Pelo contrario o auto da posse dis, que o tomarão do Rocio da villa, e varges de Monserrate e São Jeronymo, sem fazer exercção alguma. Pode haver opposição maior? Se a verdade é, e os

Padres confessão que não tomarão posse de tudo como falla o auto universalmente dando a intender que tomarão posses de cousas que os Padres nunca possuirão. Em fim assim como o auto não prova que tomarão posse das varges que ficão atraz de São Jeronymo, assim tambem não prova que tomarão das varges, que ficam adiante delle; alias assinem-me a diversa razão. Porem no caso mil vezes negado, que tomassem posse dessa varge, respondo 3º que pouco depois perderão a mesma posse porque o auto fes-se no anno de 1630 e o Sepulveda em 1633, foi apossado judicialmente das terras da contenda em presença do Rdo. Prior, como se vê no App. L. 2. fols. vers. e esta posse conservou-se até o dia de hoje nelle, e seus successores sem interrupção alguma.

38. O 2º documento com que provão a sua posse é o aforamento que fizerão a Antonio Vaz Cordeiro o qual diz que lavra de uma e outra banda do Ribeiro App. L. D. fols. 17. A isto respondo 1º que se lavrava de ambas as partes, para a de S. Bento não passou nunca do caminho de São Vicente para o oiteiro. Resp. 2º que se no anno de 1631 em que fez o arrendamento lavrava do rio para cá, já nesse lugar não estava no anno de 166 em que se fes a medição porque se ahí estivesse sabiria para fora como o foreyro Gonçallo Fernandes, o qual depois da medição foi obrigado a largar uma rossa, que tinha nas terras do Sepulveda como lemos no Appenso L. E.

39. O 3º documento é a escriptura do app. L. D. fols. 12 vers. na qual aforarão uns oiteiros a Jorge Gonçalves até entestar com Julio de Vianna, Juliana de Souza e sua filha Felippa Ferreira. Esta escriptura, que foi feita em 1637, muitos annos antes de 1663. em que se fez a demarcação nada prova, 1º porque não se sabe onde morava Julio de Vianna 2º porque sabemos que Felippa Pereira teve uma data de terras no oiteiro onde partia com Izabel Barboza e outra em São Francisco que não passava do Pellame; e a escriptura não explica, com qual destas terras confina o foreiro. Além de que nada prova; quia nimis proba. Nimis proba 1º porque os Padres aforarão o oiteiro da pedreira de São Bento (como elles dizem e no oiteiro da pedreira nada tem os reverendos Padres nem no outro a quem elles chamam São Jeronymo porque, segundo elles confessam nos artigos do Libello, os fundos das suas terras somente ehegão até o pé do morro. Auto fols. 6.

40. E do fundo até o pé do morro. Nimis proba 2º porque os mesmos padres tambem confessam, que as duas pertendidas terras nunca passaram do Ribeiro do Desterro para São Vicente, e comtudo aforarão oiteiros até Juliana de Souza que ficava muito adiante do tal Ribeiro por estarem suas terras além do sitio de André Coelho como consta dos titulos do mesmo Andre Coelho. Respondem os Padres do Carmo que além deste sitio tem Juliana de Souza outro em São Jeronymo. Não basta dizer que teria; é necessario provar; que

teve e tambem que os mencionados foreiros com effeito lavraram nas terras do arrendamento. Com esta escriptura mostra, que os Padres do Carmo antes da medição, aforavam tudo, quer fosse seu quer não.

41. O 4º e 5º documento são os arrendamentos de Paulo Marques Catalão app. L. A. fols. 28 e o de Gonçallo Fernandes app. L. E. Do primeiro consta que os Padres Carmelitas aforarão ao dito Catalão cem braças de terras pertencentes á Capella instituida por Braz Cubas as quaes principiavão no Rio de São Jeronymo e ião correndo para os Pellames: seu fundo era do caminho que ia por detraz da Villa, e vinha da Misericordia até o pé do morro, aquillo que liquidamente foi do dito Padre. Gonçallo Fernandes no anno de 160... já tinha rossas junto ao São Jeronymo como consta do app. L. E. fols; e o arrendamento de Paulo Marques que era por trez nove annos foi passado no de 1657 seis annos antes da vistoria. Por estas contas Paulo Marques e Gonçallo Fernandes erão foreiros ao mesmo tempo porque o arrendamento do Marques principiou em 1637 e acabou em 1684 Gonçallo Fernandes estava na terras em 1663. Logo era foreiro no tempo em que Paulo Marques tambem era.

42. Digão-me agora os Padres do Carmo, como antes de se acabar o tempo concedido a Paulo Marques aforarão a Gonçallo Fernandes a mesma terra que estava arrendada a aquelle? A terra de Paulo Marques comprehendia todo o terreno, que ha entre os dois rios de São Jeronymo e Desterro, como affirmão os Padres Carmelitas, nestes termos não podião acomodar a Gonçallo Fernandes entre os dois rios antes de se acabarem os nove annos do Marques; concordem-me, pois, estes dous arrendamentos e mostrem, de que sorte se encravou o Fernandes nas terras do Marques. se hé, que ambos moravão do Ribeiro de São Jeronymo para a banda de São Bento como os Padres affirmão nas suas razoens.

43. Mas eu responderey por elles e as respostas que se pode dar com verdade são duas: 1º que Gonçallo Fernandes lavrava do Rio para a banda de St. Catherina e da parte de São Bento, somente tinha aquella pequena roça que largou obrigado pelo Sepulveda depois que se fez a medição. A 2º resposta é que nunca Paulo Marques se valeu do arrendamento, nem morou nas terras que hoje se controvertem. Isto é facil de provar porque no anno de 1663, só seis depois de principiar o arrendamento do Marques, vemos o Sepulveda situado junto ao Ribeiro e contendendo com Gonçallo Fernandes, como consta do App. L. E. e não nos consta que tivesse duvidas com Paulo Marques a quem pelo arrendamento foi aforada a terra que pelas escripturas de São Bento pertencião ao Sepulveda. Pois é crível que este não havia de litigar com aquelle? E' presumivel que o Sepulveda estaria calado vendo que o Marques lavrava em toda a sua terra e ao mesmo tempo que não consentio em parte della uma

pequena rossa do Fernandes? Além de que se entre o Sepulveda e Gonçallo Fernandes morasse Paulo Marques nunca o tal Sepulveda teria occasião de duvidas com Gonçallo Fernandes porque não confinaria com elle, mas sim com o Marques a quem estava arrendada a terra de Ribeiro a Ribeiro, principalmente se as terras do dito Sepulveda ficassem airaz do Pe. Novilher, com o querem os Padres do Carmo. Ainda tenho mais que dizer a acerca deste arrendamento é de que os Padres nada aforarão de Paulo Marques. Lemos na escriptura que aforarão, do caminho para o oiteiro, as terras que liquidamente fossem suas (isto é prova do que não sabião bem o que era do Convento) e pertencessem á Capella instituida por Braz Cubas; Os Padres liquidamente nada tinhão naquella paragem e do caminho para o oiteiro não encapelou Braz Cubas terra alguma, como consta da instituição da mesma capella que vem no App. L. A. fol. Logo os Padres nada aforarão a Paulo Marques. Melhor fora que os ditos Padres não fallassem em Gonçallo Fernandes; porque este é aquelle foreiro do Carmo que obrigado da demarcação largou da rossa, que tinha nas terras do Sepulveda do Rio de São Jeronymo para a banda de São Bento. Note-se que o arrendamento de Paulo Marques, foi passado seis annos antes da posse judicial, que o Sepulveda tomou em 1663. Daqui segue-se que o tal foro, por ser antecedente, não desfaz a posse de São Bento ainda no caso negado que supponhamos ao Marques dando execução a seu arrendamento porque se não prova que morou nas terras arrendadas todo o tempo que lhe concede o arrendamento. Tomara eu que os Padres do Carmo mostrassem um só arrendamento das terras que ficão do Rio, passado depois da demarcação que se fez em 1663.

44. Já sei que agora me hão de pregar com o foreiro Miguel Antonio de Sobral; porque o seu arrendamento que vem no App. L. D. fols. 48. fez-se no anno de 1722. A resposta é que Miguel Antonio diz que afora no campo as terras que forão do Patusca; mas não diz que estas terras ficão do Rio de São Jeronymo para São Bento nem os Padres do Carmo provarão ainda; que o tal Patusca ficava no lugar da contenda. Ora dizeis a que houve na materia; porque tenho razoons, para saber como foi o arrendamento de Miguel Antonio. Este fez uma chacara no lugar da contenda junto ao Rio de São Jeronymo para a parte de São Bento e pagou foro ao Mosteiro. Como jurão as testemunhas dos Padres Benedictinos: Porém querendo alargar mais a sua chacara, aforou tambem as terras do Carmo existentes da outra parte do Rio que confinão com as de São Bento. Além destas terras que ficão no campo por detraz de Gonçallo Borges (arrendou para a parte da rua um pedaço de terra que tambem pertencia ao Carmo e nelle fez algumas moradas de casas adiante do dito Gonçallo Borges, Pai de Bº Borges. Por cada braça de... que arrendou para casas pagava uma pataca que é o

foro ordinario que os Padres costumão levar segundo me dizem e pela a terra que arrendou no campo para alargar a chacara pagava menos porque só dava cinco patacas por tudo.

45. Com esta noticia facilmente se entenderam aquellas palavras do aforamento :

« Aforei ao R. Prior... uns chãos que os ditos Rdos.
« Religiosos tem nesta villa. *da parte do campo e*
« para outra banda vinte braças de chãos na forma
« da mesma escriptura por preço de trezentos e vinte
« reis cada braça,

Sem fazer grande violencia a esta escripta não se pode dizer cousa differente do que tenho referido. Que diz : Nesta villa na parte do campo falla em contraposição a rua ; e quem depois de mencionar a parte do campo diz : E para outra banda : refere-se a parte da villa que fica opposta ao campo. Emfim o sentido é que aforou para a parte do campo e para a banda da rua ; mas não que aforou para outra banda do Rio : porque o aforamento não falla em rio. A mesma differença de preços está inculcando esta verdade ; porque as terras que ficão para a banda da rua costumão aforar-se por mais do que as que ficão no campo e ninguem jamais no mesmo campo deu maior preço pelas que ficão de uma parte do Rio, do que pelas que estão na outra banda, nem ha razão para se dizer que em uma margem valle mais do que em outra. Os Padres do Carmo não podem ignorar que a verdade é o que tenho dito porque no d^o. Convento ha muitos que existião nesta villa, quando Miguel Antonio fez as cazas e Chacara. Se apparecesse a escriptura a que o arrendamento se remettebem poderia ser que ella tivesse á duvida.

RESPOSTA AO DITO FUNDAMENTO DOS
PADRES DO CARMO

Doação de Braz Cubas.

46. Tenho mostrado a justiça de São Bento com fundamentos positivos daqui por diante continuareis o mesmo assumpto com rezoens negativas respondendo aos titulos do Carmo e mostrando claramente que elles não provão cousa alguma contra São Bento, antes confirmão mais o direito deste Mosteiro. Principiarei por Braz Cubas.

47. O primeiro fundamento de que se fazem senhores das terras é a doação de Braz Cubas que vem no App. L. A. fols... porém com este mesmo documento mostrareis que as ditas terras não lhes pertencem. Desta escriptura consta que Braz Cubas só deu as terras que ficão do Caminho de Santos para S. Vicente á mão direita ou para a banda do mar ; as terras controvertidas ficão do Caminho para os morros e não do caminho para o mar ; Logo Braz Cubas não deu taes terras. Braz Cubas (respondem os Padres do Carmo) Braz

Cubas por esta escriptura doou-nos *defronte da Graça terras para pasto de treze cabeças; estas terras ficão diante da porta da Graça* e por isto *defronte della* : Logo deu-nos taes terras.

48. Muito ha que dizer nesta materia, vamos por partes. Primeiramente as terras que controvertem não estão *defronte da porta*, que a Capella da Graça tinha quando Braz Cubas fez a doação ; porque a tal porta nesse tempo ficava para a banda de São Franc^{co} como consta do auto da vistoria fol... Mais Braz Cubas não falla em terras fronteiras á Capella da Graça ; e só diz que doa lugar para pasto de frente do Mosteiro que se havia de fazer na Graça App. L. A. fols. 9 vers.

Doara mais lugar *defronte do Mesmo Mosteiro terra e pasto...* Se os Padres querem chamar terra *defronte a que fica para a banda dos pastos assignem a parte para onde olha o Convento da Graça e então lhes responderéis*. A verdade é que esta resposta só pode dar-se por conjecturas ; porque o Convento não se fez : e neste auto podemos inferir que farião o mesmo os Padres Franciscanos, os quaes talarão o seu Convento de sorte que a fachada principal olha para a parte da Villa. Porque sempre quem edifica colloca o frontespicio virado para a melhor parte. Assentado pois que o convento teria a porta para a villa que então estava onde hoje existe a Matriz respondo que a terra doada para pasto é que fica da ponte para a banda de Santa Catherina.

49. Agora dareis resposta mais seria e é que Braz Cubas não doou terra alguma para pasto e segundo concedo aos Padres do Carmo para apascentarem treze cabeças nas terras do tal Cubas, o que é cousa muito differente porque no primeiro caso... passaria o dominio das terras para o Carmo e no segundo ficaria sempre pertencendo ao mesmo Cubas. Examinemos as escripturas e veremos se deo terra, ou concedeu somente licença, conservando sempre em si o dominio. Na primeira escriptura que vêm no App. L. D. fols. 4 vers lê-se o seguinte :

Assim mesmo disse o dito Braz Cubas que elle dera Licença, em dia de hoje para todo e sempre ao dito Convento e Ordem de N. Sra. do Carmo para que nas terras que elle dito Braz Cubas tem nesta Ilha desta Villa do Porto de Santos possa o dito Convento e Padres que agora residirem pelo tempo forem, trazerem nas ditas terras seis vacas paridas com seu touro, e seis crianças as quaes não serão mais que doze afora com seu touro.

Na segunda escriptura do mesmo App. fols 9 vers vai-se referindo em nome do Cubas o que elle doara na primeira e estão as palavras seguintes :

E assim doara mais lugar *defronte do mesmo Mosteiro terra e pasto para poderem pastar seis vacas paridas com sua criação e seo coeiro.*

50. As palavras da primeira escriptura claramente estão mostrando que só deu licença para pastarem treze cabeças e

não ha fundamento para se afirmar que o Cubas demittio de si o dominio : antes natural muito se collige ao contrario da obrigação que poem aos Padres quando dis que não poderá trazer mais que treze cabeças o que não faria, se lhes desse a terra porque nesse caso pouco importaria ao Cubas que os Padres trouxessem muito ou pouco gado nas terras delles Padres. Em fim as palavras : Da licença tirão toda a duvida e só indicação faculdade, mas não translação de dominio. Não são porem assim as palavras da segunda escriptura.

Doara mais lugar defronte do mesmo Mosteiro terra e pasto para...

as quaes parece inculção a dita translação. Com tudo o certo é que não dizem mais do que as da primeira escriptura ; porque estas palavras alli somente são narrativas da primeira doação como se vê na mesma segunda escriptura ; e assim devem interpretar-se de maneira que concordem com as da primeira, principalmente sendo em materia de doações que, em caso de duvida, devem restringir-se e não ampliar-se. muito mais tendo Braz Cubas herdeiros para quem resultava prejuizo da tal doação. Assentemos pois que Braz Cubas não deu terra alguma no logar da contenda.

RESPONDE-SE AO DITO FUNDAMENTO
QUE É O TESTAMENTO DE PEDRO CUBAS.

§1 Dar-lhes-ia Pedro Cubas estas terras ? Dizem os Padres que sim e eu provo que não. Pedro Cubas como consta do seu testamento, e os Padres não negam, só lhes deixou as terras que ainda possuia quando morreu ; sed sic est que elle quando morreu não era senhor das terras, que se disputa. Logo Pedro Cubas não lhes deu taes terras. E como hei de eu mostrar que o dito Pedro Cubas quando morreu já não era senhor dellas ? Da maneira seguinte. O mesmo Pedro Cubas no seu testamento faz um resumo das suas terras e diz que do marco da Graça para os oiteiros vão correndo de Norte a Sul pelos Ribeiros acima. App. L. A. fols 24 ibi.

« Declaro que eu possuo nesta villa as terras e chãos
« que se acharem por titolos e escripturas de compra
« de meu pae que nosso Senhor tem em gloria com-
« prou, as quaes em suma vão tomando do marco de N.
« Sra. da Graça pelos rios acima aos oiteiros e aguas
« vertentes para o sul do Norte até entestar quasi
« marepe com os arcos que houver são minhas, des
« contando o que se achar ter vendido e dado por
« escripturas.

Pedro Cubas nesta verba com toda a clareza assina o marco da Graça para Limite das suas terras e assim é indubitavel que não tinha couza alguma adiante do tal marco para a parte de são Bento.

§2 Mas onde estava o sobre dito marco ? Facilmente posso

mostrar com evidencia o logar delle. Para isso é necessario que vejamos primeiro o que diz Braz Cubas nas duas escripturas de doação que fez aos Padres do Carmo... Na primeira do App. 4 L. D. fols. 4 vers diz assim :

« Doa... o chão que está em N. S. da Graça, convem
« a saber, indo desta villa de Stos. para a hermda de
« N. Sra. da Graça, *passando a ponte* antes de chegar
« a dita hermda, começando das primeiras laran-
« geiras, hindo pelo caminho que vai para S. Vicente
« até outro Ribeiro que está logo adiante indo pelo
« dito caminho até a terra que estiver da mão dircita
« para a banda do mar, hindo pelo dito caminho até
« chegar ao Ribeiro dito, será da dita Ordem para
« que nelle façam convento.

Na outra escriptura do mesmo App. 4 L. D. fols. 9 vers. diz o seguinte :

« Doava e dava daquelle dia para todo o sempre
« um sitio de chão que está junto de N. Sra. da Graça
« onde chamão o Cuba, *de Ribeiro a ribeiro* até o mar
« para nelle se fazer Mosteiro...

fols. 10 vers. in fine :

« Declararão o chão onde se havia de fazer o
« dito Mosteiro de N. Sra do Carmo : começará *do*
« *marco que se porá agora em consentimento* das duas
« partes aqui declaradas até outro Ribeiro como na
« outra escriptura está declarado.

53 Supostas estas duas escripturas, pergunto aos Padres do Carmo : Onde principião as suas terras da Graça ? São obrigados a responder que no Ribeiro da ponte que se passa antes de chegar a Graça ; porque as suas mesmas escripturas affirmão que as taes terras são de Ribeiro a Ribeiro. Bem. Logo o marco estava junto ao Ribeiro da Ponte (é o de São Jeronymo) porque tambem dizem as escripturas que as terras começam de marco. Confira-se uma escriptura com outra e tirar-se-ha por consequencia que o mar oppos-se no logar onde o caminho de São Vicente atravessava o Ribeiro de São Jeronymo porque o tal marco foi assentado em logar das laranjeiras, onde começavão as terras dos Padres ; as terras dos ditos começavão do Ribeiro antecedente á Graça e ahí para o caminho de São Vicente porque erão de ribeiro a ribeiro ficavão sempre a mão direita deste caminho. Logo o marco foi posto junto ao Ribeiro de São Jeronymo na parte onde o caminho de São Vicente passa pelo tal Ribeiro. De sorte que o marco foi posto para assignalar as terras de ambas as partes contratantes e obviar duvidas entre ellas : para isso era necessario que estivesse junto ao Ribeiro e caminho de São Vicente.

54. Já sabemos onde estava o marco da Graça. Ficava na margem occidental de Rio de São Jeronymo e aqui acabavão ou principiavão as terras de Pedro Cubas : porque elle divide-as pelo marco da Graça, hindo do tal marco pelos rios acima.

De maneira que as confrontações do testamento de Pedro Cubas consinão ou o principio ou o fim das suas terras ; porque as confrontações fazem-se para algum destes ministerios. Escolhão os Padres o que quizerem. Se disserem que a confrontação do marco indica o principio do comprimento das taes terras ; seguem-se que as da contenda não são suas ; porque estão antes do Ribeiro onde ellas principião conforme as demarcações do testador. Se me respondem... a tal confrontação mostra o fim... das mesmas terras tambem por este mesmo motivo ficão as da disputa fora da herança de P. Cubas, que acabavão no Ribeiro.

55. Dirão acaso que a confrontação do testamento não consina principio, nem fim do cumprimento das terras, mas principio ou fim da largura ? Não espero que tal digão porque a largura dellas é do mar para os morros e correndo desta sorte ficava o marco não no principio nem no fim mas sim quasi no meio porque Pedro Cubas do Rio de São Jeronymo para a parte de Santa Catherina tinha terras do caminho de São Vicente, para os morros e para o mar.

56. Não posso largar a herança de Pedro Cubas sem primeiro advertir uma cousa substancial e muito necessaria. Hé ella que os Padres não concluirão cousa alguma provando somente que as terras... forão de Pedro Cubas ; porque allem disso vem mostrar que nem o tal Pedro Cubas nem seu pai derão ou venderam as taes terras. Pedro Cubas declarou no seu testamento que não entravam na herança aquellas terras que tendo sido suas ou de seu pai houvessem sido vendidas por algum delles. Daqui se segue o que eu disse acima ; porque os Padres do Carmo não são herdeiros absolutos de todas as terras que alguma vez pertenceram ao Cubas pai e filho... mas sim sojeitos a excepção feita pelo testador e por isso de provarem que as terras disputadas pertenceram aos Cubas, devem mostrar... não entram no numero das exceptuadas o que nunca fizeram. Nem me digão que provão isto mesmo com a justificação do App.... L... ; porque alem da tal justificação tem contra — si o que eu já disse, fallando da posse (Nº 36) — todas as testemunhas quando jurarão que Pedro Cubas até a sua morte possuio o sitio de São Jeronymo e outras terras de que se trata naquella justificação ; declararão que o dito Pedro Cubas havia vendido varias partes das mesmas terras. Veja-se o que digo acima Nº 76.

RESPONDE-SE AO 3º FUNDAMENTO QUE
CONSISTE NA SESMARIA DAS TERRAS DO CUBAS

57. Ultimamente ajuntavão os Padres do Carmo... carta de sesmaria que vem no App. L. F. fols 4. na qual o Capitão-mór Antonio de Oliveira concede a Paschoal Fernandes e Domingos Pires certas terras que principiavão no primeiro regato que ficava adiante da casa dos ditos... a banda de

São Vicente a ahí ião correndo para e parte onde hoje está St. Catherina, ibi :

« Começando a partir do primeiro regato que está
« adiante da dita sua casa, vindo da dita sua casa
« pára esta villa e o primeiro regato que se passa co-
« meçando delle a partir, tornando para o dito seu
« assento indo sempre pela terra chám pelo pé dos
« oiteiros para a banda da Ilha de Guaibé, até chegar
« ao dir^o do derradeiro oiteiro, dos oiteiros que alli
« estão.

Advirto ao Leitor que Braz Cubas comprou estas terras a pessoas diferentes que foram as seguintes : Domingos Pires vendeu a parte que tocou a Antonio da Pena em 1542 como consta da escriptura fols 4 vers. do App. L. F. o qual... vendeu-a depois a Braz Cubas em 1544 segundo consta da escriptura fols. 4 vers. do App, L. A. Paschoal Fernandes vendeu um pedaço de sua terra ao sobredito Braz Cubas por dez mil reis em 1546 app. L. D. fols 11 vers. Do resto que lhe ficou vendeu algumas couzas a varias pessoas e o mais deu em dote ao seu genro, Sebastião Fernandes : este depois de ter alienado alguma parte de sua terra vendeu o mais ao mesmo Braz Cubas em 1553 por oitenta mil reis. Tudo consta da escriptura que vem no App. L. F. fols. 8 onde lemos as palavras seguintes :

« Tirando algumas terras e chaõs que o dito Sebas-
« tião Fernandes ou seu sogro tinham dados ou ven-
« didos por escripturas ou assignados antes desta
« escriptura ser feita.

Todas as noticias deste advertendo ao depois hão de ser necessarias, Advirto mais que a parte da sesmaria faz menção de mais terras para outras paragens ; porém eu só fallo nestas por serem as unicas com que os Padres do Carmo quem identificar o lugar da contenda. Basta de advertencias tornemos ao discurso.

58. Ja se ve que sem averiguarmos se a casa dos primeiros possuidores estava ou não do Ribeiro de São Jeronymo para a parte de Santa Catherina, não podemos resolver se as terras da contenda ficam ou não incluidas na data, porque a tal data principiava no primeiro Ribeiro que estava para a parte de São Vicente depois das casas : e assim se estas ficavam para a parte de Santa Catherina antes do Ribeiro São Jeronymo, principiava a data no sobre dito Ribeiro de São Jeronymo, que nesse caso vinha a ser o primeiro que passava, quem da casa ia para São Vicente : pelo contrario começava a data no Rio do Desterro ou de São Bento se as casas estavam depois do Ribeiro de São Jeronymo para a parte do Occidente porque sendo assim, o primeiro Rio que passava, quem ia para São Vicente era o do Desterro.

59. Ja no anno de 1539 havia duvidas a respeito do tal lugar, e assim foi necessario a Braz Cubas justificar que as casas de Paschoal Fernandes estavam junto a uma fonte que

nasce na quebrada de dous oiteiros e que ficavam junto de uma pedra grande por onde o tal Paschoal Fernandes partia. fols. 116 vers. ibi

« Junto de um grande penedo que ainda hoje em
« dia allí está, e junto do dito penedo por onde o dito
« Paschoal Fernandes partia, estavam.

As testemunhas jurarão isto mesmo e acrescentarão que um oiteiro da quebrada chamava-se São Jeronymo e outro tinha sido do M. Bartholomeu. De tudo isto infere-se com certeza que as casas ficavam junto ao Rio de São Jeronymo porque o principio deste é a fonte que nasce na quebrada de Monserrate. Aqui e só aqui ha quebrada de dous oiteiros porque em toda a circumferencia da villa não se assignarão dous nomes distinctos senão o de Monserrate e o seu visinho entra as quaes nasce a sobredita fonte, o oiteiro do mestre Bartholomeu é o que fica junto a Monserrate como consta da medição que se fez em tempo do Sepulveda App. L. E. fols. 4 vers. O de São Jeronymo é aquelle a que hoje chamamos Monserrate como tenho provado acima N.º 4.

60. Por estas contas temos em São Jeronymo sobre as confrontações da justificação mas não bastão ellas para resolvermos em qual das margens do Riode S. Jeronymo estavam as casas. A razão é porque em ambas ha pedras grandes ; e assim basta saber-se que a casa estava junto de uma pedra grande ; para se assentar qual foi o lugar dellas. Porém Braz Cubas na sua petição deu-nos a luz que as testemunhas negarão. Diz Braz Cubas que Paschoal Fernandes partia por uma pedra que estava na quebrada de Monserrate : daqui se infere com toda a certeza que a casa ficava para a banda de St Catherina antes do Rio de São Jeronymo. Dou a razão. Se as casas estivessem adiante do tal rio a terra ou data da sesmaria havia de passar muito adiante de São Jeronymo e chegaria ao Rio do Desterro ou de São Bento e chegando a São Bento por nenhum modo podia partir pela pedra que estava em São Jeronymo porque nem principiara nem acabaria no Rio de São Jeronymo, que nesse caso ficaria quasi no meio... que as terras partem pelo principio e fim e não pelo meio : São Jeronymo fica no meio da terra que ha entre o Rio de São Bento e a fonte do Tororó : Logo se as terras da sesmaria principiassem do Rio de São Bento não partirião por São Jeronymo porque vão acabar no Tororó ou muito mais adiante. Não me canso a mostrar que as terras chegarião a São Bento se a casa estivesse adiante de São Jeronymo na margen Occidental porque isto já fica provado acima N.º 58. Isto mesmo que se infere do dito Braz Cubas me concedeu já um religioso grave do Carmo e este o mais instruido nos titolos do seu convento ; porque confessou-me que uma casa de Paschoal Fernandes fora situada junto a uma pedra que hoje se acha quebrada a Leste do Rio de São Jeronymo para a parte de St. Catherina. Nem elle pode negar porque ainda no tempo presente acham-se algumas arvores de espinho junto a

tal pedra quebrada que fica naquella paragem onde o... Governador desta Praça, intentou fazer uma casa de polyora.

61. Assentando pois que a casa de Paschoal Fernandes está do Rio de São Jeronymo para a parte de St. Catherina segue-se por legitima consequencia que a sesmaria não comprehende a terra disputada; porque esta principia no primeiro regato que passa quem vai da tal casa para São Vicente, o primeiro regato que se passa quando daquella casa vai-se para São Vicente é o de São Jeronymo. Logo ahí principia a data da sesmaria e consequentemente toda a terra litigiosa fica... da sesmaria de Paschoal Fernandes e seu companheiro Domingos Pires. Nos autos não se faz menção desta sesmaria porque foi junta fora de tempo; mas consta-me que os Padres do Carmo dão varias respostas em meu argumento. Vejamos se satisfazem. Respondem primeiramente que a data nunca partiu pela pedra grande que estava em São Jeronymo. As palavras de Braz Cubas salvão dizendo que por alli partia Paschoal Fernandes com seu companheiro Domingos Pires e não com outro, e principiava no Rio de São Bento segundo elles dizem. De sorte que vão suppondo que estes dous companheiros repartirão entre si a terra da sesmaria que pertencia a ambos. A Domingos Pires coube a que vai do Rio de São Bento até o Rio de São Jeronymo e a Paschoal Fernandes ficou... a outra mais que se segue do Rio de São Jeronymo para diante. Por isso Braz Cubas diz que Paschoal Fernandes parte pela pedra que está em São Jeronymo. Confesso que a resposta é engenhosa mas nada tem de verdadeira. E que dirão os Padres do Carmo se eu lhes mostrar que a data partia com um socegoito que não era algum dos companheiros?

62. Ora eu digo, que partia com o M. Bartholomeu e provo. Hé certo que a data partia com o senhor da terra que fica do Rio para São Bento. Se querem agora saber quem era o senhor desta terra, leiam a justificação de Braz Cubas e ahí acharão que pertencia ao M. Bartholomeu: porque testas fallando do oit^o que fazia a quebrada com o de São Jeronymo jurão que aquelle oiteiro era do M. Bartholomeu. He mentira que Paschoal Fernandes partisse com seu companheiro pelo Rio de São Jeronymo porque elle era senhor das terras que vão correndo ao Leste do d^o Rib^o e tambem era... quando vendeu a Braz Cubas as terras que ficvão da banda de St Catherina até o Rib^o pr^o que se passava qd^o se sahia da villa, como consta de uma escripta que se acha no cartorio do Carmo e...

A primeira test^a diz assim folhas 48;

« Entre o oiteiro que foi do Mestre Bartholomeu
« onde esteve uma forca e o oiteiro de S. Jeronymo.

A 2^a App. L. F. 48 vers. explica-se... desta maneyra.

« Entre o oiteiro que ora é nomeado de S. Jeronymo
« e o oiteiro que dizião ser do Mestre Bartholomeu.

A terceira test^a falla da mesma sorte fols. 49 vers.

« Entre o oiteiro que ora he nom^o de São Jeronymo e o oiteiro que dizem que foi do Mestre Bartholomeu.

Daqui se está vendo que um dos oiteiros : tinha dono esse era o do Mestre Bartholomeu e não Paschoal Fernandes nem Domingos Pires : de onde se segue que a terra da sesmaria em São Jeronymo partia com pessoa que não era nenhum dos companheiros. Com o depoimento destas test^{es} se prova tambem que a terra da sesmaria não chegava a São Bento porque se chegasse, aquelle oiteiro havia de pertencer aos dous companheiros e não ao Mestre Bartholomeu ; O oiteiro pertencia ao Mestre Bartholomeu : Logo a terra de sesmaria não chegava a São Bento.

63. Que dirão a isto os Padres do Carmo ? Responderão a caso que o oiteiro chamava-se do Mestre Bartholomeu mas não era d'elle ? Assim como dizemos Oiteiro de Monserrate sem que daqui se siga que o tal oiteiro hé desta Snra ? Não podem responder tal ; porque as testemunhas fallão de sorte que não pode ser este o sentido. Quando fallão no oiteiro de São Jeronymo explicam-se desta maneira. Que ora é nomeado de São de Jeronymo. Oiteiro que se nomeia de São Jeronymo donde se segue tambem havião de dizer-Oiteiro que se nomeia do Mestre Bartholomeu Oiteiro que ora é chamado do Mestre Bartholomeu e não oiteiro que dizião ser do Mestre Bartholomeu e oiteiro que foi do Mestre Bartholomeu Em fim o sentido obvio e natural das palavras é que o oiteiro pertencia ao Mestre Bartholomeu da mesma sorte que dizemos : O Brasil é do Rei de Portugal, quando queremos afirmar que aquelle monarcha é senhor deste principado. Parece que foi permissão divina nuito especial não dizerem duas testemunhas oiteiro de São Jeronymo para que pelo seu estilo de fallar conhecessemos a verdade.

64. Perguntar-me ha agora alguem quem foi este Mestre Bartholomeu, tão celebrado nesta demanda? Respondo que foi um ferreiro chamado Bartholomeu Gonçalves em que falla a escriptura de Domingos Pires fols. 4 vers. do App. L. F onde diz que as suas terras partem com o tal ferreiro. Conforme esta escriptura havia junto de São Jeronymo um ferreiro chamado Bartholomeu que tinha terras naquella paragem : Lembremo-nos de que os officiaes costumão chamar-se Mestre e tambem de que o Mestre Bartholomeu tinha terras na quebrada de Monserrate como diz a justificação e tiraremos por conclusão, moralmente certa, que o Mestre Bartholomeu foi o ferreiro Bartholomeu Gonçalves com quem partia Domingos Pires.

65. Esta escriptura é outra prova de que as terras de sesmaria ficavão adiante do Rio de São Jeronymo para a parte de St. Catherina e que pela quebrada partião com o Mestre Bartholomeu porque Domingos Pires (a quem coube o seu quinhão para a banda de São Bento) diz que parte com Bartholomeu Ferreiro como tenho mostrado ; era o Mestre Bartholomeu Senhor do oiteiro que faz quebrada com o

Monserrate, chamado antigamente Oiteiro de São Jeronymo. Para se entender isto melhor é necessario suppôr que a data da sesmaria principiava no Ribeiro de São Jeronymo e dahi ia correndo para St. Catherina. Depois que os companheiros dividirão entre si as terras coube ao Pires um pedaço que principiava junto ao Ribeiro de São Jeronymo e ia acabar onde começava o quinhão do Fernandes. Digo que isso assim foi obrigado das confrontações que Domingos Pires deu as suas terras quando as vendeu. Diz elle assim App. L. F. fols. 4 vers.

« Vendeu deste dia para todo o sempre ao dito
« Antonio da Pena uma terra feita e por fazer que
« elle Domingos Pires tinha em os oiteiros de assim
« como parte de cham, parte com terras de Paschoal
« Fernandes e da outra parte das areias da banda de
« mar parte com Bartholomeu Gonçalves, ferreiro.

De sorte que as terras do Mestre Bartholomeu principiavam das partes de São Bento e ião acabar na quebrada de Monserrate, nesta quebrada começava Domingos Pires e depois d'elle ficava Paschoal Fernandes, por isso diz Domingos Pires que, por uma banda parte com Bartholomeu Gonçalves ferreiro, e por outra, com Paschoal Fernandes; isto é, com o ferreiro que é o mestre Bartholomeu, pela banda de São Bento, e com Paschoal pela banda de St. Catherina. Esta arrumação em parte ha de agradecer aos Padres do Carmo e em parte ha de ser-lhes muito desagradavel; porque convém commigo emquanto digo que Domingos Pires partia com Paschoal Fernandes e desconcordamos no principio das terras do tal Pires; porque os Padres dizem que principiava no Rio do Desterro e eu provo que começava no de São Jeronymo. Eu não me intrometto a examinar a paragem por onde partia o tal Pires com o companheiro, pois isso não me importa. Contento-me com ter mostrado que toda a data devia partir junto ao Rio de São Jeronymo porque um dos oiteiros da quebrada, onde está a fonte, era do Mestre Bartholomeu. (Advertencia necessaria. O mestre Bartholomeu(1) foi coetaneo aos dous companheiros porque os titolos dos Appensos falam nestes como existentes pelos annos de 1539 até o de 1563 e a justificação de Braz Cubas no anno de 1589 falla no Mestre Bartholomeu como de cousa preterita. Tambem o Bartholomeu ferreiro vivia no tempo de Domingos Pires como consta da venda que este fez e assim é moral-

(1) O mestre Bartholomeu com effeito era um ferreiro que em sua companhia trouxe o primeiro conquistador Martim Affonso como allegou o mesmo Bartholomeu Gonçalves, pedindo terras as quaes lhe forão dadas por uma sesmaria que eu vi. O documento onde eu achei cirurgião era uma justificação que fizeram seus descendentes os quaes, ou por ignorancia ou por vaidade, fingirão cirurgião, para se não saber que descendião de um official mecanico.

mente certo que o tal ferreiro era o celebrado Mestre Bartholomeu (1).

66. Prova-se mais que as terras da sesmaria nunca principiarão no Rio do Desterro. Se as taes terras principiassem no sobredito Rio toda a terra que ha entre os dous rios de São Jeronymo e Desterro ou São Bento ficaria pertencendo a Paschoal Fernandes e seu companheiros Pires; porque os primeiros que possuem... terras são aquelles que tem sesmarias dellas.

O contrario disto se está vendo na terra intermedia aos sobreditos riachos porque, entre um e outro, fica o Mosteiro de São Bento a quem os Padres do Carmo não se atrevem a disputar o senhorio das terras do seu Mosteiro. Tambem entre os dous rios fica a terra do Sepulveda que os Padres do Carmo arrumão atraz das casas do Pe. Novilher. Da mesma sorte está entre os mesmos rios o oiteiro que foi do Mestre Bartholomeu. Juntamente estão os oiteiros que não pertencem aos Padres do Carmo; porque estes o libello confessão que os fundos das suas terras pertendidas só chegão ao pé do morro. Desejo que os Padres me digão, como passarão estas terras a outros se pela sesmaria pertencião a Paschoal Fernandes e seu companheiro Domingos Pires. Não podem responder que algum destes companheiros as vendeo, porque não consta de taes vendas porque a terra da sesmaria, que ficam para a banda de São Bento tocou a Domingos Pires e Domingos Pires vendeu o seu quinhão ao Pena como se collige da escriptura de venda. Pois então como passou esta terra aos doadores de São Bento que sem contradicção de pessoa alguma a dominarão sempre. O certo é que a data da sesmaria principia no Rio de São Jeronymo e por isto a terra que fica entre o tal Rio e o de São Bento ou Desterro pertenceu sempre a outros donos totalmente differentes dos dous companheiros interegados na carta da sesmaria.

67. III Advertencia para mim. Se os Padres do Carmo derem por segunda resposta o desproposito de que a casa de Paschoal Fernandes estava junto á fonte de São Bento e não de S. Jeronymo neste lugar hei de pôr o.... e responder a elles 1º que em São Bento não ha dous oiteiros mas sim duas pontas de um só oiteiro que faz a figura de meia lua e não basta ter dous braços para se chamar dous oiteiros, porque um homem com dous braços abertos é um homem e não dous. Mais. Estas duas pontas estão unidas com o corpo principal do oiteiro e consequentemente tudo faz um só oiteiro porque (como diz o proloquio Filosofico); « Qui sunt eadem uno tertio sunt idem interse — Que a fonte

(1) De varias sesmarias que vi nos livros da fazenda real consta que Bartholomeu Gongalves com effeito era um ferreiro que o Donatario Martim Affonso trouxe em sua companhia quando aqui veio a conquistar.

da casa nascia entre os dous oiteiros consta da justificação onde expressamente lemos as palavras dous oiteiros. A prova que (segundo me dizem) fazem do Talmaio responderei que o negro que deu o nome ao rio de Macario chamava-se Macario e não Talmaio. Item... que o negro enforcado no oiteiro do Mestre Bartholomeu era de Fulano Preto e o que morreu atraz de São Francisco era dos Padres Franciscanos. Item que aquelle morreu em uma forca que alli estava, por autoridade de Justiça, e o de São Francisco morreu afogado porque era doido e matou-se a si mesmo. Deste negro Macario e sua morte sabem Miguel da Costa e Antonio Frois. Não proponho o argumento porque o R. P. Definidor confessou-me que a quebrada da justificação era a de São Jeronymo

RESPONDE-SE AO FUNDAMENTO DAS TESTEMUNHAS
QUE E' O ULTIMO

68. Tenho respondidos os documentos do Carmo excepto um inintelligivel que vem no App. L. D. fols. 44 vers. em que Paschoal Fernandes vendeu certas terras que (segundo infiro de fallar no chão da fonte da villa) são as do Tororó e por isso sem connexão alguma com o lugar da contenda. Depois dos titulos passo a examinar o depoimento das testemunhas, que disserão alguma cousa a cerca da propriedade.

69. A primeira testemunha, que foi Izabel Pinta de Sampaio jura que ouviu dizer a seus maiores, descendentes de Pedro Cubas, que este deu aos Padres do Carmo o Campo da Villa vindo até os Cortumes. Jurou falso por muitos principios ou seus maiores mentirão. 1º Porque os Padres confessão que o Campo da Villa vindo de Santa Catherina até uma cruz que fica junto ao Carmo nunca foi seu. Ja citei o lugar em que dizem isto quando tratei da posse (nº 36); 2º porque Pedro Cubas afirma no seu testamento que as terras que deixa aos Padres não passam do marco da Graça. Veja-se o que fica dito nº 53 e item de que a testemunha é de ouvida.

70. A 2ª nada disse porque depoz que Pedro Cubas deixou terras, mas que ignorava as quaes ellas forão. Que o dito Cubas deu terras aos Padres ninguem nega. A duvida é quaes ellas forão e disso nada sabe a testemunha. A 3ª jurou que as terras até o retiro erão do Carmo mas não disse se do Rio de São Jeronymo para lá ou para cá, o que era'necessario dissesse para fazer prova, porque o Retiro comprehendendo duas partes e a duvida só ha a respeito de uma. O que diz do foreiro João de Souza pertence a posse e já se lhe respondeu nº 34. A 4ª só diz alguma cousa pertencente a posse e por isso lhe dei resposta atraz nº 35.

71. A 5ª jura que publica e geralmente ouviu dizer que as terras pertencião ao Carmo; mas tambem depoem que as casas que se achavam nas ditas terras pagavam foro a São Bento. Como pode compadecer-se uma cousa com outra? Quem crerá que publicamente as terras pertencem ao Carmo

e sendo nellas uma rua de casas a São Bento e nem uma só morada que pague foro ao Carmo ? Se fosse publico e notorio que as terras erão dos Carmelitas haveria quem pedisse arrendamento aos Benedictinos ? Ora isto é incrível e por isto não deve dar-se credito ás testemunhas pois é bem sabido que são indignas de credito, as testemunhas que dizem cousas inverosimeis. Além de que as testemunhas tem contra si a excepção que o Advogado de São Bento advertiu nos autos : e ainda não tivesse esta excepção nem deposesse cousas inverosimeis ficaria desvanecida a prova dos Padres do Carmo porque estes só tiveram a seu favor duas testemunhas que deposerão de ouvido : pelo contrario muitas mais em numero, e todas contestas, jurarão que as terras disputadas, desde o Ribeiro de São Jeronymo até o dos Cortumes, pertencião ao Mosteiro de São Bento.

72. Alem destes fundamentos nada solidos usão os Padres do Carmo de outro que muito menos lhes hade aproveitar. Em uma resposta que derão e vê nos autos a fols. 62 até 63 empenham-se a mostrar que todas as escripturas e titulos de São Bento são nullos, uns por falta de poderes nos Procuradores que venderam as terras em nome de seus constituintes, outros por não se explicar nelles com individuação os limites das terras vendidas ou doadas. Supponhamos em ora que tudo é assim. E que provão os Padres com isso ? Neste caso por ventura ficarião as terras disputadas pertencendo a Pedro Cubas ou Braz Cubas ? Hé certo que não; porque nenhuma escriptura apresentada por São Bento emanou de argumentos destes... Se as vendas ou doações feitas a São Bento fossem nullas tornaria o dominio das terras a recahir nos mesmos que as venderão; e como estes vendedores não instituirão seus herdeiros aos Cubas nem aos Padres do Carmo segue-se que não provariam os religiosos do Carmo que as terras erão suas ainda no caso já dito que nas mencionadas escripturas mostrassem defeitos sufficientes para invalidarem as vendas ou doações. Além de que ha menos verdade, quando dizem a respeito deste assumpto. Não tenho tempo para discorrer por todas as escripturas. Quem ler com attenção as que aponteí acima nº 16 achará que estão muito bem confrontadas as que respeito ao Litigio presente: porque ou dizem que as terras principião onde os Padres do Carmo acabão ou se referem a titulos antecedentes em que se diz isto; e sempre foi muito notoria a baliza do Carmo principalmente depois que se animarão os marcos em tempos do Sepulveda. Da mesma sorte é menos verdade o que affirmão da falta de poderes nos constituintes; porque quem ler com attenção as duas escripturas que se fizeram por procuradores, achará que os escriptvaens dão fundos poderes nos ditos procuradores. Tambem não se deve fazer caso do que allegão contra o auto da demarcação dizendo que o prior por si só não podia dar terras; porque o prior nada deu. O que fez foi avivar e ani-

mar os marcos como se lê no auto e ainda que se mettesse de novo não seria necessario que assistisse todo o convento; porque para a validade de semelhante acto bastava um procurador do convento e muito mais o proprio prelado.

73. Tenho provado que a terra da contenda não se inclue na sesmaria de Paschoal Fernandes e Domingos Pires: que nunca pertenceu a Pedro Cubas nem Braz Cubas: Que os Padres do Carmo devião provar que foi de algum dos sobreditos e depois disso era necessario mostrassem que nem o pae nem o filho as venderam; e que os ditos Padres nem uma cousa nem outra mostrarão: finalmente que os faes religiosos nunca possuiram as mencionadas terras. Mostrei mais que estas pertencião aos Monges de São Bento por doação de João Baruel e que no caso negado que lhes faltassem titulos verdadeiros ficarião sendo suas pelo titulo da prescripção. Tudo provei com a confissão da parte contraria com os depoimentos das testemunhas e com os documentos das partes litigantes. Nestes termos com muita razão esperão os Padres de São Bento que a sentença será favoravel a seu Mosteiro.

« Não houve tempo para por em limpo este papel.

« O Douto que ler desculpe e tenha a bondade de

« disfarçar a maldade da lettra e erros da escripta.

NOTA. — O M. Bartholomeu não era cirurgião mas sim ferreiro porque nos livros da Fazenda Real estão registadas as sesmarias antigas das quaes consta que Bartholomeu Gonçalves foi um ferreiro que o primeiro Donatário Martim Affonso de Souza trouxe em sua companhia quando veio conquistar esta capitania de São Vicente e nella ficou a notoria de que fora cirurgião; achei em uma parte que muitos annos depois da sua morte fizeram seus descendentes pedindo traslado de um testemunho que fora concedido ao dito M. Bartholomeu. Sem duvida o fizeram cirurgião para não renovarem a memoria de que descendião de um ferreiro.

Hua escriptura antiquissima de terras de Braz Cubas... que principia em Jurubatuba e vão acabar ou para melhor dizer entrão pelos fundos até S. Paulo e vão mais adiante se faz menção do Mestre Bartholomeu. Quando visitei o Mosteiro de São Paulo vi huma sesmaria em que tambem se faz nomeação do Mestre Bartholomeu e della consta que era hum cirurgião que supponho foi o primeiro que veio a este terra. Pode ser que este cirurgião seja o mestre Bartholomeu... fallão as testemunhas da justificação. Escrevo esta advertencia muitos annos depois de ter feito as razões supra.

PARA
O REGISTO E DIETARIO DO MOSTEYRO
SEU AUTOR

—
1766

PREFAÇÃO AO LEYTOR

Quando pelas Ordens regulares, e em qualquer Religião approvada nos seos Conventos e Mosteyros, deve haver toda a observancia da Regra, que profissão e Leys a que se obrigão na profiçãõ ; necessitando este Mosteyro de inteiro *comprimento* ao prezente da observancia do Capitulo 1º das Cons. 3, § 6, p. 109, me resolvy a tomar sobre mim esta empreza, que posto que, não difficultoza, impertinente, para assim satisfazer, senão por em cheyo a minha obrigação, em parte ; e quando disto alcance alguma censura, olhe cada um bem para a obrigação, que tem ; e quando mereça algum, Louvor, seja dado a Deos, a N. Pe. S. Bento e a toda a nossa Religião Sagrada.

VALLE (1).

DA FUNDAÇÃO DESTE MOSTEIRO DA CIDADE DE S. PAULO

Dillatada pelas trez partes do Orbe Catholico a Familia Benedictina no decurso de mil, duzentos, e vinte e dous annos, que nasceu, viveu, e fundou Nosso Padre S. Bento, chegou tambem por industria da Congregaçãõ de Portugal há mais de duzentos annos á quarta parte do Mundo, descoberta, e conquistada no tempo e Reynado do Nosso Monarcha de feliz memoria o Snr. Rey D. Manoel.

2. Teve seu principio esta sua fundaçãõ no Mosteiro da Capital Cidade, e Estado de todo o Brazil, na Cidade do Salvador, Bahia de todos os Santos, no anno de 1588 no mais-

(1) Tem esta velha e pequena chronica, anonyma, graças á humildade do autor, um sabor muito especial de ingenuidade e singeleza que lembra Jaboação ou Fr. Vicente do Salvador. Traçada para ficar archivada no dietario do mosteiro pertence á categoria destes escriptos tradicionaes na ordem benedictina, onde quer que a vejamos estabelecida, e de que, de tempos a tempos, os eruditos exhumam um ou outro inedito, de grande valor evocativo, como por vezes já o tem feito o sabio Abbade Gasquet com os seus preciosos achados medievales, como por exemplo, ainda ultimamente a chronica de Jocelyn of Brakelond, tão preciosa pintura da vida monastica e social ingleza no seculo XII (N. da R).

nobre, e magnifico Mosteiro cabeça de toda a Provincia, do qual emanarão fundadores para as demais Cidades desta America Portugueza, sabindo uns para a Cidade de Pernambuco, outros para a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e para esta de S. Paulo, hoje intitulada pelo Snr. Rey D. João 5º, de gloriosa memoria, a Cidade da Assumpção, então naquelle tempo Villa de S. Paulo, o M. Rº Padre Fr. Mauro Teixeira natural da Villa de S. Vicente, e Monge de exemplar vida.

3. Posto que sem especial licença Regia para a fundação deste nosso Mosteyro de N. Sra. da Assumpção, hoje assim intitulado pelo N. Rº Pe. Geral Fr. José de Santa Maria : Como aquelles monges primeiros fundadores, que á Cidade da Bahia chegarão, não podião vir, e passar a este novo Mundo, sem especialissima Ordem daquelle Pio Monarcha para tal fim de propagarem os Filhos do Patriarcha Principe, e Principe de todos os Patriarchas, N. Padre S. Bento, a fé Catholica a todo este, e aquelle Orbe, naquelle tempo, de mais gentilismo, que fieis as Leis do Verdadeiro Deos : Com aquella universal Licença chegou o R. Pe. Fr. Mauro Teixeira a esta Villa de S. Paulo no anno de 1598 e deu principio a fundação deste Mosteyro.

DA FUNDAÇÃO, E CITAÇÃO DESTE MOSTEIRO NESTE LUGAR

4. No tempo, em que esta Cidade era Villa de S. Paulo, muito no seu principio, tambem logrou felicidade, que não foy pequena, de a ella vir, e chegar o Rdo. Pe. Fr. Mauro Teixeira, Monge muito religioso, e abstinente, de louvavel vida, e singulares costumes : deu copia da sua vinda aos senhores Senadores, e a nobre Camara daquelle tempo, expondo-lhe o intento, que o movia a subir a Serra do Cubatão, e a vontade, e disposição do seu Prellado, que era o D. Abade do Mosteiro da Bahia, que juntamente era Provincial nesse tempo. Ha muito para se crer a alegria, que conceberião os Senadores por se verem, e a sua villa, possuidos de um tão religioso Padre, o de uma Ordem tão especializada entre as mais : Com applauzo o receberão, e lhe consignarão, ao depois de elle expôr o seu intento, e conseguir o fim, que o havia movido, a paragem no ultimo fim do alto, em que está cituada hoje toda a Cidade.

5. Logo que o Rº Pº Fr. Mauro com esta licença, e consi-gnação do logar deu principio a lançar os primeiros fundamentos na parte mais aprazivel de toda a Cidade por ficar como fora della ; porque correndo-lhe por bayxo do Mosteyro de sua parte, que é a do nascente, o Rio Tamandatihy, que por esta parte o cerca, formando sua formozza enseada a terra, e feyxa de tal sorte com o Rio Inhangabahú, que pela parte do poente corre deyxando em cima no pavimento da terra, o lugar para quem vem ao Mosteyro o possa entrar,

de maneira que parece está este fora da mesma Cidade: neste lugar e no fim desta ultima parte do alto de toda a Cidade formou sua Capellinha com a invocação de São Bento o Pe. Fr. Mauro.

6. Nesta Cappellinha, e neste lugar por alguns annos, como os verdadeiros Monges da Tebayda, viveu o Pe. Fr. Mauro Teyxeyra, fazendo todas as obrigações que o seu Estado pedia, e sua vida penitente, apartado de toda a humana conversação, e abstimente, para por este meyo servir melhor a Deus, como assim o contão algumas pessoas de idade propecta, que assim já o havião ouvido de seus antepassados, e consta isto de um caderno velho manuscripto, que se ainda conserva no Archivo do Mosteiro.

« Regresso, e Retirada do Fundador, e deyxção da primeira Capella. »

7. Quando o Fundador o Pe. Fr. Mauro fundou, e fez a primeira Capella com a invocação de N. Pe. S. Bento, como o mostrou o tempo, em que se reedificou de novo a Igreja deste Mosteyro, desfazendo-se a antiga pelo M. R. Pe Fr. Miguel de S. Rita então Presidente, e depois D. Abbade deste Mosteiro, filho e natural da Cidade da Bahia, o qual a tornou a levantar, completando ao todo as taypas de toda a nova Igreja, como adiante se verá; nessa occasião nos dezaterros, que se fazião, não só virão-se, mas conhecerão-se, o lugar da Igreja velha, e sepulturas, pelos ossos dos cadaveres, que se acharão, os quaes se recolherão em Cemeterios, e ao depois se recolherão, e transladarão as sepulturas.

8. Naquelle tempo da primeira Capella, que não era muito distante desta nova Igreja, antes pelo que mostrou a experiencia, era contigua desta, deprezente feyta, e fabrica de novo; pediu o Pe. Fr. Mauro fundador, por sua carta de datta, que se acha do Archivo deste Mosteyro, com o intento de lançar de novo, ao prezente tempo, no Tombo novamente feito neste triennio; por petição feita pelo mesmo Pe. Fundador, ao Procurador do Donatario, que então era Jorge Correa, Capitão Loco tenente, e ao Governador Lopes de Souza, a mercê de uma legoa de terras para patrimonio, e ajuda da sua sustentação, e Subsistencia, pois não tinha, nem havião inda rendas com que manter-se.

9. Não duvidou, antes com bizzarria, e liberalidade, conge-deu este cavalheiro o pedido do Pe. Fr. Mauro, e a primeira couza, que nessas terras fez foi fundar a Capella, de que tratamos; e pelo decurso do tempo, ou fosse mandado recolher pelos Prelados Superiores, ou por sua livre vontade o Pe. Fundador Fr. Mauro Teixeira, por se haverem passados alguns annos vivendo só, e sollitario naquelle ermo, que assim se podia dizer, naquelle tempo, e naquelle principio, se retirou, deixando um procurador chamado Manoel Preto (1).

(1) Provavelmente o celebre sertanista que tanto se salientou na tomada de Guayra e foi o fundador da igreja de N. S. do O'. (N. da R.)

REEDIFICAÇÃO DE NOVA IGREJA,
E CHEGADA DE NOVOS FUNDADORES

10. Passados Bastantes annos, ao depois da retirada do Pe. Fr. Mauro Teixeira, que até o presente se não soube o motivo que para isso houve, no anno de 1610 : Chegou por Governador desta Capitania o Snr. D. Francisco de Souza, a quem muito nomeão, e dão o titulo de Marquez das Minas, 3.º tio do Ill^{mo} e Exmo. Snr. D. Luiz Antonio de Souza Botelho, e Mourão, hoje Governador e Cap^m. General desta nobre Cidade de São Paulo, e na companhia daquelle tam nobre, e destinto Fidalgo, conduzidos por elle, tambem tambem vierão trez Monges o M. R. Pe. Fr. Matheus de Assumpção, primeiro Prior, que teve este Mosteyro, o Pe. Pregador Fr. Antonio de Assumpção, e o Pe. Pregador Fr. Bento da Purificação.

11. Procurarão estes Religiosos logo o lugar da sua habitação na Capellinha, que havia fundado o Pe. Fr. Mauro Teixeira, e nella fazião todas as obrigações de vida Monastica, como hé de seu Instituto, tratando o M. Rdo. Pe. Prior Fr. Matheus de Assumpção de fazer tambem recolhimento para sy e seus companheiros, e porque junto, e pelo pé da mesma Capella vinha, e era o caminho dos que vinhão para a Cidade, de N. S. da Luz, chamado Guavê; por devassar muito o recolhimento dos monges; fez o Pe. Prior Fr. Matheus petição a Camera desta Cidade para o mudar por outra parte, como com effeito, por devassar o Mosteyro, mudarão, e se serve o povo hoje por onde está, e he estrada franca das pessoas, que vem de N. Sra. da Luz procurando a ponte do Inhangabahy.

12. Este Governador, e Capitão General D. Francisco de Souza, em cuja companhia vierão os nossos monges, como era muito devoto da Sra. de Monserrate, quiz e pedio aos religiosos, quizessem mudar a invocação da Capella de N. Pe. São Bento, em a Invocação da Sra. de Monserrate, e que tão bem a tomassemos por Padroeira do mesmo Mosteyro que de novo se edificava; e tanto por se compadecer o titulo comos de outros mais Mosteyros, como o de Catalunha em Castella, tam conhecidamente pela christandade, e outros, pela Europa; como por condegenderem com a vontade de fidalgo tam distinto, a quem viviamos tam obrigados, aceytarão o Pe. Prior Fr. Matheus de Assumpção, e os mais monges, collocando na Egreja a imagem da Senhora com o titulo, e invocação da Sra. de Monserrate.

CONSERVAÇÃO DA NOVA IGREJA, E MOSTEYRO,
COM MAIOR COPIA DE MONGES

13. Tiradas de todo algumas duvidas, que occorrião, quando de novo chegarão os segundos fundadores, por dizerem algumas pessoas, que a terra, e sitio em que estava fundada Igreja pertencia ao povo, e não aos monges; naquelle tempo

ogo accodiou e recorreu o Pe. Prior Fr. Matheus de Assumpção á Camera, e Republicanos, passando-lhe estes sua attenção, e certidão, que se acha lançada no livro do Tombo novamente feito neste meu triennio (1) a fls. 2 na qual certificação que o tal sitio fora dado com terras de sesmarias para subsistencia dos monges, e que nunca a Capella fora visitada do Ordinario, não obstante, ter-se auzentado o Rdo. Pe. Fr. Mauro Teixeira primeiro Fundador, por ter a Religião por seu Procurador a Manuel Preto.

14. Porém passados alguns annos mais, nos quaes sempre foi governador, e Capitão General o Snr. D. Francisco de Souza, que veyo a esta Capitania em descobrimento de minas de ouro, e prata, e outros metaes, mandado e conservado por todo este tempo, em que gastou bastantes, pelos Senhores Reis Felipes 2º da Castella, e primeiro de Portugal; e 2º de Portugal, e 3º da Castella, notempo, em que o nosso Reyno lhes foi sogeyto, na falta de successão dos Senhores Reis D. Sebastião, e do Cardeal Henrique, ou Cardeal Rey: no anno de 1630 vierão, com effeito chegarão mais copia de monges o Pe. Preg. Fr. Gregorio, o Pe. Preg. Fr. Bernardo de Azevedo, o Pe. Preg. Fr. Pedro dos Santos, e o Pe. Fr. Maximo Pereira, para augmento da caza, e especial servico do Mosteyro.

15. Com aquella invocação de N. Sra. do Monserrate, e com mais religiosos se foi conservando o Mosteyro, e Igreja por bastantes annos, entre os quaes, e não muito depois tambem veyo para este mesmo Mosteyro, no mesmo anno de 1630, o Pe. Preg. Fr. João Pimentel, e supoem-se pelas antiquissimas noticias, que com algum cargo de prelazia, por saber-se, que naquelle tempo continuou obras, por sua petição que no Archivo deste Mosteyro, se acha, em a qual pedia licença a Camera para as fazer, e que por temer, que o Povo lhe impedisse pelas razões referidas deser o sitio seu lhe assegurasse a quietação, como segunda vez o fez a Camera por seu despacho.

DEYXAÇÃO DESTA IGREJA. E MOSTEYRO,
E NOVA FACTURA DE MOSTEYRO NESTE LUGAR

16. Por todo este tempo, desde a Fundação do Pe. Fr. Mauro se conservou esta Igreja, e Mosteyro no primeiro lugar, onde teve o seu principio, com quatro cellas junto, e contiguo á Igreja velha, permanecendo desde então toda esta obra até o anno de 1650: no qual tempo como visse o Capitão Fernão Dias Paes homem muito distinto, e abastado de bens, nosso amigo, e Bemfeitor a pequenhês do Mosteyro, o aperto em que estavão os monges, e pouco comodo que

(1) Faz esta observação suppòr que a presente memoria seja do punho ou do Abbade Frei Angelo do Sacramento que regeu a Abbadia de S. Paulo no triennio de 1766-1769, ou do seu antecessor Frei Antonio do Pilar (1763-1766) (N. da R.)

linhão, como homem de bem, pediolhe mesmo aos Religiosos, que para que mais commodamente podessem louvar a Deus queria elle fazer sua nova Igreja ao pé daquella primeira fundada pelo Pe. Fr. Mauro toda a sua custa; e como era natural desta cidade, queria que fosse com a obrigação de ser elle o Protector della, e ter na Capella maior uma sepultura para sy, e duas mais para seos descendentes se enterarem enquanto existir o Mosteyro.

47. O que tudo attendido o acceyto pelos padres, estando juntamente presente o Rvmo. Pe. Provincial, que então era o D. Fr. Gregorio de Magalhães, e o Pe. Presidente do Mosteyro, que a fim já se nomeava o Prelado delle, e se regia, o Pe. P^{or} Fr. Feliciano de S. Thiago com o Pe. Prior Fr. Jeronymo do Rozario, e mais monges, se lhe concedeu a faculdade de na nossa Capella mór ter as trez sepulturas uma no meio e as duas em cada um dos lados, ao Capitão Fernão Dias Paes, fazendo que fosse a Cappella mór, e Igreja nova; celebrado todo o contrato por escriptura publica, que se acha no cartorio do Mosteyro, obrigando-se mais a dar os paramentos necessarios para ouro e servico della.

48. Com esta faculdade do S^{to} Conv^{to} com grande alegria, e gosto deu o Capitão Fernão Dias Paes principio a factura desta Igreja, e Mosteyro no Sitio e lugar onde hoje, pelo favor do Céu, existe, algum tanto distante, e mais afastado do lugar da primeira Capella da Fundação do Pe. Fr. Mauro Teixeira, e continuando a, sem cessar o seu intento, acabou de todo fazendo nella trez altares um, que era o altar mór, em que conservou por padroeira da Igreja a mesma Senhora do Monserrate, em seu retabulo de taboas pintado, como então permitia a estreiteza da terra, e dous altares mais collateraes, em que pôs no da parte do Evangelho N. Pe. Santo Amaro, e no da Epistola N. Pe. S. Bernardo, assentando mais na Igreja um pulpito, ornando-a com coro, e dando todos os paramentos necessarios, tanto para ouro da Igreja, como para ornato dos altares.

RENDA, E PATRIMONIO DA NOVA IGREJA, QUE LHE FEZ,
E DEYXOU O CAP^m FERNÃO DIAS PAES

49. Feyta, e acabada a nova Igreja pelo Capitão Fernão Dias Paes, e a mandou toda formar pela sua gente de serviço que naquelle tempo erão muitos os indios subordinados ás administrações, pelos antigos os virem buscar pelos sertões dezertos, em que os colhião e recolhião tanto para o gremio da Igreja, como para se servirem delles, determinou no anno de 1650, em que se fez a Escriptura do contracto de pôr renda sufficiente para a conservação da mesma Capella mór, de que era protector, e principiou a dar oito mil reis todos os annos como se havia ajustado.

20. Porem como esta conta annual, era penção oneroza e pouca segura, por ser certa em vida do mesmo Fernão Dias

Paes, e por sua morte poderia faltar; comprou em praça um sitio distante desta cidade legoa e meya, chamado Tojucassú, em que está hoje fundada a fazenda e olaria com Capella do glorioso Patriarcha S. Caetano, de que adiante trataremos, para patrimonio, e renda certa desta nova Igreja, edificada por elle, fazendo trespasso della a este Mosteyro.

21. E como a magnanimidade deste cavalheiro nosso Bemfeitor não era pequena ajudou tambem a fazer, e mandou pillar pela sua gente de servico o Dormitorio deste Mosteyro, o primeiro que fica contiguo a mesma Igreja nova feyta por elle, fazendo com este beneficio, que nos fez, que se mudassem os religiosos do recolhimento velho da primeira fundação para o novo Mosteyro, que elle tinha dado principio.

FORMA, E CONTINUAÇÃO DA OBRA DO MOSTEYRO.

22. Deyxada já a primeira Igreja da fundação do Pe. Fr. Mauro, se foi aos poucos continuando os dormitorios, um que fica fronteiro a cidade, que foi o que ajudou a fazer o Capitão Fernão Dias Paes, e os dous, que fizerão os prelados que foram succedendo a este Mosteyro, um que olha para o morro chamado Jaraguá, que é o segundo da quadra, e o outro que feyxa na parte da Capella mór, que é o terceiro que olha para N. Sa. da Penha, tendo pela parte interior para as officinas do Mosteyro todo o necessario, e lugares convenientes, como se requer nas communidades.

23. Assim acomodadas, e repartidas as officinas do Mosteyro por haver para o Refeitorio, cozinha e adega: tambem havia lugar de sacristia, e por baixo dos Dormitorios alguns almares, e lugares, em que se recolhiam como caza de fabrica, e precizo da Igreja, como os paramentos para o descimento da cruz na Sexta feira mayor, como era costume nos nossos Mosteyros, e neste sempre se observou até a prohibição que mandou delles fazer o Snr. Rey D. João 5º, de gloriosa memoria, por cauza de em algumas partes se fazerem com figuras ao vivo, por se observar então, até agora, ficou se perdendo esta acção tão pia o que ainda se observa do mesmo modo em alguns Mosteyros da Provincia.

24. A todas estas officinas, e lugares do interior do Mosteyro, em sy contem mais, um clausto em quadra, entre o lado de um dos quaes, que fica ao entrar da portaria está sua casa de capº, no qual existe uma tampa de sepultura de seu bemfeitor chamado o Camargo, que entra para um pateo, no qual fica fronteando a porta da Adega a do refeitorio, e finalmente no ullimo do interior da quadra uma porta que entra para um pateo, que fica ante a sacristia.

AUGMENTO QUE FOI TENDO A NOVA IGREJA POR OUTROS DEVOTOS, E BEMFEITORES

25. Como todas as cousas pelo tempo adiante se vão apu-

rando, tambem este nosso Mosteyro, e a sua Igreja naquelle tempo tambem se foy pondo com mais perfeição com a ajuda de alguns devotos nossos amigos, que vivião abundantes dos bens temporaes, e erão ricos de cabedaes : entre os quaes um delles foy José Ramos da Silva filho, e natural da cidade do Porto, que vendo que a Igreja estava muito pelo antigo e toco se recorreu a sua custa e do seu cabedal, a ornala, e seus altares, mandando-lhe fazer melhores retabulos de talha, e hem feitos, sendo o primeiro altar mór; mandando-o fazer de talha com sua tribuna, na qual collocou Nossa Sra. da Assumpção, de quem era muito e especial devoto.

26. E não só se contentou com mandar fazer o retabulo, como dito fica, estando morador, e existente nesta cidade, senão que passando-se para a Europa, da cidade de Lisboa mandou douradores pagos a sua custa para primorizadamente dourar o altar, que havia mandado fazer. o sacario e dous nixos mais, em que da parte do Evangelho, pôs N. Pe. São Bento, e no da Epistola N. Madre Sta. Escholastica, alcançando mais do N. Rmo. G^{al}. o D^{or}. Fr. José de Sta. Maria no anno de 1720 a faculdade de ser a Sra. da Assumpção a Padroeira do Mosteyro, e do S^{mo}. Padre Clemente undecimo indulgencia plenaria, e remissão de todos os peccados em Novembro de 1720, a todos os fieis que confessados visitassem em dia da Sra. da Assumpção, aos 15 de Agosto, a Igreja deste Mosteyro, concedido este indulto por tempo de dez annos, que ao depois o tornasse a reformar no anno de 1732 (Clemente, Papa XII).

27. Porém, como com mudança e transporte deste devoto da Sra. da Assumpção, e com o seu falecimento no Regoro, se acabou esta devoção, culto devido á Sra. tambem não houve mais quem procurasse a prorogação do mesmo indulto acabados, que fossem os outros dez annos da concessão; ficando somente o altar mór com o indulto de altar previliigiado concedido muito anteriormente, no anno de 1642, pelo Papa Urbano oitavo quando ainda era padroeira da Igreja a Sra. com o titulo de Monserrate.

CONTINUAÇÃO DE BENEFICIOS PELO MESMO DEVOTO
BEMFEITOR JOSÉ RAMOS DA SILVA

28. Não parou a devoção deste grande bemfeitor em fazer, e dourar o retabulo grande da capella mór; mas tambem enquanto estava na America, e nesta cidade, vendo que necessitava de ornato, o altar de N. Sra. dos Remedios, situado neste Mosteyro, conhecendo as posses delle, e alcançando as suas, mandou fazer mais outro retabulo de talha, inda que mais pequeno, que servia de Altar Collateral, e estava da parte da Epistola, em o qual estava com pouca descencia collocada a Sra. dos Remedios.

29. Na occasião em que se dorou o altar mór, tambem se

ornou com toda a perfeição este altar collateral da Sra. dos Remedios, e dourou, mandado todo a sua custa fazer pelo nosso bemfeitor José Ramos da Silva, e não tudo isto obrou, senão que tambem de Lx^a. mandou trez calices de prata sobre dourados, trez missaes com capas de maroquim, dourados, e trez cadernos mais para as missas dos defuntos pelo mesmo feitio dos missaes : um antiphonario grande, um Psalterio grande para o Coro, e outro livro mais por onde se cantão ao coro as missas, todos com broxas grandes de metal sobre dourados : uma coroa grande de prata para a Senhora da Assumpção, com todos os mysterios da Sra. nella esculpidos, uma Imagem grande da Sra. que se aqui se acha hoje no Altar Mór, e antes de partir se para Portugal deu um Alampadario de prata com cento e cincoenta mil reis para dos seus juroz haver azeite todo o anno para allumiar o Santissimo Sacramento.

30. Tudo isto fez este bemfeitor, e m^{to}. mais lhe pedia o animo, e zello, que tinha por sua devoção a Sra. da Assumpção, e a este Mosteyro ; mas com a sua auzencia para o Reyno, ainda que delle se lembrava, como em poucos annos se lhe abreviou a vida, veyo a ter, e padecer falta este Mosteyro, e esta Igreja com sua morte, nos beneficios que delle recebia ; porem tambem teria na gloria o premio merecido do seu zello.

BENEFICIOS FEITOS NA IGREJA POR OUTROS BEMFEITORES

32. Como esta nova Igreja feita primeiramente pelo Capitão Fernão Dias Paes. Não tinha mais que dous altares collateraes além do altar mór, como se fosse mais pelo tempo adiante apurando o seu augmento, com o zelo e devoção de José Ramos da Silva com os dourados, que lhes mandou fazer, deyxados os primeiros de taboado pintado e tirados os Santos que nelles estavam : N. Pe S. Bernardo, que ao depois pelo Pe. Pregador Fr. Bartholomeu da Conceição, que foy D. Abbade deste Mosteyro, filho e natural desta cidade de São Paulo, foy levado para a Capella hoje assim chamada S. Bernardo na Borda do Campo, caminho do mar, dos que vem do Cubatão, pelo mesmo prelado, que então a havia edificado: como logo se verá; e N. Pe. S. Amaro, que hoje existe collado em um dos altares desta Igreja.

32. Nesse mesmo tempo então, vendo o nosso devoto e Bemfeitor o Capitão mór Isidoro Tinoco de Sá despido e somente pintado o Altar collateral da parte do Evangelho, tomando a sua conta o ornato desta Capella, lhe mandou fazer a custa da sua fazenda tambem. um retabolo de talha primorosamente obrado, que acabado, o mandou dourar. e juntamente nelle collocou a N. Me. Santa Gertrudes a Magna, de quem era especial devoto, fazendo-lhe todos os annos em sua vida a festa no seu dia; dando mais para o Mosteyro a conducta dos preparos todos do Descimento para a sexta

feira maior, que se não fazia nesta cidade, e por industria dos monges, e despeza sua se introduzio neste Mosteyro, só nelle se fazia nesta cidade.

33. Tanto como isto, que não foi tão pouco, naquelle tempo, fez o nosso bemfeitor Isodoro Tinoco de Sá, porque não tendo o Mosteyro posses ou rendas, com que obrasse o precizo e necessario para elle; este devoto com animo muy generoso, igual ás suas posses e cabedaes, tanto mostrava a sua devoção á N. Me. Santa Gertrudes, quanto a vontade de servir aos monges deste Mosteyro, e á mesma religião, concorrendo com a conducta do necessario para esta fabrica, que lhe não havia importado pouco.

AMPLIAÇÃO DE BENEFICIOS POR OUTRO BEMFEITOR

34. Ainda com grande edificação dos seculares se conservava na caridade e religião dos nossos monges, conventuaes deste Mosteyro naquelle tempo, de modo que edificados uns, e por sua devoção outros, vendo que este Mosteyro não podia, por falta de posses, paramentar os altares de toda a Igreja, movido de piedade o Capitão Mór desta cidade Pedro Taques de Almeida, Lara (1), natural desta mesma cidade de São Paulo, por muito amante dos religiosos, e zeloso do augmento desta Igreja, e Mosteyro, pediu que queria collocar nella uma Imagem de N. Sra. da Conceição de quem era muito e especial devoto, porém em parte, que estivesse logo patente a quem entrasse pela porta principal da Igreja.

35. Neste tempo como era a principal pessoa, e na terra muito distincta, porque já não havia General nella, concorrendo todos os monges com a vontade de tão especial amigo nosso, se lhe concedeu neste Mosteyro pintar o Altar Collateral, onde estava a Imagem de Na. Sra. dos Remedios á parte da Epistola, de que ficou este amigo, e Bemfeitor nosso muito satisfeito; mandando logo fazer a sua custa, e do seu cabedal, de que era abundantissimo, no corpo da Igreja outro retabolo de talha, mandando-o tambem dourar, em que se collocou a Sra. dos Remedios.

36. Tão grande era a sua devoção, neste devoto da Sra. da Conceição, que jámais chegava anno algum em que deyxasse passar, sem fazer a festa da Sra. em seu dia; e para que sempre se fizesse depois da sua morte, deyxou um legado certo, e annual da sua fazenda para que das rendas delle se não perdesse este louvavel costume de sua vida em sua casa, que por muitos annos perseverou sem fallencia, na vida de seu filho o capitão mór José de Gois (2); porem como tudo acaba com o tempo, por morte deste seu filho, desfal-

(1) Trata-se do filho de Lourenço Castanho Taques, capitão mór de 1684 a 1687 e avô do famoso genealogista (N. da R.)

(2) José de Goes e Moraes fez doação de uma enorme fazenda nos campos de Curytiba, aos beneditinos chamada, *Nãomeloques* por escriptura de 22 de agosto de 1761 (N. da R.)

leceu até o presente a devoção do nosso devoto e bemfeitor, não se cumprindo o legado, que deyxou, não com pequeno encargo dos seus herdeiros.

CONTINUAÇÃO DE OUTROS BENEFICIOS POR OUTROS DEVOTOS
E BEMFEITORES

37. Como quer que se mudasse a Imagem de N. Sra. dos Remedios, do seu altar collateral, que o nosso Bemfeitor José Ramos da Silva havia mandado fazer, para nelle se collocar pelo Capitão mór Pedro Taques de Almeida, Lara á Imagem de N. Sra. da Conceição e este a sua custa em refens do Altar Collateral fez outro de todo acabado, e juntamente dourado no Corpo da Igreja, da parte do Evangelho, neste altar se collocou a Sra. dos Remedios, transmutando-se aquella primeira ordem, que a devoção daquelle primeiro devoto, e Bemfeitor da Sra. havia procurado para o filho da sua protecção e louvor da mesma Sra.

38. E porque este devoto da Sra. dos Remedios não somente se empregava no culto, e veneração desta soberana Imagem, senão tambem no louvor e ornato da Sra. da Assumpção, que collocou no altar maior da Igreja; ficou esta soberana Imagem sem patrimonio, ou reditos certos para as suas festividades annuas como se requer, correndo tão somente o louvor, e festejos da Sra. por conta de algumas pessoas devotas, que quizessem tomar esse trabalho das suas festividades a seu cargo.

39. E como os pardos e pretos não tivessem ainda estebelecido outras mais Irmandades, que pelo tempo adiante forão formando, como hoje é constante na sua mesma Igreja da Irmandade de N. Sra. do Rozario desta Cidade; tomavão estes sobre sy, e por sua devoção o quererem todos os annos festejar a Sra. dos Remedios neste Mosteyro como Irmandade, o que assim se sojeitarão por fazerem livro de compromisso; porém, como estagente, ou pela sua escravidão e poucas posses, ou pela pouca constancia e devoção, perderam por algum tempo o fervor, que no principio adquiriam, tornando por algumas vezes a redificar o seu zello, como ao presente, e de novo se está vendo no louvor, e festejo, que fazem á Virgem Santa Sra. dos Remedios, nestes presentes annos, julga-se não perderá jamais a Sra. os seus louvores, por continuar a Irmande hoje nos escravos, e servos, do Mosteyro com mais firmeza e devoção, que aquelles primeiros.

REPUBLICAÇÃO DE BENEFICIOS POR OUTROS
DEVOTOS BEMFEITORES

40. Augmentando-se cada vez mais esta cidade de São Paulo, como cada vez mais crescião nella os haveres, e cabedaes, juntamente por haver nos animos dos seus moradores

e crescia mais a devoção nos corações dos homens para se empregarem no serviço de Deus, dos Santos e dos seus proprios altares: nesse mesmo tempo fronteiro ao altar de N. Sra, dos Remedios a parte da Epistola em um altar ao modo antigo ornado, collocou Manuel Fernandes, velho natural da mesma cidade de São Paulo, a Sra. Santa Anna; deyxando com que se festejar todos os annos o seu dia com missa cantada, e uma missa rezada cada mez, que com o legado satisfaz este Mosteyro esta obrigação annual.

41. Porém, como esta devoção á gloriosa Sta. Anna se estendesse no animo pio, e religioso do M. R^{do}. Pe. Ex-Abbate Fr. João da Conceição Cunha filho e natural da cidade de Braga, movido de grande devoção, que tinha a gloriosa santa, e lembrado de ter sido Prelado deste mesmo Mosteyro onde se conservava o objeto da sua especial devoção mandou para este mesmo Mosteyro sua soberana Imagem, que aqui hoje existe ne seu altar; e por sua morte deyxou um legado com licença de seu Prelado, pedindo, e rogando ao Pe. Dom Abbade do Mosteyro do Rio de Janeiro, onde era conventual, para que todos os annos desse á Sra. Santa Anna deste Mosteyro, e lhe mandasse quarenta mil reis, e no seu dia se festejasse a Santa como toda a pompa, com lhe pedia a sua devoção.

42. E porque este religioso Padre tinha, permittido pela religião, grosso peculio, e bastantes moradas de casas, não consentio o Santo Convento do Mosteiro do Rio de Janeiro, que se sogeytasse o Prelado delle a esta pensão, por ser oneroza, posto que para este Mosteyro sera regalia grande e consignasse mas antes alguma morada de casas, que desse o redito annual para o referido: e assim consignou então o Prelado do Mosteyro do Rio de Janeiro sua morada de casas na Prainha, que com ellas ou dos seus redditos, ou por mão de algum religioso conventual daquelle Mosteyro, senão deixa de fazer cada anno a festividade da gloriosa Sta. e satisfazer a vontade deste Religioso Bemfeitor. Não deixou para a festa, foi para ornato da Capella ou Altar da Sta. A Festa... o Mosteiro obriga de fazer pelo legado que vem até.....

AUGMENTAÇÃO DE BENEFICIOS POR OUTROS BEMFEITORES

43. Muitas vezes, como pelos beneficios recebidos, nasce nos homens, que mostram ser verdadeiramente catholicos, obrigação de sabel-os conhecer, gratificando com as suas obras, as promessas que, ou por devoção sua haviam feito, ou por obrigados das mercês já recebidas, se mostram agradecidos: teve esta nossa Igreja naquelle tempo, em que existiu, antes de se desfazer toda pelo M. R. Pe. Fr. Miguel de Santa Rita, D. Abbade, que foy deste Mosteyro, um altar abaixo das grades, no qual estava collocado N. Sra do Pilar.

44. Esta Santa Imagem, como a collocasse Antonio de Oliveira Leytão, pelo livrar de um tiro de um bacamarte no caminho das minas, indo a cavallo, de que livrou milagrosamente, e collocou nesta Igreja comprindo a promessa que lhe havia feito na occasião daquelle successo; e como se divulgasse por todo este paiz os favores que esta santa Imagem, recebião os seus devotos, que a ella recorrião nas suas enfermidades, e molestias, se foy de tal sorte augmentando a sua capella com a ajuda dos devotos, e suas offeras que foy uma das melhores capellas, que teve esta Igreja, e a mayor devoção que havia nesta cidade pelos muytos milagres, que obrava a Sra. nos seus devotos.

46. Por esta causa concorrião todos para a feitura e ornato da sua cappella, e entre todos se distinguio muito José da Silva de Goys natural da villa de Santos e cazado nesta cidade, que toda a capella mandou dourar a sua custa, e deu mais ouro para se dourar o frontal de talha, que ainda hoje se conserva, fazendo-se antigamente por Provedor e mais officiaes de que se compunha uma grande Irmandade, tanto as obras, como as festividades da Sra. em o dia vinte e cinco de Março de cada um anno, que pela santa Sé Apostolica, é destinado dia para a festividade desta S^{ma} Sra. como se pode ver de uma taboa que esta pendente na sacristia deste Mosteyro, e assim se observa em todo o orbe catholico por haver indulgencia plenaria nesse dia.

CONTINUAÇÃO DE MAIS OBRAS, E BENEFICIOS NESTA
CAPELLA DE N. SRA. DO PILLAR

46. Como o povo era muito, a devoção grande a N. Sra. do Pillar, e as offeras, e esmolas avultadas, não se contentavão com o retabulo e frontal dourado os Irmãos desta Irmandade, senão que por detraz do altar lhe mandavão uma tribuna, em que jazia a santa Imagem collocada, a qual por ella deram a este Mosteyro, a quantia de cincoenta mil reis e pelo logar da Capella, e Sacristia cem mil reis, como consta do livro velho dos conselhos deste Mosteyro, sendo D. Abbade delle o M. Rdo. P. Prg. Fr. Jacintho do Rozario, no anno de 1713.

47. A Irmandade como era grande e rica conservava tambem um capellão, o qual era um religioso deste Mosteyro como ainda hoje é costume, com a differença, que naquelle tempo, que era mais florente, era pago e para isso lhe davão trinta e dous mil reis cada anno pela missa que todos os sabados dizia pelos vivos e Irmãos defunctos desta Irmandade, cantando no fim a ladainha de N. Sra. como ainda hoje se observa, inda que com menos estipendio; porque hoje apenas pode a Irmandade, por não ser já a primeira, que institulavão « Irmãos da roda » e ao presente pela cadea que se costuma dar, « Escravos da Sra. », com mandar dizer uma missa cada mez pelos vivos e defuntos, que até o prezente sem fallencia persevera.

48. Aquelles irmãos desta Irmandade como se mostravão nimiamente zellozos, e a muitos de N. Sra. do Pillar, não só pediram ao Sto. Convento e ao Prelado delle Licença para abrirem na Igreja mayor area para esta Capella, o que se lhes concedeu então, mas também dos chãos, que havião comprado formarão pela parte de traz da Capella, uma formoza casa que servia de sacristia toda forrada por cima e por bayxo de laboado, aquelle todo pintado, este dividido em sepulturas, com suas campas, para os Irmãos, que fallecessem, e quizessem neste lugar o seu jazigo; tendo então a Irmandade obrigação de lhe mandar dizer, por todos os que fallecessem, quinze missas, como praticavão naquelle tempo; porém como não fosse esta Irmandade fundada, estabelecida por compromisso, pouco est abehecimento teve, a permanencia porque hoje já não existe esta obrigação, inda que logrão o privilegio das sepulturas.

AMPLIAÇÃO DE BENEFICIOS NESTA CAPELLA
E PATRIMONIO DELLA

49. Tam grande era o zello, que naquelle tempo conservavão aquelles Irmãos da roda para augmento da Capella da sua Sra. do Pillar, que não contentando-se com o referido progresso da devoção, com o acrescentamento da area e sacristia, senão também fizeram mais um passadisso para a outra porta da Capella, ficando o altar da Sra. em meyo, por dentro da mesma sacristia, onde estava uma caza com todo o necessario para o Provedor, e mais irmãos fazerem meza, e na mesma sacristia tudo o que era necessario como cazulas, turibulo, naveta, castiças, e o mais que requer uma sacristia, e tem e pode ter uma Igreja, fazendo-se todos os annos já a festa da Sra. a trez de Janeiro.

50. Porem agora como seja de muitos annos costume faser-se a festividade da Sra. a seis do mesmo mez de Janeiro, conserva-se sempre neste dia o fazer-se a festa pelos irmãos devotos, e escravos da Sra. com grandeza por ter de patrimonio uma morada de casas, que lhes deyxou um devoto por seu fallecimento, e ter mais um pretó escravo da mesma senhora que também lhe havião dado, o qual com o officio que tem de rebocador, e ser pedreyro dá o jornal costumado, com que ajuda a fazer-se as festividades, alem de outras mais esmollas, com que concorrem os devotos e irmãos desta Irmandade.

51. Tem mais esta santa Imagem para seu ornato dado pelos bemfeitores e devotos duas coroas de ouro, uma de prata e ricos mantos de seda com que se orna no seu dia, e em todos os sabbados, e que senão falta com a missa e ladainha no fim cantada, como sempre foi costume, e hoje já nesta nova Igreja ha poucos annos feita pelo M. Rdo. Pe. Fr. Miguel de Sta. Rita, tem novo altar feito, a romana, de talha, ao qual se deve ao zellos dos capellães, da Sra : o prº o Pe.

Preg. Fr. Angelo do Sacramento, que deu principio aos materiaes desta obra, e o segundo o Pe. Fr. Filisberto Antonio, que lhe deu fim até ficar toda assentada, feyto o altar no mesmo logar antigo onde sempre foy a capella da Sra., primeira, que houve e hoje fica de todo acabado neste triennio e neste anno de 1766. Tem mais esse uma Sacristia preparada u sua custa onde em tem um caixão com seos ornamentos, e um armario onde guarda a sua prata e nessa sacristia e por detraz do altar é o cemiterio onde se enterrão os Irmãos dessa confraria que hoje mais é devoção, que Irmandade porque só existem os Irmãos da Correntinha.

52. Como quer que crescesse e se augmentasse mais a terra desta Cidade de São Paulo, com os moradores que cada vez mais a habitavaõ, e nella crescia e se augmentava a devoção dos fieis, em tempo que já erão descobertas as minas geraes, pelos mesmos filhos e naturaes desta cidade, que hião em bandeiras por esse certões incultos, e despovoados de gente christã, em procura de reynos de gentios para os renderem, e cativarem, trazendo- os ao verdadeiro rebanho da Igreja Catholica; nesse mesmo tempo como a nossa Igreja feita pelo Capitão Fernão Dias Paes era pouca pollida no aceyo, que devia ter e conservava o primeiro pulpito, que então se havia feyto de taboado lizo, ao zello e cuydado do Prelado daquelle tempo, se deve o mandar fazer um pulpito grande, de talla bem feyto, que é o que ainda hoje existe.

53. Porém como as posses do Mosteyro não eram avultadas por bastantes annos assim existiu sem ser dourados; e no triennio do Pe. Preg^{or} Fr. Jeronymo de Assunção, D. Abbade que foy deste Mosteyro, e hoje do Capital Mosteyro da Provincia na Cidade da Bahia, do seu estado consta que nesse tempo o mandou dourar ficando primorozamente lustrozo com a cazula que tambem tem por sima do pulpito toda dourada, ficando os bayxos, e remate delle pintados de vermelhão.

54. Este pulpito sempre foy o seu lugar o fronteyro ao altarde N. Sra. do Pillar, por ser a Igreja pequena, e muito baixa e os altares todos muitos juntos uns dos outros; que estando já bem paramentada de altares por serem bastantes, quantos ficam rellatados, estava a Igreja, posto que formozada, sem a ordem que se requer nos templos; e por isso e pela obra ser muito antiga já se necessitava de reformação, e por ameaçar ruinas, como que naquelle tempo em que o M. Rdo. Pe. Preg. Fr. José da Encarnação, D. Abbade que foy deste Mosteyro no anno de 1722 mandou extrahir as noticias, que se achão lançadas em um caderno que se conserva no Archivo do Mosteyro, e isto mesmo delle consta necessitava de reforma.

DO CHORO DESTA ANTIGA IGREJA

55. Para a boa ordem e disposição desta Igreja por ser de

monges que devem gastar o tempo em oração e recolhimento como é de seu antigo Instituto, tambem era necessario, que na Igreja deste Mosteyro houvesse choro, no qual os monges satisfizessem as suas obrigações, e para isso se fez naquelle tempo pelo modo possivel, que permittia a terra um choro, no qual, por não ser muito grande, nem muito pequeno, puzeram tre archibancos para assento dos monges, e uma estante grande para o Psalterio, tudo á moda antiga, sem muita galanteria e feitio.

56. Na parede do frontespicio, para dar claridade a este choro abrirão rasgadas, grandes, as quaes, pelo tempo adiante, vierão a ter os portaes de pedra, porque então custavão muito mais pela falta que experimentava a Cidade dellas e muito difficullosa a conducção, que por virem em carros da mesma maneira toscas, importava a conducta dellas, em qualquer carrada, que davão quatro mil reis, mas contudo sempre houverão Prelados, que vensendo todas as difficuldades e despezas, pelo seu nimio zello mandarão fazer nesta antiga Igreja a portada da Igreja, e as janellas do mesmo choro de pedra, posto que com a obra liza, e sempre ao antigo, que por ser já muito antiga a obra e pouco segura se veyo por ultimo a desfazer toda, e fazer-se de novo.

57. No choro, pelo tempo adiante, veyo sempre a ter grades de pau torneadas e com suas molduras levantadas, devendo-se ao zello do Pe. Preg. Fr. José da Encarnação, Prelado que então era deste Mosteyro segunda vez no anno de 1733; e nelle tambem há um realejo, ou Orgão, que se deve ao cuydado e zello do Pe. Preg. Fr. Antonio da Madre de Deos, D. Abbade, que havia sido deste mesmo Mosteyro, e ao depois falleceu no dia 1º de Janeiro sendo Prelado delle no anno de 17...

A MISSÃO ARTÍSTICA DE 1816

E O MEIO COLONIAL FLUMINENSE

Conferencia do dr. Affonso d'E. Taunay, realizada no Centro
de Philosophia e Letras de São Paulo, a 28 de novembro de 1912.

A MISSÃO ARTISTICA

DE 1816 E O MEIO COLONIAL FLUMINENSE

I

Uma das mais injustas lendas que jámais se formaram em torno de um personagem celebre é exactamente essa tão espalhada, durante largos annos, no nosso paiz, que de d. João VI fazia como que um glutão semi-imbecil, absolutamente incapaz de desempenhar o papel que a Providencia lhe marcara.

Assim é que, por muitos descennios repetiam, todos á porfia, uma série de cousas adrede inventadas para o descredito do monarcha que, voltando as costas a Ourique, puzera entre a sua pessoa e as pontas das baionetas francezas o largo fosso do Atlantico, severamente guardado pelas esquadras britannicas.

Era falar-se em d. João VI e acudiam logos as referencias á sua insaciavel e bem pouco assejada voracidade, ás coxas de gallinha envoltas nos grandes lenços do rapesta inveterado, ás empadinhas que lhe pulavam dos bolsos; ou então vinha á baila a somnolencia do soberano que, por toda a parte dormia, a giboiar, no conselho de Estado, nas grandes e solennes cerimoniaes da Capella Real ou nos camarotes do theatro S. João.

Comer e dormir; dormir e comer parecia tersido o lemma do sexto João, ao acreditar-se na perfida tradição, nascida muito, dos odios nacionalistas, tão intensos, dos annos da Independencia.

E esta fama vivia, alem-mar, entre os portuguezes, que á memoria do rei emigrante de 1807 votavam fundo sentimento de queixa sinão de rancor. Não fôra elle quem durante mais de treze annos se deixara ficar placidamente no Rio de Janeiro, abandonando o reino á rapacidade dos exercitos francezes e depois á insolencia e depostismo do inglez Beresford, pro-consul num quasi protectorado, — não fôra quem partira do Brasil choroso, quasi desesperado, de deixar a grande colonia que preparara para a vida autonoma?

Não é, pois, de admirar que a prosa acerba, exasperada, de numerosos escriptores portuguezes haja desapiedadamente aggredido o rei que não pudéra resistir a Junot.

No « braganção » epitheto querido de Oliveira Martins, resôa a voz do desprezo, do rancor e do despeito com que o illustre escriptor lhe fustiga a memoria, envolvendo no desdem toda a dynastia sahida do Mestre de Aviz, do Condestavel e do « Barbadão », a ponto de dizer de d. Pedro V : « rei de Aviz, extraviado entre os Braganças ».

Aos poetas inflammou a lyra, de colera, a lembrança do principe bonachão; reproduzamos, entre muitos, os versos do tão conhecido soliloquio do filho de d. Maria I, obra de celebre vate lusitano contemporaneo :

Qual a idéa humana por sublime
Que se compare e se approxime
Dum peru' com arroz bem gordo e bem tostado ?
Que é a vida ? jantar ! E a morte ? ser jantado !
Comer ou não comer, eis a eterna questãõ ;

Sereno e bonacheirão, como sempre, esperou d. João VI, pacientemente, no seu bahu' de couro de S. Vicente de Fóra, que a imparcialidade dos historiadores e do tempo viesse ao seu soccorro, realizando o conceito que o neto, o nosso segundo imperador, resumiu num bello verso synthetico, quando solennemente appellou para :

« A justiça de Deus na voz da Historia ! »

Acudiram os historiadores e resooou a tuba austera da verdade restabelecendo a exactidão dos factos.

Sobreleva, entre todos, Oliveira Lima ; não ha quem desconheça a sua bella obra sobre o calumniado monarcha.

Patenteou-se, então, uma vez por todas, que o apalermado glutão fóra um administrador cheio de excellentes idéas e capacidade para as executar ; soubera escolher optimos ministros, com quem se harmonisara perfeitamente, sem se deixar governar ; dóra sobejas provas de quanto valia como diplomata, arguto, paciente e prudente.

Não era corajoso nem energico e sim um timido e um brando ; isto, porém, pouco nos interessa neste momento.

Muita graça natural tinha o massudo branganção, isenta por completo da chalaça cara aos lusitanos.

E' bem sabido que si ás vezes dormia durante as representações da opera, ao acordar estremunhado com os applausos freneticos arrancados ás platéas pelas volatas e trinados, tão ao sabor da época, perguntava displicente : « já se casaram ? os dois já se casaram ? »

Das aneddotas a elle attribuidas, uma ha realmente espi-rituosa : na Capella Real, observou-lhe certo dia uma das Infantas, que um individuo atravessara a igreja muitas vezes sem fazer uma unica menção de ajoelhar-se ante o Santissimo

exposto: Quem será? perguntou-lhe attonita a pequena princeza. — Minha filha, tornou-lhe d. João VI, ou um grande inimigo de Deus ou algum amigo intimo, ou o Diabo ou um sacrista.

Nosso fim não é, porem, fazer a apologia de d. João VI, superflua tarefa; si nos detivemos alguns minutos com a sua pessoa foi para lhe lembrar o espirito alevantado que presidiu aos actos de fundação de algumas das nossas mais importantes instituições, entre as quaes a Academia Nacional de Bellas Artes, causa da chamada ao Brasil da missão artistica franceza de 1816.

Viera a cõrte portugueza refugiada no Brasil encontrar o nosso paiz segregado do resto do mundo pelo ciúme e pela ganancia da metropole.

Achava-se a população brasileira privada dos artefactos mais comeseinhos e indispensaveis á industria e á civilização. A's casas mais opulentas faltavam objectos como copos, facas, tesouras, e isto no Rio de Janeiro, diz-nos o viajante inglez Lindley.

Immenso beneficio prestou pois aos brasileiros o principe regente abrindo os portos do Brasil ao commercio universal. logo ao chegar á Bahia.

Grato ao acolhimento que lhe fizeram bahianos e fluminenses inaugurou o futuro d. João VI uma série de fundações successivas do maior alcance para o desenvolvimento do paiz, como todos sabem, as Academias de Marinha, de Commercio, a de Agricultura e Botanica, a Bibliotheca Real, etc. Em 1812, foi chamado ao ministerio, por morte do conde de Linhares, o mais eminente, talvez, dos estadistas portuguezes daquella época: Antonio de Araujo Azevedo, conde da Barca, a quem, já em 1808, quizera d. João nomear secretario de Estado, a isto se tendo opposto o governo inglez, protector da monarchia lusitana.

Homem de grande talento e largas vistas, com uma instrucção muito superior ao do commum dos politicos que cercavam o regente, velho diplomata conhecedor de varias cõrtes europeas, assumiu Barca preponderante papel no conselho real e a elle deveu d. João a suggestão de numerosas e excellentes medidas progressistas.

Desde muito pensava Barca em fazer vir ao Brasil uma colonia de artistas a que aggregaria outra de mestres de officios; era tudo tão rudimentar no paiz, então, que a vinda dos artistas sem o concurso de bons auxiliares seria impropicia; aproveitar-se-ia ao mesmo tempo a oportunidade para trazer tambem alguns bons officiaes mechanicos.

Concordou o principe com as idéas do ministro e dahi as instrucções de Barca ao marquez de Marialva, embaixador portuguez em Paris, afim de que contractasse artistas para os logares de professores de um Instituto de Bellas Artes, a crear-se de Rio de Janeiro, e mestres de diversas profissões para a formação e instrucção de operarios.

Explicando o projecto a respeito de tal Instituto, dizia pittorescamente um decreto que convinha estabelecer no Brazil « uma escola real de sciencias, artes e officios » para instruir os homens destinados aos empregos da administração do Estado, sobretudo.

Utilissima ia ser tal fundação, « maiormente neste continente, cuja extensão não tendo ainda o devido e correspondente numero de braços indispensaveis ao amanho e aproveitamento do terreno, precisa de grandes soccorros da estatica para aproveitar os productos cujo valor e preciosidade podem vir a formar do Brasil o mais rico e opulento dos reinos conhecidos ».

Era a Fraça o paiz a quem mais podia recorrer o governo de d. João ; a sua arte atravessava um periodo de enorme notoriedade, cuja feição avassalara a Europa toda.

Na pintura, David impuzera ao seu paiz e á Europa a escola do « regresso ao antigo », de uma maneira tão dominadora, que tal revolução invadira o terreno da esculptura, da architectura, das artes decorativas, do vestuario e do mobiliario, chegando a se fazer sentir até nas cartas de jogar, na phrase feliz de Charles Blanc.

A Europa artistica se voltava toda para a França como na Renascença se deixara conduzir cégamente pela Italia.

Ao marquez de Marialva seria provavelmente muito difficil, em tempos normaes, o recrutamento dos membros da missão ; uma viagem ao Brasil representava, então, empresa mais arriscada e difficil do que hoje dar duas vezes a volta ao planeta ; o que lhe facilitou muito a tarefa foram os acontecimentos extraordinarios pelos quaes havia passado o paiz.

De mezes apenas datava a catastrophe de Waterloo ; na ilha de Santa Helena, sentia o Homem dos Seculos até alli lhe chegarem os olhares cheios de magua e de saudade dos seus adoradores fanaticos.

Um incidente, decorrido da invasão do solo francez, pela Europa colligada, veio provocar a fundação do gremio pela qual trabalhava, esforçadamente, o embaixador portuguez.

Sabem todos que os exercitos da Revolução, no seu surto de victorias, arrancaram ás nações vencidas muitos dos seus mais notaveis thesouros artisticos, á Italia e á Hollanda, sobretudo, e nos primeiros tempos, para o opulentamento do museu do Louvre.

Assim é que a Santa Sé perdera varios raphaeis, o Apollo do Belvedere e o Laocoonte ; Veneza, a sua famosa quadriga uma série de ticianos e tintoretos, a Hollanda se vira despojada das melhores obras dos seus magnos pintores, e assim por diante.

A's « conquistas » da Revolução, como diziam por euphemismo, ajuntaram-se as do Imperio ; já não era o Louvre o unico candidato aos thesouros artisticos dos paiz vencidos, os marechaes de Napoleão faziam-lhe valente concorrência : haja

vista a collecção preciosissima de quadros obtida por Soult na Hespanha.

Sob Napoleão tocou tambem á Allemanha a vez de enriquecer ao grande museu francez.

Não havia então em França quem delle se mostrasse mais apaixonado do que o secretario perpetuo da Academia de Bellas Artes do Instituto de França, Joaquim Lebreton.

Character singular o de Lebreton ! era noviço da ordem dos theatinos quando rompeu a Revolução ; deixou o habito e fez-se jacobino, nunca porém se deixou arrastar á pratica de violencias. A sua vida politica concentrava-se nas discussões dos clubs. Eloquent, trabalhador e servical relacionou-se muito nas rodas artisticas e scientificas, tornando-se sympathico graças á energia com que combateu a tyrannia insupportavel de David, assecla de Robespierre, sobre os artistas, no tempo do Terror.

Homem de acção, infatigavel na ancia de servir, foi dos melhores elementos reunidos pela Convenção quando, em 1795, fundou o Instituto de França. Consultor do museu do Louvre, esteve entre os que mais concorreram para o despojo da Italia, após as victorias de Bonaparte.

Secretario perpetuo da Academia de Bellas Artes, prestou enormes servicos não só á Academia como aos artistas em geral, usando da influencia de que dispunha nas rodas governamentais para proteger os pintores e esculptores pobres e sem encomendas.

Em 1815 os alliados, pelo orgão de Wellington, declararam que o Louvre restituiria as « conquistas ».

Ficou Lebreton exasperado e com a sua combatividade habitual moveu céos e terras em defesa do seu querido museu ; tudo inutilmente.

Viu com o coração partido os granadeiros da guarda real prussiana levar do Louvre as télas das galerias allemãs confiscadas por Napoleão, desabafou-se virulentamente em artigos e pamphletos e afinal na sessão magna do Instituto, a 28 de outubro de 1815, aggreuiu furiosamente os alliados, sobretudo a Inglaterra e Wellington pessoalmente, a quem exprobrou os recentes furtos de Lord Elgin no Parthenon e em outros monumentos da Grecia ; custou-lhe caro o desafo : a exclusão do Instituto de França, por ordem expressa de Luiz XVIII e a demissão dos seus empregos.

Ficou de um dia para outro na penuria. Residia então em Paris o grande Alexandre de Humboldt que estimava o character e independencia de Lebreton ; consultado pelo marquez de Marialva para a organização da missão brasileira, lembrou-se logo do secretario-perpetuo demittido e mostrou ao embaixador quanto seria Lebreton um excellent recruta. Convidava-o, logo depois, autorizado pelo marquez e este convite fez Lebreton exultar de enthusiasmo.

Era a Providencia que se manifestava ! Com a actividade costumeira, ao ser nomeado chefe da missão artistica, poz-se

febrilmente a organizar o seu pessoal. Voltou-se naturalmente para um grupo de artistas saudosos de Napoleão e do Imperio, e summamente tristes com o estado actual da França.

Dentro em breve congregava poderosos elementos na pessoa de cinco artistas de optima reputação: Nicolau Antonio Taunay, membro fundador do Instituto de França, paizagista e pintor de historia; Augusto Maria Taunay, escultor, irmão do precedente, decorador do Palacio do Louvre e escultor da manufactura de Sèvres; João Baptista Debret, pintor de historia, professor na Escola Polytechnica, autor de diversos e bons quadros celebradores da gloria napoleonica; Augusto Grandjean de Montigny, architecto e engenheiro, architecto official que fôra do reino de Westphalia e do rei Jeronymo Bonaparte; Carlos Simão Pradier, gravador excellente, amigo particular de Lebreton, e tambem bonapartista fervente.

Digamos algumas palavras ácerca destes diversos personagens.

Nicolau Antonio Taunay, discipulo de Brenet e Casanova, o celebre pintor veneziano de batalhas, fôra durante tres annos alumno da Academia de França em Roma. Eleito em 1784 membro da Academia Real de Pintura entrara em 1795 para o Instituto de França ao lado de celebridades como David e Regnault. O que lhe caracteriza o talento é a firmeza do toque, a habilidade e movimento da composição e a belleza da architectura, diz um critico eminente.

Paizagista, pintor de historia e de scenas familiares, a sua especialidade consistia nos quadros pequenos, cheios de personagens de dimensões restrictas: feiras, acampamentos, tropas marchando, festas italianas, pastores e rebanhos. Miniaturista e animalista, os contemporaneos lhe chamavam o *Poussin dos quadrinhos* e lhe lembravam as affinidades com Berghem.

Tambem delle diziam então que era um *La Fontaine da pintura* pelo pendor com que se entregava á composição de quadros anecdoticos com aspectos philosophicos.

Muito affeçoado á imperatriz Josephina, que o estimava realmente, fôra dos executores das pinturas muraes do palacio da Malmaison.

Pintara, por encommenda de Napoleão, numerosos quadros militares que hoje se acham no Museu de Versailles; em alguns excedera as dimensões a que se habituara e esta excepção lhe valera reparos da critica.

Era a sua reputação, em 1816, das mais firmadas e espalhadas, no meio artistico francez.

Fôra toda a vida um apaixonado da Natureza e do Sol. Passara longos annos a viajar em França, na Suissa, na Italia.

« Tanto amava o Astro Rei, diz o marquez de Chennevières que, já velho, viu com grande prazer approximar-se o ensejo de o contemplar na sua gloria tropical. »

Accrescia ainda o facto do pintor ter tido grandes e recentes revezes financeiros; perdera a abastança que lhe haviam valido a herança do sogro e o producto dos activissimos pinceis.

Em 1814, o filho mais velho, capitão do exercito e soldado das campanhas da Hespanha da Allemanha, e de França ferido gravemente na batalha de Leipzig, viu-se excluido das fileiras pelo facto de haver dirigido ao duque de Angoulême, herdeiro da corôa de França, uma representação em termos energicos.

Summamente maguado com estes diversos acontecimentos decidiu Nicolau Taunay emigrar para a America do Sul com todos os seus.

Accompanhou-o o irmão, Augusto Maria, o escultor, grande premio de Roma em 1792, escultor da manufactura de Sèvres, durante longos annos, decorador do grande vestibulo e escadarias do Louvre, e autor dos altos relevos do arco do triumpho do Carrousel.

Imperialista ardente, ideara a famosa estatua em que Napoleão traz a sobrecasaca desabotoada e os braços cruzados ao peito. Orphan desde criança, era como que o filho adoptivo do irmão, a quem dedicava o maior affecto. Acompanhou-o sem hesitar um segundo.

Debret, primo e amigo de David, representava, na pequena colonia artistica, a feição da escola do famoso reformador.

Não podia ser chamado um grande pintor, comtudo.

Professor na Escola Polytechnica, engenheiro de pontes e calçadas, deixara a profissão para se dedicar á Arte, a isso levado por irresistivel vocação.

Mandara ás exposições biennaes do Museu do Louvre, grandes quadros de assumptos historicos, relativos sobretudo á epoca napoleonica.

Desses, chamara um a attenção geral, valendo-lhe a compra, por indicação do Senado francez : o *Imperador Napoleão prestando homenagem á bravura infeliz*, hoje pertencente ás galerias de Versailles.

A quêda do Imperio ferira-o fundamentalmente ; veiu, logo depois a morte de um filho unico prostral-o. Pensava em ir á Italia por longo praso, quando Lebreton lhe propoz a viagem ao Brasil.

Em Grandjean de Montigny alliavam-se a segurança do technico, cheio de capacidade, e o mais elevado senso esthetico.

Desde a primeira mocidade revelara tão notaveis aptidões artisticas, que a Convenção, por decreto especial — e facto inaudito — o dispensara do serviço militar.

Discipulo querido dos illustres architectos Percier e Fontaine, os amigos inseparaveis, alcançara em 1799 o grande premio de Roma.

Na cidade eterna fez um curso brilhantissimo ; convidou-o Jeronymo Bonaparte, o impagavel rei da Westphalia, que da

ingua de seus subditos só sabia a apostrophe : *Lustig sein!* *Lustig sein!* sejamos alegres! para o cargo de architecto real, encarregado da remodelação artistica de Cassel, a capital do novo Estado rhenano.

Poude, na Allemanha, Grandjean dar largas ao talento; construiu em Cassel, o grandioso palacio dos Estados, pontes monumentaes, arcos de triumpho e reconstruiu do modo mais feliz o castello de Bellevue.

O vendaval de 1813 derrocando a ephemera monarchia westphaliana, voltou Grandjean á França; o imperador da Russia Alexandre I convidou-o então para o cargo de architecto imperial, assim como já offerecera a Debret um logar de professor na Academia de Petersburgo.

Preferiram ambos a proposta de Lebreton, de quem eram amigos, repugnandolhes, provavelmente, servir ao monarcha que fôra a principal causa dos desastres de Napoleão.

Pradier, o gravador, era um excellente artista, e irmão de um dos mais illustres esculptores francezes do seculo 19: James Pradier.

Vantajosamente conhecido, expositor muito apreciado dos *salons* do Louvre, tinha, contudo, muito menor notoriedade do que os quatro companheiros precedentes.

Faltaria d. João VI ás impulsões atavicas dos Braganças si não fizesse tambem vir um musico com os demais artistas.

Contractou Marialva a Segismundo Neukomm, compositor celebre, então, e hoje bem esquecido, discipulo predilecto e executor testamentario do grande Haydn e verdadeiro judeu errante, apaixonado das viagens. Veiu Neukomm um pouco mais tarde, com o duque de Luxemburgo, primeiro embaixador que Luiz XVIII mandou á côrte de Portugal. Para emigrar, deixára o logar de pianista e secretario do principe de Talleyrand, a quem acompanhara ao congresso de Vienna.

Estando organizada a missão, decidiu Lebreton, que partisse logo.

A 26 de março de 1816 chegavam os artistas ao Rio de Janeiro, sendo magnificamente tratados pelo conde da Barca que os hospedou e apresentou a d. João VI, cujo acolhimento foi muito benevolo e gracioso.

As primeiras impressões dos recém chegados deviam ter sido fortes e curiosas; em primeiro logar, o scenario maravilhoso da região guanabarina, sem duvida alguma incomparavel a qualquer outro, e, depois, o contraste com a cidade tão mal construida e arruada, feia, com uma população semi-africana, sem edificios notaveis, sem uma unica manifestação architectonica de valia, onde viviam oitenta mil pessoas, talvez, quasi de todo alheias, em sua immensa maioria, ás preocupações intellectuaes.

Mau grado os esforços encomiasticos de alguns escriptores inspirados por exaggerado nacionalismo, o que resalta aos olhos dos julgadores imparciaes é que a arte brasileira dos principios do seculo XIX era, e fôra então, quasi nulla.

Salvo uma ou outra manifestação de mediocre intuição do officio, neste ou naquelle primitivo, os nossos pintores e esculptores só haviam dado mostras da maior rudimentariedade conceptiva. Nas nossas feiíssimas egrejas, a decoração interna, as télas e os paineis provinham de verdadeiros pintamonos. Lembremo-nos do tecto da egreja de S. Francisco, aqui em S. Paulo! No nosso paiz deserto, todas as forças vitaes se concentravam, fatalmente, no desbravamento do solo virgem, nas preocupações da vida material ainda tão mal provida de elementos civilisadores: uma efflorescencia artistica de certo valor, nos meios brasileiros, seria incompativel com as condições de vida da abandonada região meridional, collocada a sessenta dias de viagem dos mais proximos portos europeus, pobre, esquecida e ignorada do mundo culto, inteiramente sequestrada do convivio mundial pela ciumenta metropole e habitada por ignara população. Real contrasenso seria esperar encontrar na arte primitiva brasileira documentos meritorios quando tudo faltava num paiz de florestas por desbravar, em que tribus de indios acampavam a poucas leguas da restricta capital.

E, no emtanto, este aspecto tradicionalista que ao Brasil empresta feição tão característica, e a tantos viajantes impressiona fortemente, unica, talvez, no continente sul-americano, de paiz novissimo, onde ha, no emtanto, logar para tradições e ruínas; este aspecto, tão pittoresco e encantador, fizera com que na região fluminense houvesse um periodo primordial bem nitido, cuja posição na historia da nossa evolução artistica é de summo interesse.

Os primeiros dias, os primeiros balbucios da pintura em terras do Rio de Janeiro, pomposamente chrismadados de « escola fluminense primitiva » pelo jingoismo indigena, são devidos á acção de um monge benedictino, allemão, de Colonia, frei Ricardo do Pilar, que, em 1695, veio ao Brasil decorar o magnifico mosteiro, severo, grandioso e tão monastico, que coroa, com os seus paredões cyclopicos, o morro de S. Bento, dominando um dos mais bellos panoramas do mundo. Veio, frei Ricardo, de proposito, pintar a egreja e o mosteiro, exactamente o que 220 annos mais tarde succede a outro monge, artista illustre, actualmente em S. Paulo, para levar a cabo a decoração deste templo, de linhas tão nobres e aspecto tão inédito para nós, que, a cincoenta metros daqui, vae surgindo, de fiada em fiada, cada vez mais grandioso e inesperado, graças ao alto senso esthetico do prelado e da comunidade da abbadia paulopolitana.

De 1695 à 1700, trabalhou frei Ricardo, rudemente, na grande egreja abbacial e na escola de pintura que fundara, multiplicando-se sobremaneira para formar um certo numero de discipulos. Em 1700 fallecia, muito antes de alcançar o seu desideratum.

No mosteiro fluminense existem varias e grandes télas suas como a série da Vida de S. Bento, onde se nota o cunho in-

genuo dos primitivos de Colonia, a escola que produziu o celebre e admiravel « Dombild », uma das glorias da arte allemã e da cathedral da cidade, e serviu de traço de união diz um critico, entre o idealismo medieval e o realismo dos flamengos.

Seguindo timidamente as pégadas de frei Ricardo, appareceram, na primeira metade do seculo XVIII, alguns pintores e esculptores menos que mediocres, como Domingos da Silva, Simão da Cunha, Martinho de Brito, em cujas obras só ha o valor — e bem diminuto — para nós, da antiguidade. Em materia de architectura, surge pelos annos de 1750 o grande aqueducto da Carioca. Os architectos da época, geralmente leigos ou escravos de ordens religiosas, ou engenheiros militares, todos elles artistas anonymos, deixaram-se levar céga-mente pelo gosto barrominico, deploravel « art-nouveau » setecentista que depravara o senso na Europa e no Portugal de d. João V, se fundira com o estylo gongorico.

Na segunda metade do seculo XVIII, reanima-se a escola fluminense, com os exemplos de José de Oliveira, artista cuja relativa mestria não nos deixa duvida acerca de um periodo de aprendizagem na Europa.

Contam-se entre os seus discipulos João de Sousa, Manuel da Cunha, pardo escravo mandado a Lisboa, para alli estudar a pintura; Leandro Joaquim, frei Solano, o desenhista da « Flora Fluminensis », e afinal Raymundo da Costa e Silva.

De todos elles restam telas de assumptos sacros, estragadas hoje quasi todas, em diversas egrejas fluminenses, e retratos de altos personagens.

A grande desidia nacional, no tocante ás cousas artisticas, foi a causa da degradação desses padrões da arte primitiva brasileira. Difficil é á critica moderna avaliar o valor dos pintores, devido ao restricto numero de documentos escapos á destruição. O que até hoje pudemos vêr não nos induz a crêr que os modestos artistas fluminenses fossem da categoria dos inspirados; pelo contrario, quer nos parecer que — phenomeno tão frequente entre individuos de educação imperfeita — não dispunham da nitida visão das côres e das proporções; facilmente, e sem o perceber, deformavam as figuras. A fonte mais preciosa de documentação é a galeria dos bemfeitores e provedores da Misericordia, fundada em 1730, em que se pode acompanhar a evolução da arte fluminense, desde essa data remota, até 1816.

Em fins do seculo XVIII, vemos no Rio de Janeiro o famoso mestre Valentim, Valentim da Fonseca e Silva, fallecido em 1813, e cuja reputação se avantajou immenso, devido aos panegyricos de Porto Alegre, quando, em 1850, encetou tremenda campanha contra os artistas francezes, da Academia de Bellas Artes. Serviu-se do nome de Valentim como arma nativista de agressão e emprestou-lhe excepcionaes meritos, que, de todo, sua obra não revela. As suas estatuas são bem

mediocres; fraquissimo o tão aclamado chafariz do antigo Largo do Paço, massiço e deselegante. A tão gabada « fonte das saracuras », invisível graças á clausura do Convento da Ajuda, e de que se diziam maravilhas, appareceu-nos ultimamente, insignificante como concepção e execução. Valentim a nosso vêr, sobresahia como entalhador.

Os pintores e esculptores que no Rio viviam, em 1816, tinham um valor muito relativo, fossem elles Brasiliense, Dominicano Barreto, Vidal, José Leandro ou Francisco Pedro do Amaral. Dentre elles, talvez se destacasse José Leandro, retratista feliz, até certo ponto.

Cousa extraordinaria, porém, a existencia em tão safaro terreno, em meio tão hostil ao Bello, de um artista genial ! Queremos falar do nosso grande compositor sacro, o padre José Mauricio Nunes Garcia, até hoje tão desconhecido, formador de um admiravel thesouro, de que só nos foram mostradas duas gemmas preciosissimas : a « Missa de Requiem » de 1816, e a « Missa em si bemol ». Ouça alguém a deliciosa melodia do « Et incarnatus est », desta ultima, e dirá logo que possante sopro mozartiano inspirava o estro do genial mulato. Ouça o « requiem » de d. Maria I e avaliará da potencia dessa inspiração opulentissima.

Que surpresas maravilhosas deve reservar-nos o archivo inédito de José Mauricio, até hoje, para vergonha nossa, por imprimir ! Musico como todos os Braganças, conhecia bem d. João VI quanto valia o compositor brasileiro, timido, modesto, envergonhado da côr da pelle. Chamou-o, attrahiu-o ao paço, desde os primeiros dias da estada no Rio, e incorporou-o ao corpo musical da capella régia, como organista eximio que era.

As solennidades imponentes de Lisboa se reproduziam integralmente no Rio, pois o rei cuidava, zeloso, de que as cerimoniaes tivessem, alem do maximo esplendor liturgico, uma parte musical de muito elevado padrão.

Excellentes cantores italianos haviam sido contractados na Europa, instrumentistas e *castrati*, pessoal que ao thesouro custava annualmente trezentos mil francos, diz-nos Debret. A elle se aggregara, como Kapellmeister, o então tão famoso e hoje totalmente ignorado compositor portuguez, Marcos Portugal, representado em toda a Europa, de Napoles e Madrid a Londres e Petersburgo.

Serviam na capella real artistas de grande reputação, como Fasciotti, Maggianarini, etc. e entre os brasileiros o famoso baixo João dos Reis, cuja voz tinha espantosa extensão, possuindo tão estentorico timbre, que fazia as vidraças vibrar, dizem os contemporaneos.

Marcos, mau character e insupportavel de fatuidade, a todos queria governar despoticamente, e a sua presumpção tornava-o odiado dos demais artistas.

O monarcha, que bem aquilatava o valor do espesinhado José Mauricio, fez o maestro portuguez assistir em palacio,

certo dia, a uma audição de sonatas de Haydn, obrigando-o a acatar a immensa valia do padre, como pianista.

Assim, pois, salvo quanto á musica, o Rio de Janeiro artistico só apresentou desillusões aos novos hospedes.

Era alem disto tão extranha a physionomia daquella cidade afro-lusitana !

Quantos aspectos, quantos costumes pittorescos a revestiam então, que a preciosa obra de Debret nos permite conhecer !

A's apparencias singulares de tal meio, para os francezes, se juntavam normas de vida totalmente diversas das que seguiam.

Em primeiro logar, as exquisitices da etiqueta da côrte, grotesca, si não fosse tão despretenciosa, complicada pela situação das relações, cordiaes na apparencia, entre d. João VI e a rainha; um residente no Palacio de S. Christovam, a uma legua da outra, installada no Paço da Cidade.

Era de regra que as pessoas gradas da cidade e a nata dos emigrados de Lisboa, frequentes vezes por semana, fossem das 4 ás 6 da tarde, a S. Christovam, beijar a mão a El-Rei. e aos príncipes, vendo-se a estrada do Aterrado, então simples lingueta de terra, rodeada de enormes mangues, cheia de gente em seges e *traquitanas*, montada em cavallos e bestas, muitos a pé, carregando os sapatos até o ribeirão de Maracanan, onde lavavam os pés enlameados e se calçavam.

« Não havia no palácio uma só cadeira, para que ninguem se pudesse sentar, circulando por entre os grupos as pessoas reaes. E quem deixasse de comparecer a essas recepções familiares incorria logo em reparo e extranheza (1). »

Outro aspecto que devia haver causado impressão aos artistas — agora penosa e deprimente — era o das scenas da escravidão; a chegada de navios negreiros atulhados de africanos ao porto, o desembarque dos miseros captivos, famelicos e esqueleticos, o seu empilhamento nos sordidos trapiches do Vallongo, os repulsivos leilões de carne humana, o espancamento nas praças publicas, de escravos recalitrantes, todo este cortejo de episodios degradantes e vis que acompanhavam a lepra escravista, o que para nós outros, hoje, se afigura como as reminiscencias de ainda recente pesadello.

Quantas scenas inesperadas e curiosas, porém, valcu aos artistas da missão o encontro, por exemplo, das pittorescas proçissões de antanho, com o seu character ingenuo, onde de roldão com a turba das virgens e dos anjos caminhavam barbudos patriarchas e gravibundos prophetas, pesados legionarios romanos, esforçando-se por assumir truculenta catadura, emquanto os judeus, phariseus e saduceus, procuravam tomar attitudes de refalsados velhacos ? E as opas e habitos ? De todos os talhos e de todas as fazendas, de todos os matizes, alguns tão curiosos, digamos mesmo extrava-

(1) VISCONDE DE TAUNAY : *Biographia do Padre José Mauricio*.

gantes ! como as de certa confraria de que nos fala um viajante do principio do seculo XIX : « de repente vi surgir, ao desenrolar-se a procissão, como que um Sacro Collegio de brancos, pretos e pardos no esplendor purpurino dos trajes cardinalicios. » E lá iam, no meio da multidão, apoiados em uma dúzia de hombros — e mais — enormes andores em que as pobres imagens por vezes descreviam oscillações mais violentas do que se affrontassem os mares do Cabo Horn ou do cabo Tormentorio.

E os enterros ? os casamentos ? as bodas e festas de cigargos e negros ? as scenas da rua ? Tudo era novo, tudo inedito e nada escapou ao lapis fiel e incisivo de Debret, em boa hora estimulado, pois graças a elle temos a reconstituição perfeita do Rio de Janeiro colonial.

Si, na capital brasileira, nada havia em 1816 que provocasse intensas sensações artisticas, nenhum monumento realmente digno de nota, quer pelo exterior, quer pela decoração interna — excepção feita, talvez, da elegante e graciosa igreja da Santa Cruz dos Militares, obra do brigadeiro Sá e Faria, e o Mosteiro de S. Bento, quasi simples e enorme cubo de pedra, de linhas severas e grandiosas, cujo grande claustro tem o mais imponente dos aspectos; si ao Rio de Janeiro faltavam por completo os primores da Arte, os esplendores naturaes compensavam, de sobra, esta deficiencia aos olhos de homens escravos do Bello, como os artistas recémchegados.

O futuro se lhes abria auspicioso, muito embora comprehendessem á primeira vista quanto era o meio atrasadissimo e inerte ás sollicitações estheticas. Contavam porém com a influencia todo poderosa do esclarecidissimo Mecenas; apoiados em tão firme protecção, todos os obices se levantariam. E, com effeito, os primeiros passos da nova instituição, fundada por decreto de 12 de agosto de 1816, presagiavam rapidos triumphos; os honorarios fixados aos membros da missão foram razoaveis, embora não correspondessem ao que lhes haviam acenado. Teve ordem Grandjean de fazer o projecto do edificio da Escola, de vastas e grandiosas proporções, com um andar especialmente dividido em apartamentos para a moradia dos artistas, já então bem mais numerosos, pois haviam chegado os dois irmãos Marcos e Zeferino Ferrez, o primeiro, excellente escultor decorador e o segundo emerito gravador de medalhas, e os auxiliares dos professores : Dillon, secretario da futura academia; Bonrepos, escultor, Levavasseur e Meunié, architectos auxiliares e Ovide, engenheiro mechanico.

Devia a construcção começar logo : serviço commettido á especial fiscalisação do ministro da Fazenda, o barão de S. Lourenço.

Estava porém o conde da Barca nos ultimos dias de vida, com a saude gravemente alterada, pelo excesso de trabalho; a 21 de junho de 1817 se deu o irreparavel desastre, para a

Academia de Bellas Artes, do seu fallecimento; com a maior consternação, lhe acompanharam os derradeiros momentos os artistas; expirou nos braços de Neukomm, seu inexcedível enfermeiro, diz-nos Debret.

Viram os artistas, logo, quanto haviam perdido com a morte do preclaro ministro; não se falou mais na construção do palacio da Academia, e um longo periodo de inacção occorreu no meio da vida fluminense, incalculavelmente tediosa.

O que lhes mitigava o tédio e realmente os captivava, eram a affabilidade, a bonhomia, a singeleza tão caracteristicas da urbanidade brasileira, as tendencias igualitarias que já começavam a apparecer no paiz e o Rei acoroçoava.

As festas da coroação de d. João VI, em fevereiro de 1818, deram ensejo aos artistas a que demonstrassem os talentos: foi a ornamentação da cidade commettida a Debret, Grandjean e Augusto Taunay, que então construíram, nas ruas e praças, templos de varios estylos, arcos de triumpho, columnas e pyramides, fartamente decoradas, de grandes estatuas de gesso e quadros allegoricos, « ad majorem regis gloriam » e profusamente illuminadas. Causou esta ornamentação verdadeiro deslumbramento a portuguezes e cariocas, ao monarcha, á côrte e ao publico.

Dahi julgaram os artistas que com o accrescimo de prestigio decorrente do seu triumpho se contruisse rapidamente o suspirado palacio da Academia. Qual ! tudo recahiu na invencivel modorra colonial.

Combativo como era, imaginou Lebreton, a principio, que superaria todos os obstaculos; lançou-se á lueta, mas não tardou a verificar que toda a sua energia se ia embotar de encontro á insuperavel inercia governamental.

Irritou-se e irritou os ministros com as recriminações, e afinal, desanimado, retirou-se para uma chacara que alugara na praia do Flamengo, alli passando a viver, meio misanthropicamente. Azedo, hypocondriaco, estava, ao mesmo tempo, frio com os collegas da missão, Já esta se achava desfalcada do gravador Pradier, partido para a Europa em 1818. A 9 de julho de 1819 fallecia Lebreton, aos 59 annos de idade e tres de permanencia no Brazil, sem que nada houvesse podido fazer de util ao paiz.

Ficaram os demais artistas apprehensivos quanto á sua substituição; pediram ao governo a nomeação do seu decano Nicolau Antonio Taunay, cujo nome a todos os respeitos se impunha.

Assim não entendeu, porem, o ministro Targini, barão de S. Lourenço. Mostrou se sybillino e hesitante, a tergiversar e a contemporisar.

Era S. Lourenço geralmente tido como homem pouco escrupuloso. A seu respeito corriam anecdotas e versos satiricos; brejeiros uns, ferinos outros.

Commemorando a sua elevação, de barão a visconde, por exemplo, todo o Brasil repetiu a seguinte quadrinha :

Quem furta pouco é ladrão,
Quem furta muito é barão,
Quem mais furta e esconde
Passa de barão a visconde.

Posta de parte a quota da maledicencia nacional acerca dos homens publicos, é preciso confessar, comtudo, que dos ministros de d. João VI foi S. Lourenço o unico que deu azo á calumnia. Dizia-se « urbi et orbi » que com oito mil cruzados de vencimentos annuaes arranjava meios e modos de despender quarenta! d. João VI, em 1824, demittiu-o; depois mandou prendel-o, com receio de desacatos á pessoa do ex-ministro por parte dos numerosos e furibundos adversarios que contava, sendo então submettido a severo julgamento. A prestação de contas, já no tempo da regencia de d. Pedro, mostrou que Targini nada possuia; até lhe foi concedida uma pensão nesta época.

A crença geral era, porém, que a sua velhacaria o incluia na classe daquelles que, segundo o padre Antonio Vieira, têm « unhas mimosas »; não lesava o fisco mas protelava immenso os pagamentos do thesouro fazendo, afinal, com que os credores do Estado lhe dêssem gorda commissão sobre os seus creditos.

Fosse como fosse, sob o ponto de vista da honorabilidade, S. Lourenço não era digno de ter sido o collega de governo de homens integerrimos como o marquez de Aguiar, os condes da Barca e dos Arcos e Thomas Antonio de Villanova Portugal.

O que fez com o missão artistica o accusado ministro certamente não lhe abona a intelligencia e criterio tão gabados pelos contemporaneos, nem o character; poz á testa do novo Instituto um deploravel pintamonos, que morava em Lisboa onde leccionava desenho, um tal Henrique José da Silva, dando como pretexto principal a esta nomeação o facto de que o pretenso artista morria de miseria, tendo que sustentar mulher e doze filhos!

Ao mesmo tempo collocava Targini na Academia, como secretario, bem pouco considerado individuo, o padre Raphael Soyé, hespanhol de origem franceza, que produzira innumeradas poesias, tão ridiculas quanto bajulatorias, aos principes e poderosos portuguezes, no decurso dos largos annos em que residira em Lisboa. Durante a occupação franceza, escrevera inflammadas odes e elegias, dedicadas a Junot e aos invasores, emquanto depreciava os vencidos do dia, motivo pelo qual fôra mais tarde encarcerado e banido de Portugal. Estando a morrer de fome em França, onde se refugiara, decidiu em 1820 emigrar para o Brasil: a custo de muita subserviencia obteve o perdão graças a S. Lourenço.

Indignaram-se sobremaneira os artistas com taes nomeações.

Descrente e cançado partira, em 1820, Segismundo Neukonm, a quem movera Marcos Portugal enorme guerra, levando do Brasil, apenas, a funda recordação do convívio com o padre José Maurício, o genio musical que vivia numa alma de eleição.

Vinte annos mais tarde exprimia, em Paris, a Manuel de Araujo Porto Alegre a sua admiração pelo nosso compositor, do modo mais arrebatado.

« Ah ! os brasileiros nunca suspeitaram o immenso valor do homem que tinham, valor tanto mais precioso, quanto era fructo dos proprios recursos ! »

Pouco depois resolveu Nicolau Antonio Taunay deixar tambem o Brasil e, sem querer entrar em relações com o novo director, partiu em principios de 1821.

Dos cinco annos passados no Brasil deveria guardar, com-tudo, as melhores recordações, salvo quanto ao fracasso da missão para que fôra convocado.

Fanatico dos panoramas fluminenses, não havia recanto daquella região paradisiaca que não conhecesse.

Caminhador infatigavel, a Tijuca, o Corcovado e a Gavea para elle não tinham segredos. Para se pôr em mais intimo contacto com a natureza, comprara, ao pé da deliciosa Cascatinha da Tijuca, uma ou duas dezenas de alqueires de mattas virgens e para alli fôra viver com os seus, a pintar, a adorar a Creação, a enviar á Europa paizagens e quadros diversos, já que o governo o condemnava á mais absoluta inacção.

Alli recebera a visita de illustres naturalistas e viajantes : os grandes Spix e Martius, o principe Maximiliano de Neuwied, de Freycinet, Jacques Arago e outros.

Embora entristecidos com a partida do querido irmão e do prestigioso collega, decidiram ficar no Brasil Augusto Taunay, Debret e Grandjean de Montigny, os irmãos Ferrez, a luctar pertinazmente contra o impagavel director cujo primeiro acto fôra dos mais inesperados e estramboticos : annunciara á congregação que á vista do estado de atrazo do Brasil as classes ficariam supensas por tempo indeterminado para que os academicos tivessem exclusivamente um curso preparatorio de desenho cuja duração seria, no minimo, de cinco annos !

Reforçados com a entrada para o seu grupo de Felix Emilio Taunay, que a boa princeza d. Leopoldina fizera nomear para a vaga do pae, Nicolau Antonio, decidiram logo encetar a campanha contra Silva e o seu assecla Soyé. Levaram estes a melhor, pois estava o regente e depois imperador d. Pedro I a braços com os acontecimentos extraordinarios dos mezes regenciasaes de 1821 e 1822, da independencia e da guerra contra os portuguezes, da revolução pernambucana de 24, das violentissimas luctas parlamentares que trouxeram a dissolução da Constituinte, debatendo-se ao mesmo tempo, contra as maiores difficuldades financeiras.

« In arma fident artes ! » dizia d. Pedro I, em todos os tons, aos pobres e desconsolados artistas francezes. Privados do apoio do governo resolveram, pois, agir por si; abriram cursos livres de pintura, esculptura e architectura e, como Henrique Silva lhes trancasse as portas do local da pseudo academia, obteve Debret, de d. Pedro I, uma dependencia da Alfandega para alli instalar os seus ateliers; sete alumnos inscreveram-se no curso de esculptura de Augusto Taunay, dez no de pintura historica de Debret, entre os quaes dois que todos nós conhecemos, Manuel de Araujo Porto Alegre e Domingos Gonçalves de Magalhães, o futuro visconde de Araguaya; tres nas aulas de paisagem de Felix Emilio Taunay e doze na de architectura em que Grandjean de Montigny era secundado pelos irmãos Ferrez. Redobrando de esforços, apesar da morte subita de Augusto Taunay, occorrida em maio de 1824, conseguiram os valentes pioneiros da Arte de tal modo chamar a attenção publica sobre si, e os discipulos, que, em 1824, decidia d. Pedro I se concluíssem as encanta das obras do palacio da Academia.

A exposição dos trabalhos dos alumnos trazendo aos mestres entusiasticos applausos de todos, governo e publico, valeu, ao interminavel palacio, real avanço sob as vistas immediatas dos ministros marquez de Queluz e barão de Valença.

Afinal ficou prompto, construido por Grandjean, e decorado pelos irmãos Ferrez, inaugurando-o com grande solenidade d. Pedro I e o visconde de S. Leopoldo, a 5 de novembro de 1826; dez annos e meio para se acabar tão restricto edificio!

Grandjean que já construira aquella lindissima nave central da Alfandega do Rio, o que lhe proporcionara ser condecorado pela propria mão de d. João VI, num momento de arroubo, não tivera á sua disposição sinão escassas verbas.

Era a Academia pequena e singela mas uma joia architectonica, pela pureza das linhas e elegancia do estylo; simples templo grego de dois andares com um bello portão ladeado de duas alas terreas, que o mau gosto de constructores, sem esthetica mais tarde iria deturpar. Quanto áquem ficara dos grandiosos projectos de 1816 e do conde da Barca! Desse mesmo anno de 1826 data o primeiro « salon » brasileiro, organizado pelos incançaveis artistas.

Deu S. Leopoldo a Debret a commenda de Christo obrigando Silva a aceitar o regimento da nova Academia confectionado por aquelles a quem perseguia.

Em 1829 et 1830 novos triumphos trouxeram as seguintes exposições de pintura, esculptura e architectura, aque concorreram vinte e tantos alumnos; attrahiu a de 29, na primeira semana, dois mil visitantes, numero enorme para a época.

Estava Silva batido em toda a linha, embora se agarrasse desesperadamente ao cargo, usando de todos os meios e manobras para alli se manter, decorosos e não decorosos.

Maus tempos, novamente, corriam porém para o Brasil;

os desastres da guerra cisplatina, a campanha furiosa que se levantava contra d. Pedro I e afinal os acontecimentos que, num crescendo de intensidade agitadora, trouxeram a abdição do monarca, a 7 de abril.

Tudo isto fazia com que Silva se fosse sustentando ; em 1830 este director, unico no genero, suggeria e trabalhava para que o edificio da Academia fosse occupado pelas officinas da Imprensa Nacional !

E conseguiu-o !

Debret desanimou então e, em julho de 1831, deixou definitivamente o Brasil.

Ficaram Grandjean, Felix Taunay e os Ferrez, mais pacientes ou mais confiantes no futuro.

E tinham alguma razão : victoria final lhes coube com a lei regencial de 30 de dezembro de 1831, e o regulamento subsequente, inspirados por José Lino Coutinho e em que se accetava « in totum » o programma dos mestres francezes. Desmoralisado, abandonou Silva o campo da lucta ; em novembro desse anno de 1831 morrera Soyé, o seu fiel assecla, em tragicas circumstancias ; deixou de frequentar a academia e, logo depois, uma congestão cerebral o invalidava por completo ; ainda vegetou dois annos, vindo a morrer em outubro de 1834.

Deixava na nossa Pinacotheca Nacional uma unica obra, o retrato de certo senador, « prova perenne da sua inferioridade e do erro da sua investidura na direcção da Academia diz o dr. Paes Barreto na sua « Historia da Arte, accrescentando :

« Nessa lucta incessante dum individuo contra o interesse e o poder da nação, em que a balança da victoria doze annos vacillou, decorreu a segunda phase do crescimento da Escola esteril em obras, mas fertil pela adaptação de uma primeira theoria escolastica á actividade nacional, até então arbitrariamente exercida. »

Em lugar de Silva foi eleito Felix Emilio Taunay, director, 1831, cargo que desempenhou até 1851. Nas vizinhanças de 1850 morreram os dois Ferrez e neste anno Montigny. Em 1851 jubilava-se Felix Taunay, mais tarde Barão de Taunay, muito e injustamente guerreado pelo elemento nacionalista, a cuja testa se collocara Porto Alegre, que o substituiu por algum tempo.

Não foi nem podia ser muito notavel a carreira da Academia, pois nem o Brasil comportava tal surto, mas viveu, caminhou, lentamente, com firmeza, apesar da indifferença absoluta do publico e dos governantes.

Nem nos esqueçamos quanto os nossos maiores homens de Estado eram, ou fingiam ser, alheios ás questões estheticas que, no fundo, a grande maioria menosprezava, ignorante por completo das cousas da Arte.

Do que não era politica, e sobretudo politicagem, apenas lhes causavam interesse as questões de jurisprudencia.

Apesar de tudo, graças á bravura dos seus incançaveis proceres, conseguiu viver a Academia Nacional de Bellas Artes, vencendo todos os obices oppostos pela ignorancia e pela rotina ; viveu, prosperou e produziu.

Pode, com toda a justiça o Brasil orgulhar-se de muitos dos seus discipulos ; desde 1834 até aos nossos dias, revoadas de bellos e fecundos artistas della alçaram o vôo, para maior gloria da nossa patria.

Si, hoje, comprehendendo a verdadeira missão da mais antiga das escolas artisticas da America Latina, os poderes publicos lhe deram uma installação condigna da importancia e tradições, vejamos ahi ainda um reflexo da tenacidade e da dedicação dos fundadores da instituição.

Inspirando-se em seus exemplos, apprehendeu o illustre mestre de que tanto nos desvanecemos, Rodolpho Bernardelli, a mais valente campanha junto aos ultimos governos, para que o Brasil tivesse uma escola de Artes á altura do seu papel no concerto das nações.

E estes o satisfizeram plenamente.

Por isto, honra haja e grande honra ao pequeno grupo de esforçados defensores do Bello, que tão tenazmente se bateu contra a omnipotencia dos mesquinhos deturpadores das idéas e dos projectos grandiosos do conde da Barca, esse conjuncto de verdadeiros desbravadores do aspero sólo brasileiro, a cuja acção de incançaveis pedintes e protestantes pertinazes se deveu a existencia da nossa Academia de Bellas Artes e o primeiro ensino racional das Artes feito no nosso paiz. Grande divida de gratidão contrahiu o Brasil para com os illustres e honestos artistas, valentes batalhadores em prol da causa da Esthetica e da Cultura, apaixonados da Arte e do paiz que lhe pedira os serviços, que não quizeram dar-se por vencidos ou regressar á patria sem haver formado escola nem deixado de realizar os compromissos do primitivo contracto, como que presos, pelo reconhecimento, á memoria do notavel ministro, seu preclaro Mecenas, cujo ideal fôra tão completamente desvirtuado pelos successores, pequeninos e incapazes.

Honra aos illustres e abnegados artistas da missão de 1816 a quem tanto devem o Brasil e a Civilisação !

DOCUMENTOS

RELATIVOS A' ELEVAÇÃO DA VILLA DE SÃO PAULO

A' CATEGORIA DE CIDADE

DOCUMENTOS

relativos á elevação de São Paulo a cidade (1)

Termo de hua Junta geral que fez o Sor. Governador e Capitam geral Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho sobre a nova forma, e clausulas com que S. Magestade foy servido mandar Criar este novo governo para augmento das minas, e socego, e restituicao a ellas, destes moradores de S. Paulo.

Aos sette dias do mez de Julho, deste presente anno de mil sette centos e dez, nesta Villa de S. Paulo, nos Paços em que mora o Governador e Capitam geral, o Senhor Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, foy por elle convocado a junta os Prelados Ecclesiasticos das religiões, com os Officiaes da Camara e os Procuradores das de mais desta Capitania, e algumas Pessoas da nobreza della, todos abaixo assignados, e estando todos presentes, lhes foy pello ditto senhor proposto todos aquelles particulares, que se encaminhão a melhor observancia das ordens, e real attenção de Sua Magestade, que Do. Gde. pertencentes ao augmento, e socego, em que quer vivão estes povos, para que livremente possão tratar das suas conveniencias para remedio da sua attenuação e juntamente foy lida a Carta de S. Magestade de 9 de Novembro de 1709, escrita ao d. o Sr. Governador sobre a forma que he servido se observe daqui em diante para melhor direcção deste Governo, e se estabelecer a justiça do que tanto necessita; e tudo considerado, e ouvido

(1) Referindo se o presenteo tomo da *Revista* ao anno de 1911, em que S. Paulo celebrou o bicentenario da sua elevação a cidade, entendeu a commissão de Redacção ser opportuna a publicação destes documentos e das duas plantas do fim do volume, dando a este um aspecto commemorativo da importante data infelizmente decorrida no meio da maior indifferença do publico.

pelos ditos assistentes com toda attenção, e obediencia de verdadeiros vassallos, convierão uniformemente que a vista de S. magestade que Ds. grd. se dignar de querer dar nova forma de governo, com administração de justiça, a esta Conquista para reparo da attenuação della occasionada com as inquietações das minas, e sua alteração, não podião doudar em obedecer ao ditto Senhor em continuarem o mesmo Comercio, e continuação ás minas, e sua assistencia, na certesa de que se conservarão as que nellas assitirono, com justiça, e sem vexação, alguma occasionada pelos forasteyros; e q. da mesma sorte se não poderá impedir o quererem vir para suas casas os que lá se achão o poderem tratar de suas conveniencias, sem embargo de q. desejavão S. magestade lhes deferisse a conta que por seus procuradores lhe tinhão dado; e q. em tudo o mais se remettião ao encargo com q. estava o do. Sor. Governador de os proteger, e amparar em tudo o q. fosse mais conveniente para o seu augmento e sossego em q. querião viver, como vasallos tão Leaes; hassim passando aos mais particulares, pareceo uniformemente; que se devia representar a S. magestade a pouca, ou ninhua observancia que tinhão as suas reaes ordens expedidas para o sal, q. se obrigou o contratador a metter na Va. de Santos para provimento de todas estas da serra assima, pois se tem experimentado não só falta grande, mas vexações consideraveis, aquella em não vir nenhu do contracto, e estas porque algu, que entra na da. Villa por particulares, que ainda que o trazem occulto do mesmo contratador, lho vendem por exorbitantes preços, a que os faz sogetar a sua necessid., hassim devia elle do. Sor. Governador dar licença para q. fossem alguãs sumacas de Santos a buscalo aonde quer que o achassem para lhes ser vendido por preços justos e se acomodados. e q. com o q. na d. a Va. se achasse de particulares se executasse o que S. Magestade tem ordenado, he que outros y esta camara e elle d. o Sor. Governador, e a da Va. de Santos devião dar conta a sua Magestade e pedir lhe se servisse para remedio de tão grande dano, permittir e ordenar, viessem para o d. o porto de Stos, em direytura dous navios com sal, em q. tambem possão vir a estes povos as suas encomendas, pois de ser em direytura ao Rio de Janeiro se lhe occasionarão mil descaminhos, e despesas pois na d. a. Villa se acha Alfandega e ministros della, em que pode haver a arrecadação conveniente para os direitos, concedendo-se aos donos dos navios, qualquer preferencia como melhor parecer a S. magestade que Ds. Gde. a qm. tambem se mandaria pedir ordem para se franquear o d. o porto; e que outro sim, esperavão da real grandeza de S. magestade fosse servido mandar conciderar os danos que se seguem a esta nova Conq. ta dos muitos caminhos que se tem aberto para as minas, não só pelo q. respeita aos descaminhos dos seus reaes q. tos, mas de se introduzirem nellas pessoas prejudiciaes, com a franqueza que se experimenta dele pov do

rio de janeiro o qual se devia tapar e os mais na forma conveniente para q. só este se continuasse, como se principiarão as mesmas minas. pois disso se seguiria a estas villas a maior utilidade. e augmento. como esperavam da real grandeza de S. Magestade. E. q. em tudo o mais q. for de utilid. para esta nova Conq.ta e provincia de Governo esperavão delle d. o Sor. Governador lho procurasse com aquelle zelo q. he obrigado ; e da mesma sorte pedião desde logo a S. Magestade que Ds. Gde. e lhe seria proposto pela Cam.ra desta da. villa da. villa a justa razão com que merecião que S. Magesta de os autorisasse com a mce. de lhe fazer Cidade esta da. villa, e quando possivel fosse darlhe tambem Bispo, pois a distancia em que vive o do Rio de Janeiro, e difficuldades que se lhe offercerão sempre para virem visitar estas suas ovelhas, as tem posto na mayor necessidad e falta, q. so experimenta, como melhor poderá mandar considerar o d. o Sr. E pelo ditto Sor. Governador foy respondido, que elle faria muito por que as suas acções e zelo correspondesse a obrigação em que se achava de amparar e favorecer estes povas, e conservallos pacificos, como S. Magestade lhe ordena, pois fiava de todos elles o soubessem assim merecer na observancia de tudo o que por elle lhes fosse disposto e ordenado ; E de como assim se ajustou fiz aqui este termo que todos assinarão com o do. Sor Governador, o Rdo. Vi-gario da vara desta Capitania. Redvo. Pe. vesitador da Companhia de Jesus, o Rdo. Pe. Dom Abbade de S. Bento, o Rdo. Pe. Guardião de S. Francisco, o Rdo. Pe. Prior de N. Sra. do Carmo, o Rdo. Pe. me. Fr. João Joseph de Santa Thoreza. os Offes. da Camara desta da. Va , os Procuradores das Camaras e Vas. de S. Vicente, Santos, Perna hyba, Mogi, Jacaray, Judiay, Otu, Sorocava; E assim mais da nobreza desta Va. o Capitam-mór Pedro Taques de Almeida, o Capitam Governador Mel Bueno de Fonseca, o Mestre de Campo Dos. da Silva Buéno, o Capitam João Dias da Sylva, o Prvor, dos q. tos Mel. Roiz de Oliveira, o Capitam Dos. Dias da Sylva, o Capitam mór Dom Simão de Tolledo que so por q. ora se acharão nesta ditta Va. Eu Mel. Pegado, secretario deste Governo o Escrivi.

A. Albuquerque. C. de Cavalho.

Andre B. — Estevão Gandolp vesitador da Companhia. — Fr. Francisco da Conceição, G.am. — Fr. Mathias — Fr. Marcelino da Encarnação — Fr. João Joseph da Sa. Descalco — Francisco Correa de Lemos — Antonio Rapozo da Silveira — Martinho Paes de Linhares — Thomé Roiz da Silva — Lopes Roiz V. — Jacintho Vaz de Guimarães — Verissimo da Silva — Pedro Roiz S. — Antonio Glzs. Nascimento — Martinho Correa. — Jorge Morcira de Godoy. — Antonio Roiz Penteado — Antonio Pereira da Silva — Antonio da Cunha de

Abreu — Manuel de Campos — Manuel Nunes de Siqueira — Antonio Antunes Maciel — Antonio de Moraes de Siqueira — João Machado C. — Pedro Taques de Almeida — Manoel Bueno da Fonseca — Dos. da Sa, Bueno. — João Dias da Silva — M. Francisco Bueno — Dom Simão de Toledo Piza — Antonio Correa de Souza.

Despacho Real.

Antonio Albuquerque de Carvalho — Amigo. — Eu El-Rei vos envio muito saudar.

Havendo visto a proposta dos officiaes da camara da villa de São Paulo, e o que sobre ella me escrevestes, principalmente a em que me pedem se lhe dê o nome de cidade á villa e Egreja Cathedral com Bispo, fui servido haver por bem que a villa de São Paulo tenha o nome e titulo de cidade e assim vos ordeno o façais praticar e publicar, mandando registrar esta minha ordem nos livros da Secretaria desse Governo e Senado, Camara e partes aonde convier, e sobre a concessão da Cathedral e Bispo, me pareceu ordenar-vos me informeis do numero de familias que ha nessa villa, e nos mais da terra e gente das minas e donde poderá sahir a despeza que se ha de fazer com a nova Sé e congrua do Bispo e conegos.

Escrepto em Lisboa a vinte e puatro de julho de mil setecentos e onze — Assignado : « REI » (1).

(1) Existem estes dous documentos no Archivo Publico Mineiro.

OS PRINCIPIOS GERAES
DA
MODERNA CRITICA HISTORICA

PELO

DR. AFFONSO D'E. TAUNAY

Socio effectivo do Instituto.

OS PRINCIPIOS GERAES DA MODERNA CRITICA HISTORICA

I

Quando Leão XIII annunciou que ia franquear aos sabios de todas as patrias, e todos os credos, os immensos Archivos Vaticanos, objectou-lhe alguém que seria imprudente, talvez, trazer á luz grande numero de documentos confidenciaes; podiam estes provocar desagradaveis surpresas, interpretações insidiosas senão malignas; não tardariam os inimigos da Igreja Catholica a forjar novas armas de combate com o proprio material fornecido pela Santa Sé.

Respondeu-lhe o Papa, reaffirmado a inabalavel intenção em que se achava: *em hypothese alguma devemos temer a verdade* e logo depois ajuntou, revestindo de palavras suas, e ampliando-o, o conceito ciceroniano: *Ne quid falsi audeat, ne quid veri non audeat historia*:

« O primeiro dos principios da Historia é não ousar mentir, de leve que seja; o segundo não receiar dizer a verdade, em hypothese alguma, lembrando-se de que acima de tudo é preciso que não dê ensejo a que pareça inspirada pela lisonja ou pela animosidade ».

Nestas phrases fez o genial Pontifice a synthese dos sentimentos que devem inspirar o historiador; o que enceta a sua jornada disposto a cerrar os ouvidos a tudo quanto lhe não dictar a verdade em contraste com aquelle a quem domina o eterno escrupulo e a quem « a historia assusta », na phrase feliz de Newman. O espirito dos tempos modernos repelle com a maior violencia este genero de descriptores das grandes acções humanas, esses unilateraes que fogem aos constrangimentos das situações e deixam patentes a frouxidão e a dubieza que lhes vão n'alma.

Precisa o historiador de hoje illuminar os assumptos com os mais possantes focos de que lhe seja possivel munir-se.

no arsenal das sciencias auxiliares da Historia ; não arriscar um passo sem que se sinta apoiado por incompressivel terreno.

O estado d'alma da Humanidade, em seculos não distantes de nós, levava a desdenhar tudo quanto produzia a penna de adversarios, inimigos ou mesmo desaffectedos. Tudo parecia pelo menos, cheio de má fé, ninguem se dava ao trabalho de ler o que imaginava falso, acceitando com inteira satisfação de espirito os panegyricos e apologias da lavra de correligionarios.

Tal não se dá desde muito em que todos os historiadores se apresentam á liça da controversia e da discussão do merito de suas obras, feita por um numero cada vez mais crescente de criticos e em ambito sempre maior, e scenario internacional.

D'ahi a imprescindivel necessidade da documentação cerrada, o respeito sagrado pela palavra das fontes, pela voz milliar dos archivos,

O autor que no decorrer do estudo de um assumpto quizer esquivar-se a um terreno em que sinta predilecções magoadas, verá em breve surgir a questão desprezada sob o aspecto aggressivo e perigoso da argumentação de um adversario de suas ideias e tendencias que se documentou para lhe dar batalha, nas condições favoraveis de quem vê o antagonista confessar quanto lhe parece escorregadio o campo da lucta. E' portanto não somente leal mas sobretudo de excellente politica atacar os factos, de frente desde que o publico esteja ao par da questão.

Não ha illusão possivel, nem illusão pode haver : o que se não disse ha de ser dito.

O que amigos calarem, e encobrir, adversarios hão de proclamar retumbantemente, com tamanho estridor que se farão ouvidos em todos os recintos, o mais violento dos baldoes attingirá em cheio o historiador : o de narrador parcial e desleal.

Hoje, e cada vez mais, é a sombra a grande inimiga do historiador. O melhor modo de fazer a apologetica é ainda dizer a verdade, toda a verdade, nada mais do que a verdade.

A historia se faz, com os documentos, os actos cujos vestigios materiaes desapareceram estão para ella perdidos e quando muito podem concentrar se no dominio das reminiscencias collectivas.

Onde desaparecem os documentos chegam os extremados a avançar cessa a historia.

Deve o historiador moderno começar por investigar e recolher documentos, cultivar intensamente essa sciencia a que os allemaes baptisaram *Heuristica*.

Ninguem pode hoje descrever uma epoca, fazendo trabalho original sem se dar a um trabalho immenso de pesquisa e de cotejo.

E' na obediencia essa ordem de ideias que reside a força, a superioridade a convicção dos historiadores e eruditos hodiernos.

Os campos a revolver restringiram se singularmente; algumas decadas encaradas sob o prisma moderno exigem labor muito mais intenso do que outr'ora essas catalpúticás obras que se desfazem no silencio dos bibliothecas como aquella immensa *Historia de Franca*, de Dupleix tão apreciada no seculo XVII, ou os calhamaços do bom Frei Bernardo de Brito cuja phantasia arroubada tantas maravilhas nos contou da antiga Lusitania e do seu rei Briga.

Ludwig Pastor, o celebre historiographo contemporaneo dos pontifices romanos cuja obra, pode dizer se, quasi annula as precedentes, affirma modestamente no prefacio da sua *Historia dos Papas* que lhe assiste a convicção de haver encetado util empreza não porque tenha a capacidade de traçar a synthese dos trabalhos profundos dos que estudaram a vida da Santa Sé mas só porque lhe foi dado devassar os Archivos Vaticanos, o que a muitos homens do maior valor e grande consciencia como Ranke, Buckhardt, Voigt, Gregorovius, Creighton, de Reumont não coubera.

Os esforços extraordinarios desses historiadores para tirar premissas e conclusões da deficiencia das fontes compulsadas, mau grado toda a energia de sua pujança mental foram totalmente inutilisados pela appareção de uma serie de documentos inatacaveis, trazidos á luz por Pastor.

« As chaves de Pedro são as da Idade Media », disse Pertz, profundamente.

« Causa dó ver tanto e tão nobre trabalho perdido ! », lastima o grande historiographo papal contemporaneo, cuja incansavel pertinacia pôde aproveitar a boa sorte que a tantos dos seus precedentes faltara.

Verdade é que a heurística, hoje, não apresenta mais aquellas difficuldades quasi, insuperaveis, dos seculos passados, em que os infelizes eruditos, sentindo, desesperados, quanto trabalhavam em situação desfavoravel e contrafeita, encetavam essas correspondencias retardadas sempre pelos vicios enormes dos correios coetaneos ou emprehendiam essas celebres viagens de pesquizas, conhecidas sob o nome de *Itier*.

Da dispersão antiga de documentos, entre innumerados depositos de archivos e bibliothecas publicas e particulares, operou-se aos poucos, a principio, e rapidamente depois, espontanea concentração para as grandes colleções nacionaes, desde os comecos do seculo XVIII.

Tudo isso não podia deixar de ser feito sem deterioração do material recolhido, muita inutilisação, muita sonegação houve, sobretudo em casos especiaes, como em França quando, em virtude da Revolução, extinctos os grandes Mosteiros, possuidores de incalculaveis thesouros historicos, foram lhes confiscados os archivos. O espirito jacobino de

varios dos recolhedores desses mananciaes monasticos levou os a inutilisar muita cousa do que não era *interessante* na phrase pittoresca dos relatorios da epoca.

Noutros paizes cousas lamentabilissimas se passaram igualmente; lembremos Portugal e os estragos produzidos pela arrecadação das bibliothecas conventuaes, tão deploradas por Herculano e Camillo.

Seja como for, a concentração trouxe incalculaveis vantagens para o estudo das fontes historicas, tanto mais quanto um exercito de benemeritos e obscuros eruditos poz-se a campo para as classificar e sobretudo lhes facilitar a consulta, continuadores e emulos desses incansaveis inventariantes e catalogadores e bibliographos como os benedictinos e os bollandistas, do talho daquelle formidavel trabalhador que foi Diogo Barbosa Machado e são em nossos dias Ulysses Chevalier, Bancroft, etc.

Assim pois, se o historiador estribado em grande copia de documentos enceta o seu trabalho, ainda lhe cabe verificar precisamente se o que recolhe ja foi criticado e se ainda ha material que nao soffreu os reparos da critica.

Se um bom fado o guiar á descoberta de ineditos que delle esperam commentarios ve-se na imminecia do perigoso passo a que só se pode abalançar, criteriosamente, se tiver uma formação muito bem equilibrada. Daunou em principios do seculo XIX, dizia que o officio de historiador reclama solida bagagem litteraria e philosophica, e o conhecimento da sciencia politicae do direito « Grotius e Machiavel tanto quanto Homero, Aristoteles e Plutarco ».

Quanto mais distante dos nossos dias está a epoca que o futuro historiador pretende esquadrinhar maior somma de conhecimentos lhe é imposta pelas exigencias hodiernas e exigencias essas que contendem com as multiplas sciencias auxiliares da Historia : a Philologia, a epigraphia, a paleographia, a diplomatica, sem fallar nos conhecimentos linguisticos correspondentes a certas regiões e o estudo da interpretação das inscrições em casos speciaes.

Quanto mais longinquas taes epocas, maior importancia toma a critica dos documentos figurados : as obras d'arte, a architectura, a numismatica, a heraldica, todos os ramos da Archeologia, emfim.

Estas imposições do criterio moderno provocaram no campo da historia, como já o haviam feito no de todas as sciencias, o apparecimento das especialisações, a restricção e a particularisação dos assumptos. As grandes obras de Historia Universal ou de Historia Nacional que outrora bastaram para o esforço de um homem, só, vêm se substituidas pelas monographias, cada vez mais numerosas e por-menorizadas e pelos esboços biographicos.

A caçada ao documento torna se cada dia mais aspera ; muito já foi colhido mas immenso ha ainda que respigar. Por exemplo no que diz respeito á historia do Brazil : basta

lembrar que os archivos hollandezes apenas foram atacados pelo Dr. José Hygino e que os Vaticanos, com a sua copia colossal de informes das autoridades ecclesiasticas á Santa Sé, ainda nada desvendaram.

II

De posse das peças documentaes que lhe servirão de base para a obra futura cabe ao escriptor iniciar uma serie de operações das mais trabalhosas, a critica de inspecção.

Precisa fazer appello a toda a sua sciencia archeologica, a toda a argucia de que dispõe afim de authenticar os documentos ; quanta divergencia nos textos até de livros recentes quanta variante nas diversas edições das obras maximas das litteraturas ?

Tratando se de manuscriptos, então, como não receiar as adulterações provenientes das copias ?

Ninguem consegue copiar cincoenta linhas sem as alterar, affirma um critico, e esta asseveração nos parece a todos cheia de criterio.

Os historiadores que trabalham com manuscriptos raramente se servem de textos cotejados; aproveitam aquelles que lhes cahem ás mãos.

Ha quando muito trinta annos que appareceram as primeiras edições criticas das grandes obras historicas medievas publicadas por eruditos.

A reconstituição dos originaes nos tempos de hoje levada a cabo por uma serie de sabios do valor de Madwig, Lindsay, Blass etc. se estende não só aos textos gregos e latinos como aos germanos e orientaes.

A arte da *emendatio conjecturalis* tomou imenso desenvolvimendo mas apezar de tudo, innumeros são os textos absolutamente irreductiveis.

Convem pois trazer á luz tudo quanto se refira a um assumpto, imitar o trabalho systematico dessas sociedades de infatigaveis pesquisadores como a da *Monumenta Germaniae historica* o *Instituto Istorico Italiano* etc.

Depois da comparação impõe se a critica de origem sabendo se quanto é espontanea no espirito humano a tendencia em acceptar como authenticas as indicações de proveniencia.

Quem se improvisa critico, diz Langlois espirituosamente, faz como o individuo que cabe nagua sem saber nadar : « tudo quanto é absolutamente indispensavel para se afogar ».

Pensam os profanos que tudo se acha prompto para o historiador quando conseguiu collectcionar os textos relativos aos acontecimentos de que é relator. Basta lhe agora reuni los por meio de algumas phrases de transição. Isto era bom para os velhos chronistas; exigem os tempos modernos outra hermeneutica.

Cada facto historico a esclarecer é uma questão a julgar em que, como em todos os processos, se começa pela audição das testemunhas.

E' prudente refrear todo e qualquer movimento de con fiança, começar constatando a identidade das testemunhas. Ora os documentos historicos estão no caso de bem lhes ser preciso uma justificação de identidade.

Tomemos por exemplo o estudo de um periodo medieval.

Guias seguros são as formulas adoptadas para o começo e a conclusão, os titulos attribuidos aos personagens, o modo de fixar as datas, muito characteristics das epochas e pertencentes á alçada da diplomatica. Desde que as minucias se multipliquem fatalmente se revela o estellionato.

As palavras, o estylo contam tambem entre os meios poderosos de perscrutação : cada seculo tem o seu modo de exprimir-se tão proprio que os anachronismos logo surgem flagrantes aos olhos dos eruditos.

Desde meados do seculo XVIII entrou o *pastiche* em moda, hoje quasi obsoleto ; na media idade era desconhecido porém.

Ha portanto para os impostores uma serie de escolhos onde forçosamente acabam sossobrando.

Só mesmo a incrível ingenuidade de alguém, como a do illustre Michel Chasles, vizinha da inconsciencia, poderia admittir as mystificações operadas pelo celebre Vrain Lucas, o falsario que começou impin gindol-he cartas de Vewton e acabou por lhe fornecer a cõrrespondencia de Cleopatra a Marco Antonio etc., estando o sabio certo de que tudo era authenticico quanto possível.

O estylo das epochas é inilludível e o emprego de certas palavras cuja significação os seculos alteraram, balisas seguras contra as causas do erro. Assim pois *vel* que no latim classico significa *ou* e no medieval *e* ; *suffragium* que de suffragio passou a significar soccorro, etc.

Indices inalliveis são ainda, de alterações dos documentos, as allusões anachronicas graças ás quaes se tem descoberto tanta impostura, como se deu com as celebres Decretas Pseudo Isidorianas, collecção de pretensas cartas dos papas dos tres primeiros seculos, que não passa de serzidura de extractos da patrologia, da jurisprudencia romana, de codigos barbaros e decisões de concilios tudo isto dentro de limites muito extensos pois attinge o seculo IX.

O estudo acurado das origens tem provocado surpresas colossaes, plagios insuspeitos que obras acatadas reduziram ao que realmente são : transcripções e collectaneas de fontes anteriores.

A critica das origens prestou enormes serviços aos historidores modernos, eliminando documentos apocryphos denunciando falsas attribuições e infelizmente demolindo reputações estabelecidas de grandes obras, até então inatacaveis, como succedeu á *Historia da Conquista da Inglaterra* por Agostinho Thierry.

Este genero de critica é tido actualmente como o processo por excellencia; diz se correntemente que tal ou tal livro não tem critica quando o autor não consegue no material arrecadado, distinguir a joia do trigo.

E' preciso não abusar, porém, não cahir no extremo opposto na hypercritica que tudo acha suspeito e nega os caracteres da authenticidade aos documentos mais veneraveis.

E' esta, aliás, a tendencia dos eruditos, dos esmiuçadores que não permittem que se deixe uma minucia na penumbra, os ratões de bibliothecas, as traças de archivos que revolvem sempre os mesmo campos de area muito restricta e não perdoam o que entendem ser um attentado aos conhecimentos adquiridos laboriosamente, pela sua pertinacia de horizontes acanhados.

Não ouvem o bom senso que lhes ordena que não prosigam no esmiçamento fatal provocador do hypercriticismo.

O caracter peculiar dos estudos historicos e de suas auxiliares, as sciencias philosophicas, hoje, é o da desaggregação logo que attinjam á perfeição relativa.

Cahem-lhes em cima o diletantismo dos curiosos e a inexoravel severidade dos eruditos.

E é tal o numero destes ultimos que no fim de curto prazo está um obra classificada; ou resiste, engenhosamente aliçada nas fontes de indiscutivel authenticidade a que recorreu o autor ou esboroa-se logo. Assalta-a, uma legião de reparadores como um formigueiro a um cadaver, e surgem logo as falhas, os defeitos de couraça como succedeu com tantas obras illustres, reputadas invulneraveis, de escriptores celebres, mortos hontem, como Ranke, Thierry, Taine, Fustel de Coulanges, incadas de inexactidões descobertas pelos inexoraveis esmiuçadores modernos, mesmo pondo de parte as allegações dos hypercriticos, cujo valor é puramente sentimental.

III

Verificada a identidade das testemunhas e ouvidos os depoimentos parece que se poderia passar a um ponto capital do trabalho da critica: a apreciação da autoridade do material recolhido. A's vezes, no emtanto, novo problema, enxertando se no primitivo, vem complica-lo.

A tendencia natural dos historiadores é ler os textos com a preocupação do aproveitamento das informações sem procurar avaliar o que o autor tinha em mente.

Quem, ao percorrer um texto, não se restringe á sua estricte comprehensão, acaba lendo-o atravez das proprias impressões. Criterio seguro é então resistir ao primeiro movimento e procurar apenas comprender bem o documento. O principiante, sobretudo se tiver de estrear, como exercicio, com as

chronicas barbaras, confusas e prolixas dos primeiros seculos, ver se-á desanimado. Como surprehender uma opinião qualquer por intermedio de um amontoado de palavras, que nem parecem poder firmar sentido? Pouco a pouco, porém, succede lhe o que se passa com o archeologo, quando revolve grandes montões de destroços de toda a especie para dahi retirar os mil fragmentos de uma pedra tumular, de um vaso ou de uma inscripção.

O labor diuturno e tenaz traz lhe a capacidade-e os conhecimentos de linguistica vem socorre-lo.

A interpretação grammatical, fundada sobre as regras geraes da lingua, deve ser completada pela historica, estribada no exame do caso particular.

O estudo das palavras, levando em linha de conta a evolução continua da lingua, a divergencia de sentidos dos vocabulos e expressões, de região a região, a linguagem propria do autor, o emprego constante da regra do contexto, fundamental na interpretação e que não permite o estudo isolado das phrases, são outros tantos elementos de triumpho.

« Os estudos de palavras disse Fustel de Conlanges, tem immensa importancia na sciencia historica. Um termo mal interpretado pode ser a fonte de grandes erros ».

E' com effeito, tendo elle applicado methodicamente a critica da interpretação a uma centena de palavras barbaras conseguiu renovar o estudo dos tempos merovingios.

A analyse e a critica positiva da interpretação apenas attingem, porém, o trabalho interno do autor do documento e nada dão a conhecer acerca de suas ideias.

O que o escriptor exprime não é obrigatoriamente o que acreditava, porque pode ter mentido ou ter se enganado.

O nosso primeiro movimento no emtanto, o movimento natural induz-nos a aceitar como verdadeiras as affirmações do documento.

Contra esta credulidade espontanea deve reagir o historiador ; a pratica força-o a reflectir nas contradicções que os documentos, versando sobre os mesmos assumptos, apresentam. Os antigos historiadores, obedecendo á persuasão desse intuito de confiança, tão humano, contentaram-se em saber se o autor do documento havia sido contemporaneo dos factos narrados, e testemunha ocular, se fora sincero e bem informado, se soubera a verdade e se a quizera dizer, e afinal : se era digno de fé.

Os progressos da actualidade introduziram, porém como um das mais poderosos dictames da critica o que se chamou a *duvida methodica*. Applicada ás affirmações dos documentos a duvida methodica torna se a *desconfiança methodica*. A *priori* deve o historiador desconfiar das affirmações de um autor, mesmo quando é tido como muito veridico.

Acredita se geralmente que o estylo trahe o homem e que a impressão da verdade e o tom da sinceridade resaltam das paginas examinadas e no emtanto o vigor das affirmações,

muito frequentemente, em vez de traduzir o das convicções apenas revela habil impudencia.

O mesmo se dá com a abundancia e a precisão dos pormenores que, em tantos casos, apenas informam acerca da imaginação ou desplante do autor.

« E' impossivel inventar tanta cousa reunida » diz se geralmente quando nada mais facil ha do que faze-lo. desde que o autor seja um homem de talento vulgar.

Não deve haver pois caracter exterior de um documento que dispensa critica.

Repetimolo : é preciso procurar saber o que o autor realmente acreditava porque pode não ser sincero ou talvez se tenha enganado.

Com effeito é possivel que minta conscientemente por interesse proprio, alheio, individual ou collectivo, como é tão frequente succeder nos papeis de origem official ; pode ter se achado numa situação que o obrigava a mentir, como succede, por exemplo em actos, aliás inspirados pela boa fé, e redigidos a uma certa distancia dos acontecimentos.

Pode também não conseguir occultar a sympathia ou antipathia por um grupo de homens (nacionalidade, partido ou seita) por um conjuncto de doutrinas ou instituições, (religião, philosophia, seita politica) e esta tendencia é tão intrinsicamente humana que sempre loi o ponto de honra dos historiadores repellir as increpações de parcialidade, isto desde remota antiguidade, designadas sob as designações de *studium* e *odium*.

Pode ainda, arrastado pela vaidade, mentir para se attribuir um papel importante no conjuncto dos factos historicos que refere ; é esta uma balda tão commun que nella não insistiremos. Quantas e quantas *memorias* foram escriptas por individuos presumçosos que representaram em dada epoca o papel da famosa *mosca do coche* da fabula de La Fontaine e pretendem impingir, de boa ou má fé, aos posteros, que em torno de sua personalidadesinha girara a sorte das nações ?

Ainda pode o autor ter querido adular o publico ou pelo menos procurado não o susceptibilisar, deformando os factos de modo a adapta-los ás instigações e preconceitos.

Ha um serie de formulas que nada representam nem podem representar, declarações reguladas pelo cerimonial, palavras sacramentaes, inscripções officiaes, discursos de apparato etc.

As exigencias da cortezia moderna nos mostram quanto são nullas as deducções que taes formulas offerecem.

Insensato seria por exemplo o epigraphista que pretendesse demonstrar, pelo commentario das inscripções officiaes, que o mundo romano vivia no auge da alegria sob o dominio do divino Dominiano ou do divino Commodo, abençoados, no emtanto, com as mais calorosas e gratas phrases em mil e mil lugares.

Emfim é ainda possível que o autor sujeito a predileções litterarias e estheticas haja deformado os factos para os adaptar á sua concepção do Bello. *Deformação oratoria* que empresta aos grandes homens faculdades que não tinham e palavras que não proferiram : *deformação epica*, aformoseadora das narrativas, perigosa quanto possível, porque lançando mão de pormenores precisos, dá illusão da verdade; *deformação dramatica* tendendo á producção de effeitos theatraes, concentrando factos dipersos sobre um só personagem ou sobre um grupo.

É o que os criticos chamam o *mais verdadeiro do que a verdade*.

Menos perigosa do que as precedentes vem a ser a deformação lyrica ; o tom altisono arroubado inutilisa-lhe as pretensões á documentação historica.

A deformação litteraria geralmente não se dá com os documentos de archivos, mas altera profundamente as narrativas dos historiadores.

Os processos da critica moderna vieram abalar o prestigio desses grandes historiadores, cujas paginas são primores de estylo, como Heródoto e Tacito, accusados de deformação dramatica.

A tendencia natural, levando-nos a admittir muito mais facilmente uma affirmação apresentada sob um aspecto esthetico do que desataviada dos primores do estylo, deve a critica reagir applicando esta regra, paradoxal na apparencia, de que tanto mais suspeita é uma affirmação quanto se acha revestida de forma artistica ou interessante.

A segunda serie de questões servirá para examinar se ha, ou não, motivo para desconfiar da exactidão das affirmações do autor.

Talvez tenha elle estado collocado de modo a poder observar os factos, impedido para isso, porém, por qualquer circumstancia interior, illusão ou preconceito.

Talvez, tambem, se tenha encontrado em má posição para observar, como se dá com os subalternos que pretendem conhecer todos os segredos de um conselho de dignitarios, ou com o individuo que, para resguardar a vida, durante uma batalha, não lhe pode acompanhar bem as peripecias.

A's vezes é lhe deficiente a experiencia especial ou a intelligencia generalisadora que interpreta os factos ; as qualidades analyticas ou a simples notação contemporanea dos acontecimentos.

As *Memorias*, por exemplo, tem introduzido na historia innumeradas causas de erro. Acontece ainda que o autor affirma factos que poderia ter observado mas que, por negligencia ou incapacidade, não testemunhou, como no caso de muitas chronicas medievas, repletas de narrações, pormenorizadas, de assembléas e cuja autoridade é hoje inteiramente repellida.

Afinal o facto narrado tem uma natureza tão intima que só pode ser decorrente da observação directa.

E' preciso, porém, mais uma vez não exagerar, tal a penuria das fontes de observação directa de que póde lancar mão a Historia.

Desde que um acontecimento se dá, surgem logo, e em numero avultado, os documentos chamados de segunda mão; a mor parte das vezes anonyma fica a observação principal.

Como pois fazer a critica de uma affirmação anonyma?

Deve se examinar se ha um caracter commum a todas as affirmações do documento indicando que todas possuem a mesma proveniencia, oriundas de gente que obedece aos mesmos preconceitos e ás mesmas paixões.

De todas os inqueritos geraes que se podem fazer então, o mais util refere se a transmissões do que se chama a *tradição*, e a serie concatenada das transmissões até os nossos dias.

A critica precisa saber se essas transmissões successivas conservaram ou deformaram a affirmação primitiva, sobretudo se a tradição recolhida pelo documento foi escripta ou orai.

A tradição oral é, pela sua natureza, um conjuncto de alterações continuas assim pois a sciencia geralmente a repelle. Sua forma mais saliente é a lenda que se produz nos grupos de homens cujo unico meio de intercommunição é a palavra, nas sociedades barbaras e nas classes pouco cultas.

A historia de todos os povos começa por um periodo lendario; embelleza a lenda minimos factos a que empresta gigantescas proporções.

Assim por exemplo os sagas escandinavos que alguns criticos reduziram ás proporções insignificantes de brigas de aldeões, de miseraveis questiunculas locais, faltando lhes o sopro epico que muitos lhes attribuem.

Tudo isto tem lugar marcado no folklore de uma nação e não em sua historia.

Forma a lenda um conjuncto em que talvez haja algumas parcellas de verdade sem que porém seja possivel distinguir se provém da realidade ou da imaginação.

E' segundo a tão feliz expressão de Niebuhr, o grande inimigo das fabulas romanas, o que entre parenthesis não o impedio de pretender nellas destrinçar muitos phenomenos historicos : « uma miragem produzida por invisivel objecto, segundo certa lei desconhecida de refração historica ».

A comparação de elementos lendarios não póde, de forma alguma, fornecer dados aproveitaveis, sejam quaes forem : demonstrou-o exuberantemente Grote, o grande historiador do mundo grego.

Qualquer narração apoiada nas expressões da lenda precisa ser inexoravelmente afastada.

Nos casos de transmissão escripta, necessario é verificar se o autor a reproduziu da fonte sem a adulterar, pesquiza que pertence á critica das fontes.

Se a origem desapareceu, porém, a critica interna é a unica que pode subsistir.

Examinadas todas estas diversas condições ainda averiguará o critico, tratando da sua documentação, se os factos relativos ás afirmações são de natureza a tornar a mentira pouco provavel ou a fazer com que o erro tambem seja pouco provavel e ainda, que as declarações só correspondem a uma perfeita exactidão. A analyse critica critica concepções e afirmações, acompanhadas de notas acerca da probabilidade da exactidão dos acontecimentos affirmados.

Delle devem surgir os factos historicos particulares com os quaes a sciencia se construirá.

Nasce d'ahi uma serie de operações syntheticas para tal organização.

A historia, sob pena de se perder na confusão dos materiaes deve sempre nortear-se em proceder por partes, por questões, como fazem as demais sciencias. Os documentos, fonte unica do conhecimento historico, informam sobre tres categorias dos factos: seres vivos e objectos materiaes, actos dos homens; motivos e concepções.

Com effeito, os actos humanos não tem em si a propria causa, encerram um motivo, a impulsão que os provoca e a sua representação consciente no momento de agir.

Estes sentimentos e ideias vêm a ser para nós uma amalgama dos motivos e concepções dos autores dos documentos de que dispomos, dos motivos e ideias attribuidas por esses autores aos contemporaneos a cujos actos assistiram, causas que nós proprios podemos attribuir aos actos revelados nos documentos e que analysamos semelhantemente aos nossos.

Se a humanidade de outr'ora não fosse semelhante á de nossos dias os documentos seriam incompreensiveis. Partindo desta semelhança forma o historiador uma imagem de antigos factos historicos comparando-os ás lembranças que lhe são proprias.

E no emtanto ahi reside poderosa causa de erro: muito dessemelhantes são as cousas do passado das que vimos e vemos; pouco estuaram em nós os sentimentos de outras epochas. Esta divergencia tão profunda parece não transparecer aos olhos de grande numero de historiadores, verdade é que na maioria parciaes, unilateraes.

Recusam ou não conseguem perceber quanto os seculos transformam fundamentalmente o conjuncto das ideias que formam o caracter nacional ou o caracter de uma epocha.

Aguns ha, no emtanto, que parecem de boa fé, animados das melhores intenções e, apesar de tudo, não se libertam dessa *sensiblerie*, como lhe chamam os francezes, graças á qual não lhes entra no espirito a rudeza das eras passadas, essa feição de intransigencia absoluta em que residia a integridade do caracter, fructo da firmeza inabalavel das convicções essa combatividade pelos principios religiosos ou politicos, o exacerbamento do espirito de nacionalidade e a

disciplina inquebrantavel que tornava os povos meros e passivos instrumentos dos governantes e os fazia acompanhar, inertes, as vicissitudes da vida das familias dynasticas.

Muito menos grave era por exemplo o acto de Carlos o Temerario, mandando executar as centenas de suissos, prisioneiros de Granson, violando formal promessa, do que hoje o fuzilamento de prisioneiros, muito mais explicaveis e aceitaveis as violencias de catholicos contra protestantes e de protestantes contra catholicos, na epoca da Reforma, do que hoje as do governo Russo contra os ruthenos e polacos embora muito menos intensas matança de adversarios no seculo XIII feria incomparavelmente menos as imaginações do que a longa detenção ou a confiscação de bens de antagonistas politicos de hoje. Affirmam, aliás, as jurisprudencias, continuamente, esta tendencia para o abrandamento das penas.

Em seu estudo comparativo precisam inspirar-se os historiadores e tratadistas que não conseguem libertar-se dos pontos de vista modernos.

Nada mais erroneo do que pretender distinguir, nas individualidades medievaes, verbigratia, quanto circumstancias especiaes de vida revelam incompatibilidades com o estado das pessoas; não querer comprehender quanto, nesses seculos distantes, não havia, nem podia haver, espheras delimitadoras das attribuições dos caracteres multiplos de que se revestiam os personagens.

Como impedir, como não admittir que os Summos Pontifices intervissem com o maximo empenho na vida interna da peninsula italiana ? quando o espirito dos tempos os obrigava fatalmente a taes manifestações, sob pena de se eliminarem e annullar por completo ?

Já era admiravel que os papas achassem meios de se occupar, tão intensamente, com a vida do resto da christandade.

Como poderiam desinteressar se da politica geral, amesquinhando a posição da Santa Sé, ante uma opinião publica que só era sensivel ás demonstrações da força bruta ? destruindo a reacção salvadora operada por Gregorio VII e outros grandes pontifices ? E para que ? Para reduzir o Pontificado á condição de um fedo de designação do Imperio Germanico ?

Todas as ques tões, fossem quaes fossem, gravitavam em torno da politica e, no entanto, entendem alguns escriptores que a Curia Romana obrava muito erradamente, cuidando tão activamente dos negocios politicos, como se na epoca houvesse questões sociaes, economicas, capazes de serem apreciadas.

IV

A primeira necessidade que se impõe ao historiador, posto em presença do chaos dos factos politicos, é a limitação do campo de pesquisas ; na massa dos factos assim escolhidos particularisar ainda.

Surge logo a duvida : a escolha entre a historia da civilisação e a da tradição que os defensores da primeira appellidaram desdenhosamente : a *historia batalha*.

Os historiadores, occupados sobretudo com a politica, sentem-se geralmente empolgados pelo sentimento das individualidades, percebem actos de governantes onde é muito difficil descobrir qualquer traço geral.

Querem os seus adversarios, quanto possivel, supprimir a acção destas individualidades, annullalas, servindo-se de factos geraes em que a massa homogenea se move sob determinado impulso commum, sem que dentre della surja nenhuma figura em destaque.

E' pueril extremar-se num ou noutro campo. A construcção historica completa suppõe o estudo dos factos sob os dous aspectos. O quadro dos habitos, dos pensamentos, vida e acção dos homens, constitue evidentemente uma parte capital da historia, no entanto, se reunirmos todos os actos de todos os individuos para dahi tirar o que elles possuem em commum, ainda assim resta o elemento propriamente historico : o facto de que certas acções foram obra de um homem ou de um grupo, em determinado momento.

Assim pois a historia é obrigada a combinar, com o estudo dos factos geraes, a apreciação de outros, particulares, a adoptar um character mixto de sciencia de generalidades e narrativa de aventuras.

Dahi a questiuncula que tantos rios de tinta tem feito correr : será a Historia uma sciencia ?

Não deve a Historia limitar se a estudar factos simultaneos tomados isoladamente.

Precisa examinar os estadios da sociedade em occasiões diversas e constatar as differenças entre elles existentes.

Para isto se torna indispensavel a indagação dos grandes factos salientes porque explicam a formação dos estados e o começo das evoluções. Será possivel estudar a civilisação franceza, sem fallar em Cesar e na invasão dos barbares ?

Para construir a historia geral, é necessario ainda procurar todos os acontecimentos que possam explicar quer o estado de uma sociedade, quer uma de suas evoluções. E' preciso rebusca-los em todas as ordens de factos politicos, religiosos, deslocamentos de população, innovações de qualquer natureza ; o importante é que tenham tido acção decisiva.

A muitos repugna o grão de areia de Pascal, a influencia de pequenas causas sobre enormes effeitos, e, comtudo na evolução humana grandes transformações tiveram como unico motor intelligivel accidentes individuaes como por exemplo o que succedeu, com a Inglaterra do seculo XVI, mudando tres vezes de religião, segundo a ordem de successão dos seus soberanos : Eduardo VI, Maria Tudor e Isabel,

O pendor excessivo para o individualismo deve, porém, ser evitado tanto quanto a mania deductiva, hoje felizmente banida do campo das considerações inspiradas pela historia.

Nenhum escriptor que se respeita será capaz de discorrer sobre o que outr'ora tanto agradava: se tal ou tal acto revestisse uma feição opposta a que teve, que consequencias dahi sobreviriam?

Para este genero de problemas a melhor solução é a engraçada resposta, á moda do Senhor de la Pallice, dada por espirituoso : critico á questão ; se Gustavo Adolpho não cahisse no campo de batalha de Lutzen qual teria sido o desfecho da guerra dos Trinta Annos?

« A unica cousa que se pode afiançar, com segurança, é que se Gustavo Adolpho não houvesse morrido no campo de batalha de Lutzen, pelo menos algum tempo mais teria vivido, nem que fossem algumas horas ou minutos, e é tudo quanto se pode afirmar de certo ».

V

Os factos historicos fornecidos pelos documentos não são bastantes para occupar a composição, ha claros a preencher.

Dahi a necessidade do esforço constructivo, a que obedece o historiador, tomadas as cautelas para que se não entrelacem o raciocinio e a analyse documental, as conclusões de um exame de documentos e os resultados da argumentação; para que uma conjectura não assuma o aspecto da certeza, nem se lance mão de conclusões defeituosas.

Cabe nos aqui fallar do famoso *argumento negativo* empregado desde longos seculos, applicado que foi pelos historiadores ecclesiasticos.

Avançou Baronio, axiomaticamente, que se não deve fazer o menor caso do que relata um autor moderno sobre acontecimentos muito afastados, se elle não se estribar na autoridade de um testemunho mais antigo.

Esta regra do famoso cardeal oratoriano dá lugar a muitas objecções pois é realmente arbitraria: nada prova que mesmo a uma distancia de oito e nove centos annos não possa um autor referir cousas verdadeiras.

Alem disto tem ella o defeito de ser muito vaga. Que significa autor moderno ? Que prazo, que raio de acção lhe attribuir ás asseverações ?

O celebre *desencavador de Santos* o fogoso perseguidor daquillo que entendia serem falsas lendas, e tradições pouco fundamentadas, João de Launoy formulou a este respeito certo principio notavel. « Se um facto, que não é destituído de importancia, foi silenciado por todos os escriptores contemporaneos e se delle não subsiste monumento algum, nem vestigio patente durante um periodo de duzentos annos, é que é falso. »

Traz em si esta affirmacão o cunho da ardorosidade do afouto gallicano; os argumentos em que se apoia não passam de circulos viciosos que os estreitos limites desta lição não permitem analysar.

Fez escola Launoy mas os seus principios estão hoje esquecidos.

Já no tempo, outro sorbonista seu adversario, João Baptista Thiers via muita gente alinhar-se de seu lado quando affirmava que « o testemunho de um homem douto e grave sempre se deve acatar em relação a um facto, por mais moderna que seja a sua autoridade a menos que se não possa contrapor-lhe testemunhos positivos e contrarios? »

Um exagero provocava outro muito mais consideravel e preconizador de processos forçosamente erroneos.

Como sempre, *in medio virtus*. Em poucas phrases, expoz Mabillon com grande moderação o valor do argumento negativo, embora sua theoria seja tambem atacavel, ao ver de alguns.

« Para que um autor se não induza em erro, avança o famoso benedictino, com a applicação do argumento puramente negativo é lhe necessario, não somente haver lido todos os autores : pois do seu silencio nasce tal argumento ; é lhe preciso ainda que não desconheça nenhum dos escriptores contemporaneos, pois pode succeder que algum delles, até então ignorado, haja mencionado aquillo que os outros callaram. Torna se indispensavel saber se todos os topicos da materia em questão chegaram ao conhecimento dos escriptores que desse tempo restam ».

Claudicam as considerações do creador da Diplomatica quando afiança que um argumento negativo nunca pode prevalecer contra um texto formal ; se assim fosse uma das mais celebres leis medievas da França a pragmatica sancção de São Luiz, não seria tida como apocrypha e isto porque os legistas de Philippe o Bello obstinadamente guardam o silencio a seu respeito, assim como os concilios gallicanos do seculo XIV, quando nella teriam encontrado uma arma poderosa contra Bonifacio VIII e os papas de Avinhão. No emtanto, em 1438, o concilio nacional francez, schismatico, pode dizer-se, de Bourges, reproduziu a pseudo decretal de S. Luiz.

Por outro lado como admittir que Roma houvesse canonicado um monarcha que fizera ostensiva e tão violenta demonstração de rebeldia á Santa Sé e nunca a revogara ?

E' preciso ainda reconhecer que Mabillon se engana quando arfirma que só se deve lançar mão do argumento negativo depois da consulta de todos os escriptos do tempo.

Uma unica obra pode, em certos casos, fornecer assumpto para um argumento negativo inatacavel, quasi.

Do mesmo modo refutando Launoy não é errar dizer-se que, se num periodo de duzentos annos os autores não fizeram referencias a este ou aquelle ponto, foi porque motivos superiores, de ordem intima, delles os desviaram, tudo isto, naturalmente de accordo com a importancia relativa das cousas.

VI

Parte o raciocinio positivo de um facto estabelecido por documentos para d'ahi deixar inferir premissas; é a applicação directa do principio da analogia da humanidade presente com a passada, graças as ligações entre os diversos acontecimentos relativos á religião, aos costumes, á politica, ás artes nos seculos passados e no tempo presente.

Para que as conclusões possam ser seguras torna-se necessaria a coexistencia de duas condições : a generalisação correspondente á marcha das cousas humanas e a particularisação fornecida pelos documentos.

O estabelecimento de uma falsa proposição basica tando pode induzir em erro quanto o raciocinio acerca de pormenores isolados.

E' o que se expobra hoje á obra capital de Agostinho Thierry, o ter querido subordinar o plano de sua Historia á proposição geral insustentavel de que todas as aristocracias tem como origem uma conquista.

Para evitar as causas de erro a precaução consistirá em não operar sobre factos abstractos ou isolados e representar os homens no ambito das suas principaes condições de vida.

Terminada a classificação e critica methodica de todos os factos historicos estabelecidos pela analyse dos documentos parece que o trabalho do historiador deve estar terminado.

Sim, para os eruditos, os monographistas, não para os historiadores, para os que pretendem imprimir o cunho do seu espirito ao estudo das questões, aos que sentem em si a capacidade de philosophar e não se resignam ao papel apagado de simples narradores.

Começam então os trabalhos de construcção das formulas geraes.

Os factos humanos complexos e variados não podem ser

simplificados como expressões mathematicas. A abundancia de documentação permittirá dar-lhes mais ou menos desenvolvimento; servindo se de termos concretos para evitar quanto possivel a escolastica precisará o historiador differenciar nitidamente os habitos e evoluções dos acontecimentos, determinar o caracter, a extensão e a duração dos successos geraes, não abranger factos unicos sob uma mesma formula, pois que sua peculiaridade é a da apparição isolada attender ao estudo biographico dos personagens, aos determinantes da carreira, para dahi apprehender a natureza dos actos pelos quaes agiram sobre a sociedade, procurar as relações entre os acontecimentos simultaneos, os liames entre todos os successos de especies diversas que se produzem na mesma sociedade.

Terminará revestindo as suas elocubrações scientificas e philosophicas com a forma difinitiva e ainda ahi terá que opfar entre muitas maneiras.

Ninguem mais, por exemplo, escreve historia como Polybio e Plutarco com fins instructivos, limitando se á enumeração pura e simples dos accidentes politicos, num quadro que se limita á vida de um individuo ou a um periodo da existencia de um povo; a ninguem, na antiguidade, occorreu escrever uma historia geral; Tito Livio nada mais fez do que argamassar os trabalhos de seus predecessores.

Ainda, na Renascença, se nota a continuação destas tendencias que a historia reduziam a uma arte litteraria, com tendencias apologeticas e pretensões didacticas.

Com o seculo XVIII abriu-se nova era: principiou-se a estudar a historia dos habitos dos homens e não mais unicamente a dos acontecimentos. Já antes de 1800 surge, pela primeira vez, a expressão: *historia da civilisação*.

Começaram as universidades allemãs a publicar os seus celebres Manuaes, repertorios methodicos de factos, sem pretensões litterarias que muito valeram á exposição scientifica, objectiva e simples, fazendo proficua guerra ás declamações oratorias e sentenciosas, patrioticas ou philosophicas, que tanto desvirtuavam os assumptos.

Com o movimento romantico procuraram os historiadores commover o publico; apparece com Sir Walter Scott o romance historico, e todos os autores julgam necessario reproduzir os factos com a commoção do espectador.

« Thierry, ao falar-nos de Clovis, diz Michelet, louvando-o muito aliás, transmite as vibrações da França recentemente invadida ». Até 1850, pode dizer se, ficou a historia sendo, para o publico e para os historiadores, um genero litterario; desta data em diante, paulatinamente, se desenharam as linhas geraes da moderna concepção historica.

Dia a dia avultando, surgiram as monographias mais completas, mais rebuscadas quanto á documentação. Entre os trabalhos de character geral appareceram novos manuaes, para todos os ramos especiaes da historia da civilisação,

maravilhosa condensação dos esforços de vidas inteiras de numerosos collaboradores, constantemente renovados, postos em dia, rellificados e correctos, trabalho em que primam os esforços devidos á paciencia incansavel dos sabios e eruditos, grandes repertorios organizados por muitos cooperadores que, frequentemente, hoje, sobretudo, nem sequer pertencem á mesma nação nem escrevem a mesma lingua.

As *historias* destinadas a apresentar a narrativa dos acontecimentos nem por isso deixaram de ter razão de ser, accoitando porem os processos scientificos de exposição tanto quanto as monographias e os manuaes.

Grote foi o primeiro a servir se de tal padrão ; as *historias universaes* outrora tão apreciadas cahiram em abandono. Foi a de Cantu uma das ultimas publicadas.

Appareceram os vulgarisadores que, embora não se conformem ao ideal moderno da exposição historica, vieram condensar os resultados das pesquisas dos eruditos, produzindo, por vezes, syntheses de uma clareza admiravel.

Ao par disso, como sempre acontece, a mercantilisação moderna promoveu a efflorescencia de riquissima litteratura de pseudo vulgarisação historica em que, com toda a impudencia, as mais falsas e contestaveis opiniões são avancadas, num tom de perfeita segurança e autoridade.

Acarinha o grande publico as produções desse genero, para as quaes será o tempo inexoravel.

Não se deve escravisar o historiador de hoje á forma mas tambem não lhe assiste agora, mais do que nunca, o direito de traçar a sua narrativa com um estylo incorrecto, em lingua froixa e sem relevo.

VII

Orientada como se acha, para a traducção dos documentos, terá a historia pravelmente, cada vez mais, de abandonar o campo das eras antigas, brevemente explorado por inteiro, para se restringir aos periodos modernos cuja documentação é incomparavelmente mais rica.

Abandonado pois, e por completo, o terreno das conjecturas ficarão sempre envoltas, na obscuridade os começos de evolução das sociedades primevas. Não mais se pensa em tirar lições praticas immediatamente proficuas para individuos e nações, da exposição dos factos historicos tão diversas são as circumstancias em que se dão os acontecimentos.

« Se nem para isto serve a historia, disse Nietzsche, é que o seu caracter peculiar é justamente não ter utilidade alguma » notavel paradoxo dentre os muitos do famoso creador do super homem.

Sem falar no elo intimo, indestructivel, cada vez mais poderoso nas sociedades cultas, que liga vivos e mortos numa solidariedade intensa entre a humanidade vivente e a humanidade dos tumulos, constitue a historia indispensavel elemento para a comprehensão das sciencias politicas e a sociaes ainda em via de formação. Eis porque a linguística, o direito, a economia politica, a sciencia das religiões tomaram, nos tempos contemporaneos, a forma de sciencias historicas. E ainda : reside o principal merito da historia na sua superioridade incomparavel, como instrumento de cultura intellectual ; quanto acostuma o espirito a reagir contra a credulidade systematica ! Quanto dá ao homem a certeza de que a evolução das sociedades não se produz sob a acção das mesmas causas que determinam e evolução animal !

Apegada ao coração humano pelas mais fortes e indestructiveis raizes, essa concatenação mysteriosa que leva os viventes a perscrutar as sombras espessas que envolvem os mortos faz a historia apello a todos os nossos mais elevados sentimentos.

Responde ao chamamento dos que recorrem ao seu veredicto como a inflexivel juiz, e, firmada na serenidade que o Tempo, fiel alliado, lhe empresta, faz ouvir essa voz que Pedro II proclama a antecipação do julgamento divino. Percorrer o campo dos estudos historicos é obedecer aos mais nobres dictames do coração e do espirito, em prol da Verdade e da Justiça (1).

(1) Conferencia pronunciada a 3 de Maio de 1911 para a abertura do curso de Historia Universal na *Faculdade Livre de Philo-sophia e Lettras de S. Paulo*, e summula das ideias de differentes autores e criticos de historia, contemporaneos.

HOMENS E EPOCAS

PELO

DR. LUIZ GASTÃO D'ESCRAGNOLLE DORIA

Socio correspondente do Instituto

AS VIAGENS DE VINCENT LEBLANC

A Provença marítima é uma das regiões privilegiadas da França, paiz mosaico de regiões.

Nada lhe falta. Tem littoraes recortados, verdadeiras rendas de terra feita de portos; montanhas alterosas; clima delicioso, sobretudo no inverno; céos tecidos na peça colossal do mais bello azul; um mar lindissimo a banhar-lhe as costas rochosas; todas as arvores bonitas, todas as flôres raras, pedidas, desejadas dos mais longinquos recantos da Europa.

Que pôde invejar a Provença marítima? Possui Nice, a cidade-jóia no escriptorio-Mediterraneo; Cannes, Hyères, os dous centros da vida elegante, onde ha a illusão da natureza tropical; Grasse, distilladora dos mais esquisitos perfumes para envolver Eva, a ondeante, nas nuvens do aroma.

O grande attractivo da Provença marítima não pôde deixar de ser o oceano. A Provença atira os seus habitantes ao mar, diz um proverbio. Assim as vagas convidavam os gregos a navegar, oceanophilos pelo convite irresistivel, expresso da creação. De manhã cedinho, ainda hoje, o vento norte conduz as embarcações de Athenas ás Cycladas. A cada noite, o vento contrario empurra para o porto o alvo bando oscilante das grandes velas.

A cabeça commercial da Provença marítima é Marselha, com meio milhão de almas e a valia de porto do valle do Rhodano.

Nessa velhissima cidade, cosmopolita em todo o curso da historia universal, nasce, em pleno seculo XVI, em 1554, Vincent Leblanc, filho de antigo mercador no Oriente. Aos doze annos, a casa paterna, a cidade natal, a patria não bastam a Leblanc. Que mais quer? Cousa muito simples para crianças: o mundo. Deseja conhecê-lo, pelas viagens. O pai nega a licença. O rapazinho dá ás de villa Diogo. A mãe

corre-lhe no encaço. Alcança-o em caminho. Vencida pelas supplicas filiaes, ajuda-o a embarcar, sem venia do pai.

Leblanc começa a peregrinar. Permanece oito mezes no Cairo. Regressa á França depois de padecer naufragio em Candia. Entretanto, não socega. Emprehe de nova viagem. D'esta vez percorre longinquas e variadas terras. Tripoli, a Palestina, a Arabia, o Sinai, o golpho Arabico, Palmilha a Asia inteira, a Africa toda. De Diu e Gôa se transporta a Malacca, como de Madagascar se transfere á Abyssinia. Marselha torna-o a vêr em 1578. A familia e com ella os amigos consideravam Leblanc já transferido para o outro mundo, menos concreto do que o sublunar. Os pais haviam mandado celebrar as exequias do filho. Os conhecidos o desconheceram. Tinham rezado por alma de Vincent Leblanc, defunto a força de ausente.

No fim de seis mezes, Leblanc dá principio a outra viagem. Nauta azougue, não podia parar. D'esta vez segue para Marrocos, levando missão por parte de Henrique III, rei de França. A náó que o conduzia soffre avarias em Gibraltar. Aprisionam o navio por conduzir munições para inimigos de Hespanha.

Judeu Errante da vaga, Vincent Leblanc prosegue nas viagens. Transporta-se á America, e, n'essa nova peregrinação, visita o Brazil. A cabo de tantos soffrimentos, de ser actor nos dramas de tantas excursões accidentadas pelo planeta afóra, Leblanc casa, em Marselha. Antes houvesse continuado a correr terras, a fluctuar sobre mares, a arrotar perigos, o dente do crocodilo no Egypto, a flecha do indio na America. « Desposei uma das mulheres mais terribes do mundo », confessa Leblanc. Sò um recurso achou para se livrar das garras tigrinas de tão máo casamento : a fuga.

Leblanc consignou a narração de suas viagens em um livro. Li-o na Bibliotheca Nacional, de Pariz. depois de haver d'elle ouvido curioso commentario do chefe de secção dos impressos da Bibliotheca, o Sr. Carlos de la Roncière. Este comprehende muito bem portuguez, se não o falla, devido ao trato com os manuscriptos de nossa lingua, dos quaes se servio e serve para escrever a monumental « Historia da Marinha Franceza », ainda em via de publicação.

Para brasileiros, a parte curiosa do livro de viagens de Leblanc é, sem duvida, o capitulo referente ao Brazil. Traduzo-o para os studios, entre os quaes tenho certeza de encontrar sempre o Barão de Studart, be nemerito da historia brasileira.

As « Viagens de Vincent Leblanc » têm sido muito criticadas. Alguns as acoimam de visionarias, de exageradas. Outros as tratam com indulgencia e acham aproveitaveis as informações d'ellas. Leblanc é homem ignorante, muito ignorante, a narrar sem discernimento tudo quanto ouve. Entretanto, o seu livro tem sabor e utilidade, sendo lido

com cautela. Traz o volume da Bibliotheca Nacional de Paris a seguinte folha de rosto : « Les Voyages Fameux dv Sieur Vincent Leblanc Marseillois. Qu'il a faicts depuis l'aage de douze ans iusques à soixante, aux quatre parties du Monde (segue-se a enorme lista dos lugares visitados) redigez fidellement sur ses Memoires, par Pierre Bergeron Parisien, et nouvellement reueu corrigé et augmenté par le Dr. Coolon et Troyes, par Nicolas Oudot, et se vendent á Paris, chez Gervais Clovsier, sur les degrez de la Sainte Chapelle M. D. C. LVIII. Avec Privilege du Roy ».

Eis no livro o capitulo referente ao Brazil, fielmente traduzido do original e apenas modificado, na divisão dos periodos á moderna, para commodidade da leitura e do leitor.

« O Brasil é grande Provincia da Corôa de Portugal, na America, desde o 25º até o 2º de Norte a Sul, com alguns 40º de largura, de Este a Oeste, desde o forte do Pará á boca do grande rio das Amazonas até o Prata.

Os seus limites são o Maranhão ao Norte a 2º : ao Sul o Prata a 35º. Ao Occidente ficam os altos e inaccessiveis montes do Perú, e no Oriente o mar Ethiopico So Atlantico e do Norte. A região é maravilhosa quanto á temperatura, ao clima á bondade e macieza dos ares, á fertilidade da terra, o que torna os habitantes sadios e macrobios. Embora o clima do paiz seja da zona torrida, comtudo os ventos mansos e frescos vindos do mar o temperam, tornando a residencia n'esse paiz muito agradavel. De manhã ha algumas neblinas e nuvens refrigerantes, dissipadas pelo sol. Existem ahi bellos campos abertos, colinas amenas e montanhas ferteis, valles frescos, planicies apraziveis, muitos bosques, rios e fontes com aguas magnificas, maravilhosa cópia de arvores, plantas, frutas, sementes, animaes, assucares e balsamos. N'uma palavra, é o melhor paiz do mundo para todas as necessidades e delicias da natureza. Entre os animaes exquisitos ha o *Cerigon*, do tamanho e da forma da raposa, entre amarella e cinzenta. Tem no ventre uma especie de bolsa. Ahi esconde as crias, quando perseguido. Ha ainda outro animal chamado em portuguez *Pereza*, por caminhar tão devagarinho que n'uma quinzena não anda um lance de funda. Não se apressa nem a páo. Vive de folhas de arvores, das arvores nas quaes leva dias a subir ou a descer. Ha tambem cameleões dos quaes já tratel bastante n'outro ponto do livro.

Do Brazil ao Cabo da Boa Esperança, existe um golfo de 1.200 leguas, horrivel e furioso por causa dos ventos e tempestades, sendo o litoral de cerca de 4.000 leguas.

O paiz está dividido em nove governos ou capitanias, onde vivem mais ou menos 17 povoações de Portuguezes ao longo da costa, como Tamaracá, Pernambuco, Todos os Santos ou São Salvador, Porto Seguro, Espirito Santo, Parahyba, Genero e outras, os cabos de Santo Agostinho, S. Vicente, o rio S. Francisco, etc.

Os primeiros descobridores da terra foram Vespuccio, os Pinson, Lopes e Cabral, cerca de 1500.

Pedro Alvares Cabral descobriu-o principalmente em 1500, sendo mandado pelo rei Manoel para as Indias Orientaes, mas a tormenta o atirou ahi. Chamou a terra Santa Cruz e o lugar onde arribou Porto Seguro.

Este Cabral contentou-se então em tomar posse do paiz sem n'elle se deter. Os reis de Portugal, salteados de negocios em Africa e no Oriente, desprezaram as novas conquistas, até que Manoel, pouco antes de fallecer, ahi mandou um Gonzalo Coelho que correu a costa com muito trabalho e perigos, e foi embora sem proveito algum. Depois o rei D. João ahi despachou Christovão Jacques, que descobriu umas 1.100 leguas de costa e entre outros sitios a Bahia de Todos os Santos, onde achou no rio Paraguassu' dous navios francezes traficando com os naturaes, prova que os francezes foram os primeiros a negociar com estes povos, pouco ou quasi nada conhecidos pelos portuguezes. Este Jacques maltratou os francezes, pondo a pique os navios d'elles e matando-os assaz barbaramente, á maneira hespanhola, porque os hespanhóes não podendo descobrir e povoar tudo, não consentem que outros o façam.

Desde essa época os reis portuguezes mandaram gente ao paiz, e dividiram-o em capitánias. Um tal Duarte Coelho arranjou-se na de Pernambuco, onde se fortificou. Os naturaes sympathizando mais com a indole branda dos francezes muito o guerrearam. E assim outros portuguezes, com venia do seu rei, accomodaram-se n'outros lugares com o titulo de capitánias, como Pereira Coutinho no rio S. Francisco e na Bahia de Todos os Santos, e plantaram canna de assucar e construíram engenhos. Aquelle chefe Coutinho, foi, porém, destroçado e morto pelos Tupinambás, seus visinhos e inimigos.

O primeiro governador e capitão general do Brazil, foi Thomé de Souza, vindo no anno de 1549, com uma frota de mil soldados e alguns padres jesuitas ahi conduzidos para conversão e catechese dos indigenas, padres esses alojados na nova cidade de S. Salvador. O primeiro bispo do Brasil, em 1550, foi Fernandes Sardinha.

Os francezes, ao commando de Villegaignon, quizeram povoar o Brazil, em 1555, do lado do rio Guanabara, a 23º, mas é geralmente conhecido o mallogro da tentativa, por culpa dos nossos, e os máos tratos que lhes deram os portuguezes. Não fomos mais felizes em 1594, 1604 e 1612 no Maranhão, onde os mesmo erros dos nossos, e os mesmos máos tratos dos portuguezes, nos excluíram inteiramente da terra, onde depois os hollandezes com mais felicidade, resolução e paciencia se estabeleceram.

Dizem que a origem da mór parte d'esses povos brazileiros provém ha seculos do Perú. D'ahi vieram em diversas lévas cada vez maiores, de tempos a tempos.

Estes povos são muito barbaros, antropophagos, devorando apenas os inimigos. Andam todos nus, homens e mulheres. São de cor amarellada ou esverdeada, baixotes, e de nariz rombo, em consequencia do costume de esborrachar o nariz aos recém-nascidos, como na Europa se faz aos cães-sinhos, salvo ás mulheres, cujo nariz fica natural. Os homens são desbarbados e arrancam os pellos da barba.

Fazem buracos sobre o mento, buracos tão grandes que por elles passa a lingua, cousa horrivel e feia de ver, e põem seixos n'esses orificios, considerando isso belleza. As mulheres têm orelhas furadas, trazem continhas de vidro que recebem por escambo.

Usam tangasinhas de algodão nas partes pudendas, assim tambem as donzellas, andam nuas no resto de corpo. No meu sentir, na sua nudez, induzem menos á lubricidade do que as européas com os seus vestidos e enfeites, tanto mais quanto estando assim desnudas são feias e brutas, embóra as haja bonitas. Prestam-se a todas as sensualidades masculinas, sobretudo as solteiras e as viuvas, porque as casadas só cohabitam com os maridos, embora taes costumes variem muito, como aliás tudo n'esses povos tão diversos. Vivem todos naturalmente, do que o sólo produz, sem cultivá-o. A raiz da qual comem e bebem é de boa substancia. Têm outra chamada *Pauhouqui*, com gosto de castanha. Levaram-na para a Hespanha e ahí deu muito bem; os hespanhões a chamam *Pacares*. Possuem muito gado e grande variedade de caça. São muito destros no arco e manejam-o com presteza.

Muitos christãos naturalizaram-se indigenas, ou como prisioneiros, sem meios de fuga, ou de bom grado para constituir familia. Faes christãos ensinaram aos indios muitas cousas dos seus costumes e da sua lingua. Alguns deixaram arrastar-se a ponto de casar com indias e de esposar-lhes as superstições e idolatrias. Quando tentavamos exprobrar-lhes vida tão infeliz e bruta, concitando-os a deixal-a, só nos respondiam chorando e suspirando. Nem se dariam a conhecer por francezes se um dos nossos não os houvesse descoberto a dar-nos ouvidos, attentos ao nosso idioma. Como os advertimos que eram christãos, um delles respondeu negativamente, prova de ter nos entendido. De facto, um d'esses homens era de La Rochelle, outro de Saint-Malo. Haviam sido aprisionados em 1574, indo fazer aguada no Cabo de Santo Agostinho. Cinco dos companheiros d'elles tinham sido devorados pelos selvagens. Tres tiveram a vida salva por serem moços, ou talvez para reserva antropophaga. Os indios apreciam sobremaneira a carne humana, allegando ser a melhor e a mais tenra de todas as carnes

Esses povos vivem, de resto, muito simplesmente em casinhas ou choupanas redondas sem moveis ou utensilios, excepto alguns vasos de barro ou de madeira, e uma cama

de algodão suspensa de um lado e de outro da casa, cama que lembra as rédes de pescar. São creaturas muito crédulas, bastando saber-lhes um pouco a lingua para convertel-os.

Têm crença geral na immortalidade da alma. Acreditam que depois de mortos vão dansar com os antepassados atrás das montanhas. Todo o seu prazer consiste na dansa. Dansam a todas as horas, ao menor desejo, como lhes convem, a qualquer instante, sem regra nem proposito. Levantam-se algumas vezes da cama á meia noite, para comer Nunca se os vê beber comendo, mas bebem á vontade após a refeição. Algumas tribus entendem que as almas dos bons transmigram para corpos formosos ; as dos máos alojam se em corpos feios ou disformes, como castigo, metempsycose pythagorica da qual fallei tratando das Indias Orientaes.

Os Sourons e Caramças, visinhos do Rio da Prata, na direcção do Paraguay são monogamos e pedem a muher em casamento ao pai. Nunca se a recusa a noivos esforçados e generosos na guerra, e n'esta fazem residir a nobreza e a virtude. N'esses casamentos os sacerdotes Caraihas ou pagés realizam algumas cerimonias, obrigando os nubentes a mudar de ouroya ou sapatos de liga. Em casa só os indios tem uma cama de algodão e uma esteira tecida de otona ou vime marinho. Os pais dos noivos mandam-lhes levar tambem um cestinho onde se encontram cintos de algodão e fitas para amarrar os cabellos, algumas peças de otona, flôres e plumas, estas para o homem.

Ha communhão de bens no matrimonio. As mulheres vivem honestamente com os esposos, sem nunca lhes serem infieis. Em caso de adulterio são irremissivelmente castigadas ou têm de fugir da terra. Alhures não ha tanto rigor, mas solteiras e viuvas vivem a gosto. Quando um marido acha a esposa virgem se considera mal casado pela prova de ser tão feia que ninguem quiz.

Nunca se vê o marido e a mulher brigando. Receiam os deuses cuja colera buscam abrandar com sacrificios. Quando as mulheres dão á luz, envolvem as crianças apenas em tecido de algodão. Quando se emporcalham, as mãis as limpam com areia e sem perigo algum as fazem dormir, deixando-as de barriga para baixo.

Os indios põem certas hervas junto ás parturientes, o que lhes ajuda muito o parto. Ticam muito contentes com o nascimento das crianças, sobretudo com o de um menino, dizendo que o recém-nascido vingará a tribu dos inimigos.

Comem no chão, sobre uma especie de esteira, util á cobertura das choupanas. Dormem no sereno, sem incommodo algum, tal a macieza e tepidez do ar.

São muito ignorantes, não conhecem o alfabeto e seus caracteres. Alimentam-se com uma raiz chamada mandioca, da qual fazem farinha. Comem-na sem cozinhal-a, fabricando

com ella uma bebida. Fazem-na ferver em agua, cons gosto de leite azedo. Comem tambem farin ha de peixe secco ao sol São muito caçadores e bons archeiros. Traficam principalmente com pão brazil ou arabontan. Homens e mulheres vão buscar muito longe taes madeiras, carregando-as ao hombro, para trocal-as por quinquilharias de vidro, facas-nhas e espelhos. O pão brazil é arvore altissima, com folhas pequenas e infrutifera.

Operam a troca com os negociantes sem lhes fallar. Põem a madeira de um lado, do outro fica a materia do escambo. O accôrdo entre todos opera-se por signaes. Findo o accôrdo, cada qual leva o que é seu.

Em certos lugares os indios bebem o sumo de uma raiz chamada Pirona, cujo cheiro embriaga quem não está acostumado com ella. Refresca qual tizana ; fica côr de laranja quando fervida.

Deram-nos os indios o melhor agasalho passivel, convidando-nos a comer por dà cá aquella palba, admirando-se muito com os nossos habitos, prezando a nossa civilidade, pasmando ao vêr-nos tantas vezes tirar o chapéo nos cumprimentos. Chamam ao chapéo « tamion ». Quando lhes diziamos tiral-o para honral-os, com isso muito se desvaneciam, convidando-nos a casar na terra d'elles indios, offerecendo-nos mais bellas mulheres, tendo aprazimento com os nossos costumes e com os nossos trajos.

As tribus, a mór parte d'ellas nas refeições, resolvem-guerrear os contrarios para aprisionar gente. Concordam em sahir todos juntos, referindo esse desejo ao sol, ao qual promettem, a troco de auxilio, o sacrificio dos mais formosos prisioneiros.

Escolhem para chefes os quatro homens mais velhos da tribu ; obedecem-lhes unanimemente. Marcham levando certos instrumentos de muita bulha, como por exemplo tambores. Trazem muitas pennas. As armas são maças de pão brazil, por alguns chamadas sangal, por outros arabontan, arcos bem grandes e flechas feitas de madeira rija, como se fosse ferro.

Andam assim equipados quinze e vinte leguas na montanha, para procurar colher os inimigos, que não acham desaperecebidos.

Então pelem com tanta ancia que preferem a morte á rendição, pois se alegram quando aprisionam o adversario vivo para comel-o. Agarram-no, amarram-no, tratam-no muito bem, casando-o até com as irmãs d'elles ou com a mulher que lhes apraz. O prisioneiro pôde desposal-a e cohabitar com ella até o dia do sacrificio. Na vespera os indios previnem a victima, de modo amigavel. A victima recebe a nova prazenteiramente. Come com os futuros devoradores, banquetando-se todos com satisfação, sem que se distinga qual é o prisioneiro, quaes são os algozes. No dia do sacrificio, a victima é convidada a dar a volta da casa, da

cidade ou da aldeia, segundo as diversas localidades do Brazil. Todos a seguem com satisfação. As crianças vão a victima e caçoam d'ella. O sacrificado, sem se importar com o facto, trata de exaltar os feitos proprios, gabando-se de ter dado o mesmo trato aos inimigos aprisionados, augurando que os seus o saberão vingar. Em seguida nomeia todos os que devorou juntamente com a sua tribo.

Os algozes cantam e dansam sem dar ouvidos as palavras da victima. Chegados ao sitio do sacrificio, soltam a victima. Dizem-lhe que se defenda como puder antes de morrer. O sacrificado agarra o que lhe cabe debaixo das mãos, espanca, atira-se contra quem pôde, e, as vezes, fere quem não se afastou depressa. Então um golpe de maça o prostra. Assim que o cadaver é aberto de meio a meio, arrancam-lhe as entranhas, dando o coração aos caraibas, pagés ou sacerdotes, para o sacrificio aos deuses, ao sol, ao trovão ou outra qualquer cousa, segundo os lugares. Limpando o corpo com agua quente, o despedaçam, depois o assam sobre uma grelha de madeira, só servindo a carne quando está bem assada, comendo todos juntos.

Atacam o inimigo nas suas habitações. Estas, em certos sitios, são cercadas de estacas ponteagudas para que os contrarios n'ellas se estrepem e *fram*, enquanto muitos homens tentam arrombar a paliçada, os pontos fracos, buscando combater, pois são robustos e esforçados.

A mulher da victima, sacrificada á antrophagia, fica muito triste. Se está grávida, prevê para o filho a sorte do pai, assim que fizer dous annos ou tres, cousa de muita crueldade. Matam d'est'arte o producto do proprio sangue, com o unico pretexto de ser filho de inimigo. Devoram apenas os homens e nunca as mulheres.

No meio de tanta barbaria, algumas vezes, os indios dão mostras de bom senso, digno de ser utilizado com um pouco de instrucção e de geito. Exprobravamos-lhes a nudez. Respondiam-nos : « Os estúpidos e os insensatos sois vós, occultando o que Deus tão liberalmente vos deu. » Allegavam ser inutil gastar dinheiro em vestes sem prestimo, pois com ellas não haviamos sido creados.

Outro indio perguntava-me, um dia, porque vinhamos arriscar as vidas em tão remotas paragens, se era apenas para ver as terras ou para nos apossarmos d'ellas, sobre as quaes direito algum nos assistia. Respondemos ao selvagem que tinhamos vindo lucrar alguma cousa. Que lucro ! retorquiu o indio. Madeiras e outras ninharias ! Allegamos que taes madeiras valiam bom dinheiro em nossa terra e nos ajudariam a viver. Pois então, disse o selvagem, a terra dos senhores é de tanta penuria que não pode mantel-os e alimentar-os ? A nossa patria podia sustentar-nos, desejando-nos, porem, augmentar cabedaes e ganhar riquezas para viver mais á larga com os nossos filhos. Essas riquezas, acudio o indio, os põem mais perto da graça de Deus, impe-

dem de morrer e quando fallecer alguém as leva comsigo? Não, respondemos. Mas é alegria ter o que legar aos descendentes. Pois se a terra basta aos senhores e a seus pais, não chegará para os seus filhos e a sua posteridade?

Censuravamos os indios por não cultivarem a terra. Retorquiam que como os nutria, como lhes nutrira os pais, havia de alimentar-lhes a próle. Essa pobre gente vive isenta de paixões, limpa de cobiça, de avaréza, de inveja, de ambição, de trabalho corporal ou mental. Quando tem algum petisco, chamam os vizinhos. Alegam-se e comem todos, mantendo entre si commercio de amizade, de candura, de franqueza, sem briga, nem troca de palavras. Visitam-se livremente. Na casa alheia, comem sem cerimonia quanto alli acham. Servem-se de cauins, bebida que os Caraincees chamam *fiwolla*, encerrada em vasos, sendo a raiz cozida n'agua. Quando querem bebel-a turvam-a bem e aquecem-a. Tem gosto de leite azedo e para aperfeçoal-a, em certos lugares, os indios pegam na raiz, mandam que as donzellas a mastiguem e depois a cusparam. A raiz mascada vae ao fogo e se torna deliciosa heberagem.

Ha em certos lugares uma especie de raiz chamada *elcoult*, para meu gosto, superior a qualquer outra. Tem o sabor da noz. Quando se a come em demasia dà muita sêde e tem grandes virtudes. Serve de purgativo, ao ser misturada com outra raiz por nome *mouquit*. Os indios conhecem uma planta rasteira e de folhas largas como a mão, com a qual curam toda a especie de chagas e feridas. Fallo por experiencia propria. Cahi n'um rochedo e liqui com sete ou oito feridas bem vivas. Um indio colheu a herva e sarei em tres dias. Vi a tal herva no Egypto e tambem na Italia. Creio que se encontra em França. Ha outra raiz chamada *teherail*, purgativo mais brando do que o rhuibarbo. Julgo, ser oriunda da Nova Hespanha e chamar-se *mechouaun*. Existe igualmente outra raiz, boa para emplastos; sobre o estomago, é purgativa.

Os brasileiros, e, sobretudo, os tupinambás, festejam muito os estranhos e offerecem-lhes comida á farta. Quando uma mulher deseja festejar e agasalhar alguém, senta-se no chão, começa a chorar como se houvesse sido espancada. De repente se ergue, affaga a pessoa, mil vezes, agradecendo os presentes dados, mostrando desejo de que folgue com as filhas d'ella para assim se conservar lembrança da hospedagem. Houve francezes tão miseraveis que abusavam d'essa cortezia, amasiando-se com essas pobres idolatras, abominação nunca assás profligada.

Os indios não têm alphabeto e nem caracteres. Faltam-lhes as letras *F, L, R*, podendo affirmar-se que não possuem nem fé, nem lei, nem rei. Entregam-se ás adivinhações e ás superstições dos seus sacerdotes. Por tradição antiga têm conhecimento obscuro do diluvio universal. Alguns acreditam nas recompensas e nos castigos

após a morte. Outros não crêm n'isso. Mas todos acreditam na immortalidade da alma e na integridade da pessoa humana, julgando ficar tal e qual eram em vida ou pouco antes de fallecer. Enterram os mortos. Collocam alimentos, para alguns dias, nas sepulturas, assim como ahí deixam a rêde ou cama de algodão. Não conhecem rei ou superior que lhes dê ordens.

Juntam-se os indios da mesma linhagem em algum valle retirado, como os Adouens da Africa, e mudam de habitação, a bel prazer. Varias familias vivem sob tecto commum.

Os indios são muito caçadores, pescadores ou nadadores, vingando-se das offensas recebidas. São irrequietos de animo, inclinados á guerra, com o mesmo character na prosperidade e na desgraça. Quando não acham comida, soffrem fome facilmente. Quando a têm, não param de comer e de beber. Alguns attribuem o bem e o mal que lhes succede ao destino, outros á sorte e ao acaso.

São divididos em nações diversas, as mais das vezes inimigas, como os *Sontras*, *Caramels* e *Tamoyos*, que se chamam de selvagens, para os lados do sul. Estes são inimigos das outras tribus por permanecerem mais selvagens e crueis. Os *Catipós* são mais meigos e humanos, habitam além do tropico de inverno a duas leguas do mato. Têm casas em lugares altos. Semciam a mandioca. Ha tambem os *Goyta-cazes*, os *Margajars*, os *Tupinambás* e outros. Os *Tupinambás* são bem conhecidos pelos francezes viajantes e sobre elles ha boas relações impressas. No Brazil poderiamos ter colonias proveitosas, se quizessemos utilizar nossas vantagens e copitar um pouco nossas paixões. »

O SEGREDO DA RAINHA

O exame da Historia do Brazil, feito nos archivos francezes, grava no espirito a idéa que o Brazil, muito mais do que se suppõe, foi, sobretudo até o seculo XVI, objecto de viva attenção por parte das ambições e cobiças da França.

Documentos ineditos e livros velhos encarregam-se de proval-o. Tambem prova o factó recente e notavel trabalho do Sr. Carlos De La Roncière, chefe de uma das mais importantes secções da Bibliotheca Nacional de Pariz. E' auctoridade, por innumerás obras, nos assumptos referentes á origem e ao desenvolvimento da marinha franceza. O estudo de La Roncière, por nós acompanhado de perto, constitue interessante revelação para a historia patria.

Em 1578. D. Sebastião desaparecia em Africa. Succedia-lhe o cardeal D. Henrique, tropego de idade, de ideaes.

O cardeal sentia fugir-lhe o throno por se lhe findar a vida. Convidou então os successores eventuaes a apresentarem pretensões á corôa portugueza, vaga em breve. A tão original chamado acudiram pressurosos varios personnagens: um rei de Hespanha, um principe da casa de Bragança, um neto illegitimo de D. Manoel e, por fim, Catharina de Medicis. Esta, por linha collateral, descobrira direitos ao throno portugez.

A 15 de Janeiro de 1550, o cardeal-rei morreu. Foi vêr Deus, sem comtudo designar herdeiro presumptivo. Entre os espolios monarchicos houve a herança do reino de Portugal. Avocou-a um neto illegitimo de D. Manoel, D. Antonio, prior do Crato, proclamado em Santarem, a 20 de Junho de 1580.

Felippe II protestou deixar-lhe a dignidade de prior, mas não a de rei. Catharina de Medicis, candidata á corôa portugueza, podia ter valido a D. Antonio. Repugnava-lhe, porém, ás abertas, hostilisar Felippe II, acudindo a D. Antonio, a tempo e a horas. Fóra de horas mandou a D. Antonio, quando já não era tempo, o soccorro de cinco náos e quinhentos homens.

Sustentar o meu direito portuguez, não importa causar danno a outrem, a quem quer que seja, declarava Catharina ao embaixador hespanhol, em alvoroço pelo auxilio prestado a D. Antonio.

Subtileza matreira, de molde bem italiano. Catharina julgava assim arredar responsabilidades do rei de França.

A florentina preferia as manhas diplomaticas aos embates bellicos. Felipe II, manso e manso, devia ser conduzido á conciliação preparada havia muito.

Catharina, com mãos de lá, começou a urdir a teia das *combinazioni*.

A Inglaterra podia ter se approximado da França. D'ella se afastou pelo tardio apoio concedido a D. Antonio. Isabel de Inglaterra não poupava Felipe II. De bom grado sorria aos inimigos do inimigo. Estava disposta a juntar-se á França, a troco de alliança d'esta no caso de rompimento com a Hespanha.

Emquanto isso, D. Antonio continuava em Portugal. Isolado, ao desemparo, prior do reino e rei do Crato. Só tinha em seu favor o apoio insular dos Açores. As armas, o prestigio, o dinheiro da Hespanha, tudo fazia escorregar o reino portuguez entre os dedos de D. Antonio. Até a fidelidade, a sympathia açorianas acabaram por soffrer rasgão de vulto. As ilhas de Santa Maria e S. Miguel pronunciaram-se contra o pretendente. O resto do archipelago adherio ao desanimo das duas ilhas. Uma esquadra hespanhola, por simples acção de presença, destroucou as ultimas resistencias, os derradeiros resistentes.

De subito a scena mudou para os hespanhões. Surgem velas francezas. São náos, trazendo aos Açores, Antonio Scalin, á testa de algumas tropas, á frente de grande noticia, a da proxima chegada de Felipe Strozzi, coronel-general da infantaria franceza, com quinze mil arcabuzeiros.

A Terceira, S. Jorge, a Graciosa, o Pico, Fayal, Corvo e Flores voltam a crêr em D. Antonio. Officiaes, paisanos, religiosos, escrevem a Catharina de Medicis, agradecem-lhe a protecção, porque é ella quem despacha Strozzi.

Nada d'isso valeu a D. Antonio, desditoso neto de D. Manoel, o Venturoso. D. Antonio sae de Portugal, refugia se na Inglaterra, o paiz classico dos reis no exilio. Quer armar meia duzia de navios. Empenha joias para poder livrar esperanças. A Hollanda offerece-lhe auxilios, por altos preços. Catharina finge com elle, receiosa de vê-lo atirar-se nos braços da Inglaterra. D. Antonio segue para a França. O apoio francez lhe é insinuado. Mas cumpre mercadeja-lo. Mercadeja-o Francisco de Alençon, irmão do rei. Mediante compensações, Catharina renunciava ao throno portuguez, verde como as uvas celebres.

D. Antonio e Alençon discutem o accôrdo, a portas fechadas, apenas diante de poucos ouvidos, discretos, interessados e interesseiros.

Catharina continuava a tramar. Projectos e ambições desenhavam-se na sombra. Strozzi era forçado á renuncia de coronel de infantaria, cedido a troco de cincoenta mil escudos. Strozzi resmungou duramente. Fez corpo molle, mas teve de obedecer á rainha. Segundo as expressões textuaes de Strozzi, a renuncia de tal posto foi palavra difficil de cuspir. Novo cargo devia compensar-lhe o sacrificio. Mysteriosas provisões o instituiam lugar-tenente do rei de França, em lugar incerto, incerto até á abertura de um envelope lacrado.

Strozzi era o eixo mestre do plano delineado por Catharina com o fim de guerrear Felipe II. Strozzi devia occupar a Madeira. Entregaria os Açores aos Portuguezes. Cabo Verde teria a sorte dos Açores, ás mãos de Brissac.

Deixando força nas ilhas, Strozzi partiria no mez de Agosto, para o lugar incerto, nomeado nas provisões mysteriosas adormecidas no envelope lacrado.

Quem era esse Strozzi, ao qual se confiavam os destinos da França, nos azares de nova conquista ? Homem de guerra, de rosto quasi barbaro, armado de genio, escuro de pelle, sceptico, dando de hombro ás cousas da religião, de entranhas insensiveis, nem bom amigo, nem mão inimigo.

Um facto pinta-o melhor do que a penna. Strozzi atravessava o Loire. Atráz dos soldados d'elle iam oitocentas raimeiras. Strozzi aconselha aos soldados o desamparo d'essas infelizes, seguidas no encalço do exercito e de seus vicios. Os soldados recusam-se a deixal-as. Strozzi não hesita ; resolve a duvida. Manda atirar na agua oitocentas desgraçadas !

Eis o homem a quem Catharina confiava a execução de seus planos. Ella previa, porém, com razão, que os fidalgos francezes não ficariam ás ordens de Strozzi. Recorreu a modestos officiaes para levar a effeito a expedição, cujo rotulo era o soccorro a D. Antonio.

A expedição devia constar de doze mil homens, mais ou menos. A mór parte dessa tropa consistia em soldados da infantaria gascã e do regimento da rainha.

Acampou ao redor de Brouage. Francisco d'Epinau St. Luc. governador da praça de Brouage, tratou de transportal-a. Outra divisão aprestava-se na Normandia, aos cuidados de Carlos Cossé Brissac, coronel das forças francezas no Piemonte, e Pedro Lenormand de Beaumont, director das Aguas e Florestas e marinheiro de occasião.

A divisão da Normandia constava de vinte navios, de oito companhias de desembarque. Devia partir em Janeiro de 1582. sem esperar por Strozzi nem D. Antonio.

As esquadras põem ; as novas dispõem. Novas de Hespanha modificaram a ordem de partida da divisão da Normandia. Uma frota hespanhola tambem se aprestava.

A força franceza encontrou-se em Belle Isle. D. Antonio, vindo de Nantes, passou pela frente de sessenta e quatro vélas, infladas ao vento, quaes azas da victoria.

A expedição recommendava-se pela quantidade e pela qualidade. Levava a seus bordos cincoenta e tantas companhias de guerra, cinco mil homens de desembarque, bons fidalgos, excellentes marujos. A 16 de Junho de 1582, os chefes de navio receberam um codigo de signaes. D. Antonio alojou-se na capitanea *S. João Baptista*. N'ella tambem ia Coquigny, explorador do Brasil, velho e experiente.

Zarpou a esquadra. Só a cabo de um mez de navegação avistou S. Miguel. N'esse lapso de tempo, o escorbuto, rixas entre marujos, oriundas de cousas de nonada, melindres em revolta por ordens severas, a bem da disciplina, tinham affligido a expedição.

Chegada aos Açores, a frota franceza entrou a escaramuçar muito, muitas vezes. Impoz-se á frota a rude necessidade de grande batalha.

A 16 de Julho de 1582, a bordo da capitanea, Strozzi ajuntou os commandantes dos navios. Fallou-se. Strozzi expoz a idéa da peleja, advertindo que os desertores ficartam collocados entre as pontas do dilemma : morte ou degradação.

A 26 de Julho de 1582, Strozzi, ao romper da manhã, andou de navio em navio, a dispôr a esquadra franceza para o encontro com a hespanhola, ás ordens de Bazan. Dom Antonio de longe, na Iha Terceira, aguardaria o exito do encontro.

O combate ferio-se á luz do meio dia. Tudo corria á feição dos francezes : o vento, com o vento o refluxo, com o refluxo o sol, com o sol, a terra. Faltava-lhes apenas uma cousa, a alegria, a generosa alegria, nuncia da victoria.

A refrega estendeu-se até ue tarde. Cahiam homens. Subia a sanha no convéz dos navios. A's seis horas o sol ia fugindo. os homens iam ficando e morrendo. A derrota dos francezes era evidente. Só os vencidos não queriam crer n'ella. A capitanea ficou em poder dos hespanhões. Um official tomou-lhe a bandeira. Atirou-se na agua, envolto no symbolo da patria. Strozzi teve de render-se, exaustado por feridas, mas não de coragens. Levaram-no para bordo da capitanea adversa. Um soldado enterrou-lhe a espada no baixo ventre. Bazan, marquez de Santa Cruz, o chefe hespanhol, nem se dignou olhar o collega vencido. Fez um signal, logo comprehendido. Strozzi foi atirado ao mar.

Estava ganha a batalha naval dos Açores, victoria cara, bem cara. Custára aos hespanhões, entre mortos e feridos, mais de setecentos homens. Oitenta fidalgos, trezentos e treze soldados francezes, renderam-se, á força maior, antes que ao inimigo. Julgaram-nos, em virtude desses julgamentos, cruelmente irrisorios, posteriores a *todo o* desforço. Foram condemnados á morte, como perturbadores da paz, como piratas. O auditor geral da frota hespanhola, Aranda, opinou pela poupança de vida dos pilotos e da gente menor de dezeseite annos. E, horror, ultimo esforço para não morrer, derradeira ancia de apego á existencia, os adultos, á noite, começaram a arrancar os pellos do corpo para engano

dos carrascos, para se approximarem do aspecto da adolescencia. Vão esforço. Na manhã seguinte, as vergas das náos hespanholas tinham cadáveres francezes em sinistros cachos.

O garrote deu cabo dos fidalgos. O capellão morreu por ultimo, qual o peor dos criminosos. Strozzi teria sido esartejado no mar, dilacerado por quatro embarcações, seguindo rumo opposto, se houvesse sobrevivido.

A consequencia natural, a conclusão logica da victoria hespanhola, foi a completa expulsão dos francezes dos Açores.

Santa Cruz dirigio-se á Terceira, onde encontrou dezeseete náos francezas, incumbidas de proteger D. Antonio. Uma tempestade não consentio que Santa Cruz concluísse a obra de batalha dos Açores.

D. Antonio, tristemente, poude regressar á França. Ahí a côrte arreventou em coleras contra os capitães francezes, contra os inimigos. Vingar nos-emos, dentro em pouco, mercê de Deus, das barbaridades hespanholas, exclamava a voz mais poderosa da França, a de Henrique III. Transferindo-se da idéa ás obras, o rei, a rainha, o almirante Joyeuse começaram a preparar a revide. O rei decretou o augmento das forças navaes. Catharina solicitou auxilio aos scandinavos, ás cidades hanseaticas, pedio-lhes navios. Pouco obteve.

Aymar de Chastel foi nomeado tenente general dos exercitos de mar. Esteve nos Açores, dirigio-se á Terceira. Não tardou a surgir ahí a frota de Bazan, marquez de Santa Cruz, o vencedor dos Açores. Os francezes resistiram. Bazan venceu. De novo os francezes desamparam o archipelago açoriano.

Agua abaixo, vertiginosamente, ao frio da corrente das desditas, ao sabor das ondas do infortunio, foram embora os sonhos ambiciosos de Catharina de Medicis.

A expulsão dos Açores, a repulsa da Terceira puzeram termo ás ambições e vinganças de França ? Não. Um estadista, máo grado os infortunios francezes, propunha meios de tirar desforra da Hespanha. Felipe Du Plessis-Mornay entendia hostilizar os Hespanhões com idéas simples, ousadas e economicas. Bastava, segundo elle, endireitar o eixo commercial do mundo, trazendo para Suez, o *Heroum portus* dos antigos, o trafico das especiarias, dos productos levantinos. Os portuguezes, pelo periplo africano, tinham deslocado o eixo para oéste. Este trafico podia salvar uma nação. Já enriquecera Genova e Veneza. Os inglezes buscavam chamal-o ao seu poderio, abrindo via de communicação pelo Oceano Glacial. Reintegrada a bacia méditerranea na antiga funcção de bacia central do mundo, prejudicava-se a Hespanha, serviam-se todos os interesses. Reerguer-se-ia Veneza, tornada satellite de politica economica franceza. Recrguia-se-ia a Turquia, abrindo escoadouro, no Mar Vermelho, á enorme corrente commercial entre o Levante e os paizes de Norte.

As mercadorias procurariam Marsella e Bordéos. Evitar-se-ia Gibraltar. Os productos seguiriam para Antuerpia, em poder do irmão do rei de França. Negociantes turcos queriam estabelecer-se em Antuerpia.

De Gibraltar cumpria fechar a porta aos comboios hespanhóes, trazendo do fundo do antigo continente os productos das Indias Occidentaes e Orientaes. Feito isto era mister prohibir á Hespanha a entrada nos mares interiores, cerrar-lhe o Sund e o estreito de Gibraltar, appellar para as amizades dinamarquezas, occupar os istmos de Suez e Panamá. Tal o plano de Mornay, demasiado grandioso para ser entendido por Henrique III. Felipe II o conheceu, estremecendo.

Plessis, hugenote, não podia ser sympathico nem aos Guises, nem ao partido enfeudado á Hespanha, a catholica.

A diplomacia de Felipe II corôou o exito de suas armas. Felipe obteve da Liga, a 31 de Dezembro de 1584, o repudio da politica externa franceza, a repulsa da alliança turca e a promessa de não buscar o caminho das Indias.

Oito dias depois dessa vergonhosa capitulação da Liga, Catharina de Medicis achava forças para interpellar o embaixador hespanhol. Exigiu a declaração, franca e rapida das compensações que ella, Catharina, devia esperar da successão á corôa portugueza. A rainha gritava quando já estava rouca. Não peço, dizia, espero propostas razoaveis. Finha ainda uma carta na mão, a vinda da delegação de todas as provincias dos Paizes Baixos. Esta, n'uma esquadra de quatorze navios, chegava para offerecer a Henrique III a soberania dos Paizes Baixos, sem dono após a morte do irmão de Henrique III.

A situação da França era então delicada, critica mesmo. Os partidos degladiavam-se sem tregua. Havia unico sedativo utilisavel, no sentir dos espiritos mais esclarecidos, mais leaes da época : a guerra no exterior. Pretextos não fallavam para accendel-a. De Agosto a Novembro de 1565, no curto lapso de um trimestre, só os corsarios de Bayona haviam aprisionado vinte e quatro navios, tomado presas no valor de setecentos mil ducados.

Os sonhos de Catharina de Médicis dissiparam-se com o correr das horas.

Os delegados dos Paizes Baixos, retidos em Pariz para impressionar Felipe II, nenhuma impressão lhe causaram. Regressaram á terra natal, de mãos vazias. O rei de França não quizera a soberania dos Paizes Baixos.

Com o correr das horas des appareceram os sonhos de Catharina. Felipe II não entregou as colonias portuguezas. D. Antonio transferio os cuidados de sua causa ao grande corsario inglez Drake, enquanto Catharina confessava, com a tristeza dos ideaes desfeitos, que D. Antonio estava melhor servido com a sympathia ingleza do que com a França.

Lá se foram o sonho e o segredo da rainha. N'elles revive hoje o Brazil.

Quando Catharina assistia os interesses de D. Antonio, promettia-lhe Portugal, mas reservava-se o Brazil. Antes de apoiar D. Antonio reconhecera-se secretamente o paiz e num mappa francez do tempo se encontra a prova do reconhecimento militar do Rio de Janeiro. O cartographo Jacques de Van de Claye indicava os pontos fracos da defesa da cidade, mostrando como ponto de apoio, no caso de retirada, um recanto fortificado da bahia do Rio de Janeiro, a aldeia de Ararone, do qual a tripolação de uma não franceza a *Salamandra*, se apoderara. A *Salamandra*, armada em 1576, detivera-se tres mezes no sul do Rio. Pertencia a Felipe Strozzi, o vencido dos Açores. Commandava-a João de Coquigny, capitão de marinha.

Que fazia no Brasil o cartographo Claye ? A resposta a tal pergunta é dada por um mappa de 1579, indicador do ponto onde os francezes arrebanhariam os selvagens para a guerra contra os portuguezes. O mappa, discretamente, como nas dobras de um segredo, traz as armas, aliás imperfeitas, do commanditario das viagens de exploração o muito alto e poderoso Felipe Strozzi

Esta prometteu a *Monsieur*, irmão do Rei de França, ir ás Indias com seis mil arcabuzes. Para a mysteriosa campanha sobravam offerlas de navios.

Strozzi conhecia talvez a America do Sul pelas confidencias do romano Alexandre Orsini, que, por espaço de trinta e quatro annos, percorrera a America Meridional. Strozzi inspirava os armamentos de Ricardo Petremol du Viaspre, mandado em explorações ao longo das costas africanas e açorianas.

Que plano, que idéa presidiam a esses reconhecimentos militares ? Segredo. Mas o effeito d'elles era visivel, ameaçar por meio de rondas perspicazes e continuas, os pontos estrategicos do imperio colonial portuguez.

Francezes não faltavam na parte maior d'elle, no Brasil. Em 1579, nas cercanias de Pernambuco, uma flotilha normanda de onze navios era sorprendida e queimada pelos portuguezes. As tripolações, a custo, deram de pernas para os matos marginaes do rio S. Domingos.

Em 1581, atraído pelo interpretes, uma expedição franceza escapou da mesma sorte, na Paralyba, enquanto quatro náos francezas se abeiravam do Rio de Janeiro para ahí notificar a subida ao throno do Prior do Crato.

O Governador Correa de Sá poz fim ao recado com o sonoro ponto final de boa descarga de artilharia.

Este acontecimento commoveu o embaixador hespanhol junto á corte de França. Catharina deu do caso explicações embrulhadas, porque para se explicar tinha de subir o curso da verdade.

Do estudo da questão resultam as seguintes conclusões ; 1.^a Catharina de Médicis, á sombra de uma cessão de D. Antonio, prior do Crato, pretendia assenhorear-se do Brazil. Era

elle o mysterioso paiz ao qual, do archipelago açoriano, se dirigia Strozzi para ahi talhar um reino. 2.^a A victoria dos Açores frustrou a tentativa da rainha em favor de seu filho Francisco de Alençon.

O Brasil escapou, portanto, de servir de estrado ao throno d'esse Valois, rei mental do Brasil nas intenções maternas, rei cujo sceptro os hespanhões afundaram nas aguas dos Açores.

Em Madrid, na Armeria, entre os curiosissimos e preciosissimos objectos historicos que preenchem este museu, ahi depositados pela passagem dos seculos, o visitante depara com uma grande lanterna de cupola dourada, sustida por cariatides. E' a insignia de Strozzi, cahida em poder de D. Alvaro de Bazan, marquez de Santa Cruz, na batalha dos Açores.

Eis o unico salvado do naufragio das ambições de Catha-de Médicis, estendidas até o Brazil.

TUPINAMBA'S EM PARIS

Pariz tem muitas igrejas. Não lhe faltam casas de oração. Ahí Deus e a idéa d'elle recebem os cultos os mais diversos, os mais oppostos, todos as dias, a todas as horas, sob todas as fórmas, desde as mais pobres e singelas até ás mais luxuosas e complicadas.

Os innumerados templos de Pariz são capitulos visiveis e esparsos de livro universal, o da historia das religiões.

A igreja de S. Roque é um desses innumerados templos disseminados pela grande cidade. Fica na rua de Saint-Honoré, em logar estreito d'essa extensissima via publica, de largura tão irregular. Foi chamada pittorescamente por Theophilo Gautier o Canal Grande de Paris, em lembrança do de Veneza.

Construida do seculo XVII para o XVIII, a igreja de S. Roque offerece talvez a melhor amostra dos edificios religiosos barocos em Pariz. Ostenta na fachada duas ordens de columnas doricadas e corinthias, columnas nas quaes se divisam buracos tapados a cimento.

Quem os fez? Uma ordem do general Bonaparte, a 5 de Outubro de 1795, ou, como se dizia na época, a 13 vendemiario anno IV.

A igreja não estava então com a frente abafada por casas. Diante do templo se estendia langa praça até o jardim das Tulherias.

N'esse dia de Outubro de 1795, os realistas tinham resolvido atacar a Convenção Nacional. Os batalhões sympathicos á causa monarchica, os monarchistas corajosos amontoaram-se nas escadarias de S. Roque, para as quaes o general Bonaparte fez convergir os canhões da artilharia directorial.

Em S. Roque se travou a luta civil. Sobre a fachada da igreja ainda persistem os signaes dos balasios, em sinistra escumadeira.

Ha algumas coisas a vêr no interior da igreja, de tres naves. A visita provcitosa deve ser feita em dia claro de

verão. No inverno é perder tempo. Os frescos das capellas lateraes, frescos do principio do seculo passado, achar-se-ão todos em completa sombra.

S. Roque pôde considerar-se o necroterio dos monumentos funebres das igrejas demolidas de Paris. Removidos dos templos que foram ao chão, figuram um tanto desordenadamente, nos lados da igreja, alguns junto de velhos sinos, embranquecidos de poeira ou esverdeados de azinhavre.

Desses monumentos, os mais notaveis são o de Mauper-tuis, perdido na silenciosa incongnita da morte ; o do cardeal Dubois, sepultado tambem sob muitas calumnias historicas; o do *abbé de l'Épée*, que com meia duzia de gestos restituiu o mundo das palavras aos surdos-mudos.

Em S. Roque jazem dous homens immortaes, sem que se lhes conheça ao certo o local do ultimo somno.

Um delles encheu de fama o reinado do Rei Sól, reinado de tão longo, melancolico e vermelho occaso. Chamou-se Corneille ; escreveu *O Cid*. O outro tambem serviu Luiz XIV e, hospede da guerra a convite da invasão, residio algum tempo no Rio de Janeiro, com os olhos fitos na barra da bahia. Chamava-se Du Guay-Trouin.

Numa pilastra de S. Roque, uma placa de marmore re- lembra que na igreja foi enterrado o autor tragico cujo fim de vida apresentou tão doloroso drama. Corneille mereceu a placa de marmore. Duguay Trouin mereceu menos, nada o assignala. *Sic transit gloria mari*.

Entretanto se sabe que na capella da Virgem, em Setembro de 1736, inhumaram Du Guay-Trouin, tenente-general das esquadras reaes, commendador da ordem de S. Luiz, administrador da Companhia das Indias, e, apezar de tudo isso, pobre.

S. Roque não apresenta apenas essa lembrança interes- sante para memorias brasileiras.

Nos registros da parochia houve quem copiasse a seguinte certidão de baptismo, ora traduzida :

« No dia de S. João Baptista vinte e quatro de Junho, do anno de mil seiscentos e treze foram baptizados na igreja dos Capuchinhos desta cidade de Pariz, tres selvagens do paiz dos Tupinambás, por S. Ex. Rev. Henrique de Gondy, Bispo de Pariz, por ordem do qual, eu, vigario de igreja de S. Roque fundada no mencionado quarteirão, assisti, e para desem penhar as cerimoniaes do baptismo dos ditos selvagens trouxe a agua baptismal e juntamente os santos oleos da referida igreja de São Roque, e foram os mesmos selvagens chama- dos todos os tres Luiz, pelo nosso bom Principe e Rei Chris- tianissimo Luiz Treze, Rei de França e de Navarra, e a ma- drinha que com a sua presença honrou os ditos selvagens, foi Maria de Medicis, Rainha Regente da côroa e Reino de França, mãe do referido Luiz e viuva do fallecido Henrique de Bourbon quarto Rei desse nome, Rei de França. E de- pois de ter baptizados os ditos selvagens o Sr. Bispo de

Pariz mendou-me inscrevel-os no registro de baptizados da referida igreja de S. Roque, o que fiz, como consta, e foram os mesmos selvagens trazidos a Pariz pelos bons frades capuchinhos, que partiram em companhia do senhor de Razilly para plantar a fé no paiz dos ditos selvagens, e depois de terem sido baptizados ficaram em Pariz por espaço de oito ou dez mezes antes de regressarem á sua terra. »

Que selvagens são elles? Vejamol-o.

No livro, bem conhecido, de Frei Claudio d'Abbeville, prégador capuchinho, intitulado « Historia da missão dos frades capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circumvizinhas », escripto em 1613 e publicado no anno seguinte, encontra-se curiosa narração, excellente commentario do baptisterio.

A 19 de Março de 1612, ás seis horas da manhã, tres navios, equipados em Cancala, levaram para o Maranhão muitos fidalgos francezes, desejosos de completar a obra de Rifaut, Des Vaux e de Le Ravandière naquella região norte do Brasil. O Bispo de Saint Malo, na hora da partida, abençoou o estandarte de França, conforme o uso do tempo.

Os navios se chamavam « Le Régent », « La Charlotte » e « La Sainte-Anne », o primeiro commandado por Francisco de Razilly e Daniel de la Touche; o segundo ás ordens de Nicolau de Harlay; o terceiro ao mando de Isaac de Razilly, irmão de Francisco.

Aventureiros e missionarios estabeleceram-se no Maranhão. Dahi, a 1 de Dezembro de 1612, do forte de S. Luiz, partiu a nau « Le Régent », trazendo, á França, Francisco de Razilly.

Depois de ter escapado de ir ao fundo do oceano, por effeito de uma tempestade, a nau chegou ao Havre, a 16 de Março de 1613.

A bordo vinham alguns indios tupinambás, seis, deputados do Maranhão para render homenagem e offerecer serviços ao Rei Christianissimo, pedindo-lhe protecção para a França Equinoxial.

Do Havre partiram Razilly, Frei Claudio d'Abbeville e os seis selvagens para Ruão. Desta cidade normanda seguiram para Pariz, que alcançaram a 12 de Abril.

Dos seis indios trazidos do Maranhão, tres morreram antes do dia do baptizado solenne. O primeiro, chamado Cazyppya morreu a 29 de Abril; o segundo Patona, enfermou no dia do obito do outro e falleceu a 6 de Maio, com 16 ou 17 annos, com o habito do seraphico S. Francisco; o terceiro, por nome Manem, com cerca de 22 annos, morreu a 6 de Maio, com as vestes de capuchinho. Todos foram baptizados ás pressas, em artigos de morte.

Os tres selvagens restantes, Itapucu (38 annos), Ouaroyio (22 annos), Iaponay (20 annos) esses, sobreviveram. Com grande pompa se procedeu ao baptizado delles, ceremonia descripta por Frei Claudio d'Abbeville.

Baptizaram-se cerca de quatro horas da tarde, a 24 de Junho de 1613 na igreja dos Capuchinhos de bairro de S. Honoré em Pariz.

Por espaço de quasi um anno estiveram os tres selvagens em Pariz, no Pariz de Luiz XIII, desse rei que os manuaes de historia do meu tempo pintavam fracalhão, indolente, sombra da grande luz do poder de Richelieu. Hoje se verifica que a França lhe deve immenso. A erudição moderna apresenta o como rei justo, austero, laborioso, cheio de escrupulos e de coragem. E' rehabilitação moral e intellectual cuja equivalencia o Brasil encontra na rehabilitação de D. João VI.

Os indios tupinambás erraram, pois, por muitos mezes, no Pariz de Luiz XIII.

Não fizeram, nem ninguem lhes fez o diario a viagem. De regresso ás tabas maranhenses os destinos d'elles se toldam de todo. Entram na permanente treva da terra, o esquecimento. Somem-se para sempre. São tragados pela valla commum da historia, onde se precipitam as memorias humildes, para a promiscuidade, para o olvido.

Que idéas, que impressões sentiriam esses pobres bugres, ao se recordarem de Pariz, no fundo das selvas do Maranhão de 1613 ? Ao envez do que occorre na vida, nestitre idos à bruteza, talvez tendo tido padrinhos morressem pagãos...

JOÃO MAURICIO DE NASSAU

Ha sabor especial em estudar os homens as sociedades de outr'ora nos proprios sitios em que se lhes desenrolou, brusca ou lentamente, a existencia infeliz ou ditosa. Só se comprehende bem Luiz XIV, vagueando, ao som dos passos e aos echos da historia, pelos salões e pelos quartinhos de Versalhes. Ahi se deitou o rei Sol. No occaso da velhice e das derrotas. A'hora em que no céu da monarchia franceza, em nesga longinqua, sobre o absolutismo enfraquecido, iam começando a passar as primeiras nuvens de trovoadas.

Convo se réfflecte proveitosamente sobre o destino da *Austriaca*, da filha de Maria Thereza, n'esse proprio Versalhes, onde Maria Antonietta ensaiava a vida pastoraí á heira das correntes, turras antes de vermelhas da Revolução, nos recantos, hoje agrestes, do Petit Trianon !

As arvores frondosas, os riachos, os lagos estagnados, á cuja flor verde boiam tantas folhas amarellas e seccas, as casinholas rusticas, o moinho de rodas paradas, todo esse quadro outr'ora risonho e hoje saudoso, tornam mais pungente, mais vivo, o passado morto, completamente morto.

Em Potsdam, nos aposentos d'aquelle que os allemães modernos tratam respeitosaente de *Friedrich der Grosse*; na Malmaison, onde a alma do primeiro consul erra, na viuvez do amor e da gloria, de Josephina e da campanha da Italia; no Escorial, no quarto de Felippe II, o monge dos reis; em Vienna, diante do tumulo do rei de Roma, no sepulchro em que o *Aiglon* dobrou as azas sob o joelho da Santa Alliança, recordam se, em um instante, paginas e paginas de historia. Por si mesmas se desdobram do grandelivro das éras extinctas.

Assim, em lugar algum, a não ser o tumulo d'elle em Clèves, melhor do que em Haya, se evoca João Mauricio de Nassau. Alli está o palacio d'esse sujeito illustre, encarregado pela Companhia das Indias Orientaes da operação de enxertos commerciaes batavos no tronco da vida brazileira.

O palacio de Nassau, o Mauritshuis, foi construido paula-

tinamente, em onze annos (1633-1644), por Pieter Post, segundo desenhos de Jacob van Camper.

Em Paris, em pleno *boulevard des Italiens*, existe um pavilhão, ultimo resto do palacete do marechal de Richelieu. Occupa-o hoje a conhecida casa Christoffe. E' o pavilhão de Hanover. Outr'ora o povo assim o alcunhou porque Richelieu, de volta da campanha do Hanover, tirou as botas empoeiradas, as vestes sujas. Ficou com as mãos pouco limpas, edificando o palacete á custa das rapinagens colhidas na ladroeira colossal da guerra.

Disseram tambem as más linguas hollandezas do tempo que o Mauritshuis se construiu á custa dos proventos illicitos de Nassau no Brasil hollandez. Detrahir foi sempre goito querido da lingua humana.

O Mauritshuis serve agora de museu real de quadros. Fica em um recanto do *Plein* ou da Esplanada, um dos pontos mais animados de Haya. Praça cheia de arvores, cingida por secretarias de Estado, honrada com a estatua em de Guilherme, o Taciturno, cujo silencio se deve encontrar á vontade no bronze.

O museu de Haya sóe vencido pelo de Amsterdão na quantidade e na quantidade das telas offerecidas á massa do publico e aos visitantes de escol, cousas muito differentes, até para os simples guardas de pinacotheca. Em Amsterdão scintilla, eis o termo, enorme diamante de arte, estrella do Sul da pintura, a admiravel e admirada, adoravel e adorada « Ronda Nocturna ». Mas, no Mauritshuis, estão o « Touro », de Potter e a « Lição de anatomia ». Não se preciza dizer mais.

Depois de haver contemplado as telas, sobre as quaes se fixou o genio de tantos pinceis illustres, Potter após Rembrandt, Wouwerman depois de Ruysdael, Van Ostade em seguida a Metsu, o brasileiro deve começar a lembrar-se de Nassau.

Nesse museu de apparencia severa vivem, por algum tempo, o famoso mantenedor da ordem hollandesa em Pernambuco.

Procure-se ahí uma sala mais afastada, em dia de chuva, dia em que pouca gente visita a galeria. Leve-se o caderno de notas no qual o estudioso copiou as cartas de Nassau, dirigidas aos Estados Geraes das Províncias Unidas.

Aos poucos as telas do museu irão desapparecendo, tornando-se quadros dissolventes.

Talvez nesse quarto, onde se está a reler notas, colhidas nos archivos, demorasse Nassau, pensativo, meditabundo, a revêr os transe do accidentado governo nas alturas de Pernambuco.

São interessantissimas as cartas de Nassau dirigidas por aos « muito poderosos senhores » membros dos Estados Geraes. Escreveu-as ao acaso dos combates, em dias de relativa serenidade, em momentos de luta, ao respirar das

treguas. Data-as ora de Penedo, ora de Anthonvaz, ao sabor das circumstancias, compressoras supremas dos homens e das suas resoluções mais pensadas.

As cartas de Nassau permitem seguir, dia por dia, quasi hora por hora, a luta intima do guerreiro posto pela Companhia das Indias Orientaes á testa dos seus combates no Brazil.

O estylo é o homem, disse o naturalista de punhos rendados. A carta é o coração, bom ou máo, nobre ou mesquinho, sublime ou vil, altivo ou baixo. A carta, quér grande, quér pequena, é a folha de papel onde a alma se deita, á medida de suas qualidades ou de seus vícios. A carta é a camara escura onde, ás revelações da curiosidade, as imagens feias, bonitas, graciosas, repulsivas, se vão desenvolvendo e fixando á proporção da leitura.

Na correspondencia de Nassau estão o ser e a vida d'elle, no Brazil, perfeitamente espalhadas e espelhadas. A série das missivas, começando em Abril de 1636, termina em fins de 1643, seis annos, mais ou menos.

A primeira carta, escripta em Porto-Calvo, dirigida aos Estados Geraes, vem datada de 8 de Março e foi recebida pelos destinatarios a 6 de Junho de 1637. A ultima redigida em Mauritzstad, a 7 de Novembro de 1643, alcançou o respectivo destino a 18 de Janeiro do anno seguinte.

Desde a partida da Inglaterra, a 6 de Dezembro de 1636, até deixar o Brazil, em 1643, quantas emoções saltaram o animo de Nassau!

Vale a pena segui-lo no curso d'ellas. Equivale a deixar sobre a nossa historia reflexos da civilização européa.

A historia do Brazil, modesta mas honesta, no dizer de D. Pedro II, carece, de certo, do encanto variado da historia de outros povos, da historia franceza, por exemplo.

N'esta os paineis desmarcados visinham com uma infinidade do que chamarei, com licença do leitor, de quadros de genero da historia. Assim ao-pé da carnificina de Waterloo, nações sobre um homem, um continente em cima de um paiz, se póde enxergar, entre outras cousas, milhares de episodios almiscarados, galantes, á pastel, milhares de anedotas através de cujas reticencias se adivinha um mundo, como á meia luz da lamparina clara apparece o aposento inteiro. O lado anedotico da nossa historia é escassissimo.

Qualquer anedota de historia patria faz barulho pela razão da sonoridade dos passos nos palcos vasilos.

Somos nação nova. Os povos não envelhecem como os individuos. Uma nação de quatro seculos é infante. Faltam-nos um passado compacto, camadas e camadas de tradições. A presença de individuos como Nassau, no tablado da historia, imprime á scena character de novidade, relevo digno de nota.

Nassau é das figuras mais representativas do lado exotico da nossa historia.

A 17 de Junho de 1604, em Dillemburgo, cidade allemã no

reino da Prussia, ás margens do Dill, na provincia de Wiesbaden, nascia um menino. Filho do conde João VI de Nassau-Dillemburgo, recebeu o nome de João Mauricio.

Em 1621, o menino feito homem, depois de haver estudado nas universidades de Basiléa e Genebra, alistava-se no serviço da Hollanda.

Cheio de merecimento, em breve se distinguio, já ás ordens do principe de Orange, já nos sitios de Grol e de Maestricht (1626-1632).

A Companhia das Indias Orientaes destacou-o para a segurança da conquista, para a colonização e o desfrute de Pernambuco. Sabem todos como o missionario esteve á altura da missão, immortalizando-se na historia do Brazil.

As cartas de Mauricio de Nassau aos Estados Geraes das Provincias Unidas, de 1637 a 1643, permittem esquadriñar todos os recantos da casa de negocios Brazil hollandez e Companhia.

Como já dissemos, Nassau partio da Inglaterra, a 6 de Dezembro de 1636. Aos 23 de Janeiro, com boa saude, chegou á vista do Recife e á frente das difficuldades que o aguardavam na terra brasileira.

Vamos vê-lo ahí tentar servir á Companhia no alcance de suas forças, que eram muitas, e de seus talentos multiplos. Apreciando o periodo do governo de Nassau, as más linguas hollandezas, entre as quaes as dos « muito altos e poderosos » membros da companhia, accusaram o Principe de querer talhar um principado nas terras da conquista, aliás tão aleatoria.

Que pensaria Nassau á vista do Recife? Apresentou-se ás praias brasileiras após a longa travessia, desdobradas as velas ás bochechas do vento. Dias e dias, sobre a serenidade monstruosa do oceano, imagem perfeita das aventuras, calmas na apparencia, n'um momento trazendo a convulsão e a morte!

Mal desembarca, Nassau corre ao encontro do inimigo. Reune a tropa. Apura, para marchar contra o adversario, tres mil soldados e oitocentos marinheiros, armados de espingardas, e seiscentos nacionaes. Offerece batalha aos contrarios, a 18 de Fevereiro de 1637. Marcha sobre o forte perto de Porto-Calvo onde se achava o conde de Bagno. Este, em desordem e debandada, retira-se para Alagôas, deixando após si peças de artilharia, muita gente e esperanças desilludidas.

Nassau não perde tempo. Investe contra Porto-Calvo. Consegue a capitulação do forte, sob o commando do tenente-general hespanhol Miguel Giberton. O forte entrega-se. Deixa ás mãos de Nassau oito capitães, sete estudantes, trezentos hespanhões, cento e dez italianos, além de feridos e doentes, trinta e uma peças de artilharia e grande porção de munições bellicas.

« Muito altos e poderosos senhores da companhia. Eis

todo o armazem do rei da Hespanha, exclamou Nassau. O conde Bagnuolo não tem mais uma peça de artilharia. Os indios estão submissos. Obrigarei o inimigo a transpôr a outra margem do São Francisco. »

Assim estrêa Nassau no alto posto de chefe do Brasil Holandez. Aos trinta e tres annos de idade, collocado entre os sorrisos da virilidade e os encantos da victoria.

Com effeito o inimigo transpõe o São Francisco. Constroem-se fortes n'esse rio e perto de Penedo.

Sob a couraça do guerreiro pôde estar á larga o coração do homem. Do coração de Nassau, á vista do S. Francisco, desabrocham saudades e escreve: « O S. Francisco é tão largo quanto o Mosa diante de Delfshaven. Ser-me-á difficil dar idéa da velocidade de sua correnteza. »

Emquanto Nassau batalha no Brazil, a Companhia das Indias Orientaes secunda-lhe a acção militar, discutindo apenas todos os proventos a haurir da conquista.

« Os medicos arengam á cabeceira do doente, diz Nassau. As forças do enfermo declinam. A cura coincidirá com a morte. »

Nassau entende, porém, varrer a testada, arredando responsabilidades futuras. Esclarece os « altos e poderosos senhores » do conselho da companhia, precavendo-os contra os perigos do monopolio commercial. Mostra-lhes, com argumentos longos e de peso economico, as desvantagens do monopolio no presente e no futuro.

A liberdade do commercio e o iman do lucro podiam attrahir a immigração. Os nacionaes insurgiam-se contra o monopolio. Preferimos desamparar nossas plantações, deixar parados nossos engenhos, do que trabalhar para a Companhia clamava a gente pernambucana, esquecida que os negros suavam para ella.

O monopolio será a ruína da Companhia, allega Nassau, de Pernambuco. Basta reservar-se algumas especies de mercadorias, acrescenta. Os negociantes não perturbarão os negocios da Companhia.

Nassau manejava a penna, aconselhando, a espada, pelejando. Intenta e leva a cabo uma expedição contra a Bahia, má grada a deficiencia de forças militares. Choviam cartas a Hollanda pedindo o começo das operações contra aquella cidade.

Acossado pelas exigencias dos guerreiros da metropole, aconselhando operações de guerra, além Atlantico, Nassau arremetteu contra a Bahia, em virtude de informações falsas, que o governador da Bahia e conde de Bagnuolo estavam a jogar as cristas. Diante da praça, quando a ousadia e o brio já não autorizavam o recuo, Nassau reconheceu o erro.

O governador e Bagnuolo tinham se reconciliado « como outr ora Herodes e Pilatos » por occasião da passagem do Nazareno pelos tribunaes da quasi sempre vendada e ás vezes vendida justiça dos homens.

Nassau é procurador fiel da Companhia. Não lhe occulta a verdade. Sabe dizel-a e, o que o é mais, repisal-a, em risco de molestar. O Brazil hollandez falleceu de inanição.

Mas não foi por falta de cuidados do assistente.

Nassau advertio á familia commercial d'elle do desfallecimento do pulso, tornado filliforme em 1654.

Constantemente informou a companhia, desde o inicio do seu governo, da fraqueza dos meios militares de acção, da mingua de soldados, dos obitos frequentes, das baixas constantes por findo o tempo de praça.

O echo da metropole era perfido e illusorio, Promessas, muitas promessas. A chegada dos reforços estava, no dizer da Companhia, sempre imminente. Taes reforços não vinham ao Brazil. A razão era muito simples. O sodaldos não largavam pé da Hollanda. Sem munição não ha disparos.

E, debique a sério, a Companhia desfalcava a reduzida guarnição de Pernambuco, a flotilha ahiestationada, despachando, de uma só vez, de ambas, seiscentos soldados e varias náos para as Indias Occidentaes. Medicina de dr. Sangrado militar. Anemiava-se o doente a fortalecer, com larga sangria, barbaramente applicada em hora de ameaça de syncope.

Uma carta de Nassau, datada de Antonivaz, a 30 de Setembro de 1638, dá perfeita e clara idéa do tom com que o procurador se dirigia aos constituintes : « Altos e poderosos senhores. Tive a honra de receber a vossa carta datada de 17 de Março. Vi, com muita alegria, que os fracos serviços por mim prestados, segundo o meu dever e com o favor de Deus, foram agradaveis a Vossas Altas Mercés. Podeis estar certos que o maior contentamento por mim experimentado n'esse sentido, é servir Vossas Altas Mercés e a patria. Supplico ardentemente ao Todo Poderoso que se digne conceder-me a sabedoria necessaria e que eu possa utilmente empregar o tempo que Vossas Altas Mercés me ordenam ficar neste paiz.

Teria podido fazer mais do que fiz, como o meu dever tem podido exigir, se os meios de acção e a tropa me sobrassem, conforme fiz vêr a Vossas Altas Mercés na minha carta precedente.

A deficiencia de forças não nos impedio de atacar o inimigo com exito. Não pudemos oppor-lhe a necessaria resistencia, porque desde que a Companhia poz pé no Brasil, nunca esteve tão mal provida de forças militares como agora.

Espero que Vossas Altas Mercés conseguirão pôr as cousas em melhores condições e que as Camaras, atrazadas na remessa de contingentes, serão obrigadas a tornar effectiva tal remessa. Mandeí ao Conselho dos Dezenove a lista exacta das Camaras em atrazo.

E' para deplorar que o zelo da Companhia de Commercio vá se enfraquecendo justamente no momento em que,

graças a Deus, ia começar a gosar as riquezas do Brazil, visto como no verão actual, se o céu nos guardar dos ataques do inimigo, receberá trinta barricas de ouro (3.000.000 de florins) e o dobro no anno proximo, segundo o conceito dos portuguezes.

Se Vossas Altas Mercés conhecessem perfeitamente o Brasil, não padece duvida que velariam pelo bom abastecimento de quanto carecemos, atirando grande golpe ao rei de Hespanha. — Mauricio, Conde de Nassau. »

A voz clamava quasi no deserto. Os Estados Geraes, o Conselho dos Dezenove a attendiam communicando que o general de artilharia Artichofsky partia para o Brazil com 2.700 homens, contingente que não bastava para preencher os claros das tropas. A mãe patria, conforme as expressões de Nassau, parecia estar fazendo muita cousa em favor dos interesses hollandezes no Brasil e afinal enviava soccorros que nada permittiam tentar.

Vê-se Nassau trabalhado de continuo por apprehensões, por desgostos, ferido pela desconfiança que, guardadas as proporções, a republica commercial de Carthago manifestava tambem a Annibal.

O mallogro do ataque á frota da Prata, o apparecimento, no Recife, de trinta e tres velas da esquadra hespanhola, atormentam Nassau, sempre a malhar em ferro frio, a concitar a Companhia, a envidar todos os esforços para conservar o Brazil.

De um lado o máo humor, o amuo constante da Companhia : do outro lado Nassau a prestar, obediente, as contas da gestão, a remetter por exemplo, aos chefes, a relação circumstanciadissima das forças de terra e mar, a 18 de Fevereiro de 1639. Tres mil oitocentos e vinte homens validos para se tornar senhor do Brasil septentrional, eis quanto nessa data Nassau tinha ás ordens como forças de terra !

A tensão de relações entre Nassau e a gente da metropole chega ao estado agudo, em meiados de 1639. Artichofsky, general de artilharia, vem ao Brazil. Semeia intrigas e colhe discussões.

Artichofsky começa por insinuar ter vindo ao Brazil para fiscalizar Nassau. Não perde ensejo de desmoralizar o governador, publicamente ou aos cochichos. Nassau o foi supportando até o transbordamento dos dissabores. Em extensa carta, o conde Mauricio inunda os Estados Geraes de queixas, graves e minuciosamente relatadas, contra Artichofsky. Este, em vez de cuidar da artilharia, entregava-se de bom grado ao disparo das settas do amor, á pandega, em estylo singelo.

Contra Artichofsky juntou Nassau provas documentaes. Em momento dado mandou á Companhia o seguinte « ultimatum » : « ou Artichofsky sahe do Brasil ou eu ». Resolve-se o dilemma contra Artichofsky. Elle parte e a sua retirada, diz Nassau, torna « o mar convulso e agitado, o mar tranquillo e pacifico ».

Afastado o perfido. Nassau continua a bracejar « no mar tranquillo e pacifico ». Em Julho de 1639 as forças do inimigo o deixam perplexo. A fome não anda longe. « Não basta mandar reforços, clama Nassau, cumpre enviar viveres ; sem isso os reforços terão fome, nova calamidade. »

O desespero vai subindo. Em Outubro de 1639, Nassau está decidido a enfrentar o perigo, o inimigo, o destino. Sente-se-lhe o desalento na alma, profundo, desarmando-o antes dos contrarios. Não escreve, geme ou grita : « E' melhor perecer logo, de espada em punho, a morrer de fome. »

« Que Deus perdõe aos causadores de tanta miseria. » Van Der Dussen, antigo conselheiro secreto, parte então para a Hollanda. Ia expor, de viva voz, o estado critico da colonia.

Em Maio de 1640 a tempestade não amaina. A sahida de Artichofsky afasta de certo um intrigante, mas não consegue deixar « o mar tranquillo e pacifico ». Ha mil cousas a occupar a attenção e desasocego de Nassau : a expedição de Luiz Barbalho, na ponta do Touro ; a captura do Almirante Antonio da Cunha de Andrade, remetido para a Hollanda, onde se devia detel-o, por ser official destemido e prejudicial á causa hollandeza ; a chegada de presas da Bahia ; a partida, para as Indias Orientaes, de todos os ecclesiasticos, excitadores do povo contra o hollandez.

Em Setembro de 1640. Nassau ainda se agita e providencia noite e dia. A expedição de Barbalho, diz elle, em rasgo de poesia ensanguentada, desapareceu como a neve aos raios do sol ».

Quanto horror, quantas lagrimas para que uma expedição se derreta qual neve sumindo aos raios solares !

Represalia á expedição Barbalho, uma expedição hollandeza assaltou a Bahia.

Que quadro ! Vinte e sete engenhos são devastados. Só oito ficam de pé. Excepto mulheres e crianças, a população desaparece, dizimada a ferro e fogo. Se houvesse á mão a esquadra hollandeza maior seria o desforço, mais extensa a crueldade. Mal a esquadra batava se faz ao mar, aporta á Bahia outra esquadra, com dezoito náos, dous mil e quinhentos homens e o vice-rei Jorge de Mascarenhas.

Nassau sente, com prazer, chegar a época da terminação do mandato. E' a alegria do soldado vendo approximarse a época da baixa. « O clima do Brasil, a 10 de Janeiro de 1641, allega Nassau, enfraquece muito as forças humanas e não posso continuar a supportal-o ».

Peior do que a saude, andava a paciencia. A Companhia, os Estados Geraes, continuavam surdos ás vozes do conde. O peor surdo é o de ouvidos sãos e pouca vontade de ouvir.

Carecia-se da creação de um conselho vitalicio da Companhia no Brasil, conselho destinado a tratar diariamente dos negocios correntes. Não podia haver negocios sérios nem providencias amadurecidas. Os directores da Compan,

hia viviam n'um entra e sahe, cuja consequencia redudava em relaxação e balburdia.

As cartas de Nassau, segundo elle, quasi não eram lidas. Pediam-se explicações sobre certos negocios. Como resposta final se apurava que taes negocios já haviam sido resolvidos. E'a confusão elevada á altura de principio. Dous annos levava Nassau a solicitar a expedição de um regulamento sobre os engenhos.

As cartas do Conselho dos Dezenove não continham cousas serias. Tratavam de futilidades, de receitas para preservar os casacos dos soldados, da remessa de pennas de avestruz.

O Conselho despachava para o Brasil commissarios com instruções completamente oppostas ás despedidas anteriormente, commissarios leigos em allemão e em portuguez.

Na metropole apostava se para saber onde alfinetar mais Nassau. A camara de Amsterdaõ não se contentava com o alfinete. Vai ao apunhalamento da autoridade de governador, prohibindo-lhe a nomeação de capitães e altos funcçionarios, medida contra o absurdo da qual protestou Nassau.

Em Maio de 1642, o conde despachou para a Hollanda um informante seguro, destinado a mostrar officialmente á Companhia as mazellas do Brazil hollandez, o conselheiro e secretario intimo João Carlos Tolner.

Realmente, segundo Nassau, a Companhia mostrava se disposta a deixar os servidores, em Pernambuco, no regimen das solitarias, a pão e agua.

Em tres mezes remette oitenta barricas de farinha. Nas sau põe diante da Companhia o balanço da sua despesa, a 14 de Junho de 1642. Vinte e quatro barricas de carne, vinte e tres de toucinho, vinte de farinha de centeio, trinta meias-barricas da mesma, dezeseite envolveros de farinha de outra qualidade. Oito barris de vinho hespanhol, dezoito pipas do mesmo vinho, dous mil e duzentos alqueires de sal. Seis caixas de queijo, meia pipa de vinho francez, meia de aguardente, cincoenta e quatro medidas e quatorze meias medidas que se não de azeite. Tudo isso attestado pelo commissario Francisco de Swerts.

De Mauritzstad, a 24 de Setembro de 1642, declara, porém, Nassau, a despeito de toda a pequenez da grande Companhia continuar no Brazil, como governador, a pedido da referida companhia, embora reconheça que nunca o poderio hollandez esteve tão ameaçado no Brasil. Os officiaes queixavam-se, os portuguezes murmuravam. Nassau mostra-se do ridocom a ingratição do Conselho dos Dezenove. Pedia viveres, e que não se dêsse credito aos numerosos e offensivos boatos, postos em circulação na Hollanda contra a sua honra.

Mostra a mingua de viveres, as difficuldades de manter a sua cõrte e até de prover á sua mesa. Durante tres annos não se lhe pagou ordenados. Deviam-lhe 66.000 florins annuaes. Multiplicados por tres annos, representam calote de 198.000 florins.

« Fui mandado, adverte Nassau, aos Estados Geraes, a mais de duas milbas de mar. N'um paiz dilacerado pela guerra, onde não existia nem religião nem justiça, nem commercio, onde em seis annos, consegui formar um Estado regular e poderoso, resistindo a uma frota de oitenta e seis velas, com dez mil homens de tropa embarcada, conquistando Angola e o Maranhão ».

Realmente Nassau fez muito pela Companhia. Esta mais parecia um congresso de avarentos do que empreza intelligente, disposta a conservar uma colonia e a desenvolver seu ramo de negocio.

Na constancia do governo, Nassau soube não só combater, como organizar, construir e até cuidar de cousas artisticas e scientificas. Ainda hoje lhe recommendam altamente o nome. Mais o recommendam após a leitura da correspondencia de Nassau. Essa correspondencia mostra-o a debater-se entre mil difficuldades, sollicitado pelas operações do inimigo e pelas exigencias da Companhia. Esta sempre a encaral-o desconfiada, com suspeito canto de olhos, resmungona, pedindo mundos sem dar fundos. A divisa da companhia parecia ser o dito hollandez : « de rukken bedrven den mond van paard », isto é, as sacudidelas estragam a boca do cavallo.

A ultima carta de Nassau, datada de Mauritzstad, a 7 de Novembro de 1643, representa verdadeira carta de alforria.

E' a carta de adeus ao Brazil.

Nassau toma rumo da Hollanda. Pernambuco fica entregue ao desazo da Companhia. Nassau segue o seu destino, glorioso, por muito tempo. Stathalter de Clèves, em 1647, ao serviço de Brandeburgo; membro da dieta de Francfort, em 1658; embaixador de Brandeburgo, referendador de tratados importantes; feld-marechal das tropas hollandezas contra Luiz XIV, distincto em Senef; governador de Utrecht, só em 1674 Mauricio de Nassau se recolhe á vida privada. Com setenta e cinco annos de idade, a morte o vence em Berghenthal, perto de Clèves, a 20 de Dezembro de 1679.

A' luz da sua correspondencia, supuzemos evocada a vida de Nassau na antiga residencia d'elle, o actual museu de pintura de Haya, onde tantos primores exaltam á saciedade a pintura flamenga, de modo a enthusiasmar o professor Araujo Viana, tão versado em arte.

Deixemos, pois, o velho palacio de Nassau. Saiamos. Imaginamo-nos no Mauritshuis no inverno, em dia de chuva, dia escolhido de proposito para poder meditar socegradamente no museu. A parte posterior d'elle dá para a agua, para o « Vyver », grande tanque rectangular onde deslizam palmpedes, onde se reflectem as arvores do passeio do « Vyverberg ».

Fiquemos, depois de ter costeado a balaustrada, fronteira ao Museu Municipal, a passeiar pelo « Vyverberg », a contemplar de longe o velho palacio de Nassau, museu onde se

expõe, aos olhos do espirito, largo quadro da historia brasileira.

O palacio reflecte-se nas aguas do « Vyver », grande tanque, poetico, sereno e sombrio. Tanques e canaes não faltam na Hollanda. Em dia de máo humor, cousa frequente n'elle, Voltaire, cesarianamente breve, grosseiro e injusto, pretendeu definir a Hollanda. Resumio-a em tres palavras. « Hollande : canards, canailles, canaux ».

JOAO FERNANDES VIEIRA

Portuguez das ilhas, abastado senhor de engenho, Fernandes Vieira contribuiu muito para a expulsão dos Hollandezes de Pernambuco, nos meados do seculo XVII.

Documentos depositados na Bibliotheca Nacional de Pariz permitem apreciar de perto o seu papel, as suas idéas no tempo de paz, tão interessantes quanto os seus feitos de guerra.

Reposto o Brasil entre os florões coloniaes da corôa portugueza, Vieira continuou, entretanto, a ser uma das primeiras figuras da capitania. Dezoito annos após a restauração do Recife, já septuagenario, Vieira era ainda um dos servidores da metropole, um dos amigos esforçados da patria adoptiva.

Escrevia-lhe o principe regente D. Pedro, em 1572, para o incumbir de tarefa importante e onerosa. Bem mostra a continuação do seu prestigio : a fortificação do Brasil tratava-se da septentrional.

Casa roubada, trancas, á portas. Vieira podia pôr trancas, ás portas pelo impeto com que acossára os ladrões.

Não podia, porém, agir só. Carecia de auxilios e de auxiliares. Recebeu as ordens do regente. Communicou-as ao general Fernão de Souza Coutinho, ao provedor da fazenda e aos officiaes da camara. Pedio-lhes luzes, dinheiro para manter, edificar e concertar as fortificações. Alvitrou-se a decretação de imposto especial, sabido da taxa de quatro vintens por caixa de assucar da capitania, imposto ao menos de proveniencia doce. Rendia setecentos e oitenta mil réis annuos.

Os officiaes da camara decidiram reforçal-o, satisfazendo pensão equivalente á pagavel ao donatario.

Offereceram, de bom grado, esse dinheiro para o sustento das fortificações. Em moeda, tal rasgo representava tres ou quatro mil cruzados por anno. Os mesmos officiaes não ficaram n'isso. Desistiram de fóros pagos á Camara para despesas della.

Com setecentos e oitocentos mil réis, de um lado, com tres ou

quatro mil cruzados de outro, com os rendimentos eventuaes dos fóros, João Fernandes Vieira devia responder ao appello do regente, fortificando Pernambuco e as demais capitánias.

No caso de « deficit », dizia Vieira, socegando o príncipe, elle, Vieira, o suppriria com a costuma da vontade e dispndio de fazenda.

O Vauban colonial promettia ao regente, no caso de vida e tempo longos, ir fazendo as fortificações, pondo camisas ás de saibro, empregando o dinheiro ponderada e parcimoniosamente.

Habituaado ao mando, queria sómente agir sem fiscaes importunos. Pedia provisão explicita, na qual se lhe especificassem poderes bem claros de jurisdicção livre. Desejava, a seu gosto e talante, fortificar onde fosse necessario e desmanchar quanto lhe parecesse pôr embargo á fortificação. Servir-se-ia dos prestimos dos habitantes da capitania. Haviam offerecido para o trabalho escravos e bois, jungidos ao captiveiro.

Vieira respondeu ao regente que, se lhe fosse licito, fortificaria apenas na constancia de governo do general Fernão de Souza Coutinho, homem de extraordinario zelo no serviço de S. A. R.

« Se todos seguirão o seu exemplo », allegava Fernandes Vieira, « muito aumentada estaria a America, nem seria de pouca importancia se elle nella assistisse mais annos, e tomára que assi fosse para que como testemunharão verdadeyra desse noticias certas das importancias do estado. »

O regente D. Pedro não podia pôr em duvida a sobranceria com que Vieira tratava o dinheiro. Demonstrara-a de sobejo na expulsão dos hollandezes. Vieira entendia, porém, afidalgadamente, avivar a memoria do príncipe, assegurando-lhe que, na defesa do regente, sacrificaria a vida e os cabedaes, dados por Deus. Segundo as suas expressões « desde o principio que comecey a servir mostrey sempre com justificadas obras o que offereci por pallavras, só com esperanças de ter da grandeza de V. A. a satisfação de honras que de fazendas não necessito, de que dou graças a Deus, e ainda que com os postos que V. A. for servido occupar-me me dem alguns, soldos, tenho por estilo gastar-os quatrapeados no Real Serviço. » Como que se aquecendo ao calor do passado esforço guerreiro, Fernandes Vieira asseverava a D. Pedro « ainda que a disposição he de velho de 70 annos o brio he de moço para a execução do que importa ».

Vieira aceitou o encargo de fortificador « com a experiencia dos annos que assistia na America ». Mas, talvez receoso dos capitães improvisados dos salões da côrte, criticos implacaveis e censores faceis, generaes de gabinete, vencendo a ponta de lingua, observou o velho portuguez, encanecido no serviço da casa real, « eu fallo com o que sey, e co'o que vi e experimentey, e as obras são as mais certas testemunhas do que propõem ».

E' curiosa a missão de Fernandes Vieira na obra de fortificador do norte do Brasil, em 1572. Propoz em primeiro logar a fortificação de todas as barras das capitánias do Rio Grande, da Parahyba, de Pernambuco e de Itamaracá. Cuidaria depois de fortificar Olinda tornando-a « costas da praça do Recife ». Olinda desprotegida, o Recife não podia resistir. A opinião ficára bem provada na guerra hollandeza.

Em seguida, no sertão pernambucano, escolheria dous sitios, distantes dez a doze leguas do littoral. Ahi se construiriam arraies « onde o mollerio e suas fazendas se pudessem recolher em razão do gentio », no caso de guerra. Esses arraiaes seriam defendidos por homens cujos defeitos physicos lhes prohibissem o alistamento nas forças regulares.

Vieira previa novo assalto dos inimigos de Portugal. Na hypothese aconselhava o guarnecimento das fortalezas das barras, damnosas em poder dos contrarios, e a concentração das forças em Pernambuco. Abaixo de Deus, a concentração de forças na capitania pernambucana, a solidão das terras e a mingua de recursos, haviam causado a ruína a derrota dos hollandezes.

Nas suas « advertencias » ao regente D. Pedro, Fernando Vieira propunha, em caso de guerra, que o governador de Pernambuco creasse dous terços de infantaria, pondo á testa d'elles officiaes de valor e experiencia. Os dous novos terços se juntariam aos dous terços já existentes em Pernambuco, cada um delles devendo ter, mil homens, em forma.

O resto da gente valida ou se recolheria ás esquadras, ou ficaria em casa, em *désconfiado far niente*, prevenida com armas, sempre sob a vigilancia das autoridades, promptas á primeira voz.

Déssas providencias resultariam economia e prevenção. Só receberia soldo quem prestasse serviço real.

Das fileiras andava muita gente arredia e arredada. A guerra hollandeza, tempo de convulsão e indisciplinada causa a desordens, desmandos e crimes de todo o genero. Amnistia ampla e oportuna traria ao aprisco militar muita ovelha valente.

Não bastavam soldados decididos e numerosos. Reformar-se-iam os chefes velhos e enfermiços, respeitados o merecimento já aproveitado e o valor outr'ora comprovado.

Todas essas providencias beneficiariam as capitánias. N'ellas residiam muitos estrangeiros, espiões natos e informantes perigosos, uteis a seus governos e nocivos a Portugal.

Fernandes Vieira lembrava ao principe o funesto exemplo do flamengo Gaspar de Mere, de Bruxellas, marido de uma portugeza. Puzéra a Hollanda ao corrente do verdadeiro estado do Brazil. E para que o regente se não esquivasse á verdade dos factos, Fernandes Vieira mandou copia das informações ou melhor das espionagens de Mere.

Fernandes Vieira não via com bons olhos nem estrangeiros, nem « os frades capuchos barbados ». Catechisavam o gentio com muitas liberdades de linguagem. Tinham tido a ousadia de collocar as armas de França no seu recolhimento de Santo Antonio. Cumpria que os frades capuchos se retirassem, cautelosamente, por ordem do bispo, « pois elle nas suas terras tinham bem nellas que fazer », ou se estabelecessem onde não podessem prejudicar os interesses do Estado.

Se Fernandes Vieira hostiliza estrangeiros e frades, não se mostra infenso á immigração, preconizando a açoriana e até desejando a vinda para o Brasil de dous mil casaes das ilhas dos Açores. Todos os navios que largassem desse archipelago trariam oito a dez casaes livres, de fretes, sobretudo casaes de pessoas do campo, podendo vir de Portugal gente d'essa especie e até levas de degradados, salvo os degradados por crimes infamantes. Não bastava povoar as capitánias. Era mistér defendel-as. Tinham balas de artilharia. Estavam providas de pólvora e chumbo. Assim, a capitania de Rio Grande do Norte possuía uma fortaleza toda de cantaria e aboboda, com grossa artilharia, mas de que servia? A fortaleza achava-se em estado miseravel, sem apetrechos bellicos, guarnecida por vinte soldados, quando necessitava de capitão experiente e, pelo menos, de cem homens. Melhor seria que tal capitão viesse de Portugal, assistido por um alferes e por um sargento e vinte soldados, que na fortaleza encontrariam alojamentos vastos, máo grado a ruina da fortificação, cujo concerto orçava por cinco ou seis mil cruzados.

Fernandes Vieira conhecia bem o forte do Cabedello, na capitania da Parahyba, inexpugnavel apezar de ser feito de saibro, com estacada, parapeito reforçado e sete baluartes onde outr'ora Vieira collocára trinta e nove peças de grossa artilharia. O forte era fechado por fortificada, porta bem tinha munição. Um commandante com oitenta soldados bastavam para guarnecel-o.

Em frente ao Cabedello ficava outro forte, chamado da Restinga, na ponta de uma ilha. Era de grande importancia, pela posição. Ahi ficariam treze peças de artilharia grossa com uma companhia de guarnição.

Na capitania de Itamaracá, annexa á de Pernambuco, existia uma fortaleza, na barra chamada Orange, fortaleza cujo concerto Fernandes Vieira iniciou, carecendo apenas de mais sessenta homens para lhe reforçar a guarnição. Commandava-a João Cardoso Pinheiro, valente, posto no cargo por uma provisão do conde de Obidos, com quarenta e dois annos de « grandiosos serviços », e perfeitamente apto a defender a fortaleza, embora já não muito capaz de campanhas.

O principe regente podia e devia recompensar os sacrificios de vida e fazenda dos nobres de Pernambuco assim

como lisongear Olinda e os moradores da terra, dando algumas mercês aos nobres, os fóros de cidade á villa de Olinda, com os privilegios concedidos por D. João IV em 1640 e a preferencia aos filhos dos moradores nos beneficios ecclesiasticos, nos officios e logares de justiça. « Com isso se animarão os homens, dizia Vieira, accrescentando as vontades do que até aqui fizeram ; eu fallo neste particular como juiz desta balança e com a experiencia do que vi. »

Deixar serviços constantes na penumbra é sempre fonte de injustiça presente e jorro de futuros desagradados. Vieira o reconhece e pugna por esquecido militar da praça de Pernambuco, o coronel Antonio Jacome Bezerra, com quarenta annos de carreira, servindo sem soldo na occasião, taxado por alguns de curto de vista, mas, accrescenta Vieira, « vendo muito bem no coração », amado pela infantaria, homem de consideração, merecida por elle e dispensada por todos. Seria excellente mestre de campo e conviria lembrallo para o posto.

Vieira aconselha ao regente a substituição dos sargentos-móres dos terços de Pernambuco por soldados com experiencia das cousas de guerra e da administração da infantaria. Dispensar porém, os commandantes dos terços, incapazes por molestia, não importava em despedil-os com rudeza e deshumanidade. Podiam lhe ser dadas outras mercês, que reclamassem menos esforço.

A bem entendida concessão de graças e postos, graças aos homens dignos e postos aos capazes, satisfaria a todos « porque os homes com os postos se contentão com aquillo que ouvér, e com a boa disposição dos governos tudo se acomoda e todos vivem ».

No animo de Vieira abrigavam-se sentimentos de justiça, de rectidão. Esse coração, quando era preciso, mostrava-se duro e energico. O gentio não lhe merecia pena, nem resguardos. Considerava o gentio vermelho « uma praga », e indicava varios meios de diminuil-a. Opinava de preferencia pelos grandes remedios applicaveis aos grandes males, isto é, pela matança de todos os indios, « pelos grandes dannonos que tem feyto á Igreja de Deus e ás honras das donzellas, em companhia dos flamengos ».

Não escapavam sobretudo a Vieira os inconvenientes de um governo unico, distante, para acudir ás necessidades dos povos em paiz tão extenso como o Brazil. Entendia que « quatro governos grandes » melhor governariam já nas armas, já na justiça, devendo os governadores correr os districtos, vendo e ouvindo por si mesmos, auxiliados por um bispo, este para pôr cobro ás liberdades existentes.

Vieira desejava quatro governadores, quatro bispos e tambem quatro juizes formados, rectos, encaminhando as appellações para Lisboa e repartindo-se os desembargadores da relação da Bahia pelos quatro governos.

Do Grão Pará ao Camorim, junto ao Ceará Grande, ima-

ginava Fernandes Vieira um governo de mais de quatrocentas leguas. Do Ceará Grande ao rio S. Francisco estender-se-i dilatado governo com mais de trezentas e cincoenta leguas pela costa. Do S. Francisco ao Espirito Santo haveria outro governo, Do Espirito Santo a Montevidéo outro governo « e os governos por esses estillos poderão administrar melhor ». Segundo Vieira a emulação se estabeleceria. Cada um dos quatro governos procuraria avantajar-se.

Cada um teria um governador, um ou dous mestres de campo, conforme a necessidade, um bispo, um desembargador, cabeça de justiça, um provedor de fazenda. Todos esses funcionarios formariam um grande conselho para a ave riguação das cousas de mais vulto para o Estado, sendo de conveniência que os governadores fossem moradores na terra. As frotas partiriam cada uma de seu porto, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, sem dependencia reciproca. Zarpariam para o reino, de Fevereiro em diante, sahindo do Brasil levando safra e meia, dando aos moradores maior campo de acção para negocios, ao contrario do occorrido no inverno.

Fernandes Vieira entendia que todas essas idéas eram uteis ao serviço de Deus e de Sua Alteza. Habitava o Brazil havia quarenta e dous annos. N'esse lapso de tempo vira as cousas da terra « varias e sem socego pellas grandes distancias e pello pouco respeyto que avia nas administrações de todos os estados ».

Todas essas « advertencias » dadas por João Fernandes Vieira ao Principe Regente Dom Pedro permitem desenhar com traços firmes o perfil do « independente » de seculo XVII.

Vieira era, em 1572, velho, septuagenario. Os dias, pelo caminho da vida, já lhe chegavam proximos aos marcos da morte. Ainda prestava serviços, gozava de prestigio, aconselhava principes, agia e ordenava. Folheando a experiencia, pensava no bem geral. Fallava, á vezes, com ironia sisuda e sempre com orgulho mal disfarçado. Tinha consciencia do seu papel, dos seus serviços. Chegava-se ao throno portuguez com a sinistra nos copos da espada e a dextra na haste da penna.

Escrevia como quem sabia que palavras se affirmam no campo de batalha, com o peso dos golpes e a responsabilidade das coragens. Quando tratava de um assumpto, punha á margem o commentario pessoal e historico. Estrangeiro, advertia o principe acerca dos estrangeiros espiões, com curioso jacobinismo militar. Illustrava os avisos com os feitos de Mãe. Desejava que o Estado pujesse os cuidados de molho por ter visto arder outr'ora as imprevidencias.

Tambem na cõrte « as cartas e os papeis de João Fernandes Vieira pareciam dignos de grande ponderação ». Examinavamos Francisco Corrêa de Lacerda, secretario de Estado, transmittindo-os ao Duque de Cadaval para mostral-os este ao principe regente antes da descida de taes missivas e docu

mentos ao Conselho. Assim, desejava o secretario Lacerda, escrevendo a Cadaval, no dia do fallecimento repentino do marquez de Tavora, a 26 de Novembro de 1672, em sua quinta. « He totalmente necessaria a presença de V. S. (no Conselho) para nelle se verem e se fazer consulta distincta sobre cada um dos pontos tratados por Vieira. »

Este, alvo de taes honras, revelou-se em todas as suas advertencias, homem de tino, de trabalho, amigo dos olvidados dos desprestigiados, a envelhecerem pagãos por falta de pa drinhos. Feição sympathica e tanto mais para assignalr quanto Vieira já não era moço. Em geral, onde o egoismo melhor se enxerta é na velhice, sobretudo na velhice farta de gloria ou de gozos materiaes. Vieira tinha nomeada, riqueza e conhecimento dos homens. O largo conhecimento d'este acaba embotando a generosidade. E' achado pugnando pela promoção de militares esquecidos na America Portugueza, como Cardoso Pinheiro e Jacome Bezerra, pela reforma equitativa e branda de quantos não estivessem mais em condições de prestar serviços. Vieira bem sabe como se levam os homens, como se os estimula, pondo a dansar, alto na ponta do fio, as honras e os postos para que os alcancem os saltos da vaidade, que, bem explorada, tantos serviços presta a todas as cousas.

Fernandes Vieira tem horas de crueldade, quando pensa no gentio, mas pensa a respeito dos indios com uma sociedade colonial em peso. Só os Nobregas, os Anchieta cindaram d'elles modo diverso. E não lhes faltaram, por isso, dissabores.

Vieira acompanhou nesse ponto as idéas do tempo. Eram más, odiosas, mas não havia outros. Nem todos podem ou querem ser precursores ou martyres.

E' justa a advertencia de Napoleão III, escrevendo, como pretendente vencido, atrás das grades da prisão de Ham : « caminhae á testa das idéas de vosso tempo, vos sustentarão ; caminhae atrás dellas, vos arrastarão ; caminhae de encontro a ellas, vos derrubarão ».

EM PROL DE THOMAZ GONZAGA

Que lindo dia raiou sobre Pariz ! Como o sól entra bem pela Cidade — Luz. E' a primavéra, a estação elegante da natureza. Toda a gente fina, a gente que se preza, o escól, a nata social, está com certeza no Bois de Boulogne. A rodar em carruagens ou em automoveis, enquanto a gente que ella despreza, o povo miudo, contempla os mimosos da fortuna e sonha com algumas bombas de dynamite, justiceiras e niveladoras.

Nos Campos Elysios, no fundo dos quaes o Arco de Triunpho diz a gloria de Napoleão ao céu azul, a multidão humana sóbe e desce, passeiando, conversando, rindo, divertindo-se, descontando sessente minutos de alegria no labor das vinte e quatro horas de cada dia.

As arvores já se fardaram de folhas para a festa em grande gala da primavera. Os gramados receberam a pintura delicada e fresca da vegetação nova.

Do lado da Concordia, e de sua famosa praça, o Sena desce para o repouso dos rios, no leito e nos lençóes do oceano.

Os *bateaux parisiens* seguem para o lado de Auteuil, de Charenton e de Suresnes atopetados de passageiros. Cruzam com innumerados rebocadores e saveiros Sena acima ou Sena abaixo, transportam milhares de francos em milhares de mercadorias.

Pariz recreia-se, Pariz labuta.

Desviemos-nos um pouco do centro da grande capital. Desencaminhemos o espirito e o passo da turba-multa.

Em busca de freguezes, desliza um carro de praça, de rodas de borracha, o cocheiro de cartola de oleado branco quasi a dormir na boléa.

Acode a nosso chamado. Transporta-nos á praça dos Vosgos, um d'esses recantos do velho Pariz que mais fallam do passado, atestando as memorias de tudo quanto legaram os seculos XVII e XVIII.

Deliciosa praça dos Vosgos. Como nos distancia do horrendo Pariz das casas myriandaricas, dos « arranha-céos »

que tanto lucro concedem aos capitaes e tantas offensas dirigem á esthetica.

E's tranquilla, patriarchal, deliciosa praça dos Vosgos, com o teu jardim onde Luiz XIII a cavallo mal consegue distinguir o papear da criançada dos assobios dos pardaes. Nos angulos do jardim jorram fontes onde a agua, o seu conversar mysterioso e fresco se junta á criança que corre e ao passaro que vôa.

Ao redor da praça só ha casas dos seculos XVII e XVIII, com arcarias e tectos altos, a lembrar o constructor d'ellas, esse Henrique IV que escapou ás espadas para morrer a ponta de faca.

Todas essas casas significam alguma cousa. Uma é o *hôtel* de Richelieu; n'outra nasceu Madame de Sevigné, a escriptora que confiou fama ao papel de cartas; n'outra morreu Rachel, a tragica que confiou fama aos papeis de theatro.

N'uma dessas casas da praça dos Vosgos, no *ex-hôtel* do Marechal de Lavardin, está estabelecido um museu, o museu Victor Hugo.

Ahi, durante quinze annos, habitou o poeta da *Legenda dos Seculos*, em cujo peito, no seculo preterito, a poesia e a prosa bateram os seus melhores alentos.

Ahi escreveu muitas obras immortaes. Soltou para a França e para o mundo as azas divinas dos versos, os vôos sublimes de sua prosa.

No segundo andar da casa, de 1833 a 1848, durante o reinado de Luiz Felipe, Victor Hugo, batendo de palavras e de argumentos, nas luctas da politica, não previo de certo os dias do exilio, os annos da lucta com Napoleão III, a pugna do alexandrino contre o sceptro, de Guernesey contra Tulherias.

Hoje o prédio pertence á edilidade pariziense. Comprou-a para transformal-a na *Casa de Victor Hugo*.

Depois de ter adquirido bilhete de entrada com um cerbero-porteiro, que, pelo desagrado do trato, bem se vê pertencer á fauna dos guardas de museu, vamos percorrer o edificio.

Do vestibulo ao ultimo andar, que é o terceiro, reina Victor Hugo. Bustos, desenhos, livros, cadeiras, bancos, faianças, photographias, tudo, tudo é elle!

Aqui o leito de morte do poeta. Alli a sua penna. Mais longe o seu tinteiro. Adiante o seu escriptorio, a lembrar o dos guarda-livros. N'uma vidraça, cabellos do poeta em diferentes idades, desde o ouro das madeixas infantis á prata das cans. N'outra vidraça a moldagem das mãos do cantor das *Contemplações*, tambem em varias idades.

N'uma sala existe o museu popular. N'elle se reúnem todas as especies de glorificações de Victor Hugo: lenços com retratos, copos, cachimbos, garrafas, vidros de perfumaria, dezenas e dezenas de objectos representando o poeta, ás vezes de modo rustico e pathetico.

O povo, a patria juntaram todos os momentos, todos os aspectos, até materiaes da existencia longa e gloriosa do genio ao qual a poesia lyrica deve muitos dos seus mais melodiosos sons.

Na casa da praça dos Vosgos, Victor Hugo e a França parecem conversar só por só.

Resigne-se agora o leitor a deixar Pariz. Vamos a Londres, cidade onde a opulencia e a miseria se erguem á mesma altura. Tão felizmente o exprimio formoso e anti-thetico decassyllabo de Luiz Guimarães quando disse :

Oh ! millionaria Londres indigente !

D'esta vez o tempo está feio. Chove. E' melo-dia. A noite já parece perto. O vento varre as alturas. As lufadas exprimem coleras por não poder enxotar tanta nuvem.

Em Trafalgar-Square ha um handsom, carrinho com dous lugares, primo-irmão do nosso tilbury, ficando o cocheiro na parte trazeira e guiando o quadrupede sobre a cabeça dos bipedes.

Por alguns *shillings* com a effigie de Victoria, Eduardo VII ou Jorge V (pouco importa, o cocheiro não faz questão da effigie do soberano), o homem vai levar-nos, através de Londres enlameado, de Londres tristonho, de Londres chuvoso, até Chelsea, antiga aldeia engolida pela capital britannica.

Que enorme edificio o vehiculo costeia neste momento ? Um asylo, o *Chelsea Hospital*, para os veteranos e militares invalidos do exercito inglez e, onde cerca de oitenta mil soldados inutilizados, vêm diariamente buscar dinheirinhos para comer.

Que são estas arvores viçosas emperladas de chuva, de cujos ramos o vento quer fazer petéca ? Ah ! isso é o *Botanical Garden of Chelsea*.

Continuemos, costeando *Cheyne Wolk* entrando em *Cheyne Row*. Estamos em *Cheyne Row* ? Ah ! bem. Apeiemos, e, para obsequiar o cocheiro entreguemos-lhe alguns *pence*. Vai reduzir-*os* a *gin* n'alguma taverna proxima, emquanto o cavallo fica sob a guarda de um fedelho, á espera que o *gin* escorregue pela guela do beberrão.

Vamos á casa de Carlyle, uma das curiosidades de *Cheyne Row*. N'ella, assignalada hoje pelo n. 24, quando o era outr'ora pelo n. 5, encontra-se cuidado, venerado, tudo quanto pertenceu a Carlyle. O seu pensamento celebre illustrou essa residencia, de 1834 a 1881. Quarenta e sete annos ! E' quasi o verso de Sainte-Beuve :

« Nacer, viver, morrer, sempre na mesma casa. »

No n. 21 de *Cheyne Row* desenrolou-se o maravilhoso fio da idéa de Carlyle até o dia em que a mão da morte, costumeira na tarefa, o rompeu de chofre.

Livros, manuscriptos, moveis, tudo parece esperar apenas a volta do dono da casa.

Sumio-se agora *Cheyne Row*. Como estamos longe. Que lingua fallam ao redor de nós? Alemão.

Achamo-nos em Bonn, a pouca distancia de Colonia. Em Colonia tomamos o barco a vapor, e, pelo Rheno, alcançamos Bonn. Se andamos em busca de casas illustres, não podemos deixar de vir a Bonn visitar a casa de Beethoven, o predio onde nasceu o musico surdo que tantas harmonias sublimes nos fez ouvir.

Como tudo é interessante n'essa casa! Como a gente se absorve na contemplação dos originaes onde a penna de Beethoven deixou impressos para a humanidade os sons mais divinos que a terra jamais escutou!

E o aposento vasio, caiado, quasi uma agua furtada, apenas tendo ao centro uma columna e sobre ella o busto de Beethoven, que aposento é esse?

N'elle nasceu Beethoven estupendo reunidor de sons, o poeta em notas da *Symphonia Pastoral*, o elegiaco da *Sonata Pathetica*. E, quasi respeitoso por instincto, o visitante recua. Não ousa penetrar nesse recinto sagrado outr'ora pelas dôres de uma mulher, consagrado hoje pela gloria do recém-nascido de então.

Agora, leitor amigo, estamos no Brazil, paiz novo onde a tradição deve ser cultivada com o carinho dado ás plantas raras e melindrosas nas estufas.

Longe ficaram a França, a Inglaterra, a Allemanha. Separa-as de nós a faixa azul do Atlantico.

Estamos em Minas, em Ouro Preto, diante de uma casa defronte da qual estaciona muita gente.

Gente armada, armada de lapis e de trenas. Examina, discute e toma notas.

São engenheiros e operarios. Dispõem-se a deltar abaixo a casa.

Pois deixal-os cumprir a sua obrigação. Cumprir a obrigação? Sim, ganham aquelle pão nosso que deve ser de cada dia.

— Mas que casa é essa, tão preciosa? A quem pertence?

— Ao governo da União brasileira.

— Cada um dispõe do que lhe cabe.

— Nem sempre.

— Nem sempre?...

— Tal e qual. Imagine que o predio a derrubar é a casa de Thomaz Gonzaga, o amante ideal de Marilia, o infidente, o homem que conheceu o tormento de amar e o supplicio do carcere, unindo-os na mesma epoca, noivo e réo-depois de haver sido namorado e juiz.

— E para que derrubar esse predio?

— O Governo Federal carece vendel-o. A hasta publica decretou-se para auxilio de necessitados. Gonzaga escapou da forca. O dono da casa d'elle está enforcado.

Dentro de breves dias, o arrematante disporá do predio. Onde outr'ora se via toda a gente de intelligencia e de pres-

tigio de Villa Rica, onde a Arcadia Mineira ajuntou versos e glorias, onde a Inconfidencia reuniu planos, onde discretearam Gonzaga, Claudio, Alverenga Peixoto, será installado o escriptorio de uma fabrica de sabão e velas.

Pobre Dirceu ! Tinha e tem por destino ser esquecido. Desamparou-o Marilla, desampara-o agora o proprio tecto em que abrigou dias felizes e semanas sombrias, tecto sob o qual dormiram sonhos ao halitodos amores.

Uma subscrição publica, se não uma compra do Estado de Minas, deveria proteger para sempre esse predio, arredar d'elle os avanços do prosaismo e do descaso pela tradição.

Debaixo d'essas telhas que o Governo Federal quer passar adiante, acordou o estro de Gonzaga. Cantou a mulher amada. Afastando os véos do sonho, véos de noiva espiritual, tão virginaes quanto os da desposada, suspirou pela paternidade, pelo amor já carne, pelo desejo já sangue.

*« Que gosto não terá a esposa amante,
Quando dêr ao filinho o peito brando
E reflectir então no seu semblante !
Quando, Marilia, quando,
Disser comsigo: « E' esta
Do teu querido pai a mesma barba,
A mesma boca e testa.*

*Que gosto não terá a mãe que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Do innocente filhinho !
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la. »*

Que vale, porém, tudo isso? O governo colonial, para se defender, mandou arrazar a casa de Tiradentes. O governo republicano, para não se aborrecer, bem pôde arrazar a de Gonzaga. E' a igualdade topographica na differença dos meios historicos.

A CASA DE THOMAZ GONZAGA

Dignou-se Affonso Celso, membro da Academia de Letras e n'ella occupante da cadeira Theophilo Dias, apresentar-lhe uma indicação tendente a preservar da hasta publica o predio da rua do Ouvidor, em Ouro Preto, onde residio Thomaz Gonzaga. Declarou basear-se no artigo que, em prol do grande lyrico, tive a honra de escrever no *Jornal do Commercio* de 19 de Outubro de 1912.

A Academia, ouvidas as ponderações de Affonso Celso, mineiro ouropretano, resolveu nomear uma commissão afim de entender-se com o Governo federal e pedir-lhe para sustar a referida hasta publica.

A commissão academica dirigio-se ao ministerio da Fazenda. Ahi foi attendida, com ampla boa vontade, pelo titular da pasta, o dr. Francisco Salles. Honras lhe sejam dadas, não só pela terra mineira como por quantos prezam a tradição, ante-camara da historia.

O perigo maior passou. O pregão de venda não soará, pelo menos tão cedo.

Trata-se agora de saber como utilizar a casa. As sentenças avultando onde ha cabeças, não têm faltado alvitres, aliás, bom signal, signal de interesse.

Sobretudo na completa e minuciosa secção d'*O Paiz* — o Paiz em Minas — se registam quasi diariamente taes alvitres. Opinam uns pela installação na casa historica do museu da Escola de Minas; outros pelo alojamento de uma agencia telegraphica ou postal; ainda outros pela fundação de um grupo escolar. Com certeza muitos suggerem idéas que não posso conhecer, por não dispôr do dôte concedido a innumerables semelhantes meus: a omnisciencia.

Embora com o protesto das companhias de gaz, dizem da discussão nasce a luz. No attrito de tantas idéas patrioticas com certeza se está polindo a idéa vencedora.

Oxalá respeite a integridade da casa de Gonzaga e não a destrua por completo a ancia da homenagem.

No Rio de Janeiro, onde se cogita de arrazar o morro do Castello, atirando-o esfarelado ás aguas da lagõa Rodrigo de Freitas, chupada por tanta terra, já se pensou em render um preito de saudade e de apreço ao barão do Rio Branco fundando um grupo escolar na casa da travessa do Senado onde nasceu o ministro das Relações Exteriores, vencedor do *record* da longevidade ministerial brasileira.

Propoz-se a aquisição do predio onde nasceu Rio Branco. Derribar-se-ia a casa historica. Comprar-se-iam mais duas ou tres casas visinhas. Construir-se-ia em largo terreno uma escola-modelo.

Que teria tal terreno com o acontecimento a perpetuar? Conviria pôr a casa em cacos para descobrir melhor a olhos posterios o berço abrigado outr'ora nas paredes da antiga residencia do visconde do Rio Branco?

O que se procura nos paizes policiados é manter tal e qual, recorrendo a verdadeiras proezas de conservação, quanto se refere materialmente a personagens illustres, mesmo os réos perante a historia.

Assim, em Edimburgo, no velhissimo palacio de Holyrood, tudo quanto pertenceu a Maria Stuart, a habitante d'elle, se encontra resguardado do tempo e da sua roedora obra, com cuidado commovedor.

De certo, nenhum dos habitantes actuaes da capital escossez conheceu Maria Stuart. Entretanto aos domingos emprenhem verdadeiras romarias aos sitios melancolicos onde existio, amou criminosamente, e padeceu a rainha da Escossia, antes de França.

Na propria Edimburgo, o estrangeiro vê guardada com respeito a casa de Knox, o prégador da Reforma escosseza. Na propria Escossia, horas interessantes se consagram, lições inolvidaveis se recebem na visita á casa de Walter Scott, o sublime creador de tanta humanidade ficticia, semelhante á verdadeira.

Que falta a taes sitios? Apenas os donos.

Proveitoso, indispensavel será em Minas conservar a casa de Gonzaga, como a deixaram o tempo e as modificações com certeza já soffridas.

Não a conheço, mas se apresenta feitio colonial não se a retoque até lhe apagar o character. Todas as cousas não só têm lagrimas, conforme adverte o classico latino, como face inconfundivel.

Recordei, em artigo de 19 de Outubro, nas columnas do *Jornal*, a veneração tributada na França, na Inglaterra e na Allemanha ás casas de Victor Hugo, de Carlyle e de Beethoven, arranjadas de modo a dar ao visitante a idéa perfeita do antigo e caracteristico aspecto.

Na residencia de Gonzaga, recorrendo á memoria e aos conhecimentos dos tradicionalistas mineiros, não seria difficil reconstruir o scenario do seculo XVIII, quando Dirceu esperava pelo dia do casamento com Marilia, nas serranias

de Ouro Preto, bem longe dos areaes africanos onde a sorte lhe preparava comtudo outro noivado, tecendo-o na fatalidade.

O Museu da Inconfidencia talvez possa ser formado sem grande trabalho. E' divida de razão do Estado de Minas Como bem disse Antonio Vieira, n'uma pratica pregada na profissão da filha do duque de Medina Sidonia, as dividas da razão não hão de esperar pelos vagares do tempo.

Recentemente ainda o Dr. Thomaz Brandão, reitor do Gymnasio Mineiro, e, creio, aparentado com Marilia, offereceu ao Instituto Historico do Estado um quadrinho autentico, devido á noiva de Gonzaga. Lavrado a retroz de muitas côres foi executado em 1793, anno em que Dirceu já estava em Africa. Representa um extase de Santo Alberto, bispo de Liège, assassinado por ordens imperiaes.

Offertas semelhantes ás do Dr. Thomaz Brandão com certeza serão possiveis no vasto territorio mineiro, e, dentro de pouco tempo, graças a ellas, o Museu da Inconfidencia estará organizado.

Se a idéa parece desmarcada, poder-se-á reduzi-la, estabelecendo-se apenas o Museu Gonzaga, no qual figurará com vantagem o quadrinho de Marilia.

Cumpre é não tratar de resto objectos dignos de veneração e piedoso mimo.

Saibam os povos europeus, tão ufanos de civilização da qual se consideram, ás vezes bem injustamente, a melhor flor, que cuidamos do passado, de tudo quanto marcou o nosso caminho na existencia do seculo XVI em diante.

Basta de expôr nos grandes museus da Europa artefactos indigenas e africanos, contra-propaganda de primeira ordem ao lado de dispendios sem conta para acreditar nossos productos, não raro por processos hilariantes.

Nas collecções ethnographicas as mais longinquoas, como por exemplo, no excellente Museu Nacional de Copenhague, o pobre Brazil está representada por bonecos de arco e flecha, junto dos quaes só falta meia duzia de alentadas cobras para compendiar os nossos quatro seculos de vida.

D'ahi, conclusões erroneas e juizos falsos. Quanta desidia; quanto anti-patriotismo !

Que idéa formariamos dos francezes se os vissemos representados eternamente em todos os museus ethnographicos por gaulezes, apenas trajados com armas primitivas e bastos bigodes cahidos á Vercingetorix ?

Os nossos museus, ou os que taes se cognominam, são pauperrimos e, quanto á historia, nada significam.

Haverá quem sorria do quadrinho de Marilia. Entretanto, os museus na Europa estão cheios de recordações interessantes de sujeitos illustres, de objectos que lhes pertenceram, não raro de uso diario, de significação material bem grosseira.

Linneu, o celebre sueco cuja classificação botanica organizou para as batalhas sem lagrimas da sciencia o exercito das plantas, não bebia cerveja em pequenina e finissima taça de crystal, sonora ao menor toque.

Saboreava-a em formidoloso *bock*, religiosamente conservado no Museu Nacional de Stockolmo, quasi junto do bastão de commando de Gustavo Adolpho na peleja de Lutzen, na qual perdeu a vida, na guerra dos Trinta Annos, por effeito da myopia.

Por todos os museus da Europa afóra quantas lembranças ha, recordando largos periodos historicos.

Nos Invalidos, em Paris, acha-se a bala ceifadora da existencia, mas não da fama de Turenne, em Salsbach, em 1675.

De Napoleão encontram-se dezenas e dezenas de recordações, no Museu Historico do Exercito dos Invalidos, desde a famosa « redingote grise » até o banco de jardim onde se sentava em Santa Helena, na meditação profunda das vastidões de sua gloria e das immensidades de sua desgraça.

No *Royal Naval Museum* de Greenwich se expõem as fardas, as condecorações daquelle Nelson que, em Trafalgar, felizmente para a Inglaterra, levou dentro no peito o escudo da victoria.

E para encerrar exemplos que encheriam paginas fortificando afirmações, mas aborrecendo o leitor, no Museu do Norte, de Stockolmo, n'uma grande vidraça no centro de vasta sala, exibem desbotado traje de mascaras de setim branco. Trazia-o Gustavo III, assassinado no Grande Theatro de Stockolmo, na noite de 15 de Março de 1792, quando se dispunha, de parceria com a Russia e a Austria, a emprehender a cruzada para libertar Luiz XVI do amplexo asphyxiante da Revolução Franceza.

Não podemos de certo pretender, na possivel formação de nossos museus historicos, fartas liberalidades monetarias. Não podemos contar com a offerta de casa esthetica como a de Leighton na capital da Grã-Bretanha.

Lord Leighton, o pintor inglez fallecido em 1896, morava em Londres, perto do palacio de Holland House, em casa confortavel e originalissima.

N'ella se acha uma sala arabe, ornada de falança oriental e de esculpturas mouriscas, com repuxo ao centro, verdadeiro primor.

Quando se penetra nesse *arab hall* pelo corredor propossalmente escuro, se recebe impressão inolvidavel de paz, de frescura, quasi de esquecimento do mundo. E' delicioso.

Compreende-se facilmente que longas, preciosas e scismarentas horas devia ter passado n'ella o artista, emquanto a meia-luz banhava de sombra, indecisão e sonho as faainças e as esculpturas, e o repuxo espirrava na penumbra, em cantiga de gottas na toalha da bacia de cimento.

Quando morreu lord Leighton, lord porque ão parlamento

inglez os artistas e os sabios têm assento e honras como classe privilegiada, as irmãs delle Leighton offereceram a casa fraterna á nação ingleza. Esta aceitou-a e conservou com apuro digno de imitação.

Que não despenderia em dollars a America do Norte, o duende dos amigos da arte nos mercados artisticos europeus, para ter a casa de Leighton, cheia das recordações do grande pintor, desde os mais confusos e insignificantes esboços até os quadros de vulto, como Clytemestre aguardando em Argos a volta de Agamemnon.

Não poderia o Estado de Minas gastar alguns contos de réis para a casa de Gonzaga, do poeta insigne da Escola Mineira, que tão alto representou o Ivrismo no Brazil?

*« Não foram, Villa Rica, os meus projectos
Metter em ferreo cofre copia d'ouro
Que farte aos filhos e que chegue aos netos.*

*Outras são as fortunas que me agouro ;
Ganhei saudades, acquiri affectos ;
Vou fazer destes bens melhor thesouro. »*

Assim cantava Gonzaga.

Nem sempre convem aos Estados como aos particulares :

*Metter em ferreo cofre copia d'ouro
Que farte aos filhos e que chegue aos netos.*

A gloria tambem possui valor monetario. Espalha-la, ou pelo menos conservá-la, é despeza reproductiva.

Deixe Minas que o tempo e os homens praticos lhe desmornem os monumentos e lhe raspem as tradições. Verá se não lhe baixa immediatamente o nivel do civismo. D'este já deu robustas provas. Entre ellas, nenhuma mais formosa mais meritoria, do que o asylo concedido aos perseguidos por odiosas vinganças e mesquinhas suspeitas no tempo da revolta de 6 de Setembro.

Minas mudou-lhes a condição de amargosa em socegada. Nenhum dos que procurou abrigo no nemoroso e clemente Estado padeceu damno.

Estenda agora Minas o manto da generosidade sobre a memoria de Gonzaga, d'esse ouvidor escutado emquanto houver lingua portugueza, emquanto n'esta desabrochem amores e padeçam amantes.

*« Julgando os crimes nunca os votos dava
Mais duro ou pio do que a lei pedia.
Mas, devendo salvar ao justo, ria
E devendo punir ao réo, chorava. »*

São versos de Dirceu.

Não, Dirceu, o que te salvará do olvido não será a tua justiça, risouha ao salvar o justo e chorosa ao punir o réo.

A tua salvaguarda contra o esquecimento é o amor, risonho ao approximar-te de Marília, choroso ao distanciar-te da amada.

N'essa casa de Ouro Preto pensaste n'ella, nos seus dezoito annos, rosas de mocidade transplantadas para o jardim de teus versos. Enquanto isso os destinos teciam não o véo branco com a qual deviam envolver as apaixonadas curiosidades de dous noivos, mas o escurissimo véo com o qual iam interceptar o teu casamento, e por, fim, lá longe, em Moçambique, a tua propria razão.

Foi n'essa casa de Ouro Preto, onde breve talvez distribuam cartas, despachem telegrammas ou instruem crianças que, distrahindo ouvidos de idyllios, percebeste os segredos da Inconfidencia, tão publicos pela leviandade de seus membros.

Em Ouro Preto para sempre dormirá a tua lembrança. Imponderavel e presente, preciosa e cara, aromatica e doce, encerrada num jazigo de saudade, a cuja porta, de dedo nos labios, velarão, luminosos e compassivos, os dous numes gêmeos, a poesia e o amor.

PEDRO I E JOSÉ BONIFACIO

E' empreza de muitos divorciar da gloria commum de Sete de Setembro estes dous homens eminentes, attribuindo toda a magnitude do feito ao segundo d'elles com offensa dupla á historia e á justiça.

O proprio José Bonifacio, ouvido no pleito, recusaria a honra singular. Reclamaría a de haver coadjuvado D. Pedro I, honra que em nada lhe amesquinha os serviços á nação brasileira.

A perspicacia de José Bonifacio foi a lamina. A decisão e a coragem de Pedro I foram os copos do montante. Com todos o Brazil vibrou em Portugal o golpe fundo da separação definitiva.

Expôr apenas a lamina á admiração dos vindouros equivaie a mutilar a arma, truncando a historia.

Se os reis pudessem ser estudados pela cosmographia, D. Pedro I seria o rei cometa, mudando a cada momento de posição na esphera terrestre em relação aos acontecimentos fixos, mas diferindo dos outros individuos da especie pelo aspecto e sempre pelo movimento.

Nem ha a estranhar a necessidade de locomoção continua de D. Pedro II ante a de D. Pedro I. O atavismo é o fio invisível e resistente dos individuos no collar das gerações.

No sujeito humano, em geral, ha o desdobramento, para peor ou para melhor, das qualidades e dos senões paternos ou maternos.

D. Carlota Joaquina afastou nuistas vezes o esposo do thalamo conjugal; a natureza, com traços supremos, característicos, inconfundíveis separou D. Pedro I de D. João VI, accentuando a antipathia de D. Carlota Joaquina pelo marido e pelo socio de corôa.

Em D. Pedro I o sangue hespanhol, aquecido pelo sol violento da peninsula, ferveu arrastando no rubro curso pacatos globulos de sangue portuguez.

Nascido em Queluz, bem perto de Lisboa, D. Pedro criança educou o sentido da audição aos formidaveis ecos da Revolução franceza.

Creceu entre o absolutismo a esboroar-se e a discordia dos pais que se accentuava, cabidos os corações, pedaço a pedaço, nas lutas palacianas, traduzidas ás vezes na flôr do sorriso ou no espinho da allusão ferina.

Ninguém lhe ensinou a amar em linha recta, a amar ostensivamente cousas legitimas e pessoas licitas.

A mocidade acicata-o. Impelle-o ás aventuras, favorecidas não raro por quantos tinham o direito e o dever de impedilas.

A ociosidade e a mingua de instrucção precipitam-lhe os desejos para esse mundo, esse diabo e essa carne nivelados pela Igreja como inimigos d'alma.

Emquanto D. Pedro se diverte em Lisboa, Napoleão aborrece a Europa e por fim Portugal. Despacha-lhe Junot, para riscar o velho reino lusitano do mappa das nações.

A côrte bragantina colloca entre a fraqueza de resistencia e a audacia do invasor a muralha novel do oceano. A este, alargando a historia, confia a sorte como Cesar entregara á propria as minguadas aguas do Rubicon.

No exódo monarchico, D. Pedro foi incluído e tornou-se delle, por força da posição, uma das primeiras figuras. Acompanhou sobre o oceano e na penosa travessia de então, a avó, de espirito evaporado pela loucura, e o pai, de poder diminuído por simples regencia de throno e por interinidade de corôa.

No Brazil, D. Pedro ficou homen. Enrijou-se, na intelligencia e nos musculos, ao beijo escandecido da natureza tropical, antecessor de outros osculos menos impessoaes...

Herdeiro presumptivo de herdeiro presumptivo, D. Pedro, até a aclamação de D. João VI, não poude envolver-se na politica, ostensivamente. Era apenas esperanza, a aguardar as promoções do futuro, tão incertas e mysteriosas quanto as dos homens.

En 1817 o casaram. Habilitaram-o a multiplicar já que se não podia multiplicar nas cousas do Estado.

Deram-lhe por mulher uma archiduqueza austriaca, irmã da segunda esposa de Napoleão, a famosa Maria Luiza, que atravessa a tragica epopéa napoléonica qual somnambula risonha, de alma ausente, apeiando-se por fim da viuvez de um dos maiores genios humanos para casar com um obscuro no desembaraço tranquillo de destra cavalleira descavalgando de ardego ginete, e preferindo-lhe a andadura de burro manco.

N'esse matrimonio de D. Pedro e de D. Leopoldina, sob as apparencias historicas officiaes, achamos em presença duas raças oppostas, a latina e a anglo-saxonia, de nomes tão contrarios e cujas affinidades viajam a milhares de leguas umas das outras.

Não se póde considerar esse casal principesco, desde o noivado, sem que a memoria e o pensamento deslisem sobre a ironia até a conhecidissima fabula de La Fontaine, onde com

tanta graça, o fabulista celebra a jornada da panella de ferro e da panella de barro, acabando esta por se reduzir a cacos ao contacto da companheira, bem intencionada talvez, mas de materia prima um pouco rija.

A monogamia é criação da dignidade humana. Diz-nos a victoria silenciosa da vontade e da razão na bulha da natureza, que, sagaz e tyrannica, conduz á torrente colossal da reproducção da especie todos os affluentes da voluptuosidade insaciavel de racionaes e de irracionaes.

Ha temperamentos superiores fundamentalmente anti-monogamicos como os ha radicalmente anti-polygamicos. De certo nesta classe ainda se não incluiu D. Pedro I.

Prisioneiro do casamento, evadio-se muitas vezes d'elle. Para elle voltou capturado pela razão de Estado. Trazia sol no coração. Se o sol deve luzir para todos, bem pôde luzir para todas, no entender dos homens como D. Pedro.

Em Outubro de 1820, sahiu o principe da semi-obscuridade official.

Chegára ao Rio de Janeiro a noticia da revolução em Portugal, primeiro hastear dos estandartes do liberalismo, a nova moda politica do raiar do seculo XIX.

Do reino á ilha da Madeira, aos Açores, ao Pará e á Bahia veio vindo a revolução até D. João VI, conturbando-o, tirando-lhe a força e o appetite, fazendo-o, quem sabe, invejar o somno tranquillo de D. Maria I, liberta no tumulto da fadiga de reinar, aggravante do cansaço de viver.

A tropa portugueza do Rio ouriçou de baionetas as reclamações liberaes. Postou-se no Rocio, ameaçando o absolutismo, soprados os animos militares pelo bafo ardente dos clubs politicos e das associações secretas.

Era a luta, o estrepito, a embriaguez especial das revoltas, o retinir das armas na marcha das idéas.

Nada d'isso convinha a D. João VI.

Nunca pensara reinar. A tanto fôra coagido por obra e graça do acaso, o grande malicioso do qual jamais se ouviu, nem ouvirá o riso.

Mas a luta, o estrepito, a embriaguez especial das revoltas, o retinir das armas, na marcha das idéas, quanto tudo isso convinha ao temperamento de D. Pedro !

Ha um quadro, tornado classico pela oleographia e pela gravura baratas, classico popularmente falando, e odioso aos olhos do verdadeiro artista.

E' o — *Enfin seuls* — o noivo abraçando a noiva no silencio de aposento nupcial.

A' luta, ao estrepito, á embriaguez especial das revoltas, ao retinir das armas na marcha das idéas, pode afinal Dom Pedro dizer : *enfin tous ensemble !*

D. João VI incumbiu D. Pedro de dirigir-se á tropa amotinada no Rocio, ás ordens do brigadeiro Carreti, nome bem conhecido e artlilheiramente italianizado.

O principe vóava pelas fileiras dos soldados, depois de

passar pelas peças, postas nas ruas desembocando no Rocio. O povo, formando com a tropa, vociferava. Ouviam-se vivas á constituição de Portugal.

Subio D. Pedro á varanda do theatro D. João (hoje S. Pedro de Alcantara). Exigindo silencio, perguntou, alto e bom som aos revoltosos quaes as suas pretensões.

« A constituição », responderam-lhe da praça milhares de vozes e de opiniões.

D. Pedro retorquiu, sempre com autoridade, que iria a S. Christovão, para expôr a situação a D. João VI, regressando depois com a resposta real, contanto que, durante a ausencia d'elle principe, ninguém perturbasse o socego e a ordem.

Cumprida a promessa, por ambas as partes, d'esse ephemero contrato, de clausulas ao ar livre, D. Pedro leu, da varanda do theatro, um decreto mandando applicar ao Brazil e mais dominios da corôa a constituição portugueza.

D'ahi por diante os acontecimentos cachoeiraram na historia.

D. João VI acabon por deixar o Brazil. O modo pelo qua, se despedio do nosso paiz, com o coração despedaçado e presago, com lagrimas amarguradissimas, deve constituir titulo de respeito á memoria d'esse rei, na realidade desditoso e que teve no destino mortal inimigo.

No Brazil, afastado D. João VI e com elle os cortezãos e as cortezias, ficou D. Pedro, regente em nome do pai, e regido em nome das Côrtes.

A 7 de Setembro de 1822, poudo Dom Pedro dar largas aos impetos do temperamento energico e impulsivo. Pertencia á raça dos *condottieri*, dos arrastadores de homens, cheios do fogo sagrado e violento do arrojo e da audacia.

De regente promovido a imperador, por decreto uninominal da sorte, governou o Brazil de 1822 à 1831, quasi dez annos.

Este decennio conta co mo os annos de campanha, pelo dobro.

Perseguidor e perseguido ; chefe de Estado e general ; architectador de imperios e dissolvedor de parlamentos ; esposo e amante ; principe de origem e de educação absolutista entregue á fascinação do liberalismo ; soldado por gosto e legislador á força ; cavalleiro a todas as horas e musico nas horas vagas, D. Pedro viveu, viveu intensamente. intensissimamente, no breve periodo de 1822 a 1831.

A sua força physica expande-se. Irreprimivel, superior ás miserias humanas, inebriada com o proprio viço.

O vento furioso, a chuva copiosa, o mar revolto, a vozeria dos conflictos, o quebrantamento da fadiga, os immoderados gastos de amor hysico, nada parecia attingir o aço bichromado do organismo imperial, onde a natureza ia derramando energias sem conta destinadas a robustecel-o.

D. Pedro é homem capaz de vencer centenas de leguas

sem desmontar, por caminhos crivados de caldeirões, viscosamente atapetados de lama. Apraz'lhe deixar um navio em alto mar para tomar fragil bóte na dansa das ondas em tempestade. Assim tentou fazer quando regressou do Sul, por occasião da morte da imperatriz Leopoldina.

Intelligencia prompta, teimosia, coragem disposta a enfrentar á carga cerrada os adversarios e os obstaculos, desdem pelos preconceitos, orgulho inconsciente, extraordinaria capacidade para a accção e menor para a reflexão e o conselho, tudo isso tumultúa em D. Pedro I, dentro do nosso quadro social de 1822 a 1830.

Mais ductilidade, mais geito e D. Pedro I haveria sido monarcha muitissimo popular. Tinha os dotes gratos ás massas inferiores das nações, o denodo, o arrebatamento e até a facilidade de costumes, tão pouco estranhada pelo povo, por n'elle reinar endemicamente.

Uma alma como a de D. Pedro, tão proxima da natureza e das liberdades d'esta, não podia deixar de ser profundissimamente influenciada pelo amor.

O amor entrou-lhe pelo coração a dentro, sob todas as fórmas, desde a fórma legal do casamento até a das aventuras corredias, ás sombras do mysterio e da noite.

Entrou-lhe e sahiu-lhe pelo coração. Com a insensibilidade e a força do vento que ninguem vê, ninguem pesa e todos sentem.

E, modificando de ligeiro dizer classico, da conversação das damas e galantes nasciam ás vezes herpes aos negocios do Estado, o que succede nas monarchias e nas democracias.

Dos caprichos de D. Pedro I nenhum foi duradouro como o da marquezia de Santos, a nossa unica e provinciana Pompadour, contra a qual até hoje têm latido e gritado apenas os juizos de coévos parciaes.

Todas as qualidades e todos os defeitos do homem superior que era D. Pedro I, juntavam-se, para o esforço da Independencia, a um brasileiro illustre cujo temperamento apresenta pontos de contacto e affinidades secretas com o do principe : José Bonifácio, o paulista sufficiente para immortalizar S. Paulo.

Douto, viajado, havendo sorvido o melhor humanismo do tempo, tendo-se abeirado da sciencia européa e dos seus mais lidimos filhos, José Bonifacio trouxe a D. Pedro I e á Independenciaa alliança da experiencia e do nacionalismo.

Alliança preciosa na pugna mais espirital do que material contra a tyrannia myriapodica das Côrtes, onde algumas dezenas de portuguezes legislavam para um paiz que desconheciam e que não os queria conhecer.

Autoritario, inflammavel, capaz de grandes amores como de grandes odios, José Bonifacio não temia a luta. Fogoso, entusiasta e bairrista, atirava-se n'ella levando o Brazil na mente e S. Paulo no coração, provou-e muitas vezes.

Já se lhe tem querido arrebatrar da individualidade as glórias da Independencia, pretendendo-se que nada fez por ella. Fambem se pretende que D. João VI nada fez pelo Brazil, sendo as suas reformas obra do acaso, dos seus conselheiros e até do povo. Modo facil de eliminar de qualquer fé de officio historica os serviços e as relevancias dos maiores genios humanos.

Parte integrante do bloco andradino — José Bonifacio, Martim Francisco e Antonio Carlos — José Bonifacio é do bloco eminente a parte mais avultada e vistosa.

Até á sentença final de processo historico, regular e documentario, não se o póde apeiar da Independencia, pedestal onde o collocou a indicação popular, ao lado de D. Pedro I.

Outras personagens figuram com preeminencia no Sete de Setembro, mas os grandes movimentos, as mudanças radicaes de idéas carecem de encabeçadores, de homens representativos.

Não ha duvida que os de 1822 foram D. Pedro I e José Bonifacio. O bronze até agora não mentiu, segundo apostrophe famosa, quando os immortalizou, postos de parte os seus defeitos e os seus erros. N'elles o activo dá e sobra para pagar o passivo da contingencia humana.

Quando se commemora uma grande data não é a occasião propria, como tanto acontece, para-lhe amesquinhar os grandes factores, lançando-lhes em rosto os senões, as falhas, as culpas, as tergiversações, na precaria e até ridicula relatividade de todo o julgamento terreno, proferido não raro por pessoas que apenas vivem para credito ironico da lórma humana.

FUNDAÇÃO DOS CURSOS JURIDICOS

(11 DE AGOSTO DE 1827)

N'esta data, o visconde de S. Leopoldo, ministro do Imperio no sexto gabinete do primeiro reinado, assignou a lei creando dous cursos de sciencias juridicas e sociaes. Um na cidade de S. Paulo outro na de Olinda.

Filho intellectual da Faculdade de Direito de S. Paulo, a terra de meu pae, relembro sempre, commovido e respeitoso, a grande data cara a todos os cultores do Direito no Brazil.

Em nossa formação fomos bafejados do espirito latino e da jurisprudencia portugueza.

Taes influencias transluzem sobretudo no nosso direito, romanista e lusitano, trazendo nos principaes institutos duas marcas inconfundiveis e affins: Roma e Portugal.

Em Portugal, desde os tempos mais remotos, o direito caminhou ao lado do poder, formando na mesma linha.

Em 1385, vago o throno portuguez, por morte de D. Fernando, D. Beatriz, filha do rei defunto, devia herdar-lhe a corôa embora, casada com D. João, rei de Castella.

Outro D. João, o de de Aviz, disputa o sceptro e o obtem, mercê da victoria de Aljubarrota, da espada ao condestavel Nuno Alvares.

Reposta a espada na bainha, acalmaram os exercicios da força. Surgio a nobre violencia do direito.

O dr. João Fernandes de Arégas, tão conhecido por João das Regras, poz ao serviço de D. João de Aviz a dialectica. Argumentando sobre as trincheiras dos livros de direito romano, conseguiu completar pelo pensamento a obra do esforço material do condestavel.

Em toda a historia portugueza, longa e gloriosa, capitulo de vulto no tomo da historia universal, pôde ser observado o poderoso auxilio prestado pelo direito á construcção politica do reino.

Martins Junior, a bella intelligencia ceifada pela morte

em plana seára florida de mocidade, affirmou um dia, como lente de Historia do Direito Nacional na Faculdade do Recife, que as Ordenações, tomadas em globo, representam, em ultima analyse, o esforço pacifico, ao mesmo tempo theorico e pratico, da nação portugueza para a consolidação da independencia politica pelo prestigiamento decisivo da monarchia e do poder magestatico.

Ninguem mais do que o direito romano e os romanistas fortaleceu o absolutismo no que tinha de tutelar para a sociedade. Nas doutrinas absolutas, com todas as odiosidades, vicios e maculas, havia grande principio de ordem e de centralização, necessario após a pulverização da autoridade operada pelo feudalismo.

No Brazil, desde os primeiros tempos da colonização, começou a vigorar o pensamento juridico portuguez, legatario do direito romano.

Sobre as ordenações entraram a amontoar-se todas as providencias despedidas de Lisbôa, crysol depurador dos sedimentos do arbitrio colonial. Cartas régias, ordens, regimentos, instrucções, alvarás e provisões começaram a apontar aos governadores dos Brazis o caminho a seguir na colonização, na defesa da terra, da qual a corôa era ciuмоса, por haver muitos estrangeiros que a circumstavam para abo-canhal-a.

Com o correr dos tempos, a esphera juridica do Brazil foise alargando. Modificou-se á medida que o direito portuguez se la libertando das peias do direito canonico, dos lumes das opiniões dos doutores, cortados sobretudo pela lei pombalina de 18 de Agosto de 1769. Esta despio de autoridade extrinseca as glosas da chancellaria, vagamente semelhante ao actual recurso extraordinario, os pareceres dos doutores, nem sempre doutos e os arestos.

As leis da Europa policiada foram mandadas observar nos negocios do Estado.

A transmigração da familia real portugueza, presente dynastico devido ás liberalidades do acaso, assignala no Direito a nossa semi-libertação do reino. O direito positivo, de 1808 em diante, começa a evoluir, indo verter no oceano das transformações brasileiras do inicio do seculo XIX. Até hoje, através das mudanças politicas, vai o nosso direito se ressentindo da influencia portugueza qual se cõa a luz viva do direito romano.

Assim bosquejadas as relações do direito patrio e do lusitano, cumpre dizer que de Portugal não só nos despacharam codificações e leis, como tambem os executores e os interpretores d'ellas.

Durante larguissimos annos, a Universidade de Coimbra fabricou nossos juizes e nossos advogados, já portuguezes, já brasileiros.

Importando estes, para as margens do Mondego, a memoria da patria, tão difficil de prescrever do coração bem for-

mado como é impossível para o mathematico affirmar, que os tres angulos de um triangulo não sejam iguaes a dous rectos, ou para o astrónomó sustentar que seja noite e dia no mesmo horizonte physico.

A cidade conimbricense alojou numerosos estudantes brazileiros, cujos nomes cobrem hoje os amarellecidos livros de matricula da Universidade. Alguns figuram nos compendios da Historia, assim o de José Bonifacio.

Gregorio de Mattos lá esteve em Coimbra. E tantos outros poetas, escriptores e jurisconsultos nossos, ahí beberam a altura classica, agora tão malsinada, para d'aqui ha annos estar na moda. As novidades são idéas velhas escovadas de fresco por gente moça.

Apertado entre as duas parallelas do direito e da cultura portuguezes, o nosso pensamento juridico só começou a divorciar-se um bocadinho da disciplina universitaria do reino, com a carta de lei de 11 de Agosto de 1827, suscripta por D. Pedro I e S. Leopoldo.

O curso juridico paulista, nascido d'essa lei, foi installado em 1828, no mesmo anno que o de Pernambuco.

O primeiro entrou a funcionar no convento de S. Francisco, o segundo no de S. Bento, vastos edificios muito ecclesiasticos e nada pedagogicos. Até esta data a Faculdade de Direito de S. Paulo não se transferio. A do Recife tem effectuado mudanças, de cidades e de casas.

O Rio de Janeiro, apezar de Capital do Imperio, ficou até 1889 sem Faculdade Juridica. Depois da Republica, surgiram duas faculdades livres onde a mocidade carioca pôde ir fazer a aprendizagem juridica. Nos academicos, os mais capazes aprendem a estudar e os inaptos estudam a não aprender.

Não indagarei aqui porque a antiga Côrte nunca teve Faculdade de Direito. Aceitarei o facto consumado. Os cursos juridicos ficaram um no Norte e outro no Sul, em meios provincianos, propicios á reflexão e ás leituras meditadas, e despidos de divertimentos e estímulos retumbantes.

Nos dous centros, o paulista e o pernambucano, durante toda a extensão da vida monarchica do Brasil, elaborou-se o que ousarei chamar o pensamento juridico brasileiro.

Para aquelles dous centros affluiram, cessada a emigração estudiosa do brasileiro para Coimbra, todos os moços de nossa terra, desejosos de obter diploma de habilitação para o exercicio de cargos de magistratura, diplomacia, administração, etc.

O Brasileiro não tinha e ainda não tem a bossa das viagens. Não se desarraigava facilmente, como o inglez, como o americano sementeado pelo mundo pela cornucopia das excursões de Cook e de outros corretores de locomoções faceis.

A maior parte dos nossos homens publicos só conhecia o Brazil e, d'este o recanto natal e o Rio de Janeiro, sorvedouro das ambições provincianas.

Estudar e formar-se em S. Paulo e no Recife era, pois, um dos raros ensejos de viajar, de sahir do campanario ou da capital, de ligar-se com gente patricia, de formar relações com estranhos. Depois, só um ou outro ia ser presidente de provincia, diplomata, ou alto funcionario obrigado a viagens pelo paiz ou pelo estrangeiro. O resto ancorava na vida sedentaria.

Quanto á cultura ministrada nos cursos juridicos brasileiros, naturalmente se ressentio, por muito tempo, das doutrinas theologicas e monarchicas.

Era a inda remota consequencia do ensino da universidade de Coimbra, espelho da cultura e das tendencias da época.

Bernardo Pereira de Vasconcellos exclamava, em plena Constituinte : « Senhores, estudei direito publico em Coimbra e por fim sabi um barbaro, foi-me preciso até desaperder.

Ensinaram-me que o reino de Portugal e accessorios era patrimonial. Umaz vezes sustentavam que os portuguezes foram dados em dote ao Senhor D. Affonso I. como se dão escravos ou dotes de bestas. Outras vezes diziam que Deus, nos campos de Ourique, lhe dera todos os poderes e á sua descendencia. Uumas vezes negava-se a existencia das cortes de Lamego. Outras, confessava-se tal existencia, mas negava-sea soberania que os povos n'ellas exerceram.

Dizia-se que aquella e as outras assembléas da nação portugueza apenas tiveram de direito e de facto voto consultivo.

O direito de resistencia, esse baluarte da liberdade, era inteiramente proscripto, e desgraçado quem delle se lembrasse.»

Com o curso dos tempos, com os progressos da cultura e do liberalismo, as academias de direito ouviram, na cathedra, sustentadores da liberdade religiosa. Criticaram a infabillidade papal et muitissimas outras questões, melindrosas para a época.

O curso juridico de S. Paulo evoluiu com cautela prudente. Foi sempre mais conservador do que o do Recife. N'esse a philosophia e o direito galoparam, máo grado as resistencias.

De Destut de Tracy, do sensualismo, visinho de paredes e meia do materialismo, agarrado ao *nil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*; de Laromiguière, o homem que pretendia enxergar na philosophia a encarregada de responder a todos os porquês incessantes da alma humana, os espiritos brazileiros passaram para Jouffroy e Cousin.

O primeiro provinha de Reid e das refutações de Hume e de Locke, feitas por aquelle celebre professor da Universidade de Glasgow, cujas doutrinas conduziram á psychologia experimental.

Cousin retomou a philosophia tradicional franceza, a cartesiana, e até 1840 sustentou popularmente famoso eccletismo, reflexo da obra de Descartes.

Mont' Alverne foi entre nos o procurador das idéas de Destut de Tracy e Laromiguière assim como Gonçalves de Magalhães, o visconde de Araguaya, defendeu, no livro e na cathedra do Pedro II, a theoria de Cousin.

Seguiu-se a reacção catholica da qual foi Soriano um dos maiores expoentes. Com a metaphysica, a razão admittio uma sciencia superior aos principios do mundo physico e do mundo espiritual.

A metaphysica, que muitos tratam de resto sem saber o que é, foi atacada na Faculdade do Recife.

Fallar n'esta é relembrar immediatamente o nome de Tobias Barreto, temperamento de lutador, atirado na vasta arena do pensamento.

Evolucionistas e positivistas, spenceristas e hackelianos entraram de roldão, atrás de Tobias, pelo velho edificio juridico e não poucos estragos fizeram.

Com a Republica, em 1889, o direito e o seu ensino soffreram nova e radical transformação. A constituição do Imperio. o Acto Adicional, vieram abaixo com a monarchia que deviam escorar. O Governo Provisorio legislou, militar e numerosamente. Antes que tudo entrasse nos eixos o famoso carro do Estado levou solavancos a valer.

Tudo isso havia de repercutir fatalmente nas escolas de direito. Na de S. Paulo a brusca e injusta retirada do conselheiro Justino de Andrade provocou crise da qual se ressentio, por largo tempo, a Faculdade.

Da faculdade paulista e da pernambucana sahiram, durante o segundo reinado, a mór parte dos dirigentes do paiz. Nos ultimos tempos do Imperio, o bacharelismo (subentendase juridico) era uma das arias predilectas dos realejos oppoicionistas e republicanos.

Na verdade o elemento civil se apoderou da gestão do Brazil. Os bachareis em direito representavam a classe privilegiada de tal elemento, olhando de cima, e, ás vezes, com irritante impertinencia, para as demais classes.

Lá um ou outro estadista conseguia variar a cohorte juridica, ora o visconde do Rio Branco, graduado em mathematicas, ora Martinho Campos, graduado em medicina.

Até as armas de mar e terra se sujeitavam á beca e não raro com real proveito. Ainda são lembradas, na marinha e no exercito, as administrações de Affonso Celso, pai, Franklin Doria e Thomaz Coelho. Deixaram saudades esses illustres *casacas*, aos quaes obedeciam todos os militares, a principiar pelo Conde d'Eu, cujo papel no commando da artilharia e na commissão de melhoramentos do material do exercito ainda ha de ser estudado um dia, para honra do exercito d'esse principe.

De cima a baixo, do Amazonas ao Prata, porque a comparação é estafada mas indispensavel, o bacharelado em direito dominava e facilitava extraordinariamente o ingresso e a permanencia nas mais variadas carreiras.

Omnipotentes ou quasi, os bachareis em direito não souberam, a tempo, tratar com habilidade as classes armadas, sobretudo o exercito e os deputados militares, e, em 1889 viram o fim do seu prestigio, herdado por aquelles que outr' ora não consideravam bastante, irritando-os, espesinhando-os até com imprudencia e descaso.

Proclamada a Republica, os bachareis em direito, ante a origem da nova fórma de governo, recolheram-se a quartéis modestamente, *sans tambour ni trompette*, dir-se-ia em francez. Ahi ficaram até a presidencia Prudente de Moraes, na constancia da qual o elemento civil começou a sobrenadar para se pôr de novo em luta com o militar, no tempo da presidencia Affonso Penna e da candidatura Campista.

Com dias de triumpho e de dissabor, a classe dos juristas, oriunda, até 1889, das Faculdades do Recife e de S. Paulo, pesou formidavelmente, da Regencia em diante, na historia do Brazil.

Grandes foram os seus serviços e graves os seus erros. Era composta de homens. Será inutil amarrar a cara e exigir que bachareis e doutores em direito se houvessem conduzido angelicamente.

A data de onze de Agosto, que a mocidade academica costuma festejar com brilho, é verdadeiramente data nacional, digna de emparelhar com outras datas honrosas para as nossas letras, as nossas armas, as nossas artes e as nossas sciencias.

Recordar a lei subscripta, em 1827, pelo paulista S. Leopoldo é dever de classe numerosa para cujos recursos dignos e honestos appellam diariamente a liberdade violada, a propriedade offendida, o pudor ultrajado, o fraco, o opprimido, a alma do individuo e a consciencia dos povos.

A IMPERATRIZ LEOPOLDINA

Nos seculos idos, frades e freiras escolhiam, em geral, sitios formosissimos para deitar os alicerces e assentar a construcção dos mosteiros e conventos.

Os servos e as servas do Creador tinham faro esthetico para descobrir e aproveitar os mais bellos sitios da creação.

Quasi sempre edificavam nos morros, dominados pelo céu, inconstante, mysterioso e profundo, dominando o mar, profundo, inconstante e mysterioso.

No Rio de Janeiro ninguem desconhece a paisagem maravilhosa descortinada dos mosteiros de S. Bento e de Santo Antonio. E a da eminencia do Castello onde tanto se procuram thesouros? Acham-se apenas no deslumbrante panorama da bahia, a divina bahia dada ao regalo humano.

Por causa do progresso, na Avenida Central, velho convento, o da Ajuda, foi sentenciado a demolição, a pena ultima dos predios !

Durante alguns dias a bisbilhotice publica alimentou-se. Nutrio-se com a noticia do arrasamento de uma das mais antigas casas de oração da capital brasileira.

Expuzeram o convento deserto. O povo, azafamadamente mexeriqueiro, precipitou-se para o claustro. Esquadrinhando-lhe os recantos, farejando, bisbilhotando, revolvendo.

A ordem de mudança, porém, não foi apenas dada a vivos. Attingio mortos.

Alguns eram illustres, flores seccas de arvores dynasticas decepadas.

Entre os defuntos historicos illuminados pelos raios de luz das curiosidades, figurou D. Leopoldina, primeira mulher de D. Pedro I, a mai de D. Pedro II.

Poucos se lembravam della. Raros estudiosos, da boa marca de Ramiz Galvão ou de Vieira Fazenda, de vez em quando lhe autopsiavam a individualidade na mesa de marmore da historia.

Dormia o somno derradeiro, entre o esquecimento das gerações e a lembrança de Deus. Envolvia-lhe a saudade o véo desbotado das lendas populares, que a faziam martyr des afeições conjugaes desilludidas.

De repente, no convento soporizado, rumor estranho nasce, cresce, penetra até as cryptas mortuarias.

Estremecem os finados. Dir-se-ia vindo o tremendo dia do Juizo Final. O rumor estranho seria o primeiro alvoroço d'elle ? Que se ia passar ?

O sol se esconderia, a lua não daria resplendor, as estrellas cahiriam do céu, conforme o evangelho de Matheus ? Os escolhidos, de uma extremidade do firmamento até a outra, seriam ajuntados pelos anjos com grande voz de trombeta ?

Sobresaltar-se-iam os defuntos ? Levantar-se-iam os corpos, para a reentrada das almas, para o comparecimento no universo á barra do tribunal incorruptivel, nos pretorios da eternidade ?

Seriam já realizadas as palavras do evangelista ? E da figueira aprendei a comparação, quando seus ramos se enverdecem, e as folhas brotam, sabei que o verão está perto. Assim tambem quando verdes o sol escuro, a lua sem resplendor, o céu limpo de estrellas, cahidas na terra e no espaço, sabei que o dia está perto ás portas.

Os mortos da Ajuda acalmaram-se. Não se os chamou para contemplarem Deus sobre as nuvens, com grande potencia e gloria. Trasladaram-se-os apenas do convento, a transformar-se em hotel, isto é, em casa paga de aborrecimentos gratuitos.

A imperatriz Leopoldina foi um dos defuntos removidos a bem da modernização da cidade. Após annos e annos de tranquillo somno, de olvido feliz, achou-se, da noite para o dia, mudada, passeada, recordada, exposta a noticiarios, se isenta de *interviews* inuteis, e, previamente, sem resposta.

Pobre imperatriz ! Não sei por que se lhe deve achar um ar de parentesco moral com a soberana austriaca Elisabeth, ferida covardemente por lamina anarchista á beira das turquezas liquidas de lago suiso.

Foi tambem exilada, desditosa, coração em chaga sob a doçura brilhante das vestes imperiaes. Estalára de dôr d'alma, antes de ter morrido corporeamente.

E', pois, com delicado respeito, com caricioso toque de mãos, que, estudando ligeiramente alguns documentos ineditos, intento cingir a memoria de D. Leopoldina amplexo evocativo.

Terras americanas são fatidicas a Hapsburgos. Haja vista Maximiliano, fuzilado no Mexico, de onde sabiu incolume Porfirio Diaz, vasio de escrupulos e cheio de dinheiro.

A imperatriz Leopoldina, legitima Hapsburgo, com as qualidades e os defeitos assignaladores historicos da vestusta e orgulhosa raça, não logrou felicidade no sólo brasileiro.

Enxertada, pelo matrimonio, no tronco dos Braganças, partilhou-lhes o exilio no Rio de Janeiro. Esse exilio provinha de ordeus de Napoleão, imperador por graça do genio e por constrangida aclamação dos povos.

Napoleão Bonaparte...

D. Leopoldina conhecia-o bem. Desposára-lhe a irmã, a archiduqueza Maria Luiza, em cujo leito entrára, pelo casamento, deixando soliteira a cama de Josephina, pelo divorcio.

Elle, o formidavel cunhado, fizera transmigrar a familia bragantina para o Brasil, á andorinha, fugindo á inclemencia dos destinos como as aves ao baixar escuro dos dias de inverno.

No Rio de Janeiro, de 1808 a 1821, treze annos, capital da monarchia portugueza, D. Leopoldina tornou-se esposa e mãe.

O Rio da época era pandemonio social e ethnico. N'elle figuravam todas as castas, todas as ambições, todos os vicios, todos os merecimentos, ebulindo ao fogo de curiosa quadra de transformação social. Que kaleidoscopio!

O nobre lisboeta, suspirando de saudade pelo Rocio, podia namorar a modista franceza, ralada de recordações de Pariz. O negreiro, enriquecido, rindo á custa da lagrima africana, acotovelava os officiaes europeus exilados e reduzidos á miseria pelo azar da guerra. O perfumista parisiense, o aventureiro de todos os paizes, o escravo, o colono chim, os cardeaes, os embaixadores, os contrabandistas, os medicos estrangeiros, baralhavam-se, cruzando-se na scena da vida quotidiana, comparsas de maior ou menor categoria, do rico theatro colonial, com frontispicio de reino.

Emquanto D. João VI esteve no Brasil, D. Leopoldina existiu despreoccupadamente. Quando Portugal reclamou a monarchia exportada, D. João viu-se obrigado a tornar á Lisboa. A princeza entrou a conhecer tempos nublados, horizontes tristes.

Presenciou os movimentos ante-corôadores da independencia, motivo da sua promoção a imperatriz. Acompanhou o marido até quasi o fim do reinado, dando-lhe o filho necessario á dynastia. Só de ambos se apartou ao silente e imperioso gesto da morte.

A correspondencia reservada do agente diplomatico francez, o conde de Gestas, de Novembro de 1826 a Janeiro do anno seguinte, dá a respeito dos ultimos dias da imperatriz, algumas informações dignas de divulgação.

Em Novembro de 1826, o primeiro reinado ia mal, muito mal. Além de numerosas causas de impopularidade, a guerra platina o desprestigiava, de erro em erro, de fraqueza em fraqueza, de revez em revez.

D. Pedro, acuado, resolveu romper o cerco da antipathia, partindo para o sul do paiz, afim de dirigir pessoalmente a guerra, já que os cabos militares não lhe davam energica vassourada.

Destemido, cavalleiro e cavalheiro, D. Pedro não receiava o esforço, nem os riscos, nem a morte. Era um character. Corria-lhe celere a vontade, posta entre as parallelas, do perigo e da acção. Caminhava direito ao alvo, impetuoso, fremente, calido, leonino.

Partiu do Rio de Janeiro, a 25 de Novembro de 1826. Levava sequito, trezentos homens, uma esquadra de quinze velas, viveres, munições e dinheiro, essa polvora especial.

A marcha dos negocios publicos não se ressentiu com a viagem de D. Pedro.

Sem voz deliberativa, D. Leopoldina ficou assistindo aos conselhos de ministros.

Sentia-se doente, trabalhada por apprehensões e desgostos intimos, além do onus physico de principio de gravidez.

A partida do marido deixara-lhe mais um vinco de tristeza na fronte pensativa, embora se assegurasse ao conde de Gestas que recebera do esposo, demonstrações de affecto e respeito.

Em principio de Dezembro de 1826, a imperatriz esteve bastante enferma. Indo todos os dias ao paço informar-se da saude da soberana, Gestas pôde inteirar-se do carinho com que ia tratada D. Leopoldina. Prazia-se a hypothese de uma desgraça. Os rostos reflectiam a magua e a inquietação das almas.

Inquietação honrosa, natural et justa. A presença da marquiza de Santos, a ausencia do imperador, a mingua de previdencia e decisão do Governo, conturbavam os animos sinceros, patrioticos e lisos.

No decurso da molestia, nas agonias moraes curtidas com magestade, meiguice e silencio, D. Leopoldina encontrou um amigo, alguem que ainda era a patria terrestre no momento no qual parecia tomar rumo da patria infinita, promessa de tantas religiões.

Ese amigo foi o barão Mareschal, ministro e camarista do pai de D. Leopoldina, o imperador da Austria.

Segundo Gestas, não se tinha pensado em boletins de saude. Mareschal insistiu por elles ; obteve-os.

Individuos de todas as classes sociaes, portuguezes, brasileiros, brancos e pretos, ricos e pobres, poderosos e humildes, a pé, a cavallo, de sege, dirigiam-se a S. Christovão para saber noticias da imperatriz.

Era legitimo circulo de afflicções em torno de vida bruxoleante, como que a occultando, defendendo-a de rajada mais brusca da morte.

Nações, estados, sexos, partidos, tudo se confundio na mesma ancia unanime e desvanecedora.

Nas igrejas as missas, as promessas, succediam-se. Ao pé dos altares os cirios ardião, numerosos, vivos, a representar os pedidos, por uma quasi morta.

Nas ruas só havia um assumpto de conversa : a molestia da imperatriz. O pezar publico chegava a interromper os negocios.

Ora melhor, ora peor, D. Leopoldina inspirava cuidados ao Rio de Janeiro em peso.

O Governo tinha de dar noticias d'ella a D. Pedro. Como fazel-o? Não estava no porto um só vaso de guerra.

Alvitrou-se em recorrer ao commodoro dos Estados Uni-

dos, cujos navios se dispunham a velejar para Montevidéo. Eram duas fragatas. Uma bastava para deixar simples carta em Santa Catharina.

O commodoro recusou o serviço. S. Ex. maritima não queria afastar-se da norma de neutralidade traçada pelo seu governo, por causa da luta no Prata.

O ministro da Marinha, o marquez de Paranaguá, sentiu-se melindradissimo com a desculpa e respondeu á negativa e ao negador com apimentada carta.

Resolveu então fretar um navio mercante para transmittir ao Imperador as noticias que o commodoro americano se esquivara a dar, atirando-as, de passagem, em porto brasileiro.

D. Leopoldina morreu. Enterraram-a nesse convento da Ajuda de onde acabam de afastal-a, transportando-a para o de Santo Antonio.

O desaparecimento da imperatriz foi sentido em todo o Brazil, na Capital e nas provincias.

Um officio de Guinebaud, consul francez na Bahia, a 27 de Dezembro de 1826, diz textualmente :

« O povo clama, em altas vozes, contra a fraqueza e a vilania dos conselheiros do monarcha, apologistas publicos e por escripta da sua conducta em relação á joven duqueza de Goyaz, filha natural, fruto de um duplo adulterio vivo, legitimada e reconhecida, a pretexto de que os reis francezes Henrique IV e Luiz XIV tinham feito o mesmo.

Entretanto, não obstante verificar a existencia do grande desprestigio do governo imperial, não diviso ainda symptoma alguma de rebellião.

Os traços caracteristicos do povo desta provincia vêm a ser a despreoccupação, a indifferença a mais profunda por tudo quanto não entende directamente com o bem-estar da terra.

O povo tende a tornar-se republicano e a isolar-se, por completo, do resto do Brazil. »

Na Capital d'este, a 15 de Janeiro de 1827, surgiram dous navios de guerra. Em nenhum d'elles se manifestavam signaes da presença do Imperador.

Correram boatos. Sua Magestade ficára no Rio Grande, desejoso de pôr termo á contenda desastrosa. Eram apenas vasos de guerra reenviados do theatro das operações, esses que demandavam a barra, o porto, a patria.

Em breve uma grande noticia fez a volta da cidade. D. Pedro regressára ! E conforme o testemunho de pessoa do sequito imperial, cujo nome Gestas não declina, embora os rio grandenses tivessem nova coragem com a presença do imperador, este, após o recebimento de certas cartas do Rio de Janeiro, resolvera o regresso á capital do Imperio, regresso com feição de « salve-se quem puder ».

N'essa viagem precipitada, mais uma vez se revelou a indomável energia de D. Pedro, n'um accesso intermittente da sua febre de querer.

N'esses accessos volitivos, D. Pedro era positivamente super-homem. Punha a vontade sobre a natureza, a cavallo n'ella. esporeava o physico com ferocidade admiravel.

Depois de proclamar a Independencia nos campos monotonos do Ypiranga, Dom Pedro, receiando a reacção portugueza, veiu de S. Paulo ao Rio, a galope, qual personagem fantastico de lenda allemã.

Estrompando cavallos, desanimando comitivas, correndo por caminhos, valles, atalhos e tremedaes, em cinco dias venceu cem leguas, épico, ferreo, revivendo as forças extintas da humanidade primitiva.

Cem leguas, a toda a brida, sob a chuva torrencial, para attingir fins politicos !

Que diz a nossa época, invertebrada, pastosa, de vontades gelatinoides e transacções á mesa do bridge ?

No dia da chegada do Rio da Prata, D. Pedro ia repetindo a proeza.

O vento era contrario ao desembarque prompto. D. Pedro estava nervoso, acicatado por impacencias.

Dispoz-se a embarcar e canôa, sobre o oceano cavado, para transpôr as sete leguas que o separavam do porto. Não foi preciso tanto.

O vento socegou. O imperador foi para terra, qual simples particular, sem a menor pompa.

Dirigio-se logo para S. Christovão. No trajecto mostrou-se muito triste. Chegando a palacio, n'elle chegou com lagrimas. Abraçou os filhos. Fechou-se no quarto, por oito dias, frente a frente com as lembranças, as saudades e os remorsos, no terrivel duello silencioso da consciencia e da culpa.

No dia seguinte, d'esse aposento cerrado, fuzilou o raio. Os ministros foram substituidos pelos marquezes de Nazareth, Maceió, Queluz e pelo conde de Zouzel. Queluz ficou com a pasta de Estrangeiros, e interinamente, com a da Fazenda até se lhe topar dono, pois ninguem a queria. Má politica, pessimas finanças.

Os ministros exonerados jubilavam, segundo Gestas. A quadra era difficil, de muitos espinhos e nenhuma flôr. O commercio definhava. Os corsarios buonavaisenses davam-lhe enormes prejuizos, agatanhando-thé mercadorias a bordo dos navios brasileiros. Mercurio, deus do commercio e dos ladrões, não gosta de ser roubado...

O numerario era vasqueiro. Tinha 46 % de agio. O moeda papel jorrava. O mal estar augmentava dia a dia. A vida estava pela hora da morte. Havia até receio de falta de viveres.

A imperatriz, essa, já não soffria. Trocara S. Christovão pela Ajuda. Do throno descera á cova pelos degraus da provação. Trouxera ao mysterio do tumulo os segredos d'alma. Entregara ao decifrador — morte, o enigma — coração.

UMA TESTEMUNHA DIPLOMATICA

DO SETE DE ABRIL

N'esse vago, cruel e oppressivo mal estar, nuncio das trovoas e das revoluções, que enerva, excita e sobresalta, ha na atmospherá electrizante calor, tristeza, anciedade. Sorve-se inquietação, respira-se a custo. Cerram-se portas e janellas ao menor ruido. Os corações apertam-se ao toque dos cuidados.

N'esse vago, cruel e oppressivo mal estar, nuncio das trovoadas e das revoluções que ainda se não resolveram, estava o Rio de Janeiro, em fins de Março de 1831.

O primeiro reinado e o primeiro imperador tinham se impopularizado. De cima a baixo o Brazil era descontentamento. Os erros do soberano, as culpas dos ministros enxertavam-se nos desastres militares e nos apuros financeiros. Contra o throno tudo virava arma nas mãos da indisciplina. Discursos, artigos de jornal, conflictos e até garrafas. O governo estava na mais dura das contingencias, a do desgoverno. Vivia-se por movimento adquirido. Ao tumulto das idéas respondia a confusão das vontades. Todos desobedeciam e ninguem queria. Os ministerios passavam na scena politica quaes barcos, manejados por inexperientes machinistas no fundo de um theatro, a trancos e barrancos, ao impulso de cordas movidas por muitas mãos inlabeis.

As autoridades mostravam-se inactivas. Não se contava com a tropa. A policia, cega, dava por páos e por pedras. O povo procurava chamar a si as forças da guarnição da Côrte, excitando-lhes brios, espicaçando-lhes antipathias.

Noite e dia, sob os olhos do poder, passavam e repassavam bandos sinistros de negros e mulatos, armados de pistolas e de punhaes, a pretexto de manter a ordem, prolongando a anarchia. Os odios de nacionalidades silvavam assanhados.

A 1 de Abril de 1831, a princeza D. Maria, a futura Maria II de Portugal, fazia annos. Pedro I entendeu festejar o anniversario da filha, dando um concerto em S. Christovão, mobiliado o palacio de novo.

O motivo do regosijo era justo. O momento de commemoral-o tão inopportuno, que muita gente acreditava haver sido suggerida tal idéa ao imperador com intuitos perdidos. No proprio conselho de ministros cogitou-se da imprudencia de afastar, por meio da festa, as principaes autoridades do centro da capital. Os adversarios da situação

poderiam aproveitar a circumstancia. O general Moraes affirmou tomar toda a responsabilidade do socego publico.

E a festa se realizou, brilhante, rumorosa e fatidica, como cincoenta e oito annos mais tarde occorreu o baile da Ilha Fiscal.

Apenas chegou á sala do concerto o encarregado de negocios da França, Eduardo Pontois, Pedro I correu para elle e perguntou :

— Conhece o palacio ?

— Não, senhor.

O monarcha convidou então o diplomata a visitar o edificio. Quando se achou a sós com Pontois, disse animado, externando preocupações bem alheias á festa :

« Espero que agora as cousas melhorem. Acaba de chegar um batalhão de Santa Catharina. Sou liberal, o chefe dos constitucionaes, mas nunca serei o cabeça dos revolucionarios. Quero isso bem sabido por todos. »

« Ninguem duvida dos sentimentos de Vossa Magestade, respondeu Pontois. Todos os diplomatas todos, os governos desejam, a França sobretudo, cuja sympathia por Vossa Magestade não padece contestação, que a ordem publica se mantenha e o throno constitucional brasileiro se firme. »

— Conto com o senhor e com o Sr. Aston (o encarregado de negocios inglez.)

— Faremos tudo quanto nos fôr permittido fazer por Vossa Magestade.

— E não os comprometterei. As minhas medidas estão tomadas. Os senhores ficarão contentes commigo.

Pontois tratou de cortar a conversa, temendo que os ministros do Imperador reparassem n'ella.

Voltou ao salão da festa. Pedro I mostrava-se muito jovial. A's onze da noite recebeu um despacho vindo da cidade. Annunciavam-lhe a formação de grupos numerosos, de ajuntamentos desordeiros, mais inquietadores do que de costume. O despacho referia-se a varios assassinatos, dizendo que a cavallaria déra varias cargas na rua do Ouvidor (circumstancia inveridica, pois a tropa fraternizara com o povo).

Pedro I leu a noticia, em voz alta, no meio da festa. Dirigio-se aos ministros da Justiça e da Guerra. Exprobrou lhes com vivacidade, sobretudo ao ultimo, o facto de terem declarado responsabilizar-se pelo socego publico. Retirou se pouco depois. A festa acabou, como jámais devem acabar as festas, sombriamente...

No dia seguinte, 5 de Abril, a cidade parecia calma. Corriam mil boatos. Em divergencia com o imperador, acerca das providencias a tomar para restabelecer a ordem, o ministerio largou o poder.

Pedro I nomeou novos ministros. O marquez de Aracaty ficou gerindo a pasta de Extrangeiros; o marquez de Para-

naguá a da Marinha; o marquez de Inhambupe a do Imperio; o visconde de Alcantara a da Justiça; o marquez de Baependy, a das Finanças.

A pasta de perigo, no momento, a das grandes providencias e a das enormes responsabilidades, a pasta da Guerra, foi confiada ao conde de Lages.

Na manhã de 6 de Abril, a cidade conheceu as resoluções tomadas na vespera em S. Christovão. Dir-se-ia que energicas providencias se dispunham a dar o golpe decisivo na cabeça da desordem.

Escôou-se o dia. As providencias não appareceram. Os ministros foram de manhã cedo para S. Christovão. Ahí passaram o dia com o imperador.

No Campo da Acclamação reunia-se muita gente. Noticias sinistras circulavam pela cidade.

O encarregado de negocios francez, Eduardo Pontois, estava em casa. Ahí, a cada instante, chegavam noticias e inquietações. Diziam-lhe que um juiz de paz fôra a S. Christovão pedir a Pedro I, em nome do povo, a renomeação do ministerio exonerado, sendo a resposta do soberano, por escripto, rasgada e pisada. Diziam-lhe que o regimento de artilharia a pé sahira do quartel, sem ordem, dirigindo-se para o Campo da Acclamação.

Aston e Pontois, á vista de taes boatos, preveniram os almirantes de suas eslações navaes. Deviam estar promptos, para o que dêsse e viesse.

O corpo diplomatico, impressionado com os factos, reuniu-se em casa do ministro da Russia. Os estrangeiros pareciam sufficientemente garantidos, já pelos navios de guerra de suas nações, já pelo desvio da attenção popular concentrada em S. Christovão.

Pontois assistio parte da reunião. Voltou para casa onde esperou, em penosa curiosidade, a solução da crise.

A' meia hora depois de meia-noite bateram na porta da residencia de Pontois. Bater a taes horas, e em dias de revolução, é cousa sempre alarmante.

Um desconhecido perguntou pelo encarregado de negocios da França. Disse que S. Ex. devia ir immediatamente ter com o imperador.

N'esse interim chegou Aston, o encarregado de negocios da Inglaterra. Este e o collega francez hesitaram em partir para S. Christovão, a tal hora, sob a fé de um desconhecido, em taes circumstancias. Quem lhes garantia que o recado não era armadilha de revoltosos? Não tinham estes vivo interesse em capturar os diplomatas, impedindo-os de prestar socorro a D. Pedro I?

Aston e Pontois resolveram ir a S. Christovão, cada um de seu lado, a alguma distancia um do outro, suppondo as communicações entre a cidade e a Quinta Imperial já cortadas pelos revoltosos.

Combinaram os encarregados de negocios que no caso de

um só d'elles conseguir chegar, agiria em nome do collega ausente, sob as bases e nos limites anteriormente assentados e fixados.

Nada, porém, lhes succedeu no caminho. Alcançaram S. Christovão quasi juntos.

A pouca distancia do palacio, na tristeza das trevas, nas sombras de uma noite agitada. Pontois vio desfilar uma série de vultos. Rodavam carretas. Os cavallos mastigavam os freios. Uma ou outra espada tinia na bainha. Era o regimento de artilharia montada, de rumo o para a cidade, virando costas á disciplina.

O caminho ficou desde então deserto. Não vio Pontois outra especie de tropa, a não ser no portão de entrada do palacio, um piquete da Guarda de Honra.

Pontois foi levado incontinenti a um aposento. Ahi se achavam reunidos o imperador, a imperatriz, os ministros, o conde do Rio Pardo e Aston.

Pedro I fallou. Disse a Pontois e a Aston, com muita calma e claramente, o estado das cousas. O povo deputára-lhe um juiz de paz para pedir a reintegração do ministerio despedido. Respondera negativamente.

« A Constituição confere-me a prerogativa de escolher livremente os meus ministros. Atraiçoaria o dever e a honra, cedendo aos votos populares. Tudo quanto posso fazer, observou D. Pedro, é dissolver o actual ministerio e formar outro. »

Para esse fim mandára chamar o senador Vergueiro, como D. Pedro II, em 1889, chamou do Rio Grande do Sul, o senador Silveira Martins.

O povo recusou a resposta imperial. O juiz de paz havia tornado a S. Christovão. O povo só admittia a reintegração do gabinete. Que Sua Magestade reflectisse. A obstinação poderia ter consequencias fataes. A tropa pronunciára-se em favor do povo.

Pedro I persistia no intento. A toga cedeu o lugar ás armas. Após o juiz de paz viéra a palacio o general Lima e Silva (segundo Pontois, apontado pela voz publica como chefe do movimento). Repelio o recado do juiz de paz. Obteve a mesma resposta do imperador.

« Afastou se o general Lima e Silva, contou o Imperador aos diplomatas. Fez um signal ao batalhão do meu nome, commandado por um irmão do general, e, salvo algumas sentinellas, o batalhão em peso deixou o palacio. O exemplo foi imitado pela artilharia a cavallo. Para lhe poupar a vergonha da deserção, fingio-se dar-lhe ordem de ir embora.

Estando as cousas n'esse pé, que restava fazer? indagou D. Pedro.

« Prefiro abdicar, a receber imposições violentas, contrarias á Constituição, dadas pelo povo e pelo exercito insurgido. »

A imperatriz, os ministros, combateram a idéa de D. Pe-

dro I. Pareciam optar pela aceitação das condições dos revoltosos.

D. Pedro retorquiu dignamente :

« Prefiro descer do throno com honra a governar deshonorado e envilecido. Não nos illudamos. A contenda tornou-se nacional. Todos quantos nasceram no Brasil estão no « Campo » e contra mim. Não me querem para governo porque sou portuguez. Seja porque meio fôr, estão dispostos a livrarem-se de mim. Espero por isso de ha muito. Durante a viagem a Minas, annunciei que o meu regresso ao Rio seria o signal da luta entre nacionaes e portuguezes, provocando a crise actual, Meu filho tem uma vantagem sobre mim. é brasileiro e os brasileiros gostam d'elle.

Reinará sem difficuldade. A Constituição garante-lhe os direitos. Descerei do throno com a gloria de findar como principiei, constitucionalmente. »

« Senhor, acudio Pontois, se V. M. me pede parecer, direi que V. M. tem toda razão. O alvitre de V. M. é não sómente o mais nobre e o mais digno da sua pessoa, como o mais util aos interesses de seu augusto filho e da dynastia e talvez até aos de V. M. Tal acto de magnanimidade é certamente capaz de impressionar os animos, impedindo os seus subditos de aceitarem uma abdicação funesta para o Brasil. »

D. Pedro contestou o diplomata. « Os meus subditos a accitarão, e aliás, depois da infame perfidia da qual sou victima, não posso mais reinar no Brazil, não posso encarar a gente que me abandonou e trahio ; desejava cobrir o rosto com um véo para não ver mais o Rio de Janeiro. »

Em seguida, D. Pedro disse aos diplomatas, ao francez e ao inglez, « queíram pedir aos seus almirantes embarcações para me conduzirem e á minha familia a bordo do navio inglez ».

Pontois e Aston propuzeram a remessa do pedido, por escripto, aos seus almirantes, ficando ambos os diplomatas ao lado do imperador. Caso S. M. desejasse, poderiam fazer desembarcar um destacamento de marinheiros para proteger Dom Pedro e sua familia.

D. Pedro agradeceu, allegando não querer fechar o seu reinado violando a Constituição. Recusou tambem o offerecimento de embarcações armadas.

Algumas pessoas aconselhavam D. Pedro a não abdicar. A resolução era gravissima, de peso no presente e no futuro. Valia mais a pena esperar o romper do dia.

« Que querem que eu faça? disse D. Pedro. Esperar, para que me venham violentar, ultrajar ou prender? »

Pontois e o marquez de Paranaguá, desejosos de evitar a palavra irrevogavel, abdicação, propuzeram a D. Pedro renovar ao povo a declaração de escolher livremente os seus ministros, segundo os preccitos constitucionaes. Caso o povo se recusasse a reconhecer tal direito, o imperador sabiria do Brasil com toda a sua familia.

D. Pedro reflectio algum tempo. A cabo da meditação, disse ao diplomata francez e a Paranaguá : « Não posso aceitar o conselho. O povo viria a S. Christovão. Diria que posso dispôr da minha pessoa, mas não carregar com o herdeiro do throno, reconhecido como tal pela Constituição do Imperio. »

D. Pedro dirigio-se, então, para o seu gabinete de trabalho. N'elle entrou, deixando os circumstantes n'uma angustia facil de imaginar.

Instantes depois sahio do gabinete. Trazia um papel. Poucas linhas o ennegreciam. Era a abdição, o auto-attestado de obito dos soberanos vivos.

D. Pedro mandou logo o papel para o Campo da Acclamação. Em seguida, de chapéo na mão, dando o braço á imperatriz D. Amelia, manifestou o desejo vehemente de deixar o palacio.

Todos se oppuzeram a partida tão precipitada, aliás impossivel até a vinda das embarcações de bordo da estação naval anglo-franceza.

As embarcações só chegaram ás nove horas da manhã. D. Pedro reiterou a tentativa de partir. O marquez de Paranaguá, já cortezão da desgraça, pediu a Pontois que representasse a D. Pedro a inconveniencia da partida. Devia-se esperar. Nas revoluções, a ultima hora sóa, ás vezes, em favor de quem já se acha vencido.

Pontois attendendo á supplica do marquez de Paranaguá, amigo firme sobre as ruinas da grandeza, aconselhou D. Pedro a esperar. Antes de partir, S. M., titulo ainda de D. Pedro, porque quem foi rei sempre teve majestade, devia saber se o acto da abdição chegara ao destino, se fôra accito pelas Camaras, e se as diziam reunidas, se tinham reconhecido os direitos de seu filho.

Uma vez a bordo de um vaso de guerra, e por conseguinte fóra de territorio brasileiro, tudo estaria irrevogavelmente acabado para D. Pedro.

« Senhor, observou Pontois, a abdição de V. M. foi livre e espontanea. Para dar d'isso prova evidente é mister não partir precipitadamente, como fugitivo. »

D. Pedro annuo em esperar as noticias das resoluções das Camaras.

O tempo da espera foi consagrado aos tristes preparativos da partida.

Alguns feis servidores vieram dizer adeus aos imperiaes viajantes.

D. Pedro e D. Amelia despediram-se dos filhos, dormindo nas suas caminhas, mergulhados no calmo somno da infancia, tão perto da catastrophe.

« Durante esse tempo, escrevia, depois de passada a tormenta, Pontois ao seu chefe hierarchico em França, o ministro de Estrangeiros, conde Sebastiani, vimos simultaneamente o doloroso quadro do poder decahido, o nobre

espectaculo da resignação e da coragem na desgraça, pois o imperador, cunpre dizel-o, soube melhor abdicar do que reinar. No decurso d'essa noite inolvidavel para quantos a testemunharam, o soberano ergueu se acima de si proprio e mostrou constantemente presença de espirito, firmeza e dignidade notaveis, provando o que esse desditoso principe teria podido ser com melhor educação e com mais nobres exemplos sob as vistas ».

Cerca de duas horas se escoaram, entre espera e falta de novas. Noticia alguma chegava da cidade. O monarcha decahido não tinha mais amigos. Todos quantos eram despachados de S. Christovão, á cata de noticias, não regressavam. Os passos echoavam funebres em aposentos desertos.

D. Pedro, impaciente pelo genio e impacientado pelo momento, quiz por fim ir embora com D. Amelia, D. Maria, os marquezes de Loulé, o conde de Sabugal, o marquez de Cantagalho. Seguiam-os alguns famulos, tres officiaes e dous soldados, ultimas sentinellas da fidelidade do exercito.

Embarcaram todos em carros, seguidos até a praia pelas negras do palacio, dando gritos lacinantes. A muito custo foram arrancadas da embarcação do imperador.

Aston e Pontois acompanharam D. Pedro e os seus a bordo da não *Warspite*, sob a bandeira britannica.

Chegado ao convez D. Pedro virou-se para Pontois e para o almirante Grivel, chefe da estação naval franceza, e disse: « Quizera ter um pé no navio inglez e outro n'uma fragata franceza. Não me acho a bordo da *Warspite* senão porque n'ella me foi offerecido asylo em primeiro lugar. Agradeço os serviços que os senhores me prestaram. Na desgraça se conhecem os amigos. »

Após o desenlace da crise, D. Pedro não cessou de revelar muita calma e até alegria. Desapparecida, porém, a exaltação produzida por um grande sacrificio. D. Pedro perdeu a magestade com que abdicara. Defeitos, máos habitos, inconsistencia de idéas, pequenezas, amor pelo dinheiro manifestaram-se. Occupou-se da viagem, do futuro contando apenas com magnificos diamantes, segundo as informações de Pontois ao conde Sebastiani.

Ficou D. Pedro a bordo do navio inglez, a balouçar os ultimos infortunios sobre as aguas da divina bahia, a fitar do oceano a terra sobre a qual dominára e onde deixava os filhos, a contemplar os vastos pasteis de casas do Rio de Janeiro, em cima do prato de verdura das montanhas ou na bandeja da costa.

Pedro II já reinava. O filho era imperador, longe do pai, bruscamente virado pelo destino para as bandas do exilio, divididos ambos pela sorte, pelos homens e pelas ondas, por todas as cousas perdidas, moveções e inconstantes.

A bordo do navio de refugio de D. Pedro, veio um ministro da Regencia, o marechal de campo Almeida. Offereceu ao soberano, em nome do poder nascente, dos procuradores

do filho, uma fragata brasileira para conduzir D. Pedro ao porto do destino.

D. Pedro declarou-se penhorado pelo obsequio, sentindo-se satisfeito se lhe fosse dado partir sob a bandeira nacional. Mas ao mesmo tempo era impossivel aceitar a fineza, visto já a ter acceito da parte dos almirantes estrangeiros. Acrescentou D. Pedro com altivez e ironia : « pouparei assim ao Brazil despezas que os meus aliados, os reis da Inglaterra e da França, estão mais no caso de supportar ».

O marechal Almeida voltou com o recado para a Regencia, á qual não faltava trabalho.

Certa tranquillidade reinava na capital do Imperio abalado. Que milagre ! Gente perigosa tinha tido armas na mão e podia muito bem d'ellès recusar a entrega.

A Regencia occupou-se com a tarefa mais melindrosa das revoluções, o desarmamento do partido vencedor.

O general Lima, commandante das armas, publicára um edital ordenando a devolução das armas. As ordens nos periodos agitados são vozes no deserto. O desarmamento apresentava difficuldades, muitas constantes, renovadas. A segurança publica estava por um fio.

Bandos armados, a tropa de linha, acampavam no Campo da Acclamação. Como o primeiro cuidado das revoluções consiste em baptizar com nomes novos cousas muito velhas, o Campo da Acclamação chamou-se Campo da Honra.

Os amotina dos do Campo, declararam ao governo que não deixariam a praça publica antes da partida de D. Pedro. A' porco-espinho bellico, a revolução ericava baionetas, quando a Regencia fazia menção de arrancar-lhe os dardos.

Grupos de populares dirigiam-se ás casas das pessoas mais chegadas a D. Pedro, como por exemplo, o marquez de Paranaguá e o conde do Rio Pardo, para desfeital-os Ambos se haviam posto a salvo de insultos covardes.

O povo, ou aquillo que tal se chama nas revoluções, por intermedio dos juizes de paz, exigia do poder regencial, bambo e sorpreso, a expulsão de varios individuos do territorio brasileiro.

A Regencia promettia. Procurava tornar illusoria a promessa, por meio de avisos, dados por portas travessas, aos attingidos pela medida da expulsão, pondo-se-lhes ás ordens um vaso de guerra ancorado no porto.

Cumpria que D. Pedro se afastasse. Por fim largou do Rio a não a cujo bordo ia quem deixava uma corôa no Brazil, quem se dispunha a sustentar na cabeça da filha a corôa portugueza.

Sahio D. Pedro do Brazil de onde vira partir os pais e onde lhe estavam os filhos á guarda de uma nação, sobretudo o herdeiro do seu nome. Nunca mais havia de vê-lo.

O navio abriu as vélas. Transpoz a barra, galgou as ondas de mar alto. A terra sumira. O Pão de Assucar reduzio-se a

ponto. Desappareceu por sua vez, tudo na tristeza de último adeus, de separação definitiva.

E, como Cesar no batel que lhe transportava a sorte, D. Pedro seguiu para a patria, onde o esperava uma usurpação ao lado de uma guerra civil.

O Brazil, dia por dia, ficou atrás, para sempre, para sempre.

O mar alargou-se na successão infinita de suas toalhas verdes. Por ultimo até o Cruzeiro do Sul se foi embora, o lindo Cruzeiro com as rutilas estrellas, pregos luminosos sustentando no céo o grande panno eterno e mortuario das escuridões.

O BERÇO E O TUMULO DE D. PEDRO I

Em 1834, nos ultimos dias de setembro, D. Pedro I desaparecia da terra.

Fosse ainda vivo o Imperio do Brazil, que elle vira nascer, e com certeza, a data de 24 de Setembro teria a commemoração de outr'ora.

Desceriam bandeiras a meio páo. A guarnição traria armas em funeral. O luto official seria decretado. De espaço a espaço, um navio ou uma fortaleza salvariam.

Agora... A data desliza apenas na desfofavel indifferença das folhinhas. A morte está cansada de apertar as mãos ao esquecimento.

« Quer vêr o berço e o tumulo de D. Pedro I? » perguntou-me, em Lisboa, Abel Barradas, um dos cavalheiros mais finos da sociedade portugueza, um dos homens que tenho visto, com mais graça, escrever cartas n'este valle de tinta, se de lagrimas.

Barradas conhece admiravelmente Lisboa e suas cercanias. Não é cicerone que se despreze. Respondi, á sua pergunta, pressuroso, pela affirmativa.

« Ah! deseja conhecer o berço e o tumulo do seu D. Pedro I, que foi o nosso D. Pedro IV? Pois espere por amanhã », aconselhou-me Barradas, entre amabilidade e sorriso.

No dia seguinte, em magnifico automovel, onde iam distinctas senhoras, o que dobrava o preço do passeio, deslizamos para Queluz, onde se encontram o berço e o tumulo de Pedro I.

Era domingo. Atraz de nós, ficava Lisboa em festa, na festa do dia de repouso que syncopa as fadigas da semana.

Pelas ruas, sobretudo pela avenida da Liberdade, que não tem na Europa o devido apreço por ser moda estimar nas grandes capitaes só quanto n'ellas não presta, havia muito povo, o povo desejoso de distrahir-se a preço modico.

Das igrejas, máo grado a intolerancia dos governantes, os governados saham aos borbotões, findas as ultimas mis-

sas, sobretudo as missas elegantes nas quaes se adoram Deus e a hostia através de chapéos com plumas enormes como a valdade.

Aos poucos, a cidade ia ficando para traz. O campo apresentava-se, ainda mais quieto, ainda mais pacato, no socego domingueiro.

O automovel, em macia gigajoga, transportava-nos para Queluz de Baixo. Ahi se ergue o palacio em que nasceu e morreu Pedro I, nosso libertador a 7 de Setembro e de nós libertado a 7 de Abril.

Na estrada, nem sempre unida, nem sempre abonadora dos zelos edis, o automovel assustava, ora bandos de crianças, em fraldas de camisa, ora bandos de gallinhas ou de gansos, procurando a salvação na fuga.

Por fim o automovel parou n'uma praça, verdadeira praça al de á, com meia duzia de casas.

No fundo uma igreja, hermeticamente fechada. Sobre a torre um gallo de folha de Flandres não devia conhecer as delicias de cantar na madrugada, quando as ultimas estrellas dizem á terra discreto adeus por algumas horas.

A parada do automovel não trouxe gente, á porta das casas.

Estavamos á porta do palacio. Batemos. Acudio um porteiro. Com elle vieram alguns soldados do exercito. Obtida licença para a entrada, começamos a visita, acompanhados pelo velho porteiro, de cara simploria e redonda, de modos humildes.

« Conhece o palacio ? »

« N'elle nasci, meu senhor. N'elle vivo ha perto de cinquenta annos. Meu pai aqui esteve tantos tempos. Quem lhe disser que conhece o palacio, não o conhece como eu. »

E com effeito guiou-nos com muita certeza, dando-nos abundantes e minuciosas informações de tudo, entremeciando até a explicação de referencias historicas, despretenciosas e certas sobre « as pessoas reaes ».

Queluz de Baixo, assim se chama o palacio, construido por Pedro III. Tem o nome de Queluz de Baixo em opposição á aldeia de Queluz de Cima, n'um alto, no valle do Jamor.

Cada palacio régio portuguez evoca a lembrança do monarca ou do príncipe que o preferio e distinguio o com a sua presença.

Assim, outr'ora o paço de Alcaçova, construido no sitio do actual castello de São Jorge, e derribado pelo terremoto de 1753, lembra D. Diniz e D. Manoel.

Mais perto de nós, fallar no Palacio das Necessidades é relembrar logo o seu fiel e desditoso habitante. D. Carlos, como recordar o paço da Ajuda é resuscitar Maria Pia ou nomear o paço da Pena, em Cintra, equivale a tratar logo de D. Fernando.

D. João VI muito amava Mafra. D. Carlota Joaquina esti-

maya Queluz. A memoria d'ella se tornou inseparavel desse sitio, onde ainda se a memora.

O nosso guia repetia-lhe o nome dezenas de vezes, como quem trata de pessoa inseparavel do lugar. A sombra de D. Carlota parecia marchar ás surdas através das suas descrições, pendendo-lhe a memoria de vaga saudade.

Nada ha no vetusto paço de Queluz digno de despertar especial curiosidade. Os aposentos estão vasilios. N'um corredor certos azulejos lembram scenas do Brazil.

Os passos ecoam fundo nas salas nuas. Dir-se-iam tumulos. D'estes conservam a tristeza, o silencio e a singeleza.

A propria capella acha-se sem imagens, nem adornos. O exilio de Deus após o exodo dos reis.

Só uma sala tem alguns trastes, velhos, fóra da moda. Fallam e datam do principio do seculo findo. Nas paredes representaram varias scenas de *D. Quixote*.

Meia duzia de retratos de pessoas reaes adornam os muros, alguns de principes cuja memoria se esvaio por completo.

No aposento ha uma cama de casados, larga, procreativa. Recobre-a desbotada colcha, outr'ora riquissima.

N'esta sala uma mulher estorceu-se em dôres maternas para dar ao mundo um homem, um principe.

A mulher foi D. Carlota Joaquina de Bourbon, filha de Carlos IV de Hespanha, casada com D. João VI. O principe era o futuro D. Pedro I, nascido em Queluz, nesse dia 12 de Outubro de 1798.

E' facil imaginar a scena. A princeza recebeu em D. Pedro o quarto filho, já tendo anteriormente dado á luz a duas filhas e um filho, sendo das filhas uma esposa de Fernando VII de Hespanha.

Ao redor do leito, a sciencia obstetrica e a solicitude cortezã avivavam os cuidados, as emulações.

No palacio devia haver idas e vindas, passos dobrados, rostos affrontados de agitação, criadagem abraçada de cansaço.

Muita gente se dirigia aos aposentos do pai do principe, que, ao menos na apparencia, folgava de vê-la e fazia-lhe bom acolhimento.

Pedro chamava-se o menino que vagia em Queluz, na sala de D. Quixote, na manhã de 12 de Outubro de 1798. Pedro era nome tradicional no solio portuguez.

Trouxera-o na dynastia Affonsina aquelle soberano que, embora jovial e amavel, espantou de fereza a crueldade ao mandar arrancar o coração aos assassinos da adorada Ignez de Castro.

Pedro II, o terceiro rei das vergontças bragantinas, tambem arrancou ao irmão o throno e a consorte, essa Maria Izabel de Saboia que tantas desditas deu ao marido D. Afonso VI, sem nunca lhe promover o bem. Pedro III, esse, o esposo de D. Maria, fóra rei titular e apenas merece menção.

Existe algo de significativo, de presago, no facto de ter nascido D. Pedro I na sala de D. Quixote, o heróe que o genio de Cervantes, expressão litteraria do genio de uma raça, conseguiu gravar na memoria universal. Esta se incumbem de ir reproduzindo a gravura cervantesca na mente das successivas gerações que vão acudindo á vida, ao appello formidavel das necessidades da Sabedoria Infinita.

Tudo isso me bailava na imaginação ao entrar, demorar e examinar a sala onde achára berço a existencia de D. Pedro I.

Sahi depois, para a visita do extenso parque circumstante ao palacio de Queluz. Como devia ter sido formoso quando bem tratado ! Mas, actualmente, que descaso, que mutilações sacrilegas de impiedosos machados ! Um laranjal inteiro, verde, perfumoso, jazia no sólo, attestado da inopia do gosto e da força da ignorancia.

As arvores derribadas, algumas com as raizes novas cheias de terra fresca, todas com as folhas como pintadas a tinta de esmeraldas derretidas, embalsamavam ainda e pareciam dizer sobre as glebas que lhes concediam leito mortuario : « homens que transitais, concedei-nos um olhar, a nós que só desejamos conceder-vos alegria e amor, já rescendendo em fragrantissimas flôres, já arredondando em ouro saboroso os nossos deliciosos fructos. Por que nos derribastes ? Por que lutastes connosco, quando só eramos amigas, cortando-nos tanto com a vossa maldade, quanto com os gumes de vossos instrumentos ? »

A um jardineiro que passou dirigi a pergunta das arvores. Respondeu-me : « Que quer, *vossencia* ? E' preciso roçar o parque para estabelecer uma escola de horticultura. »

Sorri entristecido com o epigramma inconsciente e arboreo do jardineiro. Passei adiante, não sem olhar ainda uma vez para as arvores, postas no chão, para gloria da escola de horticultura.

Felizmente do parque ainda restava grande trecho onde vicejava essa bella natureza de Portugal, na Europa tão mal apreciada, tão prima-irmã da nossa na familia das maravilhas da creação.

Era gozo quasi physico vaguear pelos caminhos ensombrados, onde a herva começava a crescer. Aqui e alli se ouviam sussurros. Depois de ter andado um bocado, barulho mais forte de agua corrente feria o ouvido.

Approximei-me, approximaram-se os amigos que commigo iam. D'ahi a pouco chegavamos á beira de um canal, forrado de bellissimos azulejos, onde outr'ora punham a vogar algumas canoas para recreio das pessoas reaes.

Quantas vezes n'ellas se teria divertido D. Pedro I, antes de preparar-se para a vida, para aturar os homens, dos quaes tantos, na politica, põem velas do mesmo peso no altar de Deus e no do Diabo. Não é muito que as colloquem simultaneas nas aras da realza e da democracia.

O sitio era deveras encantador. Dobrava-lhe a venustade lindo dia, cheio de sol, de céo bem azul, polvilhado de luz, um dia quasi musical, tanto cantava na alma a alegria de viver.

Dominava-se a massa inteira do palacio, todo fechado, lutozoso, triste, avelludando-se de musgo no sopé das paredes, de limo no alto d'ellas, grandeza morta a dizer de olvido, obra de solidez a proclamar o perecimento e a fragilidade das cousas terrenas, que surgem para morrer.

As estatuas do parque, outr'ora brancas, estavam vestidas de verde, a força de chuvas. Os mezes não passam debalde para o desleixo. Quantos vestigios melancolicos os esquecimentos deixam na trilha que percorrem, na perenne tempetividade da existencia humana!

Findo o passeio pelo parque de Queluz, não me pude separar do palacio sem tornar a percorrel-o, indo deter-me de novo na sala onde nascera e morrera D. Pedro I.

Já me havia figurado o dia do nascimento d'elle. Figurei-me depois o da morte, a scena pungente, desenrolada ao redor daquella cama, a 24 de Setembro de 1834.

Ahi, aos trinta e seis annos de idade, jazia agonizante o principe illustre que reinára nove annos no Brazil e em Portugal menos de dous mezes, como se a rapidez houvesse sido a unica inspiradora d'essa existencia.

Rei aos vinte e quatro annos, vivera dobrado, esgotando pressurosamente o corpo, a alma, a intelligencia e o character, o amor e o poder, baldos por fim de seiva vital desperdiçada a mancheias, organismo ensecado quad fonte exausta de agua.

Naquelle quarto, dantes mortuario e hoje funebre, acudiam á mente as palavras graves e lapidares com que Evaristo da Veiga, ao ter conhecimento da morte de D. Pedro I, lhe sagrou a memoria na terra brazileira, pelas columnas da *Aurora Fluminense*.

Combatera D. Pedro. Na hora suprema em que desaparecia o adversario, não lhe negou nobremente o tributo da justiça.

« Se existimos como corpo de Nação livre, se a nossa terra não foi retalhada em pequenas republicas inimigas, onde só dominam a anarchia e o espirito militar, devemol-o muito á resolução que elle tomou de ficar entre nós, de soltar o primeiro grito de nossa Independencia. »

Assim opinava Evaristo ao começar a traduzir o seu juizo sobre o monarcha desaparecido.

Tão memoraveis palavras salteavam o viajante brazileiro que no, quarto do palacio de Queluz, recordava o primeiro chefe de Estado do seu povo livre.

E da cama tornada respeitavel pela morte, os olhos iam ás scenas de D. Quixote pintadas nas paredes, sobretudo á scena do heróe manchego arremetendo, de lança em punho, contra os rebanhos de carneiros.

D. Quixote !

Como esse vulto parece dominar a vida de D. Pedro I, do berço á tumba. Que foi esse rei da Liberdade senão um magnifico cavalleiro andante, cumulando de muita audacia a admiração dos seus semelhantes ou o odio d'elles?

Não soube amar uma vez só. Partio o amor em bocadinhos. Pluralisou Dulcinéa, sem nunca ouvir Sancho, isto é, a prudencia e a astucia.

Custei a deixar esse quarto de palacio, onde no leit o d morte de D. Pedro I se deitava largo trecho da historia patria. Ainda da porta de sahida circumvaguei o olhar sobre tudo, sobre as scenas do Dom Quixote, e quicá, para sempre esculpi na memoria aquelle sitio.

Pensando em D. Pedro, rememorando D. Quixote, lembrei-me de ambos ao mesmo tempo. Reflecti que talvez a morte de ambos não fosse differente.

Como sabe o leitor, poucos momentos antes do trespassse, D. Quixote sentio-se curado da insania.

O cura e o bacharel que o assistiam intentaram motejar delle, mas o manchego lhes tapou a boca com a serenidade de quem já se não sente mais réo do juizo fallivel dos homens.

« Senhores, observou D. Quixote, não vamos tão depressa. Não é mais tempo de brincar, pois nos ninhos do anno passado não se encontram mais passaros d'este anno.

Fui doido. Agora estou razoavel. Fui D. Quichóte de la Mancha, eis-me Alonso Quizano, o Bom. Tragam-me um padre para me confessar e um tabellião para fazer testamento. »

E, como tão bellamente disse Paulo de Saint Victor, entregou a grande alma á Razão, que lhe tornou sob os traços severos da Morte, como entregaria a espada a inimigo victorioso. »

Assim D. Pedro. Fallaria á consciencia na hora derradeira, n'esse dialogo entre o moribundo e o Creador, dialogo que, tantas vezes, a religião finda, trazendo, na brancura da hostia, a pureza do perdão divino.

« Sim, Senhor, offendi-vos, errei. Mostrei-me louco em certos instantes da minha vida. Agora estou razoavel. Fui grande e peccador, eis-me pequeno e christão. Que da corôa da vossa misericordia infinita se despeça longo raio para a terra sobre o tempo dos meus erros, sobre a escuridão dos meus desvarios. »

E, qual soldado que sente a retirada das suas forças, D. Pedro I, a 24 de Setembro de 1834, devolveu o ser á morte, como quem entrega a espada ao unico inimigo victorioso capaz de recebê-la.

O QUE FAZIA O RIO A 11 DE JUNHO DE 1863

Esta data, hoje de memoria gloriosa nos annaes bellicos, foi, em 1863, no Rio de Janeiro, pacato domingo, burguez e, sobretudo, pacifico.

Cedo, pela volta das sete da manhã o povo juntou-se nas immedições do Arsenal de Marinha. Vio o que era enlão costume vêr quasi diariamente, o desfilar de tropas, seguindo para os matadouros humanos do Paraguay.

N'essa manhã de 11 de Junho, a passo cadenciado, mochila ás costas, espingarda ao hombro, chumbo na patrona e no coração, marcharam, para o Arsenal, mil e seiscentos homens pertencentes a uma companhia do 5º batalhão de linha e aos corpos de voluntarios ns. 44, 43 e 24.

Officiaes e praças engolfaram-se pelo portão do Arsenal.

Entraram pelos vapores *Galgo* e *Oyapock*, ancorados nas immedições de S. Bento, prestes a zarpar para o Sul, levando o carregamento de « chair à canon ».

Enquanto uns iam rumo dos combates, das incertezas de tornar, do lance de dados do destino no tapete verde do futuro; outros, mais felizes na occasião, dirigiam-se socega-damente ás igrejas, para ouvir missa, ou se dispunham ao agrado de algum passeio ou de alguma visita.

Não houve diversões diurnas n'esse dia, nenhuma funcção publica, d'essas funcções que attrahem a massa, espicaçam-lhe a curiosidade, pondo narizes ao ar.

A familia imperial achava-se recolhida em S. Christovão, onde, sobresaltado, silencioso, enchendo-se de cabellos brancos aos quarenta annos, D. Pedro II, na solidão terrivel das grandezas, esperava o desenlace da campanha do Paraguay.

A 11 de Junho de 1863, estavam de semana, no Paço, o camarista Augusto Duque Estrada Meyer, o vereador João José Teixeira, o guarda-roupa José Manoel Duarte Lima, o medico conselheiro Dr. Lourenço de Assis Pereira da Cunha e o moço da Imperial Camara João Marques

Perdigão, companheiros officiaes da familia imperial em S. Christovão.

Não occurriam, pois, no paço da cidade nem beija-mão, nem cortejo, que divertissem o povo, o convidado da rua, nas festas de todos os regimens.

Para os cidadãos honestos, tranquillos e morigerados restava o recurso da leitura dos jornaes, em casa, á frescata. Podiam pegar no *Jornal do Commercio*, já extenso, já conceituado, ir lendo as noticias da época, correspondencias estrangeiras, chronicas de guerra, a gazetilha, os annuncios e as verrinas, anonymas ou não.

Depois o cidadão de bons costumes, á tarde, dava o seu pulo, a sua saltada, como se diz em Portugal, até á rua Direita onde, nos ns. 7 e 9, o Carceller offerencia, á gula e ao publico, sortimento completo e meloso de doces finos e gostosos.

O Carceller... Era um dos pontos de reunião de 1865. N'essa confeitaria da moda muita reputação se tasquinhou e muita empada se mastigou. Esqueciam-se, ás vezes alguns consumidores de alto cothurno de singela formalidade, o pagamento das contas. Dinheiro não exclue caloteiro.

Na tarde de 11 de Junho de 1865, o Carceller regorgitou. Quando a tarde cahio, levantando no alto o véo das grandes sombras, a multidão espalhou-se peios theatros.

Theatros... Não faltaram n'essa noite. Quem sentia no bolso do collete o tinir de algumas moedas só se encontrava deante de agradabilissimo embarço, o da escolha.

No Gymnasio Dramatico representavam os « Cancros Sociaes », drama em cinco actos, e o « Casamento Singular », comedia em tres, total oito actos, total scenico muito comum ainda hoje na Comedia Franceza. Apressemos-nos em dizel-o antes que sorrissem os arbitros das elegancias modernas, dispostos a mofar sempre do passado. Entretanto como tudo é velho sob o sol macrobio... Só ha nomes novos, mais nada.

No S. Pedro de Alcantara, o nosso theatro historico e incendiophilo, pois já pegou fogo tres vezes, exhibiam, na noite de 11 de Junho de 1865, « Os Milagres de Santo Antonio » e o engraçado « Fantasma branco », do operoso e até hoje mal estudado Joaquim Manoel de Macedo. O actor Martinho, muito celebre e applaudido na época, encarnava o capitão Tiberio, o personagem lendario do « Fantasma branco ».

No S. Januario, lá para as bandas de praia de D. Manoel, a Bohemia Dramatica Nacional, companhia de semi-amadores, promettia ao publico espectáculo attrahente com a « Dalila » e o « José do Capote », sendo a « Dalila » da lavra de Octavio Feuillet, actualmente tão esquecido.

Quem gostava de francezas, á mingua de entender francez, ia indo, esguieira d'aqui, escorrega d'acolá, para o famoso Alcazar, na rua de Valla, agora Uruguayana. N'esse theatrinho, sito entre a rua do Ouvidor e a de Sete de Setembro, os em-

prezarios Arnaud e Garnier, com entradas maximas de dous mil réis, deliciavam a mocidade carioca.

O Alcazar! Sonho dourado de todo o adolescente da época, attrahido pelas narrativas dos amigos iniciados no « templo », onde as actrizes se decotavam até os limites da decencia e as dansarinas mostravam as gambias até as raiais da flexibilidade!

No *Alcazar*, na noite de 11 de Junho, o Arnaud punha em scena a opereta *Les Gardes du roi de Siam*, protogonista a Aimée, sendo as dansas desempenhadas por Mlles Cabini e Lecerf.

No *Recreio do Commercio*, sala da rua da Ajuda, realizavam o beneficio de uma actriz cujo nome, em face do olvido, é agora enigma de obscuridade, a actriz Gertrudes Maria Mendonça da Gloria.

Os empregados do commercio que não gostavsssemam do *Recreio* tinham o récurso dos bailes nas fabricas de cerveja, diversão muito do tempo. Baile na fabrica da rua de Mata-cavillos, agora Riachuelo, baile (oh! *smarts*, velai-vos a face!) na fabrica da ladeira de S. Lourenço.

E, finalmente, quem apreciava as piruetas dos palhaços ou os vôos dos acrobatas se dirigia ao *Circo Olympico da Guarda Velha*, do Bartholomeu, Bartholomeu Corrêa da Silva, o futuro dono do actual theatro Lyrico.

Como se vê, uns morriam, nas bandas do Paraguay e outros se divertiam no Rio de Janeiro. E' curioso, para não escrever outro adjectivo, essa preocupação de gozar das capitaes quando o paiz soffre. Nunca houve tanta animação nas grandes cidades da Hespanha como por occasião dos revezes de Cuba. E assim por diante.

Comtudo nem todos folgavam no Rio, em Junho de 1865.

A guerra do Paraguay desdobrava-se vermelha sem pre-nuncios de paz. Lopes e as suas arrancadas promettiam longo folego e, quem falla em folego largo, se lembra insensivelmente do folego felino, de sete resistencias.

O imperador cuidava de tudo e de todos. A cada victoria nossa associava-se ao jubilo do povo. Na occasião da derrota com elle se tornava pezaroso.

N'essa época de crise para a nação, havia subitos estos irreprimiveis de patriotismo. Quando chegavam do sul, os vapores trazendo noticias de uma batalha ganha, fremitos calefrios nobre de orgulho percorriam o organismo inteiro do Rio.

Vibrava-se, reagia-se, vivia-se, embora errando e soffrendo, isso dos simples cidadãos ao governo.

O publico lia com soffreguidão *A Semana Illustrada* de Henrique Fleiuss, que representava o *Fon-Fon*, a *Careta* ou o *Malho* da época. As caricaturas e os desenhos d'*A Semana* tinham innumerados apreciadores, sobretudo quando se tratava do celebre moleque do Dr. Semana, uma especie de Chiquinho, côr de ebano, do *Tico-Tico*.

A 11 de Junho de 1865, o governo se encontrava dirigido pelo marquez de Olinda, o velho politico, o antigo regente, successor de Francisco José Furtado na presidencia do conselho.

Eram seus auxiliares o senador Nabuco, ministro da Justiça; Saraiva, ministro interino da Marinha e effectivo de Es trangeiros, pasta então recusada por Francisco Octaviano; o senador Dias de Carvalho á testa da Fazenda; Angelo Ferraz na Guerra; Paula e Souza na Agricultura.

No pacato domingo, 11 de Junho de 1865 os ministros tinham mais ou menos sueto no seu bairro. Olinda morava na rua do Lavradio. Na rua de Matacavallos, hoje Riachuelo, residia Saraiva. Pelo Cattete ficavam Dias de Carvalho, na rua do Cattete e Nabuco, em casa pintada cor de rosa, da rua Bella da Princeza, hoje Silveira Martins, na esquina da praia do Flamengo.

Na rua de S. Pedro morava Angelo Moniz, um pouco abaixo da rua da Imperatriz, e Paula e Souza aboletava-se na rua Duque de Saxe.

Nenhum sujeito illustre da época se pejava por ter residencia em ruas centraes ou ruas de quarteirões menos elegantes.

Que personagem proeminente de hoje ousaria residir na rua da Saude ?

Ahi, em 1865, tinha casa o chefe de esquadra Joaquim José Ignacio, ex-ministro da Marinha e da Agricultura, conselheiro de guerra, commendador das Ordens de Aviz, da Rosa e de Christo, commendador da Legião de Honra e cavalleiro da Torre e Espada.

Cada um em seu lar, os membros do gabinete Olinda passaram, com maior ou menor numero de tarefas, o domingo 11 de Junho de 1865, á espera de noticias da guerra, « emprehendida contra todos os direitos divinos e humanos, inaugurada com a espoliação, o roubo e o assassinato », conforme declarára Olinda ao organizar ministerio e ao apresentar-se ás Camaras.

Emquanto o Rio, no dia de 11 de Junho, vivia conforme acabamos de referir, pintando a existencia de grandes e pequenos, Francisco Manoel Barroso, portuguez de origem, nascido n'uma rua central de Lisboa, em pleno Chiado, ganhava uma das mais celebres batalhas navaes do mundo, a do Riachuelo, cuja immorredoura recordação deixa a nossa combalida e desfalcada marinha de guerra nos abraços bem apertados e consoladores do Brazil e da gloria.

CAXIAS

Commemora sempre o exercito brasileiro o anniversario natalicio do marechal duque de Caxias, talvez a figura mais representativa d'esse mesmo exercito.

Que dizer, em estreito espaço sobre o homem de guerra que tantas vezes cultivou a paz ?

A sua individualidade faz bloco com a nossa historia. Arrancal-a d'ahi equivaleria a desconjuntar todo o edificio social patrio, da Regencia aos fins do segundo reinado e soterrar-se sob os escombros da demolição violenta.

Uma das curiosas faces da personalidade de Caxias foi a arte de escolher auxiliares, de animal-os e de retel-os, dom só concedido ás intelligencias superiores.

Caxias a possuio no mais elevado grão. Ser auxiliar de tal chefe valia outro'ra por titulo de recommendação de primeira ordem, um desses empenhos que honram, bem diversos dos vulgares *pistoloës* modernos, cheios de lagrimas engrossativas, cuja fumaça deve nausear o « homenageado », neologismo de noticiario laudatorio.

A arte de escolher auxiliares é função de outra arte complexa, a de governar, que, entretanto, parece estar ao alcance de qualquer.

Frederico, o Grande, dispensava auxiliares. Conforme Macaulay, amava demasiado o trabalho. Sentia necessidade insaciavel de ordenar, de intervir, de ostentar poder. Mantinha pelossemelhantes desconfiança e desdem por demais profundos para pedir conselhos, confiar segredos importantes, ou investir alguém de autoridade consideravel.

Na sua singular monarchia, Frederico era tudo e todos, o seu proprio thesoureiro, o seu proprio general, o seu proprio intendente das obras publicas, o seu ministro de todas as pastras, o seu proprio camarista.

Isso era possivel nos bons tempos do absolutismo, quando o rei representava a imagem da lei sobre a terra.

As cousas mudaram. Não sei se hoje o systema funcio-

naria, até na Russia czarista, tale qual o praticava Frederico.

No Brazil sempre os chefes tiveram e tem ajudantes. Escolhel-os, ir buscar *the right man*, dar-lhe *the right place*, eis a difficuldade.

A nossa historia politica, diplomatica, militar e financeira registra inumeros fiascos dos chefes por falta de collaboradores idoneos.

Estes, quando leaes e honestos, pagam-se com um elogio sobrio, com o estimulo de uma palavra feliz, de um encorajamento que eleva e banha o brio de alento.

Outros são os collaboradores que esperam apenas por avisos reservados.

Pelos auxiliares se afere o chefe. No exercito foi proverbial o acerto de Caxias na escolha dos collaboradores, dos encarregados da traducção de seus pensamentos. E não falta quem attribua a escolhas opportunas o exito invariavel de suas campanhas, já contra irmãos transviados nas lutas intestinas, já contra estrangeiros offensores da patria, familia ideal de todo cidadão.

Caxias teve campo largo para exercitar as excepcionaes qualidades de clarividencia e mando.

Ha homens aos quaes o tempo concede poucos annos para o surto da gloria. Elevam-se n'um arranço. Outros nomes se gravam lentrevente na memoria das gerações.

Alexandre Magno, conquistador e fundador ao envez da maioria dos conquistadores, morrendo logo depois de trinta annos, encheu, desde os vinte, o mundo antigo com o estrepito das suas armas e os echos das suas victorias, cujo melhor estandarte foi esse hellenismo que o macedonio desfraldou pela Asia inteira.

A outros homens, como Caxias, o tempo entrega longos annos para edificarem a gloria, construindo a immortalidade pedaço a pedaço.

Com effeito o nome de Caxias apparece sempre formado junto á ordem e á legalidade, desde o simples posto de commandante do Corpo Militar de Policia da Côte, dos *permanentes*, nome raro no nosso paiz, onde os provisórios eternos medram com tanta pujança. A dynastia o teve por servidor. Nenhum outro de seus servidores recebeu tão altas recompensas, inclusive a *do nosso unico* ducado.

Que deixou de ser Caxias no Brazil ? Acima de todas as honrarias paira, porém, o mais bello dos titulos, o de pacificador. E o foi, dizem os detractores, corrompendo os homens, como se a pecha não attingisse mais os corrompidos do que o corruptor. O ouro jámais amolleceu o civismo ou se prendeu em mão limpas.

Até 1848, Caxias foi o moto-contínuo militar do Imperio através das provincias, convulsionadas por motins e revoltas. Trouxe-lhes a espada atrás do ramo de oliveira. Combatteu depois de aconselhar.

De 1848 em diante, directa ou indirectamente, deixa de ser

o interventor nas lutas civis. Assume o mesmo papel n'um momento dado da guerra do Paraguay.

A sua acção n'essa guerra longinqua, sustentada com sacrificio tinto de sangue, pode ser discutida, criticada, escarneeada até, que nunca faltou adversario a sujeito illustre.

« Sabia, comtudo, ser general e identificar-se com o exercito que commandava », escreveu alguém que o tratou muito de perto.

Esse mesmo alguém registrou um rasgo digno de ser conhecido « e por certo não inferior ao de Alexandre, quando o grande macedonio, atravessando o deserto de Gedrosia, e soffrendo, como todo o seu exercito, a mais penosa sêde, enterrou na areia o capacete cheio de crystallina agua que, de muito longe, lhe trouxeram para beber.

Estava Caxias todo molhado, a cavallo, debaixo de bastas laranjeiras, a cada instante varadas por balas de artilharia.

N'isto se lhe acercou uma ordenança de cavallaria, trazendo com cuidado, fumegante e odorifera chicara de café.

— O Sr. Dr. Bonifacio de Abreu manda este café a V. Ex., disse o cabo; recommendou-me de não deixar cahir um só pingo no chão.

Olhou-o o marechal, pausadamente.

— Eu não quero, replicou afinal; beba você, camarada.

E, voltando-se para o estado-maior observou, com tristeza :

— Quando os meus soldados estão morrendo á chuva, não posso ten nenhuma regalia, por pequena que seja.

Comprehende-se que se ame um chefe assim, « sempre prompto a desculpar faltas ligeiras, mas terrivel e até implacavel em reprimir culpas graves. A confiança uma vez retirada nunca mais a restituia. Todos sabiam d'isso. »

Uma vez relevou, com muita graça e bondade, a falta ligeira de um dos ajudantes de ordens.

Era na cidade de Caxias, venturosa cidade maranhense onde Gonçalves Dias nasceu e berço da nobreza de Luiz Alves de Lima e Silva.

Tratava-se de reprimir a revolta dos Balaios.

Caxias morava n'um sobradinho em cujo andar terreo residiam os ajudantes de ordens.

Um delles, o Tenente***, alegre, espirituoso, dava entrada discreta no aposento a uma cabocla, baixa e bonita, que de certo não era autoridade tactica.

Um dia, Caxias entrou sem annuncio no aposento do official. Este, celere e perturbado, mandou sahir a cabocla, então fardada, com duas divisas de cabo de esquadra.

Caxias, por segundos, encarou o official e a improvisada praça de pret, igualados no mesmo vexame. Depois, com paternal severidade, observou :

— Este cabo parece bem geitoso e intelligente. Mande-o promover a furriel e transfira-o para um batalhão destacado longe.

Não o quero encontrar nunca mais, ouviu, Sr. tenente? accrescentou accentuando as syllabas.

O official perfilou-se, fez a continencia e retorquiu com engraçada seccura militar:

— As ordens de V. Ex. serão rigorosamente cumpridas.

E quando annos depois, diante de mim, narrou o facto, a voz tremia lhe ao compasso da saudade na recordação do seu general já desaparecido, da sua mocidade já desvanecida.

Ah! era alguém esse homem, que sabia entrar na alma alheia e sahir d'ella, capturando-a para sempre.

Se errou, como erraram palmarmente os mais celebres capitães, como no dia de Itororó, como no modo pelo qual conduzio, não raro, a guerra do Paraguay, não basta para a sua gloria immorredoura ter ordenado e vigiado a marcha pelo Chaco, inutilizando as melhores linhas de defesa de Lopes?

Imagine-se transportar um exercito em peso por tremendo alagadiço, sujeito a sen invadido pelo rio, alagadiço sobre o qual se estendeu fita itineraria de estivas e palmeiras sobre a qual transitaram as nossas forças.

« No dia em que pela extensa picada passou a ultima carreta de commercio, terrivel inundaçào a invadido de tal modo, que os navios da esquadra por ella commodamente transitaram, desviando-se do leito do rio. »

O general que ordenou e presidio esse arriscadissimo passo de guerra, o exercito que o executou, merecem, de certo, um bravo entusiastico, tão entusiastico quanto o devido ao desditoso povo paraguay, republicanicamente acorrentado á mais nefanda tyrannia.

Finda a campanha do Paraguay, não cessou a missào de Caxias. Restava-lhe uma ultima sentinella, a do throno.

D. Pedro II partira para a Europa. A princeza imperial, na forma da Constituiçào vigente, assumio a regencia do Imperio.

Coube ao velho duque organizar Gabinete, e, na constancia d'elle, servir de conselheiro á Regente, cuja mão, na primeira viagem do Imperador á Europa subscrevera o decreto n. 2.040, de 28 de Setembro de 1871, que, sob a numerica sequidào administrativa, esconde a libertaçào dos nascituros da escrava.

Caxias formou Ministerio, o celebre 25 de Março (1875). Ficou com a pasta da guerra, antes gerida por Junqueira.

Entregou a pasta do Imperio a José Bento, lente de direito e antigo parlamentar, deu a da Justiça a Diogo Velho, habil e bem cotado no partido conservador. Nos Estrangeiros collocou o Barão de Cotegipe, uma das mais bellas intelligencias do Brasil, conforme o autoritario Zacharias; e, accrescentava este, infelizmente estragada pelo voltarete e pela chalaça. Cotegipe ficou nos Estrangeiros e na Fazenda por algum tempo.

Da Marinha encarregou-se Pereira Franco, que a Repu-

blica vio morrer como ministro ainda, mas desta vez do Supremo Tribunal de Justiça.

Na Agricultura, Commercio e Obras Publicas, a mais nova de todas as pastas ministeriaes do Imperio, installou-se Thomaz Coelho, homem de raro talento e cuja acção politica cessou, infelizmente para a causa monarchica, em momento bem critico e decisivo para ella.

De Março de 1875 a Janeiro de 1878, quando o partido liberal subio ao poder com Sinimbù, o duque de Caxias, ao lado da Princeza Regente, sub-presidio aos destinos do Brasil.

Regressando o imperador da Europa, estava finda a sentinella do velho marechal, mais do que septuagenario, alquebrado pela lida de viver, a par da usura natural de carreira combalida, perigosa e afanosissima.

Nos ultimos dias de existencia retirou-se para a fazenda de Santa Monica. Ahi, a 7 de Maio de 1880, entregou ao Creador a alma que d'elle recebera para uso da humanidade e da terra natal.

O seu cadaver foi transportado para o Rio. Vestia a farda de grande gala de marechal do Exercito. Trazia sobre o peito apenas duas medalhas militares, sendo uma d'ellas a da campanha do Paraguay. Dispensou, por testamento, todas as elevadissimas honras que de direito lhe competiam, como a maior figura official da nação brasileira, por cuja integridade pelejára mais de vinte annos.

Quiz ser enterrado como simples irmão da Cruz dos Militares, a benemerita confraria cujo titulo relembra ao soldado o madeiro sobre o qual Jesus batalhou pela redempção.

Determinou que seis praças de pret lhe carregassem caixão. Dispensou da tarefa as outras classes sociaes. Attribuiu-a aos humildes companheiros de fadigas, descendo assim do pedestal das grandezas nos braços dos homens chamados de nada.

E ao pulso de seis soldados rasos, o esquite de Caxias galgou as escadarias do cemiterio da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula, em Catumby.

Ainda alli se acha, n'um carneiro bem no alto, á esquerda de quem sobe, dominando o principio da rua de Itapirú, de nome paraguayo, e o valle de Catumby, todo pontilhado de casas rubras ou còr de rosa, ás vezes agglomeradas, ás vezes disseminadas entre largos trechos de verdura sobre os quaes se acimam coqueiros, em cujas palmas o vento põe o sussurro e a illusão do mar.

N'um carneiro, um tanto empretecido, quasi visinho da duqueza de Caxias, fallecida em 1874, jaz Caxias, sob uma lapide na qual esculpiram espingardasinhas, chuçosinhos, cornetas, tambores, balas.

Atraz do tumulo existe campa bem significava, a de Francisco Octaviano, contemporaneo illustre de Caxias, no

torvelinho da politica, e seu companheiro actual no socego da morte e nas profundidades da terra.

Da elevação onde sepultaram Caxias e Octaviano se descortina formosa paizagem. Dizendo-se brasileira quasi se dispensa dizel-a formosa.

Perto dos tumulos verdeja linda mangueira em cuja copa innumerous passarinhos gorgeiam amores. Sobre as campas o sol deve bater de chapa. A chuva deve laval-as com força nos dias cinzentos ou nas noites escurissimas.

O velho cabo de guerra ahí está ao rigor do tempo, em funebre armadura de marmore, dominando a cidade que lhe deu o berço e lhe preparou o tumulo, tendo-o visto sempre o mesmo soldado, de espada erguida contra o rebelde ou o inimigo e abaixada em continencia perante os seus juramentos militares, o throno e as leis da patria.

O BAILE DA ILHA FISCAL

Era a nove de Novembro de mil oitocentos e oitenta e nove.

O Rio agasalhava os officiaes da armada chilena, da não *Almirante Cochrane*, nome inglez, semeador de glorias bras-deiras na marinha do primeiro imperio.

A capital tratava régiamente os militares republicanos, vindos de longe, da outra banda da America, onde os Andes azulam na distancia e o Pacifico tantas vagas encanece.

Tudo tinham os hospedes andinos, desdobrando-se o Rio em idéas originaes, em alvitres obsequiosos, em festas de toda a ordem para contental-os.

Convidava-os, de mil maneiras, a visitar os recantos agradaveis, technicos ou illustres da primeira cidade da America do Sul, fadada a ser uma das maiores do mundo.

Inventou corridas de cavallo, espectaculos, banquetes, recepções. Levaram-se os chilenos ao Jardim Botânico, ao seu numeroso corredor de palmeiras; ás salas do laboratorio pyrotechnico do Campinho, onde o director, o capitão de artilharia Alexandre Barreto, mostrou-lhes, com guerreira amabilidade, tudo quanto se tem inventado para não morrer ou para matar depressa o semelhante.

Do Campinho foram os chilenos ao palacio Leopoldina, ao edificio do Collegio Militar, do Collegio ao Instituto Historico, a toda a parte, impellidos pela sympathia, que sabe tão bem carregar sem braços.

Jubilo, mesuras, protestos de mutuo, duradouro e terno amor.

De tão leves de prazer, os corações pareciam pesar pouco na balança dos dias.

O governo de então, o ministerio liberal do visconde de Ouro Preto, cuidou tambem dos viajantes conspicuos.

Offereceu-lhes um baile. Um baile? Não, verdadeira revista de mostra da sociedade brasileira.

Quiz reunir, em ramo mundano, as melhores flôres da intelligencia, da riqueza, da graça e da formosura cariocas.

para entregal-as, n'uma só noite e n'um só gesto, á consideração dos estrangeiros.

Era a nove de Novembro de mil oitocentos e oitenta e nove.

Não deviam faltar interrogações ao governo.

Como se resolveria a crise politica rolando da solução romantica da Lei Aurea dada ao problema positivo e juridico da escravidão?

Quem se opporia á idéa republicana, « que andava no ar ». Assim a nuvem da trovoadá pesa por muito tempo sobre a terra, escuramente enigmatica, antes de soltar do seio para o sólo o traço de união instantaneo e fulminante do raio.

N'um estabelecimento militar, presentes o ministro da Guerra e os officiaes chilenos, Benjamin Constant subio á cathedra do protesto, para uma lição ao governo, dizendo repellir as pechas de insubordinados, indisciplinados e desordeiros atirados pelos amigos do ministerio á face do Exercito, composto de cidadãos armados e jamais de janizaros.

Mão grado todas as apprehensões, todos os registros sistemicos e imperceptiveis de revolução imminente, os festejos aos chilenos proseguiam, na serena compostura de disfarce da inquietação intima perante estranhos.

Chegou-se a nove de Novembro de mil oitocentos e oitenta e nove.

Era sabbado. Durante o dia o calor fôra intenso. O sol amarello, de verão, parecia a mais desmarcada esterlina do thesouro desconhecido do céu.

A idéa do baile da Ilha Fiscal ardia em todos os cerebros do Rio de Janeiro, augmentando a pressão sanguinea, quasi empurrando as horas para lhes espicaçar o volver fatidico.

Nos lares dos convidados a modista e o caballeireiro vestiam corpos e vaidades, adornavam cabeças e faceirices.

Diante dos espelhos, as damas miravam, se pondo o orgulho em consulta ao ouvido da belleza. Enfeitavam-se, entre o ruge-ruge da seda que farfalha, qual o passo sobre folhas seccas, e o lindo pestanejar de luz das pedras preciosas.

Nas casas dos não convidados a cozinheira e a copeira eram aguilhoadas pela pressa de quem desejava jantar cedo para ver até tarde.

A' boca da noite, metade da população orlava de curiosidades o vasto trecho de littoral da dóca do Mercado ao Arsenal de Guerra.

Não faltavam cotovellos e sobravam cotovelladas.

O crepusculo fôra de verão, cheio dos jogos de luz da maravilhosa scenographia celeste e tropical.

A's cores vivas, ao esbrazemente no poente, succederam as cores esbatidas, delicadas, a rosea pulverização das despedidas do dia.

Por fim, enviuvado o céu em nuanças violaceas e tristonhas, a escuridão rompeu os diques da noite, alagou o espaço.

Em breve, porém, surgiu a lua, pondo na altura o luar que, onde não era de castidade, era de lyrios.

Carros e mais carros chegavam ao Pharoux, enchendo a treva de luzes, depositando no caes mimosos carregamentos de senhoras embuçadas em capas riquissimas, em quanto tecido molle, fino, voluptuoso, a moda inventa para calcar prazeres e aspirar dinheiro.

Os vehiculos rodavam lentamente, indo accumular-se na rua da Misericordia e immediações, formando nocturna collecção retrospectiva de cocheiros e de seges ao ar livre.

Na bahia, qual grande flor de petalas abertas em luz, resplandecia a Ilha Fiscal.

Do alto da torre d'esta um fóco electrico varria o littoral, espancando a brancuras os edificios do largo do Paço, o vetusto palacio da cidade a capella imperial, caíndo em azafama luminosa a igreja do Carmo.

No cáes Pharoux o espectáculo deslumbrava. A Fiscal, as embarcações no mar, haviam se çoalhado de lanternas venezianas dansando antes dos pares nos rythmos [caprichosos das virações, sopradas pela boeca humida da barra.

Plantas escolhidas, flores variadissimas, a mais faustosa ornamentação, aprimoravam a Fiscal, entrelaçadas por toda a parte as côres da bandeira chilena e da nossa.

Embarcações illuminadas rodeavam a ilha, observatorios fluctuantes, de onde os excluidos da festa a gozavam pela vista, espiando-a com a curiosidade descontente e maledica dos excluidos de qualquer satisfação terrena.

A barca *Primeira* ia e vinha, do cáes a ilha, da ilha ao cáes, levando convidados: moças, vaporosas no *surah* e na *gaze* bordada; senhoras, na sisudez elegante dos tecidos escuros; militares de terra e mar em grande gala, de dragonas aurificas, de pennachos soltos ao vento; diplomatas, de fardas bordadas rutilas de veneras; senadores do Imperio, de calça de casimira branca, de fardão verde escuro, espalmado de ouro; simples particulares, envergando negras casacas.

A's nove da noite chegam ao Pharoux o imperador, trajando de almirante; a imperatriz, de vestido preto, enfeitado com rendas de Chantilly, e o principe D. Pedro Augusto, de casaca, com a placa do Cruzeiro.

Entraram todos na *Primeira*, pintada com as côres chilenas e brasileiras, cheia de galhardetes, uma enfiada de balões venezianos em cada costado.

Ouvio-se o ruido da desatracação. Grossas correntes de ferro cahiram, atiradas brutalmente na fluctuante. E, ao som das musicas de terra, á acolhida das musicas da ilha, a barca singrou para a Fiscal, a proa riscando na vaga ephemero caminho de prata.

Justo, nessa hora, n'um prédio sem apparencias, n'uma das ruas centraes da cidade, um grupo de homens se despedia. Seguiram uns rumo de casa, a renovar descansos, outros

para quartéis, a proseguir na conspiração contra o governo.

Haviam-se reunido no proposito de hostilizar-o, na hydropsia da desaffronta de suppostos direitos conculcados.

Emquanto, finda a reunião, se espalhavam pelo Rio, em rastilho de conjura, a princeza D. Isabel e o conde d'Eu entravam na *Primeira*, cuja prôa infatigavel reabria na vaga ephemero caminho argenteo.

Em poucos minutos atracava á ilha. A princeza desembarcava, tendo ao lado a sua dama, a baroneza de Loreto, vestida de velludo negro com vidrilhos.

D. Isabel ia erecta, com o porte distincto, de sempre, digno da descendente de Maria Thereza, no traje de *moire antique* preta, o corpinho alto, bordado a ouro, um diadema a ostentar a riqueza das gemmas na volubidade faiscante das côres.

Longe, do outro lado da cidade, em São Christovão, onde D. João VI abdicara disfarçadamente e D. Pedro I ostensivamente, fingiam dormir os quartéis onde ebuliam desconfortamentos. As sentinellas das portas não lhes velavam somnos, sim olhos abertos, ouvidos attentos, labios em murmurio.

Dansava-se na Fiscal, dansava-se muito.

No alto da torre do edificio aduaneiro a celebre banda de musica do Arsenal de Guerra tocava alegremente, galhofeira, como convidando até o vento a valsar tambem com as folhas da verdura improvisada da ilha.

Nas salas, atonetadas de gente, as orquestras desfiavam notas diante do passo dos pares, juncando lhes o deslizar de harmonias sonoras.

Lá nos quartéis as peças de artilharia brilhavam mais sinistras, como se adivinhassem proximos serviços expeditos, futuras faxinas de resistencia, fogo, fumo e sangue.

Na ilha, entre a florescencia calida das luzes, a familia imperial, os ministros, os senadores, os deputados, os altos funcionarios da corôa e do Estado, as elevadas patentes militares despediam-se, inconscientes, de sessenta e sete annos de passado, embolando-se n'uma ilha depois de haverem governado um dos mais vastos paizes do universo.

Setenta e sete annos de passado, quasi um seculo, diziam adeus a uma sociedade em peso, a longo reinado, n'esse dia nove de Novembro de mil oitocentos e oitenta e nove, dia e mez em que, quarenta e seis annos atraz, morria o padre Feijó, n'uns palmos de terra natal, depois de haver salvo a monarchia na terra inteira do Brazil.

O ministro de Estrangeiros, o rio-grandense do sul Diana, fazia as honras da casa aos chilenos, ao commandante Bannen, o principal d'elles, ao lado de Vilamil Blanco, o ministro do Chile.

O Imperador mostrava affabilidade, animação pouco habituais. O primeiro ministro, o visconde de Ouro Preto, movia-se entre lisonjas e aduladores, recebendo parabens pelo

exito da festa organizada pelo barão de Sampaio Vianna e pelo guarda-mór Hasselmann, especie de Hausmann d'essa construcção improvisada.

E dansou-se e comeu-se e rio-se e galanteou-se, enquanto a noite, a principio de luar, se ia transformando treva escura, mas limpida, em borrifo de estrellas.

A via-lactea avançava intacta céo a dentro. Assim no globo as enormes massas d'agua fluvial não perdem, durante muito tempo, a côr e a sapidez na profundeza da cuba inquieta do oceano.

Depois...

Depois veio vindo a madrugada, a fresca batedora do sol.

Na noite agonisante, encalmada de estio, adensaram-se nuvens. Uma procella suspendeu-se, refrigerante e rapida.

O baile ardia ainda. Sá a manhã completa lhe soprou a animação, dispersou-lhe os elementos.

Já era dia claro quando massas compactas de convidados desampararam a Fiscal.

Grossas gottas de chuva salpicavam de presagos prantos o catafalco insular, as exequias coreographicas da monarchia.

Essa festa deslumbrante, memoravel e memorada, fôra para ella como o final dos grandes fogos de artificio, nos segundos em que as lagrimas de todos os foguetes estalam, associam-se e concorrem para o fragoroso fulgor do clarão derradeiro...

PEDRO II

As sentenças finais dos processos historicos assemelham-se, não raro, ás sentenças finais dos processos judiciarios. Muitas gerações envelhecem antes de proferir-se a sentença.

Juizes e mais juizes, advogados e mais advogados, escriptães e escriptães, meirinhos e meirinhos desaparecem na morte, seguindo rumo de tribunal supremo, bem diverso dos tribunaes d'elles. Só então a sentença é dada e, as vezes, não anda, manqueja.

A sentença final no processo historico do reinado de D. Pedro II já se a póde prever. A gloria do nosso ultimo Imperador está sendo sujeita á acção summaria, após alguns annos de esquecimento.

Sem distincção de classes ou de credos, todos, republicanos, monarchistas, indifferentes em materia politica, entendem cooperar para a glorificação do grande brasileiro, na immensa terra que os descobridores, descendo das caravelas, puzeram á sombra universal da cruz.

Varias camaras, municipaes pediram a principio, a Camara dos Deputados pediu depois, a trasladação dos restos mortaes de D. Pedro II para o solo do Brasil, sobre o qual governou, por graça de Deus e unanime aclamação da honestidade.

Povos, assembléas, jornaes realçaram a magestade daquelle magestade, que já não póde dar mercês ou distribuir favores.

Ha divergencias na apreciação do seu reinado. Cosa natural e humana, contingencia inevitavel. Ninguem, comtudo, ousará negar a D. Pedro II, ardentissimo amor patrio, clemencia invariavel, paixão fanatico pela liberdade, com prejuizo dos interesses dynasticos e honradez proverbial.

Não servia para rei, allegam. Ninguem se atreve a accrescentar : não servia para homem.

Na Camara dos Deputados, um representante fluminense, o Dr. Mauricio de Lacerda, apresentou um projecto tendente

a repatriar o cadaver de Pedro II. A alma d'elle, essa, sem carecer de projectos, jámais deixou o Brazil.

Lendo a noticia do facto parlamentar, lembrei-me da ultima visita por mim feita a S. Vincete de Fóra, actual jazigo de D. Pedro II.

Foi em Fevereiro de 1912, em vesperas de partida para o Rio de Janeiro.

Na terra portugueza, hoje sulcada de odios e regada de sangue, conservo bons amigos que recordo, saudoso, emquanto não os posso rever, alegre.

Não quiz despedir-me d'elles, nem de Lisbôa, sem prestar homenagem ao pedaço de historia patria fechado no caixão de D. Pedro II.

Raros brazileiros aportam á capital luzitana sem ir logo a S. Vincete de Fóra.

Bem o sabem os cocheiros dos cáes, a cata de freguezes e, sobretudo de gorgetas, do alto das boléas. Désses observatorios move-diços, onde não receiam céos nublados, os cocheiros observam os desembarcadiços, os senhores viajantes, os excellentissimos estrangeiros, em cujos bolsos tinem as libras louras, flavas como as raparigas britannicas.

Uma das curiosidades da Lisboa Oriental, a igreja de S. Vicente de Fóra, é tão avultada em dimensões, quanto o templo de S. Domingos, no Rocio, a igreja onde casou D. Carlos.

Construida no tempo de Felippe II, a actual igreja de S. Vicente substituiu a do convento de conegos de Santo Agostinho, do tempo de Affonso Henriques. Chama-se S. Vicente de Fóra por ficar outr'ora situada fóra dos muros de Lisboa.

O monumento vicentino abrange tres partes, o templo, o paço do patriarcha, o pantheon bragantins. Encerra dous claustros fechados, para o segundo dos quaes deita a porta do pantheon.

Apenas aberta, depara-se, na parede, com os tumulos do duque de Saldanha e do duque da Terceira, servidores da dynastia e como que, até na morte, embutidos n'ella.

Penetra-se no pantheon. Logo fere a vista, no fundo, bem destacado, com pomposa inscripção latina, ultima inflação real, o tumulo de D. João IV. E' de marmore de Carrara e jaspe. Na frieza do marmore emparelha com a da morte, na variedade do jaspe emparelha com a da existencia.

N'essa crypta sombria, onde a luz parece penetrar com saudades dos esplendores do ar livre, ha enorme lição de historia, resumida na pequenez de uma série de esquifes.

Na multidão dos infantes embalsamados, mumias esquecidas de épocas lembradas, vê-se um batalhão de reis e de rainhas, alguns dos quaes interessam o Brazil, bem de perto.

Já foi evocado D. João IV. Visinha-lhe o sarcophago o da mulher, Luiza de Gusmão. Sarcophagos ha poucos.

No pantheon existem duas prateleiras altas, ao longo dos

muros. Sobre ellas poísam os caixões régios, um ao lado do outro, quando não um em cima do outro. Algum espaço-sinho de sobresalente fica reservado ás urnas de mogno e a esquisifinhos forrados de velludo vermelho, onde jazem os infante siuhos.

De longe, visto rapidamente, o pantheon de S. Vicente de Fóra, com as suas caixas sinistramente oblongas, dá perfeita idéa de alfandega da morte, em cujo armazem os cada-veres esperem despacho ou apresentação do manifesto.

A tal alfandega não faltam caixões reaes. Aqui o de Affonso VI, que ficon sens o throno, a mulher, a razão e a liberdade, antes de perder a vida. Alli o de Pedro II, irmão de Affonso VI, usurpador do throno d'elle, raptor da Neunhada, turbador da razão e detentor da liberdade fraterna.

Ao contemplar o esquife de Pedro II sóbe á memoria, das profundezas da recordação, o gentil soneto de Gonçalves Crespo. *No Jogo das Cannas* :

*« Nas janellas do paço é toda a fidalguia :
Que jocundo prazer, que risos, que alegria !
Espectaculo augusto, nobre e singular.*

*O sexto Affonso applaude : emtanto maliciosa,
Maria de Nemours, sorrindo, a incestuosa !
No cunhado, subtil, pousa o lascivo olhar... »*

Depois de Affonso VI e Pedro II, D. João V, o Magnifico, deitado em modestissimo caixão, D. Pedro III, D. João VI, Carlota Joaquina, D. José I, D. Maria II, D. Pedro V, D. Luiz, D. Amelia, a segunda imperatriz do Brazil, Pedro IV, D. Carlos, o Príncipe Luiz Felipe, a terceira imperatriz brasileira D. Thereza Christina, n'um caixão pequenino simples como ella era.

Junto, n'um esquife com tampa de vidro, está o nosso D. Pedro II, coberto pela bandeira brasileira, maculada por alguns pingos de espermacete.

Explica-se o facto. Muitos visitantes chegam tarde, no inverno, quando o proprio sol já começou a fazer economias de luz.

Não podem adiar as viagens. Não querem partir sem ter contemplado o grande homem de bem do Brazil honrado.

O guarda do pantheon accende uma véla. A' luz desta, os visitantes embebem o olhar na tampa de vidro do esquife. A's vezes a véla pinga... como pingam depois as gorgetas ao encarregado do pantheon.

D. Pedro II está fardado. O collar da ordem da Rosa estrellalhe o peito abatido. Um crucifixo poisa-lhe nas mãos descarnadas. O rosto parece de cera velha. As barbas, outr'ora tão finas, tão sedosas, tão brancas, amarellecem feiamente como o marfim antigo.

Ignoro porque motivo o corpo do Imperador parece min-guar cada vez mais. Acriança-se na immobildade da morte. Quando o vi, em Fevereiro de 1912, ainda o achei menor do que em fins de 1909.

Communiquei o facto a diversos amigos. Todos confirma-ram a observação.

A cabeça de D. Pedro II repousa n'um travesseiro cheio de terra brazileira, conforme tem sido tantas vezes repetido.

Dir-se-ia que o amor da patria lhe alteia a cabeça para apresental-a ao visitante, na attitude do carinho.

Assim o vi quando, no principio de 1912, deixei Lisboa, a sympathica antecamara das grandes capitaes da Europa.

Era domingo de Carnaval. Depois de ter consumido a manhã vagueando no parque do palacio das Necessidades, fechado e lutuoso, dirigi-me a S. Vicente de Fóra, do lado opposto a cidade.

No Chiado e no Rocio alguns mascaras passeiavam melancolicamente o tédio dos espiritos, a deselegancia das fantasias, por entre ondas de povo miudo, a cata de divertimento.

Meia duzia de carros enfeitados circulavam em moto-continuo, pela rua do Ouro, até o Terreiro do Paço, regres-sando ao Rocio pela rua Augusta. Cousa equivalente a ir do largo de S. Francisco á praça Quinze de Novembro, pela rua do Ouvidor, voltando pela do Rosario.

Havia alguma animação e algum ruido nos pontos mais contraes. Fóra delles reinavam silencio e tristeza.

Lisbôa tinha escassos fôcos de alegria. Observaram-me que outr'ora o carnaval, e sobretudo o entrudo, attigiam proporções de verdadeira loucura, d'essas loucuras despre-sadas pelo psychiatra, mas reaes e patentes.

« Ah! se o senhor visse o Carnaval dantes », suspiravam lisboetas entristecidos. « Isso, sim, valia a pena, é que era folgar. Andava-se por ahi de gorra com as raparigas por uns dous pares de dias. Hoje, meu senhor... »

E fundo suspiro do interlocutor completava a phrase e as saudades... das raparigas.

N'esse tedioso domingo de Carnaval do anno do enfado de 1912, para maior caiporismo, choviscava. Aborrecimentos nas almas e lama nas ruas.

Comecei a vaguear entre o povo, com o singular estado d'alma dos que partem para viagem longa, qual a de atra-ressar o Atlantico para ir ter ao Brazil.

No Rocio passam os americanos (leia-se bondes) da Graça. Tomei um d'elles. Comecei a subir, a subir, a ser balançado, a ser balançado, a cumprimentar sem querer os edificios publicos semeados pelo trajecto, a Sé, o Aljube, prisão das mulheres, o Limoeiro, carcere dos homens.

Depois de ter varado muita ruasinha estreita e ingreme, cheguei defronte de São Vicente de Fóra.

No largo da igreja, tudo era mudez, magua e chuva.

O antigo palacio do patriarcha, annexo ao templo, estava cerrado, melancolico, deserto.

A revolução não derribara apenas o throno. Removera o altar. E, com elle, o patriarcha, obrigado a retirar-se de Lisboa em consequencia da falta de segurança para os padres. Excepto para os sacerdotes inglezes, ostensivamente de batina, atravessando a cidade com passo tranquille, rindo conversando, como quem tem as costas quentes... pelo calor da Grã Bretanha.

Um gesto, um olhar não os desrespeitavam!

Dirigi-me ao Pantheon real, admirando, de relance, os azulejos do claustro que lhe serve de ante-camara.

O guarda veio abrir a porta do Pantheon, languidamente, como quem, de ha muito, conhecia o peccado mortal da preguiça.

Atraz de mim, andando devagarinho, observei quatro soldados do exercito portuguez, com as characteristics fardas cinzentas.

Eram rapazes da provincia, com certeza, de olhar vago, candido e bom, de maneiras acanhadas, um pouco atrapalhados com a capital.

Fallaram em voz baixa com a guarda. Este pedio-me, entre muitas *vossencias*, para deixar entrar commigo « os senhores m'litares ».

Accedi, pressuroso, um pouco espantado que os « senhores m'litares » quizessem ir ver reis e principes, sahindo das casernas outubristas, e até receioso de qualquer desagrado na constancia da visita.

Penetramos todos na crypta. Não tardamos a isolar-nos, formando o guarda do pantheon e os soldados de linha grupo distincto.

Distanciei-me, para repassar a Historia no livro da vida, folheado pela morte, desde manhã até de noite, infatigavelmente, enquanto pelas paginas escorrem dôres.

Pouco se lhe dá. Continua a folheal-o com os dedos descarnados e para humedecer as paginas que pegam não lhe faltam lagrimas humanas.

Puz-me a contemplar tambem os soldados, a verificar as attitudes dos « senhores m'litares ».

Não se demoraram diante dos reis mais antigos, mas por largo tempo se detiveram em perfeita mudez, no maior respeito, diante do sarcophago de D. Carlos.

Essa era a historia contemporanea, a historia que os intéressava por tel-a vivido, a historia que comprehendiam vagamente, pobres cortiças provincianas balouçadas pelo fluxo e pelo refluxo do oceano da capital.

No fim de certo tempo já não pensavam com certeza mais em D. Carlos, ao qual quiçá houvessem servido.

Conversavam com as saudades, na lembrança do torrão natal distante. Um talvez fosse do Porto e recordasse o passeio á boca da noite, junto aos labios da cachopa, lá para

as bandas da alameda das Fontainhas ou para os lados do jardim de São Lazaro.

Outro talvez fosse de Villa Nova de Gaya e saboreasse, em mente, o arroz doce da popularissima festa das Cruzes.

Outro subjectivamente se empanturrava com as laranjas e os pecegos de Amarante e o quarto engolia, pelo mesmo processo, o vinho da Companhia do Alto Douro.

Emquanto isso, eu me approximava de caixões postos ao chão. Ah! outr'ora não estavam.

« Ah! esses, disse o guarda, adiantando se á pergunta, vieram do convento das Francezinhas depois do que ellas passaram... »

E mais não disse. Foi quanto bastou para evocar a invasão do claustro pela turba ás soltas, matilha de más paixões na caçada das iniquidades. Imagina-se o desrespeito ás religiosas, a exhumação dos cadaveres reaes surgindo á luz do dia da noite dos seculos, Epimenides involuntarios, o transporte dos caixões para o pantheon.

Sahindo do pé d'elles, que os meus pés tocavam, dirigi-me ao esquite de Pedro II. Para attingil-o sóbe-se por escadinha volante, de madeira, com cinco degráos.

E' mistér alguns minutos para que o olhar se acostume e possa bem devassar o interior do caixão pela tampa de vidro.

Fixa-se D. Pedro II. Nunca o coração brasileiro deixa de accelerar pulsasões, ao aviso da vista.

Como está differente o imperador ! Quanto é cruel o embalsamamento imperfecto ! Onde aquella cabeça majestosa, coroada nos ultimos tempos de cabellos argenteos e finos ? Onde os olhos azues, em brilho de aço ; a bella barba dourada pela mocidade e prateada pela velhice ; o porte imponente ?

Tudo desfeito, esvaído !

Involuntariamente comparo o soberano mumificado, empergaminhadamente feio, pequenino, ao homem gigante que, em 1886, eu vira entrar na Sé de S. Paulo, no meio de colossal onda de povo, dominando-a, parecendo acimar selhe de muitos covados.

Nesse dia, D. Pedro II fôra ouvir um sermão do conego Francisco de Paula Rodrigues, o conego Chiquinho, conforme o diminutivo popular do apreciado orador sacro.

Esses ouvidos que tantas cousas escutaram no mundo, tantas lisonjas, tantas injustiças, jazem encerrados para sempre no pesado esquite deposto na terra estrangeira e vindo de solo estranho.

Durante a visita o céu annuviou-se. Nuvens escuras o toldaram, encortinando, ensanefando de negro a natureza. E de subito, dentro da crypta bragantina, começou a estalar o ruido de violenta batega, cantando sonora no centro aberto do claustro.

A tristeza enxertava-se na morte, ao som da cachoeira ephemera despenhada das alturas sobre a cidade de Lisboa.

Sobre a pequena escada volante estavam eu e os soldados portuguezes, todos muito á estreita, em grupo no qual se reuniam ethnicamente o Brazil e Portugal para saudar o filho de D. Pedro I, o neto de D. João VI.

O guarda do pantheon correu a bandeira brasileira sobre o esquite. Descemos da escadinha, tomando rumo da porta de sahida, onde os soldados me agradeceram, humilde e cor-tezmente, a gentileza de tel-os deixado penetrar commigo na crypta real.

No largo de S. Vicente a chuva estrellava de pingos as pedras do calçamento. Garotos, n'um canto, mediam forças com applausos de alguns vadios, com certeza bem cotados nos mercados de cynismo da Alfama, a Saude lisboeta.

Dahi a pouco regressava eu ao Rocio, onde o Carnaval algazarrava um pouco mais com a chegada da tarde. A fol-gança popular não delia, porém, a forte impressão de sau-dade trazida de S. Vicente. Ah! D. Pedro II deve ficar, como devia ter ficado Napoleão em Santa Helena, muito maior do que na crypta dos Invalidos, objecto de curio-sidade registado no Baedeker.

Antes permanecesse na ilha solitaria, longinqua, á sombra do salgueiro, sob simples pedra, crescendo nas imaginações, profligando no exilio continuado na morte o procedimento da Inglaterra, em cujo lar, como Themistocles, veio sentar-se vencido, o maior dos violadores da fortuna.

A ULTIMA CASA DE D. PEDRO II

« Tenho a honra de informar a V. Ex. que esta madrugada, ás duas horas e meia, a Imperatriz deu á luzá um menino. »

Fui, ás seis horas da manhã, á residencia do Imperador onde me precedeu, de alguns segundos, o barão de Mareschal, agente de Sua Magestade o Imperador da Austria; apresentei as minhas felicitações a D. Pedro, fóra de si de alegria, que me mostrou o augusto recém-nascido, assignalando-me o seu prodigioso comprimento de vinte e tres pollegadas.

Sua Magestade, em companhia das tres jovens princezas suas filhas, partio, com grande pompa, para a igreja da Gloria, termo habitual de suas devoções, onde foi dar graças a Deus de um acontecimento que causa no Brazil jubilo geral. Embora o nome do recém-nascido seja ainda um mysterio, tudo leva a crêr que Sua Magestade Fidelissima será o padrinho d'elle. A Imperatriz e a criança estão no gozo de perfeita saude. »

Tal o conteúdo do officio dirigido, a 2 de Dezembro de 1825, pelo conde de Gestas, agente diplomatico francez, ao ministro de Estrangeiros de Carlos X, noticiando-lhe o nascimento de D. Pedro II.

Depois de haver lido e copiado, nos archivos do cões d'Orsay, na séde da Secretaria de Estrangeiros, em Pariz, este curioso documento, amarellecido em volume de correspondencia diplomatica, um brasileiro, estudante de historia patria, sentio necessidade de ir vêr o local onde a morte encerrou a existencia do homem nascido d'essa criança de vinte e tres pollegadas, em Dezembro de 1825.

Não me foi difficil achal-o. Sahi do caes d'Orsay. Atravessei a ponte e a praça da Concordia. Entrei pela rua Royale em cujo fundo avulta, com toques pagãos de templo hellenico, a vasta e bella igreja da Magdalena.

A pequena distancia da igreja, que, qual iman catholico, attrah os casamentos e enterros ricos de Pariz, se encontra a rua de l'Arcade. Uma extremidade d'essa rua vem engastar-

se no *boulevard* Malesherbes, ao lado de agencia do correio sobre cujas portas, mãos comicamente dantescas, escreveram este aviso proscriptor, como o das portas celebres na *Divina Comedia* : — *aqui não entram cães nem bicyclettas.*

A rua de l'Arcade é rua modesta, obscura, na grande familia das vias publicas parizienses. O seu unico merito reside na encravação n'um dos melhores e mais procurados quarteirões da capital franceza. Mais nada.

Essa rua figura na oitava circumscripção de Pariz, a circumscripção do Elyseu, onde mora o präsidenta de Republica, inquilino official e habitante temporario do palacio em que a marquezia de Pompadour arrastou os mimosos pantufos. Ahi Murat e Napoleão, Luiz Bonaparte e a Rainha Hortencia, Alexandre I da Russia, na invasão de 1814, e Napoleão III, este quando Principe Presidente, conheceram dias de amargura, de triumpho, de orgulho satisfeito e de humilhação estrondosa.

Não faltam hotéis na rua de l'Arcade. Entre elles ha um de apparencia modesta, apesar de oitenta quartos. O hotel Bedford nada tem de espalhafatoso para denuncial-o ás ancias de ostentação de quanto rastacuéra ou provinciano endinheirado chega a Pariz. E' pousada decente, banalissima para o pariziense ou para o estrangeiro, mas digna do olhar respeitoso de todos os brasileiros, sem distincção de credo politico.

Respeitosamente contemplou a derradeira casa do ultimo imperador do Brasil, o brasileiro que a procurava por tarde de inverno, de pleno inverno. O Anno Bom trouxera a Pariz as alvas bôas festas da neve. O dia correria tempestuoso.

O vento levava ás brigas com as nuvens escuras, tangendo-as com violencia pelos molles caminhos do espaço. As arvores sem uma folha, pareciam tristes com o rigor da estação, pondo-as tão nuas diante de tantas senhoras, abafadas em pelles, vestidas de velludo preto, com as mãos perdidas na profundeza macia e fôfa dos regalos.

A neve cahia. Ora fina, ora densa, com delicados flocos, transformados, ao contacto das ruas, em pegajosa e nojenta lama, trabalhada sem cessar pelos sapatos dos transeuntes e pelas rodas dos vehiculos.

Os proprios pardaes, garotinhos alados, em geral esportos e atrevidos, mostravam-se esquivos, raros, piando quasi que por dever do pipilante officio.

O céu era negro. Dir-se-ia vasto panno funerario suspenso sobre as lagrimas de uma cidade em lutada. Segundo o poeta, chovia no coração...

A rua de l'Arcade ahi estava, a dous passos da Magdalena, participando da melancolia do tempo e da occasião. N'ella o hotel Bedford erguia-se evocativo, historico.

N'um quarto desse hotel, ao peso da vida, ao onus da molestia, á carga das tristezas, aos balanços da agonia, passou para o mysterioso além o homem cujo nascimento, a 2. de

Dezembro de 1823, segundo as expressões do officio diplomatico do conde de Gestas, testemunha fidedigna do facto em S. Christovão, punha fóra de si, de alegria, um pai e um soberano do qual o coração, cavalheiresco e impulsivo se empinava aos acicates do orgulho paterno e da esperança dynastica.

N'esse predio, a 3 de Dezembro de 1891, falleceu D. Pedro II. Lá se vão vinte annos certos. N'essa casa de hospedagem se escoaram os ultimos dias, o ultimo dia, as derradeiras horas, a derradeira hora do soberano. Nada a assignala. Breve talvez desapareça, dadas as constantes transformações de Pariz.

Comtudo ahi se fechou o collar de cincoenta e oito annos de um reinado glorioso sobre o maior paiz sul-americano, sobre uma das maiores regiões da terra.

Os sentimentaes acham encanto em correr essa casa, em entrar n'esse salão de jantar, n'esse quarto do hotel Bedford onde viveu para acabar o ultimo imperador do Brazil. Nada ha ahi que convide a descripções, a pinturas de penna. E' o hotel, com a horrivel banalidade de casa mercenaria e occasional de todo o mundo. O predio do Bedford só teria relevo se n'elle installassem a legação brasileira, por exemplo. Os interesses do Brazil ficariam sem desdouro entre as paredes onde, ao aperto do exilio, a alma de D. Pedro II começou a viagem cujas escalas e cujo porto de chegada o imprevisto bilhete da morte não annuncia ao pavor, á curiosidade e ás duvidas dos passageiros humanos.

LEVASSEUR

Um homem levou annos de dilatada existencia a estimar o Brazil.

Chamava-se Levasseur.

Nos arraiaes da intelligencia e do saber occupava posto distincto. Não lhe faltavam consideração e considerações, honras scientificas e officiaes: uma cadeira no Instituto, a directoria do Collegio de França, o grande officialato da Legião de Honra, pesos de tanto vulto na balança da vida publica franceza.

Vio-o pela primeira vez no seu curso do Collegio de França. Dizia sobre a historia das doutrinas economicas. O professor octogenario fallava, enthusiastico, juvenil, folheando com agilidade de movimentos, livros e notas copiosas, segundo o habito dos docentes do Collegio de França.

Por isso as lições d'elles se não resentem jámais da improvisação, tida em muitos paizes, como prova de talento e de enormissimo saber.

Achei em Levasseur, dadas as differenças de idade, o mesmo fogo sagrado de Fortunato Duarte, um dos professores que mais sabem attrahir o alumno, fazendo-o amar o docente.

Limitei-me, a principio, a ouvir as preleções de Levasseur, esperando o ensejo de fallar-lhe, de dizer-lhe toda a minha admiração de estudante, todo o meu reconhecimento de brasileiro.

« Já procurou Levasseur? » perguntou-me Jorge Renard, professor do Collegio de França, n'uma noite de inverno, em reunião na casa d'un amigo do Brazil, Henri Turot.

Respondi negativamente á pergunta de Renard. Mas não perdi ensejo de accentuar quanto desejava conhecê-lo, sobretudo como brasileiro.

« Procure-o. Diga-lhe que vai da minha parte ». Escrevi a Levasseur. Respondeu-me immediatamente, observando-me, porém, « um brasileiro não carece, para mim, de apresentações. E' só bater á porta ». Com o alto respeito devido á

idade, ao saber, á dura experiencia da vida, bati-lhe á porta no segundo andar do Collegio de França. Recebeu-me de braços abertos. Conversamos longamente sobre o Brazil, interessando-se Levasseur por modestos trabalhos meus sobre a historia patria. Ao sahir, trazendo-me até á porta, convidou-me: « Volte, venha mais vezes, escolha de preferencia, as segundas e quintas de manhã. »

Obedeci-lhe. E, sempre que podia, dirigia-me ao Collegio de França, certo de encontrar um bom amigo de minha terra. Dou por muitissimo bem empregadas as manhãs em que ouvi Levasseur, submettendo-lhe, reverente e desvanecido, o resultado de pesquisas nos archivos e bibliothecas de Pariz.

Recordo-me ainda, entre uma saudade e uma homenagem, da satisfação dada ao sabio quando lhe descrevi uma expedição ao Rio de Janeiro, projectada contra : nossa capital no fim do seculo XVIII. « Não sabia d'isso » disse-me com o olhar brilhante, « e olhe que conheço bem o Brazil, ao qual muito devo, e sobretudo ao senhor de Rio Branco ».

Este nome voltada-lhe constantemente aos labios, pronunciado á moda franceza. Quando folheava algum documento inedito dizia logo: « E' preciso mostrar isto ao senhor de Rio Branco. »

Tenho boas e agradaveis razões para não esquecer esse mestre. Com aperto de coração recorro hoje as manhãs de conversa, no salão da bibliotheca de Levasseur. Jámais voltarão. A brevidade é a razão de ser das cousas boas.

Que vida longa, bella, bem preenchida e sa de Levasseur, privilegiado do destino. Sim, privilegiado Octogenario, Levasseur via, ouvia, escrevia, trabalhava, requeitava o Instituto, viajava, mantinha curso no Collegio de França.

Pedro Emilio Levasseur, nasceu em Pariz, a 8 de Dezembro de 1828. Aos vinte e quatro annos foi depachado professor do Lyceu de Alençon. Dous annos depois doutorava-se em letras. Em 1854, era nomeado professor no Lyceu de Besançon, sendo transferido em 1855 para Pariz, e collocado no Lyceu S. Luiz. Dahi passou a leccionar historia no Lyceu Napoleão, em 1861, sendo em 1866 encarregado de cursos no Collegio de França. Em 1868, aos quarnta annos, foi eleito, a 4 de Abril, membro do Instituto de França, na Academia das Sciencias Moraes e Politicas. Já se avantajára no conhecimento de muitas sciencias, sobretudo no dominio da economia politica. Sobre economia escreveu livros de peso, honrosos para o observador e para o homem de penna, dedicando-se igualmente ao estudo da geographia.

Em 1872 foi nomeado professor do Collegio de França e em 1876 lente de economia politica e legislação industrial no Conservatorio de Artes e Officios.

Docente no Collegio de França, ahi se manteve perto de quarenta annos, attingindo nesse estabelecimento o cargo de administrador. Dava-lhe direito á residencia no edificio

do Collegio. Ahi o encontrei calmo, affavel, alegre, a mandar ao saber e ás idéas diante do exercito dos livros, numerosos e escolhidos, apreciaveis pela quantidade e apreciados pela qualidade.

No meio d'elles fallou-me pela ultima vez, marcando-me um dia para vermos juntos alguns documentos relativos ao Brazil, a esse Brazil tantas vezes e tão bem estudado por Levasseur.

Fiquei esperando pelo dia de nossa conferencia matutina. Antes d'elle, abrindo um jornal, o *New York Herald*, li a noticia do fallecimento de Levasseur. Corri ao Collegio de França. Encontrei o bom amigo do Brazil não mais no meio de seus livros, mas já posto dentro d'essa comprida e sinistra caixa de madeira, onde se alongam todos os cadaveres e se encurtam todas as ambições e vaidades. O silencio reinava no aposento, mais ennegrecido pela melancolia do que pelos pannos mortuarios da empreza funeraria.

Fallei com um dos filhos de Levasseur. Estava muitissimo commovido com um telegramma de pezames do barão do Rio Branco. « Mr. de Rio Branco s'est montré le même pour mon père. Il nous a télégraphié tout de suite. »

No dia seguinte Levasseur deixou para sempre o amado Collegio de França. N'elle floresceu o seu espirito de moço e d'elle o desarraigou a morte, em rapido puxão, pois Levasseur falleceu a cabo de poucos dias de molestia.

O prestito funebre sahio de pateo do Collegio. O ministro da Instrucção Publica, o deputado pariziense Steeg, os representantes do Instituto e do Collegio de França deviam dizer o ultimo adeus a Levasseur. Eu pretendia proferir igualmente duas palavras, em nome do Brazil. Determinações de familia já haviam excluido do enterro as flores e as corôas. Fizeram tambem com que só o ministro da Instrucção Publica exprimisse o sentimento geral de pesar.

Do Collegio de França, pelo bairro latino, o enterro de Levasseur alcançou a igreja de Santo Estevão do Monte, lugar das exequias. D'ahi partio para o cemiterio Montparnasse, onde deixamos o querido morto na terra de Pariz, á superficie da qual apparecera em 1828.

E lembrado de Levasseur, de sua meiguice, da integridade de sua memoria e de seu cerebro, do seu ardor juvenil pela sciencia, pelo progresso, de sua estima pelo Brazil, do calor com que d'elle fallava, da sua animação de conversa, da sua sympathia pelo trabalho e pelos trabalhadores, tudo isso já na altura de oitenta e tantos annos, não posso escrever como fecho d'estas commovidas impressões senão as seguintes palavras: venturosos os velhos que morrem tão moços!

TUMULOS BRAZILEIROS NOS CEMITERIOS DE PARIZ

Paris regorgita de vivos. Não lhe faltam, porém, mortos e cemiterios. Mortos illustres e obscuros. Cemiterios grandes e pequenos.

Percorrer os campos mortuarios parizienses, procurar n'elles os tumulos celebres, lêr n'estes os epitaphios, evocando tumultuosos trechos de passado junto a lapides frias, equivale a estudar historia. E' lê-la em volume cujas paginas a morte numerou, tendo a saudade por marca livro.

Os cemiterios e os defuntos merecem data especial na folhinha. No dia de Finados, como em vasto estuario, precipita-se o curso das lagrimas universaes. No resto do anno chora-se mais baixo se não menos.

As necropoles parizienses são sempre muito concorridas. Segundo os Goncourt, o povo faz visitas no hospital e passeio no cemiterio.

Nos campos santos de Pariz jazem glorias e tristezas de toda a ordem, lembranças de toda a especie. Entre os muros do Père Lachaise, encravado em quarteirão populosissimo, caminha-se da sinistra parede dos Federados, sobre a qual espirrou tanto sangue nos fuzilamentos da Communa, ao verde salgueiro, côr de esmeralda pallida, dando sombras a sombra de Musset.

Nos cemiterios do estrangeiro, porém, sente-se particular aperto de coração quando se depara com o tumulo de um patricio. Coitado! Ainda parece mais só, tão longe da patria, dos ultimos carinhos, da saudade, esse cabo de vagem das margens da vida á escuridão dos oceanos da morte, cabo que do outro lado ninguem puxa, mas no qual julgamos sentir leve estremecimento.

No vasto Père Lachaise, com emoção patriotica, passei pelo tumulo esquecido de Francisco de Souza Coutinho, marquez de Macció, ministro e figurão no Primeiro Imperio; pelo tumulo de Joaquim de Oliveira Alvares, o tão fallado ministro de D. Pedro I, marechal do nosso exercito, á guarda d'essa curta menção:

« Aqui jaz o Marechal do Exercito Joaquim de Oliveira Alvares, subdito brasileiro, fallecido em Paris em 27 de Junho de 1835. »

E n'um tumulo em fórma de pyramide encontrei outra inscripção, em portuguez :

« Aqui jaz o Conselheiro José Marques Lisboa, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brasil junto a Sua Magestade o Imperador dos Francezes, fallecido em Villiers-sur-Mer a 24 de Agosto de 1866. »

Com o nosso velho diplomata, parente de Tamandaré e do conde de Porto-Alegre, por largos annos nosso representante junto a Napoleão III, descança José Marques de Souza Lisboa, secretario de legação do Brazil na Belgica, fallecido em Bruxellas, a 26 de Outubro de 1872.

No Père Lachaise existem ainda os tumulos de pessoas cuja vida se vinculou ao Brazil, por um ou por varios titulos, assim : Nicoláo Antonio Taunay, cujos restos mortaes foram transferidos do cemiterio Montmartre e cujo nome se liga á fundação da Academia de Bellas Artes; o conde Eugenio Ney, do sangue do Bravo dos Bravos e posto no tumulo deste, por algum tempo encarregado de negocios da França no Rio de Janeiro; Tamberlick, cujo famoso dó de peito reboou no *Provisorio*, fascinando os cariocas de 1856; Theodoro Ritter, o delicado pianista, nosso hospede em 1870, com Carlota Patti e Sarasate; Ferdinand Denis, tão nosso amigo.

No cemiterio Montmartre estão sepultados Francisco de Paula Ferreira de Amorim (1792-1872), do nosso antigo corpo consular; Juvenio Maciel da Rocha (1802-1883), nosso consul em Pariz; Carlos Bethencourt (1849-1902), addido de legação; e um brasileiro adoptivo, João Baptista Debret (1768-1848), membro da colonia artistica levada ao Rio de Janeiro por Joaquim Lebreton, em 1816, sob os auspicios do Conde da Barca, sendo autor do tão conhecido e precioso *Le Brésil Pittoresque*.

No pequeno cemiterio de Passy ha um tumulo brasileiro, o da familia Carapebús.

No cemiterio Pariziense, extra-muros, está comtudo o tumulo brasileiro, que offerece maior interesse aos contemporaneos, é o de Guimarães Passos, situado na 23ª divisão, 14ª linha, n. 48. E' uma cova modesta, com algumas plantas mal tratadas e uma placa de marmore, posta de pé, onde se lêem estas simples palavras :

Ici Repose
Guimarães Passos
Décédé
Le 9 Septembre 1909
A l'âge de 42 ans

Pobre Guimarães Passos! Ah! está sob a terra franceza, o rosto coberto com o ultimo lenço, o triste lenço branco estendido sobre a face livida dos defuntos, não o lenço gentil.

« Pando, enfunado, concavo de beijos. »

Visitei esse tumulo por tarde bonita, calma, nuncia luminosa de noite limpida. Por largo tempo considerei o canto de terra onde se desfaz um poeta, na paciencia immortal da natureza.

Li a inscripção do tumulo. O *à l'âge de 42 ans* incutiu-me melancolia especial. Olhei depois os tumulos vizinhos do de Guimarães Passos.

Ao lado direito jaz Mme. Vieryres, fallecida em Julho de 1909, com vinte e cinco annos de idade; ao lado esquerdo demora Carmen Aymos, desaparecida em Maio de 1903, com dez mezes. Considerei, que devia ser doce a um filho da poesia descansar assim entre uma moça e uma criança, entre a primavera extincta e o botão de rosa desfeito.

Poeta na morte quem poeta foi na vida.

RAYMUNDO CORRÊA

Morreu em Pariz, este illustre brasileiro, tão conhecido pelos brasileiros quão desconhecido pelos francezes. Salvo alguns amigos, excepto alguns patricios, não se deu pelo desaparecimento d'elle na capital da latinidade e, segundo os francophilos, do genero humano.

Cousa perfeitamente natural. Na Europa, em França sobretudo, os pobres sul-americanos são ricos... de senões e de remoques. Nos jornaes, nas revistas de anno, no romance, no conto, na novella apparecem, é verdade. Sempre caricatos, risiveis, malsinados.

Escriptor sul-americano, como podia Raymundo ter fama na Europa, mormente com a aggravante de servir-se apenas da lingua portugueza na qual a producção d'elle corre como um dos mais puros veios ?

Infeliz lingua portugueza ! Desprezado ramo á flôr do sólo no tronco dos idiomas latinos ! Quem te aprecia na Europa ? Que digo. Quem na Europa te conhece !

Diante de ti os povos da terra quedam intrigados, estupefactos. Comtigo, Portugal e o Brazil semelham especies de asylo de surdos-mudos, só se entendendo em mutuamente.

Apenas Portugal e Brazil, pois, podem saborear a obra poetica de Raymundo Corrêa, triste prazer de egoistas involuntarios ante os versos de um grande poeta fallecido moço.

Tinha cincoenta annos ! Se a vida de cada homem é um livro, força é convir que a sorte folheou e fechou com pressa o volume da vida de Raymundo Corrêa. Virou-lhe rapidamente as paginas, as paginas escuras com as vinhetas da dôr, as paginas claras sobre as quaes a felicidade esbate tintas azues.

Cincoenta annos bem empregados esses. Para a patria, para a poesia, para a familia.

Viveu-os febrilmente o poeta, nervoso, trepidante, como a adivinhar a brevidade da existencia.

Do seio do infinito trazemos todos para a vida um bilhete de ida e volta. O destino não quiz prorogar o prazo no de Raymundo Corrêa.

E foi pena. Cousa rara, em Raymundo o artista e o homem se mostravam prezáveis. Sendo admirável, o primeiro *o segundo era admirado. Enrola-se-lhe, portanto, em torno da memória, uma grinalda de enormes e vivas saudades.*

Raymundo nasce no Maranhão. No dia do nascimento d'elle a musa de Gonçalves Dias veste de claro.

O futuro poeta magistral era filho de magistrado. Na antiga magistratura brasileira, de respeitabilissimas tradições, os juizes praticavam indo de termo em termo, de comarca em comarca, de relação em relação, antes de attingir a honra maxima da carreira, o Supremo Tribunal de Justiça.

Graças a esse facto, Raymundo Corrêa teve infancia passada pelo Brasil.

Pretendendo graduar-se em direito, estudou na Faculdade de S. Paulo, ninho provinciano de onde se tem alçado o vôo de tantos talentos. Estudante brioso, distinguio-se em brilhante geração academica. Requestou o « Corpus Juris », questões intrincadas e rebarbativas como a usucapião e a posse. Foi procurado diariamente por delicioso importuno, o verso.

Este não o deixava. Podia Raymundo perambular pela Paulicéa, ir á Ponte Grande, ás aulas, ás serenatas, ás sabbatinas da Faculdade, aos pique-niques do Lavapés e do Ypiranga. Podia vaiair calouros do alto das janellas das « republicas » disseminadas pela capital monarchica de S. Paulo. O verso acompanhava-o. Não o largava nem á mão da deusa Direito.

Findou Raymundo o curso juridico. Despedio-se do convento de S. Francisco, do largo da Academia, da ladeira do Piques, da Consolação, com o seu desconsolado cemiterio, de Santa Cecilia, de tudo quanto constituia o scenario da vida academica. Disse adeus aos lentes tradicionaes, ao Benévices, ao Justino de Andrade, ao Falcão, ao Antonio Carlos, ao Mamede.

Penetrou na vida pratica, da qual fallavam gravemente os quinto-annistas. Trazia uma carta, tinha talento. Uma com endereço á magistratura, o outro subscriptado á poesia nacional.

Luta, trabalha, e produz. Faz versos.

No azul da mocidade solta todas as azas do pombal dos sonhos. Suas poesias, desde cedo, o consagram. São recebidas com applausos, entre azas de esperanças.

Não preciso fallar da sua obra poetica, nem lhe apontar o merito. Quem teve, porém, a ventura delicada de conhecê-lo, não deixou, sem duvida, de espantar-se um pouco com a nota sensual de algumas das mais celebres poesias de Raymundo Corrêa.

Contraste picante o dessa nota carnal, violentamente

apaixonada, luxuriante e luxuriosa, fresea de imagens e de sensações, rodeando o coração com as chammas da volupia, e o da individualidade do poeta, casto de modos, de palavras e de gestos.

Lembre-se o leitor e recite baixinho, ao compasso da saudade, o peregrino *Plena Nudez* :

Eu amo os gregos typos de escultura,
Pagãs nuas no marmore entalhadas.
Não essas produções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura,
Os corpos nús; as linhas onduladas
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas.

Não quero a Venus opulenta e bella.
De luxuriantes fórmãs, entrevel-a
Da transparente tunica através;

Quero vê-la sem peias, sem receios,
Os braços nús, o dorso nũ, os seios
Nús... toda núa, da cabeça aos pés.

Era lêr isso e conversar depois com o autor d'elle, modesto, comedido, recatado e brando.

Ao soneto deve Raymundo Corrêa longa fama na lingua portugueza, no passado, no presente e no porvir. *As Pombas* e *Mal Secreto* deram-lhe a gloria e talvez a immortalidade.

Quanto se fallou, falla e fallará d'essas vinte e oito famosas, formosas e deliciosas linhos !

E' a sorte invejavel dos homens e dos versos celebres. Sully Prudhomme gemia quando se lhe elogiava o *Vase Brisé*.

Ao visitar-lhe o tumulo no Père-Lachaise, em tumulo bem difficil de achar, encontrei perto da sepultura duas moças elegantes, uma das quaes dizia á outra : « Lembra-te, Alice da festa de caridade, em Biarritz, onde recitaste *Le Vase Brisé* ! »

Alguns arbustos cercam a campa de Sully. Pareceu-me que, sem vento, as folhas se agitavam. Protesto aereo do subterraneo dono da cova !

As Pombas e *Mal Secreto* não constituem as joias unicas do escritorio poetico de Raymundo Corrêa. A sua obra é numerosa, variada, feliz. Encerra lindos versos e idéas encantadoras, expressões e imagens de escól.

Quando conheci intimamente o poeta já escrevia pouco. Foi em 1894. Uma ou outra vez nos encontravamos na sala de redacção da *Semana*, na segunda phase desta saudosa

revista, aninhada na rua Gonçalves Dias e ahi criada com desvelo.

Dizia-me entao Raymundo Corrêa que, sollicitado por trabalhos e funcções politicas de natureza diversa, não lhe sobrava muito tempo para versos. E depois, accrescentava, « não se trata de quantidade e sim de qualidade ».

Era artista prezador da arte. Trabalhava o verso a ponta de paciencia. Polia-o devagar, com soffrimento, carinho e pericia. Almejava-o nitido, perfeito.

Certa vez, na rua do Ouvidor, pensando lhe ser agradável, alguém observou : « Ora, isso para o senhor é tão facil como fazer versos. » Meigamente abespinhado, Raymundo replicou : « Facil, facil quem lhe disse tal ? Meu amigo está enganado, perdôe-me. O verso custa-me muito a fazer. »

Recordo-me ainda da ultima conversa com elle no Rio de Janeiro. N'ella expoz o seu modo de comprehender e aperfeiçoar o verso. Disse-o com clareza, e sciencia espartosas, na estação da Cantareira, no caes Pharoux, em dia de forte ressaca na bahia, emquanto as barcas se arremessavam de encontro á fluctuante, ao impulso, da agua zangada, e bandos de gaivotas vôavam sobre a vaga, loucamente ondulosa e como que ensaboada de espuma.

Era então Raymundo magistrado. Conhecei-o funcionario publico e depois professor no Estado do Rio. Lisbôa conheceu-o, secretario de legação.

Empregado publico, lente, diplomata, juiz, zelando o Estado; a criança, a patria, a justiça, foi sempre o mesmo homem, rectilíneo, de escrupulos requintados, pobre, honesto, cheio de dever e de consciencia.

Cada sentença custava ao juiz Raymundo Corrêa, longos combates intimos, sobretudo em processos crimes.

Ser juiz ! Cousa facil para o leviano, para o venal, para o ignorante. Que cruz para o individuo salteado pelo intuito santo de acertar !

Que é uma sentença ? Ora, simples folha de papel mais ou menos ennegrecida pela escripta. Sim, mas n'essa folha de papel se encerram a honra, os cabedaes, a liberdade ou o futuro alheios. Ha juizes eruditos para os quaes serve de cartaz de illustração juridica. Juizes de tal estofa pouco se importam com os réos e os autores, com appellantes e appellados, com embargantes e embargados. Querem citar. Citam por machina quanto codigo, quanta lei, quanto autor existe. Estudam, comparam as leis do globo inteiro, as leis da Polynesia, as de Tombuctú, as da China. « Esquecem, ás vezes, as brazileiras », dizia-me uma occasião certo jornalista de marca.

Raymundo Corrêa não cuidou das exhibições da feira profissional. Estudava meticulosamente os processos, medindo os prós, mirando os contras, tomando o peso ás aggravantes e ás attenuantes. Recorria a tratados, á ex-

perencia de casos analogos, a conversas com amigos certos e instruidos. Que medo infinito de errar! Que receio honroso de culpar o innocente ou de innocentar o culpado!

Nas mãos de um juiz d'essa ordem, no qual o coração tantas vezes erguia a toga, as causas crimes tinham necessariamente dous réos, o delinquente a soffrer a consequencia dos desvarios proprios, o julgador agoniado pela possibilidade de abrir o carcere a criminosos ou de fechal-o sobre victimas. « Enlouquecerei com um erro judiciario », dizia Raymundo.

Quanto era probo no officio de julgar, tive ensejo de observar-o em materia menos grave do que a juridica. Appreciei-o como lente, quando director do Gymnasio Fluminense, estabelecimento de ensino creado em Petropolis no governo de Sr. Alberto Torres, presidente do Estado do Rio após a situação Porciuncula.

Recordo-me dos dias consagrados á tarefa de examinar no alludido Gymnasio, no lindo Petropolis, cidade que é uma das mais bellas cestas de flores poisadas sobre montanhas.

A mesa examinadora de Historia compunha-se de Raymundo Corrêa, Hans Heilborn e do atour d'estas linhas. Os nossos estudantes, em geral, não gostam muito daquella disciplina. Não admira, pois, que na sala do exame apparecessem moços cheios de boas intenções, azues de medo, alguns com olheiras fundas, roxas, denunciando esforços noctivagos, ciliciosos e vãos de ultima hora. Suavam em sala arejada, com as janellas abertas sobre jardins virentes, para céos radiantes. No fundo da sala, nas ultimas carteiras, um examinando procurava qualquer cousa, alguma « gaita » silenciosa, ao envez das congeneres musicaes, e immobilizava-se ao brando olhar da fiscalização dos examinadores.

Era, com certeza, da força d'aquelle estudante que pedia para ser dispensado de dissertar sobre a Guerra das Duas Rosas por desconhecer botanica.

« Abi está, dizia-me Raymundo em voz baixa, não estudam, perdem o tempo e depois a gente que soffra ao vê-los atrapalhados ». Com effeito, o bom Raymundo parecia soffrer, agitando-se na cadeira, nervoso, aborrecido, na ancia de equilibrar a pena e a justiça.

Pelo examinador avalio o juiz. Assim era esse homem verdadeiramente digno de amor. Amor quanto o teve, na familia, junto á dedicadissima esposa, perto das adoradas filhas, que, sollicitas, o seguiram na vida. Só o deixaram na fronteira do grande paiz da morte, para o qual ninguem parte acompanhado.

Raymundo Corrêa regressara de Lausanne, melhorado de saude, com o desejo e a esperanza de voltar á patria. Pouco mais de quarenta e oito horas depois de chegado a Paris, já não existia. No homem a esperanza é longa, a vida é breve. Quasi repentinamente, morreu na casa 79 da rua Miromesnil, velado por poucos amigos. Entre elles estava a filha

de Affonso Celso, um condiscipulo e intimo de Raymundo. A deshoras, na dôr do terrivel ultima noite que o cadaver passa sobre a terra, havia gracioso e tocante symbolismo n'essa moça a guardar os despojos do amigo do pai ausente. Era a affeição no sulco da morte, a fidelidade no rastro da lagrima.

Para sempre me lembrarci d'essa vigilia, junto a esse esquite sob um panno branco, semeado de flores frescas, n'uma quietude cortada apenas pelo estalitar das velas, de compridas linguas igneas.

Jaula colossal de vidas, Pariz dormia. Na rua silenciosissima, qualquer ruido retumbava. Ouviam-se nitidamente os passos do transeunte retardatario, o rodar das lentas carroças indo para o mercado, um carro com gente alegre, aos berros ou cantando.

Cada um dos veladores do morto, n'um canto do aposento, n'um angulo da saudade, diante da dôr nova resuscitava as suas dôres velhas, as suas maguas antigas, lembrando scenas identicas do seu passado. Na existencia, cada um de nós transporta duvidas e viaja afflicções.

Da camara mortuaria, Raymundo Corrêa foi levado á igreja de Santo Agostinho, de onde sahio o feretro d'elle para o cemiterio de Saint-Ouen, no qual já repousa Guimarães Passos.

Como aberta o coração deixar um patricio nas entranhas do solo estrangeiro ! A gente ainda se acha mais só no meio de milhares de semelhantes, mais solitario na extensão povoada da existencia. A dôr julga-se sem éco, sem resposta, sem remedio. Quando a terra do cemiterio cae sobre o caixão, parece tombar mais pesada do que se fosse a terra natal.

Com este sentimento de solidão entre vivos, enquanto a terra ia rolando ao esforço habitual, placido e sinistro das enxadas dos coveiros, vi desaparecer Raymundo Corrêa, adoravel poeta cujo viver foi harmonioso, doce e bem medido como um alexandrino musical.
